

# VOLTAR ÀS FONTES

por

M<sup>a</sup> del Carmen Melchor, stj

«O *carisma* próprio dos *Fundadores* é-nos revelado  
como uma *experiência do Espírito*,  
transmitida aos seus discípulos,  
para ser por eles vivida, guardada, aprofundada  
e constantemente desenvolvida  
em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento».  
(MR, 11).



## ABREVIATURAS DE HENRIQUE DE OSSÓ E DA COMPANHIA

AGSTJ	Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus
EEO	Escritos de Henrique de Ossó y Cervello (três volumes)
E.	Volumes dos escritos autógrafos de Henrique de Ossó incluídos nos Processos Canónicos (28 volumes, em AGSTJ)
HSTJ	[História da] Companhia de Santa Teresa de Jesus 1876-1932
PIB	Processo informativo de Barcelona
PIT	Processo informativo de Tortosa
AMS	Apontamentos das Misericórdias do Senhor
AP	Apontamentos de Pedagogia
C	Constituições da Companhia publicadas em 1888
CEM	Cartas sobre a educação da mulher da RT
CH	O Quarto de Hora de Oração
Sardá	Cartas de Henrique de Ossó a F. Sardá y Salvany; Barcelona 1997
Ed.	Cartas publicadas pela editora STJ 1969
D15	O Dia 15 de cada mês
DCP	Directório dos hábitos de piedade da Casa-Mãe da Companhia de Santa Teresa de Jesus
Dir. P.	Directório Provisório
DJ	O Devoto Josefino
DS	Directório das Superiores (Catecismo das Directoras)
D	Deveres
EE	Exercícios Espirituais de Santo Inácio
EF	Exames do Capítulo de Faltas
GP	Guia da Postulante e Directório da Mestra de Noviças.
GC	Guia Prático do Catequista
LT	A Escola de Santa Teresa de Jesus
MCJ	Um mês na Escola do Coração de Jesus
MM	Maria ao coração dos seus filhos
MR	O meu Regulamento
NES	Novena ao Espírito Santo
NMI	Novena à Imaculada Conceição
OC	Ofícios da Companhia de Santa Teresa de Jesus
OG	Organização e Governo da Companhia
PC	Preces da Companhia de Santa Teresa de Jesus
PE	Plano Provisório de Estudos da Companhia
RHM	Regulamento da Arquiconfraria Teresiana
RP	Remédios preservativos e curativos das doenças da alma
RR	Regulamento do Rebanhito do Menino Jesus
RT	Revista Teresiana
SC	Sumário das Constituições da Companhia de Santa Teresa
SM	Sete Moradas no Coração de Jesus
STJ	Companhia de Santa Teresa de Jesus
	Societas Sanctae Teresiae a Jesu
TF	Três florinhas à Virgem Maria de Montserrat
TFS	Tributo Amoroso (a S. Francisco de Sales)
TJ	Tesouro da Juventude
TN	Tesouro da Infância
VJ	Viva Jesus!

## ABREVIATURAS DAS OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

C	Caminho de Perfeição
CC	Contas de Consciência
Cta	Cartas
Excl	Exclamações
F	Fundações

M	Moradas
MC	Meditações sobre os Cantares
V	Vida

**OUTRAS ABREVIATURAS**

CDC	Código de Direito Canónico.
DRAE	Dicionário de Língua Espanhola da Real Academia Espanhola, 1992.
DTVC	RODRÍGUEZ APARICIO A., cmf – CANALS CASAS J., cmf (dirigido por), <i>Dicionário Teológico da Vida Consagrada</i> , Publicações Claretianas, Madrid 1989.
HVR	ÁLVAREZ GÓMEZ J., cmf, <i>História da Vida Religiosa</i> , Vol. I-II-III, Publicações Claretianas, Madrid 1987-1990.
Vit. Cons.	Revista <i>Vita Consacrata</i> , Ancora, Milano.
VR	Vida Religiosa.
HE	JIMÉNEZ DUQUE B. – SALA BALUST L., <i>História da espiritualidade</i> , Vol. I-IX, Juan Flors, Barcelona 1969.
DE	ANCILLI E. (dirigido por), <i>Dicionário de Espiritualidade</i> , Vol. I-III, Herder, Barcelona 1984.
DIP	PELLICCIA G. – ROCCA G., <i>Dicionário dos Institutos de Perfeição</i> , Vol. I-IV Paoline, Roma 1974.

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	11
---------------------------	----

Capítulo Introdutório: O Fundador: vocação e missão de Henrique de Ossó.....	17
--	----

### I Parte

#### A COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS

Introdução .....	39
Capítulo I – Um contexto, um nome e uma missão .....	41
Capítulo II – Um campo de batalha: a educação.....	69
Capítulo III – Algumas características pessoais dos seus membros .....	91
Capítulo IV – Algumas tácticas ou estratégias .....	101
A – « <i>Preparação esmeradíssima e silenciosa</i> ».....	101
B – « <i>Religiosas sem o parecerem</i> » .....	105
Capítulo V – Formação para serem <i>capitãs</i> .....	141
Capítulo VI – Um lema: vencer ou morrer .....	153

### II Parte

#### APÓSTOLAS

Introdução .....	165
Capítulo VII– A Companhia de Santa Teresa de Jesus, Comunidade de discípulas-apóstolas.....	167
Capítulo VIII – Apóstolas como Jesus, como os Doze .....	179
Capítulo IX – Apóstolas como Teresa de Jesus.....	199
Capítulo X – « <i>Conhecer e amar Jesus e torná-lo conhecido e amado</i> », razão de ser da Companhia de Santa Teresa de Jesus.....	217

### III Parte

#### EDUCADORAS TERESIANAS

Introdução .....	225
Capítulo XI – « <i>Mestras como Jesus, como Paulo, como Teresa de Jesus</i> » .....	227
Capítulo XII – « <i>Formar educadoras</i> ». A formação na Companhia .....	267
Capítulo XIII – « <i>Filosofia da educação na Escola de Santa Teresa</i> » .....	287
Capítulo XIV – « <i>Ensinar os que hão-de ensinar</i> ». Destinatários da educação na Companhia .....	315
Capítulo XV – O Projecto e a Pedagogia da Escola de Santa Teresa.....	347
A – Educação integral: « <i>Formar em virtude e letras</i> » .....	347
B – Síntese da pedagogia teresiana: « <i>Educa-se pela razão, pelo amor, pela religião</i> » .....	385

APRESENTAÇÃO .....	10
--------------------	----

Capítulo XVI – Posições apostólicas de fronteira .....	397
--	-----

IV Parte

**O TRÍPLICE APOSTOLADO DA COMPANHIA**

Introdução .....	421
Capítulo XVII – Oração, ensino, sacrifício .....	423

**CONCLUSÕES**

Conclusões .....	447
A – O carisma de Henrique de Ossó <i>entregue</i> à Companhia .....	449
B – O carisma da Companhia hoje.....	463

**ANEXOS**

Henrique de Ossó. ....	481
A Igreja no século XIX .....	482
A Espanha no século XIX .....	483
A Europa no século XIX .....	485
O carisma da Companhia – gráfico .....	486

<b>Fontes e Bibliografia</b> .....	487
------------------------------------	-----

<b>Índice Geral</b> .....	507
---------------------------	-----

## APRESENTAÇÃO

*VOLTAR ÀS FONTES* é o fruto de cinco anos de trabalho. Trata-se de um estudo sobre *A Companhia de Santa Teresa de Jesus*, planeado como continuação da obra de Gloria Rodríguez e Silvia M<sup>a</sup> Casado, *Experiência espiritual de Henrique de Ossó* (1995). O trabalho começou em grupo. Cinco irmãs da Companhia tivemos a dita e a responsabilidade de «continuar» a investigar *a espiritualidade apostólica da Companhia* durante o período de 1894-95.

Aquele primeiro ano, «*um pouco desordenado*», não só foi para mim de aprendizagem, mas entregou-me a chave das descobertas posteriores. O que mais me impressionou, já nessa altura, foi encontrar, na experiência espiritual e apostólica de Henrique de Ossó anterior a 1876, os elementos essenciais da Companhia. A sua leitura do Evangelho e da Santa, o seu modo de orar, a sua paixão por Jesus e pelos seus interesses, o seu projecto apostólico educativo, a amabilidade da educadora e o espírito da comunidade teresiana, estavam já presentes na vida e na obra apostólica daquele que o Espírito Santo preparava para ser Fundador. Faltavam elementos, mas estavam os verdadeiramente importantes.

No segundo ano, continuei a trabalhar sozinha, segundo o mesmo método. Prescindi de certezas *a priori* e de apoios bibliográficos – estudos interessantes sobre o Fundador ou sobre a Companhia –, pois queria consultar directamente as fontes sem ideias preconcebidas. E comecei a investigar «o tríplice apostolado da Companhia: *oração, ensino e sacrifício*». Queria chegar à génese dessa tríplice formulação e saber como e quando se integraram os três elementos; como os tinha entendido o Fundador e como os praticaram as primeiras irmãs; que significado e que lugar tem cada um no conjunto; qual a sua relação intrínseca com a missão que a Igreja confiou à Companhia e com os ministérios concretos nas diversas circunstâncias.

Naquele segundo ano, li e reli bastante. *Tudo* o que escreveu Henrique de Ossó durante os seus quase 30 anos de intensa vida apostólica – quase tudo publicado pela Editorial STJ; e rezei também com tudo isso. Por outro lado, precisava de conhecer melhor as circunstâncias históricas, a sociedade espanhola e suas leis, a cultura laica que estava a gerar-se e a impor-se, a Igreja e as congregações apostólicas modernas que estavam a surgir a par da Companhia, e também as anteriores. Percorri a história da *Vida Religiosa* para trás e para diante. Tudo quanto pudesse dar alguma luz ao que rodeou a Fundação da Companhia e o seu crescimento, era digno de ser tido em conta e

interessava-me. Escrevi algumas intuições, naquele ano, mas muito pouca coisa.

Depois continuei a ler um pouco de tudo, de ontem e de hoje. Teologia espiritual e da vida religiosa, antropologia, filosofia, teologia pastoral e catequética, estudos diversos e artigos sobre a vida religiosa nos diversos continentes, o carisma dos fundadores, a espiritualidade apostólica, a vida comunitária e missão, a fidelidade criativa, inculturação e reformas. Autores clássicos do pensamento cristão e teólogos precursores do Vaticano II. Retomei os vários documentos do Concílio e do pós-concílio e aprofundei os actuais. Recorri às fontes espirituais e teológicas de Henrique de Ossó: S. Tomás, Santo Agostinho, Santo Inácio de Loyola, S. Francisco de Sales e Santo Afonso de Ligório, bem como o P. Faber, mais recente. Mais tarde, tive que procurar e ler as suas fontes pedagógicas. E, obviamente, li Santa Teresa. Não pude mais deixá-la. Pensámos e dialogámos e rezámos juntas, muitas horas. Creio, como Henrique de Ossó, que é «uma mina que *ainda* está por explorar».

Da investigação das fontes, passei à reflexão pessoal e à oração sobre o que tinha investigado. Impus-me formular por escrito o que ia descobrindo pessoalmente. Para esta tarefa fui ajudada, e até obrigada, pela preparação dos cursos do CIT e pela colaboração que me era pedida pelas províncias e comunidades para a reflexão sobre a *espiritualidade e missão da Companhia*.

Não foi tarefa fácil. Os elementos estavam encarnados, *inculturados*, numa época muito diferente da nossa, e corria o risco de *os interpretar* com as nossas categorias culturais. Era preciso não julgar, mas compreender o *passado* no passado. E de apreender o *essencial*, o carismático, para *o meter* depois em odres novos, nos do século XXI, culturalmente mais distante do XIX do que cronologicamente.

Procurei, apaixonadamente, a unidade do carisma da Companhia. Desde o princípio tive esta intuição, e ela me conduziu. Um forte núcleo espiritual e apostólico se me revelou no primeiro ano, idêntico no Fundador e na sua Obra inspirada pelo Espírito. Entrar nesse núcleo, compreender a sua coerência interna e saboreá-la, para depois pôr em evidência os seus fundamentos evangélicos e teresianos, foi o meu propósito e a minha tarefa. Exigiu muito tempo e atenção, mas creio que valeu a pena, pois só a partir do conhecimento interno do carisma, é possível explicar as partes e integrá-las no todo.

O MÉTODO da exposição é concêntrico, como concêntrica foi a investigação e a reflexão. Quanto mais nos aproximamos do centro, melhor compreendemos as partes, e, a partir delas, é preciso regressar às experiências fundantes, às palavras essenciais do Fundador. Por isso, alguns textos são analisados e evocados várias vezes em distintos momentos. O mesmo acontece com os temas principais, que não se esgotam nem se explanam de uma vez por todas. São temas recorrentes que aparecem em diversas perspectivas, nas quatro partes da obra. A sua apresentação é gradual e entremeada com outros temas



para não perder de vista o conjunto onde se encontram, pois cada dimensão está vitalmente inserida no todo. A obra está dividida em QUATRO PARTES, um Capítulo introdutório dedicado a Henrique de Ossó e uma Conclusão.

Na PRIMEIRA PARTE, intitulada «*A Companhia de Santa Teresa de Jesus*», abordei o tema da Companhia nascente a partir de uma chave de interpretação «guerreira e militar». Uma chave muito ligada ao seu momento histórico, político e eclesial, re-interpretada, além disso, por Henrique de Ossó, a partir da Reforma teresiana do século XVI, a ponto de recriar uma iconografia que dava corpo à simbologia.

A Companhia surge, então, sob a imagem militar, tal como Henrique de Ossó a pensou e apresentou à sociedade, e tal como a foi configurando, num momento histórico conflituoso, de posições ideológicas discordantes e rasgos eclesiais de cruzada. Abundam as alusões concretas ao momento histórico da Restauração espanhola que sucedeu ao agitado Sexénio Revolucionário, últimas etapas do complexo século XIX espanhol, durante as quais se desenrolou a vida apostólica de Henrique. Estão também presentes diversos acontecimentos europeus que influenciaram a tomada de posição da Igreja e da Companhia.

Não se poupam, nesta primeira parte, as alusões à metáfora militar, tão rica em matizes, mas, pelo contrário, vêm ao de cima as formulações emblemáticas – muitas delas ainda presentes nas tradições da Companhia já centenária –, para analisar os seus elementos e procurar, isso sim, transcendê-las e interpretar o *seu* significado e o *seu* sentido no *seu* momento. Não faço, por ora, nenhuma releitura, antes poderia falar de exegese. Os títulos dos *seis capítulos* em que se divide esta Primeira Parte, alguns deles formulados com expressões textuais, são também expressivos da metáfora.

Transcendendo o contexto sociocultural e eclesial do momento, é possível, já nesta parte, determinar aquilo que Henrique de Ossó, inspirado pelo Espírito, entendeu e projectou para a Companhia, intuição e projecto que vamos, obviamente, encontrar formulados e realizados nas formas históricas do tempo. É o que se chama «intuições fundantes», que se manifestam na espiritualidade e na missão, no modo de entender e de organizar a vida religiosa apostólica teresiana da nova família, na formação, no cariz comunitário, nas opções ministeriais preferenciais e na expansão apostólica. E vemos, sobretudo, com bastante clareza, a vinculação e a interdependência da Companhia relativamente às outras obras apostólicas teresianas anteriores a ela: a Revista Teresiana, a Arquiconfraria e as Escolas dominicais, o Rebanhito e mesmo a Catequese da diocese de Tortosa.

A SEGUNDA PARTE é introduzida com um título muito breve «*Apóstolas*», que revela uma chave de interpretação mais evangélica – e, por conseguinte, menos sujeita a mudanças de tempos e lugares. Nela se propõem

pistas de reflexão em chave espiritual e apostólica, mostrando os fundamentos evangélicos e teresianos da missão e da espiritualidade da Companhia. As dimensões cristocêntrica e paulina da Companhia, bem como as suas expressões mística e teresiana da *vida em Cristo*, predominam nos *quatro breves capítulos* desta segunda parte.

O objectivo desta reflexão é apresentar a Companhia de Santa Teresa de Jesus no conjunto das vocações na Igreja e dando continuidade à tradição da vida religiosa ao longo dos séculos; e é também oferecer, da sua parte, a profundidade e a especificidade do significado de *apóstolos*, para o Fundador e para a obra por ele fundada, bem como a raiz místico-teresiana dessa experiência espiritual e apostólica na Companhia.

A TERCEIRA PARTE é uma interpretação da Companhia nascente com a chave eclesial-ministerial. O título é também sintético e expressivo, «*Educadoras*». Dividida em *seis capítulos mais extensos*, aborda diversos aspectos interpolados que me pareceram de capital importância. Alguns, que não constavam do projecto inicial, surgiram como exigência da investigação e da reflexão sobre aspectos mais espirituais.

Nesta terceira parte abordo a mística da educação na Companhia: as suas raízes evangélicas, centradas em Jesus Mestre, as fontes paulinas e teresianas; o profundo sentido humanizador e evangelizador da educação, bem como o perfil da educadora teresiana e a sua necessária formação pessoal e profissional. Faço-o, retomando constantemente o documento de Inspiração e outros escritos programáticos da comunidade primitiva, onde se descobre o projecto educativo do Fundador, certamente utópico e com longo futuro.

Pareceu-me interessante incluir também um esboço da filosofia da educação de Henrique de Ossó e as suas fontes pedagógicas, e inclusivamente analisar as formas históricas da educação feminina e infantil que, como resposta às solicitações sócio-eclesiais do último quartel do século XIX, a Escola Teresiana proporcionou há mais de 100 anos. No último capítulo assistimos, quase em directo, a uma fundação de fronteira. Porque é possível e necessário redescobrir, nessas formas concretas, as intuições e dimensões que continuam hoje a ser válidas, tanto na escola como noutros campos educativos.

Embora os títulos dos capítulos possam parecer dispersos, espero que, subjacente a todos eles, seja perceptível a unidade e a integração das partes no todo. Esta terceira parte caracteriza-se, pois, por contemplar o ideal e a sua concretização, a teoria e a prática da educação na Companhia, sem nos esquecermos das utopias, dos desejos carismáticos ainda por realizar e que, possam ser satisfeitos, mais cedo ou mais tarde.

A QUARTA PARTE é uma recapitulação na chave do «*Tríplice apostolado*», aquele tema que me despertou o interesse por nele encontrar a integração e a coerência de todos os elementos na unidade do carisma.

Nesta parte mais breve, o método da exposição é diferente. Apresento, simplesmente, uma selecção de textos ordenados com uma determinada intenção: levar o leitor a formular pessoalmente aquilo que, possivelmente, formulou já, caso tenha lido com atenção as outras partes.

À maneira de CONCLUSÃO, termino com uma *síntese da espiritualidade e da missão* de Henrique de Ossó entregue à Companhia, elaborada a partir de quatro dimensões fundamentais do carisma. Destaco, depois, alguns *valores do carisma original que me parecem de especial relevância hoje*, na nossa cultura. E termino indicando algumas pistas de actuação relativamente aos *ministérios apostólicos* da Companhia nas *circunstâncias alteradas* em que nos encontramos em qualquer das 23 nações onde hoje está presente a Companhia.

Este livro destina-se principalmente às irmãs da Companhia de todas as culturas e contextos eclesiais, pois foi sobretudo em vós que pensei enquanto escrevia. Creio que podeis lê-lo com proveito, cada uma na sua situação concreta.

Não pretende ser um trabalho definitivo nem acabado. Nascido da reflexão, quer suscitar reflexão pessoal e comunitária e pode vir a ser enriquecido com os vossos contributos e experiências. Porque a Interpretação do carisma é tarefa de todas. Está em nós *«como um código genético»*. Manifesta-se na nossa vida pessoal, nas nossas comunidades e nas obras apostólicas. Se formos dóceis ao Espírito, Ele conduzir-nos-á a uma interpretação actualizada, inculturada nas realidades concretas para onde foi enviada a Companhia.

Ao escrever, tive presentes também os homens e as mulheres do nosso tempo, dos nossos mundos culturais, os cristãos que participam já do carisma teresiano de Henrique de Ossó, especialmente os membros do MTA e os associados. E, obviamente, as educadoras e educadores leigos com quem partilhamos diariamente a vocação de mestras teresianas. As mães de família, e também os pais que receberam algo da pedagogia de Henrique de Ossó, e tantos outros que poderão vir a ser bons alunos da sua escola, muito especialmente a mulher. E as crianças e jovens que, ano após ano, através do nosso testemunho e acção, descobrem Jesus como o seu melhor amigo e a possibilidade diária do convívio de amizade com Ele.

Todos vós estais presentes, de alguma forma, no carisma da Companhia. Todos podeis participar da sua espiritualidade e missão. E podemos reparti-lo com outros porque é *um tesouro que recebemos de graça para o darmos de graça*.

Roma, 15 de Outubro de 2000,  
Festa de Santa Teresa de Jesus.



## Capítulo Introdutório

### O FUNDADOR: VOCAÇÃO E MISSÃO DE HENRIQUE DE OSSÓ

#### Introdução

«O fundador introduz os seus discípulos no seu próprio seguimento de Cristo. Fá-lo comunicando-lhes a sua experiência à maneira de código genético – a experiência que lhe foi concedida pelo Espírito –, levando os discípulos a partilharem a mesma percepção do mistério de Cristo e do seu evangelho, a conformarem-se com ele, a porem em prática, em torno dele, a mesma síntese existencial, a perceberem e a lerem, na mesma perspectiva, os sinais dos tempos, dando-lhes uma resposta ministerial idêntica à sua»<sup>1</sup>.

Qual foi a experiência espiritual que Henrique de Ossó transmitiu à Companhia, experiência tão específica que chegou a configurar uma determinada maneira de ver o mundo e lhe conferiu a capacidade de dar uma resposta salvadora na Igreja, manifestada no projecto apostólico da Companhia, com um estilo de vida comunitária e um serviço ministerial específicos?

Para interpretar as origens da Companhia de Santa Teresa de Jesus – a inspiração inicial, o gradual desenvolvimento, a progressiva compreensão do carisma pelo próprio Fundador e pela primeira geração de irmãs até à redacção da Regra –, é necessário manter-nos em contacto com o Fundador; não pode ser de outra maneira. Foi ele que recebeu do Espírito o carisma da Companhia e lhe outorgou a sua forma histórica. Foi ele que redigiu a Regra de vida e acompanhou, durante 20 anos, as primeiras irmãs. Em tudo o que escreveu naqueles anos é que encontramos as fontes: nas cartas, nos documentos formativos e normativos para a Companhia, nos livros espirituais, e ainda na grande variedade de artigos publicados na *Revista Santa Teresa*<sup>2</sup>, antes e depois do nascimento da Companhia até à morte de Henrique de Ossó.

Por outro lado, «a inspiração de fundar uma família religiosa nunca acontece subitamente»<sup>3</sup>. O momento da iluminação fundamental – a Inspiração da Companhia – não pode isolar-se do resto da vida de Henrique de Ossó, «mas

---

<sup>1</sup> CIARDI F., *Los Fundadores, Hombres del Espíritu*, Paulinas, Madrid 1983, 356.

<sup>2</sup> *Revista Santa Teresa de Jesús*, revista mensal, fundada e dirigida por Henrique de Ossó desde Outubro de 1872 até à sua morte, em Janeiro de 1896. Daqui em diante referir-nos-emos a ela como *Revista Teresiana* ou a *Revista*, como lhe chamava então o seu Director, ou com a sigla RT.

<sup>3</sup> CIARDI F., *op.cit.*, 77.

inscreve-se e adverte-se em todo o percurso que a precede e se lhe segue»<sup>4</sup>. Torna-se necessário, por conseguinte, conhecer também a *fase preparatória* que, no caso de Henrique de Ossó, assume, como veremos, características muito particulares. Porque, como afirma Fabio Ciardi, «o carisma do fundador situa-se na experiência única pela qual o Espírito o conduz e que vai gradualmente tomando corpo na família religiosa. É necessário, portanto, que saibamos percorrer o fio genético da experiência que levou o fundador a dar vida à sua obra e que encontremos nela os elementos que conferem ao instituto a sua identidade»<sup>5</sup>.

Conhecer a Companhia de Santa Teresa de Jesus, aprofundar as suas raízes, encontrar o manancial de onde brota a água viva do carisma, não será possível sem um diálogo constante com Henrique de Ossó, fundador, pai espiritual e guia. Por conseguinte, a sua presença ao longo dos capítulos que se seguem, é contínua, relacionando constantemente a sua mensagem e doutrina para a Companhia com a sua própria experiência pessoal, normalmente anterior ou precedente.

Apesar de nos encontrarmos com ele ao longo de todo o estudo, julgamos conveniente proporcionar aos leitores um capítulo introdutório contendo uma síntese da vocação e missão de Henrique de Ossó, pois ajudará a interpretar a vocação e missão da Companhia. Não é este o lugar apropriado para escrever a biografia de Henrique de Ossó; apenas remetemos para as já existentes<sup>6</sup>; também não pretendemos levar a cabo um estudo exaustivo da sua pessoa e espiritualidade. A sua experiência espiritual, na qual a Companhia mergulha as suas raízes, está perfeitamente delineada e analisada, passo a passo, dentro do marco sócio-histórico e cultural em que se moveu, numa obra cuja leitura deveria preceder a do presente estudo. Estamos a referir-nos à *Experiência Espiritual de Henrique de Ossó* de Gloria Rodríguez e Silvia M<sup>a</sup> Casado<sup>7</sup>.

Limitamo-nos, neste capítulo, a assinalar alguns marcos da sua trajectória espiritual e apostólica durante os primeiros anos de sacerdócio, reduzindo ao mínimo as alusões a épocas posteriores. Escolhemos alguns textos que falam da sua vocação e missão, bem como da consciência que tinha de ser enviado.

---

<sup>4</sup> Ibid., 78.

<sup>5</sup> CIARDI F., *A la escucha del Espíritu, hermenéutica del carisma de los fundadores*, Ed. Claretianas, Madrid, 1998, 107.

<sup>6</sup> Na bibliografia que vem no fim do livro, há uma relação dos «Estudos sobre Enrique de Ossó» e o ANEXO I apresenta um quadro cronológico com as datas mais importantes de Henrique de Ossó.

<sup>7</sup> Obra publicada pela Editorial A. O. – Braga, 1997.

## VOCAÇÃO E MISSÃO DE HENRIQUE DE OSSÓ

Henrique de Ossó foi um homem sempre enamorado de Jesus Cristo. Desde jovem, manteve uma intensa relação de amizade com Jesus, o Filho amado do Pai e, guiado pelo Espírito Santo, pôs em prática um processo de radical configuração com Cristo: ocupado só com Jesus e com as coisas de Jesus – *os seus interesses* –, despreocupado de si mesmo e das suas coisas, unicamente preocupado com a glória do Pai e a salvação dos seus irmãos.

Neste cristocentrismo a que poderíamos chamar *cristopatia*, idêntico ao de Teresa de Jesus e de Francisco de Sales, dois grandes amigos seus, radica a essência da sua experiência. Não podemos, porém, deixar de referir a sua particular relação com Teresa de Jesus por se tratar de uma mediação muito significativa na sua espiritualidade e missão. É muito particularmente através de Teresa – embora não em exclusivo –, que Henrique acede ao conhecimento e ao amor apaixonado de Jesus, bem como à dedicação aos *seus interesses*, pois nela descobre o amor de Deus que transforma a pessoa.

Sendo assim, ao referir-nos à experiência espiritual e apostólica de Henrique de Ossó, temos forçosamente de falar da *mediação teresiana*. O próprio Henrique nos relatou, nos seus escritos autobiográficos, os *dois encontros decisivos* que teve com Jesus e com Teresa.

### 1. O Encontro com Jesus:

#### Uma experiência que explica a sua vida e a sua missão

1854 é a data-chave da vocação e missão de Henrique de Ossó. A morte da mãe leva o adolescente a entrar em crise. Interroga-se sobre o mundo onde vive e, sozinho e a pé, sobe a montanha de Montserrat em busca da sua vocação. A história é bastante conhecida. Anos depois, nas vésperas das suas bodas de prata sacerdotais, Henrique de Ossó recorda aquele momento transcendente de diálogo com a Senhora. As duas mães – Micaela e Maria – foram as intermediárias do chamamento de Deus e do encontro com Jesus:

«A vossos pés encontrei a paz perdida [...]. Despertei como de um sono profundo [...]. Acreditei, desejei e amei o que nunca devia ter esquecido [...]. Encontrei a minha vocação»<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> *Tres florecillas a la Virgen de Montserrat*, opúsculo publicado em 1892. Nova edição em *Escritos Enrique de Ossó III*, Altés, Barcelona 1977, 194. Daqui em diante citaremos: EEO I, II e III. Noutro lugar dirá, recordando a morte da sua mãe: "Assisti à sua santa morte, e chorei muito, porque senti muito ver-me sem ela. Ao que me parece uma desgraça, devo talvez a minha felicidade e a minha sorte, pois logo me veio o desejo de ser sacerdote, recordando o que me dizia a minha boa mãe (e.p.d.) [...]: «Fill meu, Enric, fes-te capellà. Quin goig em daries!» (Meu filho, porque não te tornas sacerdote? Faz-te sacerdote e darás alegria à tua mãe). «No quiero» (Não

É a clássica descrição de uma conversão, feita com a consciência de que aquele momento configurou a sua pessoa. Henrique relê o encontro com a lucidez de quem viveu 40 anos totalmente orientado nesse sentido:

«... E ao mostrar-me Jesus, fruto bendito do vosso ventre, vendo-o tão cheio de graça e tão belo, disse:

"Serei sempre de Jesus, seu ministro, seu apóstolo, seu missionário de paz e amor".

A vossos pés, diante do vosso altar, resolvi ser ministro de Jesus, sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque»<sup>9</sup>.

A formulação na primeira pessoa e o estilo directo e dialogal da recordação, realçam tanto a iniciativa de Deus no *chamamento*, como a dimensão de *resposta* pessoal que existe em todas as vocações. Em Montserrat, o jovem Henrique, não só compreendeu o que Deus queria dele, mas comprometeu-se para sempre. Estamos diante de uma *determinada determinação* no sentido teresiano do termo.

A partir desse momento, a vida do seminarista – 13 anos de formação e amadurecimento pessoal – e, mais tarde, a de jovem presbítero, mais não serão que a realização gradual daquele projecto de *vida em Cristo*. Porque *ser sempre de Jesus*, para Henrique, não poderá ter outra concretização senão a do *ministério sacerdotal, como apóstolo e missionário de paz e amor*.

Os seus biógrafos contam-nos como passou os anos de formação nos seminários de Tortosa e Barcelona. Na obra anteriormente citada<sup>10</sup>, Gloria R. e Silvia Casado fazem um precioso estudo desse tempo, aproveitando as recordações do próprio Henrique nos seus *Apuntes de las Misericordias del Señor*<sup>11</sup>.

Conforme o nosso propósito, vamos deter-nos em alguns apontamentos espirituais muito breves, transmitidos por Juan Bautista Altés<sup>12</sup>. Diz-nos este amigo de Henrique, e seu primeiro biógrafo, que o caderninho pessoal se intitulava: *Ordo Vitae «vince te ipsum»*, e que continha apontamentos de várias datas e momentos significativos da vida espiritual de Henrique de Ossó.

quero), dizia-lhe. «Pues qué quieres ser?» (Então, o que queres ser?). – «Vull ser mestre» (Quero ser professor). EEO III, 10 e 11.

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> RODRÍGUEZ G. e CASADO S., *Experiência espiritual*.

<sup>11</sup> *Apuntes de las Misericordias del Señor* (AMS), escrito autobiográfico inacabado e sem data que não deve ter podido escrever antes de 1885, em EEO III, 10-15.

<sup>12</sup> Em Fevereiro de 1896, a *Revista Teresiana* (RT) começou a publicar, por partes, uns «Apuntes biográficos de Enrique de Ossó» escritos por ALTÉS, a seguir à morte do Fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Em 1926, foram publicados numa nova edição pela Companhia.



As primeiras notas transcritas literalmente na *revista* Teresiana, são de 1862 – primeiro ano de Teologia no Seminário Maior de Tortosa –, quando o seminarista tinha 22 anos:

«Como fundamento da vida espiritual, gravarei na minha alma, com a graça de Deus, e terei sempre presente nas minhas acções, aquela resolução tão generosa e nobre de Santa Teresa de Jesus, minha especial protectora: Afunde-se o mundo antes que ofender o meu Deus, porque devo a Deus mais do que a ninguém. Logo, antes que a todos, a Ele devo contentar e servir. No seu serviço serei, com a sua graça, *atente, devote, confidenter, alacriter et ferventer*»<sup>13</sup>.

Apenas 8 anos tinham decorrido desde a primitiva decisão de Montserrat e Henrique de Ossó aparece já como um homem maduro na fé e na experiência de Deus. Conhece bem as obras de Santa Teresa – inclusivamente as cartas<sup>14</sup> – e identifica-se com essa determinação teologal da Santa.

Por essas alturas da sua formação inicial, o jovem estudante elaborara já um projecto de vida sólido, bem fundamentado, apoiado em profundas convicções, e também realista, capaz de dar resposta a possíveis situações já previstas. Fala de «gravar na alma» e de «ter sempre presente nas minhas acções». E por outro lado, concretiza atitudes que quer assumir na vida: «*atente, devote...*».

A disposição ascética de fundo – «*vince te ipsum*» –, que manifesta não apenas o seu perfil realista, mas a sua decisão de pôr o centro da sua vida para além de si, no Senhor, toma-a com clara consciência de que esse modo de vida só será possível, como há-de repetir, «*com a graça de Deus*», sem a qual nada podemos.

Quatro anos depois, está prestes a terminar a Teologia no Seminário dos Jesuítas, em Barcelona. Em Maio de 1866, prepara-se, com uns Exercícios Espirituais na Casa de Gracia, para receber o subdiaconado<sup>15</sup>. Através das breves linhas que Altés nos transmitiu, podemos intuir algo da sua relação com Jesus, com o Espírito Santo e com o Pai:

*Com Jesus:*

«última página: "Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração". Fim: Imitar e copiar Jesus no meu coração e no meu exterior, de modo que se possa

---

<sup>13</sup> RT 1895-96, 236.

<sup>14</sup> As frases citadas constam de duas cartas de Teresa de Jesus. A primeira, dirigida ao P. Ambrósio Mariano, escrita em Toledo a 21 de Outubro de 1576, diz assim: «... Quando há nisso coisa de consciência, não basta a amizade, porque devo mais a Deus que a ninguém» (Edição de BAC, Madrid 1975, N° 130). A segunda, escrita ao P. Jerónimo Graciano um mês depois, também em Toledo, a 19 de Novembro de 1576: «Fez-se o que se pôde no caso; e como é coisa que agrada a Deus, afunde-se o mundo» (N° 145).

<sup>15</sup> RT 1895-96, 236.

dizer de mim o mesmo que se dizia de S. Francisco de Sales: "Assim se comportava Jesus"<sup>16</sup>.

Não completara os 26 anos, nem era ainda sacerdote e, todavia, Jesus *manso e humilde* é já o seu mestre, que se dirige pessoalmente a Henrique, convidando-o a segui-lo como discípulo. A identificação com Jesus é a meta de Henrique.

Em todos os seus escritos repetirá, depois, este versículo de Mateus 11,29. Jesus Mestre dirige-se aos seus discípulos – aos catequistas, às jovens cristãs, aos leitores da Revista, aos meninos e às meninas, às teresianas educadoras e também às mães de família –, convidando-os a *aprenderem* as bem-aventuranças do Reino no seu seguimento. E pelo fim da sua vida, Henrique de Ossó escreverá, para todos os cristãos, o seu último livro, *Un mes en la Escuela del Corazón de Jesús*<sup>17</sup>. «Porque cristão quer dizer *alter Christus*, outro Cristo [...], como aprenderemos, por exemplo, a sua mansidão e humildade [...], se não conhecermos os sentimentos do seu Coração?»<sup>18</sup> É que o seguimento de Jesus não se limita a uma imitação exterior das suas acções, dos seus gestos salvadores. É algo muito mais profundo que leva a pessoa a configurar-se com Cristo, a viver «em união com Jesus, em união com a mesma divina intenção e com os mesmos sentimentos de Jesus»<sup>19</sup>. «Assim se transformará em Jesus e poderá dizer com o Apóstolo: Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim»<sup>20</sup>.

#### *Com o Espírito Santo:*

«20 de Maio, Pentecostes: Ó Espírito de Deus, no teu dia, uma graça Te peço: já que, dentro de pouco tempo, me vou consagrar a Deus para ser, de um modo especial, seu Templo e seu Ministro eternamente, enche o meu coração dos teus sagrados dons, que infundam em mim um espírito de oração e de zelo como o dos Apóstolos, e que habite em mim, de um modo especial, o dom da Sabedoria e do santo Temor de Deus»<sup>21</sup>.

Este jovem, prestes a aceder ao sacerdócio, tem consciência de que o ministério ordenado o consagra para viver, *de modo especial*, o que já é: templo de Deus e ministro, apóstolo, servidor. A sua maturidade espiritual permite-lhe

<sup>16</sup> RT 1895-96, 270.

<sup>17</sup> *Un Mes en la Escuela del Sagrado Corazón de Jesús*, impresso em 1895 em Barcelona, pela Imprensa Altés. Hoje publicado em EEO III, 456-629. Daqui em diante citá-lo-emos com a sigla MCJ.

<sup>18</sup> MCJ, em EEO III, 456-457.

<sup>19</sup> MCJ, em EEO III, 457.

<sup>20</sup> MCJ, em EEO III, 458.

<sup>21</sup> RT 1895-96, 270.

relacionar-se explicitamente com o Espírito Santo, o santificador, Aquele que o guia e o conduz na descoberta da sua vocação e missão. Neste momento precoce da sua vida apostólica, 100 anos antes de o Vaticano II recomendar a leitura assídua da Bíblia, especialmente aos «legitimamente consagrados ao ministério da Palavra»<sup>22</sup>, Henrique de Ossó conhece bem a Sagrada Escritura. Meditou especialmente os evangelhos, as cartas paulinas e os *Actos dos Apóstolos* que sabe quase de cor, e conhece a essência da *vida apostólica* a que se sente particularmente chamado. Ser apóstolo consiste em «estar com Jesus» e «ser enviado para O anunciar»<sup>23</sup>. Por isso, pede ao Espírito Santo o *espírito de oração e de zelo* que animou os apóstolos desde o Pentecostes até ao martírio.

Os dons que particulariza não deixam de ser significativos:

«O temor de Deus» é «o princípio da sabedoria», «faz entrar o homem em si mesmo» e «é o fundamento da santidade». Dom que «é preciso pedir continuamente» ao Espírito Santo, como o próprio Henrique explicará alguns anos mais tarde<sup>24</sup>.

«O dom da sabedoria», é «o máximo entre os dons do Espírito Santo», pois «é uma ciência saborosa, porque através dela, conhece-se e saboreia-se a Deus por experiência». «O dom da sabedoria faz-nos conhecer Deus interiormente e permite-nos orientar para Ele todos os nossos projectos». É o dom que nos faz «procurar Deus em todas as coisas e referi-las todas a Ele, [...] procurar o reino de Deus e a sua justiça». Alcança-se «sendo alma de oração, [...] desejando-o com veemência e pedindo-o de todo o coração»<sup>25</sup>.

*Com Deus Pai:*

*E termina:* «Deus relaciona-se connosco como um pai com o seu filho pequeno, que corre e anda na sua presença, e cai... Mas as suas quedas movem-no mais à compaixão do que ao aborrecimento... *Sirvo o Senhor com alegria*»<sup>26</sup>.

Através destes parágrafos, vislumbramos a sua experiência trinitária. Vemos que está vitalmente enraizado em Cristo, consciente da acção interior do Espírito e numa relação de plena confiança com Deus Pai misericordioso.

É também dos seus primeiros anos de sacerdócio, uma obra de pastoral catequética, o *Guia Prático do Catequista*<sup>27</sup>. Nela se descobre já essa

<sup>22</sup> *Dei Verbum* (1965) N° 25.

<sup>23</sup> Mc 3,13 e Act 6,4.

<sup>24</sup> As expressões entre aspas são transcritas da *Novena ao Espírito Santo*, assinada por Henrique de Ossó, em Sancti Spiritus, a 14 de Janeiro de 1896, 12 dias antes da sua morte. Foi publicada como obra póstuma em 1903. Hoje podemos lê-la em EEO III, 742-743. Daqui em diante citá-la-emos: NES.

<sup>25</sup> EEO III, 745-748.

<sup>26</sup> RT 1895-96, 270.

<sup>27</sup> Publicado em 1872 pela primeira vez. Actualmente está publicado em EEO I, 27-187.

progressiva cristopatia que o leva da oração e do desejo ardente de *conhecer e amar Jesus*, à paixão por *torná-Lo conhecido e amado* e à infatigável dedicação aos *interesses de Jesus*. Já nessa época tem formulados os seus conhecidos *slogans*, lema e *leitmotiv* das suas obras apostólicas, que aparecem também em todos os seus escritos. No *Guia* encontramos já os elementos essenciais do cristocentrismo de Henrique de Ossó, os textos evangélicos nos quais resume todo o Evangelho de Jesus: «Eu vim para que tenham vida...» (Jo 10,10). «Esta é a vida eterna...» (Jo 17,3). «Eu vim lançar fogo sobre a terra...» (Lc 12,49). «Aprendei de mim, porque sou manso e humilde...» (Mt 11,29). «Eu sou a videira... sem mim, nada podeis fazer...» (Jo 15,5). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida...» (Jo 14,6)<sup>28</sup>.

São precisamente os mesmos textos que inspiraram o nascimento da Companhia. Palavras de Jesus que, mais tarde, iluminarão a vida das irmãs convocadas para estarem com Ele e para O seguirem. Palavra de Deus que continuará a ser a chave de interpretação da Regra, ao relê-la «nas alteradas circunstâncias da História». Palavra essencial que configura a espiritualidade de Henrique de Ossó e da obra por ele fundada.

«*Jesus Cristo é a pedra ou fundamento da vida espiritual* – afirma em 1875, com plena consciência e experiência – *e o seu conhecimento é a vida eterna*»<sup>29</sup>. Por esta época, Henrique de Ossó está já a viver a vida nova, em progressivo conhecimento interno do Mestre, a quem se atreve a pedir, no mesmo livro: «*Suplico-Te que me dês, como a Paulo, a mim, o mínimo dos Teus ministros, evangelizar em todo o mundo as insondáveis riquezas de amor que Tu conténs*»<sup>30</sup>. Encontrou a sua vocação específica, como Jesus, que veio ao mundo meter o fogo do amor de Deus nos nossos corações, e não deseja senão que ardam nesse fogo<sup>31</sup> de amor.

## 2. Encontro com Teresa de Jesus: Mediação Teresiana

Antecipámos já que o encontro de Henrique de Ossó com Jesus, bem como a sua missão cristocêntrica, passa, de alguma maneira, pela pessoa de

---

<sup>28</sup> Sobre a centralidade de Jesus Cristo no *Guia do Catequista* e a «paixão por Jesus» de Henrique de Ossó formador de catequistas, pode ler-se um artigo recente de C. MELCHOR, «Enrique de Ossó patrono de los catequistas españoles» publicado na revista *Actualidad Catequética*, Nº 186, Abril-Junho 2000, 262-278.

<sup>29</sup> *Viva Jesus* (VJ) em EEO I, 483. A mesma síntese sobre Jesus aparece já em GC, EEO I, 111.

<sup>30</sup> VJ, em EEO I, 485 e 486.

<sup>31</sup> O texto de Lc 12,49 é constantemente repetido nos seus escritos a partir desta data (cf. VJ, em EEO I, 486).

Teresa de Jesus. Porém, como e quando teve lugar esse encontro e que características assumiu?

A marca de Teresa em Henrique de Ossó é precoce. A decisão de se retirar para Montserrat foi acompanhada de uma série de cartas de despedida – catorze – repletas de ressonâncias teresianas, e o próprio facto da «fuga» inspira-se, consciente ou inconscientemente, na Santa<sup>32</sup>. Por outro lado, aquela primeira «resolução, tão nobre e generosa» de seminarista que lemos atrás, está formulada a partir de frases extraídas de duas cartas de Teresa de Jesus, «sua especial protectora». Sendo assim, podemos situar o seu primeiro encontro com Teresa de Jesus por volta de 1854. Provavelmente, a pergunta sobre a origem e a razão desse encontro, tê-la-ão feito a Henrique as pessoas que conheceram de perto a sua experiência interior e a sua vastíssima missão teresiana. E, em certas ocasiões, falou do tema.

São interessantes, neste sentido, os *Apuntes de las Misericordias del Señor*<sup>33</sup>, um texto autobiográfico de profundas ressonâncias teresianas, não só pelo estilo e modo de evocação das raízes familiares – que faz lembrar o primeiro capítulo do livro da *Vida* de Teresa –, mas porque o fio condutor desse texto parece ser, precisamente, o de como e quando aconteceu o seu encontro com Teresa de Jesus. Vejamos como enumera as circunstâncias relacionadas com pessoas e lugares até à sua ordenação sacerdotal:

\* «Dómine Sena, muito devoto de Santa Teresa de Jesus, [...] começou sem dúvida a despertar a devoção à Santa». Um professor do seminário menor que lhes contava histórias teresianas.

\* «A minha tia Maria deu-me as obras da Santa que a Livraria Religiosa<sup>34</sup> publicara, porque, segundo me disse, ela não as entendia».

\* «Mas o que mais despertou a minha devoção, foram as viagens que fiz a Benicasim». Enumera, seguidamente, uma série de circunstâncias, preparadas pelas experiências anteriores. A partir deste momento, *Los Apuntes* são férteis em pormenores que explicam a atracção e a influência que exerceu no jovem Henrique tudo o que era teresiano:

– «Uns tios velhotes», vizinhos da Comunidade de Frades Carmelitas, a única comunidade que restou em Espanha depois da expropriação.

– «Tinha muitos livros da Santa, a *Vida Meditada*<sup>35</sup>, sobretudo, e ao ler, aumentou-se-me o desejo de ir ao Deserto...

<sup>32</sup> Cf. AMS, em EEO III, 11-12.

<sup>33</sup> EEO III, 12-13.

<sup>34</sup> Uma edição de bolso publicada em Barcelona 1851.

<sup>35</sup> Esta obra, escrita por um carmelita italiano, P. Fr. Manuel de TRAGGIA, deve ter impressionado muito o jovem seminarista, a tal ponto que ele próprio a reeditou por ocasião do III Centenário da morte da Santa com o seguinte título completo: *La Mujer grande. Vida meditada de Santa Teresa de Jesús, enseñando como madre, maestra y doctora universal, con ejemplos y doctrina. Obra distribuida en lecciones que forman un año cristiano-teresiano completo*, pelo

- «Fui e permaneci alguns dias...
- «... Até que, depois, quase todos os anos ia passar as férias [...] no Deserto, onde às vezes ficava mais de um mês e até dois meses».
- «A visita às Ermidas, especialmente à da Transverberação de Santa Teresa, cuja imagem é tão formosa, encantava-me, enamorava-me e extasiava-me. Quantas vezes a teria roubado se não fosse pecado! Os frades davam-me a chave, e eu ia sozinho e ficava ali o mais que podia, e repetia, à vista de tão encantadora imagem: Que formosa és, amada minha, que formosa és, e fazia versos que me davam muita devoção».
- «Cantava no coro com os monges, as Missas, salvé e orações e ajudava às Missas que podia».
- «Fiz uma confissão geral com o P. Mariano, e deleitava-me muito com as conversas espirituais dos PP. Manuel e José Marco, e de um outro, P. José o pequeno».
- «Comia no refeitório com os frades e da sua mesma comida, e ia para o recreio depois de comer, e a passear de tarde com eles».

O contacto com a comunidade de frades carmelitas e tudo quanto se relacionava com a Santa, suscita em Henrique de Ossó o desejo de fundar, em Tortosa, um convento de monjas carmelitas: «Tinha pena de que, na nossa Diocese, não houvesse nenhum convento de Monjas Carmelitas, e queria fazer um, e pedia-o muito ao Senhor e à Santa, e depois fez-se *como direi*»<sup>36</sup>.

- «Repetia quase todos os anos, sendo estudante, a dita visita [...], e tanto que a revolução de Setembro de 1868 me encontrou no dito Deserto».

A minuciosa enumeração da série de acontecimentos que o aproximaram da Santa, sugere o carácter providencial dos factos e realça a importância de que se revestiu este encontro para Henrique de Ossó. É evidente que o seu relacionamento precoce com os Carmelitas do Deserto, intensificou o conhecimento e a sintonia com o espírito de Teresa que Henrique encontrou nos seus escritos, nessa mesma comunidade de frades carmelitas e, de uma maneira particular, na solidão da Ermida onde pôde contemplar uma imagem de Santa Teresa transformada pelo amor de Deus.

Henrique de Ossó descobre, em Teresa de Jesus, a Mulher Nova. Ele, que desejava profundamente, *viver em Cristo*, encontra-se com esta mulher totalmente transformada em Cristo. Através da sua *Vida*, do *Caminho de Perfeição* e sobretudo das *Moradas*, a Santa surge, aos olhos de Henrique, como a pessoa que de tal modo conheceu e amou Jesus, que Ele a transformou em sua esposa e lhe confiou a sua missão salvadora.

---

Rev.do P. Fr. M. de T. Nova edição corrigida e aumentada por Don Enrique de Ossó, Pbro., Tipografía Católica, Barcelona 1882.

<sup>36</sup> Tinha previsto continuar o relato da sua vida em chave «teresiana», mas ficou inacabado.

No seu itinerário espiritual, Teresa de Jesus fez a experiência da eficácia mística da Palavra de Deus: «As suas palavras são obras»<sup>37</sup>. O próprio Senhor se lhe deu como «Livro vivo», Mestre interior, que me tem ensinado interiormente «todas as verdades»<sup>38</sup>. Jesus Cristo revelou-se progressivamente a Teresa como a muito poucas pessoas. Ela chegou a contemplar, repetidas vezes, a beleza inefável da gloriosa humanidade do Crucificado<sup>39</sup>. Viveu a experiência profunda de Jesus no seu interior, e a união íntima com Ele até poder dizer com S. Paulo: «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20). E a partir de um determinado momento, experimentou como o Amor de Deus «se lhe metia nas entranhas até a transformar» pela efusão desse amor purificador<sup>40</sup>. E ao contemplá-la nesse transe, Henrique de Ossó *compreende* que se cumpriu nela, exactamente, aquele vivo desejo de Jesus: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado»<sup>41</sup>. Esse fogo do Amor de Deus – fogo do Espírito – dilata o coração de Teresa, como num novo Pentecostes, até o tornar eclesial à medida do coração de Deus.

Nesse coração magnânimo, dilatado, Henrique encontra Deus. Foi esse impacto que lhe provocou aquela experiência que constituiu, depois, tema central de muitos dos artigos da *Revista Teresiana*. Todas as obras apostólicas por ele empreendidas têm a marca do coração transverberado de Teresa de Jesus.

A sua especial sintonia com esta graça mística, leva-nos a perguntar se ele próprio não terá participado pessoalmente nessa experiência, recebendo os frutos do amor de Deus – zelo ardente –, e com eles, o chamamento para ser apóstolo teresiano<sup>42</sup>. O certo é que, durante toda a sua vida, manifestou um desejo crescente de transformação no amor e empregou os meios para facilitar aos irmãos essa transformação. É esse o profundo conteúdo da sua missão teresiana. Vejamos como o exprime numa meditação tardia do *Tríduo do Coração de Jesus*:

«Ó Amor de Cristo Jesus, que me amas mais do que eu posso amar!, vem ao meu coração e reina nele, e trespassa-o com a divina seta, como trespassaste o coração dos teus servos enamorados<sup>43</sup>, especialmente como o da minha madre Teresa de Jesus. Envia o teu anjo com o dardo de ouro incandescente de fogo e fá-

---

<sup>37</sup> *Vida* 25,19.

<sup>38</sup> *Vida* 26,6.

<sup>39</sup> *Vida* 27 e 28.

<sup>40</sup> *Vida* 29,8-13.

<sup>41</sup> Este texto de Lc 12,49 é um dos mais repetidos, relativamente a Jesus e a Teresa. Nos artigos da RT aparecem constantemente expressões como esta: «Oh Serafim do Carmelo [...], como o teu divino Esposo podes dizer com toda a propriedade: *Vim lançar fogo sobre a terra, e que quero eu senão que se ateie?*. Olha, com amor, para esta terra gelada dos corações humanos, e deixa cair uma faúlha, uma centelha [...]. Propaga e comunica esse divino fogo...». (RT 1878-79, 34).

<sup>42</sup> No final do capítulo IX voltaremos a este tema.

<sup>43</sup> S. João da Cruz passou por uma experiência semelhante, como o refere na *Chama*, e S. Filipe Néri – que nasceu e foi canonizado no mesmo ano que a Santa –, passou por uma experiência muito parecida em plena juventude (29 anos), a ponto de sofrer repercussões somáticas no seu corpo.

lo penetrar nas minhas entranhas, desprendendo-as de todas as criaturas, e leva-as para Ti [...]. Vem, serafim desejado, trespassa o meu coração e consome-o no divino amor, de maneira que, daqui em diante, só saiba amar a Jesus e com Jesus. Dai-me vida e morte de amor divino [...]. Não quero viver senão amando-vos com todo o meu coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, e trabalhando com todo o afinco para despertar outros corações para o vosso amor»<sup>44</sup>.

Se nos fixarmos na orientação dos escritos e na série de obras apostólicas iniciadas a partir de 1872, todas com a marca de Teresa, podemos afirmar que, no verão de 1872, Henrique de Ossó passou por uma experiência especialmente significativa durante a sua estadia no Deserto<sup>45</sup>. Experiência essa que o despertou ou, pelo menos, que o confirmou na sua missão teresiana. No entanto, nos seus escritos autobiográficos não encontramos nenhuma afirmação tão precisa nem referência a esta data. Muito pelo contrário, como vimos nos *Apuntes de las Misericordias del Señor*.

Num artigo da RT, *O Solitário* mantém um diálogo íntimo com Teresa de Jesus e reconhece ter sido conquistado por ela. Porém, ou não quer revelar quando ocorreu, ou crê sinceramente que não houve nenhum momento concreto e único em que se teria dado tal encontro. As suas palavras sugerem um encontro precoce, fundamental, progressivamente alimentado e correspondido:

«Santa Teresa de Jesus, arrebatadora de corações! Eu não sei quando roubaste o meu, nem sei quando despontou a devoção e o carinho para contigo na minha alma: apenas sei que a tua imagem agraciada e a leitura das tuas obras, despertaram na minha alma um amor veemente para contigo e que, logo que te conheci, te amei com paixão»<sup>46</sup>.

### 3. A missão apostólica teresiana de Henrique de Ossó

É certo que, a partir de Outubro de 1872, todas as obras apostólicas de Henrique de Ossó, que se sucedem ano após ano, terão a marca teresiana. Primeiro, *A Revista Santa Teresa de Jesus*. Um ano depois, em Setembro de 1873, *A Associação das Filhas de Maria e de Teresa de Jesus*. E no ano seguinte, em 1874, *O Quarto de Hora*, manual de oração teresiana para as jovens da *Associação*, e para todos os que desejam rezar com Teresa. O *Rebanhito do Menino Jesus*, secção infantil da *Associação das jovens*, e a

---

<sup>44</sup> Publicou este opúsculo juntamente com o MCJ em 1895. Hoje pode ler-se em EEO III, 589 e 591.

<sup>45</sup> É esta a opinião de G. RODRÍGUEZ e S. CASADO no capítulo VII da «Experiência de Deus através de Teresa de Jesus» da sua obra já citada, pp. 189-237.

<sup>46</sup> RT 1886-87, 355-357.



*Companhia de Santa Teresa de Jesus*, vanguarda apostólica da *Associação das Jovens católicas*, em 1876.

Dentro do *Vasto Plano apostólico teresiano*, que Henrique de Ossó foi delineando à medida das necessidades, houve projectos que não chegaram a concretizar-se. Os *Missionários de Santa Teresa*, versão masculina da Companhia e de ministros ordenados, em 1878. Nesse mesmo ano, animado por alguns amigos de Santa Teresa, o Fundador da *Companhia* esboçou outro projecto mais ambicioso, com o objectivo de aglutinar os diversos ramos do grande movimento teresiano que estava a ser posto em marcha, a *Irmandade Teresiana Universal*.

Cada uma destas obras ia-se juntando às anteriores de maneira que «a Árvore de Santa Teresa» – como ele próprio lhe chama – ia tendo cada vez mais ramos e mais frutos. O seu *vasto plano apostólico* ia-se concretizando em cada ano, em obras de maior envergadura<sup>47</sup>.

#### *Apóstolo da oração como Teresa*

Muito em breve, Henrique evidencia-se como apóstolo do conhecimento e do amor de Jesus – apóstolo da oração –, testemunha e porta-voz dos ensinamentos da Santa, que, a partir da *Solidão*, convida os seus irmãos à oração. Porque «com a oração cresce o espírito de fé, o espírito de oração, com o qual [nos] vêm todos os bens, [e no entanto], é a coisa que menos é praticada pelas pessoas do século, até mesmo a menos conhecida dos cristãos que pretendem passar por devotos. Daí a origem dos nossos males. *A terra está desolada porque não há quem medite no seu coração e ore como deve orar* [...]. A isto se junta que, ser devoto de Santa Teresa de Jesus e não ser homem de oração, é impossível»<sup>48</sup>.

Na III Parte deste estudo, trataremos das diversas facetas do apostolado da oração exercido por Henrique de Ossó e pela Companhia<sup>49</sup>. Por agora, limitamo-nos a apresentar o *Solitário* como mestre de oração durante 23 anos através da *Revista Teresiana*<sup>50</sup>. Vejamos como anuncia, num artigo programático, um encontro mensal com os leitores:

<sup>47</sup> Os 24 anos durante os quais Henrique de Ossó dirigiu a RT, são a melhor crónica das suas actividades apostólicas. Através da RT podemos hoje seguir, passo a passo, os projectos e as realizações apostólicas de Henrique de Ossó. Sobre este tema pode consultar-se «Actividad apostólica teresiana de Enrique de Ossó 1872-1876», I Parte de um trabalho inédito intitulado *Espiritualidad apostólica de la Compañía de Santa Teresa de Jesús. 1876-1879*, de M<sup>a</sup> F. MAGALHÃES, M<sup>a</sup> C. MELCHOR, M<sup>a</sup> PÉREZ, A. M<sup>a</sup> SEVILLA e E. VILLESAS, Roma 1995, pp. 11-35.

<sup>48</sup> RT N<sup>o</sup> 3 Dezembro 1872, 74.

<sup>49</sup> Ver o capítulo XI, ponto 2.2. «Mestras de oração».

<sup>50</sup> Desde Dezembro de 1872, N<sup>o</sup> 3 da RT, até Janeiro de 1896, data da sua morte repentina em Sancti Spiritu, raro é o mês em que Henrique de Ossó – *O Solitário* – falta ao encontro marcado

«Eu, pois, afastado do bulício do mundo, escondido na aprazível solidão, contemplo a vida inquieta dos meus irmãos; desejando contribuir, com uma pequena achega, para o maior bem dos espanhóis e glória da Santa, mestra de oração, farei ouvir, de vez em quando, a minha voz franca e repousada para advertir os leitores e amantes de Santa Teresa, de que nenhuma coisa poderão fazer de mais proveitosa para a alma e de maior agrado da Santa, do que entregar-se à prática da oração [...], e reflectir sobre si mesmos, para que sejam senhores da sua alma, em solidão, ao menos durante um quarto de hora por dia»<sup>51</sup>.

A par do profundo apreço pela oração e da solidez doutrinal, observamos o realismo de Henrique de Ossó e a sua capacidade de conexão com as situações concretas das pessoas do mundo. Assim como a audácia e simpatia com que se atreve a convidá-las a *perder ou ganhar* 15 minutos do dia para se encontrarem com Deus e consigo mesmas:

«Ó vós, que andais afadigados nos negócios temporais, e para quem a *inquietação e o desassossego* são o estado habitual da vossa alma, parai um momento para vos interrogardes: quem sou, de onde venho, para onde vou? Desembaraçai--vos das vossas ocupações por breves instantes; retirai a vossa atenção das coisas exteriores e, já que sois de todos, de todas as coisas que reclamam os vossos cuidados, procurai ser também de vós mesmos»<sup>52</sup>.

«Se assim fizerdes, *se todos os dias tiverdes um quarto de hora de reflexão em solidão de espírito* – diz-lhes –, em nome e da parte de Teresa de Jesus prometo-vos o céu»<sup>53</sup>. Só desta maneira é possível regressar à actividade com uma atitude renovada, interiorizada, verdadeiramente humana e humanizadora.

E despede-se:

«Um dos filhos amantes e devotos que mora na mansão da paz»<sup>54</sup>.

#### *Apóstolo de Jesus e de Teresa, Apóstolo teresiano*

A *Revista Teresiana* dedicava sempre o artigo de fundo escrito, obviamente, pelo Director da Revista, a falar de Santa Teresa. No primeiro desses artigos, Henrique de Ossó quis propor à consideração dos leitores a

---

com os seus leitores para os ensinar a orar. Escreveu 240 artigos, *Desde a Solidão*, com esta finalidade prioritária, embora vão aparecendo outros temas relacionados com a vida e a realidade dos leitores, nunca à margem da oração.

<sup>51</sup> RT N° 3 Dezembro 1872, 74-75.

<sup>52</sup> RT N° 3 Dezembro 1872, 75.

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> Ibid.

«incomparável grandeza» do coração da Santa. No mesmo artigo, Henrique apresenta-se a si mesmo como *discípulo* e primeiro herdeiro do carisma apostólico de Teresa, numa cena que faz lembrar o pedido de Eliseu a Elias no momento de o render como profeta<sup>55</sup>. As palavras de Henrique de Ossó são uma confissão ou testemunho vivo, expresso num diálogo com a Santa, de quem espera receber o *seu espírito* para levar a cabo a missão que lhe foi confiada:

«Confesso que, sem a graça de Deus, nada podemos, mas também reconheço que, com ela, podemos tudo, e que não seria impossível escrever e agir como tu o fizeste, se o Senhor nos concedesse o *espírito* que guiou a tua pena e te ajudou nas tuas obras. Alcança-nos, pois, do teu esposo Jesus, *uma parte, se não todo, do teu espírito*, para cumprir inteiramente o desejo vivíssimo de Cristo, que veio ao mundo para inflamar as almas, e não anseia outra coisa senão que todas ardam neste fogo divino»<sup>56</sup>.

Ele próprio reconhece, em muitas ocasiões, que o *apostolado teresiano* é uma missão específica recebida do Senhor, obra sua ou da Santa, com o objectivo – sempre presente – de tornar Jesus conhecido e amado, «no que consiste a vida eterna». A *Revista Teresiana* está repleta de alusões a esta consciência de *missão teresiana*, nem sempre saídas da pena de Henrique de Ossó. Em Novembro de 1875, por exemplo, encontramos expressões como a que se segue, num artigo um tanto enigmático assinado por S.C. (Salvador Cid), um lavrador amigo íntimo de Henrique de Ossó:

«Vejo tanta comunhão de interesses entre Jesus de Teresa e Teresa de Jesus, que suplicar a Teresa parece-me o mesmo que suplicar a Jesus...»

E um pouco mais adiante, afirma o lavrador, dirigindo-se à Santa:

«... Bem sabes, heroína castelhana, que Tortosa foi a terra privilegiada onde nasceu o germe primitivo para dar a conhecer os teus inspirados escritos, as tuas salutares máximas, as tuas heróicas virtudes. Tu moveste o coração de um sacerdote nosso amigo, escolhendo-o para apóstolo do teu Jesus e teu...»<sup>57</sup>.

A semelhança que encontra entre Teresa e Jesus, a identidade da missão e das preocupações de Teresa de Jesus com as do seu Esposo, convertem-se, bem

---

<sup>55</sup> 2 Rs 2,9-10: «Elias disse a Eliseu: "Pede o que quiseres, antes que eu seja separado de ti. Que posso fazer por ti?" Eliseu respondeu: "Seja-me concedida uma porção dupla do teu espírito". Elias replicou: "Pedes uma coisa difícil...". – Este pedido de Eliseu tem uma explicação em Dt 21,17 onde se diz que o primogénito recebia uma porção dupla da herança. Portanto, o pedido de Eliseu significa que deseja ser o primeiro herdeiro espiritual de Elias, e Deus concede-lho. – O paralelismo com o caso de Teresa → Henrique, é óbvio.

<sup>56</sup> RT N° 2 Novembro 1872, 30.

<sup>57</sup> RT 1874-75, 36.

depressa, no ideal de Henrique de Ossó. Está convencido, por outro lado, de que a grande atracção que sobre ele exerceu a Santa de Ávila, pode ser um instrumento apostólico de enorme eficácia. Assim o comenta, na primavera desse mesmo ano, escrevendo ao seu amigo e crítico Félix Sardà y Salvany, que nunca «conquistou» para a causa teresiana. Lamenta-se da falta de conhecimento de Jesus e afirma com persuasiva convicção:

«Ó meu amigo, quão pouco se conhece Jesus! e, acredite-me: Teresa de Jesus é a mais capaz de tornar Jesus conhecido e amado [...] A si falta-lhe, nos seus artigos, o sabor *teresiano*»<sup>58</sup>.

No final de outro artigo intitulado «As afeições de Santa Teresa», escrito em Março de 1876, o próprio Henrique de Ossó manifesta explicitamente a sua consciência de *missão teresiana*:

«Deste modo penso, leitor meu, [...] que tendo-nos escolhido Sua Divina Majestade para fazer amar a sua querida esposa Teresa de Jesus, quer que imprimamos, nos corações dos seus devotos, as afeições e perfeições desta alma sobremaneira bela...»<sup>59</sup>.

À medida que os anos avançam, e sobretudo a partir da fundação da Companhia, Henrique de Ossó vai-se sentindo cada vez mais atraído e requerido por esta missão, e deseja ver-se livre das obrigações que o distraem da sua orientação carismática e o dividem interiormente. Em várias cartas à Irmã Superiora Teresa Plá, comenta isto mesmo à maneira de desabafo pessoal. Em Novembro de 1877, diz-lhe:

«Parece-me que não estou no meu centro; todos os dias se me torna mais pesada a vida que levo. Queria maior solidão e consagrar-me mais inteiramente à vida de oração e recolhimento e à vida apostólica teresiana...»<sup>60</sup>.

Em Fevereiro, volta a fazer a mesma confidência:

«Sinto-me muito bem, graças a Deus, mas com desejos cada vez mais vivos, filha minha, de me retirar de tanta barafunda que sufoca o espírito, e de descansar trabalhando na solidão e às vezes no bulício para a maior honra de Jesus e da sua Teresa. Acredita-me, não estou no meu centro. Devia ser todo da Santa do meu coração e não me deixam. Quero consagrar-me exclusivamente às suas obras: Companhia, Arquiconfraria, Revista, livros, e não posso. Esta é a

---

<sup>58</sup> *Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardà y Salvany*, edição preparada por G. VOLPE, Barcelona 1997, N° 29, sem data [entre Março e Abril de 1875]. Daqui em diante citaremos: a Sardà.

<sup>59</sup> RT 1875-76, 162.

<sup>60</sup> Tortosa, 19/11/77 (Ed. N° 37, falta em AGSTJ).

minha cruz mais pesada [...] Todos ganharíamos com isso [...] e vós, a cujo cuidado poderia dedicar-me preferencialmente»<sup>61</sup>.

Por fim, no verão de 1878, recebe o reconhecimento oficial, afectuoso e efectivo do seu bispo, que o liberta das aulas do seminário que o impediam de se dedicar por inteiro à sua vocação pessoal:

«Hoje recebi carta do meu Bispo desobrigando-me da ocupação da cátedra e animando-me com palavras dignas de um apóstolo S. Paulo a seguir a minha vocação, trabalhando e consagrando-me em pleno a orar, escrever e pregar»<sup>62</sup>.

Uma missão *teresiana* pessoal que se identifica com o espírito de oração e zelo dos Apóstolos, e que se concretiza em actividades realizadas com enorme criatividade e dinamismo. Pregação e orientação de exercícios espirituais, catequese e formação de catequistas, educação directa e indirecta através das associações apostólicas, dos livros. Ensino da oração também através da *Revista* e de outras publicações, como o *Quarto de Hora de Oração*. Actividades compatíveis com longos períodos de oração, verdadeira fonte e motor da sua mensagem.

Henrique de Ossó vai também tendo dela cada vez maior consciência, à medida que os acontecimentos lha vão clarificando:

«O Solitário, pela sua condição e pela sua missão especial, apenas quer ajudar-vos em dois pontos de exame [...] a saber, a oração e o zelo pelos interesses de Jesus»<sup>63</sup>.

Tal como para a Santa, a oração e o zelo projectam-se nas obras, no serviço apostólico. E estas são o termómetro do amor:

– «Que zelo pelos interesses de Jesus reina no nosso coração?  
– Examinemos em que obra santa nos empenhámos [...], fazendo valer, com este objectivo, o nosso talento, a posição social, numa palavra, todos os recursos que a Providência pôs na nossa mão...»<sup>64</sup>.

Por experiência própria, conhece a inter-relação entre oração, amor de Deus, zelo e compromisso ou serviço activo. São elos de uma mesma cadeia, de quem só procura conhecer e amar Jesus e fazê-lo conhecer e amar, com Teresa e através dela.

<sup>61</sup> Tortosa, 26/2/78 (Inédita AGSTJ E Vol. 2,25).

<sup>62</sup> Carta a Teresa Plá, Benicasim Desierto de las Palmas, 25/7/78 (Ed. Nº 71, AGSTJ E. Vol. 3,22).

<sup>63</sup> RT Setembro 1878, 345.

<sup>64</sup> Ibid.

«Oremos, oremos, queridos irmãos, amantes teresianos, pois só a oração pode salvar-nos, elevar o nosso coração, inflamar o zelo pelos interesses de Cristo Jesus e dar-nos perseverança no bem fazer»<sup>65</sup>.

E não só isso. Até o próprio espírito de oração e de zelo, havemos de o pedir na oração, conscientes de que são um *dom* do Espírito. Na oração, podemos também oferecer a nossa pobre resposta, a *tarefa* que nos é confiada ao recebermos o dom:

«Peçamos e ofereçamos. Peçamos espírito de oração, peçamos zelo ardente, eficaz, pelos interesses de Cristo, e ofereçamos-Lhe um coração dócil, generoso, e uma vontade pronta, decidida, inquebrantável, de fazer tudo o que tiver por resultado prático a maior glória de Deus»<sup>66</sup>.

Henrique de Ossó está convencido, além disso, de que a sua missão teresiana contribuirá para a sua maior identificação com a Santa, de tal modo que ele próprio possa viver e morrer de amor de Deus:

«Tendo-nos escolhido sua Divina Majestade para fazer amar a sua querida esposa Teresa de Jesus [...], a isso nos dedicamos com grande complacência, quer para cumprir a vontade expressa do Senhor Jesus, que deseja que seja conhecida por toda a gente [...], quer pela esperança que temos de que, ao gravá-la [na alma dos] outros, talvez a nossa fique santamente enamorada»<sup>67</sup>.

Afirma, com frequência, que a sua acção apostólica é, na realidade, a *Acção apostólica de Teresa*. Umás vezes dá o nome de «*Obra de Santa Teresa no século XIX*», ao conjunto das obras teresianas por ele promovidas, e outras vezes reserva essa designação para a Companhia. Referimos também já o sentido de complementaridade com que Henrique de Ossó projecta os diversos ramos da «árvore de Santa Teresa»<sup>68</sup>.

Ela é, na realidade, a protagonista. E ele apresenta-se frequentemente a si mesmo como simples instrumento material do apostolado de Teresa. Assim entendido, o carisma seria o de Teresa de Jesus, reeditado por Henrique de

---

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> Ibid.

<sup>67</sup> RT Março 1876, 163.

<sup>68</sup> São muitos os artigos em que manifesta o seu projecto teresiano global, como por exemplo este de 1878: «Quando virmos espalhada a sua Arquiconfraria, abrigando, sob a sua sombra, todas as jovens católicas espanholas, e todas as ternas meninas formando o Rebanhito, agrupadas em redor do Menino Jesus, guiadas, ensinadas, educadas pela porção escolhida das suas filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e todo este movimento de zelo pelos interesses de Jesus sustentado, fomentado e dirigido pelos Missionários Teresianos, então sim, e só então, exclamaremos: Morremos contentes» (RT Setembro 1878, 247).

Ossó, um homem que soube viver e propor, aos seus irmãos e irmãs do século XIX, *o espírito* com que a Santa de Ávila viveu no seu século.

E não apenas as suas obras, mas a própria pessoa de Henrique de Ossó era um reflexo da alma e do encanto pessoal de Teresa. Dizem-no-lo aqueles que o conheceram de perto. Com palavras de reconhecimento e apreço.

O testemunho que escolhemos para terminar este capítulo, não é nenhuma das declarações *post mortem*, quando o santo está já pronto<sup>69</sup>. É a expressão espontânea e sincera de uma jovem, membro da Associação teresiana de Calaceite, que, numa carta familiar, comunica à sua irmã a dita que teve em fazer Exercícios Espirituais com *Mosén Enrique*, um sacerdote que fez há pouco 34 anos:

«E sobre os Exercícios, embora não tenha tido tempo de dizer nada, por muito que te diga será desfigurar o valor e os méritos que contiveram. Quanto a mim, posso dizer-te, minha querida irmã, que foram os dias mais felizes da minha vida [...]. Quando *Mn. Enrique* nos pregava, estávamos todas convencidas de que nos pregava um santo [...]. Eu digo dele o que dizia a nossa Madre [Teresa] de si mesma, pois se *Mn. Enrique* for santo, o tempo o dirá. E quem o não conhecer, leia o perfil de Santa Teresa de Jesus e saiba que aquele senhor padre reúne as mesmas qualidades. Eu assim o considero, e outras pessoas mais experientes no assunto, afirmam o mesmo, pois o Sr. Prior diz que *Mn. Enrique* tem um coração como o de Teresa de Jesus, e além disso, Deus concedeu-lhe, como à nossa Madre, a graça de cativar os corações, e assim, quem o conhece, tem de o amar»<sup>70</sup>.

Assim viam Henrique de Ossó dois anos antes da «Inspiração». Era este o homem que o Espírito e a Santa preparavam para fundar a Companhia de Santa Teresa de Jesus, *teresianas, mestras, para regenerar o mundo*.

---

<sup>69</sup> As coincidências entre as pessoas que depuseram na causa de beatificação, são significativas e têm, certamente, valor documental. Podem ler-se em *Derthusen seu Barcinonen. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Henrici de Ossó y Cervelló. Positio super virtutibus, Summarium*. SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, Roma 1975. No nosso estudo, todavia, prescindimos praticamente das fontes, escritas ou transmitidas por tradição oral, posteriores à morte de Henrique de Ossó.

<sup>70</sup> Carta de Saturnina Jassá a sua irmã Gregoria, Calaceite, Novembro de 1874 (Inédita AGSTJ, colecção S. Jassá, V. I, n.3).





I Parte

**A COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS**

*«Talvez te tenha chegado aos ouvidos o nome de  
Companhia de Santa Teresa de Jesus,  
e talvez desejes ouvir da minha boca o que é essa companhia,  
em que consiste, pois fui eu própria que inspirei esta obra de zelo,  
complemento da Arquiconfraria Teresiana e do Rebanhito [...].*

*Propus-me formar um exército aguerrido  
com todas as donzelas que vivem no mundo [...].*

*Mas isso não basta para o meu plano geral de conquista.  
Em todos os exércitos bem organizados,  
há sempre uma companhia de escol, ou de preferência,  
disposta a voar para a linha da frente, para onde haja perigo,  
para defender o seu rei e a sua bandeira...».*

*Santa Teresa de Jesus (EEO I, 433).*



## INTRODUÇÃO

Apesar de só nos separarem 125 anos do nascimento da Companhia, as coisas mudaram tanto que dificilmente podemos entender as nossas origens sem que haja, da nossa parte, um esforço de abordagem daquela conjuntura.

Para entrar em diálogo com aquele momento histórico e cultural, precisamos de ter consciência de que as nossas categorias culturais, estéticas, teológicas e antropológicas são distintas, sabendo que a nossa compreensão da Igreja e da comunidade, da evangelização, da família e da mulher – para citar alguns exemplos – também não são iguais. E que temos conceitos diferentes da Bíblia, da história, da sociedade, da fraternidade universal e da justiça. Temos de ser tolerantes, também relativamente ao passado, sem atribuir um valor absoluto à nossa sensibilidade cultural, atentos às diferenças e às suas possíveis razões históricas. A dificuldade consiste em não sermos capazes de nos libertar facilmente dos nossos preconceitos culturais, quase sempre em consequência de falta de informação e de reflexão.

Entender, em profundidade, a Companhia nascente, pressupõe, em primeiro lugar, um esforço de «translação» no tempo e nas categorias culturais. É o que pretendemos fazer nesta Primeira Parte: Facilitar uma primeira abordagem ao que foi a Companhia de Santa Teresa de Jesus no conjunto de vocações daquela Igreja espanhola do último quarto de século; referir as circunstâncias concretas de que Deus se serviu para inspirar e amparar o seu projecto apostólico; que situação social enfrentou Henrique de Ossó e a partir de que perspectiva, e como entendeu dar resposta aos *sinais* daquele tempo, fundando a Companhia. Para além de tudo isto, procuramos descobrir as suas preocupações profundas, os seus verdadeiros interesses.

Como filho da sociedade e da Igreja espanhola do seu tempo, Henrique de Ossó serve-se do simbolismo militar – de tradição bíblica, jesuíta e teresiana – para apresentar aos seus contemporâneos a Companhia de Santa Teresa de Jesus. E é a partir desse simbolismo que nós vamos contemplá-la.

Nesta Primeira Parte do estudo, manter-nos-emos dentro do campo semântico militar, especialmente nos títulos, respeitando, frequentemente, as formulações textuais – apesar de sabermos que não é do agrado da nossa época –, com o objectivo de aprofundar o significado e alcance daquela simbologia, que transcende aquele momento e que é preciso re-interpretar hoje.

Se não estivéssemos convencidos de que o carisma se encarna, e de que não é possível compreendê-lo senão nas circunstâncias sociais e históricas em que nasce e vive, teríamos prescindido destes aspectos hoje anacrónicos. Sabemos,

porém, que só é possível conhecer o que há de carismático, transcendente e duradouro na Companhia, descobrindo-o na trama da vida pessoal, eclesial e social de Henrique de Ossó e das primeiras gerações de irmãs. Ou, o que é o mesmo, reler um texto pressupõe uma leitura prévia bem feita, atendendo ao seu contexto. Tudo o resto presta-se a extrapolações, interpretações subjectivas ou adaptações incorrectas que desejamos evitar, *levando* – como se diz com graça em linguagem popular – *a água ao nosso moinho*.

## Capítulo I

### UM CONTEXTO, UM NOME E UMA MISSÃO

#### 1. Um contexto: a Restauração

No dia 29 de Dezembro de 1874, foi proclamado rei Afonso XII, depois dos turbulentos anos do *Sexénio democrático*. Com ele se inaugurava um novo período da história da Espanha, cheio de esperança para a maior parte dos católicos que desejavam a rápida recuperação da paz perdida<sup>1</sup>. O próprio Pio IX intervém diligentemente em apoio da Nação, facilitando as relações do novo governo com a Igreja:

«Encarregámos o Núncio de procurar, por todos os meios que estiverem ao seu alcance, junto daqueles que governam a nação, e do sereníssimo Rei católico, que sejam plenamente reparados os danos infligidos à Igreja de Espanha pelas turbulências civis durante o tempo da revolução...»<sup>2</sup>.

Durante o *Sexénio revolucionário*, a Espanha passara por todas as formas de governo possíveis, no meio de uma grande instabilidade social. Para um sector minoritário de espanhóis, no entanto, este breve período representou a esperança da mudança e a emancipação da sociedade espanhola do poder religioso e clerical.

A revolução de Setembro de 1868 acabou com a monarquia de Isabel II que, nos últimos anos, tinha provado a sua incapacidade para resolver as crescentes exigências da sociedade espanhola<sup>3</sup>. Foi constituído um Governo provisório que expôs à nação os objectivos prioritários da revolução: queda da

---

<sup>1</sup> Neste primeiro capítulo e no seguinte, procuramos situar o leitor no contexto em que nasceu a Companhia, ou seja, nos primeiros anos da «Restauração monárquica» (o período constituinte e a aprovação da Constituição), referindo a problemática em que vivem a sociedade e a Igreja espanholas naquele momento. Aludiremos, inevitavelmente, ao período imediatamente anterior, designado por «Sexénio revolucionário», «liberal» ou «democrático» (1868-1874), pois sem lhe fazermos referência não seria possível entender «A Restauração». (Cf. ANEXO III: «España en el siglo XIX»).

<sup>2</sup> Carta de Pio IX ao Cardeal de Toledo, publicada em RT N° 44, Maio 1876, 200-203.

<sup>3</sup> Para um maior conhecimento dos acontecimentos políticos e religiosos deste período, relacionados com Henrique de Ossó, pode ler-se «*Se derrumba el edificio social*», capítulo V, ponto 1. de G. RODRÍGUEZ e S. CASADO, *Experiência espiritual de Henrique de Ossó*, Editorial A.O. – Braga 1997, 135-140.

monarquia para implantar um sistema democrático e estabelecimento da liberdade religiosa, de ensino, da imprensa, de reunião e de associação para todos os espanhóis. No entanto, «desde os primeiros dias da revolução, as juntas revolucionárias acrescentaram às suas medidas democráticas, alguns conteúdos anticlericais que não só feriam os sentimentos católicos, mas que se opunham aos princípios liberais que proclamavam. O governo provisório confirmou as medidas anticlericais das Juntas nos decretos de Outubro e as Cortes constituintes, por seu lado, elevaram-nas à categoria de leis»<sup>4</sup>.

Em 1869 foi elaborada e aprovada a nova *Constituição* que estabelecia todas as liberdades e «proclamava a liberdade de todas as igrejas, menos a daquela única Igreja que os espanhóis conheciam, como dizia *Le Journal de Paris* em tom irónico»<sup>5</sup>. Cortaram-se as relações com a Santa Sé, e o Governo liberal esqueceu quase todos os pontos da Concordata<sup>6</sup>. A Igreja católica viu-se privada do controlo do ensino e, o que era pior, pela primeira vez na sua história, perdeu a *unidade católica* da nação, ao permitir a prática de outros cultos.

Em 1871 foi constituída uma monarquia democrática, com a eleição de um rei estrangeiro, Amadeu de Sabóia, que nunca foi aceite pela maior parte dos espanhóis. Dois anos depois, o rei eleito abandonava a Espanha e, face ao fracasso da monarquia, era proclamada a República em 1873, desenlace lógico da revolução de 68. O governo da República não respeitou as normas constitucionais e a instabilidade política foi visível na sucessão de quatro presidentes em menos de um ano, o que mostrava que este também não era o sistema político ideal para a época.

Por fim, em finais de 1874, e a seguir a dois golpes de estado, é restaurada em Espanha a monarquia da dinastia dos Borbons na pessoa de Afonso XII (filho de Isabel II) e inaugurado um novo período histórico<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> M. REVUELTA GONZÁLEZ, «*El anticlericalismo en la España del siglo XIX*», em *Razón y Fe*, Tomo 233 (1996), 405.

<sup>5</sup> R. AUBERT, *Pío IX y su época*, em *Historia de la Iglesia XXIV*, Valencia, EDICEP, 1974, 437.

<sup>6</sup> Esta Concordata tinha sido assinada em 1851, na década moderada por Narváez, durante o reinado de Isabel II, e até esse momento, todos os governos a tinham respeitado.

<sup>7</sup> O novo rei foi muito bem recebido, excepto pelos partidários do Carlismo. O ministro de Graça e Justiça apressou-se a dirigir aos Bispos o futuro programa da Monarquia canovista, reforçando assim a confiança e a alegria despertadas entre o clero e os fiéis pela sua instauração. Dizia assim: «*A proclamação do nosso Rei Dom Afonso XII, sendo o verdadeiro termo daqueles distúrbios, será, por isso mesmo, o princípio de uma nova era, na qual serão restabelecidas as nossas boas relações com o Pai comum dos fiéis, infelizmente interrompidas pelos excessos destes últimos tempos; proceder-se-á, em tudo quanto possa afectar estas recíprocas relações, com o conselho dos sábios prelados e de acordo com a Santa Sé, e dar-se-á à Igreja e aos seus membros toda a protecção que lhes é devida numa nação como a nossa eminentemente católica*». (Cf. J. M. CUENCA TORIBIO, «*El Catolicismo Español en la Restauración*», em *Historia de la Iglesia en España V. La España contemporánea*, BAC, Madrid 1979, 277; V. CÁRCEL ORTÍ,

Continuou à frente do governo, D. Antonio Cánovas, que se propôs, como tarefa prioritária, a redacção de uma nova Constituição, que não iria ser do partido, mas de toda a nação<sup>8</sup>.

De acordo com o seu ideário político, o Governo de Cánovas promulgou, seguidamente, diversas Ordens que derrogavam as medidas sancionadas pelas legislações precedentes e que tinham causado o maior escândalo entre a hierarquia<sup>9</sup>. Restabeleceu as relações diplomáticas com a Santa Sé, reabilitando os acordos da Concordata. No entanto, as esperanças de que a monarquia afonsina consagrasse a *unidade católica* perdida durante o Sexénio revolucionário, ficaram defraudadas. A redacção da nova Constituição foi polémica e trabalhosa.

Enquanto o sector liberal pretendia que fossem mantidas todas as liberdades reconhecidas pela Constituição de 1869, o sector católico aspirava a um regresso à Constituição moderada de 1845<sup>10</sup>. Todavia, D. Antonio Cánovas

---

*La revolución Burguesa (1868-1874)*, em *Historia de la Iglesia española V. La España contemporánea*, BAC, Madrid 1979, 274-276; B. BARTOLOMÉ (Dr.), *Historia de la Acción educadora de la Iglesia en España II. Edad contemporánea*, BAC, Madrid 1997, 18-21).

<sup>8</sup> Cánovas de Castillo, liberal moderado e chefe do partido afonsino, já antes de ser Presidente do Governo, tinha dito, em 1873, preparando a Restauração: «Empenhar-se em restabelecer o que passou, seria grave erro, e as suas consequências funestas sofrê-las-íamos, antes de mais ninguém, a monarquia e nós próprios. Aspiro a que uma Constituição liberal e generosa agrade a todos os espanhóis que desejam a prosperidade da pátria [...]. Moderados, progressistas, unionistas ou revolucionários, merecem-me a mesma consideração [...]. Não perguntarei àquele que vier, o que foi; bastar-me-á saber o que se propõe vir a ser» (J. M<sup>a</sup> GARCÍA ESCUDERO (ed.), *Cánovas, un hombre para nuestro tiempo. Antología de textos y discursos*, BAC, Madrid 1989, 187).

<sup>9</sup> De especial importância foi tudo quanto se refere ao casamento civil e à liberdade de ensino. (Cf. CUENCA TORIBIO, *op. cit.*, 278). Vejamos como trata o tema da liberdade de ensino – a chamada «segunda questão universitária» – D. Marcelino M. Pelayo, uma figura contemporânea dos factos que, sem estar de acordo com os professores krausistas, procura ser objectivo: «A infecção do ensino, mesmo nos seus graus inferiores, era tal, que o primeiro Governo da restauração tratou de lhe atalhar, apesar de o ter feito de um modo incompleto, doutrinal, e quase ilusório nos seus resultados. O Ministro do Fomento (Orovio), a 26 de Fevereiro de 1875, enviou uma ordem aos reitores para que não tolerassem nas aulas ataques contra o dogma católico e as instituições vigentes e obrigassem cada um dos professores a apresentar os seus respectivos programas. Salmerón, Giner, González Linares, Calderón, Azcárate e alguns outros, rebelaram-se e foram afastados em virtude do despacho. O afastamento foi justo. Não os desterros e tropelias que o acompanharam. A arbitrariedade sempre foi muito espanhola. E foi-o também fazer as coisas a meias. É certo que foi retirado do ensino o principal plano krausista, e que, em consequência, renunciaram às suas cátedras os ex-ministros Castelar, Montero Ríos [...]; mas foram muito mais numerosos os protestos [...]. Outros, mais prudentes ou mais tímidos, embora não menos sectários, submeteram-se em silêncio, e continuaram a ensinar o que muito bem lhes parecia, até que veio um governo mais radical que restituiu as cátedras a todos os afastados [...] e que assegurou a liberdade sem restrições de dar às novas gerações veneno por leite» (M. MENÉNDEZ PELAYO M., *Historia de los heterodoxos españoles II, (1882)*, BAC, Madrid, 1956, 1165-1166). Sobre o krausismo daremos mais informações no final do capítulo, ao falar da Instituição Livre do Ensino.

<sup>10</sup> Quando o presidente do governo, D. Antonio Cánovas, distribuiu *as pastas*, muitos dos candidatos aos ministérios não aceitaram, ao virem a saber que ele não pensava em restabelecer a

manteve-se num meio termo tolerante e ambíguo, que não agradou nem a uns nem a outros, mas que proporcionou à nação uma verdadeira estabilidade<sup>11</sup>.

O artigo 11º da Constituição declarava o *Estado Confessional* da nação, mas sancionava, explicitamente, a tolerância religiosa. O polémico parágrafo diz textualmente o seguinte: «A religião católica, romana, é a religião do Estado, mas ninguém será molestado, em território espanhol, pelas suas opiniões religiosas, nem pelo exercício do seu respectivo culto, salvo o devido respeito pela moral cristã»<sup>12</sup>. Efectivamente, este parágrafo era ambíguo, pois estava em contradição com a aplicação estrita do artigo 2º da Concordata de 1851 com a Santa Sé, novamente vigente no reinado de Afonso XII.

Por outro lado, os artigos 12º e 13º da nova Constituição davam continuidade à orientação liberal da Constituição de 1869. Esta última consagrava a *liberdade de manifestação do pensamento* ou de expressão, e o artigo 12º garantia à iniciativa privada a *liberdade de criação de centros educativos*, embora o Estado se reservasse «não só a faculdade de proceder às nomeações profissionais, mas de fixar as respectivas condições»<sup>13</sup>.

Na prática, «a tolerância religiosa consagrada na Constituição de 1876, deixou católicos e liberais desgostosos. Aos primeiros, parecia-lhes uma liberdade de culto camuflada, e aos segundos, o retrocesso da liberdade religiosa, a mais preciosa conquista da Revolução. Na realidade, porém, o sistema tolerante da restauração afonsina foi benéfico para todos. Para a Igreja, em primeiro lugar, que pôde relançar as suas próprias forças e recuperar a sua influência social; mas também para os numerosos grupos e forças dissidentes da

---

Constituição de 1845, e que, pelo menos durante os primeiros tempos, pensava deixar vigentes muitas das cláusulas da de 1869. (Cf. Enciclopedia Universal ESPASA Vol. 10, 208).

<sup>11</sup> Cánovas pretendia uma Constituição de *conciliação* entre as diversas forças políticas, tão opostas, e na realidade, conseguiu-o, pois com ela puderam governar – até bem entrado o século XX – partidos políticos de distinto cariz. Por outro lado, no que se refere à questão religiosa, Antonio Cánovas – que era profundamente católico – conservou-se fiel às suas ideias, já manifestadas nas Cortes de 1869, onde declarou: «Durante muito tempo desejei e, no fundo, continuo a desejar, a conservação da unidade religiosa [...]. Mas por outro lado, senhores, há já também muito tempo que tenho a opinião sincera, concreta, terminante, de que o tempo de qualquer repressão física passou para sempre. E não defendo, portanto, e não defenderei jamais a intolerância religiosa [...]. Tudo isso passou para não voltar. Na minha opinião, tudo isso constituía uma excepção no mundo, e é ponto de honra de todos os espanhóis que desapareça» (Cf. J. Mª ESCUDERO (ed.) *Cánovas, un hombre...*, 194).

<sup>12</sup> O artigo despenaliza as confissões religiosas não católicas e sugere um certo reconhecimento da *liberdade de ensino*. Contudo, admite o controlo das confissões não católicas, pois acrescenta: «não serão permitidas outras cerimónias nem manifestações públicas a não ser as da religião do Estado» (Cf. AUBERT R., *Historia de la Iglesia XXIV. Pío IX y su época*, Edicep, Valencia 1974, 439).

<sup>13</sup> ESPASA CALPE Vol. 15, 34.



religião católica, que não eram impedidos de tornarem públicas as suas críticas e de organizarem as suas instituições culturais, sobretudo educativas»<sup>14</sup>.

Durante os meses de redacção, o famoso artigo 11º provocou um alarme geral entre grande parte dos católicos espanhóis que, representados pela imprensa católica, pelo clero, pelos bispos e, inclusivamente, pelo Romano Pontífice, fizeram ouvir os seus protestos e formularam as suas reclamações<sup>15</sup>. Vejamos em que termos se exprime o Papa Pio IX:

«Declaramos que o referido artigo que pretendem aprovar como lei do reino, e pelo qual tencionam dar poder e força de direito público à tolerância de qualquer culto não católico [...] viola absolutamente os direitos da verdade e da religião católica, [...] e dando entrada ao erro, deixa desimpedido o caminho para combater a religião católica [...].

Esta ilustre nação [...], rejeitando, com desdém, a referida liberdade e tolerância, pede, com todo o empenho e com todas as suas forças, que seja conservada intacta e incólume a unidade religiosa que lhe legaram os seus pais»<sup>16</sup>.

A *Revista Teresiana* do ano 1876, reflecte a situação tensa em que se encontram os católicos espanhóis na expectativa da nova Constituição, com a esperança de que o referido artigo seja modificado. Além da publicação de textos episcopais ou da Santa Sé, como aquele que citámos de Maio de 1876, *O Solitário* faz-se eco do sentir da Igreja espanhola, lamentando ou implorando aos céus em tons proféticos:

\* Na *Revista* do mês de Abril faz um apelo à oração de todos:

«Nestes tempos tristíssimos para a Religião, devemos redobrar as preces ao Senhor, porque as necessidades são extremas. Não só em Espanha, onde está em

<sup>14</sup> M. REVUELTA GONZÁLEZ, «*El anticlericalismo en la España del siglo XIX*», em *Razón y Fe*, Tomo 233 (1996), 406-407.

<sup>15</sup> «Na sessão [constitucional] de 18 de Abril, foi apresentada uma proposta assinada por D. Fernando Álvarez, marquês de Vallejo, D. Manuel Batanero e outros, pedindo que fosse reinserido, na nova Constituição, o artigo 11º da Constituição de 1845 referente à Unidade católica, a qual foi rejeitada por Cánovas, recordando umas declarações suas feitas em 1869, nas quais dissera que não defendia, nem defenderia jamais, a intolerância religiosa, nem conservaria as sanções existentes no código penal contra os espanhóis que não admitissem o credo da Igreja católica, por considerar que, depois do anterior período de liberdade religiosa, seria uma espécie de revogação do Edito de Nantes, em luta com os conquistadores de Toledo e os próprios reis Católicos que, tanto em Granada como na cidade imperial, concederam aos árabes o livre culto da sua religião. Depois deste eloquente discurso, a proposta foi posta de lado e restabelecida a tolerância religiosa em Espanha» (*Enciclopedia Universal* ESPASA V. 10, 208).

<sup>16</sup> RT 1875-76, 202.

perigo a unidade católica, o mais rico dom que nos legaram os nossos pais, e o único resto glorioso da sua antiga grandeza...»<sup>17</sup>.

Dois meses depois, em Junho, «*Desde a Solidão*» chegam aos leitores os lamentos do profeta. Isaías e Jonas emprestam-lhe as suas palavras, próprias para a ocasião:

«Quem dará lágrimas aos meus olhos para chorar as desventuras da minha pátria? Quem mitigará as angústias do meu povo?...

Se foi pelos pecados do vosso Solitário que se levantou a tormenta, lançai-me, Senhor, ao mar do esquecimento»<sup>18</sup>.

\* E no mês de Agosto, o «*triste Solitário*» está de luto, inconsolável, como o salmista no exílio da Babilónia, pelo trágico desenlace<sup>19</sup>:

«Como há-de cantar o triste Solitário nos dias de luto para a Religião Católica? Como afinar a cítara, há dias pendurada no melancólico salgueiro, já que viu quebrada a Unidade católica na sua pátria por mãos espanholas?»<sup>20</sup>.

A partir deste momento, juntamente com as lágrimas, a denúncia e as orações incessantes, abre-se nova porta à esperança teológica – já que parece perdida a esperança humana –, ao mesmo tempo que o P. Henrique redobra os esforços pela regeneração da Espanha.

Neste contexto de ruptura definitiva da *unidade católica* – tal como a Igreja interpretou a nova situação legal –, mas aproveitando as liberdades que a Constituição reconhecia, é que temos que situar as novas iniciativas apostólicas de Henrique de Ossó e o seu apelo veemente ao compromisso dos católicos que o escutam, bem como o nascimento da Companhia de Santa Teresa de Jesus, numa época de possibilidades legais para a criação de novos centros educativos.

Em sintonia com o episcopado espanhol – e repercutindo as suas preocupações pastorais –, o P. Henrique tinha já iniciado a sua propaganda católica durante o Sexénio revolucionário por meio do jornal *El Amigo del Pueblo* (1871) que surgiu para defender a Igreja da publicação anticlerical de Tortosa, *El Hombre*. Sem preparação jornalística, viu-se obrigado, nessa altura, a lutar com as mesmas armas dos da frente inimiga e os poucos meses de vida

<sup>17</sup> RT N° 43, Abril 1876, 188.

<sup>18</sup> RT N° 45, Junho 1876, 247-248.

<sup>19</sup> Na realidade, a Constituição fora aprovada pelas Câmaras de Deputados e Senadores, a 27 de Junho. A 29, o Rei sanciona-a e promulga-a; e a 2 de Julho, a Espanha acorda com uma nova Constituição nas primeiras páginas da *Gaceta de Madrid*. (Cf. J. M<sup>a</sup> GARCÍA ESCUDERO (ed.), *Canovas del Castillo op. cit.*, 40; L. AGUIAR DE LUQUE, «Los fundamentos doctrinales de la Restauración. El proceso constituyente y la Constitución de 1876», em J. M<sup>a</sup> JOVER ZAMORA (Ed. dirigida por), *Historia de España Menéndez Pidal*, vol. XXXVI, Espasa Calpe, Madrid 2000, 37-45; *Gaceta de Madrid*, domingo 2 de Julho de 1876, Tomo III, pág. 9 e ss.).

<sup>20</sup> RT N° 47, Agosto 1876, 303.

deste jornal foram um ensaio suficiente para o futuro Director da *Revista Teresiana* que saiu a lume em Outubro de 1872, com o objectivo de formar, segundo o espírito teresiano, «todos os espanhóis, sem distinção de classes, opiniões e partidos»<sup>21</sup>. Para a mulher em particular, fundou, um ano depois, a *Associação das Jovens Católicas*: uma catequese pós-baptismal de iniciação à oração e ao compromisso cristão, vividos no próprio meio.

Agora, na nova situação, aproveita a *Revista* para denunciar o erro, reivindicar a *Unidade Católica* perdida, sentindo-se sobretudo responsável por formar a consciência dos cristãos espanhóis face às novas circunstâncias. E chama-os à responsabilidade, animando-os a assumirem novos compromissos, já que as circunstâncias mudaram. Por causa da aprovação da Constituição, escreve três artigos que intitula *Organizemo-nos*<sup>22</sup>, nos quais põe em evidência esta finalidade prioritária. Diz no primeiro deles:

«Reconhecemos que, tendo sido *alteradas as circunstâncias, deve modificar-se a regra de comportamento*, tal como, com as novas invenções e armas de guerra, teve que se modificar a tática militar. E na nossa Espanha, esta organização<sup>23</sup> é mais urgente por causa do *novo modo de ser das leis*. Até aos nossos dias, o Estado cuidava de tudo, fiscalizava tudo [...]. Mas hoje em dia, o Estado quis prescindir desse cuidado e vigilância especial no campo da Religião<sup>24</sup>, quebrando a unidade católica e nós, os espanhóis, ficámos quase órfãos por esse lado, sendo obrigados a cuidar nós próprios de nós mesmos e a atender a mil coisas a que até agora não prestávamos atenção, confiados no bom zelo da Nação [...]. Não é esta a ocasião [propícia] para nos determos a lamentar tamanha desgraça, mas para imaginar meios práticos de avivar a fé e de assegurar os interesses de Cristo Jesus e da sua Igreja, *trabalhando com zelo*

<sup>21</sup> A Introdução do primeiro fascículo de Outubro de 1872, é uma espécie de ideário ou declaração de intenções, no qual o fundador e director exprime a finalidade da revista, interpelando os futuros leitores: «*Hora est jam nos de somno surgere [...]. Despertemos do nosso letargo, é chegada a hora de cessar o nosso esquecimento [...]. Espanhóis todos, sem distinção de classes nem de partidos, escavemos nesta mina [Teresa de Jesus]*». RT 1872-73, 12.

<sup>22</sup> A aprovação definitiva da Constituição com a formalização do novo regime, tinha sido em finais de Junho de 1876. No mês de Outubro desse ano houve a famosa Peregrinação a Roma de 10.000 espanhóis como «prova de amor, veneração e adesão inquebrantável à Igreja e ao seu Vigário» por parte do povo espanhol (RT 75-76, 337). No dia 15 de Outubro foram recebidos por Sua Santidade que lhes dirigiu um discurso convidando-os à «Unidade dos bons» (Cf. RT 76-77, 8-11; 20). A *Revista* de Novembro publica o discurso (RT 76-77, 29-32). E em Dezembro, começa a série de artigos *Organizemo-nos* que comentam admiravelmente as palavras do Papa aos espanhóis. Na realidade, a força persuasiva destes artigos do P. Henrique, é fruto da sua experiência de vários anos.

<sup>23</sup> Refere-se concretamente ao artigo 12º da Constituição que, segundo a orientação liberal, garantia à iniciativa privada a liberdade de criação de associações e centros educativos.

<sup>24</sup> Agora alude ao artigo 11º: Tolerância religiosa. O facto de o Estado deixar de «cuidar» da Fé católica, é um motivo de responsabilidade dos próprios católicos como tais. Os católicos atingiram a maioria.

*e suprindo o que dantes fazia o Estado. Não ignoramos que esta situação nova nos impõe novos deveres»<sup>25</sup>.*

O P. Henrique não ignora as dificuldades que vão surgir na nova situação, «mas permaneçamos firmes – diz – e dediquemo-nos a esta obra confiando em que Deus não nos faltará com o seu auxílio». É necessário resistir «aos embates da impiedade». A audácia e a fortaleza para a luta baseiam-se na confiança em Deus e na oração:

«Se Deus está connosco, quem contra nós? [...] Oremos para que o Senhor nos ilumine para acertarmos no lançamento das bases da organização, e graça para todos os católicos as assumirem, para a maior glória de Deus»<sup>26</sup>.

Em finais de 1876, Henrique de Ossó não podia considerar esta situação como sendo a melhor, mas com o sentido positivo que o caracteriza, é capaz de reconhecer as possibilidades de acção e de combate que as mesmas leis oferecem. Quer aproveitá-las pessoalmente e deseja que os seus irmãos católicos as aproveitem. *Organizemo-nos* / antecipa-se uns quantos anos à chamada *estratégia possibilista*, «que parte da aceitação do marco político liberal como *mal menor* e trata de alcançar o objectivo da *reconquista* a partir das novas instâncias e vias institucionais»<sup>27</sup>. Esta estratégia coexiste na Igreja espanhola com a *estratégia integralista*, muito mais frequente sobretudo nos primeiros anos da Restauração, a qual parte da possibilidade social e política de manter a «tese» de cristandade. Nos Congressos Católicos (1889-1902) e relativamente à *questão escolar*, a Igreja propõe a utilização desta dupla estratégia, de acordo com a ambiguidade do quadro legal. Mas observa-se – diz F. Montero –, à medida que se consolida a situação liberal, uma maior insistência na *estratégia possibilista* especialmente a partir de 1898<sup>28</sup>.

É um artigo programático. Propõe aos leitores as mesmas tácticas apostólicas que ele utiliza desde há tempos. Nada do que Henrique de Ossó *projecta e realiza* carece de uma consideração prévia da realidade e de um discernimento dos modos de proceder mais convenientes em cada situação. A leitura *dos sinais destes tempos* havia de ter necessariamente em conta a nova legislação. É neste contexto e nesta situação que vai nascer a Companhia de

<sup>25</sup> RT N° 51, Dezembro de 1876, 63. Publicado em EEO III, 814.

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> B. DELGADO CRIADO (Coord.), *Historia de la educación en España y América 3. La Educación en la España contemporánea (1789-1975)*, S.M., Madrid, 1994, 286.

<sup>28</sup> F. MONTERO, em B. DELGADO CRIADO (Coord.), *op. cit.*, 286. E acrescenta: O Congresso de Burgos (1899) e, sobretudo o de Santiago (1902), insistem sobretudo no incremento da escola católica como alternativa pedagógica, no quadro de um reconhecimento académico pleno, apelando para o artigo 12° da Constituição, 286.

Santa Teresa de Jesus, a 23 de Junho de 1876, nas vésperas da promulgação da nova Constituição.

## 2. Um nome e uma missão:

### Companhia de *preferência* de Santa Teresa de Jesus

No documento de Inspiração aparece já o Nome próprio, «Companhia de Santa Teresa de Jesus», como a melhor síntese da obra idealizada por Henrique de Ossó naquele 2 de Abril de 1876, embora não sejam dadas explicações sobre a escolha do Nome. Todavia, no discernimento pessoal escrito à margem, no qual se interroga sobre se tal pensamento viria realmente de Deus, anota como 3ª razão:

«É o complemento da Congregação das Jovens católicas. Oh, como se dariam bem as mãos! quantos milagres veríamos! Quão depressa o mundo regenerado, a Espanha em especial!»<sup>29</sup>.

Nos dias que se seguiram à Inspiração, deve ter ido amadurecendo a estreita relação entre estas duas obras de zelo, pois em todos os artigos sobre a Companhia e, de uma maneira geral, sempre que fala dela nos primeiros anos, Henrique de Ossó apresenta-a como intimamente relacionada com a *Associação das Jovens Católicas*. E isto não só por razões táticas, já que esta *Associação* era muito conhecida dos leitores da *Revista*, mas porque a Companhia, «como o seu nome indica», nasce da espiritualidade apostólica teresiana de Henrique de Ossó, da qual já participavam, como leigas e como mulheres, as jovens da *Arquiconfraria*<sup>30</sup>, algumas das quais irão fazer parte da Companhia.

Por esta razão, não seria possível conhecer a Companhia sem ter presente o que, naquele momento, representou a *Associação das Filhas de Maria e de Teresa de Jesus*, o que pretendia, os seus meios apostólicos e também as suas limitações. Só desta forma compreenderemos a Companhia, aquilo que partilha com a associação das teresianas leigas – da qual surge e à qual pertence, de algum modo – e o que a diferencia. E só a partir da profundidade desta relação, será possível projectar hoje, e sobretudo viver, uma espiritualidade partilhada; espiritualidade que, desde as suas origens, é *comum* a leigos e irmãs teresianas.

#### 2.1. «A Associação das Jovens Católicas ou Arquiconfraria»

<sup>29</sup> Autógrafo em AGSTJ, publicado em EEO II, 406.

<sup>30</sup> A *Associação das Jovens Católicas, filhas de Maria e de Teresa de Jesus*, fundada em Tortosa em Outubro de 1873, foi elevada, por Pio IX, à categoria de *Arquiconfraria* em Dezembro de 1874. A partir de então, fala-se indistintamente de *Associação*, *Congregação Teresiana* ou *Arquiconfraria*. Foi este último nome que prevaleceu. Enquanto Henrique de Ossó viveu, chamavam *teresianas* às jovens da associação; essa denominação passou mais tarde para *as da Companhia*.

Aludimos já no capítulo introdutório à fundação desta *Associação teresiana* durante a I República. Henrique de Ossó, preocupado com a Igreja e com a sociedade do seu tempo, especialmente naqueles tão difíceis anos posteriores à Revolução de 68, chegara à conclusão de que a mulher é uma *peça-chave* na regeneração da sociedade. Sabe, por experiência pessoal e por observação, que a mãe é *o coração da família, o sacerdote do lar*, e que só a partir do coração é possível mudar as pessoas e os grupos sociais, o principal dos quais é a família. Por isso, com a força da sua convicção e o seu zelo, e com a sua sensibilidade pessoal, dirige às jovens de Tortosa, em Outubro de 1873, um *Chamamento* premente e aliciante:

«Aquele que vos ama em Jesus Cristo e aspira a salvar a Pátria e o mundo, salvando-vos a vós, convida-vos a *militar* sob a *bandeira* destas duas Heroínas. Sois vós que deveis decidir se a família e o indivíduo e, por conseguinte, a sociedade inteira, hão-de ser de Jesus Cristo ou de Lúcifer»<sup>31</sup>.

E noutra passagem do *Chamamento*:

«A mulher católica possui a virtude da assimilação, virtude sem limites e irresistível. O mundo foi sempre o que dele fizeram as mulheres. E um mundo feito por vós, formadas segundo o modelo de Maria com os ensinamentos de Teresa, não poderá ser senão um mundo de santos. Por isso, mãos à obra, que o tempo urge e as circunstâncias obrigam»<sup>32</sup>.

Por outro lado, Henrique de Ossó tem consciência de que, *nesta luta* entre as forças do mal e os cristãos, hoje – como no tempo da Santa –, sacerdotes, teólogos e pastores da Igreja hão-de ser os *capitães* que conduzam os fiéis à vitória final. Esta é outra razão pela qual convida as jovens católicas a tomarem também parte nesta *campanha* sob a *bandeira* de Maria e de Teresa de Jesus, que, apesar de serem mulheres, são consideradas *Capitãs*.

Estas jovens, que vivem no mundo, podem salvar a Espanha e o mundo inteiro, vivendo, com seriedade e coerência, os seus compromissos baptismais:

«Não se trata de que sejais monjas, nem sequer de vos sobrecarregar com novas obrigações nem de vos impor duros sacrifícios; trata-se apenas de que sejais cristãs de veras, e de vos proporcionar os meios para o serdes»<sup>33</sup>.

E ajudando «os que trabalham na salvação das almas com as suas orações, bom exemplo e divulgação dos escritos de Santa Teresa de Jesus»<sup>34</sup>:

---

<sup>31</sup> *Regulamento da Arquiconfraria* (RHM), publicado em EEO I, 205.

<sup>32</sup> *Ibid.*, 207.

<sup>33</sup> RHM, 205-206.

<sup>34</sup> *Ibid.*, 209.

«Este castelo são os bons cristãos, e os *capitães* são os sacerdotes e bispos [...]. Mas dir-me-eis: que podemos nós fazer, débeis donzelas, para ajudar na defesa deste castelo? – Podeis fazer tudo. – Como? – procurando ser tais, que as vossas orações sejam válidas para ajudar os servos de Deus que com tantos trabalhos se fortaleceram: rezando pelos Pastores, que são os que comunicam força à gente fraca e incutem ânimo aos pequenos...»<sup>35</sup>.

A missão apostólica destas jovens consiste, pois, em rezar pelos pastores da Igreja. Além disso, na sua condição de mulheres e de leigas, podem ser «pregadoras pelas obras» – que é a pregação mais importante –, reclame e estímulo para o bem:

«A missão mais elevada de uma mulher é a de ajudar aqueles que trabalham na conversão e santificação das almas. Era este objectivo de todas as orações, trabalhos e boas obras de Santa Teresa [...]. As filhas de Santa Teresa no mundo devem continuar hoje a sua obra. Por isso, deve ser muito contínua a sua oração por aqueles que nos dão luz. Além disso, como o Apóstolo nega às mulheres a faculdade de serem pregadoras de palavras, a Santa quer que as suas filhas sejam pregadoras pelas obras, que é o género mais eficaz de pregação»<sup>36</sup>.

«Oração, pois, e boas obras, juntamente com a leitura e a imitação das virtudes de Teresa», são as *armas* que asseguram a *vitória* às jovens da Arquiconfraria, que não é senão o reinado do conhecimento e do amor de Jesus Cristo em todo o mundo<sup>37</sup>.

O *Regulamento da Arquiconfraria* e os artigos da *Revista* que falam da Associação, evidenciam a orientação apostólica combativa deste movimento feminino que nasce em plena República, num momento de ateísmo militante no qual se tornara necessário defender, não apenas a Igreja, mas até a religião. Henrique de Ossó compara a situação da Espanha com a do século XVI e deseja contribuir para a regeneração da sociedade, como noutros tempos fez Teresa de Jesus com a Reforma do Carmelo.

Alguns anos mais tarde, em diversos artigos da *Revista Teresiana* sobre a importância da formação dos sacerdotes para esta obra de regeneração social, Henrique de Ossó baseia-se nas palavras da Santa às suas monjas de S. José, para dizer o mesmo às jovens teresianas:

«É sabido que, o que mais preocupava Santa Teresa de Jesus, era procurar que na Igreja de Jesus Cristo houvesse sábios e santos sacerdotes, valentes

---

<sup>35</sup> Ibid., 208.

<sup>36</sup> Ibid., 210.

<sup>37</sup> Cf. Ibid., 208.

*capitães* que conduzissem os fiéis, com a palavra e o exemplo, à *conquista* do reino dos céus»<sup>38</sup>.

«Por isso dizia às suas amadas filhas depois de as reunir sob a insígnia da reforma da Ordem de Nossa Senhora do Carmo: "Quando as vossas orações, jejuns, disciplinas, cilícios e mortificações não tiverem esta finalidade, ou seja, a de que haja sábios e santos sacerdotes, ficai a saber que não cumpris o objectivo para o qual sua Divina Majestade aqui vos juntou"»<sup>39</sup>.

Chega, inclusivamente, a equiparar apostolicamente o Carmelo Reformado e a Arquiconfraria, deixando muito clara – isso sim – uma diferença fundamental: as carmelitas são religiosas, e as jovens teresianas são leigas:

«Compenetrados desta verdade, fundámos também e em primeiro lugar, a Arquiconfraria das Jovens Católicas [...], para completar o sublime e inspirado propósito de Teresa de Jesus. Tivemos em mira não só umas quantas almas escolhidas, que vivem no claustro em deliciosa solidão, mas todas as donzelas espanholas, para se associarem a este grande pensamento de Teresa, procurando levá-lo a bom termo com a sua cooperação, ou seja, com as suas orações, bons exemplos e conselhos»<sup>40</sup>.

Deste modo, estava a evidenciar a possibilidade e a realidade prática do apostolado laical, que se baseia nos sacramentos de iniciação, e que não foi reconhecido oficialmente senão 100 anos mais tarde, por ocasião do Vaticano II.

## 2.2. «A Companhia de *preferência* da Congregação Teresiana»

Em Agosto de 1876, quatro meses depois da Inspiração, a Companhia é apresentada em público: conta já com quase 2 meses de vida. Em dois artigos da RT, Henrique de Ossó faz uma apresentação rica, a partir de várias perspectivas, mas sempre em relação com as obras de zelo teresianas, e muito especialmente, com a Arquiconfraria. «*Desenvolvimento* [lógico] da Congregação Teresiana», nova concretização ou «*realização paulatina* do vasto plano [apostólico] do Fundador», «*o fruto mais belo, admirável e precioso da árvore de Santa Teresa*»<sup>41</sup>.

O primeiro artigo começa com uma interrogação retórica para justificar a explicação ou descrição da Companhia feita a seguir:

<sup>38</sup> RT N° 53 artigo intitulado «La Obra de las Vocaciones sacerdotales bajo la protección de San José y Santa Teresa de Jesús», em EEO III, 821-822.

<sup>39</sup> Ibid., 824.

<sup>40</sup> RT 54 (1877), em EEO III, 824.

<sup>41</sup> Para mais aprofundar esta reflexão, seria conveniente ler por inteiro os dois artigos citados, pois constituem a principal fonte. RT N° 47, Agosto de 1876, publicados em EEO III:

1º: «*La Compañía de Santa Teresa de Jesús*» (assinado X.), 794-797.

2º: «*El árbol de Santa Teresa de Jesús*» (assinado C.), 797-800.



«Uma companhia de *preferência* na Congregação Teresiana, o que será?...»

O autor do artigo, que assina X., apresenta-se como leitor assíduo, bom conhecedor da *Revista* e intérprete da curiosidade dos leitores, sendo capaz, por outro lado, de «deduzir» do Nome próprio, o significado e o sentido desta nova obra de zelo:

«... Terão perguntado, como eu, não poucos leitores da *Revista* ao verem que era recomendada às suas orações esta obra santa...»

Efectivamente, antes destes artigos de Agosto, fora feita uma ou outra referência discreta na própria *Revista* a esta «*Companhia de preferência* da Congregação Teresiana», e até, algumas vezes, o seu nome próprio:

\* Maio, alusão subliminar num artigo da *Revista*, inclusivamente antes do nascimento da Companhia:

«Quando descerá e incitará o espírito da grande Teresa pelo menos uma dúzia de peitos aguerridos e esforçados, de almas reais, que ardam em desejos de promover, e que por fim promovam, na maior escala possível, os teus divinos interesses, formando *uma companhia de preferência na Congregação Teresiana?*»<sup>42</sup>.

\* 24 de Junho, numa carta a Sardà, no dia seguinte à fundação:

«Ontem comecei-os [exercícios espirituais] a 9 jovens teresianas de escol que estão dispostas a formar uma *Companhia de Santa Teresa de Jesus de preferência na nossa Congregação*, aspirando, nada mais nada menos, do que a regenerar a Espanha por meio da educação da mulher segundo o espírito de Santa Teresa»<sup>43</sup>.

\* Julho, na secção «*Graças que se pedem a Santa Teresa e se recomendam às orações dos seus devotos*», da RT: «*A Companhia de preferência teresiana*»<sup>44</sup>.

\* Agosto, na mesma secção da *Revista*, repete-se idêntica intenção: «*a Companhia de preferência teresiana*»<sup>45</sup>.

Os leitores desse artigo de apresentação depararam-se então – e deparamo-nos hoje nós – com uma explicação do nome «*Companhia de preferência*», que remonta aos inícios da *Arquiconfraria*, e que evidencia o seu

---

<sup>42</sup> RT N° 44 «*Aficiones de Santa Teresa de Jesús*» II, 222.

<sup>43</sup> Carta a Sardà N° 38.

<sup>44</sup> RT 1875-76, 298.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 304.

espírito combativo. Para o explicar, são inclusivamente citadas palavras do *Chamamento* às jovens católicas de 1873:

«Como sei – disse às jovens católicas no primeiro dia de implantação da Congregação – que os peitos espanhóis são generosos [...] e que pulsa neles um coração de fogo capaz de grandes obras, proponho-vos o meu plano sob a forma de *batalha*».

E faz um balanço muito positivo dessa Congregação-exército, três anos depois de ter sido fundada:

«Aquilo que, há apenas três anos, era um pelotão, é hoje um *numeroso e aguerrido exército*<sup>46</sup>, que, sob o estandarte de Maria e de Teresa, guiado e animado por tão invencíveis *capitães*, luta e alcança, todos os dias, grandes e repetidas vitórias sobre os inimigos da nossa salvação eterna»<sup>47</sup>.

Finalmente, é chegado o momento de apresentar a «*Companhia de preferência*» do *grande exército* da *Arquiconfraria*. É o significado militar de *companhia*<sup>48</sup>, e não outro, que está subjacente à explicação do novo instituto, *vanguarda apostólica* do *exército* de Teresa de Jesus:

«[mas] nos grandes exércitos deve haver, e há sempre, pelo menos uma *divisão ou companhia* de preferência relativamente às outras...

É colocada, primeiramente, em relação com a Reforma teresiana, com as filhas e os filhos do Carmelo:

– [No século XVI], quis a Santa que [essa *companhia*] fosse a Reforma carmelita, os seus filhos do Carmelo, os quais [...] haviam de contribuir bastante para a Reforma dos costumes e salvação das almas [...] contra a falsa reforma».

---

<sup>46</sup> Tal como a Igreja hierárquica e, de uma maneira geral, todos os cristãos, Henrique de Ossó olha para a Espanha do seu tempo e reconhece o radicalismo com que os liberais progressistas estão a perseguir a Igreja e os seus princípios, as suas instituições e os eclesiásticos; e compara este momento histórico e eclesial com o da Contra-reforma do século XVI. Também então surgiram «traidores» no seio da Igreja, houve heresias e luta fratricida na Europa. Teresa de Jesus surgiu então como uma mulher providencial em defesa da Igreja: concebeu e pôs em marcha a reforma carmelita. Hoje – pensa Henrique de Ossó – a situação da Espanha não é melhor, mas sim pior que aquela, porque «agora temos dentro os inimigos». Está a referir-se aos rebentos de protestantes, espiritas, etc., como consequência da liberdade de culto e de ensino sancionada, primeiro pela Constituição liberal de 1869, e agora, novamente, pela Constituição canovista.

<sup>47</sup> RT N° 47, em EEO III, 794-795.

<sup>48</sup> *Companhia*: «unidade de infantaria, de engenheiros ou de um serviço que quase sempre faz parte de um *batalhão*. É quase sempre comandada por um *capitão*». O *exército*, dirigido por um *general*, divide-se em *batalhões* dirigidos por *comandantes*; e os *batalhões*, por sua vez, dividem-se em várias *companhias*. DRAE 92. Este significado militar de *companhia* é exactamente o que está subjacente à explicação do novo instituto, *grande obra de zelo do exército de Teresa de Jesus*.

– Hoje<sup>49</sup> esta *divisão de vanguarda* é «a Companhia de Santa Teresa de Jesus» que, como o seu nome indica, é uma *legião de escol* do *novo exército* de filhas da invencível *Capitã* Santa Teresa de Jesus<sup>50</sup>».

E continua a relacionar o século XVI com o século XIX; as teresianas da Arquiconfraria e «*algumas de escol*» desta associação que Teresa vai despertando:

«Hoje, que os dias são maus, piores que no tempo de Teresa de Jesus [...], era também forçoso que a bendita Santa – que não dorme quando se trata de promover os interesses de Cristo – despertasse, entre tantos milhares de filhas suas, algumas [...] que, ao verem como Lúcifer vai conquistando almas, dêem a cara pelo seu Jesus e se exercitem e disponham [...] para alcançarem tão alto fim...

E como conclusão:

«Numa palavra, *trabalhem no meio do mundo por tornarem fecundo o apostolado da mulher na maior escala possível*»<sup>51</sup>.

Hoje como ontem, a Santa continua a despertar algumas jovens que «não se contentam com carpir e choramingar ao verem que os maus abrem fendas no reino de Cristo Jesus», mas que, «cingindo-se de fortaleza, dão a cara por Jesus». Estas são chamadas à *Companhia de preferência*, à *vanguarda* apostólica da Arquiconfraria: jovens com um grande desejo de promover os interesses de Jesus na maior escala possível, chamadas por Jesus, e dispostas a trabalhar no meio do mundo, que se preparam e dispõem para uma acção apostólica mais eficaz:

«É verdade que todas as filhas e devotos da grande Santa têm o especial encargo de olharem pela honra de Jesus e da sua Teresa; mas têm-no, de um modo ESPECIALÍSSIMO, as jovens que são chamadas a formar, na nossa Congregação, uma *tão distinta Companhia*»<sup>52</sup>.

Além desta afirmação, há uma outra, mais incisiva e recorrente, que aparecera já, veladamente, no artigo de Maio e que agora, em Agosto, é repetida por três vezes com pequenas variantes.

\* Na primeira vez, refere-se ao *PROJECTO* da Companhia:

---

<sup>49</sup> A situação da Espanha com uma Constituição que quebrava definitivamente a *unidade católica*, não era melhor que a do tempo da Santa. Henrique de Ossó está disso muito consciente: «Hoje, que os dias são maus, piores do que no tempo de Teresa de Jesus, pois então os inimigos estavam fora e hoje temo-los em casa».

<sup>50</sup> *Sumário das Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus* (SC) em EEO II, 66.

<sup>51</sup> EEO III, 795-796.

<sup>52</sup> *Ibid.*, 798.

«segundo o seu nome indica, destina-se a *zelar pelos interesses de Jesus* na maior escala que for possível à mulher católica».

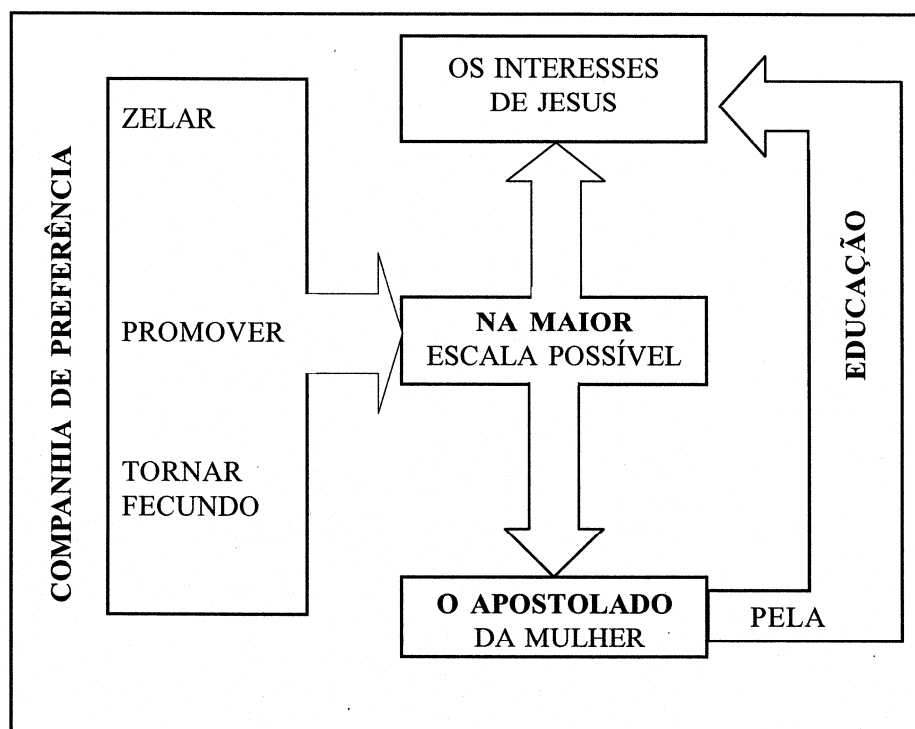
\* Na segunda, concretiza-se na **ACÇÃO** propriamente dita:

«Numa palavra, trabalhem no meio do mundo por *tornarem o apostolado* da mulher *fecundo* na maior escala possível».

\* A terceira, é a mais explícita. Fala das aspirações dos seus membros e, por fim, explicita a **MEDIAÇÃO**:

«desejam, obedecendo, na maior escala possível que for consentida a uma mulher do século XIX, promover estes divinos interesses, *por meio do apostolado do ensino*»<sup>53</sup>.

A estrutura e as palavras são quase as mesmas. Poderíamos ler assim:



Tanta insistência nas mesmas ideias leva-nos a pensar que, com a Inspiração da Companhia, são reveladas a Henrique de Ossó novas possibilidades apostólicas para a mulher, nas quais, anteriormente, não tinha sequer pensado. Foi como se, naquela noite de 2 de Abril, e nos meses seguintes

<sup>53</sup> EEO III, 795-796.

em que foi amadurecendo a ideia, o Espírito Santo lhe tivesse aberto os olhos para algo de novo.

Aos leitores de 1876, e especialmente às leitoras teresianas, deve-lhes ter interessado a nova obra, pois foram bastantes as que se «inscreveram». Quanto a nós, não podemos passar por cima desta afirmação – que irá sendo clarificada e explicada em anos sucessivos – pois nos parece *fulcral* para interpretar a Companhia de ontem e para reler e projectar a Companhia de hoje e de amanhã.

### 2.2.1. «Como alcançar fim tão sublime?»

No segundo artigo da *Revista Teresiana* em que é apresentada a *Companhia*, indica, sem a explicar, uma razão interessante que havemos de ter presente na leitura e interpretação de todos os textos que falam da Companhia:

«... Esta nobre *Companhia* foi justificadamente intitulada *de preferênci*a porque PELOS MEIOS DE QUE DISPÕE, poderá olhar PREFERENTEMENTE pela honra de Jesus e da sua Teresa»<sup>54</sup>.

Já no artigo anterior, sintetizara esses meios preferentes e novos. Dizem respeito à *preparação*: «preparando-se no silêncio», «formando o seu espírito», «com grande exercitação» e «dispondo-se mediante uma formação esmerada». E à *acção* propriamente dita:

«estender o reinado do conhecimento e do amor de Jesus Cristo pelo mundo, POR MEIO do EXEMPLO e da EDUCAÇÃO cristã».

As novas possibilidades apostólicas para a mulher estão em relação com a sua vocação de educadora. O ensino e a educação teresiana será, juntamente com a oração, como veremos, a mediação apostólica da Companhia, recebida como participação na Missão de Jesus que continua na sua Igreja.

Noutro artigo emblemático, é a própria Teresa de Jesus que apresenta a Companhia às jovens teresianas, *despertando-as* para «este espírito de zelo e de magnanimidade»:

«Talvez te tenha chegado aos ouvidos, filha minha, o nome desta Companhia, em que consiste, e que fui eu que inspirei esta grande obra de zelo, complemento da Arquiconfraria Teresiana e do Rebanhito [...]. Propus-me formar um *exército* com todas as donzelas que vivem no mundo, para fazer guerra a Satanás, [...] e este *exército* sois vós, que vos chamais filhas de Maria e de Teresa de Jesus. Mas isso não basta para o *meu plano geral de conquista* [...]. Em todos os exércitos bem organizados, há sempre uma *companhia de escol ou de preferênci*a»<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> EEO III, 798.

<sup>55</sup> RT N° 83 Agosto 1879, em EEO III, 800.

Acrescenta um novo aspecto, interessante, que enriquece a interpretação de *companhia de preferência*:

«Em todos os exércitos bem organizados, filha minha, há sempre uma *companhia de escol ou de preferência* DISPOSTA A VOAR PARA A LINHA DA FRENTE, PARA ONDE HAJA PERIGO, para defender o seu rei e a sua bandeira [...]. Aqui tens, filha minha, a razão de ser da Companhia que tem o meu nome»<sup>56</sup>.

Uma nova interpretação de *vanguarda*: a disponibilidade e a liberdade de cada membro e de todo o corpo apostólico para acorrer rapidamente aos postos de maior necessidade, aos de maior risco, precisamente onde *correm maior perigo os Interesses de Jesus*.

### 2.2.2. As Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus, «Capitãs»

A Companhia de *preferência* de Santa Teresa de Jesus – tal como a concebe e apresenta o seu Fundador, especialmente durante os primeiros anos – representa um *salto qualitativo* na consideração da mulher e das suas possibilidades apostólicas.

O pensamento de Henrique de Ossó até 1876 – que é característico da mentalidade da época como vimos nos textos dedicados às jovens da Arquiconfraria –, pode ser resumido da seguinte maneira: A influência benéfica da mulher, a sua actividade terapêutica, educativa, evangelizadora, é calada, silenciosa, oculta. A sua acção directa não vai além das fronteiras do lar, da família. Ao passo que o varão *rege* os destinos dos povos, *governa* as nações, *ensina e pastoreia* a Igreja, a mulher é também *rainha*, mas «do lar doméstico; *sacerdote*, mas da família; pode ser *apóstola*, pregadora, mas apenas *indirectamente*, «com as obras, já que o Apóstolo não lhes permite fazê-lo com a palavra» (1 Cor 14,34). No entanto, embora lhe esteja vedada a pregação apostólica, porque *não* está habilitada nem vocacionada para *ensinar directamente* na Igreja, «*pode* – com as suas orações, trabalhos e boas obras – *ajudar* os que trabalham directamente na conversão e santificação das almas, rezando pelos «capitães» – bispos e sacerdotes – pelos «pastores das almas», pelos «que nos dão luz».

O nascimento da Companhia, enquanto *vanguarda apostólica* da Arquiconfraria, – para o seu Fundador e para todos aqueles a quem chegou a sua mensagem –, representa, em primeiro lugar, o reconhecimento de que a mulher pode realizar um verdadeiro e *directo* apostolado, para além do lar familiar<sup>57</sup>, a descoberta de que educação cristã da mulher, não só é um benefício

<sup>56</sup> Ibid., 801.

<sup>57</sup> Deixamos para a Segunda Parte do livro a análise de um dos textos bíblicos mais significativos e expressivos da mudança de perspectiva apostólica ao idealizar a Companhia.

social, mas também uma «verdadeira missão, [um] apostolado, a mais alta vocação»<sup>58</sup>.

Para entender esta *mudança na consideração da mulher*, podemos recorrer a uma palavra com a qual o Fundador designava frequentemente as da Companhia, mas que só poderá ser devidamente apreciada se for interpretada no contexto *militar* em que o Nome nos situa.

Henrique de Ossó chama *capitãs* às irmãs – em contraste evidente com as teresianas da Arquiconfraria – precisamente por terem uma missão directamente apostólica. Essa denominação aparece repetidas vezes nos documentos doutrinários da Companhia e nas cartas dirigidas às irmãs, como veremos no capítulo V. Citemos um exemplo do *Sumário das Constituições* que serve de paradigma dos demais casos:

«Este documento [a nobreza de alma] é a base da fortaleza e da firmeza da Companhia juntamente com a obediência, e a sua prática fiel é que fará delas *capitãs invencíveis*, heroínas invulneráveis a todos os ataques de Satanás, do mundo e da sua própria inconstância»<sup>59</sup>.

A denominação de «*capitã*» referida a uma irmã concreta, ou a de «*capitãs*» no plural, quando dirigida a uma comunidade ou a todo o corpo apostólico, para além do significado militar, exprime uma determinada vocação, e uma determinada missão na Igreja: As irmãs da Companhia são chamadas a serem *tanto quanto possível, outras Teresas de Jesus*, e, como a Santa, hão-de ser *guias*, mestras, *líderes* de comunidades e grupos cristãos e mesmo não cristãos. Como Teresa, com a sua vida e as suas palavras, hão-de remeter sempre para o *Mestre*, mostrando aos homens seus irmãos o único *Caminho* que conduz ao Pai, Jesus.

### 2.2.3. A Companhia de Santa Teresa e Teresa de Jesus

Vimos já a estreita relação da Companhia com a Arquiconfraria. Mais evidente ainda é a filiação *directa* de Santa Teresa. Nos artigos da RT aparecem constantemente alusões ao amor de predilecção da Santa para com a Companhia, já que ela própria «inspirou, nestes últimos tempos, a formação da Companhia do seu nome»<sup>60</sup>. Precisamente esta vinculação tão directa a Teresa de Jesus, permite ao Fundador implicar «todos os devotos da Santa» no crescimento e na missão da nova obra de zelo. E fá-lo de diversas formas.

<sup>58</sup> A expressão exacta refere-se às mestras das crianças e começa assim: «Auxiliares sois de Cristo na obra da salvação. É uma verdadeira missão...». *Apuntes de Pedagogia* (AP), em EEO II, 747.

<sup>59</sup> SC, em EEO II, 34.

<sup>60</sup> RT 1876-77, 336. (Cf. EEO III, 800).

Um das vezes, ele próprio informa os leitores acerca das características desta nova obra que tem o nome de Santa Teresa de Jesus<sup>61</sup>.

«A obra de Santa Teresa de Jesus no presente século, [...] a sua obra por antonomásia, *a sua obra predilecta no presente século*»<sup>62</sup>, e termina pedindo «uma esmola para a grande obra de Teresa de Jesus no século XIX»<sup>63</sup>.

Sobretudo durante os meses em que se projecta a construção da Casa-colégio de Jesus, o P. Henrique pede constantemente a colaboração de todos os teresianos:

«É de absoluta necessidade, para complemento e desenvolvimento *desta obra de Santa Teresa de Jesus no presente século*, ter casa própria [...]. Ao propor-nos pôr de pé esta grande obra que há-de ser a coroa das obras teresianas até agora fundadas [...], confiamos na protecção e ajuda da Santa do nosso Coração, Teresa de Jesus, que não deixará de tomar à sua conta esta que podemos chamar a sua obra por excelência no presente século, como o foi a Reforma Carmelita no século XVI [...]. Todos podem contribuir para esta obra da maior glória de Deus...»<sup>64</sup>.

No relato do lançamento da Primeira Pedra da Casa-Colégio, diz:

«Uma vez principiada a obra, só falta que aqueles que se interessam pela divulgação do conhecimento e do amor a Santa Teresa, a apoiem com as suas esmolas para lhe dar continuação e, se possível, para a concluir quanto antes. Dos salutareos frutos que há-de produzir, não apenas os fiéis da diocese de Tortosa, mas toda a Espanha, e o nosso desejo é que seja todo o mundo. ESTE COLÉGIO HÁ-DE SER UM DOS CENTROS MAIS UNIVERSAIS E ACTIVOS DE PROPAGANDA TERESIANA [...] Que, uma vez reunidos os fundos necessários, possa levar-se a bom termo, quanto antes, esta obra da maior glória de Jesus e da sua Teresa»<sup>65</sup>.

Outras vezes, é a própria *Direcção da Revista* que fala da Companhia, implicando directamente os leitores na divulgação das obras teresianas:

\* Agosto e Setembro 1877:

«Os nossos assíduos benfeitores e assinantes da *Revista*, que em breve entrará no 6º ano da sua existência, merecem a nossa confiança e vamos testemunhar-lha: é que o lucro líquido que obtivermos, se destina integralmente a *uma obra da maior glória de Deus*, e que julgamos estar destinada a ser como que o

---

<sup>61</sup> RT 1876-77, 162.

<sup>62</sup> RT 1877-78, 167.

<sup>63</sup> RT 1877-78, 162.

<sup>64</sup> RT 1877-78, 168.

<sup>65</sup> RT 1877-78, 232.



*fundamento, o sustentáculo e o complemento mais perfeito de todas as obras [teresianas] que até agora empreendemos e que se venham a empreender daqui em diante...»<sup>66</sup>.*

\* Outubro 1877: Num breve artigo intitulado «A obra de Santa Teresa de Jesus», agradece a colaboração dos leitores que aumentaram consideravelmente as assinaturas:

«... Contribuindo deste modo para a manutenção e desenvolvimento da *obra de Santa Teresa de Jesus*. Chamamos-lhe assim porque cremos que é a obra que está destinada a espalhar o reinado, o conhecimento e o amor de Jesus e de Teresa por meio do Apostolado teresiano na maior escala possível»<sup>67</sup>.

Também «*Desde a Solidão*» chegam comentários interessantes sobre todos os temas da actualidade, e são igualmente comentados aqueles artigos da RT:

«Muito me deleitou a leitura dos artigos de fundo dedicados a propagar a *obra da maior glória de Deus, a obra de Santa Teresa de Jesus*, minha querida Madre, no século XIX [...]. Talvez não tenha deixado de alarmar *uma nova obra que tem o nome de Teresa de Jesus* [...]. A Companhia de Santa Teresa de Jesus há-de ser como que o centro»<sup>68</sup>.

Já falámos da relação da Companhia com a outra vanguarda feminina da Reforma teresiana, mas retomá-la-emos agora. É tão grande a coincidência da inspiração apostólica das Carmelitas com a da Companhia de Santa Teresa, e tão forte a ligação, que se corre o risco de confundir as duas obras. E são muito diferentes!

Henrique de Ossó tem a preocupação de clarificar bem a *identidade* da Companhia:

\* Evidencia as coincidências:

O seu propósito [o da Companhia] «não é coisa nova», pois já a Santa desejou dedicar-se à educação das jovens.

*Aquilo que a Santa não pôde fazer em vida – «o que então não conseguiu –, vão-no levar a cabo as suas novas filhas da Companhia»<sup>69</sup>.*

\* Mas também destaca as diferenças:

«*Não são Carmelitas Descalças, são simplesmente Companhia de Santa Teresa de Jesus*»<sup>70</sup>.

---

<sup>66</sup> RT 1876-77 (Agosto), 331 e 362 (Setembro).

<sup>67</sup> RT 1877-78, 77-78, 39.

<sup>68</sup> RT 1877-78, 162.

<sup>69</sup> RT 1877-78, 162-163.

<sup>70</sup> Ibid.

«Não poderemos oferecer aos nossos benfeitores que nos mandem mil reais, uma cela como as do convento de S. José; porque *não será nenhum convento*, mas Companhia de Santa Teresa; mas em troca, poderão encher uma *praça* [...] nesta *milícia feminina*»<sup>71</sup>.

Chega à conclusão de que a Companhia vem realizar aquilo que, no seu tempo, Teresa teria gostado de levar a cabo sem ter podido:

«Deste modo, a *Obra e o pensamento da Santa* do nosso coração, ficarão completos, e *satisfarão plenamente todas as necessidades do século XIX*»<sup>72</sup>.

Por outro lado, as Carmelitas e a Companhia complementam-se apostolicamente e apoiam-se mutuamente. Era precisamente essa complementaridade de tarefas que a construção da Casa-colégio da Companhia ao pé do convento das Carmelitas de Jesus, pretendia exprimir:

«Pusemos de pé um Convento de Carmelitas descalças no espaço de catorze meses; e estamos a tratar de erguer – ao lado dessa casa de oração – um colégio, modelo de ensino, segundo o espírito da seráfica Doutora Teresa de Jesus, para que, deste modo, vivam irmanadas a santidade e a sabedoria, o apostolado da oração, do ensino e do sacrifício»<sup>73</sup>.

Os leitores da *Revista Teresiana*, que contribuíram generosamente para a construção do convento de Jesus, são convidados a colaborar também na nova obra. Podem ser *benfeitores e fundadores* da «*Obra de Santa Teresa de Jesus*», ou seja, da Companhia:

«A nós compete-nos *iniciar esta obra da maior glória de Deus*: aos nossos leitores e amantes teresianos, *continuá-la e terminá-la*. E não pensamos ser defraudados no nosso piedoso intento, pois nunca apelámos em vão à generosidade daqueles que têm zelo pela maior honra de Jesus e da sua Teresa [...]. Todos podem contribuir para esta obra com o título de *benfeitores* ou de *fundadores*. *Benfeitores* serão os que derem alguma esmola, por pequena que seja. *Fundadores* serão os que derem uma esmola maior»<sup>74</sup>.

#### 2.2.4. A Companhia de Santa Teresa de Jesus e a Companhia de Jesus

É evidente que o carácter *militar* da Companhia de Jesus teve influência na Companhia de Santa Teresa. O espírito dos Exercícios Espirituais que incluía a *Conquista do Rei Eterno* e a meditação das *Duas bandeiras*, estava presente,

---

<sup>71</sup> RT 1877-78, 168.

<sup>72</sup> RT Janeiro 1878, em EEO III, 844-845.

<sup>73</sup> RT Janeiro 1878, em EEO III, 844.

<sup>74</sup> Ibid., 845.

de certa maneira, na nova obra de zelo teresiana. Provavelmente, o espírito de Inácio influenciara já o projecto do Carmelo reformado e a espiritualidade da Santa, pelo que o Apóstolo teresiano recebeu, por duas vias, o espírito inaciano<sup>75</sup>.

Henrique de Ossó gostava da radicalidade de Santo Inácio, sintonizava com a *agressividade apostólica* da Companhia de Jesus, em unísono com o zelo e a magnanimidade de Teresa de Jesus.

Durante o primeiro ano da Companhia de Santa Teresa, encontramos um facto que não é episódico, mas que tem sobretudo um valor emblemático. Lemos, numa carta a Teresa Plá, que está em Barcelona, as seguintes *instruções* do Fundador:

«Podes ir [...] visitar a Gruta de Manresa, onde *Santo Inácio, o Santo mais parecido com a vossa Santa Madre*, escreveu o seu admirável livro dos Exercícios. *Pede-lhe, para ti e para a Companhia*, que vos dê a *graça de os aproveitar bem e de virem a ser outras Santas Teresas de Jesus*»<sup>76</sup>.

É interessante a dupla recomendação que faz a Teresa Plá, que está a preparar para ser a Irmã Superiora do grupo. Diz-lhe nessa mesma carta, embora numa folha aparte:

\* «Ao visitar a gruta de Santo Inácio em Manresa»:

«Faça uma hora de oração, pedindo insistentemente que Jesus e a sua Teresa, por intercessão do Santo Patriarca Inácio, derrame o espírito de tudo fazer para a maior honra e glória de Jesus [...] e que seja esta obra a que mais zele pelos interesses de Jesus [...]»<sup>77</sup>.

\* E «em Montserrat»:

«Peça à Virgem que acolha a nossa Obra sob a sua protecção [...]. Para se armar *cavaleiro ou capitã*, passe uma noite sobre as armas, como fez Santo Inácio antes de fundar a Companhia de Jesus; isto é, passe toda a noite em oração [...] pedindo o mesmo que em Manresa, isto é, que a Companhia *de preferência* de Santa Teresa de Jesus seja sempre a obra que dê maior honra e glória a Jesus»<sup>78</sup>.

Há que interpretar este gesto emblemático em chave *cavaleiresca*, segundo o modo como Santo Inácio o realizou na sua passagem por Montserrat. No

<sup>75</sup> Numa carta de 7/2/1878, Henrique de Ossó diz a Teresa Plá, Irmã Superiora da Companhia: «Não deixe, por agora, de se confessar ao P. Martorell. Julgo que é quem mais lhe convém, pois a minha intenção é que, onde houver Padres da Companhia de Jesus, confessem sempre as da Companhia de Santa Teresa, quer pela identidade de objectivos e meios de os alcançar, quer também porque foram eles que formaram, em grande parte, o espírito da nossa santa Madre» (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2, 11).

<sup>76</sup> Carta a T. Plá, Tortosa, 5/5/77, (Ed. N° 18, original em AGSTJ).

<sup>77</sup> «Recomendações à romeira da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Plá, em nome da Companhia» (Ed. N° 19, original em AGSTJ).

<sup>78</sup> Ibid.

entanto, por se tratar de mulheres, traduz por *capitã*, como Teresa, aquilo que, no caso de Inácio de Loiola seria *cavaleiro*.

Um ano depois, a 31 de Julho, festa de Santo Inácio, Henrique escreve outra vez a Teresa Plá, insistindo numa ideia que está já presente nos primeiros esboços da Regra ou constituições e que deve converter-se em oração:

«Ofereci o Santo Sacrifício todo, todo, para que *aquilo que a Companhia de Jesus é para os homens, seja a Companhia de Santa Teresa de Jesus para as mulheres*. Creio que é o mais que podemos desejar, a fim de que sejais as primeiras a conhecer e amar Jesus e a torná-lo conhecido e amado»<sup>79</sup>.

Pouco a pouco, também as irmãs vão aprendendo o que é a Companhia de Santa Teresa relativamente à Companhia de Jesus. Vejamos como se exprime Saturnina para explicar à sua família *a estranha missão* do seu Instituto, diferente da das outras religiosas:

«As da Companhia [de Santa Teresa] serão tão monjas como as mais rigorosas capuchinhas, por assim dizer, mas juntamente com a perfeição espiritual, hão-de possuir ciência, ou melhor, sabedoria, imitando a grande Santa Teresa de Jesus, para deste modo poderem difundir melhor o conhecimento e o amor de Cristo Jesus. *O que é a Companhia de Jesus para os homens?* Foi e será como luz e encanto de todos os corações bem nascidos, e *isso é o que vai ser esta Companhia relativamente às mulheres*. A nossa santa Regra, que há pouco nos deram, tem bastante a ver com a dos jesuítas»<sup>80</sup>.

O projecto *combativo* da Companhia de Santa Teresa de Jesus é bastante claro, embora não esgotemos, nesta reflexão, toda a *simbologia militar* presente no projecto e na vida das primeiras irmãs.

A sua vinculação à Reforma Teresiana, por um lado, e à Companhia de Jesus, por outro, é também algo objectivo, e provocou reacções de todo o tipo. Simpatia e apreço da maioria. Na *Revista Teresiana* aparecem repetidos testemunhos dos bispos de Salamanca, D. Narciso Martínez Izquierdo; de Eumenia, Monsenhor Moreno; de Valladolid, Fr. Fernando Blanco O.P., e de muitos outros.

Receio e prevenção da parte de outros. Não vamos por agora falar do Pleito com as Carmelitas de Tortosa nem do Interdito<sup>81</sup>, mas podemos recordar que a

<sup>79</sup> Carta enviada de Benicasim, 31/7/1878 (Ed. Nº 72, original em AGSTJ, E. Vol.3,24).

<sup>80</sup> Carta de Saturnina à sua mãe e irmã, Tarragona, 9/2/1878. (Inédita AGSTJ, arquivo S. Jassá vol. 1, nº 29).

<sup>81</sup> «A partir de 1879, Henrique de Ossó viu-se envolvido num *PLEITO* que o obrigou a comparecer perante os tribunais eclesiásticos de Tortosa, Tarragona, Madrid e Roma. Durou até à sua morte, em 1896, e ficou resolvido com sentença adversa em 1897 [...]. O pleito coincide com a sua actividade de fundador e atinge, na contenda, as duas secções predilectas da sua obra: as carmelitas descalças de Tortosa, fundadas por ele em 1877, e a Companhia de Santa Teresa de

Companhia vive, desde 1878, momentos de verdadeiro *combate e perseguição*. O seu Fundador fala disso às irmãs e aos amigos, e também na *Revista Teresiana*.

Às irmãs, escreve animando-as a viverem os momentos de luta com espírito de fé, com espírito teresiano. Temos abundantes testemunhos de 1878, que foi o primeiro ano da perseguição:

\* A Teresa Plá:

«Cada dia me vou convencendo mais e mais de que é obra de Deus e amo-a mais por a ver mais atacada [...]. Nada temo deste mundo nem do inferno todo junto contra a Companhia enquanto vós vos esmerardes por ser o que deveis. Di-lo às minhas filhas e que se preparem para a luta e para a contradição. Isto deve animar- -vos, pois a nossa obra é obra de luta, e aí de nós se algum dia nos faltar!»<sup>82</sup>.

\* De Falset, a Teresa Plá:

«Recebi aqui uma carta do nosso Sr. Bispo. Diz-me textualmente: "*Que a Companhia se prepare para a perseguição. Eu abençoo-a*". Ficais a saber da parte de alguém com autoridade: a perseguição será a nossa herança, preparai-vos [...].

Preparemo-nos, ou melhor, vivamos preparados para a perseguição. Disse-vo-lo muitas vezes: a Companhia, como o seu nome indica, é obra de luta, de combate, de perseguição, porque é obra de triunfo, de maior glória de Deus, de conquista. Para ela, é essencial combater e vencer, com a graça de Deus. Quem for tímida e medrosa, não servirá para ela.

Alegrai-vos, pois, com este aviso ou predição do nosso prelado, recordando-vos de que a mais perfeita das bem-aventuranças é a daqueles que sofrem perseguição por causa da justiça»<sup>83</sup>.

---

Jesus, fundada no ano anterior de 1876. O pleito exigirá a demolição da "casa-mãe" deste segundo instituto, construída ao lado do primeiro, e envolverá na contenda as pessoas mais queridas do fundador». Inserido no longo processo judicial do Pleito, foi decretado um «Interdito», uma sanção para o P. Henrique e para o noviciado da Companhia: um decreto governativo diocesano de 17/3/1884 impôs a pena de *INTERDITO* à casa e privou as suas moradoras da presença do Santíssimo e da celebração da Eucaristia, por não terem cumprido o decreto anterior que exigia a demolição total do edifício. (Cf. T. ÁLVAREZ, «*Crisol del alma. Pleito en Tortosa*», em *Mano de Oro. Enrique de Ossó sacerdote y teresianista*, Ed. Monte Carmelo, Burgos 1879, 251-285). Para mais informação: *Inquisitio Histórica de Lite iudiciali circa proprietatem domus principis dertusensis Congregationis sororum a sancta Teresia a Iesu ex officio concinnata*, Roma 1974).

<sup>82</sup> Carta de 1878 (Inédita em AGSTJ, E. Vol.3,15). Durante estes meses, multiplicam-se as dificuldades: os exames em Barcelona, em Abril, nos quais reprovaram Talam, Alcoverro e Llorach: «Comunicaste aos nossos protectores e superiores a dura prova que o Bom Jesus enviou à Companhia...? Todos exclamaram: «Mais uma contradição, adiante e que não desanimem: é obra de Deus, mesmo que suceda cem vezes...». (a Teresa Plá, em 27/4/78, Inédita em AGSTJ, E. Vol.2,35). E esta outra: «Disse-me [Mn. Amades] que a primeira vez que forem estranhas a exame na Normal, seja quem for, não as aprovam. É regra irrevogável, sendo externas. A segunda vez, de certeza» (a Teresa Plá, 18/5/78, Inédita em AGSTJ, E. Vol.3,19).

<sup>83</sup> Falset, 17/11/78, (Publicada no México, em AGSTJ).

As cartas de Henrique de Ossó a Félix Sardà y Salvany<sup>84</sup> revelam-nos a confiança que deposita neste sacerdote, apesar de não ter conseguido atraí-lo para a sua *causa teresiana*. O famoso publicista catalão também não deve ter feito tanta propaganda da Companhia como o seu amigo teria gostado, a julgar pelo que Henrique de Ossó lhe recorda num dos momentos mais duros para a Companhia por causa do Pleito:

«Há muito tempo, meu bom amigo, que prometeste dizer algo sobre as obras da Santa, sobretudo acerca da sua Companhia, e creio que seria muito oportuno que disseses algo no próximo número ou números da *Revista* [Popular] neste mês da Santa...»<sup>85</sup>.

Nesta mesma carta faz-lhe uma confissão interessante, um desabafo confidencial, que revela como nos momentos de difamação e de abandono, os ataques se multiplicam:

«A obra mais combatida é a Companhia de Santa Teresa de Jesus. Os *Jesuítas* e os *Carmelitas* não gostam do nome, embora não possam deixar de louvar o seu espírito. Consta-me que um certo P. Eliseu, Carmelita, escreveu em *El Vasco* uns artigos contra o nome de *Companhia de Santa Teresa de Jesus*. Julgam que lhes faz sombra ou tira glória, ou não sei o quê, quando têm as Carmelitas da Caridade, que têm o mesmo nome e não lhes dizem nada. Apesar de tudo, a obra vai bem, graças a Deus»<sup>86</sup>

### 3. As Irmãs da Companhia *companheiras* de Jesus e de Teresa

Quando se dirige às irmãs, Henrique de Ossó alude, com certa frequência, ao significado etimológico do termo «companhia» – *cum panis* –, para exprimir a familiaridade com Jesus e com Teresa por parte de cada uma das irmãs e de

---

<sup>84</sup> FELIX SARDÀ Y SALVANY (Sabadell 1844-1916) foi companheiro de Henrique de Ossó no seminário de Barcelona e foi ordenado presbítero em 1865. A partir da sua cidade natal, onde viveu durante quase toda a vida, desenvolveu um trabalho de propagandista, apologeta e polemista católico. Em 1871, fundou uma revista semanal, a «*Revista Popular*», semanal, de grande difusão entre os católicos integralistas. Publicou numerosos opúsculos e alguns livros, mas o que o tornou mais famoso foi *El Liberalismo es Pecado* (1884), a controversa obra escrita 20 anos depois do *Syllabus* e 2 depois da encíclica de Leão XIII *Cum multa*, na qual incentivava os espanhóis a abandonarem os seus confrontos ideológicos. Durante toda a vida manteve uma relação de amizade com Henrique de Ossó, além de ser o Censor eclesiástico das suas obras. Amizade manifesta nas 130 cartas de Henrique a Sardà, que o famoso publicista conservou zelosamente, e que à sua morte foram legadas, juntamente com a sua biblioteca pessoal, aos Jesuítas da Catalunha. Os originais das cartas estão no *Arquivo Provincial Tarraconense da Companhia de Jesus*, em San Cugat del Vallés (AHSIC FONS SIS C 4/3) e foram publicadas por G. VOLPE, Ed. STJ, Barcelona 1997.

<sup>85</sup> Carta de Outubro 1885, (a Sardà N° 100).

<sup>86</sup> *Ibid.*

todo o corpo apostólico. Segundo o dicionário, *com-panheiros* são aqueles que com-partem o pão, se sentam à mesma mesa e coincidem nos mesmos interesses e preocupações. São *com-panheiros* os membros de uma família ou aqueles que são chamados a viver numa *comun-unidade*. Isto vive-se na Companhia, comunidade de discípulas, na qual Jesus é Mestre e Companheiro.

Para Henrique de Ossó, partilhar o mesmo pão de Jesus e de Teresa, significa, em primeiro lugar, participar na sua paixão pelo Pai e pelos irmãos: «*O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra*»<sup>87</sup>.

Logo nos primeiros documentos da Companhia aparece discretamente esta ideia:

«Temos um pequeno caudal de bens naturais e sobrenaturais [...]. Vamos aproveitá-lo para mais incrementar os interesses de Cristo Jesus e da sua Teresa, com quem *fizemos Companhia*»<sup>88</sup>.

Nos Exames e em documentos importantes, esta ideia é sempre repetida, associada à participação na *missão* de Jesus, *seu alimento*:

«Recordai-vos de que sois Filhas da grande Santa Teresa [...]. E fazei de contas que Jesus e sua Teresa, com quem fizestes *companhia*, vos dizem: Zelareis a minha honra...»<sup>89</sup>.

Outras vezes, previne as irmãs do risco de virem a perder a companhia de Jesus e de Teresa, se perderem o seu espírito:

«Compenetrai-vos bem de que, se viesse a faltar o espírito de pobreza, faltaria o espírito de Jesus e de sua Teresa na sua Companhia, e passaria então a ser, *não Companhia sua*, mas companhia de especulação e comércio»<sup>90</sup>.

Por extensão metonímica, ao lugar habitual de reunião dos *com-panheiros*, à casa, pode chamar-se também *a companhia*. Assim o diz o Fundador às fundadoras na «dedicatória» das primeiras Constituições editadas, ou seja, no *Sumário das Constituições*:

«Entre tantos milhões de jovens que passaram, no decurso de três séculos, diante do olhar de Jesus e de sua Teresa, só em vós oito se fixaram os seus amorosos olhos e, com piedade, vos atraiu a si, à *sua casa*, à *sua Companhia*, e

<sup>87</sup> Jo 4,34. Também Teresa de Jesus exprime o zelo apostólico nestes termos: «O seu manjar é que, de todas as maneiras que pudermos, sensibilizemos almas para que se salvem e sempre O louvem» (VII M 4,4).

<sup>88</sup> *Fines Principalísimos* (1877). *Primeiras Constituições ou Regras* (Setembro 1877), SC em EEO II, 411 e 415.

<sup>89</sup> C 2ª Parte em EEO II, 360. (Cf. em EEO II: SC e *Constituições (C)*, 18-19; *Organização e Governo* (OG), 169; *Exames dos Capítulos de Culpas* (EF), 215.219).

<sup>90</sup> SC, em EEO II, 98.

vos conservou como pedras fundamentais desta grande obra de zelo, até ao dia de hoje»<sup>91</sup>.

É a mesma ideia do capítulo sexto das *Constituições* no qual se põe em evidência a importância da «clareza de consciência»:

«Enquanto este ponto for cumprido com fidelidade, tudo irá bem. Jesus e a sua Teresa e o seu espírito de confiança, alegria, amor e paz, *viverão na sua Companhia*»<sup>92</sup>.

Como temos vindo a observar, em todas estas expressões destaca a relação directa das irmãs com Jesus e com Teresa. A referência a Jesus precede sempre a de Teresa, pelo que, em boa lógica, a *obra de zelo teresiana* podia ter-se chamado «*Companhia de Jesus e de Teresa*». Esta consideração é especialmente tida em conta nas despedidas de muitas cartas: «Jesus e a sua Teresa te [vos] guarde(m) na sua Companhia e amor»<sup>93</sup> que, algumas vezes, é completada ou substituída por: «Jesus e sua Teresa vos guardem no seu serviço e amor, como lho suplica todos os dias o vosso Padre e Capelão, Henrique de Ossó»<sup>94</sup>.

Viver na *Companhia de Santa Teresa de Jesus* é, antes de mais, um dom. Um dom gratuito, que é preciso agradecer, saber receber e cuidar todos os dias. Especialmente nos *Exercícios Espirituais* de cada ano, as irmãs renovam esta consciência:

«Pondera, alma minha, e reflecte seriamente *no amor de predilecção, de preferência, que Cristo te mostrou ao chamar-te e escolher-te para seres da sua Companhia e de Teresa*»<sup>95</sup>.

---

<sup>91</sup> SC, em EEO II, 10.

<sup>92</sup> SC, em EEO II, 34.

<sup>93</sup> Consultámos as cartas de 1883 (Cf. Ed. N° 246, 248, 254, 256, 261) e de 1884 (Ed. N° 275).

<sup>94</sup> Carta a M<sup>a</sup> Antonia Bordas, Jesús, 17/1/84, (Ed. N° 275, original em AGSTJ, E. Vol. 16,136).

<sup>95</sup> EE, em EEO II, 653.



## Capítulo II

### UM CAMPO DE BATALHA: A EDUCAÇÃO

A segunda metade do século XIX é um período de grandes divisões ideológicas que se manifestam em todos os sectores da vida social dos espanhóis. Estão em confronto, fundamentalmente, o pensamento católico tradicional, por um lado, e as ideologias reformistas de inspiração liberal, por outro. Todos procuram no ensino o remédio para os males da Espanha, e cada grupo fá-lo com intransigência. Por isso, os sistemas educativos convertem-se em campos de batalha. Os católicos entenderam o ensino como uma cruzada contra o espírito racionalista da escola laica.

Todavia, apesar dos confrontos políticos e ideológicos da primeira metade do século XIX, e até à Revolução de 68 e ao Sexénio liberal, em que foram postos em prática os ideais do liberalismo radical, a Igreja espanhola tinha conservado uma situação generalizada de privilégio no que se refere ao ensino. A Concordata de 1851, no artigo 2º, assegurava a presença da hierarquia como garante da pureza da fé e dos costumes no ensino da infância e da juventude, mesmo nas escolas públicas. Esta situação alterou-se radicalmente com a Constituição de 1869, na qual era legalmente consagrada a liberdade religiosa proclamada pela Revolução de Setembro, pois entre os seus objectivos prioritários figurava a eliminação da influência clerical no ensino. A Constituição liberal defendia a liberdade de ensino, o que chocava frontalmente com a censura episcopal reconhecida na Concordata, e concedia enorme liberdade às iniciativas sociais para a criação de escolas livres.

Com base nestas liberdades legais, iniciaram-se, durante o Sexénio, tímidas manifestações pedagógicas das diversas forças políticas, ideológicas e religiosas do país<sup>1</sup>. É desta época a criação das primeiras escolas protestantes e

---

<sup>1</sup> Antes de 68, o movimento das escolas laicas teve os seus precedentes:

– O Colégio Internacional, fundado em Madrid por Nicolás Salmerón em 1866, antecedente imediato da ILE: ideologia reformista liberal-progressista de acentuada influência krausomacónica.

– Ateneus operários: destinados especialmente aos adultos.

– Durante o Sexénio, como réplica às escolas religiosas e paroquiais destinadas à infância, e por ineficácia das escolas públicas ou estatais, surgem as primeiras escolas laicas propriamente ditas.

– A maçonaria, com os seus postulados seculares de neutralidade política e religiosa, e com base numa moral natural e universal, tentou criar algumas escolas para crianças, embora tudo pareça indicar que os seus esforços não tiveram êxito (1871-73).

os primeiros embriões de centros aconfessionais que rejeitavam qualquer tipo de ingerência eclesiástica na sua organização ou programas. «Na realidade, tratava-se de um fenómeno pedagógico, plural e diverso, enquadrado numa genérica terceira via educativa independente da confessional e da estatal. Era plural porque, sob a comum denominação de escolas laicas, encontravam-se agrupadas como companheiras de viagem, instituições imbuídas de muito diferenciados posicionamentos ideológicos, e diverso porque não correspondia exclusivamente à ideia tradicional de escola (primária ou secundária), e incluía outras instituições de carácter educativo como clubes republicanos, ateneus operários, etc.»<sup>2</sup>.

### 1. A Questão Escolar

Com a nova situação política e legal, instaurada pela Constituição de 1876, a *Questão Escolar* passou a ser um assunto de máximo interesse para a Igreja espanhola. Durante o Sexénio revolucionário, a liberdade de ensino tinha chegado a ser a maior preocupação do episcopado espanhol<sup>3</sup>, apesar de os distintos grupos ideológicos mal terem tido tempo para se organizarem. Agora, com a Restauração, essa preocupação aumenta, pois por todo o território espanhol «foi-se tecendo uma densa rede heterogénea de centros que adoptaram diversas denominações: laicos, neutros, racionalistas, livres, etc., mas que, de uma maneira geral, todos se autodesignavam livres-pensadores, ao mesmo tempo que se opunham abertamente à Igreja católica»<sup>4</sup>. De todos estes grupos, a *Instituição Livre do Ensino*<sup>5</sup> foi, sem dúvida, o mais importante.

---

– Anarquistas: algumas tentativas (1872-74).

– Republicanos internacionais: Madrid, Cádiz, Barcelona.

Tudo parece indicar que o número de escolas laicas foi reduzido entre 1868 e 1874, talvez por esta etapa corresponder a uma época de amadurecimento da ideia por parte dos diversos sectores ideológicos nela interessados (Cf. P. ÁLVAREZ, «*Las escuelas laicas*», em DELGADO CRIADO B., *op. cit.*, 418-420).

<sup>2</sup> *Ibid.*, 418-419.

<sup>3</sup> Durante os anos anteriores, Pio IX exortara os Católicos europeus a combater, especialmente neste campo, o avanço das ideologias de cariz liberal e naturalista.

<sup>4</sup> Cf. P. ÁLVAREZ, «*Las escuelas laicas*» em DELGADO CRIADO B., *op. cit.*, 420. Também M. REVUELTA fala destes grupos: «uma *feira de forças opostas* do ponto de vista religioso, cada vez *mais bem organizadas*». Da parte do sector anticatólico, existe um conjunto de «instituições de espírito e ideário anticlerical, com métodos próprios de difusão e de propaganda». Além dos grupos políticos de esquerda, existem os «grupos de protestantes e de espiritas, os diversos regimes da maçonaria e os numerosos centros de livre-pensamento. E de uma maneira mais cívica, mas com enorme influência, a *Instituição Livre do Ensino*, grande competidora no campo educativo». «A rejeição destas organizações por parte dos sectores eclesiásticos, não foi menos enérgica e exclusiva do que a dos seus inimigos.» Ambos os grupos «aspiravam à conquista da sociedade espanhola». (Cf. o artigo citado: «*El anticlericalismo...*», 408).

<sup>5</sup> Dela falaremos no ponto 4 deste capítulo.

A perda da *Unidade Católica* suscitou nos prelados, no clero e nos fiéis católicos animados pelo Romano Pontífice, o grande movimento de Restauração cristã no seio do qual a Educação teria uma especial relevância. Pelo seu lado, as ideologias de inspiração liberal também tinham nos seus programas de reforma, como elemento mais importante, o ensino. Pequeno reformismo burguês, restauracionismo católico e regenerescência liberal<sup>6</sup> – um pouco mais tarde – coincidem e confluem no interesse pelas aulas.

A Constituição de 1876 alterou a situação legal de muitas instituições, contribuiu positivamente para a responsabilização dos católicos espanhóis e influenciou a tomada de decisões e as acções concretas da Igreja espanhola e seus representantes. A situação legal do ensino não foi sempre a mesma durante este longo período. Foi mudando com a alternância de governos conservadores ou liberais<sup>7</sup>, embora outras causas tenham contribuído para a sua evolução. A par das disposições legais – e da sua ressonância social e eclesial – é interessante conhecer a prática educativa, tanto dos centros estatais, inclusivamente das *Normais do magistério*, tão relacionadas com a Companhia, como das múltiplas escolas de iniciativa privada, especialmente durante as décadas de 70 e 80. A tendência secularizadora presente na maior parte dos países europeus, influenciou a política educativa espanhola. Henrique de Ossó esteve sempre muito ao corrente do que se passava para além dos Pirinéus.

## 2. Henrique de Ossó e a Companhia perante a *questão escolar*

No meio deste estado de coisas, surge a *Companhia de Santa Teresa de Jesus*, como surge uma infinidade de congregações religiosas, sobretudo femininas, cujo objectivo era a educação cristã dos jovens<sup>8</sup>. É o momento do

---

<sup>6</sup> Contra estes *regeneradores* escreve Henrique de Ossó na *Revista*.

<sup>7</sup> Ver a cronologia da Espanha no apêndice em que se especificam os partidos que se foram revezando.

<sup>8</sup> Antes desta data, durante o Sexénio revolucionário, os Missionários do Coração de Maria (fundados por Santo António M<sup>a</sup> Claret em Julho de 1849), cujo objectivo principal eram as missões e os exercícios espirituais, assumem o apostolado do ensino cristão como forma apostólica prioritária. É interessante ler a carta do P. CLARET (Roma, 16 de Julho de 1869) para o P. José Xifré, Superior Geral da Congregação, em que lhe dá instruções para que a congregação assuma essa nova forma de apostolado: «Fazem hoje 20 anos que Jesus e Maria iniciaram a santa Congregação; e foi prosseguindo até agora, que o Senhor permitiu a perseguição que estamos a sofrer, não para a extinguir, mas para a aumentar e dilatar. [...] Como Superior Geral, quando as circunstâncias o permitirem e o considerar oportuno, pode nomear um ou dois que tenham estudos, etc., para darem aulas às crianças, procedendo como os Irmãos da Doutrina Cristã que, em grande número, estão em França, Itália, etc., e que tanto bem fazem; eu julgo que, presentemente, são os que mais bem fazem à Igreja, e dos que mais se deve esperar. Esta missão especial, Deus e Nossa Senhora têm-na reservada à Congregação especialmente em Espanha. Não quero dizer com isto que todos tenham que se ocupar dessas escolas [...]. Essas escolas irão

regresso de algumas ordens expulsas nas décadas anteriores e da vinda de outras<sup>9</sup>, expulsas dos seus países por governos liberais<sup>10</sup>.

Durante os primeiros anos da *Companhia*, o P. Henrique não se cansa de justificar a razão de ser desta *grande obra de zelo*. No artigo da *Revista Teresiana* que intitula «A Companhia de Santa Teresa de Jesus», e que é como que a apresentação oficial da nova obra teresiana, o Fundador avança o que repetirá, com pequenas variantes, em muitíssimos artigos:

«Ao olhar elevado da grande Santa não se poderia ocultar que a *questão principal* que hoje se debate entre a Religião e a impiedade, o *campo* onde se trava a *batalha mais encarniçada*, é o do *ensino*»<sup>11</sup>.

Precisamente neste mês de Agosto em que a Companhia é já «*um facto*», é também «um facto» a ruptura legal da *unidade católica*<sup>12</sup>. Chegara o momento da luta de vanguarda numa *frente* de especial perigo, pelo que será necessária – como diz o artigo – maior *audácia* dos seus membros e *uma preparação* mais esmerada.

Para criar esta *obra grande de zelo*, o Espírito Santo escolhe Henrique de Ossó, o mestre nato, inclinado desde criança para o ensino «por ser uma coisa que leva muitas almas para Deus»<sup>13</sup>. Durante anos, vinha denunciando na *Revista* a ignorância cultural e religiosa como sendo um dos maiores males da sociedade, e animava os leitores ao compromisso cristão também nesse campo. E em 1879, três anos depois da fundação da Companhia, confessará que a sua radical vocação de professor tinha ido crescendo a par da outra missão de Apóstolo teresiano:

«Desde que o Senhor pôs no nosso coração o desejo de difundir o conhecimento e o amor da Heroína espanhola Santa Teresa de Jesus, olhámos com preferência para tudo quanto se relaciona com a educação da juventude»<sup>14</sup>.

Seguidamente, vamos dar uma vista de olhos pela Espanha de 1876 a 1882, respeitando a cronologia dos factos, com o objectivo de *observarmos de perto* a situação da Escola durante os primeiros anos da Companhia. Anos de gestação de um projecto e início do seu percurso educativo. A *Revista Santa*

aumentando segundo a fidelidade com que corresponderem à graça. Deus e a Santíssima Virgem trarão pessoas a propósito [...]. Não se alarme nem pense que todos se hão-de pôr a ensinar. Já disse como se há-de proceder». (Carta Nº 251 de J. BERMEJO (ed.) *Santo António Maria Claret. Cartas Selectas*, BAC, Madrid 1996, 553-555).

<sup>9</sup> Salesianos, Marianistas, Maristas, etc., que entram em Espanha nesse período.

<sup>10</sup> Cf. Anexos III e IV: Espanha e Europa no século XIX.

<sup>11</sup> Cf. RT Nº 47, Agosto 1876, 306.

<sup>12</sup> Tem de se associar a perda legal da *unidade católica* à aprovação da Constituição em Julho de 1876.

<sup>13</sup> Num artigo veladamente autobiográfico, o P. Henrique di-lo de si mesmo. Cf. RT Nº 64, Janeiro 1878, 100.

<sup>14</sup> RT Nº 85, Outubro 1879, 3.

*Teresa* será para nós a *janela aberta sobre o mundo* e a *caixa de ressonância* de tudo o que acontece dentro e fora da nação.

Interessa-nos conhecer tudo quanto se refere à educação para fazermos uma ideia, o mais objectiva possível, daquele período. As leis – a política educativa dos governos em funções – e como eram interpretadas pelo episcopado espanhol e, inclusivamente, pela Santa Sé. A situação das escolas estatais, em Espanha e nos países europeus que definem as regras da liberdade e do progresso. A multiplicidade das escolas de iniciativa privada não católicas, a sua influência ideológica nas novas gerações e a sua aceitação social.

Na *Revista* encontramos uma *amostra* de tudo isto. Lendo-a, ficaremos mais capazes de conhecer e de interpretar a ressonância que essa situação social teve no P. Henrique e como influenciou as origens e a orientação da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Os artigos fazem referência aos factos, mas nunca faltam os comentários de Henrique de Ossó, em nome próprio ou como «*o Director*», «*O Solitário*», ou com outros pseudónimos. O seu desejo de formar a opinião dos leitores, o seu interesse por *despertar a consciência* dos católicos, e até mesmo a sua pretensão de *comprometer* «*todos os devotos teresianos*» na fundação da Companhia e na construção da Casa-colégio de formação em Tortosa, é evidente na selecção de artigos que propomos.

Apresentamos, por fim, a pequena *antologia*, indicando o acontecimento que deu azo a *esse* artigo.

### **Sob a influência da Constituição e da ruptura lega da *Unidade Católica***

30 de Junho de 1876: é promulgada a Constituição.

Imediata reacção dos católicos espanhóis<sup>15</sup>.

Outubro: Peregrinação de 10.000 espanhóis a Roma para *afirmarem a sua fé católica*. Pio XI exorta-os à «*Unidade e concórdia dos bons...*». A RT de Novembro publica o Discurso papal<sup>16</sup>.

### **RESPOSTA DE HENRIQUE DE OSSÓ**

Nos meses seguintes, Henrique de Ossó escreve três artigos intitulados «*Organizemo-nos*», exortando à organização das forças católicas. E, coincidindo com *Organizemo-nos III*, em Fevereiro de 1877, inicia uma série de artigos interessantíssimos, expressão da sua filosofia da educação e «*prova*» fidedigna da oportunidade da Companhia naquelas circunstâncias concretas.

Em 12 artigos, publicados ao longo de dois anos, revela as suas verdadeiras preocupações apostólicas e a estreita relação que existe entre todas

<sup>15</sup> A RT de Setembro de 1876, 337-339, e até mesmo dos meses anteriores, anuncia e entusiasma para a peregrinação. Todo o N.º 40, de Outubro 1876, é consagrado ao tema da Peregrinação, ao da *Unidade católica* e a Santa Teresa (Cf. RT 1876-1877, 6 e ss.).

<sup>16</sup> Intitulado: «Discurso de Sua Santidade aos romeiros espanhóis», em RT 1876-77, 29-32.

elas. Dedicou os primeiros artigos ao tema do sacerdócio e à necessidade de promover as vocações sacerdotais. Com perspicácia, passa seguidamente a tratar da base da vocação sacerdotal, a *educação*, recebida na escola e, muito principalmente, na família. Aborda, nos seguintes, a importância da mãe e das mestras católicas, isto é, a missão educativa da mulher. E quando já tem o terreno preparado, fala – primeiro veladamente, e depois abertamente – da «obra da maior glória de Deus», a *Companhia*.

Tal variedade de aspectos interrelacionados, tratados ao longo dos meses, obriga-nos a perguntar qual seria o tema central daquela série. É interessante observar, inclusivamente, a evolução do título. Enquanto intitulara o primeiro artigo: «A Obra das Vocações Eclesiásticas sob a protecção de S. José e de Santa Teresa», a partir do 2º – em que introduz a Arquiconfraria como continuadora da obra do Carmelo na sua oração pelos sacerdotes – amplia o título: «A Obra da Maior Glória de Deus, ou seja a obra das vocações eclesásticas sob a protecção de S. José e de Santa Teresa». E a partir deste momento – subtilmente, quase imperceptivelmente –, irá conduzindo o seu discurso até à necessidade da *Companhia*. Num dos artigos chega a dizer: «A obra da maior glória de Deus, a obra de Santa Teresa neste século, a *Companhia* de Santa Teresa de Jesus».

Transcrevemos, sem comentário, os fragmentos mais significativos destes artigos, para que o leitor possa observar por si mesmo a sequência progressiva do discurso, orientado para a *Companhia*. Assinalamos unicamente os acontecimentos de política educativa – dentro e fora de Espanha – e as exortações do Papa ou dos bispos que podem ter tido influência nos textos.

- *Dezembro de 1877, Importância educativa das mães e das mestras:*  
«Vimos que os primeiros fundamentos em que se apoia tão santa obra são a educação dos pais e o ensino do sacerdote e dos mestres [...] e hoje vamos tratar da PARTE PRINCIPAL; são as mães e as mestras que executam esta parte. Não se pode negar, em primeiro lugar, que as mães são encarregadas pela Providência de formarem o coração dos seus filhos e de imprimirem neles, como em cera branca, as imagens da virtude e da santidade [...]. Por isso, apesar dos males que afligem a nossa sociedade, não duvidamos da sua cura enquanto houver mães católicas [...]. Mas, ai da Espanha! Ai do mundo se algum dia nos faltarem! Não haverá sequer esperança de regeneração possível. A mulher é como o sacerdote da família, por isso, ai da família se algum dia o sacerdote se tornar herege ou indiferente! [...] Por isso, tendo-o compreendido a impiedade e a religião, é neste campo que travam o seu principal combate, a sua bateria principal está apontada para conquistar este baluarte, pois quem ficar na sua plena posse, será dono de todo o mundo. Nesta formação de boas filhas que, com o tempo, virão a ser boas mães ou virgens cristãs, cabe uma parte muito importante à mestra católica e em certos casos, hoje tão frequentes, é ela que tem de fazer tudo»<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> «La Obra... IV bis, RT, em EEO III, 837-840.

- *Janeiro de 1878, Missão insubstituível da mãe. A influência de Micaela em Henrique*  
 «Que as mães possam fazer tudo neste ponto [formação dos corações dos seus filhos e para a vocação eclesiástica], está fora de dúvida. [...] Por isso, não receamos afirmar que, se não nos esforçarmos por cristianizar as mães de família, dentro de alguns anos quase não haverá vocações eclesiásticas. Porém Deus, que é pródigo em todas as suas coisas, e que, ao lado do mal faz surgir o remédio, parece-nos que quis providenciar o remédio para esta SUMA NECESSIDADE, movendo não poucos corações generosos a disporem-se, no retiro e no silêncio, com oração e estudo, PARA REGENERAR O MUNDO, EDUCANDO CRISTÃMENTE A JUVENTUDE FEMININA, segundo o espírito da fidalga heroína espanhola Teresa de Jesus. Hoje a Santa conserva vivo este desejo, porque é mais urgente e grave a necessidade. É IMPOSSÍVEL QUE HAJA BOAS MÃES, DIGNAS ESPOSAS, se não SE FORMAREM E EDUCAREM BOAS FILHAS [...]. E, infelizmente, escasseiam mestras dessas [...]. Há em Espanha, e estão a ser formadas, muitas jovens que, vendendo a sua consciência [...], trabalham por adquirir o título de mestras, prestando previamente juramentos nefandos [...]. Pois aquilo que, para muitos dos nossos leitores não passa de desejo, podemos dizer, com toda a verdade que é já um facto; apesar de não tão glorioso como desejaríamos, pelo menos consola-nos e, em esperança, mostra os frutos de bênção e de saúde que dará para toda a gente, em toda a Espanha, e quem sabe, em todo o mundo. Referimo-nos à obra da COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS, acerca da qual demos já indicações por algumas vezes, e que desejamos dar a conhecer aos nossos leitores. DEUS INSPIROU, SEM DÚVIDA, ESTA IDEIA para que, sendo traduzida em obra, FAÇA FRENTE A TÃO URGENTE NECESSIDADE [...]. A nós, cabe-nos iniciar esta obra de maior glória de Deus; aos nossos leitores e amantes teresianos, continuá-la, concluí-la [...]. Deste modo, a obra e o pensamento da Santa do nosso coração ficarão completos, e SATISFARÃO PLENAMENTE TODAS AS NECESSIDADES DO SÉCULO XIX»<sup>18</sup>.

### **Em França está a ser preparada a famosa Lei Ferry de laicização do Ensino**

- *Fevereiro de 1878, A Instrução é a alavanca e a Companhia, a semente que há-de germinar:*  
 «Dizíamos, ao começar esta série de artigos, que O CAMPO ESCOLHIDO HOJE, PREFERENCIALMENTE, PELA REVOLUÇÃO ATEIA PARA TRAVAR A SUPREMA BATALHA E APODERAR-SE DO MUNDO, É O DO ENSINO. Viu que a INSTRUÇÃO É A ALAVANCA QUE REVOLVERÁ O MUNDO e quem dominar o ensino, dominará o mundo [...].  
 Estas ideias foram-nos sugeridas pela leitura de artigos de fundo dos jornais do vizinho império, onde o ensino, se Deus não o remediar, irá ser obrigatório, gratuito, laico [...]. Com esta finalidade, a Revolução mansa e a Revolução fera tem o seu cenáculo e os seus apóstolos, que preparam em silêncio, exercitam no

---

<sup>18</sup> «La Obra...» V, EEO III, 841-845.

ministério da iniquidade, e depois enviam por todo o mundo, dizendo-lhes: *Vão, e ensinam todos os povos a viver sem Deus, sem lei, sem consciência* [...]. Na nossa Espanha católica tentou-se o mesmo [...], devemos não dormir nem fiar-nos nas aparências [...].

Deus fez que as nações pudessem ser curadas [...] e uma dessas sementes é, sem dúvida, O ENSINO E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE feminina segundo o ESPÍRITO DE SANTA TERESA de Jesus, por meio da sua COMPANHIA de corajosas jovens [...]. No dia 2 de Abril farão dois anos que O SENHOR NOS INSPIROU ESTE PENSAMENTO<sup>19</sup> [...]. É, pois, esta pequena grei teresiana, o grão de mostarda que há-de ser mortificado e vivificado, que há-de crescer e estender os seus ramos benéficos pela Espanha e até por todo o mundo [...]. Se perseverar, sendo fiel à graça recebida, operará igual maravilha neste século XIX, que é o século do egoísmo, da ignorância e do orgulho»<sup>20</sup>.

### 7 de Fevereiro de 1878, morre Pio IX

A RT de Fevereiro é quase totalmente dedicada ao Papa<sup>21</sup>.

- *Março de 1878, a Companhia de Santa Teresa de Jesus vem dar resposta...*  
«Se não estivéssemos plenamente persuadidos da necessidade do ensino cristão nos nossos dias, a voz augusta do nosso amantíssimo Padre Pio IX, de feliz memória, teria sido suficiente para nos convencer desta verdade [...]. Trata-se de erguer um digno monumento ao nosso imortal Pio IX; e cremos que nenhum poderia perpetuar mais dignamente a sua memória que aquele que se dedica a procurar os ignorantes e a instruí-los com zelo [...]. Este monumento não poderá ser, em parte, a Companhia de Santa Teresa de Jesus? [...] Não há-de ser esta uma das mais fecundas obras, a que há-de dar mais excelentes e maiores resultados práticos para o BEM DA IGREJA E DA SOCIEDADE? Outras procuram os ramos; A COMPANHIA VAI DIRECTAMENTE AO CORAÇÃO. O coração da família é a mulher: melhorando o coração, o princípio, tudo será melhorado, quase sem o advertir»<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Indica também que «um ano depois, em Itália, o zeloso e sábio sacerdote director da revista mensal intitulada *Stella del Carmelo*, destinada a dar a conhecer Teresa de Jesus, funda em Sena um colégio dedicado ao ensino com o nome de Santa Teresa de Jesus, com a mesma finalidade que o nosso [...]. O Bispo de Eumenia tem os mesmos enormes desejos que nós e, exceptuando alguns pequenos pormenores, o seu plano de regenerar o mundo por meio da educação da mulher, segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus, é idêntico ao nosso... É Deus que inspira esta obra em Espanha, Itália e América, a fim de que, multiplicados os obreiros teresianos, zelem pela maior glória de Deus à maior escala e abracem o mundo no amor de Deus». A seguir, o artigo faz uma preciosa síntese do espírito e da missão da Companhia.

<sup>20</sup> «*La Obra...*» VI, EEO III, 845-849.

<sup>21</sup> A RT de Fevereiro 1878 é praticamente dedicada a Pio IX. Contém, entre outras coisas, «O Testamento de Pio IX, ou seja, o seu último discurso: «As suas últimas palavras foram um eco da sua vida. Recomendou-lhes que trabalhassem com zelo pela conversão dos pecadores e pela instrução cristã... Procurai os ignorantes, para os instruídes com zelo.» (p. 140-141). A última encíclica do Papa «*Luctuosus*» fala também muitíssimo da educação cristã. Publicada na RT Abril de 1877, 190 e ss.

<sup>22</sup> «*La Obra...*» VII, EEO III, 849-852.



### Aprovação das «Bases da Lei de Instrução Pública»

Março de 1878: está prestes a entrar em vigor uma nova Lei do Ensino que vinha sendo discutida desde há vários meses. Já em 1877, o ministro do Fomento, conde de Toreno, tinha apresentado às Cortes e ao Senado, para serem aprovadas, as «Bases para uma Lei de Instrução Pública»<sup>23</sup>, que proporcionava um quadro legal à tolerância e à liberdade de criação de centros docentes, de acordo com os artigos 11 e 12 da Constituição...

Os bispos, apoiando-se na Concordata e na afirmação do Estado Confessional, opõem-se a essas «Bases».

- *Abril de 1878. Rejeição das chamadas «Escolas Especiais» para os não católicos.*

«Ameaça-nos já de perto, o que tanto receávamos [...]. Quebrada a Unidade católica, os representantes da Nação tratam agora de preservar o ensino do erro, como consequência iniludível da liberdade de culto. Face a este gravíssimo problema, os Prelados deram um grito de alarme para o conjurarem, e julgamos que nada de melhor podemos fazer em proveito dos nossos leitores, do que transcrever-lhes os melhores parágrafos da magnífica e justificada exposição que o excelentíssimo senhor Arcebispo de Granada, com os seus sufragâneos, fez chegar às Cortes a 8 de Março do presente ano. Diz o seguinte:

"Sentimos a necessidade de chamar a atenção dos senhores deputados para dois pontos importantes consignados nas *Bases* que estamos a examinar: o primeiro é o das *escolas especiais* que, segundo a *base 9ª*, é permitido estabelecer pelos dissidentes do culto católico para aqueles que não professarem as suas crenças religiosas [...]. O segundo, refere-se à declaração feita na *base 10ª* sobre a obrigatoriedade do primeiro ensino [...]. Dois escolhos deverão evitar os supremos legisladores da nação católica por excelência [...], a saber, o escolho de *secularizar e humanizar a ciência*, separando-a de Deus e da sua Religião, sem ter em conta a ordem sobrenatural; e o segundo, o escolho de *retirar a instrução pública, a educação da juventude e os estabelecimentos de ensino à autoridade, inspecção e vigilância da Igreja católica*»<sup>24</sup>.

- *Mai 1878, «Desde a Solidão», chamada de atenção sobre a ameaça da Lei*  
«A Espanha está gravemente doente. Os mais alarmantes sintomas [...] levam-nos a prognosticar dias péssimos [...]. A propaganda protestante, ajudada pelo ouro e pela impiedade de muitos [...] cada dia mostra maior descaramento e confiança nas suas forças. Entre os mil sintomas de ruína, há dois de que queremos advertir os nossos leitores [...]. Um deles, é o empenho em conceder escolas a quem já tem templos na nossa Espanha. Ao abrigo das leis, pedem-se escolas, isto é, liberdade legal para ensinar doutrinas em franca oposição aos dogmas da fé

<sup>23</sup> Cf. F. MONTERO, em DELGADO CRIADO B., *op. cit.*, 284.

<sup>24</sup> «La Obra...» VIII, EEO III, 852-858.

católica [...]. Querem semear o pior [germe] de todos, que é o ensino do erro e da heresia, apoiado pelas leis de uma nação católica. Quem será capaz de avaliar a profundidade do abismo que abre uma tal disposição?! Não receamos o protestantismo pelos prosélitos que possa fazer, pois anda a percorrer o mar e a terra para fazer ao menos um e não o consegue; mas receamo-lo porque, se é impotente para fazer fiéis protestantes, é muito poderoso para fazer maus católicos entre o povo simples ou indiferente<sup>25</sup> [...]. O outro sintoma é o que está a suceder em algumas povoações, onde uns tantos *protestantizados ou ímpios* tiranizam, de um modo brutal, todos os católicos [...]. Que fazer entretanto? Orar e agir...» *O Solitário*<sup>26</sup>.

### Primeira Encíclica de Leão XIII, *Inescrutabili* (21 de Abril de 1878)

Publicada na *Revista Teresiana* de Maio 1878<sup>27</sup>. É o texto programático do seu pontificado, sobre «o significado e a missão social da Igreja e do Papado. Sobre os males da sociedade, suas causas e sua cura». O programa do seu governo, esboçado nesta encíclica, tende à conciliação, quer dizer, à cristianização da vida moderna e à modernização da vida cristã<sup>28</sup>.

- *Junho 1878, O Ensino, hoje e sempre, será a alavanca que remove o mundo*

«A QUESTÃO DO ENSINO É A PRINCIPAL de todas as questões que possam ser abordadas. Esta questão ATRAIRÁ SEMPRE PREFERENCIALMENTE A ATENÇÃO, PORQUE É A ALAVANCA QUE REMOVE O MUNDO. Dela podemos dizer [...] que é a Súmula do Cristianismo. PREGAI O EVANGELHO A TODAS AS CRIATURAS; ENSINAI TODOS OS POVOS; pregai o evangelho a todo o mundo. É ESSE O PROGRAMA DO MESTRE do mundo, daquele que é CAMINHO, VERDADE E VIDA. [...]. Oijamos a voz do actual Pontífice que recorda aos seus Irmãos [...] «o dever de *cuidar, com todas as forças*, de que a semente da celestial doutrina seja espalhada [...] e de que, desde os mais tenros anos, se infundam nas almas dos fiéis os ensinamentos da fé católica».

«Quanto mais se afadigarem – prossegue o Sumo Pontífice Leão XIII – os inimigos da Religião por ensinar aos ignorantes, e especialmente à juventude,

---

<sup>25</sup> M. MENÉNDEZ PELAYO, na sua *Historia de los heterodoxos españoles II* (1882), documenta exaustivamente a presença dos Protestantes em Espanha, e também fala da pouca relevância do protestantismo espanhol. Diz textualmente quase o mesmo que o artigo: «Não houve recanto da Espanha onde não chegasse algum pastor protestante ou algum vendedor de Bíblias, mas as ovelhas não acudiram ao chamariz. Aquilo que em Espanha se chama protestantismo, é uma farsa um tanto enfadonha [...] as folhas e os folhetos e as Bíblias são distribuídas como se fossem lançadas ao mar, e costumam morrer intactas e incólumes nas mãos dos que as recebem» (*op. cit.*, 1149-1150).

<sup>26</sup> RT 1877-78, 226-228.

<sup>27</sup> RT 1877-78, 217-226.

<sup>28</sup> Cf. *Historia de la Iglesia XXV*, Edicef, 47 e ss.

doutrinas que ofuscam a mente e consomem o coração, tanto maior deve ser o empenhamento [...]».

E nesta questão principal, que papel desempenha a mulher? Importantíssimo. Oíçamos como o próprio Sumo Pontífice no-lo explica na sua magna alocação atrás citada [...]:

«Por isso, a boa educação da juventude deve começar nos mais tenros anos, no seio da família».

Porém, como iniciar essa educação no seio da família, se esta família não existe? A nossa primeira preocupação deve ser, neste caso, trabalhar por FORMAR A FAMÍLIA, ou pelo menos, aquela que é a sua pedra fundamental: A MULHER, a mãe. E como tais mães não existem só por instinto, é mister que assumam este encargo, o mais importante de todos, OUTRAS MÃES NAS QUAIS O AMOR DE JESUS CRISTO INFUNDIU ENTRANHAS DE MÃE. Estão neste caso as mestras católicas [...]»<sup>29</sup>.

### **Em 1879, o Governo de Cánovas volta a reconhecer às religiosas os direitos outorgados pela Lei de 1857, suprimidas pela Revolução de 1868**

A Lei de 57, no art. 153, dizia o seguinte: «O governo poderá dar às instituições religiosas de ambos os sexos legalmente fixadas em Espanha, cuja finalidade seja o ensino público, autorização para abrirem colégios e escolas primárias e secundárias, dispensando os seus chefes ou professores do diploma e da *caução* que exige o art. 150»<sup>30</sup>.

Esta decisão do Governo não teve eco na *Revista*<sup>31</sup>.

### **1880 «Lei Ferry»<sup>32</sup>. Por fim, a 29 de Março de 1880, triunfa em França a Lei de Secularização do Ensino e supressão das ordens religiosas docentes.**

Este facto afectará Henrique de Ossó de maneira especial, o qual, no mês de Abril, escreverá vários artigos na *Revista*, com o objectivo de consciencializar os leitores da gravidade da situação europeia. Ameaça também a Espanha.

<sup>29</sup> «La Obra...» IX, EEO III, 858-861.

<sup>30</sup> Cf. B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, *op. cit.*, 588.

<sup>31</sup> Henrique de Ossó nunca aceitou estes privilégios ou dispensas de nomeação oficial para as da Companhia, como veremos no capítulo IV B, ponto 8: «Não aceitam privilégios».

<sup>32</sup> Decretos de 29 de Março de 1880 (Cf. Espasa, Vol. 23, 1104). França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra, sobretudo, foram as nações que nos precederam na secularização do ensino, na proposta de uma escola laica, obrigatória e gratuita. São muitos os artigos da RT destes anos e as notícias breves em Crónicas do Estrangeiro que se referem a esses factos. Mas esta Lei de 29 de Março teve uma ressonância especial no Fundador da Companhia. Na *Revista* de Abril publica um artigo intitulado «A secularização do ensino» no qual procura consciencializar os leitores da gravidade da situação.

- *Abril de 1880: «Secularização do Ensino» e estratégia da Companhia*  
 «Esta é a última das secularizações, mas a mais notável, que coroa o edifício da revolução ateia. Até hoje, a revolução reconhecia que todas as suas conquistas seriam parciais, passageiras, que pouco ou nada serviriam os seus planos, se não se apoderasse das inteligências por meio do ensino [...]. Hoje, como sempre, Deus e o demónio, a virtude e o vício, disputam o império das almas [...]. O homem no lugar de Deus. O Estado no lugar de Deus. A esta ideia corresponde outra palavra: secularização; nada de religião.

«IDE E ENSINAI A TODOS OS POVOS O QUE VOS MANDEI», disse Jesus Cristo aos seus Apóstolos [...]. Então, se os filhos de Deus hão-de fazer algo para RESTAURAREM TODAS AS COISAS EM CRISTO, é preciso que trabalhem no mesmo campo aqueles que querem vencer os inimigos. Além disso, o nosso vigilantíssimo Padre Leão XIII recomendou-no-lo<sup>33</sup> [...] . ENSINEMOS O IGNORANTE, CONFIRMEMOS NA FÉ O FRACO [...], e se isto não pudermos, ao menos rezemos para que o Senhor envie à sua Igreja uma multidão de sábios e santos sacerdotes, uma multidão de almas generosas e decididas, que consagrem o seu talento e a sua vida, os seus dotes naturais e sobrenaturais, ao apostolado da oração, do ensino e do sacrifício. ONDE HOUVER UMA ESCOLA SECULARIZADA SEM DEUS, EDIFIQUEMOS, NA FRENTE DELA, UMA ESCOLA CATÓLICA [...] QUE FORME CRISTO JESUS NAS INTELIGÊNCIAS INFANTIS, PELA INSTRUÇÃO E NOS CORAÇÕES, PELA EDUCAÇÃO...»<sup>34</sup>.
- *Abril 1880 Desde a Solidão: Reflexão em momentos de dor depois da Páscoa:*  
 «Ressuscitou o Senhor! Aleluia! Eis um grito que ressoa há dezanove séculos no mundo cristão, que enche de consolação, alegria e coragem os fiéis, que causa horror aos perseguidores de Cristo [...]. Triunfou, é verdade, o divino Rei, da morte e do inferno [...], mas continua [o inferno] a esforçar-se por dominar os seus membros e a sua Esposa santa, a Igreja católica. Temos dentro de nós a *fomes peccati*, que continuamente nos combate, incitando-nos ao mal [...] . Muito tem que sofrer e lutar, pois os seus inimigos são ferozes e não desistirão do seu empreendimento enquanto este século durar [...] . E vós, almas que jazeis ainda no sepulcro do pecado, levantai-vos e Jesus Cristo vos iluminará»<sup>35</sup>.
- *Abril 1880: «Rezemos pela França», a nação que exerce mais influência na Europa. Em nome das liberdades, persegue os religiosos*  
 «Há uma nação generosa que parece ter sido destinada pela Providência, quer pela sua situação topográfica, quer pelo seu carácter e a sua história, para exercer

<sup>33</sup> A RT de Maio 78 publicou, na íntegra, a Encíclica programática do pontificado de Leão XIII «*Inscrutabili*».

<sup>34</sup> RT, em EEO III, 882-885.

<sup>35</sup> RT 1879-80, 172-174.

uma enorme influência no mundo civilizado. A sua língua, as suas leis, os seus costumes, e até os seus caprichos, impõem-se a todos os povos, sem quase darem por isso, se não andarem muito atentos. Mas esta nação, a que chamamos França, não fazendo caso da experiência dos eloquentes e horrorosos desastres da sua história de 93 e da *Commune* dos nossos dias, parece querer coroar a obra dos seus desacertos consumando toda a iniquidade, lançando fora do seu seio os sábios e virtuosos Jesuítas, e tratando de dissolver todas as Congregações de ensino pelo único crime de serem religiosas [...]. E isto em nome da liberdade de consciência, liberdade de culto, liberdade de ensino e de não sei quantas liberdades [...]. Porém, o que se passa em França, passar-se-á depois em Espanha, em Itália, em todo o mundo, pois a conspiração contra tudo o que difunde o bom odor de Cristo, é universal [...]. São religiosos ou religiosas, isto é, juntamente com a verdade científica, natural, querem ensinar a verdade moral, as verdades da fé ou sobrenaturais, e então o *sinédrio* dos inflamados regeneradores da actualidade, exclama: é réu de morte [...]. Terão êxito os seus planos de destruição? As orações e sacrifícios que fizermos pela França e, de uma maneira geral, pelo mundo, responderão a esta pergunta [...]. Rezemos pela França, pela Espanha, pelo mundo. *H. de O.*»<sup>36</sup>.

Durante cinco meses, de Maio a Setembro de 1880, Henrique de Ossó escreve outra série de artigos: «*Adversus Dominum et adversus Christum ejus*», com o subtítulo: «Rezemos pela França e pela Europa cristã». Como quase todos os da *Revista*, são um convite à tomada de consciência, a «despertar do sono da irresponsabilidade». Escritos em tom profético do século XIX, sem economizar expressões terríficas. Terminam com o apelo à confiança e ao compromisso cristão: «*rezar e agir*».

Citamos apenas alguns parágrafos que falam da Educação:

- *Mai 1880: Na Educação estão em jogo os mais importantes interesses de Jesus*  
«A batalha é a mesma de França: o campo do ensino; porque, assenhoreando-se dela, a conquista será certa, perpétua [...]. Se tivermos zelo pelos interesses de Jesus, não fiquemos calados, não assistamos impassíveis e indiferentes a esta luta: estão em jogo os interesses de Cristo, a salvação de milhares de almas»<sup>37</sup>.
- *Junho 1880: destruição dos colégios católicos*  
«Mais de 30.000 religiosas de ensino serão expulsas dos seus colégios, todos os colégios dos Jesuítas serão encerrados, e as comunidades religiosas, sob pretextos fúteis, serão por fim destruídas [...]. Rezemos sem cessar pela França [...], porque entulhadas as fontes do ensino católico, será impossível qualquer restauração cristã»<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> RT 1879-80, 174-175.

<sup>37</sup> RT, em EEO III, 868-870.

<sup>38</sup> RT, em EEO III, 870-873.

- *Julho 1880: Expulsão dos Jesuítas*  
 «Foi consumada a iniquidade anunciada: Os filhos do grande Inácio de Loiola, a guarda avançada das Ordens Religiosas, por assim dizer, acabam de ser expulsos das suas residências pela violência de um Governo que se diz protector da liberdade e igualdade dos seus súbditos [...]. Rezar pela França e pela Europa cristã»<sup>39</sup>.
- *Agosto 1880: A «Liga do Ensino», educação laica e ateia*  
 «A maçonaria francesa copiou esta resolução dos seus irmãos da Bélgica e associou-se aos esforços feitos para tornar a instrução gratuita, obrigatória e laica; laica, não apenas por ser feita por seculares, mas à margem de qualquer religião, e com o objectivo de edificar uma SOCIEDADE NOVA, *unicamente* baseada na ciência e na instrução, foi constituída a Liga do Ensino. Isto foi dito e escrito em 1876. E o que se passa em 1880, mais não é do que o cumprimento, até certo ponto, de uma parte do programa de destruição»<sup>40</sup>.
- *Setembro 1880: A maçonaria imita o «proselitismo» católico, para os seus fins*  
 «Dissemos no artigo anterior: «para edificar uma sociedade nova, *unicamente* baseada na ciência e na instrução [...]. Expulsas, nestes dias, das escolas públicas de Paris, as religiosas que ensinavam a conhecer e a amar Jesus Cristo, foram substituídas por mestras seculares, algumas das quais tomaram parte nos delírios e orgias da *Commune*. Oiçamos algumas excelentes confissões dos amigos do Governo francês actual [...]:  
 "Será útil que a maçonaria não se limite a falar, mas é mister que actue. O clericalismo sabe muito bem que o processo mais seguro para recrutar, é lançar mão da instrução e da educação. Dirijamos, pois, as ideias do século para a instrução obrigatória, gratuita, laica. Façamos mais, fundemos mais escolas. Demonstramos aos clericais que não é necessário praticar actos de beneficência, vestir-se com o ridículo traje dos Irmãos da ignorância ou das Irmãs da caridade. Imitemos o seu zelo. Eles fazem propaganda pelo obscurantismo; por que não havemos nós de a fazer pela luz? Eles pedem a fé; peçamos nós a razão. Eles pregam a revelação, preguemos nós a ciência. Eles exercem proselitismo e enchem as suas igrejas; façamos o mesmo e engrossemos as nossas fileiras. Imitemo-los, pois, no bom que têm; tenhamos, como eles, o valor da nossa opinião e a perseverança nas nossas obras".  
 Aí fica descrito todo o seu plano de batalha contra Deus e o seu Cristo»<sup>41</sup>.

### 3. O primeiro Congresso Pedagógico e a *Instituição Livre do Ensino*

<sup>39</sup> RT, em EEO III, 873-875.

<sup>40</sup> RT, em EEO III, 875-878.

<sup>41</sup> RT, em EEO III, 879-881.

Em 1882, teve lugar o Primeiro Congresso Nacional Pedagógico, solicitado, havia anos, pelos *novos* mestres. Foi apoiado pelo Governo liberal de Sagasta e impulsionado, na sua organização, pelos intelectuais da Instituição Livre do Ensino (ILE) que, sem diploma nem exames públicos, se tinha interessado pela pedagogia. Estes, chamados «pedagogos de laboratório» – que reclamavam uma ampla e urgente reforma das Normais e da formação do professorado – foram o alvo das críticas dos *novos* mestres, formados nas primeiras Escolas Normais.

Foi nessa altura que a ILE se apresentou em público com uma nova preocupação pedagógica que não manifestou no início. Tinha nascido, como a Companhia de Santa Teresa de Jesus, no Verão de 1876, mas – para além das diferenças ideológicas, fundamentais – esta Instituição «tinha sido formada com a fina flor dos professores universitários»<sup>42</sup>, por um grupo de catedráticos krausistas<sup>43</sup> da Universidade Central que, um ano antes, haviam protestado pela redução oficial da sua *liberdade de cátedra*<sup>44</sup>, e sido demitidos. Em 1876, a ILE nascia com uma finalidade científica, uma espécie de Universidade Privada, e

---

<sup>42</sup> A frase foi extraída de um artigo que publicou a RT de Outubro de 1879 a que mais adiante aludiremos. Cf. EEO III, 866.

<sup>43</sup> Chamam-se *krausistas* os discípulos de KRAUSE (1781-1832), filósofo e pedagogo alemão, de orientação panteísta e maçónica, com quem se formou J. SANZ DEL RÍO (1814-1869), transmissor e difusor, em Espanha, do pensamento krausista. Patrocinado pelo governo espanhol, Sanz del Río, em 1843, andou por Paris, Bruxelas e Heidelberg, onde estudou a filosofia de Krause. Em 1844, regressa a Espanha e continua a traduzir Krause. Em 1854, ascende à cátedra de História da Filosofia na Universidade Central, da qual é expulso por heterodoxia político-religiosa em 1867, sendo repostado em 1868, depois da Revolução. Morreu a 12 de Outubro de 1869. Não chegou a sistematizar o seu pensamento pedagógico. As ideias dispersas dos seus escritos seguem muito de perto as ideias filosóficas e pedagógicas de Krause. Desde a morte de Sanz del Río, em Outubro de 1869, os seus discípulos – muitos deles já professores universitários – representam o pensamento e a pedagogia krausista, que em Espanha, iniciará um movimento intelectual e pedagógico de reforma, adoptado pela *Instituição Livre do Ensino*, de enorme projecção. Na prática, *krausismo* e ILE ou *institucionalismo*, identificam-se.

<sup>44</sup> «As medidas preconizadas pelo conservador Orovio, ministro do Fomento, foram, em síntese, as seguintes: no mês de Fevereiro de 1875, foram abolidos dois artigos de um decreto real anterior (1868), nos quais se declarava a liberdade de textos escolares e se eximiam os professores da obrigação de apresentarem o programa da sua cadeira. Uma circular, publicada pelo próprio Orovio, ia ainda mais longe: exortava os reitores das universidades a não tolerarem, nos estabelecimentos sustentados pelo Governo, o ensino de "outras doutrinas religiosas que não sejam as do Estado", e que não permitissem "explicação alguma que redundasse em menoscabo da pessoa do rei ou do regime monárquico constitucional". Os professores krausistas que manifestaram a sua decisão de não acatar tais disposições, foram afastados das suas cátedras. Giner de los Rios [...] não só foi afastado da cátedra, mas também desterrado para Cádiz. Medidas análogas foram tomadas para com Salmerón e Azcárate». (J. M<sup>o</sup> PRELLEZO, em B. DELGADO CRIADO (Coord.), *op. cit.*, 438-439). No capítulo I aludimos a este facto, transcrevendo a opinião de Marcelino Menéndez Pidal.

pôde começar a funcionar imediatamente, dando aulas a alunos de nível médio e superior<sup>45</sup>:

«É constituída uma Sociedade, cujo objectivo é fundar, em Madrid, uma Instituição livre, consagrada à cultura e difusão da ciência nos seus diversos ramos, especialmente por meio do ensino»<sup>46</sup>.

Seguidamente, por diversas razões, a Instituição mudou de perspectiva: fala-se do incremento numérico do ensino secundário e introduz-se o ensino primário. A preocupação científica e a defesa da liberdade de cátedra, recalcadas nos primeiros documentos, traduzem-se num compromisso educativo:

«A Instituição não se propõe unicamente *ensinar e instruir*, mas ao mesmo tempo, *educar*. Para isso, tem que ter atenção, pelo menos tanto quanto à inteligência dos seus alunos, aos seus sentimentos e às suas acções; tem que velar pelos mínimos pormenores do seu comportamento para os ensinar a *viver*, não meramente a *pensar e estudar*»<sup>47</sup>.

Esta transformação da ILE fora iniciada já no ano lectivo 1878-1879, por influência de alguns dos seus membros, muito especialmente de Francisco Giner de los Ríos<sup>48</sup>, *alma e texto vivo*<sup>49</sup> da Instituição. Na sua opinião, a regeneração social é, fundamentalmente, um problema de educação:

---

<sup>45</sup> Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *op. cit.*, 485-490.

<sup>46</sup> Artigo 1º dos «Estatutos da Instituição Livre do Ensino», em *Revista de Educação* 243 (1976), 109.

<sup>47</sup> «Prospecto para o ano lectivo 1880-81, BILE 4 (1880), 90.

<sup>48</sup> F. Giner de los Ríos (1839-1917), dirigente do movimento Krausista desde a morte de J. Sanz del Río, o mestre. Desde 1867 que era professor catedrático de Filosofia do Direito na Universidade Central, e foi deposto em 1875 como já referimos. «Giner reúne, na sua pessoa, a quinta essência da Ilustração e da evolução desta no século XIX, com a integração de elementos idealistas, positivistas e krausistas. Certo do poder inapelável da razão, cheio de esperança na ciência rigorosa, amante da natureza até ao misticismo-panteísta, rejeitava qualquer tipo de religião positiva que pretendesse ser detentora de verdades reveladas e o seu deus mais não era do que o princípio ou "potência activa" do "cosmos". Inimigo, por conseguinte, embora respeitador, da Igreja e das igrejas, que acusava de obscurantismo. Como krausista, era moralizante com base na verdade, na justiça, na filantropia, e aspirava a uma ordem natural harmónica e perfeita para a humanidade. Compreendeu que a revolução de Espanha não seria eficaz, nem com as armas, nem com a política. Caiu na conta – e foi a sua mais válida intuição – de que educar as mentes e formar homens com ideias, é que seria eficaz, pois estas acabam por se sobrepor a toda a violência. Soube ser pedagogo e fazer dos discípulos, amigos seus [...]. Sonhou com abrir a Espanha à Europa, incitando os melhores universitários a atribuírem pouco valor às tradições hispânicas e a procurarem, na cultura europeia, a abertura às luzes, à tolerância, ao pluralismo, ao laicismo, ao naturalismo». V. CÁRCEL ORTÍ, *op. cit.*, 487.

<sup>49</sup> A expressão «textos vivos» está relacionada com a chamada «Questão Universitária» e esta, com o Ministro do Fomento Orovio que, por duas vezes – primeiro, alguns meses antes da Revolução de 68, e depois a 26 de Fevereiro de 1875 – tinha provocado a demissão de uma série



«Não sei se é pela lei da natureza, mas é certamente pela do tempo, que cabe à educação, entre as forças civilizadoras da nossa sociedade, a principal e mais profunda influência»<sup>50</sup>.

No Congresso Pedagógico de 1882, para além dos confrontos com os mestres novos ou *normalistas*, surgiu também uma polémica entre a tendência reformista da ILE e a tendência educativa católica tradicional. Os pedagogos da *Instituição* propõem-se «seguir todas as inovações, todas as ideias, todas as evoluções da ciência dos países estrangeiros. A Instituição – diz Cossío – será um eco do que se passa no mundo. Defendem o método intuitivo e a escola mista ou co-educação, bem como a escola neutra ou laica. É muito conhecido o Art. 15 dos Estatutos da ILE<sup>51</sup> que reflecte bem o seu modo de pensar:

«A *Instituição Livre do Ensino* é completamente alheia a qualquer espírito e interesse de comunhão religiosa, escola filosófica ou partido político, proclamando apenas o princípio da liberdade e inviolabilidade da ciência e da consequente independência da sua investigação e exposição a respeito de qualquer outra autoridade para além da própria consciência do professor, único responsável das suas doutrinas»<sup>52</sup>.

Nenhum ou muito poucos dos princípios da Instituição podiam ser aceites pelos educadores católicos de orientação mais ou menos tradicional. Contudo, no Congresso chegou-se a algumas conclusões. O 4º tema dos que foram tratados, sugeria que fosse a mulher a educadora das crianças, e o real decreto de 17 de Março de 1882, confiava as escolas de crianças apenas a mulheres<sup>53</sup>, e era criado o *patronato geral dos Jardins de Infância*<sup>54</sup>.

Qual foi a posição de Henrique de Ossó face à Instituição Livre de Ensino?

Enquanto essas instituições liberais se centraram nos níveis universitários, lançou contra elas uma ou outra invectiva indirecta, aludindo às «cátedras do erro» ou reprovando o ensino dos «livres-pensadores», mas não as enfrentou directamente. No entanto, ao começarem a dar atenção ao ensino primário e

de professores krausistas, e de mais alguns, por reivindicarem a liberdade de cátedra. Se a Igreja tinha direito ao controlo da integridade doutrinal e moral dos livros de texto, também podia controlar os próprios professores, *livros vivos*.

<sup>50</sup> Giner, *Estudios sobre educación*, 26; citado por J. Mª PRELLEZO, em DELGADO CRIADO (Coord.), *op. cit.*, 446.

<sup>51</sup> Foram autorizados pela Real ordem de 16 de Agosto de 1876.

<sup>52</sup> I.L.E., «Estatutos...», em *Revista de Educación* 243 (1976), 111.

<sup>53</sup> Dez anos depois, no Congresso Internacional de Pedagogia, para além dos Pirinéus, aceitava-se também a nova ideia da educação da mulher, graças às intervenções de Concepción Arenal e Emilia Pardo Bazán. (Cf. A. Del VALLE LÓPEZ, «La educación de la mujer» em B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ (Dr.), *op. cit.*, 589-591).

<sup>54</sup> Idem, 590 e C. SANCHIDRIÁN, em B. DELGADO CRIADO (Coord.), *op. cit.*, 401-406.

infantil, interessando-se pela reforma das Normais de Mestres e Mestras, o Fundador da Companhia adopta uma posição abertamente crítica.

Na *Revista Teresiana* de Outubro de 1879, três anos antes do Congresso de Pedagogia, quer pôr os leitores alerta sobre aquela instituição aparentemente inofensiva, e publica um artigo intitulado «*O maior inimigo dentro de casa*».

«Não sem nos entristecermos profundamente, lemos o discurso inaugural que um livre-pensador pronunciou na *Instituição livre do ensino* de Madrid [...]. Cada vez nos convencemos mais e mais das palavras do nosso amantíssimo papa Leão XIII quando afirma que a educação e o ensino é o campo que os inimigos da Igreja escolheram preferencialmente [...]. Só na nossa Espanha, segundo parece, passa despercebido o maior inimigo que temos dentro de casa, e não fazemos caso dele, e deixamos que "se mostrem satisfeitos e se regozijem os livres-pensadores, porque o seu plano ímpio, cujo lema é *ser alheio a qualquer seita religiosa, escola filosófica ou partido político*, é cumprido silenciosamente dentro das paredes do seu instituto, passando quase inadvertido pelo povo".

E a Espanha católica não fica alarmada [...] ao ver que os seus pequeninos pedem pão e lhes dão veneno [...]. TUDO DEPENDE DA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE. Não consintas, pois, Teresa de Jesus, em que se arrebate à Igreja a divina prerrogativa de ensinar e educar [...].

Quando será, irmãos meus, amantes teresianos, que despertamos e que multiplicamos, com todas as nossas forças e recursos, acima de tudo, as obras católicas consagradas ao ensino e à educação da juventude? É esta a primeira necessidade do nosso tempo, a base única que pode possibilitar a restauração do reinado social de Jesus Cristo. Tudo o mais é andar pela rama»<sup>55</sup>.

Outro dos motivos da rejeição da ILE, por parte do sector católico, era a influência que exercera nos governos do Sexénio Liberal e a grande influência que continuaram a ter nos governos da Restauração. Di-lo claramente o citado artigo, publicado na RT:

«Na *Instituição Livre* ensinam aqueles famosos jurisconsultos, políticos, filósofos e economistas que saíram da Universidade Central para porem em prática as suas teorias nos governos revolucionários [...]. São os mesmos catedráticos que, sob a capa de governos moderados e conservadores, constituem

---

<sup>55</sup> RT 1879-80, 3-4, publicado em EEO III, 864-865. Seguidamente, aparece outro artigo, «*A Instituição livre do ensino*», transcrito de alguma revista católica e escrito por «um dos mais distintos escritores católicos dos nossos dias», que é apenas um comentário ao Discurso inaugural do ano lectivo 79-80, pronunciado por D. Gumersindo de Azcárate na ILE, e que *El Imparcial* publicou. Gumersindo de Azcárate, no seu discurso, alude, orgulhoso, ao aumento de níveis: «Refiro-me ao *ensino primário*, instituído há apenas um ano, não sem temor e receio, e hoje já legítimo orgulho desta Instituição». E o comentário do «autor católico» diz o seguinte: «Esta Instituição, portanto, vive e prospera já em Espanha; e abrange, desde o ensino primário ao ensino superior; quer dizer, recebe as crianças dos braços das suas mães, educa-as, instrui-as, e guia-as até serem homens completamente alheios a qualquer ideia de Religião» (EEO III, 865-868).

a geração de sábios que falam de todas as coisas deste mundo [...]. São a parte insigne do exército liberal [...] que nos facultou, como maravilhosas descobertas, quantos desatinos inventou a loucura racionalista»<sup>56</sup>.

#### 4. A escola de Santa Teresa, restauração ou regeneração?

*Restauração e regeneração* são dois termos vinculados política, sociológica e ideologicamente ao último quartel do século XIX espanhol, que fazem alusão à necessidade de uma MUDANÇA relativamente à situação em que se estava. Ambos os posicionamentos coincidem no *descontentamento* pelo presente, mas diferenciam-se radicalmente quanto à solução: *Restauração* significava «regresso ao passado» e *Regeneração* era sinónimo de «pro-gresso para um futuro novo».

- *Restauração*, na sua acepção política e ideológica, exprime o *desejo* de RECUPERAR UMA SITUAÇÃO PASSADA, PERDIDA, que se julga ideal, melhor que a presente; e à qual se acredita ser possível voltar ou regressar.
- *Re-generação*<sup>57</sup>, é um termo sociológico-cultural que se refere ao *desejo* e à possibilidade de uma realidade social, um povo, uma comunidade humana, RENASCEREM E ADOPTAREM UMA NOVA FORMA DE VIDA.

Henrique de Ossó, como homem da Igreja do seu tempo, participa da mentalidade *restauracionista*, como não podia deixar de ser. O ideal da Igreja espanhola daquela época tem a sua mais típica expressão na «restauração do reinado social de Jesus Cristo», da qual Henrique de Ossó se apropria algumas vezes. Servindo-se dessas categorias, elabora muitos dos seus argumentos em defesa da Escola e da Educação, quando se dirige aos católicos espanhóis, *restauracionistas* como ele, na sua maior parte pouco despertos e incapazes de tomar consciência da realidade e de agir coerentemente.

Como homem de Deus, guiado pelo Espírito, vive um utópico desejo de *regeneração* – cujas fontes têm que ser procuradas na teologia paulina –, que contagia os que o seguem: *re-generar* a sociedade, fazê-la nova *em Cristo*. E está convencido de que isso é obra do Espírito<sup>58</sup>, que trabalha *normalmente* por meio de homens e mulheres novos. O seu grande desejo, quase obsessão, é que

<sup>56</sup> RT, em EEO III, 867.

<sup>57</sup> Também existe, nas últimas décadas do século, um movimento de reforma chamado *Regeneracionismo*, cujo representante mais característico é JOAQUÍN COSTA, de ideias afins às da ILE, conhecido pelo seu famoso lema «despensa e escola».

<sup>58</sup> É precioso, neste sentido, o artigo já citado *Organizemo-nos I* «O Espírito é que vivifica, não a carne nem a roupagem [...]. Onde houver o Espírito do Senhor, aí haverá liberdade [...]; o justo é, ele próprio, a lei viva, que traz escrita nas tábuas do seu coração. Oh, se todos os católicos fôssemos justos!» (EEO III, 813).

os cristãos entrem numa dinâmica de vida e *vivam em Cristo, que O conheçam e O amem* e sirvam a sociedade dinamizando o processo *regenerador*, isto é, *tornando-O conhecido e amado*. Trata-se, pois, de provocar um dinamismo de evangelização de maneira que cada homem, cada mulher, seja evangelizado e se converta, por sua vez, em evangelizador.

Nesta perspectiva, a mulher é uma figura chave. Compete-lhe encher de luz a nova humanidade, desempenhando uma verdadeira missão renovadora, regeneradora:

«Em todas as obras de Deus para a *regeneração* do mundo, sempre se encontrará a mulher; é ela que as inicia, as fomenta, as sustém, as propaga [...]. Por isso Deus, que não faz nada de supérfluo, ao atribuir à mulher este destino, dota-a dos meios e das graças mais adequadas para ir até Ele. Uma graça toda natural [...], entrega à mulher, mais que ao homem, recursos para combater os maiores males [...]. A palavra da mulher reveste-se de uma tal eficácia, que nem os mais duros corações lhe conseguem resistir. Como sai do coração, tem a especial virtude de mover os corações»<sup>59</sup>.

Que palavra houve mais impressionante e persuasiva [...], que imã mais forte para atrair corações que Teresa de Jesus? [...]. A graça natural da encantadora Castelhana bastou, só por si, para atrair mil corações para o seguimento dos conselhos evangélicos»<sup>60</sup>.

Teresa de Jesus renovou a Igreja e a sociedade do seu tempo, e hoje (século XIX) continua a ser atraente e a contagiar o seu espírito novo para renovar esta sociedade.

Podemos concluir afirmando que restauracionistas e regeneracionistas confluem em Teresa de Jesus. Porque esta mulher excepcional, não só representa o que há de melhor no nosso passado glorioso – como argumentam os partidários da tradição – mas é protótipo da mulher nova, admirada por liberais e reformistas.

Vejam os que diz Juan de Valera<sup>61</sup> num discurso para a Academia Espanhola de que Henrique de Ossó gostou e que publicou na *Revista*, com o significativo título «*Elogio de Santa Teresa por um livre-pensador*»:

«... Não a louvo eu como um crente do seu século, como um fervoroso católico, como os Santos, [...]. Na verdade, não é este o melhor ponto de vista para falar da Santa; mas eu apenas posso recorrer a outro [...]. Fray Luis de León

---

<sup>59</sup> RT N° 72, Setembro 1878, 342.

<sup>60</sup> Ibid., 343.

<sup>61</sup> Juan de VALERA y ALCALÁ GALIANO (Córdoba 1824 – Madrid 1905). Literato, jornalista, político e diplomata, insigne orador. Homem de grande cultura. Estudou Filosofia e Direito e dominava várias línguas. Académico da RAE desde 1862. De ideias liberais moderadas, «Homem de fé, não de fanatismos, [...] imparcial, sereno, eclético e tolerante». (Cf. «*Valera*» em ESPASA, 701-703).

definia a sua doutrina como *a mais alta e mais excelente filosofia que jamais os homens imaginaram* [...]. A sua filosofia não é mera especulação, mas transforma-se em factos e toda se executa. O seu, não é um misticismo inerte, egoísta e solitário, mas a partir do centro da alma – a qual não se perde nem se aniquila abraçada com o infinito, mas cobra maior alento e força naquele abraço, sai do êxtase e do arroubamento, da adega onde esteve a regalar-se com o Esposo – porque Ele lhe *ordena a caridade* e é Marta e Maria juntamente. E, embriagada com o vinho suavíssimo do amor de Deus, arde em amor do próximo e afadiga-se pelo seu bem [...].

Limitar-me-ei apenas a dizer, não que sei e que comprovo, mas que creio e presumo nas *Moradas* a mais penetrante intuição da ciência fundamental e transcendente. E que a Santa, pela via do conhecimento próprio, chegou ao cume da metafísica, e tem a visão intelectual e pura do absoluto. Não é o estilo, não é a imaginação, não é a virtude da palavra o que nela cativa, mas o sincero e irresistível surgimento da verdade na palavra propriamente dita [...].

Mergulhando nos abismos da sua alma, a Santa arrebatava-nos atrás de si, e já não é a sua alma que vemos, mas, sem deixarmos de ver a sua alma, avistamos algo mais imenso, mais rico e mais luminoso. A mente perde-se e confunde-se com a divindade, sem ficar aniquilada e inerte. Embora passiva, ali entende, e depois ressurgiu e volta ao mundo pequeno e grosseiro em que vive com o corpo, fortalecida por aquele banho celestial, e capacitada e pronta para a acção, para o bem e para as lutas e vitórias em que deve empenhar-se, e ganhar, nesta existência terrena»<sup>62</sup>.

Se tivermos sido capazes de ler estes parágrafos, apesar do estilo do século XIX e excessivamente académico do discurso, constatámos, certamente, que Teresa de Jesus e a sua experiência mística – ontem como hoje – revela, a quem o procura, *o essencial humano*, que é divino.

---

<sup>62</sup> RT N° 79, Abril 1879, 197-202.



## Capítulo III

### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS SEUS MEMBROS

#### 1. As candidatas

Desde o primeiro momento que Henrique de Ossó tem, na mente e no coração, o modelo de Teresa de Jesus, e está convencido de que um corpo apostólico formado por «*outras Teresas de Jesus*» pode transformar o mundo.

Como alcançar um tão sublime objectivo?, perguntara aos leitores da *Revista*. Teresa de Jesus propõe um itinerário formativo pessoalíssimo, de cuja eficácia ela própria é testemunha. Um itinerário que hão-de percorrer as futuras educadoras teresianas, sendo para isso necessários alguns requisitos prévios, também indicados pela Santa.

O perfil da candidata à Companhia de Santa Teresa de Jesus foi esboçado logo nos primeiros artigos e volta a aparecer, sistematizado, nas primeiras Constituições:

1876

- «almas reais e animosas que dêem a cara pelo seu Jesus [...] e não se limitem a carpir e choramingar»<sup>1</sup>.
- «jovens de bom entendimento, grande coração e zelo pelos interesses de Jesus, que, obedecendo, desejam promover, na maior escala que for possível a uma mulher do século XIX, esses divinos interesses por meio do apostolado do ensino»<sup>2</sup>.

1879

- «gente esforçada e aguerrida»<sup>3</sup>.

1882

- «As filhas da grande Teresa devem ter bom entendimento, carácter varonil, dócil e obediente<sup>4</sup>; e grande zelo pelos interesses de Jesus»<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> RT N° 47, Agosto 1876. Publicado em EEO III, 795.

<sup>2</sup> RT N° 47, Agosto 1876. Publicado em EEO III, 798.

<sup>3</sup> RT N° 47, Agosto 1876. Publicado em EEO III, 801.

<sup>4</sup> A obediência, como disposição inicial ou atitude das candidatas, tem a sua razão de ser, pois a Companhia é um *corpo apostólico*. Os seus membros não poderão agir como «*franco-*

Nestes primeiros textos, distinguem-se claramente três traços fundamentais que a candidata à Companhia há-de ter, pelo menos em algum grau:

### 1.1. «Grande zelo» ou amor apostólico

A maior parte das jovens que «Teresa de Jesus ia despertando» para a Companhia, eram jovens da Arquiconfraria, cheias de amor a Jesus Cristo que, contagiadas pelo *zelo* de Teresa, «não se contentam com carpir e choramingar» perante os males do século, mas desejam «*zelar* os interesses de Jesus na maior escala que for possível à mulher católica»<sup>6</sup>, incorporando-se nesta Companhia de vanguarda.

O que as move a fazer parte desta comunidade apostólica, não é a sua maior perfeição, nem sequer *salvar a sua alma*<sup>7</sup>. O amor de Cristo impele-as a «*zelar* pela maior glória de Deus por meio da salvação das almas. Querem ser *sábias e santas* como a sua madre Santa Teresa de Jesus, para, com a sua virtude e sabedoria, *atraírem* inúmeros corações ao amor de Jesus»<sup>8</sup>.

### 1.2. «Carácter varonil» ou fortaleza de espírito

Esta expressão, que hoje nos parece imprópria, tem uma longa história. Encontramo-la muitas vezes na Santa<sup>9</sup> e na literatura espiritual até ao século XIX, sempre com um significado positivo<sup>10</sup>. Henrique de Ossó, especialmente quando se refere às irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus, utiliza muitas vezes a expressão *carácter varonil* como síntese de outras qualidades concomitantes:

«*Almas reais e animosas*», «*que não se contentam com carpir e choramingar*», «*de carácter varonil e grandeza de alma*».

Um empreendimento como a Companhia, necessitava de pessoas fortes, entusiastas e ousadas, dispostas a dar a vida por um grande ideal.

-*atiradores*» – para empregar um termo bélico – mas não-de ser capazes de integrar os seus projectos pessoais nos da Companhia.

<sup>5</sup> SC, em EEO II, 16.

<sup>6</sup> Todas as frases entre aspas são do citado artigo N.º 47.

<sup>7</sup> Este era o «objectivo» principal e a razão mais comum para ingressar na vida religiosa.

<sup>8</sup> *Fines Principálsimos de la Compañía* (1877), em EEO II, 408.

<sup>9</sup> Teresa de Jesus emprega, alternadamente, expressões sinónimas: *varonis*, *varões fortes*, *nada mulher*, *ânimo mais que de mulher*... (Cf. *Obras* de Teresa de Jesus: V 8,7; C 7,8; R 3,6).

<sup>10</sup> DRAE, na sua segunda acepção, define-o assim: «Esforçado, valoroso, firme».



- «*almas reais*»<sup>11</sup>

Esta é uma característica muito teresiana, bem assimilada por Henrique de Ossó. No contexto em que a expressão aparece, a Santa refere-se à capacidade de não nos determos nas aparências ou no exterior das coisas, mas de possuímos a disposição de aprofundar e captar o essencial da vida e das pessoas. Isto é próprio de espíritos nobres.

- «*animosas*»<sup>12</sup>, «*com grandeza de alma*»

Estas expressões também procedem de Teresa de Jesus, como sinónimo de coragem, força de espírito, *parrésia* do Espírito.

Com este conjunto de traços, o que se pretende exprimir é que «*tornar o apostolado da mulher fecundo na maior escala possível*» ou «*promover na maior escala que for possível a uma mulher do século XIX estes divinos interesses por meio do Apostolado do ensino*»<sup>13</sup>, pressupõe que sejam naturalmente dotadas para superarem o modelo sociológico da mulher: pueril, dependente, tímida, indecisa, fechada em casa, ainda predominante no século XIX.

Uma grande parte do êxito apostólico desta iniciativa iria depender, precisamente, do acerto em pôr ao serviço da missão educativa as qualidades inatas da mulher, liberta dos seus «complexos de inferioridade» e dos princípios misóginos ainda vigentes. Teresa de Jesus tinha sido pioneira de um *novo modo feminino* – teresiano – *de ser e de agir na Igreja e no mundo*; modelo que só parcialmente tinham encarnado as suas Carmelitas. Aquelas filhas da Santa não puderam dedicar-se a nenhuma missão apostólica activa, vedada à mulher durante séculos. Agora, no século XIX, quando se começava a reconhecer à mulher a possibilidade do apostolado activo, esta *Companhia de preferência* ia dedicar-se ao que Teresa de Jesus já se dedicara, *à oração*, e ao que Teresa de Jesus teria gostado de fazer, *ao ensino*<sup>14</sup>. Desta maneira, Teresa de Jesus

---

<sup>11</sup> O significado de «*real*», explica-o DRAE: (*regalis*): adj. «pertencente ou relativo ao rei ou à realeza, excelente, superior. 12: fig. e fam. «Muito bom». É este o sentido que tem nos escritos de Teresa de Jesus. «Estas pessoas [refere-se às que chegaram ao *amor perfeito*] são *almas generosas, almas reais*; não se contentam com amar coisa tão ruim como estes corpos, por formosos que sejam [...], mas para se deterem neles, não» (C 6,4).

<sup>12</sup> DRAE: Ânimo, animoso, procede do lat. *animus*: alma ou espírito. Animoso: «que tem ânimo ou coragem».

<sup>13</sup> Nos dois artigos de Agosto de 76 (RT N° 47) aparecem estas duas expressões e ainda outra, muito parecida: «(A Companhia) destinada a zelar os interesses de Jesus na maior escala que for possível à mulher católica».

<sup>14</sup> Henrique de Ossó, de certo modo, atribui à Santa a inspiração da *Companhia de teresianas educadoras*, mas, além disso, costuma repetir, em diversos textos, umas palavras do P. Graciano numa nota a uma carta da Santa: «Santa Teresa de Jesus tinha tanto zelo pelas almas e era tão fervorosa nesse ministério e tão desejosa dele, que não apenas numa cidade, mas em todas as cidades da Espanha, gostaria de que se fundassem colégios para a educação das donzelas» (Cf.

continuava a exercer o seu magistério três séculos depois. Ela é *mestra de oração e de vida*. E mestras de oração e de vida haviam de ser as da Companhia de Santa Teresa.

### 1.3. «Bom entendimento»

Teresa de Jesus, para a admissão das suas aspirantes ao Carmelo, considera o *bom entendimento*<sup>15</sup> como requisito essencial. Nos seus escritos é visível, além disso, que na avaliação que faz das pessoas com quem se relaciona, põe sempre em evidência esta qualidade fundamental. Não é de estranhar que Henrique de Ossó, formado na escola de Teresa e tão amigo da verdade, pense o mesmo que ela, e considere o *bom entendimento* como requisito imprescindível para ingressar na Companhia.

O que entendia exactamente por *bom entendimento* o Fundador da Companhia, quando insiste nesta qualidade tão importante? Felizmente, encontramos no *Guia da Postulante*<sup>16</sup> uma definição simples do *bom entendimento* que revela as implicações que tem – em todas as esferas da vida pessoal e social – a *capacidade de conhecer a verdade*, e em que consiste:

«Tem *bom entendimento*, isto é, *conhece as coisas como são na realidade, e vê nas coisas, nem mais nem menos, o que nelas há de verdade?»*

Vemos que não se trata de medir o coeficiente intelectual da candidata mediante um teste projectivo, mas de avaliar a sua capacidade para se ajustar à realidade e de crescer em objectividade, capacidades necessárias para viver na verdade.

Com os anos e a experiência formativa, o Fundador torna-se ainda mais realista. E nos últimos escritos sobre formação inicial, já não fala do *zelo* das jovens aspirantes à Companhia, e explica inclusivamente às formadoras que a *virtude* não é requisito prévio para a admissão, mas fruto da formação e da vida. Volta a concentrar-se nos traços da personalidade da candidata que não podem ser adquiridos, e que ele julga imprescindíveis.

---

SC, em EEO II, 14: *Exercícios Espirituais* (EE), em EEO II, 651; RT 1877-78, 68, em EEO III, 839-840). – A carta de Teresa de Jesus anotada por Graciano, foi escrita ao P. Ordóñez, 27-VII-1573, *Obras completas*, BAC, Madrid 1977 N° 50. Sobre a história do Colégio de Medina – tema da carta – e das anotações à edição do P. Graciano, podem ser consultadas as interessantes notas sobre as *Obras de la Gloriosa Santa Teresa de Jesús*, edição e notas do R. P. Fr. Antonio de S. José, Biblioteca Clásica de Religión, Madrid 1852, 442-443).

<sup>15</sup> «Olhe-se muito a que, as que houver de receber [...] tenham saúde e entendimento [...]. E não se dê a profissão se não se entender, no ano de noviciado, que tem condições...» *Constituições 5,1*, em SANTA TERESA *Obras Completas*, BAC, Madrid 1977, 640.

<sup>16</sup> *Guía de Postulante y Directorio de la Maestra de Novicias* (1895) (GP), em EEO II, 849.

1888 *Directório dos Costumes de Piedade.*

«Nas pretendentes, não se há-de procurar a virtude, mas *o carácter*, o bom espírito, *um espírito recto*, o bom entendimento, o bom senso comum ou prático. *Quod non dat natura...*»<sup>17</sup>.

«A Companhia dará a piedade verdadeira, mas não dará *o bom entendimento ou o espírito recto* ou bom senso prático, nem pode dá-lo, senão Deus»<sup>18</sup>.

«Um *espírito recto, jovial, manso, paciente, inalterável*, é uma excelente disposição para viver bem na Companhia»<sup>19</sup>.

Um ano mais tarde, na segunda edição das Constituições, volta a insistir nisso até ao ponto de referir *o bom entendimento* como qualidade determinante em certos casos extremos:

1899 *Segunda Parte das Constituições*<sup>20</sup>.

«A Superiora Geral [...] deverá, de vez em quando, admitir alguma jovenzita de *talento ou bom entendimento*, por amor de Jesus e de sua Teresa...»

E como conclusão deste parágrafo:

«O talento, pois, ou bom entendimento das postulantes, é *a primeira coisa, a principal ou essencial* a ter em conta em qualquer congregação de ensino, e muito especialmente *na Companhia de Santa Teresa de Jesus*»<sup>21</sup>.

1.4. *Síntese do perfil da candidata: «vocação e aptidão»*

Nas últimas instruções sobre formação inicial na Companhia, depois de 20 anos<sup>22</sup> de história, e tendo experimentado dificuldades concretas na formação, Henrique de Ossó reformula do seguinte modo as características das candidatas:

<sup>17</sup> DCP, em EEO II, 825. Henrique de Ossó termina o seu raciocínio com uma certa ironia, insinuando o conhecido ditado latino: «*Quod natura non dat, Salamanca non prestat*».

<sup>18</sup> Ibid., 856.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 366.

<sup>21</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 366.

<sup>22</sup> Em muitas cartas vemos como se concretizam estes critérios práticos de discernimento. Por exemplo, nesta: «Provai-a bem antes de lhe dar o santo hábito [do Carmo], e se não virdes que tem bom entendimento, carácter varonil, dócil e obediente, mandai-a embora sem tomar hábito». A Saturnina, 3/3/84, (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 14,8).

1895 *Guia da Postulante e Directório da Mestra*<sup>23</sup>

«Que condições se exigem às postulantes?  
*Primeiro*, bom entendimento ou talento,  
 [*depois*], carácter varonil, dócil e obediente».

No mesmo documento, à maneira de síntese, o Fundador fala da necessidade de as aspirantes terem vocação e serem aptas para a finalidade [da Companhia]. É neste ponto que as condições anteriormente referidas são consideradas em função da missão educativa da Companhia:

«Porque, sem vocação nem aptidão, não têm nem a graça sobrenatural nem a natural para tal, e por isso mesmo, seriam como ossos fora do seu lugar, rodas que não engrenam».

Para fazer parte desta Companhia, não basta, portanto, um desejo *genérico* de viver radicalmente o evangelho, mas é também necessária a consciência de que *a educação teresiana* é o modo específico de evangelizar na Companhia. Isto pressupõe que a aspirante possua uma certa tendência natural para a educação – ou pelo menos, uma atitude positiva relativamente à missão da Companhia – e algumas qualidades naturais que a tornem, em princípio, apta para a finalidade educativa da Companhia.

É por esta razão que Henrique de Ossó fala de vocação religiosa e de aptidão educativa, ambas necessárias para fazer parte da Companhia de Santa Teresa de Jesus, na qual *a missão apostólica activa* é elemento constitutivo e sua razão de ser na Igreja.

Com esta clareza de critérios, não devia ser difícil proceder, então, ao discernimento vocacional de tantas jovens que pediam para fazer parte da Companhia.

## 2. «As que assentam praça na milícia de Santa Teresa»

As jovens que começam a fazer parte da Companhia de Santa Teresa, tiveram um encontro pessoal com Jesus Cristo e sabem que tudo o que são e o que têm o receberam dEle. Como membros comprometidos da Arquiconfraria, repetiram várias vezes a «*Contemplação para alcançar amor*»<sup>24</sup> dos Exercícios Espirituais e estão na disposição de fazerem uma entrega total. A Companhia proporciona-lhes o local adequado para a resposta:

---

<sup>23</sup> GP, em EEO II, 852.

<sup>24</sup> No *Quarto de Hora* (CH) intitula-se «*O Amor de Deus*», em EEO I, 390.

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada com o objectivo de dar cabal solução a este difícil e sumo problema: Já que somos de Jesus e tudo o que temos o recebemos de Jesus, fazer render e empregar inteiramente todo o nosso caudal, pequeno ou seja como for, no que Lhe der maior glória e incrementar os seus divinos interesses»<sup>25</sup>.

Desde o primeiro momento, e na medida em que tomam consciência do que querem viver para sempre, as jovens entram numa dinâmica de desapropriação:

«Quem entra na Companhia e assenta praça na milícia de Santa Teresa de Jesus, deve partir do princípio de que já não se pertence: é toda de Jesus e de sua Teresa, e está consagrada, dedicada, oferecida ao seu serviço e amor, toda, toda, sem reservas»<sup>26</sup>.

Jesus e *os seus interesses* convertem-se na sua razão de ser e de agir, até ao ponto de polarizarem a pessoa. E ao assumir o projecto da Companhia como projecto pessoal, a irmã renuncia a optar ou decidir independentemente ou à margem desse projecto, com a consciência de que a sua vocação pessoal mais genuína, à qual cada irmã foi chamada por Deus, se irá descobrindo com a vida e integrando no projecto comum da Companhia.

A obediência converte-se, assim, no distintivo das irmãs da Companhia, na medida em que concretiza e exprime a sua total disponibilidade para a Missão, como Jesus a desempenhou em total dependência do Pai. E também porque é através da obediência que cada irmã recebe a missão.

A razão desta obediência baseia-se no seguimento de Jesus e na sua missão. As irmãs, identificadas com Jesus, obediente ao Pai até à morte e morte de cruz, e entusiasmadas com a sua missão, exercitam-se numa disponibilidade total, fruto do «desprendimento de si mesmas e de todas as coisas», «dispostas a todos os sacrifícios»<sup>27</sup>.

Expressão deste rigor espiritual e da prioridade do objectivo apostólico, é o «modelo do exame de consciência»:

«Como estás a respeito da obediência? É pronta, alegre, cega, universal? Estás disposta a todos os sacrifícios para zelar pelos interesses de Jesus e pela maior honra de Jesus e de sua Teresa?»<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> SC, EEO II, 18.

<sup>26</sup> SC, em EEO II, 46.

<sup>27</sup> SC, em EEO II, 98.

<sup>28</sup> EF, em EEO II, 216.

Trata-se, porém, de uma disponibilidade não só interior, mas também exterior – de movimento –, numa época em que era muito pouco frequente a mobilidade apostólica das mulheres:

«Companhia de escol ou de preferência, disposta a voar para a linha da frente, para onde haja perigo»<sup>29</sup>.

Assim o justifica o *Sumário das Constituições* de 1882:

«Como a Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada com a finalidade de promover os interesses de Jesus na maior escala possível em qualquer parte do mundo e em especial nos lugares onde estes divinos interesses correrem maior perigo, todas as da Companhia estarão, sempre e a toda a hora, dispostas a voar e a ocupar o lugar de honra que a obediência lhes indicar em qualquer aldeia, vila, cidade, ou parte do mundo, sem opor a mínima resistência ou demora»<sup>30</sup>.

Há nas Constituições, inclusivamente, um capítulo dedicado às viagens:

«Como hão-de ser tropa ligeira sempre a voar para onde quer que os interesses de Jesus requererem o seu auxílio e presença, haverá necessidade, muitas vezes, de andar de um lugar para o outro»<sup>31</sup>.

O Fundador tem consciência de que a mobilidade das irmãs vai chamar a atenção até ao ponto de ser criticada pelo povo:

«... e não será difícil que lhes chamem, como à grande Negociadora e Barateira celestial Teresa de Jesus, mulheres irrequietas, andarilhas, revoltosas. Tudo por Jesus e sua Teresa»<sup>32</sup>.

No seu desejo de chegar a todo o mundo, o Fundador, para exprimir a largueza de vistas e a liberdade de movimentos que há-de caracterizar este corpo apostólico, se quiser multiplicar a sua influência, põe na boca de Teresa de Jesus esta bela imagem, referida à Companhia:

«As minhas filhas da Companhia não devem ser como as fontes que só regam e fertilizam um reduzido espaço de terra, mas como as nuvens que, depois de terem fertilizado um ponto, uma comarca, passam a outra, para a fertilizar com as suas águas benéficas»<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> RT Agosto 1879, publicada em EEO III, 801.

<sup>30</sup> SC, em EEO II, 68.

<sup>31</sup> SC, em EEO II, 122.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> RT Agosto 1879, publicado em EEO III, 803.

E como os 72 discípulos do Evangelho ou como os 12 apóstolos, as irmãs, nestas missões especiais, deslocam-se também duas a duas. Assim o refere o *Sumário das Constituições*, em termos que estão de acordo com o carácter combativo da Companhia:

«Nestes casos, nunca irão nem permanecerão, sem grave motivo, senão três a três, ou duas a duas, formando pequenas, mas fortes divisões, destacamentos ou residências, para assim caírem mais facilmente sobre as hostes de Satanás, causando-lhes maiores [...] derrotas e estragos»<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> SC, em EEO II, 68.





## Capítulo IV

### ALGUMAS TÁCTICAS OU ESTRATÉGIAS

Juntamente com as disposições naturais das candidatas e as atitudes cultivadas no íntimo de cada uma, a Companhia, enquanto corpo apostólico activo, tem muito em conta as circunstâncias socioculturais e as necessidades do momento, tanto na preparação das irmãs como na escolha das estratégias apostólicas de actuação. Henrique de Ossó sabe muito bem que nada é indiferente à missão. E na Companhia de Santa Teresa de Jesus tudo se projecta e se realiza com um único objectivo: corresponder com fidelidade à missão recebida.

#### **A. «Preparação esmeradíssima e silenciosa»**

Para a percepção e para o projecto da Companhia, é essencial a preparação profunda e silenciosa que ficou bem expressa naquele artigo programático de Agosto de 1876: «Exercitem-se e disponham-se com grande esforço de *oração, virtude e saber* para alcançar fim tão sublime<sup>1</sup>». Os membros desta *vanguarda activa*, antes de trabalharem no mundo, antes de saírem em «*campanha*», hão-de formar o «seu *espírito*, o seu *coração* e a sua *inteligência*» na oração, na vida e «com abundância de conhecimentos sólidos e proveitosos».

Em 1882, o *Plano de Estudos* revela o equilíbrio, a síntese dos aspectos fundamentais:

«As escolhidas para formarem a Companhia de Santa Teresa de Jesus, devem aspirar com afínco a serem santas e sábias, tomando por modelo [...] Teresa de Jesus, para poderem atrair corações ao amor de Jesus»<sup>2</sup>.

Às superiores e formadoras da Companhia, o Fundador anima-as desde o princípio a empregarem todos os meios para a formação das irmãs:

«Mando-te outros apontamentos repletos de sabedoria celestial e destinados a formar *boas cabeças* na Companhia, pois sem isso, nada se fará de proveitoso [...]. Saúda todas as irmãs e que trabalhem com perseverança até se corrigirem

---

<sup>1</sup> RT 1875-76, 324.

<sup>2</sup> PE, em EEO II, 232.

das mais leves faltas, pois chegará o dia em que milhares de almas se formarão segundo os seus exemplos»<sup>3</sup>.

As irmãs hão-de competir com gente muito bem preparada no campo da educação. Por isso, neste período, o estudo é fundamental para a preparação das futuras educadoras:

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus consagra-se preferencialmente ao apostolado do ensino para procurar a regeneração do mundo [... daí] a importância que nela deve ser atribuída ao estudo, pois sem *estudar muitíssimo*, pouco ou nada se sabe e, por isso mesmo, não se pode ensinar com proveito»<sup>4</sup>.

As cartas de Henrique de Ossó estão repletas de recomendações variadas sobre a importância e a necessidade do estudo sólido. Não só como Fundador, mas como padre e formador, esteve especialmente próximo das formadoras e das irmãs em formação:

- «Volto a repetir-vos que de manhã, às cinco e um quarto, vades à missa às Carmelitas Descalças [...], e assim tereis depois toda a manhã livre para ler ou rever ou escrever, etc. [...]. Deus vos faça, filhas, tão santas e sábias como o suplica o vosso P. e C.»<sup>5</sup>.
- «Convém que, sem se precipitarem, mas sem perderem tempo, estudem»<sup>6</sup>.
- «As irmãzitas que estudem muito, mas sem se afligirem, nem perturbarem, nem angustiarem. Façam da sua parte o que devem, que o Senhor fará o resto e estejam tranquilas e vivam em paz»<sup>7</sup>.
- «Se vão aprender, deve haver antes quem as ensine, e bem, pois hão-de fazer exame [...]. As que estudam para mestras, não devem entreter-se com músicas, se não quiserem ter uma decepção nos exames»<sup>8</sup>.
- «Devo [dedicar-me] a todas, mas estas pobrezitas que descansam no quartel, ou melhor, que temperam as armas para logo saírem a pelejar, precisam de muita consolação e esforço»<sup>9</sup>.

Além dos diplomas das Escolas Normais do Governo, que não eram obrigatórios para o ensino religioso em Espanha<sup>10</sup>, muito depressa a Companhia

<sup>3</sup> Carta a Teresa Plá, 14/11/1877 (Ed. Nº 36, cópia autenticada em AGSTJ, Epistolario PIB/T. VI,22).

<sup>4</sup> PE, em EEO II, 232.

<sup>5</sup> A Dolores Boix, 8/5/77, (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,69).

<sup>6</sup> A Teresa Plá, 10/5/78, (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 3,20).

<sup>7</sup> A Teresa Plá, Tortosa, 1/6/78 (Inédita em AGSTJ, E., Vol. 3,11).

<sup>8</sup> A Saturnina, 19/9/1883 (Ed. Nº 261, original em AGSTJ, E. Vol. 13,132).

<sup>9</sup> A Saturnina, 14/10/1880 (Ed. Nº 151, original em AGSTJ, E. Vol. 10,71).

<sup>10</sup> Remetemos para as disposições legais do Governo de Cánovas em 1879, a que aludimos no capítulo II. Consta-nos que várias congregações religiosas dedicadas ao ensino, fizeram uso da isenção de diploma, como informa J. ÁLVAREZ GÓMEZ, em *Espiritualidad de las Religiosas de María Inmaculada (Misioneras Claretianas)*, Barcelona 1970, 26. Diz J.

cria os seus próprios diplomas para garantir a competência profissional das mestras<sup>11</sup>. Na realidade, o *Projecto Informativo* da Companhia, tal como ficou esboçado na noite de 2 de Abril de 1876, não era senão um projecto de criação de Normais teresianas para a formação de mestras<sup>12</sup>. Foi o que Henrique de Ossó comunicou ao seu amigo Sardà numa carta escrita a 24 de Julho de 1876, no dia seguinte ao da fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus:

«Ontem comecei-os [Exercícios] a 9 *jovens* teresianas de escol que estão dispostas a formar uma Companhia de Santa Teresa de preferência na nossa Congregação, aspirando, nada mais nada menos do que a regenerar a Espanha por meio da educação da mulher segundo o espírito da grande Teresa. Para tal, trataremos de fazer uma escola Normal de mestras sob a imediata inspecção e Direcção dos Prelados em cada capital ou Diocese»<sup>13</sup>.

Dadas as características sociopolíticas da altura, era conveniente que, para além de adquirirem uma formação sólida, as irmãs se preparassem, no silêncio e na discrição, sem suscitarem as suspeitas de ninguém. Procuram mais a solidez que a aparência, evitando dar nas vistas e muito menos chamar a atenção daqueles cujas ideologias eram contrárias à fé. As primeiras irmãs que foram a exame de magistério, durante o ano lectivo de 1877-78, apresentaram-se

---

Álvarez que as religiosas que ensinavam em Espanha e em Cuba, naquela época, não precisavam do diploma de mestras.

<sup>11</sup> OG em EEO II, 150.

<sup>12</sup> Para avaliar o Projecto de Inspiração de 2 de Abril 1876, é preciso conhecer a situação das Normais em Espanha nessa altura, e inclusivamente, a sua curta história. Apresentamos um esquema-resumo:

A Escola Normal é uma instituição típica do século XIX, não apenas em Espanha, mas em toda a Europa, e coincide com o facto de serem os Estados que começam a encarregar-se da educação. A consequência imediata é a necessidade de um corpo docente organizado ao serviço do Estado. Em Espanha deu-se a coincidência de serem os liberais moderados os promotores da primeira Escola Normal.

- 1839 inaugura-se a primeira Normal espanhola, um ano antes de Henrique de Ossó nascer. Nessa mesma data, é aberta em Madrid o primeiro Jardim de Infância.
- 1845 o estágio passa a ser «obrigatório», enquanto se estabelece como requisito prévio para o exame de mestre, «ter estagiado durante algum tempo». Nesta época há Escolas Normais em 42 capitais das 49 províncias espanholas.
- 1849 reduz-se o número de Escolas Normais por diversos motivos: são muito dispendiosas, produzem escassos resultados e formam mestres com ideias revolucionárias. Há-as de diferentes tipos: 22 em capitais de Província, 9 Superiores, nas capitais de Distrito Universitário, 1 Central, em Madrid.
- 1857 Lei Moyano: estabelece normas, aumenta o número. Volta-se à anterior organização provincial.
- 1858 Primeira Normal de Mestras.
- 1868: 2 de Julho, Lei Catalina: suprime as Escolas Normais
- 1868 Revolução de Setembro: restabelece a Lei Moyano.

<sup>13</sup> A Sardà N° 38.

na Normal de Barcelona e não em Tarragona para evitarem os comentários e preconceitos dos professores da cidade. Contudo, o Fundador recomenda-lhes uma vida retirada e tem interesse em que não sejam reconhecidas como um grupo homogéneo:

«Saí de casa três a três quando ides à igreja, e não saiam umas senão, pelo menos, um minuto depois de terem saído as outras»<sup>14</sup>.

Em bastantes cartas, o Fundador insiste em que se mostrem reservadas:

«Vede se, com o tempo, podeis encontrar uma pequena [recadeira] para se encarregar de algumas coisas que forem precisas fora de casa [...]. O meu desejo era que ninguém vos visse, a não ser Deus e os seus anjos»<sup>15</sup>.

O Pleito da Companhia com as Carmelitas, a partir de 1879, foi outro motivo a aconselhar prudência e discrição nas relações sociais das irmãs. De facto, o silêncio fazia parte do estilo pessoal e apostólico de Henrique de Ossó, que o aprendera com a Santa. Às irmãs de Orán, por exemplo, recomenda-lhes a seguinte táctica apostólica:

«Entrastes em Orán sem serdes vistas («*entra como puderes*», dizia o Senhor à santa Madre). O *resto* virá depois. E este *resto* será a propagação do reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo por essas terras africanas, que tanta necessidade têm dele. *Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino*»<sup>16</sup>.

Esta é uma táctica geral, adoptada não só em Espanha, mas no estrangeiro, como vimos em Orán. Também às fundadoras de Portugal lhes tinha dado conselhos semelhantes, expressos, neste caso, em termos militares:

«Acho, no entanto, que não convém ter muita pressa em dar-nos a conhecer. Eu queria que passassem um ano ou mais *ocultas e ignoradas do mundo*: muito estudo e oração; e depois de *bem preparadas*, como por surpresa, cair sobre as hostes inimigas e, em pouco tempo, apoderar-nos dos principais pontos estratégicos»<sup>17</sup>.

A carta precedente exemplifica a táctica radical, *própria da vanguarda*. Um método apostólico que requer formação profunda e acção, e que foi experimentado radicalmente na Companhia de oitocentos para promover *na*

<sup>14</sup> Carta a Dolores Boix, 8/5/77, já citada (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,69).

<sup>15</sup> Carta a T. Plá, já citada, (Ed. Nº 36, cópia autenticada em AGSTJ, Epistolario PIB/T VI, 22).

<sup>16</sup> Às irmãs de Orán, 26/6/1885 (Ed. Nº 327, original em AGSTJ).

<sup>17</sup> A Saturnina Jassá, Tarragona, 9/6/1884 (Ed. Nº 289, original em AGSTJ, E. Vol. 8,16).

maior escala que for possível a uma mulher no século XIX, os interesses de Jesus, por meio do apostolado do ensino<sup>18</sup>.

**B. «Religiosas sem o parecerem»**

Em 1877, um ano depois do nascimento da Companhia, D. Félix Sardà i Salvany publica um opúsculo cujo título, só por si, é significativo do ambiente adverso: «*Para que servem as monjas?*»<sup>19</sup>. Esta pequena obra contestava as calúnias e aspectos negativos que, acerca da vida religiosa – tão florescente –, circulavam nos meios anti-católicos.

Como explicar tal florescimento de religiosos e religiosas numa época em que a Igreja estava a ser alvo de tantos ataques?

A seguir à Revolução Francesa, a vida religiosa, sobretudo feminina, teve um crescimento espectacular, com a fundação de novas congregações religiosas que se juntavam às antigas ordens restauradas. A par do modelo contemplativo que exercia um apostolado limitado dentro dos muros do mosteiro ou convento, deparamo-nos com um novo modelo propiciado pela revolução: Uma abertura cada vez maior à sociedade e a entrega às tarefas apostólicas mais variadas, fora dos muros religiosos<sup>20</sup>.

Do repto lançado pela Igreja devido à descristianização da Europa ao longo do século XIX, nasceram inúmeros institutos religiosos masculinos e femininos. Todavia, a restauração monástica levada a cabo durante aquele século, nem sempre favoreceu o novo estilo das novas congregações. Em muitas delas faltou a adaptação às circunstâncias, entretanto alteradas, do mundo e da Igreja. E a espiritualidade monástica continuou a prevalecer em muitas congregações apostólicas modernas, dando lugar muitas vezes a conflitos entre observância religiosa e missão apostólica<sup>21</sup>.

Segundo afirma o erudito publicista catalão no mencionado artigo, em 1877 existem já muitos institutos religiosos dedicados à instrução, «oficinas espirituais de vida activa que tão grandes conquistas iriam efectuar nos séculos modernos»<sup>22</sup>. De facto, «na proporção em que se multiplicam as necessidades, novos institutos brotam, como que por encanto, do solo da Europa». Mais ainda, neste período – continua Sardà no seu estilo romântico – «povoações inteiras ficaram a dever a mudança total dos seus costumes à presença, no meio delas, de duas pobres irmãs dedicadas à educação das jovens»<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. RT N° 47, Agosto 1876, em EEO III, 798.

<sup>19</sup> Publicado pela Tipografia católica, Barcelona 1877. O exemplar consultado encontra-se em AGSTJ, encadernado juntamente com outros opúsculos, com o título *La Chimenea y el Campanario, Biblioteca Popular*.

<sup>20</sup> Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Historia de la Vida Religiosa III*, Ediciones Claretianas, Madrid 1990 (3ª ed.), 518 e ss. Daqui em diante citaremos HVR.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> F. SARDÀ I SALVANY, «*Para qué sirven las monjas*», 19.

<sup>23</sup> Ibid., 20 e 31.

Uma vez conhecida esta situação geral, como interpretar a pretensão da Companhia como a concebe e vai perfilando Henrique de Ossó? Como é percebida nos lugares onde surge? Qual a imagem social das primeiras irmãs e das primeiras comunidades e colégios? Qual foi a sua situação jurídica e como alcançou o reconhecimento eclesial?

### Documento de Inspiração (1876)

O documento de Inspiração da Companhia, escrito subitamente na madrugada de 2 de Abril de 1876 pelo Fundador, diz expressamente que estas *mestras* «hão-de regenerar a Espanha em 10 anos», hão-de ser como Teresa, mulheres consagradas a Deus pelos três votos e pela educação teresiana:

«Finalidade: regeneração do mundo [...] pela educação da mulher, segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus [...].

«Farão votos simples de obediência, castidade e (não ter [bens] próprios), que serão renovados de cinco em cinco anos...»<sup>24</sup>.

O documento insinua, além disso, que estas jovens teresianas de vanguarda formarão um corpo apostólico organizado à maneira de comunidade religiosa:

«Em cada mês, um dia de retiro, dando contas à Irmã Superiora do estado da sua alma e saúde [...].

A Companhia obriga-se a sustentá-las sempre e em todas as necessidades [...]. Poderá haver uma casa central onde se reunam ou se aperfeiçoem [...]»<sup>25</sup>.

Como é natural num primeiro documento, faltam elementos teológicos que nos permitiriam determinar, com exactidão, a modalidade canónica da nova obra projectada. O que predomina na *Informação-projecto*, é a orientação nitidamente apostólica e educativa da Companhia. Mas também estão presentes outros pormenores relativos ao estilo e à organização que foram mantidos no Projecto e na prática da Companhia enquanto viveu Henrique de Ossó. Assim o recorda ele próprio nuns *Apontamentos sobre a origem da Companhia* escritos cinco anos depois:

«Tanta impressão causou em mim aquele pensamento, que me obrigou a levantar-me da cama e, pegando na caneta, escrevi os seguintes rascunhos que

---

<sup>24</sup> *Plan o Idea de la Compañia*, em EEO II, 404-405.

<sup>25</sup> *Ibid.*

contêm perfeitamente o plano da Companhia, *tal qual o temos vindo a pôr em prática ao longo dos cinco anos que tem de existência esta obra de zelo*»<sup>26</sup>.

Entre os pormenores do modo de viver destas teresianas educadoras, interessa-nos destacar aqui o que se refere ao vestuário, pelo valor de sinal de consagração que sempre teve o hábito religioso, requisito necessário para o reconhecimento da identidade religiosa de uma pessoa ou de um instituto ao longo da história:

«... Usarão o hábito<sup>27</sup> do Carmo como fazem muitas jovens por devoção e, no restante, vestir-se-ão com modéstia, como as da sua classe, distinguindo-se apenas pela sua modéstia...»<sup>28</sup>.

Henrique de Ossó pensaria, naquela noite, numa Sociedade de Vida Apostólica ou no que o Concílio Vaticano II virá a reconhecer, mais tarde, como Instituto Secular? Ou estaria antes a sonhar com um novo tipo de Vida Religiosa Apostólica sem se preocupar, então, com as prescrições *canónicas* que mais tarde o iriam limitar?

## 1. Religiosas de vida apostólica

### *Sumário das Constituições (1882), primeiras constituições editadas*

Seis anos depois da fundação, tanto nas primeiras constituições e documentos impressos como na vida da Companhia, é evidente que estas teresianas de escol são verdadeiramente religiosas: Esposas de Jesus Cristo, como Teresa de Jesus, totalmente consagradas a Ele e aos seus interesses pela oração e pela educação cristã, que vivem numa comunidade de discípulas do Senhor com radicalidade evangélica e que têm um compromisso eclesial expresso nos três votos religiosos<sup>29</sup> e num quarto voto de dedicação apostólica.

<sup>26</sup> Estes elementos estruturais e de estilo estão presentes nas Constituições de 1882 e nas de 1888-89, que nunca foram aprovadas pela Sagrada Congregação. As Constituições aprovadas, de acordo com as orientações da *Normae 1901* e depois de publicado o *Código de Direito Canónico* (CDC) de 1917, já se afastam muito do espírito inicial da Companhia.

<sup>27</sup> Nesta altura tem um significado mais amplo que o actual, restringido ao *vestido religioso*. O DRAE 1992, define-o assim na sua primeira acepção: «Vestido ou traje que cada um usa segundo o seu estado, ministério ou nação e, especialmente, o que usam os religiosos e religiosas».

<sup>28</sup> *Plan o Idea...*, em EEO III, 405.

<sup>29</sup> Na apresentação de OG das Constituições de 1882, intitulada «*Breve notícia da Companhia*», diz-se exactamente: «No dia 1 de Janeiro de 1879, após prévia consulta e aprovação do Prelado de Tortosa, as oito Fundadoras fizeram os votos de pobreza, castidade e obediência pelo período de um ano na antiquíssima capela de S. Paulo de Tarragona, onde, segundo a tradição, pregou o santo Apóstolo» (o lugar é todo um símbolo!). EEO II, 145. O Fundador também o comunica a Sardã: «... Já fizeram os três votos as oito fundadoras no último dia de

Lendo as Constituições, não restam dúvidas de que a Companhia se define como família religiosa. Fala-se, inclusivamente, de *casa religiosa*, é pedido às irmãs um relacionamento fraterno *com afabilidade e simplicidade religiosas*, sobriedade e austeridade no uso das coisas materiais, *como exige a pobreza religiosa que professam*. Também nos *Ofícios da Companhia*, onde se fala das relações sociais, é recomendado às irmãs *urbanidade cristã, atenção e maturidade religiosa*. E quanto às obrigações para com as Autoridades das cidades onde viverem, o Fundador diz-lhes: *Não se esqueçam de que são religiosas e de que, por isso mesmo, estão livres daquelas atenções que são usuais entre pessoas do mundo*<sup>30</sup>.

Mais interessante nos parece o capítulo terceiro das Constituições, que se refere aos votos – requisito canónico indispensável da Vida religiosa – com muita parcimónia:

«... Se for reconhecida [às aspirantes] a sua vocação para a Companhia, serão admitidas aos votos temporais de obediência, castidade e pobreza; e depois, aos votos perpétuos e ao voto de ensino...»<sup>31</sup>.

No Verão de 1882, ano do III Centenário da morte de Santa Teresa, as irmãs tinham recebido as Constituições impressas e a 15 de Outubro, as oito *fundadoras* fizeram a sua profissão definitiva na Companhia. Todo um símbolo. Seleccionámos duas cartas próximas dessa data.

A primeira, informa-nos do que fora projectado para esse dia, repleto de simbologia apostólica, e que não foi totalmente posto em prática:

«No dia de Santa Teresa, na capela de S. Paulo, onde fizeram os primeiros, as Fundadoras poderiam fazer os últimos, isto é, os perpétuos, e o do ensino»<sup>32</sup>; e no

---

exercícios com o beneplácito do Sr. Bispo de Tortosa; vestiram com propriedade o Hábito do Carmo, e continuam animadíssimas e consoladíssimas. Entre professoras e educandas são já 25». (Carta a Sardà, Maspujols 17/1/79, N.º 66).

<sup>30</sup> Cf. SC, em EEO II, 92 e 888: *Ofícios de la Compañia de Santa Teresa de Jesús* (OC) em EEO II, 2111 e 192.

<sup>31</sup> SC, em EEO II, 20. Isto mesmo é repetido em OG: «Se obtiverem a votação favorável, dois meses depois veste-se-lhes o hábito do Carmo; e passados dois anos, são admitidas aos votos religiosos e, por fim, ao do ensino» (EEO II, 156). – Depois, nas Constituições, dedica-se um capítulo inteiro apenas ao voto de obediência (Capítulo nono).

<sup>32</sup> Sentido do 4.º voto na VR: «A mobilidade requerida pelas novas formas de VR por causa da sua missão, faz cristalizar a teologia e as normas do seguimento de Jesus na base comum da consagração pessoal em castidade, pobreza e obediência (s. XII), que desde então será considerado o núcleo da consagração religiosa [...]. A par desse núcleo universal da profissão religiosa e como parte dela, começam a exprimir-se, em diversas formas de compromisso (juramento, promessa, voto...), os serviços específicos das novas famílias religiosas e a sua espiritualidade fundamental. As fórmulas mais antigas do 4.º voto, que são conhecidas como tais, são as de clausura das Clarissas e a da redenção dos cativos da Ordem das Mercês» (I. IGLESIAS em *Diccionario Teológico de Vida Consagrada*, RODRÍGUEZ APARICIO A. y CANALS



dia da oitava, em Montserrat [...], poderiam jurar bandeira da Companhia, e deste modo, fazendo além disso, alguma delas, o voto de salvar o maior número possível de almas, ficaria completa e perfeitamente organizada a Companhia de Santa Teresa de Jesus e marcharia melhor, com novo espírito, "terrível como um exército em ordem de batalha". Que te parece?»<sup>33</sup>.

A segunda é a recordação do que na realidade se passou:

«Já temos a Companhia organizada. As fundadoras fizeram os votos de pobreza, castidade, obediência e ensino. Vós, depois»<sup>34</sup>.

Como veremos no capítulo segundo do *Sumário das Constituições*, trata-se de um modo específico de praticar a vida religiosa apostólica na qual se assumem, com uma orientação plenamente apostólica, os elementos essenciais da vida religiosa, prescindindo de outros que não o são. Por desejo explícito do Fundador, há uma maior insistência na consagração total a Jesus e aos seus interesses e no estilo apostólico de a viver. Nestas primeiras Constituições, os aspectos jurídicos da consagração aparecem quase marginalmente, como sendo óbvios.

Tão clara, pois, como a consagração *religiosa* das da Companhia, é essa particular concepção do novo caminho evangélico teresiano, com inéditas possibilidades apostólicas para a mulher, como vimos já ao estudar o Nome e a Missão. Assim o indica, com reiterada insistência, da primeira vez em que fala da Companhia na *Revista*, no mês de Agosto 1876:

«... Que, segundo o nome indica, é destinada a zelar os interesses de Jesus na maior escala que for possível à mulher católica...

Numa palavra, trabalhar no meio do mundo por tornar fecundo o Apostolado da mulher na maior escala possível...

... Promover na maior escala que for possível a uma mulher do século XIX, estes divinos interesses, por meio do Apostolado do ensino»<sup>35</sup>.

Com este propósito, não é de estranhar que a Companhia tenha de ser necessariamente diferente – na sua aparência e no seu modo de proceder – do

CASAS J. (Drs.), Publicaciones Claretianas, Madrid 1989, 468. Daqui em diante citaremos: DTVC).

<sup>33</sup> Carta dirigida à Irmã Superiora Saturnina, 18/9/1882. (Ed. N° 221, original em AGSTJ, E. Vol. 12,85).

<sup>34</sup> Carta dirigida a Rosario Elies, da segunda geração de irmãs, no dia seguinte ao da Profissão, 16/10/1882. (Ed. N° 226, original em AGSTJ, E. Vol. 16,35).

<sup>35</sup> RT N° 47, Agosto de 1876, 304, 306 e 323. As três expressões fazem parte de dois artigos distintos: «A Companhia de Santa Teresa de Jesus» e «A Árvore de Santa Teresa».

modelo comum de vida religiosa feminina, inclusivamente do das congregações que já se dedicavam à educação<sup>36</sup>:

«Pretendemos que sejam religiosas, isto é, que tenham o mérito de fazerem votos, mas que não o pareçam. Por isso, é condição essencial – caso contrário seria destruir a obra – não usarem véus nem mesmo palavras que cheirem a convento...»<sup>37</sup>.

Henrique de Ossó, sempre atento aos sinais dos tempos, está convencido de que é condição *sine qua non* para a eficácia desta nova obra de zelo, que a Companhia e todos os seus membros prescindam daquela aparência anacrónica que desde há séculos caracterizava os religiosos<sup>38</sup> e que naquela época de exasperado laicismo anticlerical, podia constituir um verdadeiro obstáculo para a acção evangelizadora da Companhia em ordem à educação teresiana:

«*Sint ut sunt, aut non sint* (sejam como são ou não sejam)<sup>39</sup>. Neste caso, a Companhia de Santa Teresa de Jesus não teria razão de ser; e não existiria»<sup>40</sup>.

## 2. Algumas características peculiares

---

<sup>36</sup> «A partir dos dias da Revolução Francesa, a Vida Religiosa feminina emerge com força e criatividade [...]. O ideal apostólico [...] é o que marca o ordenamento da vida em comum; embora [...] haja empenhamento em não assimilar as congregações às ordens, são muitos os pontos de coincidência. Também nas congregações se encontram ressonâncias da *fuga mundi* e uma espiritualidade de tipo contemplativo. O hábito, a discricção no relacionamento com as pessoas seculares, a mesma clausura embora mitigada, são outros tantos aspectos que as assemelham às ordens» (J. SEDANO y T. VIÑAS, DTVC 334-335 e 341). Excepto alguns casos isolados, a tendência que prevalece é a da distinção (no vestir), aplicando rigidamente as prescrições antigas bem como as novas normas e leis da Igreja... Como consequência desta mentalidade – reflexo de um neo-medievalismo que, em todos os sectores, predominou na vida da Igreja do século XIX – os antigos hábitos conservaram-se mais como recordação do passado do que como uma necessidade apostólica actual. A par do «arqueologismo» que defende, a todo o custo, o uso dos antigos hábitos [...], encontramos o fenómeno da multiplicação de congregações femininas no século XIX. O número é impressionante. Por isso, precisando de se distinguir umas das outras, tem razão de ser, como consequência lógica, a multiplicidade e a «raridade» dos respectivos hábitos...» (R. HOSTIE, *Dizionario degli istituti di Perfezione I*, Paoline, Roma 1974, 74. Daqui em diante citaremos: DIP).

<sup>37</sup> Bases 1877, cópia autenticada em AGSTJ, Escritos. PIB vol. 10,18. Citado e transcrito em *La Compañia de Santa Teresa de Jesús (Historia)*, Ed. STJ, Barcelona 1969, 49. Daqui em diante citaremos: HSTJ.

<sup>38</sup> Houve algumas tentativas de adaptação às novas circunstâncias, mas falharam. «As religiosas que surgiram durante todo o século XIX adoptaram hábitos diferenciados, às vezes curiosos. Só no início do século XX encontramos algumas excepções [...]». DIP, 74.

<sup>39</sup> Expressão relacionada com a Companhia de Jesus quando da sua expulsão de França por Luis XIV, em 1764. Ver Nota 65.

<sup>40</sup> SC, 1882 e C 1888, EEO II, 104 e 105.

Depois da análise *do modo de ser e de proceder* da Companhia nos seus primeiros anos, podemos evidenciar alguns traços significativos que distinguem objectivamente a Companhia de outras congregações religiosas femininas do século XIX. Estes elementos realçam facetas importantes da identidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus, que a situam, na Igreja, entre as vocações apostólicas.

### 2.1. Trabalham no mundo

Antes de falar do hábito, que é o elemento mais visível e acerca do qual possuímos mais documentação, convém ter em consideração esta característica fundamental que, na história centenária da Companhia, talvez não tenha sido suficientemente valorizada.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus, tal como a concebe Henrique de Ossó e tal como vai sendo concebida e se desenvolve nos primeiros anos, é verdadeiramente um corpo apostólico de mulheres enviadas ao mundo para evangelizar sobretudo os meios sociais menos cristãos, mais secularizados ou ateus. Porque esta nova *obra de zelo* aceitou verdadeiramente o desafio da *laicização* como tarefa primordial<sup>41</sup>.

Face ao tópico da «*fuga mundi*» generalizado na vida religiosa durante tantos séculos, a Companhia nasce com uma missão nitidamente apostólica e activa. Apesar da referência constante do Fundador à Reforma teresiana, de maneira nenhuma a Companhia pode ser entendida como um convento de Carmelitas que abria as suas portas às alunas<sup>42</sup>, mas como *vanguarda apostólica* de um movimento secular apostólico, um ramo especialmente apostólico da Arquiconfraria: MESTRAS TERESIANAS PARA REGENERAR O MUNDO:

«A finalidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus é, não apenas trabalhar com todo o afincamento na própria salvação e perfeição, com a graça de Deus, mas

---

<sup>41</sup> Os termos *laicismo, laico, laicização, etc.*, em curso no século XIX, devem ser entendidos no seu significado original, no sentido de «independência de tudo quanto for religioso ou eclesiástico». Na prática, a *cultura laica* do século XIX era contrária à fé.

<sup>42</sup> Nos últimos séculos, e especialmente com base na revolução francesa, era frequente que as Ordens religiosas se dedicassem a alguma actividade caritativa. Por outro lado, a Companhia de Maria, fundada em 1605 por Juana de LESTONNAC, fora a primeira Ordem religiosa com uma finalidade especificamente apostólica e educativa. No entanto, e apesar de considerar o apostolado como parte integrante da sua identidade, devia realizá-lo – como Ordem que era – mantendo a clausura e as características próprias da vida monástica (Cf. ÁLVAREZ GÓMEZ, HVR III, 456 e ss).

zelar, com sumo interesse, pela maior honra de Cristo Jesus, difundindo o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo.

Consagrando-se preferencialmente ao ensino, para procurar a regeneração do mundo por meio da educação da mulher...»<sup>43</sup>.

Tal como os Jesuítas<sup>44</sup>, a Companhia de Santa Teresa é caracterizada pela sua incondicional dedicação a uma missão no meio do mundo. A finalidade própria da Companhia de Santa Teresa é a *maior honra de Cristo Jesus, difundindo o seu conhecimento e amor por todo o mundo, consagrando-se preferencialmente à educação para regeneração do mundo*. Esforça-se sempre por procurar a maior glória de Deus, sem fazer distinções entre a santificação própria e a do próximo<sup>45</sup>. Poderíamos repetir novamente os textos anteriormente citados: «*Trabalham no mundo*», para fazer ver a sua orientação predominantemente *para fora, exterior e activíssima*.

Depois de proceder a uma análise da história da Vida religiosa, podemos afirmar que a intuição de Henrique de Ossó vai de encontro à de outros fundadores e fundadoras que, em épocas diversas, mas em situações sempre críticas para a Igreja, quiseram conquistar a rua e a acção para a vida religiosa – sobretudo feminina – tendo também encontrado dificuldades até serem canonicamente reconhecidos<sup>46</sup>.

<sup>43</sup> É o primeiro artigo das Constituições: SC, EEO II, 14.

<sup>44</sup> O texto é extraído, quase à letra, da Companhia de Jesus (Cf. *Constituciones S. I.* (3) 2, 417, em *Obras completas* de SAN IGNACIO de LOYOLA, Madrid, BAC 1963, 70).

<sup>45</sup> Tanto entre os Clérigos Regulares como nas Congregações de nova fundação do século XIX, era frequente distinguir entre finalidade principal e finalidade apostólica de uma família religiosa. As *Normae* de 1901 determinam a finalidade primária (comum a todas as congregações de votos simples): «*A santificação dos seus membros mediante a observância dos três votos e das próprias constituições*» (Nº 42), e a finalidade secundária ou específica, que é o que distingue uns institutos dos outros e os constitui: «*as obras particulares de caridade para com Deus ou para com o próximo, para cuja realização foram fundados*» (Nº 43). A Companhia de Santa Teresa, em vida do Fundador, nunca fez estas distinções.

<sup>46</sup> Destacamos alguns fundadores especialmente carismáticos e precursores da Vida religiosa apostólica:

\* No século XVI:

Santo Inácio de Loiola, porque, com a Companhia de Jesus, inaugura-se uma modalidade de vida religiosa totalmente nova. Os jesuítas não são nem monges nem frades mendicantes. De facto, Santo Inácio rejeitou expressamente algumas características específicas de todos eles, tais como o ofício coral, as vigílias nocturnas, as mortificações exteriores e todas as práticas de observância que pudessem consistir obstáculo para a missão. E Santa Ângela de Mérici, uma mulher que, em pleno humanismo, se propôs sair dos muros dos mosteiros para ganhar, no meio das ruas, as novas batalhas apostólicas que os novos tempos exigiam. A Companhia de Santa Úrsula, considerada como novidade duvidosa, depois da morte da sua fundadora, foi conduzida ao enclaustramento (Cf. ÁLVAREZ GÓMEZ, HVR III, 167 e 442).

\* No século XVII:

São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac: com eles, a mulher é definitivamente integrada na vida apostólica activa, mas tiveram que dar às *Filhas da Caridade* uma estrutura

Na primeira obra pedagógica escrita para a Companhia, *O Plano de Estudos (1882)*, as irmãs são advertidas de dois riscos que correm nesta forma de vida e actividade, se não viverem e trabalharem com a consciência de terem sido enviadas. Face ao risco que, para a vida do espírito, representa a actividade, e prevendo que as que começam poderiam assustar-se, o Fundador confirma-as na autenticidade da sua missão no mundo:

«O que fazer, pois, havemos de não largar o porto seguro [o noviciado]?, direis. Não, filhas minhas, não é essa a vossa missão.  
Deus aborrece a paz dos que chamou à guerra.  
Deus aborrece o descanso dos que chamou ao trabalho.  
Deus aborrece o sossego dos que chamou ao movimento...»

E o texto continua com um apelo à lucidez e à vigilância evangélicas que, apoiadas na *imensa confiança em Deus*, hão-de ser atitudes fundamentais da teresiana magnânima:

... Não tendes medo. Que há a temer? Onde está o perigo?  
Só há um perigo: a resistência à graça.  
Sede, pois, fiéis à graça da vossa vocação e nada temais. Pois se Deus vos chamou a salvar a vossa alma salvando as outras por meio do apostolado do ensino, Deus dar-vos-á graça para cumprirdes a vossa missão»<sup>47</sup>.

É uma afirmação ousada, que explicita o artigo 1º das Constituições – a finalidade da Companhia – e que contribui para formar a consciência de que a

---

jurídica distinta da vida religiosa para poderem dedicar-se livremente ao apostolado. São famosas as palavras do Fundador que expressam a estrutura carismática:

«As Filhas da caridade terão por mosteiro, a casa dos doentes, por cela uma habitação de aluguer, por capela a igreja paroquial, por claustro as ruas da cidade ou as salas dos hospitais, por grades o temor de Deus, e por véu a santa modéstia».

E São João Baptista de La Salle, que deixou bem definido o sentido apostólico da missão educativa dos Irmãos das Escolas Cristãs. Com uma espiritualidade centrada na oração e no zelo apostólico, faz lembrar Henrique de Ossó. Fundou uma comunidade de irmãos consagrados à educação como verdadeiro ministério apostólico (Cf. *Ibid.*, 375 e 416 e ss).

\* No século XIX:

D. Bosco: Considerado como o *santo do século XIX*, modelo dos fundadores apostólicos. São interessantes umas palavras do P. Pio IX dirigidas ao fundador da Sociedade Salesiana: «Creio revelar-lhe um mistério. Eu tenho a certeza de que Deus quis ter escondido até agora um segredo importante, desconhecido noutros séculos e noutras congregações antigas. A sua congregação é a primeira na Igreja, de tipo novo, que surgiu nestes tempos, de forma a poder ser uma ordem religiosa e secular [...] cujos membros são religiosos e seculares [...]». (Citado por E. VIGANÓ, *Un progetto evangelico di vita attiva*, Torino, LDC 1982).

<sup>47</sup> *Plano Provisório de Estudos (PE)*, em EEO II, 260.

*própria salvação* de cada irmã passa pela salvação das pessoas a quem são enviadas<sup>48</sup>.

## 2.2. Não usam hábito religioso

Esta é uma das características exteriores das irmãs da Companhia, consequência da sua missão no mundo, pois para o Fundador, é evidente que «*alteradas as circunstâncias, deve ser alterada a regra de comportamento*»<sup>49</sup>.

Numa época de crise social e religiosa, Henrique de Ossó concentra a sua atenção nos valores cristãos essenciais, ameaçados pelo liberalismo que está a penetrar rapidamente no povo sobretudo por falta de formação dos católicos. Há um desejo explícito do Fundador de que, nesta situação, as irmãs da Companhia sejam conhecidas pelo *que são*, pelas suas atitudes, pela sua pessoa *toda de Jesus*, que sempre *há-de pregar Jesus*. E quer evitar a todo o custo que, vestidas com o hábito próprio das religiosas, sejam rejeitadas pelo *que representam*. Não quer que sejam incluídas naquele estatuto socio-religioso tão desacreditado<sup>50</sup> que não tem cabimento na sociedade laica à qual são enviadas estas teresianas de vanguarda.

Compilámos bastantes testemunhos disso mesmo, tanto em textos doutrinários como noutros mais informais e próximos da vida que se referem a situações concretas. Os textos falam por si e de poucos comentários precisam. Apresentamo-los ordenados cronologicamente e classificados em diversos tipos.

### Textos doutrinários

---

<sup>48</sup> Talvez hoje nos possa parecer teologicamente inexacta uma tal afirmação. No entanto, naquele momento, significa a superação de uma posição cristã individualista: «não nos salvamos sozinhos». E a consciência de que a Companhia não nasceu para que os seus membros procurem «em primeiro lugar a sua própria salvação», como todos os cristãos, nem «a própria perfeição», como eram obrigados a procurar os religiosos. Esta é a ideia subjacente ao texto.

<sup>49</sup> A expressão foi extraída de um artigo da RT, escrito com base na Constituição de 1876. Cf. EEO III, 814.

<sup>50</sup> Embora o hábito religioso fosse o mais corrente entre as congregações masculinas e femininas do século XIX, temos alguns testemunhos de Fundadores que pensaram como Henrique de Ossó. P. CHAMINADE (Marianistas): «Pode-se ser religioso sob uma aparência secular. Façamos uma associação religiosa pela emissão dos três votos de religião, mas sem nome, sem hábito, sem existência civil na medida do possível: *Nova bella elegit Dominus*» (citado por J. M<sup>a</sup> SALAVERRI, *Sobre el Vestir Religioso*, S.M., Madrid 1984, 14). D. BOSCO (Salesianos): «Nós nascemos na Igreja, não para aparecermos como *frades ou monjas*, mas para sermos um grupo de consagrados publicamente na Igreja, com características inseridas numa sociedade num avançado processo de secularização», releitura que faz E. VIGANÓ em *Interioridad Apostólica*, Madrid 1990, 107).

As Constituições falam sempre deste tema apresentando a missão como argumento. Vejamos como figura reiteradamente nos rascunhos e esboços até à edição de 1882.

### **Primeiras ideias sobre a Companhia, Março 1877:**

«O vestido será de lã do hábito de Nossa Senhora do Carmo, com correia e com o escapulário oculto. Vistam capa grande ou manto, sem se distinguirem exteriormente das outras jovens ou senhoras, a não ser pela sua modéstia cristã. Cubram a cabeça quando forem à igreja e o penteado seja sempre simples [...]»<sup>51</sup>.

A Companhia tem apenas um ano de vida e vemos que o Fundador a está a configurar em coerência com a ideia inicial. Como hão-de trabalhar no mundo e hão-de ser a vanguarda da Arquiconfraria<sup>52</sup>, não convém que se diferenciem exteriormente das outras jovens cristãs, a não ser pela modéstia e simplicidade.

### **Bases, ou seja, organização da Companhia, 1877:**

«Pretendemos que sejam religiosas, isto é, que tenham o mérito de emitirem votos, mas que não o pareçam. Por isso, é condição essencial – caso contrário seria destruir a obra – não usarem nem touca nem véus, e ainda não usarem palavras que cheirem a convento.

Andarão vestidas, para cortar de raiz qualquer moda ou vaidade, com o hábito de Nossa Senhora do Carmo, como fazem muitas jovens ou senhoras do mundo por devoção ou promessa, manto negro, mantilha com véu, penteado simples, numa palavra, vestir-se-ão como as da sua classe, distinguindo-se exteriormente apenas pela sua modéstia cristã [...]»<sup>53</sup>.

Este texto, do mesmo ano, insiste na ideia do *trajo secular*. Aparece nele, além disso, uma indicação importante sobre a identidade *religiosa* e uma explicação – que julgamos fundamental para entender a Companhia – sobre a maneira de vestir *diferente* do que lhes pertencia por serem religiosas.

O texto explica, além disso, o porquê do *hábito do Carmo* para umas jovens religiosas que deverão aparecer, no seu porte exterior, como se não o fossem. Esta maneira de vestir, comum entre as mulheres cristãs de então,

---

<sup>51</sup> Consta de um manuscrito, num caderninho pessoal, que tem por título: «Segundo dia de Exercícios». Barcelona, 26 de Março de 1877. (AGSTJ, Escritos PIB/T Vol. XIV pars. 6ª, 375-378. Publicado em HSTJ, 47).

<sup>52</sup> Repetiu isto mesmo no famoso artigo de Agosto 76.

<sup>53</sup> Tenha-se em conta o lugar de destaque que ocupa esta indicação a respeito da maneira de vestir, que poderia parecer secundária (AGSTJ, Escritos PIB/T X,18. Publicado em HSTJ, 49).

contribuirá para a austeridade e modéstia no vestir, evitando tudo o que possa ser sinal de vaidade ou de luxo, tão frequente entre as jovens da época<sup>54</sup>.

**As primeiras Constituições manuscritas, Verão de 1877, mantêm o que ficou dito:**

«Que o vestido seja de lã do hábito de Nossa Senhora do Carmo, como usam muitas jovens que vivem no mundo, por devoção ou promessa; com uma capa grande ou manto segundo a sua classe ou condição; sem que se distingam, no vestir e no trato, das outras jovens ou senhoras da sua classe a não ser na modéstia e simplicidade cristãs. Cubram a cabeça toda no templo e que o penteado seja simples»<sup>55</sup>.

Estas Constituições manuscritas de 1877 foram completadas e publicadas, finalmente, em 1882 com o título de *Sumário das Constituições*. Antes de passarmos ao texto das Constituições publicadas, o mais completo de todos, vamos comentar outros dois textos anteriores de muito interesse.

O primeiro, intitulado «*Algumas razões para ingressar na Companhia de preferência de Santa Teresa de Jesus*», 1879:

«A Companhia, sem o parecer, tem o hábito religioso benzido, para lhe ter o mérito e poder dar fruto. Sem toucas, podem, como tropa ligeira, cair sobre o inimigo, e fazer-lhe mais estragos onde correrem maior perigo os interesses de Cristo Jesus. Os bons, que também os temos, amá-las-ão porque são boas [apesar de não usarem traço religioso], e os maus não as temerão nem terão receio; e deste modo poderão dar às suas filhas a educação católica que, de outra maneira, talvez nunca poderiam conseguir. A experiência confirma-o»<sup>56</sup>.

O parágrafo consta de um texto inédito do P. Henrique no qual enumera as peculiaridades da Companhia relativamente a outras congregações contemporâneas. Embora a redacção do fragmento seja um pouco confusa, a sua tese é clara, e são acrescentadas mais explicações sobre a estratégia apostólica. Tudo são vantagens no modo de proceder da Companhia porque:

– tem tanto mérito como os institutos que usam hábito religioso e toucas, pois a Companhia tem um hábito benzido; e além disso,

<sup>54</sup> Em PE recorda às irmãs: «... Uma das coisas que maiores estragos causa nas mulheres e arruina as famílias hoje em dia, é a vaidade no vestir, ou seja, o luxo...», em EEO II, 237.

<sup>55</sup> Estas Primeiras Constituições manuscritas foram enviadas de Montserrat à Irmã Superiora Teresa Plá, para serem lidas e estudadas na Comunidade de Tarragona. A HSTJ chama-lhes «Directório Provisório». EEO II, 425.

<sup>56</sup> Esta é a razão Nº 13. O manuscrito não tem data, mas uma análise do conteúdo leva-nos a situá-lo por volta do verão de 1879, por múltiplas razões. Na RT de Agosto 1879 (Cf. pp. 321-324) vem um artigo, importantíssimo, que poderia ter sido redigido a partir «destas razões». (Manuscrito autógrafa em AGSTJ, E. Vol. 25,64).



– pode dar mais fruto por este hábito não ser propriamente o típico das religiosas.

Nós, hoje, como os leitores de ontem, podemos perguntar ao Fundador: «E porquê mais fruto sem aparência religiosa?» A resposta é-nos dada de duas maneiras:

– *Metafórica (militar): Como tropa ligeira podem acorrer mais facilmente aonde maior perigo correrem os interesses de Jesus.*

– Explicação realista (apostólica): Entre os crentes, não terão dificuldade em actuar, pois eles reconhecerão aquilo que realmente são: cristãos e religiosas.

– Entre os não crentes (anticlericais, laicos, ateus...) serão mais bem acolhidas, sem preconceitos.

Só assim poderão educar cristãmente aquelas a quem, de outra maneira, não teriam acesso! Convém reter a afirmação final: a experiência confirma-o!

O segundo texto, *Breve notícia da Companhia (1882)*, é recorrente relativamente ao que acabamos de ler, mas, além disso, explica que a intuição do Fundador da Companhia não foi única nem isolada naquela altura. Outros homens da Igreja, atentos aos mesmos sinais do seu tempo, inclusivamente fora da Espanha, pensavam o mesmo:

«Veio a peregrinação teresiana de 24 e 27 de Agosto do ano 1877 [...] e foi confirmada esta obra de zelo, merecendo a aprovação e beneplácito dos quatro Prelados que estiveram presentes, muito especialmente do Sr. Bispo de Salamanca, Ex.mº Sr. Izquierdo, e do de Eumenia, Ilmº Sr. Moreno, o qual veio da América à Europa com o mesmo pensamento ou plano que o da Companhia de Santa Teresa, *sobretudo quanto ao modo de proceder e vestir*, porque queria que fossem religiosas, mas sem o parecerem ou sem toucas, porquanto assim mais se poderiam favorecer os interesses de Jesus em muitos casos; pois se dantes, atendendo ao espírito da época religiosa, os soldados se vestiam de frades para melhor guerrear, HOJE, dadas as correntes do século, os frades talvez tenham de se vestir de soldados para mais facilmente alcançarem os seus fins santos e pios»<sup>57</sup>.

Não é de estranhar que esta coincidência com Monsenhor Moreno a respeito da idealização de uma congregação feminina «sobretudo quanto ao modo de proceder e vestir», tenha confirmado realmente Henrique de Ossó no seu propósito a respeito da Companhia. Menos importante é saber a qual dos dois ocorreu a expressiva comparação com as ordens militares da Idade Média para justificar a opção da Companhia, «dadas as correntes do século».

---

<sup>57</sup> A *Breve Notícia* precede, ao modo de Ir. da Companhia, a 2ª Parte das *Constituições* de 1882. O encontro de Henrique de Ossó com Monsenhor Izquierdo e a «Confirmação» da Companhia tinha ocorrido no verão de 1877. O texto pode ser consultado em EEO II, 145.

### Sumário das Constituições de 1882<sup>58</sup>:

O capítulo XVI do *Sumário das Constituições* expõe, mais elaborado e enriquecido, o que tinha sido dito nas redacções precedentes. O título é significativo: «*Do modo de viver na Companhia de Santa Teresa de Jesus, ou seja, da alimentação, mortificação e vestuário*», e o capítulo começa assim:

«*O modo de viver na Companhia de Santa Teresa de Jesus seja comum no exterior, para procurar melhor a maior glória de Deus e o incremento dos interesses de Jesus...*»

Só podemos compreender o significado desta expressão se lermos a passagem paralela das Constituições dos jesuítas na qual Santo Inácio, depois de especificar tudo quanto distingue a Companhia de Jesus, acrescenta: «Quanto ao resto, a vida é comum no exterior [...]». E noutro lugar: «Quanto ao comer, ao dormir e ao uso das outras coisas necessárias [...] será comum e não diferente de onde se viver [...]»<sup>59</sup>.

Tal como Inácio, Henrique de Ossó quer que as irmãs da Companhia sejam fermento na massa, sobretudo naqueles meios sociais *onde corram maior risco os interesses de Jesus*. Por isso, interessa-se muito por que não se distingam exteriormente das cristãs com quem vão relacionar-se. Di-lo expressamente no princípio do capítulo:

«*As da Companhia de Santa Teresa de Jesus não devem parecer, aos olhos do mundo, mais do que donzelas nobres e cristãs [...]. No comer, pois, vestir e conversar com o próximo não se esqueçam desta recomendação*»<sup>60</sup>.

As irmãs vestir-se-ão com simplicidade, com modéstia e bom gosto, sem perderem de vista o sentido funcional e o significado humano que tem o traje. Deverão evitar, por todos os meios, aquilo que possa parecer vaidade ou luxo, e deverão apresentar-se diante das pessoas sem afectação nem ridicularia, sempre com a consciência de que são educadoras<sup>61</sup>.

<sup>58</sup> Foram publicadas pela primeira vez em Outubro de 1882 com o título de *Sumário das Constituições*, e aprovadas pelo bispo de Tortosa a 26 de Janeiro de 1884. Em 1888 foram apresentadas, em Roma, à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares para sua aprovação definitiva, como veremos.

<sup>59</sup> Cf. *Constituciones de la Compañia de Jesús* (8) e (580), em *Obras Completas de San Ignacio*, BAC, Madrid 1963, 418 e 537.

<sup>60</sup> SC, em EEO II, 98.

<sup>61</sup> No PE diz: «Nunca percam de vista que uma das coisas que mais estragos causa nas mulheres e arruina as famílias hoje em dia, é a vaidade no vestir, ou seja, o luxo, e que a Companhia foi fundada, entre outros objectivos, para curar este cancro que corrói as entranhas da sociedade actual. Por isso, as da Companhia de Santa Teresa de Jesus que renunciaram a Satanás, às suas pompas e obras, e deixaram a ignomínia do vestuário secular para vestir o modesto e santo hábito de

No parágrafo que inicia o ponto do «*Vestuário*» não pode deixar de transparecer o estilo do século XIX e alguns preconceitos da época, mas é interessante, pois antecipa parte do conteúdo que exporá de uma maneira até certo ponto inovadora:

«Tendo em conta o espírito de vaidade e de inconstância que domina todas as filhas de Eva, o que determinamos e mandamos neste capítulo é do mais essencial [...]»<sup>62</sup>.

Aquilo que, ao fim e ao cabo, nos vai ser dito ao longo dos artigos 89 e 90, está perfeitamente sintetizado em duas frases peremptórias, duas afirmações aparentemente irreconciliáveis que chegam, respectivamente, à seguinte conclusão:

Na Companhia,

\* «nada, por conseguinte, que cheire a monja».

\* «Nada, numa palavra, que cheire a mundo»<sup>63</sup>.

O Fundador prescreve, pois, algo difícil de compreender. Com a nossa mentalidade do século XXI, perguntamos: como conciliar ambos os preceitos? Sigamos os seus argumentos, deixando-nos conduzir pela *sua lógica* interna que não é *a nossa*:

Primeira afirmação:

«Queremos, é verdade, que as da Companhia de Santa Teresa de Jesus SEJAM RELIGIOSAS, tenham o mesmo mérito que elas e mais ainda se for possível<sup>64</sup>, com a graça de Deus, MAS SEM O PARECEREM.

*Nada, por conseguinte, que cheire a monjas, nem a palavras de convento... Sint ut sunt, aut non sint*<sup>65</sup>. Neste caso, a Companhia de Santa Teresa de Jesus não teria razão de ser, e não existiria».

---

Nossa Senhora do Carmo, devem aproveitar todas as ocasiões que se lhes oferecerem para recordar às meninas que educarem, o cumprimento destas solenes promessas [...]. (EEO II, 237-38).

<sup>62</sup> A partir daqui, copiamos, reorganizando um pouco os conteúdos, os artigos 89 e 90. EEO II, 104-105.

<sup>63</sup> É preciso ter em conta que aqui a palavra «*mundo*» está empregue na sua acepção pejorativa, como sinónimo de *vaidade*, *aparência*, *banalidade*. Também tem este sentido, muitas vezes, a palavra *secular*. Porém, actualmente, utilizamos o adjectivo *mundano* com esse sentido negativo.

<sup>64</sup> A atenção ao «mérito» religioso volta a aparecer.

<sup>65</sup> Os historiadores não estão de acordo sobre quem terá pronunciado esta frase que se tornou famosa. C. CASTIGLIONE atribui-a a Lorenzo Ricci, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, em resposta ao Papa Clemente XIV, que lhe propunha a reforma da Ordem (cf. *Historia de los Papas*, Vol. II, Labor, Barcelona 1948, 519). Parece-nos mais provável a opinião de L. TODESCO que é partilhada pelo historiador jesuíta G. MARTINA: Expressão do Papa Clemente XIII perante a proposta do rei de França Luis XV, de fazer uma revisão da Regra dos Jesuítas para

Segunda afirmação, que inclui a primeira e a enriquece:

«Recordem-se de que o vestuário é o manto que cobre a nossa nudez... e de que, muitas vezes, nos servimos dele para mostrar vaidade...»

[POR CONSEQUENTE]:

só o necessário, nada de supérfluo; que seja simples, sem afectação, modesto, sem ridicularias... Para se despojarem da ignomínia do hábito secular<sup>66</sup>, vistam sempre em casa o santo hábito benzido do Carmo...

Ao saírem de casa, levem habitualmente uma capa grande ou manto negro, ou mantilha com véu, sapatos abotinados ou simples, conforme usam as jovens da sua classe e condição...

Cubram a cabeça toda no templo, e que o penteado seja simples, sem tranças, puxos ou postigos...

*Nada, numa palavra, que cheire a mundo*<sup>67</sup>.

E uma nova síntese final, por julgar, talvez, que a sua tese não terá ainda ficado clara<sup>68</sup>:

---

criar, de acordo com o Parlamento francês, «um ramo francês, autónomo, da Companhia de Jesus». Nem o Papa nem o Prepósito Geral Ricci aceitaram e a Companhia foi expulsa da França em 1764 (cf. L. TODESCO, *Storia della Chiesa*, «*La Chiesa nei tempi moderni Vol. V*, Marietti, Torino 1955, 34, e G. MARTINA, *La Chiesa nell'età dell'Assolutismo, del Liberalismo, del Totalitarismo*, Morcelliana, Brescia 1970, 395). J. ÁLVAREZ GÓMEZ partilha esta última opinião na sua HVR III, 482.

<sup>66</sup> Esta expressão tão negativa não deixa de ser um tributo prestado à mentalidade da época, mas o que interessa no contexto, é a intenção dissuasiva – persuasiva que tem, ao opor a ignomínia do *hábito secular* ao *santo hábito benzido do Carmo*. – No capítulo III do *Sumário*, que fala «Da admissão na Companhia», diz, referindo-se às postulantes: «*Nos dois primeiros meses serão postulantes e vestir-se-ão como no século, depois [...] pedirão e vestir-se-lhes-á o santo hábito do Carmo*» (cf. EEO II, 20).

<sup>67</sup> SC, em EEO II, 104 e 107. Os sublinhados e as maiúsculas são nossos.

<sup>68</sup> Relativamente a este assunto, nós HOJE distinguimos duas diferentes maneiras de vestir:  
– à secular (como no século): uma gama variadíssima de modelos quanto à forma, cor, tecido, etc...

– como religiosa: trajo uniforme com ou sem touca, o mesmo para todos os membros de uma congregação, chamado *hábito*.

Tanto o vestuário secular como o religioso admitem, por sua vez, uma enorme variedade de possibilidades...

AQUI, nas Constituições da Companhia, no entanto, está subjacente uma tripla distinção nas maneiras de vestir. (É preciso ter em conta, além disso, que o termo hábito é utilizado num sentido mais amplo, como sinónimo de trajo ou vestido):

1. Vestido religioso: trajo uniforme e toucas.

2. Vestido não religioso, que pode ser:

– «mundano» ou «secular»: luxuoso, vaidoso, extravagante, caprichoso, supérfluo.

– «cristão»: modesto, simples, sem afectação nem ridicularias, com graça. Neste se enquadra o «*hábito do Carmo*».

Só nesta perspectiva pode ser entendida esta síntese da Companhia:

«Nada, por conseguinte, que cheire a monjas...»

*Não devem distinguir-se, repetimos, no vestir e no trato*<sup>69</sup>, *das outras jovens ou senhoras da sua classe a não ser pela sua modéstia e simplicidade cristãs, que são as melhores graças, elegância e ornato de uma donzela católica*<sup>70</sup>.

### Na vida prática

Em coerência com o que as Constituições determinavam, as irmãs vestiam-se com modéstia e simplicidade, dentro de casa usavam o hábito do Carmo, de maneira que, *no exterior*, não se distinguiam das outras jovens cristãs. Possuímos alguns testemunhos interessantes:

#### A gente «não sabe etiquetar» as da Companhia

Era tão corrente o uso de hábito e *toucas* entre as religiosas, que algumas pessoas ficam desconcertadas ao verem as irmãs e não chegam bem a saber quem são as da Companhia.

**1877:** Temos o caso de uma senhora piedosa de Barcelona, possivelmente benfeitora, a quem o Fundador explicou, sem êxito, em que consiste a Companhia:

«Recebi hoje carta da Sr<sup>a</sup> María Josefa Feu, de Sans, que me diz que a encomendemos a Deus, que hoje não se determina [...]. Fala-me da cama dura e da estamemha [...]. Agora reconheço que, apesar do que lhe disse, não compreendeu o que era a Companhia...»

Naquela conversa com a Sr<sup>a</sup> de Sans, o P. Henrique terá feito algum raciocínio como o que lhe sai da alma nesta carta que escreve a Teresa Plá, Irmã Superiora, talvez porque as próprias irmãs precisam também de reforçar os argumentos:

«Pobre mulher! Julga ela que o hábito faz o monge! Não é verdade, filhas minhas, que se pensássemos que a touca e a estamemha basta seriam meios para melhor alcançarmos a nossa finalidade de zelar pela honra de Jesus e de salvar o maior número possível de almas, não uma touca, mas cem, mil, usaríamos e estamenhas aos milhões?»<sup>71</sup>.

---

«Nada, numa palavra, que cheire a mundo...».

<sup>69</sup> Santo Inácio também simplificou ao máximo o traje dos seus jesuítas, adoptando o modo de vestir dos restantes clérigos. As *Constituições* da Companhia de Jesus diziam o seguinte: «Deste modo, o vestuário tenha três qualidades: que seja honesto, que se acomode ao uso da terra onde se vive, e que não contradiga a profissão da pobreza...» (577) 15. p. 537.

<sup>70</sup> SC, em EEO II, 104 e 106.

<sup>71</sup> Esta carta de 1878, embora não indique nem o dia nem o mês, foi certamente escrita antes de 19 de Março. (Ed. N° 59, original em AGSTJ, E. Vol. 4,82).

Como estamos a ver, é a missão que determina a maneira de vestir, mas também há sempre subjacente algo que não podemos desprezar: «*O hábito não faz o monge*». O traje religioso não é essencial, é até, nesse tempo, um elemento cultural de significado ambíguo.

**1889:** Outro testemunho parecido encontramos noutra carta de Henrique de Ossó dirigida a uma comunidade do México na qual lhes fala de uma recente fundação em Madrid – o Colégio do Refúgio:

«As pessoas estão contentes com as Filhas da Santa Doutora. Dizem que são muito finas e amáveis, e não acabam de entender *o mistério das monjas ou senhoras irmãs teresianas*»<sup>72</sup>.

É também de 1889 «A Exposição acerca do Instituto das irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus» apresentada por D. Vicente Olivares no Primeiro Congresso Católico Nacional, na qual procede a uma interpretação *interessante* do carisma e da obra educativa da Companhia, que comentamos no capítulo XVII. Aqui interessa-nos o que se refere ao traje:

«[As irmãs da Companhia] prestam serviços de todo o género à frente de estabelecimentos de ensino, substituindo noutros<sup>73</sup> as Filhas da Caridade que, não podendo tirar a gloriosa touca que lhes cobre a cabeça e que, sem dúvida, alguns povos incrédulos não podem encarar sem se ruborizarem, tiveram que os abandonar, embora com a consolação de se verem substituídas pelas Irmãs de Santa Teresa de Jesus, cujo *modesto traje* mal deixa entrever a organização de um instituto religioso»<sup>74</sup>.

Não temos dados para saber a que situação concreta se refere, mas em todo o caso, é uma vez mais evidente a rejeição das religiosas nos meios liberais.

### **O próprio Fundador evita chamar «*religiosas*» às da Companhia**

Embora, na tradição da Companhia, as primeiras irmãs tenham passado à história com o tratamento de *madre*, Henrique de Ossó, no entanto, dirige-se a cada uma, por exemplo, nas cartas, ou refere-se-lhes, chamando-as directamente

---

<sup>72</sup> Madrid, 11/2/89 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 4,82).

<sup>73</sup> Na realidade, no caso do Colégio da Real Irmandade do Refúgio, a Companhia tinha substituído, não as Filhas da Caridade, mas as Escolápias (cf. carta inédita referida) «por não terem diplomas» adequados.

<sup>74</sup> Nesta Exposição, a Companhia aparece como Instituto religioso de vida apostólica: fala-se constantemente das Irmãs – termo que designava as religiosas de votos simples – e também se mencionam as Constituições, mas há um desejo evidente de as apresentar como *congregação atípica*, pondo em relevo os aspectos que já indicámos.

pelo nome próprio, ou antepondo-lhe, respeitosa, *Dona* ou *irmã*. Quando fala ou se dirige a todas, costuma dizer *as da Companhia* ou *as irmãs*, e algumas vezes chama-as *religiosas*, mas não é assim que costuma referir-se-lhes na RT. Uma tal prudência é maior nos meios laicos ou anti-religiosos, especialmente adversos à fé católica. Meios que, por outro lado, reclamam a presença das irmãs preparadas para tal<sup>75</sup>.

Temos a impressão de que as jovens teresianas que seguem radicalmente a Jesus Cristo na Companhia, se sentem verdadeiramente religiosas e não acabam de entender por que não-de evitar o nome. O Fundador é que tem a visão de tudo e repreende-as quando permitem que assim as chamem, tanto nos meios oficiais como entre as meninas, sobretudo as que vivem em meios especialmente adversos à Igreja:

«Sinto que vos tenham chamado «religiosas» no comunicado. Não o consentais às meninas, pois viria o dia em que, se fôsseis tidas como tais, não poderíeis cumprir a finalidade da Companhia»<sup>76</sup>.

As alunas dos colégios e os pequenitos chamam-nas e falam delas como *mestras de Santa Teresa*, e os Colégios de nova fundação apresentam-se como *de professoras de Santa Teresa*. Temos vários testemunhos.

**1881:** Num artigo da RT, na secção «Factos Edificantes», intitulado «*A pequena missionária*», encontramos uma narrativa ingénua que nos dá uma ideia do ambiente anticlerical de então, que atingia até as crianças e que explica a atitude da Companhia. Apesar da extensão desse artigo assinado por H. de Ossó, transcrevemos tudo quanto pode revelar-se de interesse:

«Ao visitar um dos colégios que dirigem as mestras de Santa Teresa de Jesus<sup>77</sup>, tivemos a grande consolação de conhecer e admirar uma menina que tem só cinco anos e que, graças ao seu zelo, conseguiu tirar de uma escola protestante e trazer para uma escola católica, uma amiguinha sua, muito traquinas, chamada Sofia. Anteriormente, esta pequena missionária [...] frequentava também a mesma escola protestante; porém, atraída pelo bom nome e fama das mestras de Santa Teresa de Jesus, é hoje uma das que mais as amam e melhor se portam.

<sup>75</sup> Os contratos das fundações de colégios são feitos explicitando a identidade religiosa da Companhia, como por exemplo o de Janeiro de 1889, com a Real Irmandade do Refúgio, que foi assinado com a consciência explícita de que a Companhia era um Instituto religioso dedicado à educação, de acordo com o que procuravam os membros da Santa Irmandade: um Instituto religioso feminino qualificado e competente, possuidor de diplomas, que ministrasse às «meninas colegiais um ensino e uma educação profundamente religiosos». (Cf. *Bases del Contrato Colegio del Refugio, Madrid*).

<sup>76</sup> Carta a Teresa Plá, Superiora de Gracia, 3/9/80 (Ed. N° 149, original em AGSTJ, E. Vol. 5,20).

<sup>77</sup> E há uma nota de rodapé no mesmo artigo que diz: «Por este nome são designadas, em alguns pontos, as Filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus».

Oiçamos o seu interessante diálogo, que transcrevemos sem acrescentar nem retirar um ápice:

- Hás-de vir para a minha escola, dizia-lhe a pequena missionária...
- Que castigos dão as tuas mestras?, replicou Sofia.
- nenhuns, querem-nos muito [...].
- E o que vos ensinam? [...] Mas, vão lá Capelães?, tenho-lhes muito medo, que são maus.
- Não, não, ali não há Padres; só vi um uma vez e deu-nos rebuçados.
- E monjas? A essas ainda tenho mais medo que aos Padres.
- As nossas mestras não são monjas: são *mestras de Santa Teresa de Jesus*<sup>78</sup>. Dizem-nos coisas muito boas e são muito amáveis e querem-nos muito. Vem e verás»<sup>79</sup>.

**1882:** «Breve Notícia da Companhia de Santa Teresa de Jesus», na apresentação da segunda parte das Constituições de 1882, *Organização e Governo*:

«Em toda a parte é visível a acção da graça que é comunicada pelas Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus muito particularmente às suas alunas, ao exercerem o seu benéfico apostolado do ensino»<sup>80</sup>.

**1883:** O dístico exterior do Colégio de Junqueras:

«Não deixeis passar a ocasião sem instalar o dístico do colégio [...]. Ponde assim: colégio de Jesus, Maria e José para meninas. Ensino primário, superior e infantil.

No que está à porta podeis acrescentar: dirigido *pelas professoras* da Companhia de Santa Teresa de Jesus»<sup>81</sup>.

**1890:** O precioso Prospecto do Colégio de S. Gervasio, no qual se dão informações sobre as características da educação e do internato, é também apresentado assim, com grandes letras:

«Colégio de Santa Teresa de Jesus,  
para meninas,  
dirigido por *professoras* da Companhia de Santa Teresa de Jesus  
Barcelona. – S. Gervasio»<sup>82</sup>.

<sup>78</sup> Outra nota de rodapé no artigo: «É sabido que as da Companhia de Santa Teresa de Jesus, embora usem o hábito do Carmo, não têm touca». – Volta a insistir no que ficou claro.

<sup>79</sup> Resisto à tentação de acabar o artigo... O leitor pode encontrá-lo em RT 1880-81, 136-138.

<sup>80</sup> OG, em EEO II, 146.

<sup>81</sup> Carta a Dolores Llorach, Superiora do colégio de Junqueras Barcelona, Jesús, 31/3/83 (Ed. Nº 241, original em AGSTJ, E. Vol. 15,41).

<sup>82</sup> Seria interessante analisar a evolução dos *Prospectos*. O de S. Gervasio, de 1903, substituiu «*professoras*» da Companhia (1990) por «*Religiosas*» da Companhia.



**Algumas fundações da Companhia «foram pedidas» por não parecerem religiosas**

Desde o princípio que Henrique de Ossó estava convencido da importância deste *procedimento* e insistia nele, com frequência, apresentando razões e fazendo apelo à experiência. Vejamos, a seguir, como em alguns lugares a Companhia foi precisamente escolhida pela sua aparência *não religiosa*:

**ORÁN 1882**

Leiamos uma interessante carta dirigida a Saturnina, recém eleita Irmã Superiora, na qual lhe dá contas de outro prognóstico cumprido:

«Com esta carta receberás outra de uma senhora muito importante que pede irmãs da Companhia para Orán, pois vivem ali mais de 60.000 espanhóis e não têm quem eduque as suas filhas, que têm de mandar aos mouros e aos judeus. Querem-nas porque *não usam toucas, nem parecem religiosas monjas*, porque, como são os franceses que ali dominam, não querem monjas»<sup>83</sup>.

E repete-o, quase da mesma maneira, a Teresa Plá, nessa altura Ecónoma Geral:

«Temos duas fundações pedidas: uma para Almunia [...], a outra para Orán (África), onde há 60.000 espanhóis que mandam as filhas aos mouros, judeus ou protestantes que as pervertem [...]; querem que sejam da Companhia e não outras, porque *não usam toucas e não parecem monjas*»<sup>84</sup>.

E noutra carta, escrita no dia seguinte, comenta o mesmo:

«... só a Companhia o pode fazer: que pena não ter 300 irmãs perfeitas!»<sup>85</sup>.

**MÉXICO 1886**

---

<sup>83</sup> A rejeição de tudo quanto fosse religioso foi realmente maior em França, onde o Estado quis impor uma educação obrigatória, laica e gratuita. Na realidade, a Revolução Francesa (1789) foi a expressão mais virulenta das ideias do iluminismo e foi ela que desencadeou a rejeição e a perseguição dos religiosos, não só em França, mas em toda a Europa. No entanto, durante o século XIX surgem concretamente em França muitas congregações religiosas dedicadas ao apostolado, grande parte das quais – sobretudo femininas – adoptam uma forma de vida tradicional, por influência das Ordens antigas restauradas, preocupadas com revalorizar antigas tradições: o hábito é uma expressão típica (Cf. R. HOSTE em DTVC, 79). Outras, no entanto, perfilham a sensibilidade de Henrique de Ossó *quanto ao modo*. Carta de 20/11/82 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 3, 138).

<sup>84</sup> Carta de 21/11/82, (Ed. Nº 228, original em AGSTJ, E. Vol. 6,33).

<sup>85</sup> Carta a Cinta Talarn, 22/11/82 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,72).

Já vimos que o bispo de Eumenia, Monsenhor Moreno, tinha simpatizado com a obra da Companhia *sobretudo pelo seu modo de proceder e de vestir*, provavelmente porque a situação sociopolítica do México assim o aconselhava. Agora referimos alguns dados complementares sobre a fundação de Puebla de los Angeles:

«A senhora Joaquina Duxae, residente em Puebla de los Angeles, [...] foi em viagem de recreio a Espanha e, passando por Barcelona, relacionou-se com outra senhora que frequentava a casa-mãe da Companhia [...]. Esta pô-la ao corrente dos excelentes métodos que utilizavam no ensino e do prestígio e rápida propagação que o Instituto ia tendo em Espanha, e fez que a senhora Duxae conhecesse as religiosas. Na sua primeira visita, e mesmo antes de as cumprimentar, ficou um instante atónita e exclamou: "Ah, *estas religiosas são boas para o meu país porque não usam toucas brancas*"»<sup>86</sup>.

### 2.3. São «tropa ligeira», «andarilhas»

A missão apostólica que caracteriza a Companhia, a educação teresiana, e o desejo de multiplicar o mais possível os centros educativos, acarreta às irmãs frequentes viagens e deslocações de um lugar para outro.

No capítulo anterior, aludimos já a uma admirável intuição do Fundador – a imagem das nuvens – relacionada com a mobilidade apostólica da Companhia<sup>87</sup>. Entre as «Razões para entrar na Companhia», encontramos a mesma imagem, que hoje talvez até se pudesse interpretar noutro sentido:

«O Apostolado do ensino é um dos mais fecundos. E a Companhia organizou-o da maneira que poderá dar mais fruto. O ensino é como a água que fecunda a terra; mas alguns, regam-na sempre no mesmo lugar, *como as fontes*; por exemplo, as Religiosas de clausura que se dedicam ao ensino e que só dispõem de um espaço limitado. E outros são *como as nuvens*, que podem ser proveitosas a todo o mundo. As da Companhia são destes últimos, *passam pelo mundo fazendo o bem, como Jesus*. Quando tiverem regado e fertilizado uma aldeia, uma cidade, uma província, a obediência mudá-las-á para outro lado. E assim, o bem será incalculável, imenso»<sup>88</sup>.

É também significativo que as Constituições dediquem um capítulo às *Viagens*, perfeitamente justificado pela missão e carisma:

«Como as da Companhia de Santa Teresa de Jesus hão-de imitar a sua Madre e patrona Teresa de Jesus na vida activa e contemplativa, como hão-de ser tropa

<sup>86</sup> Da história da fundação do México. Citado em HSTJ, 245.

<sup>87</sup> RT Agosto 1879, em EEO III, 803.

<sup>88</sup> «Algunas razones para ingresar en la Compañía», razão 14ª. (Inédito em AGSTJ, E. Vol. 25,65).

ligeira sempre disposta a voar para onde quer que os interesses de Jesus reclamem o seu auxílio e presença [...]»<sup>89</sup>.

Esta disponibilidade para se deslocarem, contrasta com uma das características próprias da vida religiosa que ainda era usual no século XIX – o voto de estabilidade – a tal ponto que o capítulo das *Viagens* previne as irmãs da estranheza que podem causar nas pessoas as suas idas e vindas, como de facto aconteceu:

«... haverá necessidade, muitas vezes, de ir de um para outro lugar, e não será difícil que as acusem, como a Teresa de Jesus, de mulheres irrequietas, andarilhas e revoltosas. Tudo por Jesus e sua Teresa»<sup>90</sup>.

Não vamos fazer uma análise minuciosa deste capítulo que, aliás, está cheio de pormenores concretos desactualizados. No entanto, na sua perspectiva geral, descobrimos a consciência de que o serviço apostólico e as suas circunstância é, para a irmã, o lugar do encontro com Deus, tal como a solidão e o silêncio:

«Nada perderão nestas ocasiões, se fizerem tudo por Jesus, e tanto se podem santificar na viagem como no retiro, pois Deus está em toda a parte»<sup>91</sup>.

#### 2.4. Não mudam de nome

A mudança de nome, símbolo de uma «vida nova» e relacionada também com a «*fuga mundi*» das ordens religiosas, nunca foi adoptada pela Companhia. A entrada na Companhia não significa, para a jovem, renunciar à vida cristã anterior, mas a possibilidade de pôr plenamente em prática os seus compromissos baptismais, como Teresa de Jesus: «*Revestir-nos de Cristo Jesus é a nossa ocupação essencial*». É por esta razão que nas Constituições as expressões cristocêntricas alternam com as teresianas:

«Bem sabeis qual foi a finalidade que presidiu à nossa obra de zelo: não é senão "*tornardes-vos outras Teresas de Jesus...*"».

Assim sendo, o Fundador propõe às irmãs *a vida em Cristo*, com base numa leitura feminina e apostólica teresiana:

---

<sup>89</sup> «*Do modo de se comportarem nas viagens*»: capítulo dezanove de SC, em EEO II, 122-126. No final do capítulo III deste livro falámos da «disponibilidade» como característica apostólica relacionada com a «mobilidade».

<sup>90</sup> SC, em EEO II, 122. Este tríplice epíteto de Teresa, que hoje nos é simpático e positivo, foi atribuído a Teresa de Jesus pelo Geral da Companhia de Jesus que *desconfiava* daquela mulher.

<sup>91</sup> *Ibid.*

«... Fostes chamadas a despojar-vos das misérias de Eva e a revestir-vos do espírito de zelo e virtudes apostólicas que adornavam o coração de Teresa de Jesus por incrementar os interesses de Jesus»<sup>92</sup>.

Embora na Companhia não se mudasse de nome, todavia, como traço característico da espiritualidade do século XIX, juntava-se ao nome de baptismo de cada irmã um *apelido* «*de Companhia*», relacionado com os santos protectores ou com algum mistério do Senhor ou da Virgem. Este nome acrescentado ao do baptismo, exprimia algum aspecto espiritual em que a irmã deveria distinguir-se. Há muitos testemunhos. Copiamos dois fragmentos expressivos de duas cartas que evidenciam o sentido *quase bíblico* do nome de Companhia. O primeiro refere-se a Dolores Llorach, antes mesmo da fundação da Companhia:

«Já não te chamarei mais Delgadita, mas *Dolores de S. José*. Oh, quantas dores teve este bendito santo! Que tu lhas alivies sendo alma de oração, recolhimento e mortificação»<sup>93</sup>.

O segundo exemplo é de 1882, numa carta a Saturnina Jassá, directora das educandas de Jesús:

«Recebi a tua. À Hermenegilda *do Coração de Jesus* diga-lhe que, como já tem o nome de Companhia, seja mansa e humilde de coração»<sup>94</sup>.

## 2.5. Não vivem em conventos

Às casas onde vivem as irmãs, seja qual for a sua finalidade, formativa ou apostólica, chamava-se *colégio ou residência: Colégio primário ou principal, Colégios Maiores, Colégios Centrais, Casa primária ou principal*<sup>95</sup>, evitando, em todo o caso, termos que soassem «a convento»:

«Nem mesmo usar palavras que cheirem a convento»<sup>96</sup>.

«Nada, por conseguinte, que cheire a monjas, nem sequer as palavras convento, noviciado, etc.»<sup>97</sup>.

«De uma maneira geral, todas as casas da Companhia se chamam *Colégios*, nos quais as meninas são formadas nas letras e no temor de Deus [...]. As casas

<sup>92</sup> Às *Fundadoras*, em EEO II, 11-12. 10.

<sup>93</sup> Carta a Dolores Llorach, que está em La Canonja com Dona Magdalena. Tortosa, 27/4/1876 (Ed. N° 10, original em AGSTJ, E. Vol. 16,60).

<sup>94</sup> Tarragona, 4/2/1882 (Ed. N° 199, original em AGSTJ, E. Vol. 17,137).

<sup>95</sup> Na realidade, não houve tanta variedade de casas ou colégios, isto era o que estava projectado: Cf. 2ª Parte C, em EEO II, 332-334.

<sup>96</sup> *Bases*, em AGSTJ Escritos PIB/T vol. 10,18. Publicado em HSTJ Nota 7, 49.

<sup>97</sup> SC, em EEO II, 104.

da Companhia onde as Irmãs não exerçam o apostolado do ensino, chamem-se *Residências*»<sup>98</sup>.

Há um artigo da *Revista Teresiana* que é interessante neste sentido, pois deixa bem clara a identidade da Companhia. Informam-se os leitores da nova casa-colégio que a Companhia está a construir em Jesús e pede-se-lhes ajuda económica para a financiar. Henrique de Ossó, com a sua capacidade persuasiva, descreve bem as características desta *nova obra de zelo*, a sua finalidade, a sua missão. E diz-lhes:

«Não poderemos oferecer aos nossos benfeitores que nos mandarem mil reais, *uma cela* como no convento de S. José, *porque não será nenhum convento*, mas Companhia de Santa Teresa; mas em vez disso, poderão encher *uma praça* nesta Companhia de zelo pelos interesses de Jesus...»<sup>99</sup>.

## 2.6. Não rezam o Ofício no coro

Além das muitas práticas piedosas e devoções características do século XIX, era frequente, entre as religiosas, a recitação do Ofício litúrgico completo, próprio do clero e dos monges<sup>100</sup>. Algumas congregações femininas de nova fundação adoptavam uma modalidade «mariana» e mais breve do saltério chamada *Ofício Menor*. Nada disso encontramos na Companhia.

Embora nos regulamentos e num dos capítulos finais das Constituições<sup>101</sup> se fale também de devoções e exercícios de piedade, o Fundador insiste com as irmãs unicamente sobre o exercício diário da oração mental, tão importante para elas, educadoras e mestras de oração, pois «*nisso vai a vida ou a morte, a prosperidade ou a ruína da Companhia e de todas as suas Filhas. Faltem, pois, a todos os exercícios, menos à oração*», diz-lhes<sup>102</sup>.

---

<sup>98</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 334-335.

<sup>99</sup> RT 1877-78, 168. Já o citámos no capítulo I «A Companhia e Santa Teresa».

<sup>100</sup> Assim o explica JUAN M. LOZANO: «O prestígio da vida monacal e conventual, por um lado, juntamente com a interpretação disciplinar da vida em comunidade que começa a aparecer no século XVII e se intensifica no XIX, faz que não poucos institutos apostólicos voltassem a multiplicar os actos de comunidade, particularmente de oração, provocando uma tensão mais ou menos forte entre as exigências do ministério que fez nascer o instituto e as observâncias comunitárias que depois apareceram» («*Vida Apostólica*» em DTVC, 1799).

<sup>101</sup> O capítulo intitula-se *Do emprego do tempo*. É uma espécie de regulamento pormenorizado onde se indicam as actividades apostólicas, formativas ou piedosas a que a irmã devia entregar-se a cada momento. A explicação a que nos referimos encontra-se unicamente na redacção de 1888, *Constituciones*, EEO II, 113.

<sup>102</sup> SC, em EEO II, 42.

No capítulo citado, é interessante observar como é explicitamente excluída a prática do Ofício Coral. E sobretudo, convém entender as razões que se dão para tal, bem como os argumentos pelos quais aconselha a recitação diária do terço:

«Em cada dia rezareis uma parte do santíssimo Rosário em Comunidade [...]. Esta recitação será o vosso ofício divino, ao qual estareis obrigadas como os clérigos e monjas o estão à recitação do Breviário ou do Ofício menor [...]. O terço é e será sempre o *único Breviário* das Filhas de Santa Teresa [...] quer pela excelência divina desta oração, quer pela facilidade em poder rezar-se, muito conforme ao modo de vida da Companhia»<sup>103</sup>.

### 2.7. Não fazem penitências exteriores

Também nisto se distanciam de outras congregações femininas, inclusivamente das Carmelitas, com as quais a Companhia tem tantas coincidências. Esta, como aquelas, considera que o *sacrifício* é essencial à vida cristã e ao seu *projecto apostólico teresiano*. Porém, no caso da Companhia, todos os meios ascéticos ordenam-se directamente para o fim apostólico activo. O critério é muito claro desde o princípio:

«Sejam as Superiores muito amigas de insistir nas virtudes mais que nas penitências exteriores; insistam sobretudo na abnegação e em se vencerem a si mesmas. As austeridades e penitências exteriores nunca serão prescritas na regra, nem hão-de ser imoderadas, nem indiscretas, porque prejudicam e impedem bens maiores, ou seja, o conveniente exercício do apostolado do ensino, que é a finalidade principal da Companhia»<sup>104</sup>.

Quanto aos jejuns, a Companhia limita-se ao que a Igreja manda para todos os cristãos:

«Não haverá outros jejuns de obrigação para além dos da Igreja, excepto nas vésperas de S. Francisco de Sales, do dia 2 de Abril e das festas do Coração de Jesus e da sua seráfica Madre Santa Teresa de Jesus»<sup>105</sup>.

### 2.8. Não aceitam «privilégios profissionais»

<sup>103</sup> SC, em EEO II, 113.

<sup>104</sup> SC e C de 1882 e 1888, em EEO II, 100 e 103. Parte do texto constitucional foi quase textualmente transcrito das Constituições de Santo Inácio: «O castigo do corpo não deve ser imoderado nem indiscreto em abstinências, vigílias e outras penitências exteriores e trabalhos que prejudicam e impedem bens maiores». (*Obras Completas de San Ignacio*, BAC, 478). Na edição de 1888 STJ acrescenta-se a concretização carismática da Companhia de Santa Teresa de Jesus. SC e C em EEO II, 100 e 103.

<sup>105</sup> SC, em EEO II p. 102.

Apesar do forte anticlericalismo que reinava em Espanha e apesar das leis educativas que se sucederam ao longo do século XIX, em alguns períodos – e concretamente quando surge a Companhia – os religiosos e as religiosas podiam ensinar e dedicar-se à instrução nas escolas sem precisarem do diploma das Escolas Normais<sup>106</sup>. Por outro lado, estava bastante espalhada a opinião de que frades e monjas eram incultos e incompetentes, e que não trabalhavam como os restantes cidadãos.

Henrique de Ossó concebe a Companhia como um instituto feminino dedicado à educação sólida e integral, para o que era necessária uma preparação séria:

«Como a Companhia é obra de zelo que há-de difundir o conhecimento e o amor de Jesus por meio do Apostolado do ensino, neste século de (pretensas) luzes, é um ponto absolutamente indispensável que as Filhas da grande Teresa se apresentem diante do mundo, no meio da sociedade, com abundância de conhecimentos sólidos e profícuos...».

Daí a importância capital do estudo e o interesse em que cada irmã tivesse o seu diploma. E não só um diploma oficial, mas a Companhia criará os seus próprios diplomas para garantir a competência profissional das mestras teresianas:

«... Haverá, por isso mesmo, além dos diplomas oficiais que se obtenham nas Normais do Governo, diplomas próprios da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e os de verdadeiro mérito ou valor serão de duas classes: Professoras primárias e Professoras superiores»<sup>107</sup>.

### 3. O que disse a Sagrada Congregação dos Religiosos?

Numa época de vacilações canónicas e de falta de clareza a respeito da Vida Religiosa<sup>108</sup>, o *Sumário das Constituições* descreve bem a identidade da

<sup>106</sup> No capítulo II fizemos alusão ao Governo de Cánovas que, em 1879, restabelece os direitos concedidas pela Lei de 1857 a religiosos e religiosas que a Revolução de 68 tinha suprimido. Além das religiosas de Maria Imaculada, fundadas em 1855, que fizeram uso desses direitos, temos outro testemunho também relacionado com o P. Claret. Numa carta sua a D. José Xifré, Superior Geral dos Missionários do Coração de Maria, diz-lhe: «Diga ao senhor Passarell que o Padre Coll [Dominicano e Fundador das *Dominicanas da Anunciada* em 1856] me solicitou agora mesmo que as suas monjas possam ser autorizadas a ensinar sem terem feito o exame de mestras. Ele já sabe que fiz o pedido e que o envie ao ministério» (Madrid 7/5/1858, Carta N° 129 de *Santo António M<sup>a</sup> Claret, Cartas Selectas, op. cit.*).

<sup>107</sup> O texto prossegue, indicando os modos de obter esses diplomas: OG das Constituições de 1882, em EEO II, 150.A

<sup>108</sup> Até 1889, pelo decreto da Sagrada Congregação de Bispos e Regulares, *Ecclesia Catholica*, as congregações de votos simples não se equiparam juridicamente ao estado religioso, pois não era reconhecido o carácter público dos votos. A aprovação final e o reconhecimento legislativo das novas congregações apostólicas foi objecto de dois documentos anteriores ao Código de Direito Canónico de 1917:

Companhia e o seu Projecto apostólico. É um documento elaborado pelo Fundador que apresenta coerentemente, e com unidade, a finalidade e o espírito do Instituto, o seu modo de proceder e de se comprometer no serviço da educação cristã, na Igreja e na sociedade do seu tempo, e a sua organização. Assim o julga ele próprio e o diz na apresentação, dirigindo-se às fundadoras:

«Este corpo de doutrina, principal alimento das vossas almas, contém, no nosso entender, o espírito da obra e os pormenores mais precisos. [É] o Directório que contém as Constituições ou Regras que têm formado e formarão e confirmarão o vosso espírito e o das outras donzelas que vieram e hão-de vir depois de vós...»<sup>109</sup>.

### 3.1. O decreto de louvor (1888)

Em Janeiro de 1884, a Companhia recebera a aprovação diocesana. Agora, doze anos depois do seu nascimento, o Fundador apresentou à Santa Sé, para sua aprovação definitiva, o texto das Constituições, acompanhado de uma breve resenha histórica e de um balanço da realidade espiritual e apostólica dos seus membros. Por fim, a 22 de Setembro de 1888, a Companhia de Santa Teresa de Jesus recebe o *DECRETO DE LOUVOR*<sup>110</sup> da Santa Sé, primeiro passo para o reconhecimento oficial do Instituto. Foi necessário um minucioso exame das Constituições do novo Instituto, cujos frutos eram visíveis na sua breve história e nas recomendações de vários senhores bispos:

«Depois de um diligente e maduro exame de tudo o que foi exposto, Sua Santidade, em audiência que me concedeu, como Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação, dignou-se louvar e recomendar sobremaneira a finalidade e objectivo da referida pia Companhia de Irmãs de Santa Teresa de Jesus, do mesmo modo que se louva e recomenda sobremaneira a mesma Companhia e a sua finalidade pelo presente Decreto»<sup>111</sup>.

- 
- Em 1900, a Constituição *Conditae a Christo* de Leão XIII declara o direito das congregações como diferente do das ordens religiosas, especialmente quanto ao estilo de vida, autoridade e governo das mesmas. Clarifica-se definitivamente a terminologia.
  - Em 1901, as *Normae* são um complemento importante. Contêm um projecto de constituições para as congregações modernas.

Em 1917, o *Código de Direito Canónico* consagra o total acesso das congregações ao estado religioso do ponto de vista jurídico (Cf. M. ARROBA, «*Congregación*» em DTVC, 348 e ss).

<sup>109</sup> EEO II, 10.

<sup>110</sup> O Decreto de Louvor está assinado pelo Cardeal Massoti, Prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares.

<sup>111</sup> EEO II, 140-141.



O *Decreto* começa com uma brevíssima relação dos 12 anos da Companhia, reformulando, segundo o modo canónico, «a finalidade peculiar e o objectivo desta pia Comunidade», e atribuindo-lhe, sem mais, as características do modelo comum a todos os institutos religiosos, omitindo as peculiaridades da Companhia que vêm nas Constituições:

«As Irmãs vivem em Comunidade, usam o hábito próprio do Instituto, estão sujeitas a uma Superiora Geral e fazem, primeiramente, os três votos comuns, simples e temporais, de obediência, castidade e pobreza, e depois os perpétuos».

Como interpretar hoje esta «interpretação oficial»? Sabemos que a Santa Sé era remissa em reconhecer a identidade religiosa das novas congregações dedicadas prioritariamente à acção, com um estilo de vida e de organização diferentes<sup>112</sup>. Todavia, a julgar pelo *Decreto de Louvor*, podemos afirmar que, ao examinar as Constituições da Companhia, algo de consistente encontrou nelas o Censor, de maneira que não pôde duvidar da identidade religiosa do novo instituto. Mas censurou, isso sim, o projecto carismático, querendo assimilá-lo ao modelo canónico vigente.

### 3.2. As 28 animadversões

O *Decreto de Louvor* da Companhia de Santa Teresa de Jesus terminava com um *dilata*:

«Difere-se a aprovação do Instituto e das Constituições, acerca das quais [o Censor<sup>113</sup>] mandou que se fizessem, entretanto, algumas advertências...».

São precisamente estas advertências<sup>114</sup> que nos vão dar muita luz para as interpretar. Porque, por mais paradoxal que pareça, essas Animadversões representam o reconhecimento eclesial das peculiaridades carismáticas da Companhia, numa altura em que não podiam ser aceites pela Santa Sé.

<sup>112</sup> A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares (S.C.O.R.), com o Decreto *Ecclesia Catholica* (11-8-1889), foi muito rígida e negou o título de religiosas a várias congregações femininas, sem hábito religioso, que solicitavam o reconhecimento canónico. (Cf. A. BONI, DIP I, 76).

<sup>113</sup> A S.C.O.R. confiou o estudo das Constituições a um especialista, o *Censor*, um cónego lateranense perito em leis, chamado A. LOLLI. A ele se devem as 28 correcções redigidas em latim que foram entregues à Companhia nas duas versões. A do Censor, mais espontânea, às vezes irónica e ridicularizadora, redigida e assinada pelo próprio Censor. E a oficial que, baseando-se na do Censor, é mais lacónica e respeitosa, assinada pelo Prefeito C. MASSOTTI. A par dos fragmentos transcritos, indicamos se são do Censor ou se é a versão oficial da Sagrada Congregação.

<sup>114</sup> Em AGSTJ encontra-se o texto completo das Animadversões, escrito em latim, tal como foi recebido de Roma. Os fragmentos que reproduzimos foram traduzidos para esta investigação com a maior fidelidade possível. (AGSTJ Carpeta 48, III BC, 5-8).

Peculiaridades essas que se referem à modalidade particular de vida religiosa apostólica, com uma espiritualidade e uma missão claras, com um estilo de vida e uma organização específicos.

Apresentamos, seguidamente, ordenadas por temas, algumas animadversões que realçam aspectos característicos da Companhia em contraste com a legislação canónica de 1888-89.

### **1. Exagerada pretensão apostólica**

Este é um aspecto que comentaremos mais adiante. Unicamente observamos que deve interpretar-se atendendo à ambiguidade ou ambivalência presentes no documento. Ao passo que, segundo Henrique de Ossó a pretensão apostólica *exagerada* é consequência da experiência espiritual e do amor, a *Lei* escandaliza-se com tal pretensão, sobretudo por se tratar de uma comunidade de mulheres. As Constituições exprimem-se numa linguagem que não é jurídica, mas experiencial e afectiva e, por isso, o censor Lolli não pode entendê-la.

#### **Animadversão 3ª: A vida da Igreja confiada a estas mulheres!**

CENSOR: «De uma maneira geral, advirto que, nas Constituições, se usam tais palavras acerca desta nova Sociedade que a humildade cristã se ressentem, com justiça, do dano que a ela se causa com tais palavras[...]. Acaso não é completamente fora do normal confiar a vida da Igreja e da sociedade a esta Congregação de mulheres?»

#### **Animadversão 12ª: Como mulheres que são, somente podem educar mulheres**

CENSOR: «Nas Constituições diz-se: «*Em cada Colégio haverá uma escola para crianças até aos 7 anos*». Parece-me que isto deve ser completamente proibido, excepto em casos de absoluta necessidade».

SAGRADA CONGREGAÇÃO: «A Santa Sé não costuma admitir que um instituto de Irmãs se encarregue de crianças. Por isso, omitta-se tudo quanto a esta tarefa se refere e as Irmãs procedam de modo a, pouco a pouco, abolirem esse tipo de escola».

### **2. Não-de enquadrar-se nos três votos de pobreza, castidade e obediência, que constituem a essência do estado religioso**

Neste caso, trata-se também de linguagens diferentes: a da inspiração carismática e a do Direito Canónico. A Companhia não punha em causa os três conselhos evangélicos que, segundo a tradição da vida religiosa, claramente se

exprimiam por meio dos votos. Mas ao censor não lhe parece adequada a forma *integrada* como as Constituições da Companhia os referem. Seria necessário formular separadamente cada um dos três votos, a natureza, as obrigações concretas e *independentes* de cada um. Não interessam tanto as peculiaridades carismáticas do novo instituto, como a sua *sujeição* ou adaptação *uniformizante* ao Código geral. Por esta razão, também não é admitido o quarto voto, pelo qual se exprimia a consagração apostólica do novo instituto.

**Animadversão 5ª: É preciso dedicar um capítulo das Constituições ao voto de castidade**

CENSOR: «No capítulo XV define-se o voto de castidade e declaram-se as respectivas obrigações, mas se parecesse bem escrever um novo capítulo acerca deste voto, seria ótimo».

**Animadversão 6ª: Deve dedicar-se também um capítulo das Constituições ao voto de pobreza e defini-lo bem.**

CENSOR: «Igualmente a respeito do que se diz no capítulo XVI. Formule-se um capítulo acerca da pobreza, no qual se exponha, clara e distintamente, a natureza e as obrigações deste voto. Seria mais perfeito que, já que os três votos de pobreza, castidade e obediência constituem a essência do estado religioso, as Constituições falassem deles claramente, concretamente acerca da pobreza; e acerca da castidade, de forma nenhuma tão confusamente e como que acidentalmente».

SAGRADA CONGREGAÇÃO: Da mesma maneira a respeito do que trata o capítulo XVI. Reformule-se um capítulo sobre a pobreza [...]. Para tal, devem inserir-se, nestas constituições, as seguintes palavras: «As Profetas neste Instituto». Copiem-se dos Maristas os artigos sobre o voto de pobreza. Veja-se «Método Bizzarri» p. 43. Façam-se, contudo, as necessárias alterações, isto é, o masculino em feminino, e onde se fala do Superior Geral, escreva-se Superiora Geral».

**Animadversão 10ª: Não se devem inventar novos compromissos apostólicos. Não se admitem mais que os três votos**

CENSOR: «Porventura não seria mais acertado que fossem permitidos somente os três votos aprovados pela Igreja, sem inventar outros, novos, todos os dias<sup>115</sup>?

---

<sup>115</sup> «Durante a segunda metade do século XIX, correntes uniformizantes no seio dos organismos da Santa Sé [...], não autorizam que novas famílias religiosas, que o desejem ou tencionem fazer, exprimam, sob a forma de um quarto voto, a sua identidade original com toda a riqueza que os seus Fundadores pretendiam exprimir, impelidos por um chamamento interior. Argumentou-se, então, que o seu conteúdo estava implícito no voto de obediência e foi nessa base que a Sagrada Congregação dos Religiosos ratificou, em 1901 (*Normae N° 102*) esta não

Este voto: «salvar o maior número de almas» já está incluído. E além disso, «o voto ou juramento de perseverança». A questão é aumentar, diz um antigo provérbio.

SAGRADA CONGREGAÇÃO: Segundo a presente disciplina da Igreja, não se admitem senão os habituais três votos de obediência, castidade e pobreza, que constituem, por si mesmos, a essência do estado religioso. Por isso, deve ser omitido o que se refere aos outros, ou seja, o de «salvar o maior número de almas», o «voto de ensino e o juramento de perseverança».

### 3. Hão-de adoptar em tudo o modelo clássico de vida religiosa

Neste ponto, menos ainda que nos anteriores, também não foi possível chegar a um entendimento. Mais ainda, o censor Lolli não só «prescreve absolutamente», mas interpreta erradamente as razões das Constituições, altera os factos e condena-os sem piedade, pondo em questão, inclusivamente, o próprio Fundador.

#### **Animadversão 7ª: Têm que usar o hábito religioso, sem se envergonharem do que são**

CENSOR: «Falando do vestuário [as constituições] prescrevem: *«Em nenhuma coisa exterior deverão distinguir-se das donzelas honestas seculares. Devem ser e são, verdadeiramente, irmãs consagradas desta sociedade, mas que, no entanto, não se mostrem ao mundo como tal. Por isso, nada que saiba a monjas, nem em palavras, celas, noviciado, etc., deverá ser admitido entre elas. Sejam como são ou não sejam. Em casa, usem o hábito carmelita [...]»*.

É certamente lamentável que, tendo tido a milícia da Igreja, ao longo de todos os séculos, sinais peculiares pelos quais se distinguiu, à primeira vista, do inimigo, hoje, não sei por que sopro do Espírito, os cristãos, envergonhando-se do Evangelho, se escondam em vestuário profano, abandonando o sagrado e próprio. A partir desta capitulação, mesmo com a esperança de uma vitória mais fácil, originam-se muito más acções e danos – sou testemunha dessa experiência. Sendo assim, deve prescrever-se absolutamente o hábito religioso, tanto em casa como fora dela, a todos os membros de qualquer família religiosa, e portanto, também às irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus».

«Aquela frase *sejam como são ou não sejam*, que alguns têm utilizado como expressão de piedade e de fortaleza cristãs, é completamente arrogante e deve ser rejeitada, pois os filhos pedem conselho ao Pai sem exigirem direitos».

SAGRADA CONGREGAÇÃO: «No N° 9 b, falando do vestuário, (as constituições) prescrevem que, *nas formas exteriores, não se distingam em nada das jovens seculares e honestas; e que, em casa, usem o hábito do Carmo*. Não se pode admitir que as consagradas à Igreja usem vestuário profano, desprezando

---

autorização de quartos votos». (I. IGLESIAS, «Cuarto voto», em DTVC, 468-469).

os sagrados e que lhes são próprios. Sendo assim, deve prescrever-se, nestas Constituições, um hábito próprio do Instituto para todas as Irmãs, tanto em casa como fora dela, segundo a antiga disciplina».

**Animadversão 27ª: Deve recuperar-se o vocabulário religioso para assegurar o espírito e instituir o noviciado canónico**

CENSOR: «As Constituições prescrevem que não se devem usar as palavra *cenóbio*, *noviciado*, e outras semelhantes deste género, tal como se indicou no N° 7. Mas receio que, com as palavras, se omitam as coisas propriamente ditas. Assim, tudo o que foi estabelecido pelos Sumos Pontífices, por sapientíssima decisão, para os noviciados, achamos que falta aqui. Portanto, prescreva-se que as Irmãs observem, com o maior cuidado, as coisas que foram determinadas pelos sagrados Cânones e, sobretudo, pela Constituição Clementina "Regularis disciplinae" e as insiram nas Constituições».

SAGRADA CONGREGAÇÃO: «De modo nenhum pode ser aprovado o que se prescreve nestas Constituições, a saber, que não se usem as palavras *noviciado* e outras semelhantes; pelo contrário, o noviciado deve ser instituído segundo as regras canónicas referentes ao noviciado, e sobretudo, as que foram determinadas pelo Decreto de Clemente VIII, que começa «Regularis disciplinae»<sup>116</sup>.

**4. Conclusão**

A orientação predominantemente apostólica da Companhia, enquanto instituto religioso de vida apostólica activa, é realçada em todos os capítulos das *Constituições* pela particular integração dos elementos constitutivos da vida religiosa: acentuando uns, atenuando outros, e subordinando-os todos à missão.

Os primeiros capítulos que falam da finalidade única e integradora, da origem carismática das VII Moradas, das grandes intenções das irmãs, da determinação em *empregar todo o caudal* e em *dar à Igreja apóstolos mais perfeitos e zelosos do conhecimento e amor de Jesus*, assustaram o Censor Loli.

Tal pretensão não era frequente nos institutos femininos. «Confiar a vida da Igreja e da sociedade a uma congregação de mulheres!» De maneira nenhuma se lhes podia permitir que tivessem outros destinatários da sua missão

---

<sup>116</sup> Havia normas estritas acerca do ano canónico de noviciado que contrastam, certamente, com o que dizem as Constituições da Companhia no artº 6: «Durante os dois primeiros anos que passarão em oração, aquisição de sólidas virtudes e estudo das disciplinas que são exigidas para a obtenção dos diplomas de professoras» (SC, em EEO II p. 20). – Clemente VIII publicou sucessivamente 3 decretos sobre o tema. *Regularis Disciplinae* (12-3-1579) foi o segundo. Estas normas permaneceram substancialmente imutáveis até assumirem a forma legislativa no CDC de 1917. (Cf. J. Mª ALDAY, «Noviciado», em DTVC, 1158 e 1168).

para além das meninas e das jovens; nem sequer as crianças pequenas podiam ser educadas pelas Irmãs<sup>117</sup>. Outra inovação imprecedentede era o *voto de ensino*: «a questão era aumentar!» – tinha dito o Censor; além disso, nem sequer tinham bem definidos os três votos canónicos, sendo um instituto religioso.

Mas o que parece absolutamente inaceitável ao Censor, é que, tratando-se de uma congregação religiosa, em vez de *prescrever* usos e normas comuns a todos os religiosos, *prescreva* exactamente o inverso. Não deu conta, lamentavelmente, de que as Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus propunham um estilo de vida nada *mundano* e radicalmente *evangélico*. E sobretudo, o Censor não entendeu as razões e não captou a coerência interna do texto.

Hoje vemos claramente que o facto de prescindir de alguns elementos tradicionalmente vinculados à vida religiosa feminina, significa, da parte do Fundador, uma atenção prioritária à finalidade; ou seja, subordinar tudo à missão recebida para a exercer, com todas as consequências, na Igreja e na sociedade à qual a Companhia é enviada<sup>118</sup>.

A Companhia realça, deste modo, o que há de essencial no cristianismo, vivido com radicalidade evangélica e simplicidade. As irmãs, *apóstolas do conhecimento e amor de Jesus*, hão-de PREGAR JESUS E DAR TESTEMUNHO D'ELE COM TODA A SUA PESSOA:

«Por isso, tudo, nas da Companhia – vestuário, gestos, olhares, modos, palavras e acções –, devem proclamar: Viva Jesus, sou de Jesus, amemos Jesus [...].

Que não haja nada no seu interior e exterior que não anuncie Jesus [...].»<sup>119</sup>.

Henrique de Ossó, tal como alguns fundadores contemporâneos, tinha um conceito de vida religiosa muito avançado, que chocou com o Direito Canónico do seu tempo. Foi preciso renunciar<sup>120</sup> a algumas coisas para conseguir o

<sup>117</sup> Recordemos que foi no Primeiro Congresso Pedagógico Nacional (1882) – num meio laico! – que ficou decidido que os mestres das crianças fossem mulheres.

<sup>118</sup> Num dos artigos da RT em que põe na boca da Santa a identidade da Companhia, diz: «A melhor Religião não é a mais rigorosa, diz o Santo Doutor (S. Tomás), nem a de maiores austeridades, mas aquela cujas Regras se ordenam à finalidade com maior discrição e entre estas está, sem dúvida, a minha Companhia, onde se faz tudo por amor de Jesus [...]. Os meios que esta obra de zelo emprega, são os mais flexíveis e eficazes para alcançarem a sua finalidade [...]». RT Agosto 1879, em EEO III, 802).

<sup>119</sup> SC, em EEO II, 26.

<sup>120</sup> 250 anos antes da Companhia de Santa Teresa, em 1633, S. Vicente de Paulo renunciou à estrutura jurídica das religiosas para as suas filhas, para se conservarem fiéis à inspiração original. Dizia-lhes: «Vós não sois religiosas de nome, mas tendes que sê-lo na realidade, e tendes mais obrigação de vos aperfeiçoardes do que elas. E se algum espírito enganoso e idólatra vos dissesse: "Tendes que ser religiosas, pois seria muito melhor", então, irmãs minhas, a Companhia estaria na extrema unção... Pois quem diz religiosas, diz enclaustradas, e as Filhas da Caridade têm que andar por toda a parte» (Citado por J. ÁLVAREZ GÓMEZ, HVR III, 375).

reconhecimento canónico, mas as Constituições da Companhia de 1888-89, revistas depois das animadversões, mantiveram a orientação fundamental de abertura ao mundo e de «adaptação às alteradas condições dos tempos», como o Concílio Vaticano II, 100 anos depois, pedirá aos Institutos de Vida apostólica<sup>121</sup>. Era uma das peculiaridades imprescindíveis da Companhia de Santa Teresa de Jesus:

«Vós, irmãs da Companhia, não deveis parecer aos olhos do mundo senão donzelas honestas e cristãs; perfeitas imitadoras da vossa santa e nobilíssima Madre Santa Teresa de Jesus [...]»<sup>122</sup>.

Na segunda edição das Constituições da Companhia (1888), não desaparece a famosa frase latina «proibida» pelo Censor, mas é reforçada com um final contundente:

«*Sint, aut sunt, aut non sint*. A Companhia de Santa Teresa de Jesus não teria razão de ser; e não tendo razão de ser, é evidente que não existiria; porque assim como Deus não falta no necessário, também não abunda no supérfluo»<sup>123</sup>.

E para além dos escritos doutrinários e canónicos, vemos que, na prática, o Fundador da Companhia também não renunciou ao seu projecto inicial. Enquanto ele viveu, as irmãs nunca usaram *toucas*, elemento característico da veste religiosa. Mais ainda, à medida que os anos avançam, Henrique de Ossó vê com maior clareza a *oportunidade* da Companhia tal como se apresenta – dentro e fora da Espanha – naquele final de século e daí em diante. O Fundador tem plena consciência de que, a par da radicalidade evangélica característica do Instituto, a abertura ao mundo era também essencial. O modo de proceder da comunidade apostólica, é que constitui o perfil das irmãs, também no que toca ao seu aspecto exterior, ao vestuário.

Os próprios acontecimentos e a sensibilidade face aos novos tempos – curiosamente coincidentes em todos os países (México, Uruguai, Orán, Portugal...) que solicitavam a presença educativa e evangelizadora da Companhia – foram confirmando Henrique de Ossó quanto à *oportunidade* da sua intuição e quanto ao seu projecto. E embora *alguns* não vissem com bons olhos aquela *novidade*, vão sendo cada vez mais numerosos aqueles que, «com uma perspectiva de futuro», reconhecem «a oportunidade do traje».

Transcrevemos, na íntegra, uma carta inédita escrita por Henrique de Ossó em 1891, na qual realça precisamente isto. Informa, em primeiro lugar, o

<sup>121</sup> «Princípios gerais de renovação» em PC N° 2.

<sup>122</sup> C, em EEO II, 95.

<sup>123</sup> C, em EEO II, 105.

grande número de pedidos que a Companhia está a receber de diversos lugares da América, depois de ter saído das fronteiras espanholas:

«Recebi a tua. Diz a esse Sr. Bispo que não sei se poderei ir a essa nem mesmo a Ciudad Rodrigo, porque me escrevem que têm as passagens para sair para Veracruz quanto antes e depois ir a Morelia (México) vinte e uma irmãs para se encarregarem daquele colégio que tem mais de 1200 meninas. E pedem-nos mais 20 irmãs para completar a referida fundação, bem como a de Chilapa, Puebla, etc. Dizem-me que também têm as passagens para Montevideo para seis irmãs, mas que depois mande ir até vinte e cinco...»

A segunda parte, bastante mais longa, é uma reflexão sobre as causas de tal *êxito*, servindo-se de argumentos idênticos aos das primeiras Constituições:

... E vão para lá tantas, e irão muitas mais, porque não usais toucas *conditio sine qua non* para fazer essas fundações, e as de África, Portugal, etc., etc.

Ontem falámos precisamente com o Sr. Bispo de Madrid, que tanto quer às irmãs, e que a todos faz notar a oportunidade do traje. A Companhia é do futuro, e já muito do presente. *Sint, ut sunt, aut non sint*<sup>124</sup>.

Deveis ser como sois, senão não há razão para ser ou existir. Por fim, todos nos darão razão, como no-la deram os que olham para o futuro. Além de que não é o hábito que faz o monge, mas o seu espírito e a observância das Regras. Tende mais espírito, observai melhor as vossas regras do que todas as religiosas que usam toucas, e sereis melhores que todas elas.

Abençoa-vos o vosso P. e C. Henrique de O. Pbro.

Madrid, 16/4/91<sup>125</sup>.

Como vemos, a Companhia de Santa Teresa de 1891 quer estar à altura das circunstâncias. Sabe ler *os sinais* daquele final de século para lhes dar uma resposta evangélica e teresiana com um projecto de vida cristã e religiosa muito radical, nada convencional, mais atenta ao espírito que à letra.

---

<sup>124</sup> Os sublinhados são de Henrique de Ossó.

<sup>125</sup> Carta às irmãs de Calahorra (Inédita em AGSTJ E. Vol. 4,75). O bispo de Calahorra era Antonio M<sup>a</sup> Cascajares e o de Madrid era Ciriaco M<sup>a</sup> Sancha y Hervás. Ambos foram cardeais, alguns anos mais tarde.



## Capítulo V

### FORMAÇÃO PARA SEREM *CAPITÃS*

No capítulo I falámos da designação de *capitãs* e do seu significado. Vimos que esse termo, referido às irmãs da Companhia, está ligado à descoberta de novas possibilidades apostólicas da mulher que, na Companhia, iriam concretizar-se através da educação teresiana.

Agora, antes de analisarmos a Companhia quanto à sua orientação formativa, convém que conheçamos o uso teresiano do termo *capitã* e dos seus derivados; e recordar que Teresa de Jesus, no século XVI, às suas Carmelitas, e Henrique de Ossó, três séculos depois, às jovens da Arquiconfraria, as exortava a rezar pelos que são *capitães* na Igreja.

#### Santa Teresa

Nos escritos teresianos, o termo *capitão* refere-se a diferentes pessoas, mas conserva sempre o significado militar original. Segundo o dicionário, *capitão* é um «oficial do exército a quem compete o comando da companhia ou esquadrão»<sup>1</sup>. Vejamos os diferentes contextos e alusões nas obras teresianas:

\* Em primeiro lugar, para a Santa, o Senhor Jesus é o verdadeiro *Capitão*, pois vai sempre à frente:

«Com tão bom amigo presente, com tão bom *capitão* que foi o primeiro a padecer, tudo se pode sofrer. É ajuda e dá força; nunca falta; é amigo verdadeiro»<sup>2</sup>.  
«Oh precioso amor que vai imitando o *capitão* do amor, Jesus, nosso bem!»<sup>3</sup>.

\* Por analogia, e porque representam Jesus Cristo, os sacerdotes e os teólogos, no contexto da Contra-reforma, são considerados pela Santa como *capitães* do grande exército da Igreja Católica que luta contra a heresia:

---

<sup>1</sup> Esta é a primeira aceção no DRAE. O significado militar de «Companhia» é «Unidade de infantaria que quase sempre integra um batalhão. É normalmente comandada por um capitão» DRAE.

<sup>2</sup> V 22,6.

<sup>3</sup> C 6,9.

«O que havemos de pedir a Deus é que neste castelozito que há de bons cristãos, não surja nenhum traidor [...] e que aos *capitães* deste castelo ou cidade, que são os pregadores e teólogos, os faça avançar muito no caminho do Senhor»<sup>4</sup>.

«Como ficaríamos os soldados sem *capitães*! Hão-de viver no meio dos homens, e tratar com os homens [...] e conversar das coisas do mundo, sendo interiormente estranhos ao mundo e inimigos do mundo [...]; finalmente, não serem homens, mas anjos. Porque, não sendo assim, nem merecem o nome de capitães [...] pois agora não estamos em tempos de ver imperfeições naqueles que hão-de ensinar»<sup>5</sup>.

«Causam um grande dano [...] se vêem que aqueles que têm na conta de *capitães* e amigos de Deus, não fazem obras conformes ao ofício que têm»<sup>6</sup>.

As monjas de S. José viviam «todas ocupadas em oração pelos que são defensores da Igreja e pregadores e letrados que a defendem»<sup>7</sup>:

«Oh irmãs minhas em Cristo!, ajudai-me a suplicar isto ao Senhor; este é o vosso chamamento; estes hão-de ser os vossos negócios; estes hão-de ser os vossos desejos; aqui as vossas lágrimas; estas as vossas petições»<sup>8</sup>.

\* Por último, a pessoa que se determina a fazer oração nunca está só, arrasta muitos atrás de si, nunca vai sozinha para o céu. Não é franco-atirador, mas *capitão*, pois *leva muita gente na sua companhia*. É guia de muitos até à meta final:

«Muito grande misericórdia faz [o Senhor] a quem dá graça e ânimo para se determinar a procurar este bem (a oração) com todas as suas forças, porque se perseverar, Deus não se nega a ninguém; pouco a pouco, Ele vai-lhe inculcando ânimo para sair vitorioso [...]. Se aquele que começa se esforçar, com o favor de Deus, por chegar ao cimo da perfeição, creio que nunca vai sozinho para o céu; leva sempre muita gente atrás de si; como a bom *capitão*, Deus dá-lhe *quem vá na sua companhia*. Põe-lhe diante tantos perigos e dificuldade que não é mister pouco ânimo para não voltar atrás, mas muito e muito favor de Deus»<sup>9</sup>.

## Henrique de Ossó

---

<sup>4</sup> C 3,2.

<sup>5</sup> C 3,3.

<sup>6</sup> C 18,6.

<sup>7</sup> C 1,2.

<sup>8</sup> C 1,5.

<sup>9</sup> IM 1,4.

Também Henrique de Ossó concebe a Arquiconfraria em termos militares e fala às jovens teresianas dos *capitães* com o mesmo sentido com que a Santa o dizia às monjas de S. José:

- Os *capitães* são os sacerdotes e bispos que fortalecem e guiam os cristãos:

«Este castelozito são os bons cristãos, e os *capitães, os sacerdotes e bispos*, pois nesta empresa há-de valer-nos o braço eclesiástico, não o secular»<sup>10</sup>.

- As jovens da Arquiconfraria, como as monjas de S. José, com as suas orações e boas obras, ajudam os que são *capitães*:

«Mas dir-me-eis: que podemos nós fazer, débeis donzelas, para ajudar na defesa deste castelo? Podeis fazer tudo, procurando ser tais que as vossas orações tenham valor para ajudar esses servos de Deus [...], rezando pelos pastores das almas, que são os que incutem força aos fracos e animam os pequenos, pois como ficariam os soldados sem *capitães* que os guiassem à vitória?»<sup>11</sup>.

O fundador da Associação das Jovens Católicas reconhece, além disso, como *Capitãs*, duas mulheres excepcionais: Maria e Teresa de Jesus.

- São elas que dirigem o exército da Arquiconfraria:

«Foi esta a ideia que precedeu a formação da Congregação Teresiana: formar um exército aguerrido e decidido de donzelas cristãs que, sob a direcção e salvaguarda de Maria e de Teresa de Jesus, *as duas Capitãs* invencíveis que maiores estragos causaram nas hostes de Satanás e mais aumentaram as fileiras do exército de Cristo Jesus, pelejassem em defesa dos seus divinos interesses. É esta a nossa finalidade. Com que meios? Com a oração, a leitura das obras da Doutora, e o bom exemplo»<sup>12</sup>.

## A Companhia

É neste contexto que é preciso entender a designação de *capitãs* referida às da Companhia que já aparece nas primeiras Constituições manuscritas de 1877 e é consagrada no *Sumário de Constituições* de 1882:

---

<sup>10</sup> *Chamamento*, em EEO I, 208.

<sup>11</sup> EEO I, 208.

<sup>12</sup> EEO I, 200.

«As da Companhia criam-se para esposas do Crucificado, as mais animosas, para *capitãs* da grei de Cristo e por isso devem ter o coração livre das misérias, ninharias e minudências de mulheres e melindres de espírito»<sup>13</sup>.

Já dissemos no capítulo I que o Fundador se serve desta expressão para salientar a orientação directamente apostólica da Companhia. E fá-lo, sobretudo, quando quer realçar a transcendência apostólica da formação.

- Em escritos doutriniais:

*Organização e Governo: Das Mestras de Educandas:*

«Em nada, pois, se descuide porque forma *capitãs* que podem conquistar milhares de almas para Cristo, e talvez até ganhem o mundo inteiro para Jesus e sua Teresa.»<sup>14</sup>.

- Na correspondência com as irmãs responsáveis pela formação:  
À Irmã Superiora, responsável pelas educandas:

«Anima e saúda da minha parte todas as irmãs, especialmente as noviças. Que se preparem para a Cruz [...]. Se não forem tentadas, o que ficarão a saber? Hão-de ser *capitãs* e hão-de saber guiar outras»<sup>15</sup>.

À Directora de Maella, onde um grupo de educandas está a preparar-se para os exames do magistério:

«Não vos descuideis em nada, pois trata-se de criar *capitãs corajosas* que guiem milhares de almas para a glória eterna»<sup>16</sup>.

- Ou quando fala ou escreve às próprias formandas:

«Prepare-se, filha minha, para a luta. Quem há-de ser *capitã* da grei feminina de Cristo, tem de travar muitas batalhas até lhe ser dado esse grau glorioso»<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> EEO II, 424-425 e SC, 98.

<sup>14</sup> EEO II, 153.

<sup>15</sup> Carta a Teresa Plá, Benicasim, 31/7/1878 (Ed. Nº 72, original em AGSTJ, E. Vol. 3,24).

<sup>16</sup> Carta a Concepción Pamies, directora de Maella, onde há um grupo de educandas a prepararem-se para os exames do magistério. Barcelona, 16/2/1884. (Ed. Nº 278, original em AGSTJ, E. Vol. 18,22).

<sup>17</sup> Carta a M<sup>a</sup> Teresa Rubio, quando noviça, Barcelona, 27/5/1888. (Ed. Nº 392, original em AGSTJ, E. Vol. 5,83).

Se o projecto da Companhia representa um salto qualitativo na consideração apostólica da mulher, é natural que a formação dos seus membros seja uma dimensão especialmente importante. A mulher, cujo apostolado se limitava – não só no tempo da Santa, mas três séculos depois – a rezar pelos «que nos dão luz e guiam os fracos»; e as jovens teresianas que *dantes* só podiam «ser pregadoras pelas obras, porque o Apóstolo<sup>18</sup> e a vossa incapacidade vos proibem que o sejais pela palavra»<sup>19</sup>, iam formar *agora* uma vanguarda apostólica de *capitãs*, sendo, para tal, absolutamente necessária, uma formação sólida, bem estruturada. Umas mulheres que iam ser *guias, mestras de vida e oração*, levando atrás de si crianças e jovens, portanto, futuras educadoras, deviam preparar-se seriamente para esta missão.

### 1. A formação intrínseca para a acção

Nesta perspectiva, não é difícil compreender que a formação inicial na Companhia tenha, desde o princípio, uma clara orientação apostólica. Chamamos a atenção a sensatez de Henrique de Ossó ao realçar, com o mesmo vigor, dois aspectos que, frequentemente, se percebem na vida como incompatíveis ou excluídos, mas que, no Projecto da Companhia de Santa Teresa de Jesus estão perfeitamente integrados, interrelacionados, interdependentes. Referimo-nos à *acção* e ao *silêncio ou preparação*, fundamentais na missão e na vida das irmãs. São os dois pólos da mesma realidade apostólica, que se reclamam um ao outro e se complementam.

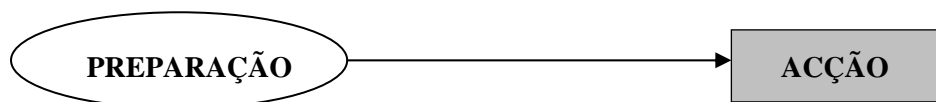
A unidade e a harmonia destes dois aspectos estão bem documentadas tanto nos escritos doutrinários como nas cartas pessoais do Fundador às irmãs e nos artigos da *Revista*. É sempre a Finalidade que dá coerência a estes dois *momentos apostólicos*.

Vamos apresentar, seguidamente, dois textos que escolhemos pela sua especial clareza e porque fazem parte do primeiro artigo da *Revista* sobre a Companhia. Os dois parágrafos exemplificam um esquema muito repetido. Copiamos-los a seguir, destacando graficamente a estrutura rítmica do texto: *exercício e acção*, ou *preparação e acção*.

---

<sup>18</sup> Refere-se à famosa «proibição paulina» – baseada em vários textos das cartas de S. Paulo – a que já a Santa alude no seu tempo. Uma das citações mais expressiva da impossibilidade da pregação da mulher, é esta: «Como acontece em todas as assembleias de santos, as mulheres estejam caladas nas assembleias, porque não lhes é permitido tomar a palavra e, como diz também a Lei, devem ser submissas... porque não é conveniente para uma mulher falar na assembleia» (1Cor 14,33b-35).

<sup>19</sup> *Chamamento...* EEO I, 208.

**Parágrafo 1º** <sup>20</sup>

«exercitem-se e disponham-se com grande esforço de ORAÇÃO, VIRTUDE e SABER...

... para **alcançarem fim tão sublime.**  
 Numa palavra...

«Trabalhem no meio do mundo  
 por tornarem fecundo  
 o apostolado da mulher  
 na maior escala possível»

**Parágrafo 2º** <sup>21</sup>

Como **alcançar fim tão sublime?**

... preparando-se no SILÊNCIO  
 E AFASTAMENTO do mundo,  
 formando o SEU ESPÍRITO, o SEU CORAÇÃO  
 e a SUA INTELIGÊNCIA segundo o modelo de Teresa...

E animadas pelos seus ensinamentos...

<sup>20</sup> RT Nº 47, Agosto 1876, 305.

<sup>21</sup> Ibid.

**DIFUNDIR o reinado  
do conhecimento e do amor  
de Jesus Cristo PELO MUNDO  
por meio do exemplo e da educação cristã»**

Sendo a Companhia concebida em termos militares, o Fundador considera que a *milícia feminina* que teria de travar *a mais dura batalha*, devia preparar-se solidamente *antes de sair em campanha*. Essas jovens deviam permanecer dois anos *no quartel*, preparando-se em virtudes e letras:

«Passarão os dois primeiros anos em oração, aquisição de virtudes sólidas e estudo das disciplinas que são exigidas para a obtenção do diploma de professoras»<sup>22</sup>.

## 2. A primeira vitória: «Vence-te a ti mesma»

«Aqueles que não-de guiar à vitória do mundo e do inferno e que aspiram a conquistar milhares de almas para Deus»<sup>23</sup>, não-de ter triunfado primeiro sobre si mesmas. Este foi o segredo das muitas vitórias de Teresa de Jesus, o segredo da Reforma do Carmelo feminino e masculino.

O lema inaciano – umbral dos *Exercícios Espirituais* – também está presente na Companhia de Santa Teresa, no princípio, na continuação e no fim da carreira:

«Entra-se na Companhia de Santa Teresa de Jesus pela porta do "vence-te a ti mesma"; e nela se vive bem e se é feliz, negando a própria vontade e juízo em todas as coisas»<sup>24</sup>.

O *seguimento de Cristo* não é possível numa dinâmica de auto-afirmação, porque «o reino dos céus sofre violência»<sup>25</sup>, e «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida por todos»<sup>26</sup>, sempre «obediente até à morte e morte de cruz»<sup>27</sup>. Jesus disse-o aos seus discípulos de muitas maneiras. Também é recordado às da Companhia, no terceiro capítulo do *Sumário das Constituições*:

---

<sup>22</sup> SC, em EEO II, 20.

<sup>23</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 350.

<sup>24</sup> SC, em EEO II, 22.

<sup>25</sup> O texto de Mt 11,12 esclarece o capítulo II do SC (EEO II, 16), *Das irmãs*, «outras Teresas de Jesus», mulheres novas, que têm de passar pela necessária ascese.

<sup>26</sup> Mt 20,28.

<sup>27</sup> Fl 2,8. Este texto, seguido de Mt 20,28, esclarecem o capítulo IX: *Obediência extrema* de SC e C, em EEO II, 46. 47.

«Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz em cada dia, e siga-me». «Escolhi-vos para que deis fruto e para que o vosso fruto permaneça»<sup>28</sup>.

As duas citações evangélicas encontram eco no capítulo *Da admissão à Companhia*. Para além dos aspectos jurídicos e da linguagem do século XIX, os artigos falam de uma atitude permanente de vencimento próprio por amor, atitude necessária para que os frutos da Companhia sejam duradouros frutos do Reino.

Em coerência com o chamamento de Jesus a segui-Lo deste modo, as Constituições e o próprio Cerimonial convidam a irmã a perguntar-se muito frequentemente:

«Para que vieste para a Companhia?  
– Para sofrer e morrer por Jesus e a sua Teresa»  
Queres viver feliz e contente?  
– Sê humilde sempre, sê obediente sempre<sup>29</sup>.

O capítulo terceiro, elaborado com uma combinação de expressões evangélicas, inicianas e teresianas – expressas no estilo do século XIX – têm um fundamento antropológico bem visível. Uma antropologia incompatível com a procura da realização pessoal a todo o custo que, paradoxalmente, *é conseguida* por quem *se perde a si mesmo pelo Evangelho*, como Jesus anunciou e experimentou plenamente na Páscoa. Uma antropologia, portanto, que é condição e consequência do seguimento de Jesus.

É nesta perspectiva que temos de interpretar o apelo ao vencimento próprio que percorre todos os escritos doutrinários dirigidos às irmãs:

«Vencei-vos a vós próprias, Filhas da grande Teresa de Jesus, vencei-vos sempre a vós próprias, porque neste vencimento está [...] a verdadeira e sólida virtude. Aquela que não fizer força sobre si mesma, nunca será santa»<sup>30</sup>.

Às vezes com expressões que podem até parecer duras:

«Esforçai-vos por vos vencerdes em tudo»<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Lc 9,23 e Jo 15,16 são os dois textos evangélicos que esclarecem este capítulo – *Da admissão à Companhia de Santa Teresa de Jesus* – onde se fala, para além do aspecto jurídico, de uma atitude de amor auto-vencedor.

<sup>29</sup> SC, em EEO II, 22.

<sup>30</sup> C, em EEO II, 101.

<sup>31</sup> Carta inédita de 5/12/82, (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,90).



Às formadoras, o Fundador recomenda, de muitas maneiras, que incitem as irmãs a esse difícil e importante exercício:

«Que as superiores sejam muito amigas de exigir nas virtudes mais que nas penitências exteriores; sejam sobretudo exigentes na abnegação e vencimento de si próprias»<sup>32</sup>.

«Formem-nas [...] quebrando-lhes a vontade mesmo nas coisas mais miúdas. Exercitem-nas... para as treinar no vencimento de si próprias, que é a mais difícil de todas as vitórias»<sup>33</sup>.

Em algumas cartas é mais explícito e indica a finalidade do *vencimento*. É preciso procurar a verdade nas atitudes, a solidez nas virtudes:

«Receio que vivais todas encantadas e que alimenteis uma virtude imaginária. A virtude que não for adquirida com a ponta da espada, não é virtude. Exercitai-as muito quebrando-lhes a vontade própria»<sup>34</sup>.

Henrique de Ossó sabe, por experiência, que o *vencimento próprio* produz virtudes sólidas, aquelas que hão-de caracterizar as irmãs:

«A mansidão é o imã mais poderoso. Porém, que essa doçura não seja natural, mas filha da fé, do vencimento de si mesmas»<sup>35</sup>.

Há também uma interessante relação entre conhecimento próprio e conversão ou vencimento de si mesmas:

«Todas as semanas tenham capítulo de culpas [...] para se conhecerem melhor e se ajudarem na correção e vencimento de si mesmas»<sup>36</sup>.

É o que diz Santo Inácio nos *Exercícios Espirituais*, e que o Fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus reformula carismaticamente para as irmãs em termos mais paulinos:

«Os Exercícios Espirituais são para cada um se vencer a si próprio e ordenar a sua vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada. Isto diz Santo Inácio e isto vos dizem e vos mandam as vossas regras: O objectivo dos Exercícios é que *Viva Jesus e morra o pecado*»<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> SC, 682, EEO II, 100.

<sup>33</sup> OG, em EEO II, 153 e C, 350.

<sup>34</sup> Carta a Cinta Talam, Novembro 1882, (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,72).

<sup>35</sup> SC, EEO II, 74.

<sup>36</sup> SC, EEO II, 118.

<sup>37</sup> EE, em EEO II, 518.

Quer dizer, trata-se de dar lugar ao Espírito Santo para que realize em nós *a vida de Cristo*, de maneira que cada uma das irmãs «se transforme noutra Cristo na terra»<sup>38</sup>.

### 3. «*Tão varonis que espantem os homens*»: **Fortaleza**

Este é um dos aspectos mais especificamente teresianos; consiste numa atitude, fruto de domínio interior, grandeza de alma e liberdade, que possibilitou a Santa Teresa lançar-se nos empreendimentos mais arriscados; uma atitude que desejava para as suas filhas do Carmelo.

Henrique de Ossó, que ficara deslumbrado por essa mulher excepcional, considera necessária, para a missão da Companhia, essa disposição interior, que todavia, no século XIX, estava sociologicamente associada aos homens como traço exclusivo do varão. O espírito varonil não é senão uma maneira genuína de ser pessoa, libertando-se das limitações e preconceitos com que tradicionalmente se considerava a mulher. Na opinião do P. Henrique, é consequência ou fruto de outras virtudes interiores:

«Trabalhem com todo o afinco por adquirirem virtudes sólidas, principalmente as que a sua santa Madre Teresa de Jesus lhes deixou em testamento, como herança, que a seguir enumeramos e hão-de formar o espírito varonil e de zelo apostólico da Companhia»<sup>39</sup>.

Tal como o fez a Santa, reivindica para as mulheres a fortaleza interior e exterior, e incute-lhes essa dinâmica, de molde a não terem nada a invejar aos varões.

### 4. «*Conquistar corações*»: **Cordialidade**

A influência de S. Francisco de Sales na espiritualidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus, junta-se à da Santa de coração magnânimo e atraente para configurar o estilo apostólico. Henrique de Ossó quer que as irmãs sejam verdadeiramente cordiais e amáveis, como Jesus, *manso e humilde de coração*. A *mansidão ou cordialidade* há-de ser uma das características «da sua obra predilecta».

---

<sup>38</sup> Ibid., 642.

<sup>39</sup> SC, em EEO II, 26.

Há um capítulo das Constituições dedicado à *Mansidão*, e nas primeiras gerações de irmãs a mansidão foi uma atitude especialmente cultivada. Henrique de Ossó considera-a uma virtude apostólica:

«Com ela, as da Companhia de Santa Teresa de Jesus serão donas de todos os corações [...], pois os corações hão-de ser tratados cordialmente para serem conquistados»<sup>40</sup>.

Por detrás destas afirmações, está a psicologia do educador que foi Henrique de Ossó, fruto da sua experiência de mestre espiritual, de grande capacidade persuasiva.

«Sobreveio a mansidão e fomos curados. É o imã mais poderoso»<sup>41</sup>.

Tanto na formação inicial como na de toda a vida, a auto-educação do próprio carácter é uma das tarefas mais importantes:

«Porém, que essa doçura não seja natural, mas filha da fé e do vencimento de si mesmas»<sup>42</sup>.

A mestra das educandas, as professoras e a prefeita de estudos, hão-de exercitar-se na mansidão e na amabilidade, de tal maneira que o estilo pedagógico da Companhia seja verdadeiramente amável e amado:

«Uma das suas principais preocupações ou maneiras de ser para alcançarem a finalidade da Companhia, deve ser ganhar o coração e a confiança das meninas que educam. Não será difícil consegui-lo se agirem com espírito de fé e *lhes derem mostras de um amor doce, compassivo e terno, levando-as a terem inclinação para o bem*, animando os seus pequenos esforços, às vezes desculpando com caridade os seus defeitos e não fazendo distinção entre elas»<sup>43</sup>.

Este parágrafo do *Plano de Estudos* é apenas um exemplo de um perfil educativo que não tem medo da empatia, que olha para as pessoas com um verdadeiro carinho e que cultiva, na oração e no relacionamento, o amor pedagógico, mesmo à custa do sacrifício do *ego*.

Também o amor e a concórdia entre as educadoras, a unidade comunitária, são sinais de *cordialidade*. O Fundador aproveita frequentemente a

---

<sup>40</sup> SC, em EEO II, 74.

<sup>41</sup> SC, em EEO II, 74.

<sup>42</sup> Idem. Nas *Sete Moradas do Coração de Jesus* (SM), há uma meditação dedicada à prática da mansidão. O Coração de Jesus é apontado como modelo porque «tinha uma ternura infinita para com os homens». A pessoa orante pede-lhe: «dá-me força contra mim mesma e que saia sempre vencedora desta luta entre a natureza e a graça [...] para atrair milhares de corações para o teu serviço». (EEO III, 433-437).

<sup>43</sup> PE, em EEO II, 249.

feira de S. Francisco de Sales para formar as irmãs na mansidão e no amor fraterno:

«Esforçai-vos por vos despojardes da vossa condição de mulheres e por vos revestirdes das entranhas de Jesus Cristo, isto é, do espírito de mansidão e doçura, de afabilidade e amor, de paz e alegria no Espírito Santo, a fim de que, não havendo na Companhia senão um só coração e uma só alma, conquistemos inúmeros corações, inúmeras almas para Jesus».  
«*Francisco de Sales*»<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Carta de Henrique de Ossó às primeiras irmãs de Tarragona. Oitava da festa de S. Francisco de Sales 5/2/1878, (Ed. N° 50, original em AGSTJ).





## Capítulo VI

### UM LEMA: VENCER OU MORRER

Três anos depois do nascimento da Companhia, em Agosto de 1879, a *Revista Teresiana* publica um artigo intitulado «*Santa Teresa de Jesus às suas devotas*»<sup>1</sup>. É uma proposta vocacional dinâmica e atraente para aquelas jovens feita pela mesma Teresa que inspirou a Companhia, e que apresenta agora, também sob a imagem militar, com toda a radicalidade evangélica e fogo apostólico que a caracterizam.

É a «*Companhia de escol ou de preferência, disposta a voar para a primeira linha, para o lugar do perigo*, para defender o seu rei e a sua bandeira», e que corresponde ao «*Plano geral de conquista*» da Santa. «É formada pela gente mais esforçada e aguerrida, que pretende distinguir-se no trabalho e no prémio, e que tem como lema: *VENCER OU MORRER, vendendo cara a vida*».

O que significou este *lema* para as Fundadoras e para a primeira geração de irmãs e que significado poderá ter para a Companhia de Santa Teresa de Jesus do século XXI?

O significado original provém do *Caminho de Perfeição*. A Santa serve-se do simbolismo de um soldado em campanha para explicar a *determinada determinação* que deve caracterizar *quem começa a fazer oração*. Porque, para quem está na guerra, o *dilema* «vencer ou morrer» é um verdadeiro estímulo para a luta:

«Já sabe que, venha o que vier, não há-de tornar atrás. É como quem está numa batalha e sabe que, se o vencem, não lhe perdoarão a vida, e se não morre na batalha, há-de morrer depois. Peleja com mais determinação, quer vender bem cara a vida, e não teme tanto os golpes porque tem diante dos olhos o quanto lhe importa a vitória, e que nela lhe vai a vida»<sup>2</sup>.

Por outro lado, a meditação com que se inicia a 2ª semana de Exercícios, «*O Chamamento do Rei temporal ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno*»<sup>3</sup> –

---

<sup>1</sup> RT 1878-79, 321-324, publicado em EEO III, 800-804.

<sup>2</sup> C 23,5. No final do livro da *Vida*, num momento de grande tensão escatológica – em situação existencial das VI Moradas – a Santa diz ao Senhor: «Não tenho razão para viver senão para isto [servir, padecer], e o que de melhor vontade peço a Deus; e digo-lhe algumas vezes com toda ela: *Senhor, ou morrer ou padecer, não vos peço outra coisa para mim*» (V 40,20).

<sup>3</sup> Cf. *Obras Completas*, San Ignacio de LOYOLA, BAC, Madrid 1963, 218-220. Diz o P. IPARRAGUIRRE na nota nº 72: «Santo Inácio, nesta clássica e fundamental meditação apresenta

revida por Henrique de Ossó e reformulada para a Companhia –, tem especial interesse para compreender a identidade do Instituto, não só pelo seu rico conteúdo evangélico, mas porque o próprio Fundador tinha interpretado a Companhia de Santa Teresa de Jesus nessa chave.

Para que as irmãs tivessem consciência da importância carismática desta meditação, escreve uma *introdução* à 2ª semana na qual as adverte disso mesmo e lho explica:

«Todas as filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus deveriam fazer esta meditação com grande fervor porque, além da grandíssima excelência e importância que tem em si, tem outra, especialíssima, para as Filhas da Companhia. Todas sabem que a Companhia de Santa Teresa nasceu ao calor de uns Santos Exercícios Espirituais, que é filha do Coração de Jesus já que foi fundada no seu dia, e que a sua finalidade, como diz a 1ª das suas Regras é, não apenas atender, com todo o afinho, à própria salvação e perfeição, mas zelar com sumo interesse pela maior honra de Cristo Jesus por todo o mundo, difundindo o reinado do seu conhecimento e amor pelos apostolados da oração, ensino e sacrifício.

Deve considerar como sendo dito a si: *Olharás pela minha honra como verdadeira esposa minha, porque a minha honra é a tua honra, e a tua, minha*»<sup>4</sup>.

Por meio de algumas perguntas, ajuda as irmãs a compreenderem de que maneira a Companhia partilha a única missão de Jesus – o anúncio e a vinda do Reino:

«Difundir, com sumo interesse, por todo o mundo, o reinado do conhecimento e amor de Cristo Jesus, orando, ensinando, sacrificando-se, não será, porventura, *trabalhar* do modo mais eficaz *na conquista do seu reino?*»

[E isto] não será procurar restaurar eficazmente todas as coisas em Cristo Jesus?

[E] não será olhar pela sua honra como verdadeiras esposas e como coisa própria?»<sup>5</sup>.

Aí temos três modos diversos de exprimir a participação carismática da Companhia de Santa Teresa de Jesus na «*Conquista do reino*», na sua Missão salvadora.

A Introdução insiste, de diversas maneiras, na transcendência desta meditação:

---

Jesus Cristo como a realização prática do princípio e fundamento [...]. É, no seu conjunto, a meditação mais evangélica. Santo Inácio extraiu do Evangelho a *quinta essência* do programa de perfeição traçado por Jesus Cristo». (*op. cit.*, 218).

<sup>4</sup> EE, em EEO II, 642.

<sup>5</sup> EE, em EEO II, 642-643.



«Vede como pode dizer-se, com toda a verdade, que daqui nasceu a ideia da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e que toda a sua *perfeição*, o seu *espírito*, as suas *perspectivas* estão nela contidas como na sua *raiz ou germe*»<sup>6</sup>.

«Deveis fazer sempre esta meditação com um grande fervor, pois é importantíssima para as Filhas da Companhia [...], já que nela está esboçada a vossa *imagem*, o vosso *plano*, o vosso *espírito*, a vossa *obra de zelo*»<sup>7</sup>.

Refere, depois, os elementos da metáfora militar que configuram a meditação da Conquista do Reino e que, para a Companhia, têm um significado paradigmático, para além dos Exercícios. Talvez seja esta a razão pela qual os Exercícios Espirituais, na sua totalidade, podem ser considerados uma imagem da Companhia.

Enumeramos, seguidamente, esses elementos, respeitando basicamente o esquema e o texto originais, destacando em itálico o que nos parece que continua a ser válido, embora sabendo que está expresso na linguagem do século XIX, numas categorias culturais e teológicas já superadas, e com um conceito de missão que já não é o de hoje:

● UM CHEFE<sup>8</sup>

«*Jesus Cristo*: nosso Rei<sup>9</sup> por direito de criação, [...] de conquista, [...] de aquisição, de doação e de herança. Nosso Rei por direito de eleição [...]. *Ele irá sempre na frente* com o exemplo. Nunca nos dirá: fazei, mas *façamos*»<sup>10</sup>.

● UM EMPREENDIMENTO

«O empreendimento mais nobre, mais honroso, maior, mais divino. Ou seja: *glorificar a Deus*, destruindo o reino do pecado, e *salvar as almas*, libertando-as do cativo do pecado, ou antes, não deixando que caíam nele, *pelos apostolados da oração, ensino e sacrifício*»<sup>11</sup>.

● UNS INIMIGOS

«O mundo, o demónio e a nossa filha de Eva»<sup>12</sup>.

<sup>6</sup> EE, em EEO II, 643.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> O termo *caudillo* aqui usado (que traduzo por «chefe» – N.T.), bem como o de capitão, derivam do latim: CAPUT-IS = cabeça. Concretamente, «caudillo» procede do lat. *capitellum* por *capitulum*, cabeça. Segundo DRAE 92: «Aquele que, como cabeça, guia e comanda a gente de guerra».

<sup>9</sup> Nas páginas 644-645 de EEO II, encontra-se uma síntese de um dos aspectos da cristologia de Henrique de Ossó – o título de Rei – que começa assim: «Dotes do Rei».

<sup>10</sup> EE, em EEO II, 644.

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Ibid.

● UMAS ARMAS

«Fé, oração, confiança n'Ele, paciência, caridade e zelo»<sup>13</sup>.

● UNS COMPANHEIROS

«Os mais ilustres heróis do mundo: *apóstolos, mártires, confessores*, todos os santos e justos»<sup>14</sup>.

● UMAS CONDIÇÕES

«Aos soldados, só se exige o querer, porque nesta conquista, querer é poder. *Se queres*, diz o Senhor. Esta é a primeira e única condição da parte dos seus vassallos: que queiram, deveras, trabalhar na conquista do seu reino, *que queiram segui-lo [...]*, lutar *como Ele, padecer com Ele* e menos que Ele»<sup>15</sup>.

● UMAS AJUDAS

«Ele próprio nos aplaina o caminho ao auxiliar-nos com a *sua graça* e ao mover-nos com o *seu exemplo* e o de inúmeras almas...»<sup>16</sup>.

● UM CHAMAMENTO

«A todos. *Dei enim coadjutores sumus*, porque a todos quer fazer participantes da sua glória e do seu Reino [...]. *A todos chama*, a ninguém rejeita. Não olha a que sejam ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, poderosos ou débeis, nobres ou plebeus...»<sup>17</sup>.

● UMA VITÓRIA

«Com esta vontade, a vitória é certa, porque diz: *tende confiança, eu venci o mundo (Jo 16,33)*»<sup>18</sup>.

● UM PRÉMIO

«O maior prémio: *Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo (Jo 12,26)*, e este prémio é igual ao seu [ao meu<sup>19</sup>], porque onde eu estiver, aí estará também o meu servo (12,26)»<sup>20</sup>.

Tanta importância tem esta imagem para a Companhia, que nos «*Exercícios Espirituais*» re-escritos pelo Fundador para as Irmãs, é repetida em duas meditações sucessivas. Na primeira, Henrique de Ossó apenas transmite

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> EE, em EEO II, 646 e 644.

<sup>16</sup> EE, em EEO I, 646.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Esqueceu-se de que é «Jesus» que está a falar. Há uma série de citações de João 13-17 entrelaçadas para exprimir a identificação do *servo* com o Senhor, também na glória, que consiste, para o homem, na participação da vida trinitária.

<sup>20</sup> EE, em EEO II, 646.

textualmente a meditação inaciana<sup>21</sup>, substituindo, unicamente, o título original por outro mais de acordo com a simbologia teresiana: «*Conquista do Reino de Cristo*»<sup>22</sup>.

A segunda meditação é uma repetição da primeira, segundo aconselha Santo Inácio na 1ª Nota<sup>23</sup>, relida carismaticamente pelo Fundador e intitulada: «*Conquista do Reino de Cristo na Companhia de Santa Teresa de Jesus*».

Sem termos a pretensão de fazer uma análise exaustiva do texto, queremos sublinhar alguns aspectos desta segunda meditação devido ao seu interesse carismático.

#### Petição inicial

Realça aspectos fundamentais do Projecto da Companhia:

«*Conhecimento de Cristo e graça eficaz para O seguir o mais de perto possível*»<sup>24</sup>.

#### Primeiro ponto

Destaca o sentido profundo da Encarnação do Verbo como missão<sup>25</sup>. O significado salvador da «descida» do Filho para a «subida» do homem, e o chamamento ou convite pessoal para participar na sua Missão salvadora, já que «Ele vai na frente»:

«*Considera Cristo [...] que se apresenta diante de ti e te diz: Filha minha, eu desci do céu, revesti-me da vossa carne, sujeitei-me às vossas misérias [...], compadeci-me da vossa perdição, pois quero salvar todas as almas e levá-las para o céu. Quero que me ajudes neste empreendimento [...]; o trabalho será pouco, eu irei na frente e ajudar-te-ei*»<sup>26</sup>.

Justifica, de uma maneira admirável, e mesmo actual, a escolha de Teresa como medianeira espiritual e apostólica da Companhia, relativamente ao Reino de Deus que transcende as fronteiras geográficas, quebra as divisões étnicas, anula as incompreensões linguísticas e culturais, supera os anacronismos históricos, restabelece o diálogo intergeracional e intercultural:

<sup>21</sup> Santo Inácio intitulava-a assim: «O Chamamento do Rei temporal ajuda a contemplar a vida do Rei eterno» (SAN IGNACIO, *Obras Completas*, 218 e ss).

<sup>22</sup> Cf. EE, em EEO II, 647 e 648.

<sup>23</sup> A 1ª Nota diz o seguinte: «Este exercício far-se-á duas vezes ao dia...» (Cf. *Obras...*, 220).

<sup>24</sup> EE, em EEO II, 648.

<sup>25</sup> A expressão faz lembrar outra, belíssima, de Teresa de Jesus: «Enfim, Senhor, estais na terra e revestido dela, tendes a nossa natureza, tendes assim algum motivo, parece, para olhar ao nosso proveito» (Cf. C 27,3).

<sup>26</sup> *Ibid.*, 648-649.

«Como o Reino se estende a *todos* os povos e nações, a *todos* os lugares, a *todas* as gentes e a *todos* os séculos...»<sup>27</sup>.

Sem pôr de parte a metáfora militar, explica o sentido dos carismas na Igreja, adiantando-se à reflexão teológica sobre os Fundadores iniciada depois do Concílio Vaticano II. Se Jesus é o Rei deste empreendimento – embora também seja companheiro – e Maria a Rainha, há-de haver outros líderes intermédios, outras pessoas que guiem e orientem para o Reino:

«... Ao lado da minha Mãe e Rainha Maria Imaculada, escolhi e nomeei outras *capitãs* invencíveis que podem transmitir-vos as minhas ordens e a minha vontade soberana com toda a fidelidade, facilitando-vos o meu seguimento e imitação»<sup>28</sup>.

Teresa de Jesus é a líder, a *medianeira* carismática da Companhia que tem o seu nome:

«E chamei-te a atenção para a grande Zeladora da minha honra e nova Débora<sup>29</sup> da graça, Santa Teresa de Jesus, para que, militando sob as suas ordens imediatas, sigas melhor a minha Mãe e a Mim [...]. Gostas da escolha? Agrada-te militar sob a bandeira de [...] Teresa de Jesus? Gostarás de receber por ela as ordens que são minhas? Sim? Então escuta os seus discursos, segue as suas ordens, as suas insinuações em palavras ou escritos, e nada temas [...]. Seguindo Teresa de Jesus, podes ficar certa de que segues e agradas a Jesus de Teresa»<sup>30</sup>.

#### Segundo ponto

Repetindo o esquema anterior, é agora a Santa, como Esposa de Jesus, que expõe o seu plano de conquista, convidando as da Companhia. De alguma maneira, considera suas as Constituições da Companhia:

«Estou encarregada pelo meu Esposo Jesus de olhar pela minha honra como coisa própria, porque [...]. Ganhei-o com os meus grandes trabalhos e desejos de difundir o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo, pois todo o meu afã foi e é que Jesus seja conhecido e amado por todos, que o seu nome seja glorificado, e as almas salvas. Quereis ajudar-me? Eu irei sempre na vossa frente com a minha palavra e exemplo vos animarei [...]. Temos de ganhar inúmeras almas para Cristo»<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> Ibid., 649.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Débora foi profetiza e juiz de Israel, e libertou o Povo de Deus dos Cananeus (Jz cap. 4 e 5). Gregório XV, na Bula de canonização da Santa, chama-a *nova Débora*, denominação significativa que Henrique de Ossó repete muitas vezes.

<sup>30</sup> A citação continua assim: «... tenho nela toda a minha confiança. É corajosa, enérgica, varonil, invencível. Não é nada mulher, nem parece sê-lo, a não ser no sexo. A minha honra é a sua honra, e a sua, minha. Ouve-a, [...] e admitir-te-ei na nossa companhia eterna». (Ibid).

<sup>31</sup> Ibid., 650.

Por fim, propõe-lhes «três armas» concretas, três instrumentos que é preciso saber manejar, três mediações na vasta missão da evangelização. São os *modos de relação* carismáticos da Companhia, que não podem ser separados da missão:

«Que fizestes por Cristo? Que fazeis? Que podeis, que deveis fazer por Cristo<sup>32</sup>?

Temos três armas que ninguém nos pode arrebatá-las se não quisermos, e que, se soubermos manejar bem, a vitória é certa [...]. Podemos sempre orar, ensinar, sacrificar-nos por Jesus, e com isto, o reino de Cristo não terá fim nas almas. Tendes dúvidas? Não é possível! Seria preciso não ter fé!

A oração tudo pode. Não há males incuráveis enquanto pudermos orar. Este é o apostolado mais fácil, mais universal, mais fecundo, mais eficaz de salvação e regeneração. E quem nos pode impedir de orar em todo o tempo e lugar? Basta querer.

Ensinar com o exemplo, com a palavra. Como Jesus, que começou primeiro a agir e depois a ensinar. Assim vós: primeiro fazer que dizer; obrar que ensinar; praticar que pregar; obras e palavras, e assim a palavra é eficaz»<sup>33</sup>.

Embora a proposta, em certo sentido, se refira a meios concretos, estão contudo considerados na sua dimensão mais profunda. A Santa fala à Companhia de «três armas que ninguém nos pode arrebatá-las se não quisermos». Trata-se de algo nuclear, não sujeito às mudanças de tempo, de lugar ou de circunstâncias, algo de essencial.

E por fim, com o seu génio magnânimo e confiante, a Santa incentiva cada irmã à audácia evangélica e à confiança ilimitada em Deus, uma confiança activa, que cresce na medida em que se reconhece a graça e se lhe corresponde com maior liberdade:

«Porque temes seguir Cristo, difundindo o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo? Se Deus está connosco, quem contra nós? [...] Quem nos separará do nosso Esposo Jesus Cristo<sup>34</sup>?

«Minhas filhas, todas haveis de trabalhar com todo o afínco e constantemente por serdes almas reais, almas corajosas e esforçadas, que defendem sempre, como nobres cavaleiros, a maior honra do seu Rei e Esposo Cristo Jesus, com as

---

<sup>32</sup> Estas perguntas não fazem parte da meditação do *Chamamento do Rei eterno* nos E.E. de Santo Inácio, mas de um colóquio da primeira semana: «Imaginando a Cristo, nosso Senhor, diante de mim, e posto na cruz, fazer um colóquio, [ponderando] como de Criador veio a fazer-se homem, e como da vida eterna à morte temporal, e, assim, a morrer por meus pecados. Olhando também para mim mesmo, [considerar] o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo, o que devo fazer por Cristo. E por fim, vendo-o tal [como está] e pendente assim na cruz, discorrer pelo que se me oferecer» (Cf. IGNACIO DE LOYOLA, *op. cit.* 211).

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> Todo o apelo à confiança está praticamente entretecido com textos do capítulo 8 da carta aos Romanos, embora contenha outras citações bíblicas.

armas da oração, ensino e sacrifício e jurem VENCER ou MORRER neste diviníssimo e nobilíssimo empreendimento»<sup>35</sup>.

Paradoxalmente, a *morte* e a *vitória* unem-se naquele que é *Chefe, Capitão* ou *Guia* desta batalha. Pois Jesus, oferecendo-se voluntariamente para a morte, alcançou a vitória sobre a morte e a salvação para todos os homens. Este é o mistério pascal que Teresa canta num conhecido poema de *profissão*:

«Como capitão forte,  
quis o nosso Deus morrer.  
Oh que venturosa sorte  
se lhe seguiu desta guerra!

Com grande contentamento,  
se oferece para morrer na cruz,  
para nos dar luz a todos  
com o seu grande sofrimento.  
Oh glorioso vencimento!  
Oh que guerra ditosa!»

Mistério de morte e vitória ao qual todos somos chamados:

«Começemos a segui-lo,  
pois que lhe demos a morte»<sup>36</sup>.

O resto do poema foi adoptado pela Companhia desde o princípio como *Hino próprio* ou «*Cântico marcial*» de extraordinária aceitação por parte das irmãs durante mais de cem anos. Nele estão bem combinados os elementos emblemáticos da metáfora militar da Companhia:

«*Todas as que militamos  
Debaixo destas bandeiras  
Do rei Jesus e Teresa,  
Pelejemos, não durmamos,  
Pois não há paz na terra.*

Ofereçamo-nos deveras  
A morrer por Cristo todas.  
E nas celestiais bodas,  
Sede em amar as primeiras.

---

<sup>35</sup> EE, em EEO II, 651-652.

<sup>36</sup> *Poesias* Nº 22, em *op. cit.*, 551.

Sigamos estas bandeiras,  
 Pois Cristo leva a dianteira.  
*Nada há a temer, não durmais,*  
*Pois não há paz na terra.*  
 Não haja nenhuma cobarde,  
 Vendamos cara a vida,  
 Pois não há quem melhor a guarde  
 Que quem a dá por perdida,  
 Pois Jesus é o nosso guia  
 E o prémio desta guerra.  
*Não durmais, não temais,*  
*Cristo reinará na terra.*

A morrer, a morrer por Cristo,  
 A orar, a trabalhar por Cristo.  
 A lutar, a reinar, a lutar, a reinar por Cristo  
 A morrer, a orar, a lutar, a reinar com Cristo  
 Todas, todas, todas, todas, todas.  
 E nas celestiais bodas,  
 Sede em amar as primeiras,  
 Sigamos estas bandeiras,  
 Pois Cristo leva a dianteira!

Nada há a temer, não durmais,  
 Não durmais, pois não há paz na terra.  
 Nada há a temer, não durmais,  
 Não durmais, pois não há paz na terra,  
 Pois não há paz na terra,  
 Pois não há paz na terra!»<sup>37</sup>.

Durante mais de cem anos, este Hino exprimiu a *disponibilidade na acção* do corpo apostólico enquanto tal, pois expressa a consciência comum de terem sido *«todas convocadas* «debaixo destas bandeiras [de Jesus e Teresa]». O compromisso comunitário: *«Ofereçamo-nos deveras!»* que se baseia, não nas próprias forças, mas na confiança ilimitada em Deus: *«Nada há a temer, pois Cristo leva a dianteira»*.

O que confere força dinâmica ao hino é a construção gramatical na primeira pessoa do plural. Não são Jesus nem Teresa que falam. Somos *«nós»*, as irmãs *«todas, todas, todas, todas»*. Enquanto corpo apostólico, animamo-nos

---

<sup>37</sup> J. PORTAS, *«Canto Marcial da Companhia de Santa Teresa de Jesus»* (anterior a 1895), em AGSTJ, Cantos Religiosos I, N° 107.

mutuamente, comprometemo-nos *comunitariamente*, e transmitimos *umas às outras* a urgência do Reino, «*pois não há paz na terra*».







II Parte

**APÓSTOLAS**

*«Quanto a nós, dedicar-nos-emos  
à oração  
e ao ministério da  
Palavra »  
(Act 6,4)*

*«À Companhia de Santa Teresa de Jesus,  
disse Jesus, como à Santa:  
Zelarás a minha honra  
como minha verdadeira esposa.  
A minha honra é a tua honra,  
e a tua, minha».  
(SC, EEO II, 14)*



## INTRODUÇÃO

Além da chave combativa e militante, particularmente vinculada a um determinado momento histórico socio-eclesial, à qual dedicámos a Primeira Parte desta reflexão, há uma segunda chave hermenêutica, de raízes mais evangélicas, que percorre toda a história da vida religiosa, sempre entendida como *vida apostólica*.

Dada a variedade de interpretações que têm sido feitas da *vida apostólica* ao longo dos séculos, interessa-nos saber qual é o significado específico que tem para a Companhia este ideal evangélico que Henrique de Ossó pôs em prática e que é carismaticamente visível na Inspiração, no projecto e na história da Companhia.

O que pretendemos, nesta Segunda Parte, é apontar a razão de ser das notas características do *ser apóstolo*, tal como as entendeu e praticou Henrique de Ossó e tal como as entregou à Companhia nos escritos de inspiração inicial, nas Constituições escritas pelo Fundador e na vida da primeira geração de irmãs.

Em quatro breves capítulos, aprofundaremos o significado da *vida apostólica*, tanto na experiência vocacional de Henrique de Ossó, como na própria Companhia. Uma rápida vista de olhos pelas formas históricas da Vida Religiosa – sempre interpretadas como *regresso aos apóstolos*, embora sublinhando aspectos evangélicos distintos –, permitir-nos-á reconhecer quais são os elementos constitutivos da *vida apostólica na Companhia*, tal como a pratica e a interpreta o seu Fundador.

Iniciamos também, nesta segunda parte, uma leitura carismática da Escritura, contemplando, com os olhos e com o coração de Henrique de Ossó, o mistério de Cristo e o seu evangelho, com o qual ele próprio se foi configurando nas circunstâncias concretas em que viveu. Bem como uma abordagem *espiritual* da *mediação teresiana*, procurando descobrir que papel desempenha Teresa de Jesus – a sua experiência espiritual e apostólica e a sua doutrina – na interpretação carismática da vocação e da missão da Companhia, enquanto corpo apostólico na Igreja, e de cada irmã, enquanto membro desta comunidade apostólica.



## Capítulo VII

### A COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS, COMUNIDADE DE DISCÍPULAS-APÓSTOLAS

#### 1. A *vida apostólica*, ideal da vida cristã de todos os tempos

Para os primeiros cristãos, *os Apóstolos* eram os autênticos modelos de vida cristã, porque tinham seguido Jesus muito de perto. O próprio S. Paulo dissera: «Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo» (1 Cor 11,1). Viver e agir como os Apóstolos será, pois, o ideal cristão ao longo dos vinte séculos da Igreja. No entanto, o significado de *Apóstolo*, ou do adjectivo *apostólico*, sofreu inúmeras alterações ao longo dos séculos<sup>1</sup>.

Durante os primeiros séculos, até ao IV, este termo designava tudo o que dizia respeito aos Apóstolos: escritos, doutrinas, tradições, sucessão e sucessores. Em princípio, empregava-se unicamente em referência directa aos Apóstolos.

#### Idade Média. A Vida Monástica

Aparece um novo sentido, e começa-se a falar de *vida apostólica* para designar um modo de vida conforme ao que os apóstolos estabeleceram na primitiva Igreja. E vão ser os monges que, com uma certa exclusividade, se reservam esta denominação. Julgam que são eles que levam uma vida verdadeiramente apostólica por viverem em comum e professarem pobreza, castidade e obediência. É muito abundante a literatura medieval<sup>2</sup> que identifica a vida monástica com a comunidade de Jesus e dos Doze.

Por seu lado, Santo Agostinho afirma na 2ª regra: «Nós pretendemos viver uma vida apostólica». E segundo S. Bernardo, S. Pedro fez profissão

---

<sup>1</sup> Para este resumo histórico seguimos, embora não exclusivamente, o livro de S. M<sup>o</sup> ALONSO, *Para Dios y para los Hombres*, Publicaciones Claretianas, Madrid 1987, 11-36.

<sup>2</sup> É muito precoce a identificação de monacado e vida apostólica. Já EUSÉBIO DE CESAREIA (s. IV) na sua *História eclesiástica*, faz uma leitura anacrónica do Livro *dos Actos*, atribuindo à comunidade primitiva algumas características próprias dos movimentos ascéticos e monásticos do seu tempo. Também S. JERÓNIMO relaciona a vida dos monges do seu tempo com a comunidade de Jerusalém. E CASSIANO (s. V), faz uma interpretação pessoal do capítulo 15 dos *Actos* e situa em Jerusalém a origem da vida monástica. Segundo ele, o monacado propriamente dito surge na segunda geração cristã, depois da morte dos apóstolos, quando a vida cristã começou a ser tibia. (Cf. HVR I, 58-74).

religiosa em nome dos Doze quando disse a Jesus: «*Olha que deixámos tudo e te seguimos*» (Mt 24,27).

Em coerência com o que Cassiano ensinava, a comunidade primitiva de Jerusalém é identificada com um mosteiro, pois põe em prática exactamente o que os *Actos* indicam ser a vida cristã ideal:

«Tudo o que se descobre nas Regras dos Padres, tudo o que se pratica nos costumes dos mosteiros, todo esse conjunto de práticas, está patente, mais claro que a luz do sol, nos Actos dos Apóstolos»<sup>3</sup>.

### Século XI. Os Cónegos regrantés<sup>4</sup>

No âmbito do movimento da Reforma Gregoriana, surge uma nova forma de vida apostólica com características e finalidades até então desconhecidas na Igreja – os Cónegos Regrantés – que concretizam um modelo de identificação ao clero secular. Esta nova forma de vida religiosa caracteriza-se pela vida comum, sujeita a uma Regra, e pela acção pastoral directa, «a cura de almas», vinculada à catedral ou a uma paróquia rural, tarefa que estava praticamente abandonada pelo clero secular, muito relaxado.

Temos, pois, duas interpretações da *vida apostólica*: a dos Monges e a dos Cónegos Regrantés que já no século XII deu ocasião a uma controvérsia:

- De um lado, temos a conhecida interpretação da *vida apostólica* dos monges, que nesta altura adopta uma atitude polémica e defensiva. Há numerosos testemunhos:

– 1121: *De vita vere apostolica*, um livro de autor desconhecido no qual se afirma que a vida apostólica consiste essencialmente na *vida comunitária* entendida a exemplo da primitiva comunidade de Jerusalém, tal como a descrevem os Actos dos Apóstolos nos dois conhecidos resumos (2,42-47 e 4,32-35). Segundo este autor, os verdadeiros imitadores dos Apóstolos são os monges. A vida monástica seria a versão autêntica da vida apostólica. Os grandes fundadores do monacado seriam, na realidade, continuadores de um género de vida fundado pelos Apóstolos<sup>5</sup>.

– Outro polemista desconhecido, defensor dos monges, opondo-se aos Cónegos:

«A nossa Ordem, que foi a primitiva na Igreja, mais ainda, com que começou a Igreja [...] cujos Fundadores foram os Apóstolos»<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> HVR I, 73.

<sup>4</sup> Cf. HVR II, 20-40 e 62-65.

<sup>5</sup> Cf. S. M<sup>a</sup> ALONSO, *op. cit.*, 24-25.

<sup>6</sup> HVR I, 73.



Os elementos essenciais da *vida apostólica*, segundo esta interpretação histórica, aos quais se dá continuidade na vida monástica, são: a comunidade fraterna, a leitura, meditação e escuta assídua da Palavra de Deus, o louvor divino, a vida comum na pobreza e no trabalho.

- Do outro lado, temos a nova interpretação dos Cónegos Regrantes:

– O Papa Urbano II associa as origens da vida canonical com a *vida apostólica* descrita pelos *Actos*. Segundo esta interpretação, é a *pregação itinerante* ou anúncio directo do Evangelho por meio da Palavra, o elemento mais essencial e constitutivo da *vida apostólica*, na sequência dos Apóstolos. Por outro lado, *a vida em comum e a comum posse dos bens*, são apenas condições para o exercício do ministério apostólico.

– Defesa do ministério de um Cónego Regrante de Arnon de Reichisberg:

«Estas são as minhas ocupações quotidianas e as dos meus: o jejum, a abstinência, a oração, mas também a preocupação com as numerosas igrejas. Os meus familiares deslocam-se para pregar a Palavra de Deus, visitam os doentes, sepultam os mortos, catequizam, baptizam. Não creio que o meu ministério seja menos agradável a Deus que o recolhimento monástico ou que o trabalho agrícola dos monges»<sup>7</sup>.

A actividade apostólica ou apostolado passa a ser, pela primeira vez, com os Cónegos Regrantes, um elemento integrante da vida religiosa e graças a esta novidade institucional do apostolado, eles chegarão a afirmar que a sua forma de vida é mais conforme com a dos *Apóstolos* que imitam, não só quanto à *vida comum* e à *pobreza*, mas também quanto ao *ministério apostólico*.

Na base desta polémica estava em jogo a essência da chamada *vida apostólica*. A disputa contribuiu, todavia, para enriquecer a identidade de uma e de outra forma de vida religiosa e a precisá-las, não só no aspecto jurídico, mas também no teológico-espiritual.

### Século XIII. As Ordens Mendicantes

A solução da polémica entre Monges e Cónegos regrantes, ficou a dever-se a Domingos de Gusmão<sup>8</sup> (1170-1221) pela via da síntese harmónica e vital própria da Ordem dos Pregadores:

---

<sup>7</sup> HVR II, 57.

<sup>8</sup> Não é esta a ocasião de falar de todas as ordens mendicantes: Franciscanos, Agostinhos, Carmelitas. Destacamos a Ordem dos Pregadores por ser a que exprime a síntese com maior clareza. Não foi em vão que S. Domingos fora cónego regrante. Na realidade, a proposta de Domingos de Gusmão radicaliza e torna efectivo o ideal canonical: simbiose de estudo-con-

«Os irmãos imitam os Apóstolos na totalidade da sua vida. Apóstolos em casa como no cenáculo, com uma vida comum fraterna, com a oração litúrgica, o estudo, o descanso. E depois imitam-nos no caminho, com a sua palavra e o seu abandono diário à Providência»<sup>9</sup>.

S. Domingos de Gusmão, nas suas viagens pela Europa – ao entrar em contacto com a heresia dos cátaros e valdenses – descobre as fontes do Evangelho e o novo ideal de *vida apostólica*, e dá conta da necessidade de o pregador ser coerente com o que prega:

«Nesta situação, para a qual não se via nenhuma saída, o bispo deu-lhes um conselho salutar. Admoestou-os e aconselhou-os a trabalhar com mais ardor que nunca na pregação, abandonando todas as demais preocupações. Para tapar a boca aos hereges, era preciso ensinar a doutrina pondo-a em prática na vida, segundo o exemplo do Bom Mestre, mostrando-se humildes, andando a pé sem ouro nem prata, imitando em tudo a forma de viver dos Apóstolos»<sup>10</sup>.

Surge, nesta época, uma terceira acepção do adjetivo *apostólico*, que se utiliza para designar tudo quanto se relaciona com o Papa, «o apóstolo», nos documentos medievais. Serão *varões apostólicos* aqueles que recebem do Papa a sua missão, como Domingos e os seus companheiros, ou Francisco e os irmãos menores, que tinham de receber o diaconado para pregarem a Palavra<sup>11</sup>.

### Século XVI. A Companhia de Jesus

A partir deste século, o adjetivo *apostólico* fica predominantemente vinculado à actividade evangelizadora da Igreja, especialmente ao ministério ordenado. A Companhia de Jesus surge com um estilo *apostólico* novo. Ao ver Inácio e os seus companheiros, o povo romano começou a chamar-lhes *presbíteros reformados e apostólicos* porque, depois dos estudos universitários, ensinavam o catecismo, pregavam nas igrejas e nas praças e levavam uma vida tão pobre que contrastava com a do clero romano.

---

templação-apostolado, que foi a grande originalidade de Santo Agostinho, acrescentando-lhe os elementos de itinerância e mendicidade.

<sup>9</sup> M. H. VICAIRES, *L'Imitation des Apôtres*, Paris 1963, 80. Citado por S. M<sup>re</sup> ALONSO, op. cit., 25.

<sup>10</sup> VAUX CERNAL, P. de, *Historia Albigensis*, Paris, 1926, 21; citado por J. ÁLVAREZ GÓMEZ, HVR II, 340.

<sup>11</sup> Em 1218, os dois santos fundadores encontraram-se. «O abraço de Francisco de Assis a Domingos de Gusmão foi todo simbólico. Nele se fundiam duas maneiras diferentes, mas complementares, de entender a vida apostólica. A de Francisco, centrada na pobreza radical mais absoluta com uma certa despreocupação pela ciência e pela cultura; e a de Domingos de Gusmão, que punha maior ênfase na necessidade de uma boa preparação cultural». J. ÁLVAREZ GÓMEZ, HVR II, 343.

São, por definição, os *varões apostólicos*, no sentido propriamente dito do termo, pois a sua incondicional dedicação ao apostolado levou-os a porem-se à disposição do Papa – mediante o quarto voto – para que os enviasse para onde a sua missão fosse mais necessária.

A Companhia de Jesus dá, pois, início a um novo modelo de Vida Religiosa Apostólica, distinta da dos Mendicantes e dos Cónegos Regrantes que prosseguirá – até certo ponto – nos modernos institutos religiosos masculinos de vida activa dos séculos XVII e XVIII e que é seguida pelo despertar da vida religiosa apostólica feminina<sup>12</sup> dos séculos XIX e XX.

### Século XVII. Os Irmãos das Escolas Cristãs

O Fundador, S. João Baptista de La Salle (1651-1719) tem clara consciência de que o seu ministério de educadores é uma continuação da própria missão dos Apóstolos: «*Quem instrui a juventude são os cooperadores de Jesus Cristo na salvação das almas*». «*O que Jesus Cristo disse aos seus santos Apóstolos, di-lo também a vós*». «*Vós sucedestes aos Apóstolos na incumbência de catequizar e instruir os pobres*». «*Agradecei a Deus a graça que vos concedeu de participardes, com o vosso ofício, no ministério dos santos Apóstolos e dos principais bispos e pastores da Igreja*»<sup>13</sup>. Têm uma forte consciência de pertencerem a uma ordem religiosa laical e não clerical.

### Século XIX. Institutos Religiosos de Vida Apostólica Activa

Desde a Revolução francesa, especialmente em França, generalizam-se os institutos religiosos masculinos e femininos de vida apostólica activa, de votos simples, que conservam o seu carácter de associações laicais com uma maior mobilidade apostólica – sobretudo no caso dos homens –, tal como o exigiam as circunstâncias do tempo e do lugar<sup>14</sup>.

O Apóstolo do século XIX espanhol, Santo António Maria Claret, entendeu este adjectivo em relação a Jesus Apóstolo e, de maneira especial, aos Doze. Em 1841, apenas com 32 anos de idade, recebeu de Roma o título de *Missionário Apostólico* e entendeu que era essa a sua definição própria:

<sup>12</sup> Na realidade, as Segundas Ordens Femininas do século XIII (Clarissas, Dominicanas, Agostinhas...) tinham já assimilado o espírito apostólico das ordens mendicantes masculinas, mas, por serem mulheres, não podiam dedicar-se à acção: estrita clausura papal, retiradas do mundo. Pensemos no caso da reforma teresiana que nasce com um claro carácter apostólico. – Depois (ss. XVII e XVIII), as tentativas de acção apostólica por parte das religiosas, foram vãs ou muito localizadas até quase finais do século XIX e princípios do século XX, e com muitas restrições canónicas. Sobre a vida religiosa apostólica feminina, ler o artigo de J. De CHARRY, R.S.C.J., «*Primi tentativi di evoluzione della vita religiosa femminile*», na revista *Vit. Cons.* 1985, 497-508.

<sup>13</sup> Citado por J. ÁLVAREZ GÓMEZ, em HVR III, 426-427.

<sup>14</sup> Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *op. cit.*, 387-394.

*Missionário segundo o estilo dos Apóstolos*, no seguimento de Cristo, ungido pelo Espírito para evangelizar os pobres, itinerante, que partilha a vida e a missão com os seus discípulos<sup>15</sup>.

### Século XX. A Vida Religiosa do Pós-concílio

O Concílio Vaticano II representa um contributo decisivo para a compreensão teológica da *Vida Religiosa Activa*, apesar de evitar conscientemente o adjectivo *apostólica*. O decreto *Perfectae Caritatis* reconhece a novidade desta modalidade apostólica de vida religiosa, na qual a glória de Deus, a santificação pessoal e a do próximo, não são finalidades distintas<sup>16</sup>, mas uma só:

«Em tais institutos, pertence à própria natureza da vida religiosa, a acção apostólica e de beneficência [...]. Por isso, toda a vida religiosa dos seus membros seja imbuída de espírito apostólico, e toda a sua acção apostólica seja informada pelo espírito religioso»<sup>17</sup>.

A consagração religiosa nos institutos de vida apostólica constitui um único ideal de vida, uma realidade unitária, unificada e unificadora, que só pode realizar-se na pessoa de Cristo, descoberta e contemplada igualmente na oração e na vida. Tem como referência significativa o caso do Apóstolo Paulo, que Deus consagrou para Si, à luz do Cristo pascal, e directamente para a sua missão. S. Paulo viveu a sua consagração a Deus no serviço evangelizador; permaneceu celibatário e pobre, integrando, na sua doação de apóstolo, a castidade e a pobreza, vividas como exigências intrínsecas da sua disponibilidade para com Deus, para o serviço apostólico<sup>18</sup>.

Indicamos alguns documentos pós-conciliares que destacam umas ou outras dimensões concretas da *vida apostólica*:

***Elementos Essenciais da Vida Religiosa***: Realçam a importância da própria vida:

«Estes institutos são genuinamente *apostólicos*, não por exercerem um apostolado, mas por *viverem* precisamente *como os Apóstolos viveram*: seguindo Cristo no serviço e comunhão, segundo os ensinamentos do Evangelho, na Igreja que Ele fundou»<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> Cf. S. M<sup>a</sup> ALONSO, *op. cit.*, 23.

<sup>16</sup> Sobre a distinção entre finalidade principal e finalidade apostólica ou secundária, pode ler-se a Nota 44 do capítulo IV.

<sup>17</sup> PC n<sup>o</sup> 8, 1965.

<sup>18</sup> Para aprofundar a identidade da VRA, pode ler-se o livro de J. AUBRY, *Identità della vita religiosa apostólica*, Centro Studi USMI, Roma 1982. Em espanhol, S. M<sup>a</sup> ALONSO, *Para Dios y para los hombres, los religiosos en el mundo*, Publicaciones Claretianas, Madrid 1987.

<sup>19</sup> EE n<sup>o</sup> 26, elaborado pela Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares em 1983.

**Vita Consecrata:** «A Vida religiosa apostólica»

- Destaca a finalidade do serviço apostólico activo e enumera as grandes famílias apostólicas:

«No Ocidente, floresceram, ao longo dos séculos, muitas outras expressões de vida religiosa, nas quais inúmeras pessoas, renunciando ao mundo, se consagraram a Deus, através da profissão pública dos conselhos evangélicos segundo um carisma específico e numa forma estável de vida comum, para *um serviço apostólico pluriforme ao Povo de Deus*. Temos, assim, as diversas famílias de Cónegos regrantes, as Ordens mendicantes, os Clérigos regulares e as Congregações religiosas masculinas e femininas, em geral, *dedicadas à actividade apostólica e missionária e às múltiplas obras que a caridade cristã suscitou*»<sup>20</sup>.

- Realça o papel dos fundadores e dos seus discípulos no nascimento de uma determinada família religiosa que encarna o Evangelho e a vida de Jesus em cada momento histórico, como resposta aos sinais dos tempos:

«É um testemunho esplêndido e variegado, onde se reflecte a multiplicidade dos dons dispensados por Deus aos fundadores e fundadoras que, abertos à acção do Espírito Santo, souberam interpretar os sinais dos tempos e responder, de forma esclarecida, às exigências que sucessivamente iam aparecendo. Seguindo os seus passos, muitas outras pessoas procuraram, com a palavra e a acção, encarnar o Evangelho na própria existência, para apresentar aos seus contemporâneos a presença viva de Jesus, o Consagrado por excelência e o Apóstolo do Pai»<sup>21</sup>.

- Termina referindo-se ao famoso N° 8 de PC onde é realçada a integração de VR e vida apostólica:

«É em Cristo Senhor que se devem continuar a rever os religiosos e religiosas de cada época, alimentando na oração uma profunda comunhão de sentimentos com Ele (Fl 2,5-11), para que toda a sua vida seja permeada de espírito apostólico, e toda a acção apostólica seja repassada de contemplação»<sup>22</sup>.

Como conclusão desta investigação histórica acerca do significado de «Apóstolo» e de «apostólico» e da sua relação com a vida religiosa, podemos afirmar que *vida apostólica* significará sempre um estilo de vida inspirado no exemplo dos Apóstolos, caracterizado pela virgindade, pela pobreza e pela obediência na pertença a uma comunidade, e pela pregação evangélica. Este será

---

<sup>20</sup> *Vita Consecrata* n° 9, exortação apostólica de João Paulo II, 1996.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Ibid.

sempre o princípio inspirador e o critério de renovação quando se afastarem do ideal primitivo. Prova-o a História da Vida Religiosa. «Todos os fundadores ou reformadores coincidem num desejo comum: recuperar e viver plenamente algum elemento desconhecido ou desatendido da *forma de vida dos Apóstolos*»<sup>23</sup>.

## 2. A Companhia de Santa Teresa de Jesus, comunidade de apóstolas

Depois de termos percorrido a história da VR em chave *apostólica*, vamos debruçar-nos sobre os escritos de Henrique de Ossó para descobrir que significado tem *ser apóstolo* para o Fundador e para a própria Companhia.

Interessa-nos saber, além disso, como se organizou a primeira comunidade teresiana como *comunidade apostólica* e quais os seus aspectos mais característicos.

### 2.1. O Fundador Henrique de Ossó, Apóstolo de Jesus

Como a Companhia de Santa Teresa de Jesus prolonga e desenvolve no tempo o carisma recebido do seu Fundador, não podemos prescindir da vocação de Henrique de Ossó, mas temos de partir da sua própria identidade pessoal e da consciência da sua missão para interpretar correctamente a da Companhia. Recordemos alguns momentos especialmente significativos da vida de Henrique de Ossó que fazem luz sobre a sua missão de Apóstolo.

O primeiro momento foi o seu encontro pessoal com Jesus, em Montserrat, experiência fundante da sua vocação e missão, que ele próprio recorda, muitos anos depois, como uma decisão definitiva, em resposta ao chamamento de Deus a segui-Lo no sacerdócio:

«Disse: serei sempre de Jesus, seu ministro, seu apóstolo, seu missionário de paz e amor»<sup>24</sup>.

Num artigo de 1878 evocava aquele momento em termos semelhantes:

«Retirei-me para a solidão para me consagrar a Deus e vir a ser, com o tempo, missionário apostólico»<sup>25</sup>.

Consagração total a Deus no seguimento de Jesus e missão apostólica, missionária, estão indissolúvelmente unidas, desde este momento, na experiência e na consciência de Henrique de Ossó. Tanto nos anos de preparação para o sacerdócio como nos 28 anos de ministério sacerdotal,

---

<sup>23</sup> ALONSO S., *op. cit.*, 24.

<sup>24</sup> Prólogo *Tres Florecillas a la Virgen de Montserrat*, 1892, em EEO III, 194.

<sup>25</sup> RT 1877-78, em EEO III, 841.

Henrique de Ossó viverá com a paixão do discípulo e apóstolo de Jesus Cristo, enamorado d'Ele e pregador incansável do evangelho que é a própria pessoa de Jesus:

«Suplico-Te, Jesus, que me dês, como a Paulo, a mim, o mínimo dos teus ministros, [a graça] de evangelizar a todo o mundo as insondáveis riquezas de amor que Tu conténs»<sup>26</sup>.

Com 55 anos e em vésperas da sua morte repentina, escreve em Sancti Spíritu estas palavras veementes:

«Que não me vá deste mundo, Jesus meu, sem te ter amado e feito conhecer e amar tanto quanto me for possível»<sup>27</sup>.

É bem significativa aquela oração do jovem Henrique de Ossó, prestes a receber o subdiaconado (Maio de 1866), na qual, dirigindo-se ao Espírito Santo na véspera de Pentecostes, lhe pede *o espírito dos apóstolos*. Não só se sente chamado a ser *missionário apostólico*, mas converte em oração muito pessoal a *essência do ser apóstolo*:

«Ó Espírito de Deus! No teu dia, uma graça Te peço. Já que, dentro de pouco tempo, me vou consagrar a Deus para ser, de um modo especial, seu Templo e seu Ministro eternamente, enche o meu coração dos teus sagrados dons, para que infundam em mim um espírito de oração e de zelo como o dos Apóstolos»<sup>28</sup>.

É uma oração ao Espírito Santo, que revela a consciência da sua própria vocação a partir da sua compreensão íntima da maneira de ser dos Apóstolos. *Espírito de oração e zelo* são, para Henrique de Ossó, os dois aspectos constitutivos da identidade do Apóstolo. Convencido da sua vocação para a vida apostólica, pede ao Espírito Santo que o faça apóstolo. «Dá-me o que pedes, e pede-me o que quiseres», repetia muitas vezes ao Senhor como Santo Agostinho.

## 2.2. A Arquiconfraria, movimento apostólico teresiano

No capítulo introdutório vimos como Henrique de Ossó, atento aos sinais dos tempos e às realidades necessitadas de salvação, foi dando respostas progressivas e complementares. A Associação das Filhas de Maria Imaculada e

---

<sup>26</sup> CH 1875, em EEO I, 486.

<sup>27</sup> RT Janeiro 1896, 100.

<sup>28</sup> Citado por Altés em *Apuntes Biográficos V*, RT 1895-96, 271.

de Teresa de Jesus, foi uma delas, e nasceu com uma finalidade claramente apostólica, como consequência da consagração baptismal dos seus membros:

«A finalidade que nos propusemos ao fundar a Arquiconfraria das Jovens Católicas é que, sendo estas enxertadas em Cristo como o ramo na videira, [...] Jesus influa nos seus corações; que vivam em Cristo, estejam intimamente unidas a Ele na caridade, O conheçam e O amem e O tornem conhecido e amado»<sup>29</sup>.

Teresa de Jesus, além de ensinar estas jovens a viverem consciente e coerentemente a sua qualidade de cristãs, contagiá-lhes-á o seu espírito de zelo pelos interesses de Jesus, de maneira que elas possam ser verdadeiras apóstolas:

«A missão mais elevada de uma mulher é a de ajudar aqueles que trabalham na conversão e santificação das almas. Este era o objectivo de todas as orações, trabalhos e boas obras de Santa Teresa de Jesus. Todas as suas ânsias eram que houvesse na Igreja bons letrados, santos e sábios sacerdotes [...]. As Filhas de Santa Teresa de Jesus no mundo devem continuar hoje a sua obra. Por isso, deve ser muito contínua a sua oração por aqueles que lhes dão luz. Além disso, como o Apóstolo nega às mulheres a faculdade de serem pregadoras de palavras (1 Cor 14,34), a Santa quer que as suas filhas sejam pregadoras pelas obras<sup>30</sup>, que é o género mais eficaz de pregação. Portanto, as Jovens católicas devem ser *apóstolas de fé*, pregando em casa e em toda a parte, na rua e na igreja, com a sua humildade, obediência e modéstia<sup>31</sup>.

No Regulamento da Arquiconfraria Teresiana está perfeitamente descrita a finalidade apostólica do movimento – a mesma do Carmelo Teresiano – bem como os meios utilizados, próprios de cristãs comprometidas com a sua fé:

«A trabalhar, pois, por promover os interesses de Jesus de Teresa por meio da oração, do zelo pela salvação das almas, da divulgação dos escritos da inspirada Doutora e do bom exemplo, procurando cumprir com exactidão as promessas do santo Baptismo [...]. Poderá haver finalidade mais sublime? Poderia pretender alguma obra mais nobre o mais corajoso peito [feminino]?»<sup>32</sup>.

### 2.3. A Companhia de Santa Teresa de Jesus, Corpo Apostólico

As jovens da Arquiconfraria eram certamente chamadas a pregar Jesus, embora para elas o anúncio apostólico se concretizasse e *limitasse* à sua maneira de ser e de viver:

---

<sup>29</sup> VJ, em EEO I, 483.

<sup>30</sup> Santa Teresa alude à «proibição paulina» de 1 Cor 14,34; C 15,6.

<sup>31</sup> RHM, em EEO I, 210.

<sup>32</sup> RHM, em EEO I, 211.



«Deveis ser pregadoras pelas obras, já que o Apóstolo e a vossa incapacidade vos impedem de o serdes pelas palavras»<sup>33</sup>.

O grupo eleito para a Companhia, sem deixar de pregar com o exemplo, «que é o género de pregação mais eficaz», é chamado a pregar também pela palavra:

«Pois segundo o seu nome indica, [a Companhia] destina-se a zelar pelos interesses de Jesus na maior escala que for possível à mulher do século XIX, por meio do apostolado do ensino»<sup>34</sup>.

Falámos já do *salto qualitativo* da Companhia quanto à sua atitude apostólica. Perante as «limitações da mulher», das quais a Santa teve clara consciência, e que continuaram a condicionar o apostolado da Arquiconfraria, a Companhia – libertando-se da *proibição paulina*<sup>35</sup> que manteve as mulheres *em silêncio* na Igreja durante séculos – *atreve-se* a basear a sua consciência de corpo apostólico num dos textos do Novo Testamento que desde sempre definiu, com toda a clareza, a natureza e a missão do colégio apostólico.

Trata-se do texto dos Actos dos Apóstolos no qual se relata como os Apóstolos designam sete diáconos para atenderem às novas necessidades da comunidade, ao passo que «*nós – dizem os Apóstolos – dedicar-nos-emos à oração e ao ministério da Palavra*»<sup>36</sup>. Mais não fazem do que reformular, depois do Pentecostes, a essência da vocação apostólica, tal como Marcos a refere no relato da Instituição dos Doze:

«*Jesus subiu a um monte, chamou os que Ele queria e foram ter com Ele. Estabeleceu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar*»<sup>37</sup>.

Se nunca se teve nas mãos nenhum exemplar das primeiras Constituições publicadas (1882), não é fácil avaliar a importância deste texto para a Companhia. Apareceu, escrito em latim, na primeira página do livro, precisamente a seguir ao título: *Sumário das Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus*.

**«*Nós dedicar-nos-emos*  
– *à oração e*  
– *ao ministério da Palavra*» (Act 6,4)**

<sup>33</sup> RHM, em EEO I, 208.

<sup>34</sup> A citação é uma combinação das três alusões já comentadas (Cfr. RT Nº 47 de Agosto 1876), em EEO III, 794. 795. 798.

<sup>35</sup> 1 Cor 14,34 e 1 Tm 2,11-12.

<sup>36</sup> Act 6,4.

<sup>37</sup> Mc 3,13.

O texto fala por si e mostra como a Companhia recebeu carismaticamente a vocação-missão de Apóstola com as características com que o seu Fundador a estava a realizar pessoalmente. São os sinais de identidade da Companhia, a apresentação que a Companhia faz de si mesma em termos bíblicos.

Sem os nomear, os Apóstolos estão implicitamente presentes e substituídos como sujeito da afirmação pelo *nós* da Companhia, identificadas com eles a ponto de se definir como *corpo apostólico*, com as palavras com que Pedro e os Doze se referem ao seu *ministério específico*, recebido do Senhor e impossível de ser delegado.

Este mesmo versículo dos *Actos dos Apóstolos* volta a repetir-se no I capítulo das Constituições. Palavra de Deus que ecoa nos artigos e esclarece a sua interpretação. Encontrámos, além disso, um texto autógrafo de Henrique de Ossó de verdadeiro interesse para a nossa interpretação. O manuscrito encontra-se no Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e é um texto sem data, intitulado *Algumas razões para ingressar na Companhia de Santa Teresa de Jesus*, que nunca chegou a ser integralmente publicado. A razão 16ª fala precisamente da Finalidade da Companhia, comentando o texto de Act 6,4 com uma aplicação o mais directa possível ao instituto:

«É o objectivo que tiveram Jesus Cristo e os Apóstolos: orar e ensinar. *Docete euntes ergo*<sup>38</sup>. Os Apóstolos deixaram de servir nas mesas e nos assuntos temporais de caridade, para se consagrarem com toda a liberdade e em pleno a orar e ensinar. O mesmo fazem as da Companhia: deixam todas as coisas para se consagrarem exclusivamente à oração e ao ensino»<sup>39</sup>.

Esta 16ª razão, que analisaremos cuidadosamente no oitavo capítulo, constitui precisamente o conteúdo do capítulo seguinte: «As irmãs da Companhia, Apóstolas como Jesus, como os Doze [e como Teresa]». Por agora, apenas insistimos no carácter essencial deste texto, cuja escolha como determinante da identidade da Companhia no *umbral* das primeiras Constituições, não foi casual, mas pensada e querida pelo Fundador, como veremos. Não nos esqueçamos do tremendo contraste com aquele versículo de Paulo<sup>40</sup>, que justificava a *limitação* apostólica das jovens da Arquiconfraria.

---

<sup>38</sup> «*Euntes ergo docete omnes gentes*» (Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos: Mt 28,19).

<sup>39</sup> Inédita, em AGSTJ, E. Vol. 25,65.

<sup>40</sup> 1 Cor 14,34, a famosa proibição paulina a que também alude Teresa de Jesus: «Como em todas as igrejas, as mulheres estejam caladas nas assembleias, porque não lhes é permitido tomar a palavra».

## Capítulo VIII

### APÓSTOLAS COMO JESUS, COMO OS DOZE

#### 1. Apóstolas como Jesus

É interessante observar que Henrique de Ossó, quando fala de si mesmo ou quando chama *apóstolas* às irmãs da Companhia, antes de as relacionar com os Doze, fá-lo em referência a Jesus, o Apóstolo do Pai.

É natural que a Companhia de Santa Teresa de Jesus, enquanto *sequela Christi*, tenha «a mesma tarefa de Jesus: orar e ensinar», segundo a fórmula de Henrique de Ossó, comentando o texto dos *Actos*. A mesma ideia aparece numa das meditações do *Quarto de Hora de Oração* sobre «A escolha de estado», na qual se faz uma referência velada à missão da Companhia como ideal. O autor dirige-se à jovem orante como se fosse a própria Teresa de Jesus a falar:

«É esta, minha filha, a maior perfeição, pois esta foi a ocupação de Jesus Cristo [e dos Apóstolos]»<sup>1</sup>

##### 1.1. Jesus unicamente preocupado com a vontade do Pai

Nos escritos de Henrique de Ossó predomina o Jesus do quarto evangelho e de S. Paulo. É o Filho amado do Pai, Enviado ao mundo por amor, para uma missão salvadora, e unicamente preocupado em cumprir a vontade do Pai. O próprio Henrique de Ossó que se identifica com Jesus *Apóstolo, Missionário de Paz e Amor*, desde antes do seu ministério sacerdotal.

O seu primeiro livro de meditações, o *Quarto de Hora*, alude ao «comportamento de Jesus para com o seu Pai celestial, resumido naquelas palavras do mesmo Salvador: «Faço sempre o que é agradável ao meu Pai. A vontade do meu Pai é o meu alimento»<sup>2</sup>.

«Nos anos da sua vida pública, em todas as suas obras, [...] Jesus não procura senão a glória do seu Pai, o que é do seu agrado [...]. A sua vontade é o seu alimento: Que zelo pela salvação das almas!»<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> CH, em EEO I, 311.

<sup>2</sup> CH, em EEO I, 319. A mesma ideia em MCJ, em EEO III, 497.

<sup>3</sup> CH, em EEO I, 326-327.

Henrique de Ossó passou toda a sua vida nesta dinâmica de configuração com Jesus, obediente ao Pai no desempenho da sua missão salvadora, e assim idealiza também as irmãs da Companhia: Apóstolas como Jesus, dependentes e obedientes à Vontade do Pai, unicamente *preocupadas* com a Glória de Deus e a salvação dos homens:

«Em todas as coisas, procurem sempre, primeiramente, o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto o Senhor lho dará por acréscimo»<sup>4</sup>.

As meditações dos Exercícios Espirituais orientados pelo Fundador para as irmãs, insistem nestes traços de Jesus que «só pretende a glória de Deus e o bem dos homens, temporal e eterno; e que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade»<sup>5</sup>. Esse Jesus, a quem é necessário conhecer profundamente para chegar à configuração com Ele.

A obediência, distintivo da Companhia, tem que ser entendida nesta perspectiva cristológica da missão do Filho. Como cristológico é também o fundamento da *pureza de intenção*, atitude radical em Henrique de Ossó e fundamental para a Companhia:

«Imagina Jesus a dizer-te: Eu faço sempre as coisas que são do agrado do meu Pai celestial» [...]. O Coração de Jesus ocupou-se sempre das coisas que diziam respeito aos interesses da glória do seu Pai [...]. Jesus não pensava em si, mas no seu Pai; não na sua glória, mas na do Pai. O amor levava-O para fora de si. *O zelo da tua glória devorou-me*, dizia [...]. Sendo assim, nas acções que fazia, Cristo não reparava se eram grandes ou pequenas, difíceis ou fáceis, doces ou amargas, mas apenas se eram para a glorificação do seu Pai»<sup>6</sup>.

Agir com *pureza de intenção* significa actualizar, em cada momento, o verdadeiro sentido do que se faz, evitando que possa converter-se, mesmo inconscientemente, num motivo de auto-afirmação, narcisismo ou vanglória. E a chave da pureza de intenção consiste em «fazer tudo em união com Jesus, tudo por Jesus»:

«Todos os actos – até os mais triviais – feitos em união com Jesus, com as suas divinas intenções, para glorificar o Pai, para salvar o mundo»<sup>7</sup>.

As máximas «tudo por Jesus» e «só Deus basta», têm uma finalidade pedagógica. Ajudam a situar cada momento concreto da vida apostólica, comunitária ou litúrgica, no marco da vontade de Deus. Estas breves fórmulas,

<sup>4</sup> SC, em EEO II, 96.

<sup>5</sup> EE, em EEO II, 677.

<sup>6</sup> MCJ, em EEO III, 608-609.

<sup>7</sup> MCJ, em EEO III, 610.

que foram experiência de vida em Henrique e em Teresa, são remédio contra a banalização da vida, expressões condensadas com um grande poder de que despertam a vontade e o coração de quem as ouve ou repete interiormente.

Dois versículos do Evangelho – um de João e outro de Lucas – exprimem e sintetizam, segundo Henrique de Ossó, todo o evangelho enquanto Missão do Filho. Neles está contida a essência da salvação do homem e da mulher de todos os tempos e lugares, bem como o que a Missão de Jesus tem de essencial. Exprimem e contêm também a missão de Henrique de Ossó e a da Companhia. São duas palavras-chave evangélicas

### **Jo 17,3: Conhecer o Pai e o Filho, vida para o homem**

Este primeiro texto consta da oração sacerdotal de Jesus na véspera da sua Paixão. Nesta oração, o Pai e a vida dos homens – suas únicas preocupações – constituem o tema, o centro da atenção, o seu conteúdo principal. Aqueles «que lhe foram dados pelo Pai» – nós – são misteriosamente introduzidos na sua oração mais íntima e mais universal, na qual pede ao Pai a *vida eterna* para nós:

*«[Pai, chegou a hora! Manifesta a glória do teu Filho [...] E que, segundo o poder que lhe deste [...] dê a Vida eterna a todos os que lhe entregaste. Esta é a Vida eterna: que te CONHEÇAM a TI, único Deus verdadeiro, e a JESUS CRISTO a quem TU enviaste – teu Apóstolo].»*

O conhecimento, com o significado sapiencial que tem no evangelho de João, e particularmente nesta oração – *a Hora* da Missão do Filho – é uma palavra-chave na síntese espiritual de Henrique de Ossó, como o foi na de Teresa de Jesus. Trata-se de um conhecimento interno e pessoal de Deus que se identifica, enquanto vivemos neste mundo, com a experiência de fé. Mais concretamente, é o conhecimento do Pai que nos vem por meio do Filho encarnado. Conhecimento que é puro dom de Deus, porque «ninguém conhece [bem] o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar»<sup>8</sup>, e que se nos dá no Espírito Santo, o interiorizador das palavras de Jesus<sup>9</sup>, Aquele que no-las recorda e nos conduz ao pleno conhecimento do Filho<sup>10</sup>.

Nesta etapa final da História da salvação em que nos encontramos, Deus pronunciou a sua última Palavra, que é o Filho humanado, e este Filho disse-nos: «Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. Quem me vê, vê o Pai»<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Mt 11,27.

<sup>9</sup> Jo 14 e 16.

<sup>10</sup> Ef 4,17-19.

<sup>11</sup> Jo 14, 7 e 9.

Henrique de Ossó sabe por experiência que estas palavras são verdadeiras. E por isso, na sua pregação e anúncio evangélico, concentra em Jesus, objecto do conhecimento, a boa notícia de salvação e de felicidade para todos os homens e mulheres:

«Jesus é a pedra ou fundamento da vida espiritual, e o seu conhecimento é a vida eterna»<sup>12</sup>. «A tornar Jesus Cristo mais e mais conhecido e amado, que é no que consiste a vida eterna, a nossa felicidade, se destina este livrito [*Viva Jesús*]»<sup>13</sup>.

Sabe também por experiência que é o próprio Jesus que *atrai* ao seu conhecimento e amor; o Espírito de Jesus é que *opera* no íntimo do crente. Henrique de Ossó está convencido de que é apenas um instrumento e pede, como pobre:

«Quero conduzir inúmeras almas à tua presença, meu Divino Jesus, para que lhes fales ao coração [...], as enamores da tua pessoa com o teu dulcíssimo convívio, e as prendas nas redes do teu divino amor. Na sua maior parte, são corações jovens, e por conseguinte, ardentes, que não podem viver sem amar com paixão [...].

Revela-lhes, pois, Jesus, os teus encantos [...]. Mostra-lhes o teu rosto divino; que a tua voz dulcíssima ressoe no mais íntimo do seu espírito, e que a tua visão e formosura mate qualquer afecto desordenado que porventura neles surja»<sup>14</sup>.

A referência ao texto de Jo 17,3 aparece já várias vezes no seu primeiro livro, *o Guia do Catequista*, e volta a estar presente, como Palavra esclarecedora, no primeiro capítulo do *Sumário das Constituições*. É uma Palavra fundamental, a partir da qual haverá que discernir os modos e maneiras convenientes de a Companhia viver e actuar.

Provavelmente, Henrique de Ossó não terá lido muitos escritos de Santo Ireneu. Se o tivesse conhecido, teria feito seu este admirável comentário ao evangelho de S. João:

«O Verbo constituiu-se em distribuidor da graça do Pai em proveito dos homens [...], mostrando Deus aos homens, apresentando o homem a Deus. Salvaguardando a visibilidade do Pai, para que o homem tivesse sempre um conceito muito elevado de Deus e um objecto para o qual tender, mas também tornando Deus visível aos homens, realizando assim os desígnios eternos do Pai, não fosse o homem – totalmente privado de Deus – deixar de existir. Porque a glória de Deus consiste em que o homem viva, e a vida do homem consiste na visão de Deus. Com efeito, se a revelação de Deus através da Criação é causa de

<sup>12</sup> VJ, em EEO I, 483.

<sup>13</sup> MCJ, em EEO III, 457. Poderíamos multiplicar as referências, pois em todos os seus escritos (RT, CHO, VJ, MCJ, etc.) esta frase é talvez a que mais repete.

<sup>14</sup> «*Súplica a Jesucristo*»: VJ, em EEO I, 486.

vida para todos os seres que vivem na terra, muito mais o será a revelação do Pai por meio do Verbo para os que vêem Deus»<sup>15</sup>.

### **Lc 12,49: o fogo do amor de Deus, *transforma* o coração do homem**

Este segundo texto fala a Henrique de Ossó da Missão de Amor de Jesus. É um versículo do Evangelho de S. Lucas, de difícil interpretação, mas que, para Henrique de Ossó, tem um significado inequívoco. O Amor de Deus, que é a sua essência, comunicado aos homens pelo próprio Filho de Deus feito homem. A fórmula que o Fundador da Companhia repete para exprimir a *Missão de Amor* que traz Jesus ao mundo, é ligeiramente diferente do texto evangélico:

«*Eu vim lançar fogo sobre a terra [dos corações]; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!*» (Lc 12,49).

Assim como o texto de João iluminava todo o primeiro capítulo das Constituições, a *Finalidade da Companhia*, o texto de Lucas ilumina o capítulo décimo, *Zelo pelos Interesses de Jesus*, capítulo central. Provavelmente, a razão da sintonia de Henrique de Ossó com as palavras de Lucas terá que ser procurada na experiência mística da Transverberação de Teresa de Jesus, da qual o *Apóstolo teresiano* participou de certo modo. Falaremos mais adiante desta relação. Agora apenas antecipamos um dos relatos daquela experiência que explica a relação que Henrique de Ossó descobriu entre a passagem evangélica e a experiência teresiana:

«Em vindo este fogo de verdadeiro amor de Deus, que dir-se-ia vir do alto – pois por mais que eu queira e procure e me desfaça por ele, a não ser quando Sua Majestade o quer dar [...] nada sou nem posso para conseguir sequer uma centelha – parece que consome o homem velho nas suas faltas, tibiezas e miséria. E à maneira do que sucede à ave fenix – segundo tenho lido – [...] assim a alma fica depois outra»<sup>16</sup>.

A «*Súplica a Jesus Cristo*» do *Viva Jesus* que citámos atrás, termina identificando a missão de amor de Jesus – missão de fogo – com os mais profundos desejos de Henrique:

«... Vieste ao mundo, meu Bem, na forma de um gracioso Menino, para meter fogo na terra dos nossos corações, e não desejas senão que ardam no teu amor. É também esse o meu desejo, Jesus, e por isso te suplico, com todo o

<sup>15</sup> Santo IRENEU, Livro 4,20: SC 100, 644-648, publicado na *Liturgia das Horas III*, Comissão Episcopal Espanhola de Liturgia, Madrid 1984, 1342.

<sup>16</sup> V 39,23.

fervor, que me dês, como a Paulo, a mim, o mínimo dos teus ministros, [a graça] de anunciar a todo o mundo as insondáveis riquezas de amor que Tu encerras»<sup>17</sup>.

### 1.2. *Jesus sempre ocupado na pregação e na oração*

A leitura e a meditação pessoal dos Evangelhos, levaram Henrique de Ossó a descobrir Jesus unicamente *preocupado* com a glória de Deus e sempre *ocupado* «nas coisas do *seu Pai*», ou seja, na salvação dos irmãos. Em todos os livros de meditação escritos pelo Fundador da Companhia – dirigidos às jovens, às crianças, aos catequistas, às irmãs e a todos os cristãos em geral –, aparece a mesma ideia com pequenas variantes. Jesus de Nazaré passou a vida *orando* e *anunciando* o amor do Pai. Os seus 30 anos de Nazaré e os 3 de vida pública, passou-os a falar com o Pai ou a falar do Pai aos homens.

Numa meditação do *Quarto de Hora* que intitula «Imitação de Jesus Cristo», faz uma síntese da maneira de ser de Jesus, Apóstolo do Pai e nosso Mestre, a quem havemos de seguir como discípulos:

«Dos trinta e três anos [Jesus] passou trinta em solidão e silêncio [...] os três últimos empregou-os em fazer bem aos seus irmãos nos ministérios da vida apostólica; mas quanto tempo empregou na oração! [...] Conversava com os homens de tal maneira que tinha sempre Deus presente [...] Tratava com cada um dos homens, adaptando-se ao seu carácter, necessidade, utilidade, e fazendo-se tudo para todos para ganhar a todos»<sup>18</sup>.

É interessante o final desta meditação, o fruto que se espera e pede:

«Antes de falar aos homens de Deus, falarei a Deus dos homens».

No mesmo *Quarto de Hora*, apresenta Jesus a preparar-se para a vida apostólica:

«Foi para o deserto, conduzido pelo Espírito Santo, para ser tentado, jejuar e preparar-se [pela oração] para a vida pública ou apostólica»<sup>19</sup>.

E no *Mês na Escola do Coração de Jesus*, completa o quadro:

«Vê como Ele foge para a solidão, para conversar com o Pai, pedir-lhe pelos homens, contemplar sossegadamente a sua Bondade e divinas perfeições! Como se prepara, com oração e penitência, para a vida pública!»<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> «*Súplica a Jesucristo*»: VJ, em EEO I, 486.

<sup>18</sup> CH, em EEO I, 325-326.

<sup>19</sup> EEO I, 314.

<sup>20</sup> EEO III, 504.



A consequência para o orante é imediata:

«Este é o exemplo que deves imitar, minha filha. Antes de resolver empreender alguma coisa de importância, retira-te para a solidão [...] para rezar. Assim, todas as obras resultarão em Glória de Deus e proveito das almas e de ti mesma»<sup>21</sup>.

A vida de Jesus está unificada pela Vontade do Pai:

«Nos anos de pregação e de vida pública»<sup>22</sup>, «passou pelo mundo ensinando e fazendo bem a todos, porque Deus estava com Ele» (Act 10,38). «Como trabalha e se afadiga de dia, e passa a noite em oração, rogando ao Pai que envie mais Pastores!»<sup>23</sup>.

Quando Henrique de Ossó se refere, de uma maneira global, à missão das irmãs da Companhia, exprime-a, frequentemente, com a admirável síntese da vida e actividade de Jesus que Pedro fez no seu discurso em casa de Cornélio. Costuma acrescentar uma ou outra expressão paulina, que evidencie a necessária identificação com Jesus Apóstolo:

«Deve dizer-se das da Companhia que *passam pelo mundo fazendo o bem*, espalhando o bom odor de Jesus<sup>24</sup>, pela sua modéstia, humildade e edificação dos que as vêem»<sup>25</sup>.

## 2. Como os Apóstolos

«Foi ao que os Apóstolos se dedicaram: orar e ensinar. *Docetes euntes ergo*».

Henrique de Ossó tinha consciência de o ser e sentia-se apóstolo. Bem sabia que Jesus era o único e verdadeiro Apóstolo do Pai, mas, por vontade expressa de Jesus, os Doze, e mais tarde Paulo, tinham recebido o encargo de darem continuidade à sua missão. «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós»<sup>26</sup>. E a missão de Cristo e dos apóstolos continua na Igreja, que não cessa de escutar o envio:

<sup>21</sup> CH, em EEO I, 314.

<sup>22</sup> CH, em EEO I, 327 e MCJ em EEO III, 507.

<sup>23</sup> Frase textual em CH, em EEO I, 401 e MCJ em EEO III, 522.

<sup>24</sup> Act 10,38: discurso de Pedro em casa de Cornélio + 2 Cor 2,15: S. Paulo refere-se a uma presença que remete, visivelmente, para Cristo.

<sup>25</sup> SC, em EEO II, 128.

<sup>26</sup> Jo 20,21.

«Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, ide e ensinai o evangelho, ensinai a conhecer e a amar Jesus, porque no seu conhecimento consiste a vida eterna» Mt 28,19 e Jo 17,3).

Este chamamento recebido por Henrique de Ossó aos 14 anos, vivido no sacerdócio com uma fidelidade criativa, ressoou na Companhia através dele:

[A Companhia] «tem o mesmo objectivo que tiveram Jesus Cristo e os Apóstolos: orar e ensinar. *Docete euntes ergo*».

A relação com os Apóstolos e a sua presença na vida da Companhia, é constante. São frequentes as alusões do Fundador a aspectos concretos da vida apostólica, nas cartas e nos documentos doutrinários. À maneira de exemplo, seleccionámos as referências de vários capítulos do *Sumário das Constituições*, algumas delas indirectas:

Cap. IV: Pregar com palavras e com todo o ser:

«Que não haja nada no seu interior ou exterior que não anuncie Jesus [...]. Por isso, tudo, vestuário, gestos, olhares, modos, palavras, acções das da Companhia, devem proclamar: «Viva Jesus; sou toda de Jesus»<sup>27</sup>.

Cap. X: Missão em lugares de perigo

«Nunca irão nem estarão sozinhas nestes casos sem motivo grave, mas três a três ou duas a duas...»<sup>28</sup>.

Cap. XV: Amor fraterno

«Amem-se todas em geral, como mandou Jesus aos seus Apóstolos»<sup>29</sup>.

Cap. XVI: Prioridade do Reino. Confiança e abandono evangélicos

«Procurem, em todas as coisas, primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto lho dará o Senhor por acréscimo»<sup>30</sup>.

Cap. XVI: Viver do próprio trabalho

---

<sup>27</sup> SC, em EEO II, 26.

<sup>28</sup> Ibid, 68.

<sup>29</sup> Ibid., 90. Lido à luz do mandamento novo, este texto tem sentido.

<sup>30</sup> Ibid., 96.

«Hão-de viver ou valer-se do trabalho das suas mãos, como fez S. Paulo [e a nossa santa Madre Teresa de Jesus ]»<sup>31</sup>.

### Cap. XIX: Pobreza e liberdade evangélicas

«Desejem ser provadas pela necessidade e falta de coisas necessárias para que se habituem a sofrer incómodos, tanto na alimentação, na hospedagem e sono, recordando-se do seu Rei Cristo Jesus, que não tinha onde reclinar a cabeça; e dos Apóstolos, que eram enviados sem saco nem alforge, [e em especial da sua santa Madre Teresa de Jesus]»<sup>32</sup>.

Porém o que é verdadeiramente significativo, é que os Apóstolos – os Doze e especialmente S. Paulo – são uma referência evangélica muito forte, testemunhas do seguimento e da resposta dada a Jesus que continua a chamar *para estar com Ele e para O anunciar*<sup>33</sup>.

As irmãs, *con-vocadas* para a Companhia, têm uma consciência viva de que elas, pobres pecadoras, foram chamadas pelo Senhor para uma missão que não merecem. «Por graça fostes chamadas», diz-lhes Henrique de Ossó com S. Paulo:

---

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Ibid., 124.

<sup>33</sup> A par dos primeiros Apóstolos, especialmente daqueles que são as colunas da Igreja, Henrique de Ossó escolhe como santos protectores da Companhia – inspirando-se em alguns deles para escrever as Constituições – os seguintes «santos autores, todos notáveis pelo seu espírito de zelo pela maior glória de Deus»:

– Santos anjos e S. Miguel: «Os primeiros zeladores pela glória de Deus e os que muito eficazmente ajudarão a que seja fecundo [...] o seu apostolado de oração e ensino» (SC, em EEO II, 64).

– S. Francisco de Sales: «Peçam ao santo Protector zelo pela Maior glória de Deus e salvação das almas e mansidão para atrair os corações, pedindo-lhe que convertais, como ele converteu, pelo menos 70.000 herejes» (Carta às irmãs de Tarragona, 29-1-1878. Nº 48).

– Santo Afonso M<sup>a</sup> de Ligório: «O grande Apóstolo do amor de Cristo nestes últimos tempos» (VJ, em EEO I, 483).

– Santo Inácio de Loiola: «O Santo mais parecido com a vossa santa Madre [...]. Pede-lhe [...] o espírito de tudo fazeres para a maior honra e glória de Jesus [...] e que seja esta a obra que mais zele pelos interesses de Jesus» (Cartas a Teresa Plá, 5-5-1877. Nº 18 e 19).

– Santa Teresa de Jesus: «A grande zeladora dos interesses de Jesus [...] a Regeneradora do século XIX por meio da sua Companhia e obras de zelo» (SC, em EEO II, 66).

É significativo o critério de selecção das festas importantes para a Companhia: «Comungarão [...] nas festas principais do Senhor, de Maria Imaculada, S. José, S. Francisco de Sales, S. Miguel e Anjos da guarda, nas festas dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pedindo-lhes que lhes comuniquem o seu espírito de zelo pelos interesses de Jesus» (SC, em EEO II, 114).

«Vê como o Senhor de todo o mundo escolhe, entre tantas pessoas, Apóstolos, Discípulos, e a ti, pecadora, e os envia por todo o mundo, espalhando a sua doutrina por pessoas de todos os estados e condições»<sup>34</sup>.

### 2.1. Chamadas por graça para viver com Ele e como Ele

O Fundador cultivava nas primeiras gerações de irmãs, naquelas que formou directamente, a certeza de que foram escolhidas por puro dom de Deus, *chamadas e con-vocadas* por Jesus para zelar os seus interesses na maior escala possível – reunidas em seu Nome – difundindo o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo, por meio da educação:

«Entre tantos milhares de jovens donzelas que passaram [...] diante do olhar de Jesus e sua Teresa, só em vós fixaram os seus amorosos olhos e, com piedade, vos atraíram a si, à sua casa, à sua *companhia*»<sup>35</sup>.

O chamamento, como no caso dos Apóstolos, é para dar continuidade à missão de Jesus, para participar na sua causa, e isto será unicamente possível na convivência com Ele, na relação interpessoal com Ele, num seguimento de Jesus que começa por estar com Ele. Trata-se de *viver com Jesus e como Jesus*, deixando-se transformar por Ele:

«Quem entra na Companhia deve contar já não se pertencer, pois é *toda de Jesus e está toda consagrada, dedicada, oferecida ao seu serviço e amor*»<sup>36</sup>.

Entrar numa relação de amizade com Jesus, significa *ir-se aproximando da sua condição*. É uma tal convivência de amor, que gera no orante a transformação da sua pessoa e, ao mesmo tempo, a exige para crescer na amizade. No livro *Um mês na Escola do Coração de Jesus*, Henrique de Ossó propõe uma pedagogia de configuração com Cristo que é a tarefa essencial de toda a vida cristã «porque cristão quer dizer *alter Christus*, outro Cristo»<sup>37</sup>. É a configuração essencial na filiação e na fraternidade iniciadas pelo Espírito Santo no dia do baptismo.

O facto de terem sido convocadas para a Companhia, inclui a configuração com Cristo enquanto Filho e irmão, inclusivamente com a forma histórica da sua existência. *Viver com Jesus e como Jesus* na Companhia de Santa Teresa de Jesus, significa adoptar a sua concreta maneira de ser e de se situar diante do Pai e dos irmãos. Através da oração e da pregação – o ensino –, vivendo em obediência, virgindade e pobreza, as irmãs, como os apóstolos, vão

---

<sup>34</sup> EE, em EEO II, 676.

<sup>35</sup> SC, em EEO II, 10.

<sup>36</sup> SC, em EEO II, 46.

<sup>37</sup> MCJ, em EEO III, 456.

configurando<sup>38</sup> toda a sua vida com a de Cristo, adoptando o seu mesmo projecto, as suas atitudes vitais diante de Deus e diante dos homens, reproduzindo, assim, o seu modo de vida existencial, como expressão de amor e de entrega total.

Para as irmãs, como para os Apóstolos, viver com Jesus e como Jesus, é algo nuclear, essencial, condição para a realização da sua missão. Assim o refere Henrique de Ossó no mencionado livro:

«Conformar toda a nossa vida com a de Cristo, revestir-nos de Cristo Jesus, é a única tarefa e ocupação essencial»<sup>39</sup>.

Na introdução à segunda semana de *Exercícios Espirituais*<sup>40</sup>, o Fundador expressa, da melhor maneira possível, em que consiste o modo específico de *configuração com Cristo* na Companhia. Dá uma explicação teologicamente simples e clara, que preconiza, a 100 anos de distância, as formulações pós-conciliares:

«Todos os cristãos em geral são revestidos de Cristo, segundo o Apóstolo (Gl 3,27) e o próprio nome de cristão quer dizer discípulo de Cristo. Mas os religiosos, e em especial vós, as Filhas que formais a Companhia de Santa Teresa de Jesus, deveis seguir Cristo Jesus, imitar Cristo Jesus com a maior perfeição possível em tudo»<sup>41</sup>.

A seguir explicita os traços significativos do discipulado-apostolado próprios da Companhia que implicam, comportam e pressupõem *seguir Cristo Jesus em tudo*:

- **Pregação:**  
«Deveis procurar, com todo o afincamento, ser as primeiras em difundir o conhecimento e o amor de Jesus...
- **Transparência, testemunho:**  
Tudo, nas irmãs da Companhia – vestuário, gestos, olhares, modos, palavras e acções – deve proclamar: Viva Jesus, sou de Jesus...

<sup>38</sup> S. M<sup>a</sup> ALONSO faz uma distinção entre a consagração baptismal e a consagração religiosa que explica em chave de «configuração» com diversas dimensões da pessoa de Jesus. Cf. DTVC, 378-384.

<sup>39</sup> MCJ, em EEO III, 456. Esta ocupação essencial é para todos os cristãos. As irmãs da Companhia aplicam-na a si mesmas, considerando a configuração essencial, iniciada na consagração baptismal, vivida da maneira particular que constitui o chamamento à Companhia e que consiste numa especial relação com Jesus na oração e no serviço apostólico, praticando uma entrega total a Ele nos irmãos, vivendo em pobreza, virgindade e pobreza.

<sup>40</sup> Destas meditações falámos no capítulo VI.

<sup>41</sup> EE, em EEO II, 643.

- Magistério evangélico com a vida:  
Deveis embalsamar o mundo com o bom odor de Cristo Jesus (2 Cor 2,15) [...], para que a vida de Cristo Jesus se manifeste em vós (2 Cor 4,14), e possais dizer com toda a verdade, a todo o mundo mas especialmente às meninas que educais, como o Apóstolo: *sede meus imitadores como eu sou de Cristo* (1 Cor 4,14)...»<sup>42</sup>.

## 2.2. Chamadas e con-vocadas a uma comunidade de discípulas-apóstolas

O chamamento de Jesus para *estar com Ele na Companhia*, é *convocação* de todas e de cada uma para este corpo apostólico ou comunidade de Jesus, na qual o Senhor está no centro. A *Oração de Companhia*, composta por Henrique de Ossó poucos meses depois da fundação<sup>43</sup>, é a melhor expressão da consciência comunitária de ter sido convocadas em seu Nome, consciência alimentada pela oração em comum:

«Aqui, pois, nos tens reunidas em teu nome [e no da tua esposa Teresa], a nós que viemos formar a Companhia de Santa Teresa de Jesus, numa mesma fé e confiança e amor e desejos...»

A Companhia é uma comunidade de *ouvintes* da Palavra, que tem como ocupação essencial *escutar e obedecer à Palavra*. Com um ouvido e um coração de discípulas, as irmãs recebem a Palavra, acreditam nela:

«Senhor meu Jesus Cristo: Tu o disseste, *Pai* nosso muito amado, e a tua palavra não pode faltar. Tu o prometeste, *Deus* nosso, e a tua promessa há-de cumprir-se. Tu o juraste, *Rei* nosso, e o teu juramento não pode ser falso. Tu o repetiste, nosso *Mestre*, e não o podes esquecer [...]».

É uma comunidade de oração, de fé e confiança, de amor e desejos. Os desejos não são outros senão os do Senhor. Não há outros interesses a não ser *os interesses de Jesus*. É uma comunidade orientada para a missão de Jesus. Por isso, as irmãs podem orar com confiança ilimitada, pois dirigem-se ao Pai em nome de Jesus:

«... [Tu o disseste] que tudo o que pedíssemos ao Pai celestial em teu nome, no-lo daria [...]. Que se duas de nós nos uníssemos sobre a terra para pedir qualquer

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> No AGSTJ conserva-se um caderninho pessoal com o original autografado da *Oração de Companhia* escrita por EO no dia de S. Leandro, 17-3-77 (AGSTJ, Escritos PIB/T vol. XIV, pars. 6<sup>a</sup>, 375). Publicada depois com pequenas variantes em EEO II, 183. Fazem-se-lhe alusões em muitos outros textos: RT, em EEO III, 849 e SC, em EEO II, 44.

coisa, o que pedíssemos nos seria concedido pelo teu Pai Celestial, porque onde estiverem dois ou três reunidos em teu nome, Tu estarás no meio deles».

O Senhor está no meio desta comunidade de jovens teresianas, «reunidas em seu Nome», e orientadas para o seu Reino. É uma comunidade *extrovertida*, organizada em vista da sua missão educativa, mas configurada *interiormente* pelo Senhor, que a convocou devido às urgências do Reino. É por esta razão que a Companhia não se pode separar, nem sequer entender a vida e a santidade de cada irmã, nem da comunidade como tal, à margem da missão. A comunidade constitui-se para a missão e pela missão. E a missão educativa será o reclamo das comunidades teresianas, que acorrerão aonde houver maior necessidade, aos lugares «onde correrem maior perigo os interesses de Jesus». Uma missão evangelizadora cujo centro é o Senhor.

Esta missão excede as capacidades pessoais e comunitárias. É uma missão recebida, delegada, que não pode ser cumprida apenas com empenhamento e esforço humanos, nem sequer com todo o ideal. A missão é do Senhor. Elas são colaboradoras, pobres instrumentos, servos inúteis:

«Pedimos-te, Senhor – em cumprimento da tua Palavra e juramento – para todas e cada uma de nós, a graça de sermos as primeiras em conhecer-te e amar-te e em tornar-te conhecido e amado por todos os corações, com Maria, José e Teresa de Jesus».

É uma oração conatural ao apóstolo. A oração de quem *lança* a semente com a certeza de que é o Senhor que dará o crescimento; de quem é *ramo* enxertado na Videira, que sabe que a sua missão consiste em deixar a seiva passar<sup>44</sup>. Só o Senhor salva, é Ele que dá o crescimento, a Videira que produz fruto:

«Concede-nos o que nós, tuas filhas, te pedimos – com fé, humildade e perseverança – e necessitamos, para te obter a maior glória possível [...] e olhar pela tua honra e pelos teus divinos interesses».

Porque «*sem Ti, nada podemos, mas contigo, podemos tudo*»<sup>45</sup>. Foi este o segredo de Paulo, de Teresa de Jesus, de Henrique de Ossó. E este é também o segredo das irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus:

---

<sup>44</sup> No GC, Henrique de Ossó adverte a catequista: «Não dará frutos maduros não sendo [...] uma artéria viva do Coração de Cristo Jesus, não poderá comunicar às almas, vida, calor, e movimento sobrenatural». (Cf. EEO I, 89). A mesma ideia vem em *Organicémos III*, em EEO III, 820.

<sup>45</sup> Esta expressão está contida, literalmente, na actual versão da *Oração de Companhia*. Exprime uma «dupla convicção» de Henrique de Ossó e da Companhia, fruto da leitura pessoal teresiana de Jo 15,5 + Fl 4,13 [Também Teresa de Jesus comenta estes textos], e está documentada em numerosos escritos, desde GC, em EEO I, 86, até SC, em EEO II, 72.

«Chamadas e con-vocadas para estar com Ele e para ser enviadas a anunciá-lo (Mc 3,13) «Docete euntes ergo» (Mt 28,19).

O envio dos Apóstolos por Jesus, como continuadores da sua missão, impressionou Henrique de Ossó: «*Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos*» (Mt 8,19). Ou na versão de S. João: «*Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós*» (Jo 20,21). Jesus e os Apóstolos «*fizeram discípulos do reino, ensinaram*». Da mesma maneira, as irmãs da Companhia consagram toda a sua vida ao ensino e à educação de crianças e jovens, que é «a mais divina das ocupações»<sup>46</sup>.

Desde a sua fundação, há uma profunda consciência, cultivada por Henrique de Ossó, de que a Companhia é um *corpo apostólico* verdadeiramente activo, nascido com uma missão evangelizadora na Igreja e no mundo. Recordemos a sóbria, mas ambiciosa formulação da Finalidade da Companhia, no documento de *Inspiração*, onde aparece nitidamente a preocupação regeneradora da sociedade, a finalidade evangelizadora, confiada à acção educativa da mulher teresiana:

«Regeneração do mundo, em especial da nossa Espanha, pela educação da mulher segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus»<sup>47</sup>.

É impressionante também aquela expressão da *Revista* que relaciona a Companhia, não apenas com os *apóstolos*, mas também com os *profetas*:

«Quão formosos são os passos dos que evangelizam a paz!, diz o Espírito Santo<sup>48</sup>. Quão formosos, pois, serão os passos da Companhia [e dos Missionários teresianos] exclusivamente consagrados a zelar pela maior glória de Deus em toda a parte e em todas as almas, na maior extensão possível!»<sup>49</sup>.

Embora o Fundador, ao escrever estas palavras, esteja provavelmente a pensar no novo tipo de profeta referido no final da carta aos Efésios, o evangelizador, aquele que, como Paulo, sabe que o espírito de profecia dos tempos novos é «*o testemunho de Jesus*»<sup>50</sup>:

<sup>46</sup> *Mi Reglamento* (MR), em EEO II, 489.

<sup>47</sup> EEO II, 404.

<sup>48</sup> A frase reproduz quase textualmente Is 52,7 que se refere aos tempos messiânicos. No Ofício de língua espanhola há um Hino litúrgico dos Apóstolos que lhes atribui esta atitude.

<sup>49</sup> RT 1877-78, 100.

<sup>50</sup> O Apocalipse de S. João diz: «Dar testemunho de Jesus equivale ao espírito profético» (19,10b). E o próprio João apresenta-se como *profeta* e *vidente*, «Companheiro na perseguição, [desterrado] na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus» (Ap 1,9).



«Firmes, tendo cingido os vossos rins com a Verdade, vestido a couraça da justiça e calçado os pés com a prontidão [zelo] para anunciar o Evangelho da paz»<sup>51</sup>.

Em todos os escritos doutrinários e formativos, o Fundador repete, de mil maneiras, algo de essencial sobre que é preciso ter ideias muito claras:

«Um dos interesses mais apreciados ou estimados por Jesus, é a salvação das almas [...]. Esta é a sede que devora Jesus que do céu nos clama «*dai-me almas, filhas minhas; o resto, tomai-o para vós*». Para mitigar essa sede vem a Companhia de Santa Teresa de Jesus, sacrificando as suas forças e a sua vida toda no exercício dos dois apostolados mais eficazes de salvação e conversão: a oração e o ensino»<sup>52</sup>.

Dissemos já repetidamente que, na Companhia, Jesus é entendido como o Apóstolo do Pai, o único Salvador dos homens. É nesta perspectiva que hão-de ser entendidas as expressões: «dai-me almas»<sup>53</sup> ou «salvar o maior número de almas possível», expressões que traduzem a *participação real* dos apóstolos na única Missão do Filho. Falam do fogo que move interiormente as irmãs, expressão do amor que só Deus pode infundir no coração do apóstolo.

Também nos escritos informais, nas cartas endereçadas às irmãs, Henrique de Ossó aproveita todas as ocasiões para aumentar nelas a sua consciência apostólica. Lemos, por exemplo, numa carta dirigida a Dolores Boix, primeira irmã superiora do grupo de Tarragona:

«No dia da Ascensão, se celebrarem a hora de Noa na catedral ou noutra igreja, podeis ir todas juntinhas para que o bom Jesus, ao subir ao céu, vos deite, como aos seus Apóstolos, a sua bênção, que vos conforte para serdes suas testemunhas fiéis em todo o mundo»<sup>54</sup>.

---

<sup>51</sup> Ef 6,14-15.

<sup>52</sup> SC, em EEO II, 60.

<sup>53</sup> A expressão «*Da mihi animae...*» procede de Gn 14,21 e tem sido re-lida na tradição da vida religiosa apostólica em chave de missão por várias famílias religiosas. Não podemos assegurar onde foi buscá-la Henrique de Ossó ao inseri-la neste artigo importante das Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus. – Para os *Salesianos de Don Bosco*, este é um texto carismático, verdadeiro fundamento da sua espiritualidade.

Por outro lado, no capítulo 4º das VII *Moradas*, Teresa de Jesus utiliza duas vezes uma expressão semelhante, e num contexto similar, para exprimir o *zelo* da pessoa que vive do espírito – no centro da alma onde Deus habita -. Aqui fala-se, não da «sede que devora Jesus», mas de «lhe dar de comer» e de «lhe dar hospedagem»: «*O seu manjar é que, de todas as maneiras que pudermos, ganhemos almas para que se salvem e sempre O louvem*» (nº 14). E no nº 16: «*nem tendes como levar almas a Deus*».

<sup>54</sup> (Inédita, de 8/5/77, em AGSTJ, E. Vol. 2,69).

E muitos anos mais tarde, numa admirável carta que escreve às irmãs de Orán, diz-lhes:

«Muito desejo ver-vos e ver-vos *apóstolas*, as mais zelosas, *do conhecimento e amor de Jesus Cristo* nessa inóspita praça e regiões sentadas nas trevas e na sombra da morte. Muita oração se necessita para converter esses corações [...]. Só a oração o pode conseguir, com o ensino»<sup>55</sup>.

Num dos últimos textos pedagógicos, querendo transmitir-lhes a sua profunda convicção, dirige-se às mestras nos seguintes termos:

«Auxiliares sois de Cristo na obra da salvação. [A educação] é uma verdadeira missão, um apostolado, a mais alta vocação [...]. Compenetrai-vos bem da vossa missão, a mais alta e divina para uma mulher»<sup>56</sup>.

Percebe-se uma nítida consciência de que a *educação* a que as irmãs são chamadas, é uma verdadeira missão. Superando a noção de «obra de misericórdia», a Companhia sabe que a educação cristã é um verdadeiro apostolado. Tal como alguns institutos contemporâneos de vida apostólica, tem a convicção – e quer difundi-la – de que o ensino é um meio ao serviço da fé, na medida em que contribui para a formação integral de crianças e jovens, fazendo deles cristãos e cristãs conscientes e comprometidos no seu meio. Através da educação teresiana – especialmente da mulher, por ela ser educadora por natureza e poder converter-se em agente multiplicador – a Companhia está convencida de que é possível, não só transformar o indivíduo, mas curar a família e regenerar a sociedade:

«As meninas que agora formais com tanto trabalho, serão amanhã mães de família e se as educardes bem, poderão salvar uma família, uma cidade, inúmeras almas. Animai-vos com esta consideração para assumirdes com galhardia o apostolado do ensino que é o de maior sacrifício»<sup>57</sup>.

Há uma expressão, muitas vezes repetida, que tem muita força por exprimir a finalidade da missão educativa teresiana e o empenho com que se lhe consagram inteiramente, sem escamotear esforços nem sacrifícios:

«O objectivo que se devem propor nos seus ensinos não é senão *formar Cristo Jesus* nas inteligências por meio da *instrução*; formar Cristo Jesus nos corações por meio da *educação*. Para esta finalidade essencial dirijam todos os

---

<sup>55</sup> Carta a Teresa Plá, de Roda de Bará, 23/5/1885, (Ed. Nº 325, cópia autenticada em AGSTJ, Epistolario PIB/T vol. VI, 15).

<sup>56</sup> AP, em EEO II, 747.

<sup>57</sup> MR, em EEO II, 491-492.

seus esforços e cuidados, pedindo-o continuamente, e com fervor, a Jesus e à sua Teresa em todas as orações»<sup>58</sup>.

O texto exprime também a consciência das próprias limitações e de que a missão excede as forças naturais, pelo que é preciso pedi-las diariamente ao Senhor. Henrique de Ossó não se cansa de estimular essa consciência:

«As Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem compenetrar-se bem da altíssima importância ou transcendência do seu cargo, antes de começarem a exercer o sublime apostolado do ensino»<sup>59</sup>.

No ponto dedicado às *Professoras dos Colégios da Companhia*, na 2ª Parte das Constituições de 1889, o Fundador repete, muito mais completa, a ideia do *Plano de Estudos*. Para além do estilo romântico, impressiona-nos a consciência carismática de uma missão, à qual se subordina tudo o resto. A educação é, para as irmãs da Companhia, o serviço que prestam ao Reino e a mediação privilegiada do encontro com Deus. Não há, pois, exercícios de piedade ou de ascese, nem programas de formação pessoal, nem sequer serviços de caridade organizados que tenham cabimento na Companhia à margem da sua missão educativa teresiana. Da fidelidade a este chamamento, depende a salvação de muitos e a santificação das irmãs:

«As irmãs que se consagrarem ao apostolado do ensino, devem estar persuadidas de que nada de mais agradável podem fazer a Deus e à Companhia e proveitoso para a sua alma, do que dedicarem-se, com pureza de intenção e com todo o afinho, ao ensino das meninas [...]. Desta maneira exercerão, com muito fruto, o sublime e divino apostolado do ensino e brilharão no firmamento da Igreja militante [...] cingidas as frentes com a tríplice auréola de virgens, doutoras e mártires, pois tudo isso merecem ensinando e educando a infância nas letras e no temor de Deus»<sup>60</sup>.

### 2.3. A parrésia apostólica ou magnanimidade

As irmãs da Companhia, tendo consciência de que *a missão* não é sua, mas do Senhor, e sabendo que foram chamadas, por pura graça, a participarem e a servirem a única Missão do Filho, o Reino, ouviram as palavras de Jesus aos Apóstolos: «*Sem mim nada podeis fazer*» (Jo 15,5) e guardaram-nas no coração.

---

<sup>58</sup> PE, em EEO II, 245. A mesma ideia em EEO III, 892.

<sup>59</sup> Ibid., 245.

<sup>60</sup> EEO II, 361-362.

Por isso, pedem-lhe insistentemente *a sua graça*, para «fazerem tudo em união com Jesus, por Jesus, para Jesus, em Jesus», como ramos da Videira<sup>61</sup>.

Tendo feito experiência da *vida em Cristo*, cada irmã pode dizer como o Apóstolo Paulo: «*Tudo posso n'Aquele que me conforta*» (Fl 4,13). Esse *nada* e esse *tudo* fundamentam a *parrésia apostólica* que Henrique de Ossó – influenciado por Teresa – chama *magnanimidade*<sup>62</sup>. Essa foi a chave da coragem dos Apóstolos até à morte e o segredo da audácia de Henrique de Ossó. Essa será a raiz da pretensão apostólica da Companhia. Henrique de Ossó praticou-a e quer que as suas filhas a pratiquem profundamente e cada vez mais:

«Que as filhas da grande Teresa não se contentem com o que é bom e perfeito, mas aspirem sempre ao melhor e mais santo. O bom Jesus quer e é amigo de almas corajosas, que andem com humildade e sem nenhuma confiança em si mesmas [...]. Depois de confessarmos: "Senhor, sem Vós nada posso", devemos também exclamar: "Tudo posso em Deus que me conforta", e animar o nosso coração a empreender coisas grandes para a maior honra de Jesus»<sup>63</sup>.

A *parrésia ou magnanimidade*, tal como Henrique de Ossó a entende, é fruto da *humildade* teresiana, consequência da consciência esclarecida do que somos verdadeiramente diante de Deus:

«Nada podemos fazer sem Jesus. Tudo podemos com a sua graça. E se a humildade é a verdade, a *verdadeira humildade* das da Companhia de Santa Teresa de Jesus consistirá em compreender e ajustar as suas obras a estas duas grandes verdades»<sup>64</sup>.

---

<sup>61</sup> O capítulo 15 de S. João está muito presente na espiritualidade e na doutrina de Henrique de Ossó e na sua catequese. Às jovens da Arquiconfraria já costumava referir a imagem da Videira e dos ramos para exprimir a vida cristã, *vida em Cristo*. (Cf. VJ, em EEO I, 283).

<sup>62</sup> Este é um tema frequente nos escritos espirituais e apostólicos de Henrique de Ossó. No seu primeiro livro *Guia Prático do Catequista (1872)* (GC), fala aos catequistas da confiança em Deus como fundamento do catequista, do apóstolo. Como bom professor de física, recorre à imagem do princípio de Arquimedes para ser mais expressivo na exposição: «Para que a grandeza e a sublimidade da tarefa não faça desanimar o Catequista, pense que não está sozinho: porque, se é uma verdade de fé que convém ter sempre presente, e mais ainda tratando-se de uma obra sobrenatural, o que disse Jesus Cristo: *Sem mim nada podeis fazer*, também é igualmente verdade o que exclamava o apóstolo Paulo: *Tudo posso em Deus que me conforta*. Este *tudo* e este *nada* são como os dois pontos cardiais que operam as maravilhas da graça. Tudo com Jesus Cristo, nada sem Ele. Quanto mais alicerçado estiver o Catequista na onipotência deste *tudo* e mais desprendido da miséria do seu *nada* [...] mais abundantes frutos colherá. São [...] os dois braços da alavanca que o céu nos põe nas mãos [...]. O ponto de apoio é a confiança que temos em Deus; o braço da potência é o poder de Deus; a resistência é o nosso nada; quanto mais nos apoiarmos nele, mais impedimos a acção de Deus [...]. Com esta alavanca daremos uma reviravolta ao mundo; revolvê-lo-emos, regenerando-o completamente: da parte de Deus, é certo, não há-de faltar» (GC, em EEO I, 86-87).

<sup>63</sup> SC, em EEO II, 78.

<sup>64</sup> SC, em EEO II, 72.

Já antes, no referido capítulo, tinha dito peremptoriamente: *Humildade*, pois, que não gere *generosidade, magnanimidade, é certamente falsa*<sup>65</sup>. E a *Oração da Companhia* – que é como que o ideário ou a síntese carismática do Corpo apostólico feita oração – repete a mesma ideia:

«Nós, tuas filhas, precisamos da tua graça, pois sem Ti nada podemos fazer, mas contigo, tudo podemos. Pedimos-ta com fé viva, humildade e perseverança. Dá-no-la, Senhor...»<sup>66</sup>.

#### 2.4. «*Deixam todas as coisas para se consagrarem exclusivamente à oração e ao ensino*»

Nos princípios da Companhia há uma inequívoca radicalidade de opções, não só visível para as candidatas, mas para qualquer espectador. Os primeiros documentos insistem, não tanto no que «se deixa»<sup>67</sup>, mas na *entrega total e generosa da pessoa* que se consagra com todo o seu caudal, com os seus dotes naturais e sobrenaturais, e com *uma generosidade sem limites*, a Jesus e à causa de Jesus: aos seus Interesses que, na Companhia, hão-de ser *procurados e empreendidos na maior escala possível*<sup>68</sup>.

Por outro lado, deparamo-nos com o texto programático dos *Actos dos Apóstolos*, 6,4, que insiste em abandonar todas as actividades que distraiam daquilo a que hão-de *consagrar-se com dedicação exclusiva*: a oração e a educação teresiana:

«Os Apóstolos *deixaram* o atendimento das mesas e os assuntos temporais da caridade *para se consagrarem com toda a liberdade e em pleno*, a orar e ensinar. *O mesmo fazem as da Companhia: deixam todas as coisas para se consagrarem exclusivamente à oração e ao ensino*».

Não nos esqueçamos de que, no capítulo primeiro do *Sumário das Constituições*, depois de ter falado da Finalidade, é especificado no 2º artigo que:

«A Companhia consagra-se preferencialmente ao apostolado do ensino para procurar a re-generação do mundo [...] por meio da educação da mulher segundo o espírito de [...] Santa Teresa de Jesus»<sup>69</sup>.

---

<sup>65</sup> SC, em EEO II, 78.

<sup>66</sup> PC, em EEO II, 183.

<sup>67</sup> O esquema evangélico da vocação dos primeiros discípulos, Pedro e André, que, deixando tudo, O seguiram (Mt 4,20 e Lc 5,11), não o encontramos na Companhia.

<sup>68</sup> Cf. SC, em EEO II, 18.

<sup>69</sup> SC, em EEO II, 14.

Esse mesmo artigo 2º consta, ligeiramente modificado, das *Constituições de 1888*, expressando a finalidade da regeneração do mundo em chave cristológica:

«A Companhia consagra-se preferencialmente ao apostolado do ensino para procurarem *restaurar todas as coisas em Cristo Jesus...*»<sup>70</sup>.

Nos escritos doutrinários e formativos, e também nas cartas, o Fundador alterna as formulações que se referem à finalidade com as que falam dos objetivos da Companhia, mas no seu conjunto, é clara a orientação predominantemente evangelizadora e educativa – missão que há-de ser interpretada à luz dos textos neotestamentários que analisámos e das circunstâncias de cada momento histórico.

Apesar de predominarem na Companhia, para além de outras imagens evangélicas, as referências aos Apóstolos e à *vida apostólica*, vamos comentar um artigo da *Revista Santa Teresa* que não fala de apóstolas; queremos, com ele, terminar este capítulo. É um artigo interessante porque completa a perspectiva *apostólica*, tradicionalmente vinculada ao varão mais que à mulher, e porque acrescenta um traço de realismo.

O artigo apresenta as irmãs, simbolicamente, como sendo os trabalhadores da vinha (Mt 20) contratados à *Hora Nona*.

Se *trabalhar na vinha* significar *participar activamente na missão de Jesus*, e se a pregação ou a educação cristã for considerada como uma verdadeira missão da Igreja, então entenderemos que, para além da metáfora, está a consciência de ter chegado *com atraso*<sup>71</sup>. Mas é também indubitável, simultaneamente, a consciência de trazer *algo de novo para oferecer* – um modo feminino e teresiano de missão – numa altura de máxima necessidade para o Reino:

«VIERAM À HORA DE NOA, é verdade, trabalhar no campo do Pai de família; mas *desejam suprir com a sua ACTIVIDADE E ARDOR o que lhes falta de tempo*»<sup>72</sup>.

---

<sup>70</sup> C, em EEO II, 15.

<sup>71</sup> Recordemos que Teresa de Jesus, no século XVI, quisera ter feito aquilo que, em finais do século XIX, com outras imagens evangélicas, começou a fazer a Companhia.

<sup>72</sup> RT 1878-1879, 34 – Há alguns anos, veio a lume um pequeno livro de D. ALEIXANDRE *Mujeres en la hora undécima* (Sal Terrae, Barcelona 1990), que realça que também hoje, tal como em 1878, a parábola evangélica de Mt 20 continua a ser expressiva quanto à *integração da mulher* na sociedade e na Igreja. A autora diz, entre outras coisas: «É que o nosso mundo, como aquela vinha da parábola de Jesus, está na época da vindima e precisa de todos os braços, de todos os recursos e energias dos homens e das mulheres que nele habitam» (*op. cit.*, 3).

É precisamente este o sentido dos carismas na Igreja: Colaborar uns com os outros para acelerar a vinda do Reino de Deus. Contribuir cada um com aquela tonalidade apostólica que lhe é própria, e sem a presença da qual faltaria na Igreja algo de importante: Personificar, como comunidade apostólica, uma palavra evangélica, uma atitude de Jesus, ou encarnar, enquanto corpo apostólico, uma determinada dimensão da sua Missão salvadora.





## Capítulo IX

### APÓSTOLAS COMO TERESA DE JESUS

#### 1. Teresa de Jesus, esposa apóstola

A experiência totalmente gratuita do matrimónio espiritual que Teresa de Jesus teve nos últimos anos da sua vida, e que ela própria situa nas VII Moradas como ponto culminante do itinerário espiritual, foi a que configurou definitivamente a Santa como Apóstola de Jesus Cristo.

Henrique de Ossó sintonizou tão profundamente e a tal ponto com ela e com a sua experiência esponsal, que é esta a sua imagem preferida da Santa. Tanto nos artigos da *Revista* como em todos os outros escritos, Teresa de Jesus surge como a mulher de coração grande, transformada pelo Amor de Deus, exclusivamente ocupada e preocupada com os interesses do Esposo, grande *impulsionadora* dos interesses de Jesus, como a Esposa do Cântico dos Cânticos. É este o segredo da sua eficácia apostólica que Henrique de Ossó soube descobrir e do qual fez participantes todos os discípulos de Teresa.

Logo no seu primeiro artigo, programático, o fundador da RT apresenta Teresa de Jesus como a verdadeira autora desta obra de zelo – a *Revista* – afirmando aos leitores e leitoras que:

«Como a nossa plantação é obra de Teresa de Jesus [...], confiamos legitimamente, pelo amor e comunidade de interesses que sempre houve entre Jesus e Teresa, que este grão de mostarda há-de crescer até ser uma árvore frondosa [...]. Teresa de Jesus velará, com especial predilecção, como esposa encarregada de olhar pela sua honra, por tudo quanto puder fomentar os interesses de Jesus»<sup>1</sup>.

Também entusiasma as jovens da Arquiconfraria por Teresa, a nova Débora, Esposa-apóstola de Jesus, impulsionadora dos seus interesses, incitando-as a seguirem o seu exemplo:

As suas filhas, que devem aspirar a serem outras Teresas de Jesus na terra, devem distinguir-se pelo afã de atraírem os corações ao amor e serviço de

---

<sup>1</sup> RT Nº 1 Outubro de 1872, 13.

Cristo Jesus [...]. As filhas de Teresa de Jesus no mundo [as da Arquiconfraria] devem continuar hoje a sua obra»<sup>2</sup>.

De maneiras muito diversificadas, através da pregação, dos devocionários, da Arquiconfraria e, especialmente, através dos artigos da *Revista*, Henrique de Ossó interpela todos os discípulos da Santa para despertar neles o zelo e o compromisso apostólico. Pois «devoto de Santa Teresa de Jesus e pessoa que olhe com indiferença [...] tudo quanto se relacionar com a maior glória de Deus, é impossível»:

«Todos os amantes de Teresa de Jesus participam bastante no encargo que Jesus lhe confiou de velar pela sua honra, porque a honra de Teresa é a honra de Jesus, tal como a de Jesus, é a de Teresa»<sup>3</sup>.

Na verdade, se Teresa contagia algo a quem dela se aproxima, é o seu amor apostólico, como vemos na ousada afirmação do P. Henrique: o Amor de Deus que nela há, estende-se a todos os homens e não descansa enquanto não pegar fogo<sup>4</sup> a todos os corações, introduzindo-os na órbita do seu amor.

Sendo verdade que todas as obras teresianas de Henrique de Ossó «participam bastante do encargo» apostólico recebido por Teresa, a Companhia de Santa Teresa não pode ser entendida senão nessa perspectiva.

## 2. A Companhia recebe *carismaticamente* o encargo apostólico de esposa

Uma interpretação teológica do carisma permite-nos afirmar que *a missão e o zelo da esposa Teresa* são transmitidos à Companhia, como dom do Espírito, através de Henrique de Ossó, que o Espírito Santo habilita para transmitir a todo o corpo apostólico da Companhia, o que ele próprio recebera de Teresa. Nas primeiras Constituições manuscritas, enviadas pelo correio para a única comunidade de Tarragona em Agosto e em Setembro de 1877, faz, com autoridade de Fundador, uma afirmação de grande transcendência<sup>5</sup>:

---

<sup>2</sup> RHM, em EEO I, 210.

<sup>3</sup> RT 1872-73, 141.

<sup>4</sup> Recordemos o texto de Lc 12,49: «*Eu vim lançar fogo sobre a terra*». Segundo Henrique de Ossó, foi o fogo do amor de Deus que se ateou no coração de Teresa e que o transformou e dilatou à medida do amor de Deus, até torná-lo eclesial. Segundo Henrique de Ossó, a experiência mística da Transverberação (V.29 e VI M), é a realização e o cumprimento, em Teresa, do desejo de Jesus para todos os homens, expresso no versículo de Lucas com a imagem do fogo.

<sup>5</sup> Embora na HSTJ se fale de *Directório Provisório* (Dir.P.), o próprio Henrique de Ossó, quando enviou o texto a Teresa Plá, chama-lhe indistintamente «Directório», «Constituições» ou «Regra», e as irmãs consideraram-no como as Primeiras Constituições da Companhia (Cf. cartas de Agosto e Setembro de 1877).

«Jesus disse à Companhia de Santa Teresa de Jesus como à Santa: "*Zelarás a minha honra como minha verdadeira esposa; a minha honra é a tua, e a tua, minha*". Por conseguinte, nada do que possa promover em grande escala os interesses de Jesus, deve ser encarado com indiferença pelas da Companhia. A Companhia deve, sempre e em todas as coisas, ter desejos grandes, cujo resultado prático será um maior incremento dos interesses de Jesus e sua Teresa [seja onde for]»<sup>6</sup>.

Este parágrafo consta do primeiro ponto, brevíssimo, que fala da *finalidade da Companhia*, e volta a figurar, idêntico, nas primeiras Constituições publicadas em 1882<sup>7</sup>. Depois, nas Constituições de 1888 – a seguir às animadversões – continua a ser mantido, com uma pequena variante significativa que explica a consciência carismática de esposas apóstolas teresianas: «A Companhia de Santa Teresa *entende como tendo-lhe sido dito o que Jesus disse à Santa*»<sup>8</sup>.

Esta *vanguarda apostólica* da Arquiconfraria, formada por um grupo de teresianas especialmente enamoradas de Jesus, con-vocadas para promoverem os interesses de Jesus na maior escala possível, não se compreende a si mesma – *identidade* –, nem saberá interpretar a sua *missão*, nem acertará a pôr em jogo *os meios*, se não o fizer com base no encargo recebido como Esposa de Jesus.

O que significou então, e o que significa hoje, um tal *encargo* para a Companhia inteira e para cada uma das irmãs e das comunidades?

A Dedicatória das Constituições de 1882, Às «*Fundadoras*» da *Companhia de Santa Teresa de Jesus*, diz duas coisas que podem esclarecer a interpretação do *Encargo* carismático, embora não lhe faça uma referência explícita.

### *Uma Identidade*

Há uma interessante caracterização da Companhia, e de cada um dos seus membros, que pode passar despercebida porque está formulada de uma maneira simples, embora seja muito radical:

«Entre as muitas graças que deveis a Deus, a menor não é a de vos ter chamado [...] para formar a Companhia de Santa Teresa de Jesus, *despojar-vos* das misérias das filhas de Eva e *revestir-vos*:

\* do espírito de zelo e

---

<sup>6</sup> Dir.P., em EEO II, 414.

<sup>7</sup> SC, em EEO II, 14.

<sup>8</sup> C, em EEO II, 15. A afirmação chega a converter-se em texto programático e é repetida em muitos outros escritos, quer para as irmãs, quer para pessoas de fora.

\* das virtudes apostólicas que, por incrementarem os interesses de Jesus, adornavam o coração de Teresa»<sup>9</sup>.

Quer dizer, ter sido chamada(s) para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, significa entrar num processo de conversão cristã – passar do homem velho para o Homem Novo, Jesus –, correspondendo livremente ao dom da vocação, interpretado e vivido em chave feminina e teresiana.

Objectivamente, a descrição da mulher nova delineada no texto, é parcial e incompleta, pois explicita unicamente a dimensão apostólica da vida de Teresa, sublinhada, além disso, por uma acumulação de elementos. Só lendo o texto em chave sponsal – como certamente o fariam as irmãs da Companhia a quem é dirigido – será possível reconstituir as dimensões dessa vida nova, *vida em Cristo*, que foi a vida de Teresa de Jesus.

Todavia, se analisarmos o conteúdo mais pormenorizadamente, distinguiremos dois aspectos complementares da identidade apostólica de Teresa e, por conseguinte, da identidade das irmãs da Companhia. Com efeito, estas são chamadas a *revestirem-se* de Teresa de Jesus em dois aspectos:

- «o seu espírito [de zelo]»: o que há de substancial no seu ser, o motor da vida, a essência da identidade.
- «as suas virtudes [apostólicas]: as disposições habituais que, em Teresa de Jesus são, simultaneamente, fruto e pressuposto do espírito de zelo ou amor, o que é o mesmo.

#### *Uma Missão*

O segundo texto, também da *Dedicatória*, refere-se à Finalidade da Companhia expressa pela conjugação de três formas verbais:

«Bem sabeis qual foi a finalidade que se propôs a nossa obra de zelo: Não é outra senão FAZER DE VÓS *outras Teresas de Jesus* tanto quanto possível, para SERDES as primeiras em *zelar a sua honra*, DIFUNDINDO o reinado do *conhecimento e amor de Jesus* [...] por todo o mundo»<sup>10</sup>.

A articulação dos três verbos é perfeitamente lógica e refere-se a três dimensões inter-relacionadas. A *formação* em ordem ao ser, a dimensão *espiritual apostólica* e a dimensão *ministerial activa*. De novo é unicamente explicitada a consequência apostólica de serem esposas, pressupondo logicamente que o são – melhor dizendo, que estão em vias de o serem –, pois sem aquela experiência sponsal de Teresa não seriam possíveis os seus efeitos apostólicos.

---

<sup>9</sup> SC, em EEO II, 10.

<sup>10</sup> SC, em EEO II, 11-12.

### 3. Dimensões da experiência esponsal

Seguindo o relato autobiográfico de Teresa ou lendo a descrição das *VII Moradas*, capítulo 2º, podemos distinguir três dimensões da experiência esponsal, perfeitamente relacionadas e integradas na vida de Teresa de Jesus, experiência fundamental para a vida da Companhia. Consciência fortíssima de união com o Senhor, participação na «sua sorte», reciprocidade no amor e intercâmbio de interesses.

Apresentamos, seguidamente, estas três dimensões, contemplando cada uma delas, primeiro na Santa, e depois na Companhia.

#### 3.1. Consciência de união com o Senhor

*«Sempre fica a alma com o seu Deus naquele centro» (VII M 2,5)*

A Santa situa a graça do matrimónio espiritual num momento muito concreto da sua vida, numa circunstância bem determinadas: «Representou-se-lhe o Senhor, acabando de comungar, *em forma de grande resplendor e formosura e majestade, como depois de ressuscitado» (VII M 2,1)*.

«Disse-me Sua Majestade: «Não tenhas medo, filha, que alguém tenha poder para te apartar de mim»; dando-me a entender, assim, que isso não importava [uma circunstância concreta por que tinha passado] (CC 25ª).

Como ela própria conta depois no capítulo 2º das *VII Moradas*, foi uma experiência fortíssima de união indissolúvel com o Senhor, percebida mediante a imagem nupcial:

«Já disse que, embora se dêem estas comparações – porque não há outras mais a propósito –, entenda-se que aqui não há mais memória de corpo [...] mas só de espírito [...] porque esta secreta união passa-se no centro mais interior da alma... onde está o mesmo Deus [...]» (3). «Não se pode dizer mais senão que – tanto quanto se pode entender – fica a alma, digo, o espírito desta alma, feito uma coisa com Deus; pois, como Ele é também espírito, Sua Majestade quis mostrar o amor que nos tem, dando a entender a algumas pessoas até onde chega [...] porque de tal maneira se quis juntar com a criatura que, assim como os que já se não podem apartar, não se quer Ele apartar dela» (4).

Neste esforço por se fazer entender, Teresa recorda as palavras de S. Paulo: «Quem se une ao Senhor forma com Ele um só espírito». E ainda outras do Apóstolo, fruto de uma experiência pessoal semelhante: «Para mim, viver é

Cristo e morrer, um lucro»<sup>11</sup> (6). É uma forma de união com Deus muito superior àquela que, até esse momento, tinha experimentado ou podia desejar:

«Sempre fica a alma com o seu Deus naquele centro» (5). Agora «ela [a alma] – como já disse – não se muda daquele centro, nem perde a paz; porque o mesmo Senhor que a deu aos Apóstolos quando estavam juntos, lha pode dar a ela» (8). «Porque, como as palavras do Senhor são em nós como obras feitas [...], é muito certo que, em nos esvaziando de tudo o que é criatura, e desapegando-nos dela por amor de Deus, o mesmo Senhor a há-de encher de Si mesmo» (9).

É exactamente a união com Deus pedida por Jesus ao Pai – na véspera da sua paixão – para os seus discípulos. Uma união semelhante à do Pai e do Filho:

E assim, Jesus Cristo, orando uma vez pelos seus Apóstolos, disse<sup>12</sup> que fossem um só com o Pai e com Ele, como Jesus Cristo nosso Senhor está no Pai e o Pai n'Ele. (9) E disse: «Eu estou neles».

E é também a união da Humanidade – esposa do Verbo encarnado – com o Pai e com o Filho no Espírito, projectada antes da criação do mundo<sup>13</sup>, e cantada poeticamente por João da Cruz como promessa:

«Uma esposa que te ame,  
meu Filho, dar-te queria,  
que pelo teu valor mereça  
ter a nossa companhia».  
[...]  
Que, como o Pai e o Filho  
e Aquele que d'Eles procedia  
– como Um vive no Outro –  
assim a esposa seria,  
e dentro de Deus absorta,  
vida de Deus viveria»<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> 1 Cor 6,17 e Fl 1,21.

<sup>12</sup> Refere-se à oração sacerdotal de Jesus, na véspera da sua paixão: «*Como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, para que assim eles estejam em nós [...]. Não rogo só por eles, mas também por aqueles que não-de crer em mim por meio da tua palavra, para que todos sejam um só [...]. Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade*» (Jo 17, 21.20.23).

<sup>13</sup> No princípio da carta aos *Efésios* (1,1-14), Paulo canta o Plano de salvação de toda a humanidade, por Jesus Cristo: «*Para submeter tudo a Cristo*» (v.10). O Pai é o princípio e o fim de todas as bênçãos, é quem chama todos à comunhão consigo, embora determine um projecto gradual: primeiro, o Povo eleito, depois também os pagãos são chamados à Igreja, sacramento de salvação no mundo. A carta aos *Colossenses* (1,15-20) proclama também a Plenitude de Cristo e a reconciliação «*por Ele e para Ele de todas as coisas, pacificando, pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus*» (v.20).

<sup>14</sup> Os *Romances de la Trinidad y la Encarnación*, escritos no cárcere de Toledo em 1577, são um admirável comentário do Prólogo de S. João, lido com base em Gn 1 e noutras fontes bíblicas, especialmente neotestamentárias (Ef 1) que falam do Projecto da criação do Homem,

Teresa, como Paulo e como João da Cruz, recebeu, por graça mística, o conhecimento do Mistério escondido durante séculos, e revelado agora<sup>15</sup> no Filho encarnado e entregue por amor. «De maneira que, o que acreditamos por fé, ali o entende a alma – podemos dizer – por vista. E quão diferente coisa é ouvir estas palavras e crer nelas, ou entender por este modo quão verdadeiras são» (VII M 1,7-8):

«Oh! valha-me Deus! que palavras tão verdadeiras, e como as entende a alma, que nesta oração o vê por si mesma! E como o entenderíamos todas, se não fosse por nossa culpa! Porque as palavras de Jesus Cristo não podem falhar» (VII M 2,10).

A experiência mística de Teresa de Jesus, que a Companhia recebe carismaticamente por intermédio de Henrique de Ossó, é uma experiência profética para o homem e para a mulher de todos os tempos, pois dá um testemunho existencial do que na verdade existe, mas nos está velado e, ao mesmo tempo, nos é re-velado pela fé:

«... pois não é mais que uma cifra de quanto há para contar de Deus. Grande misericórdia nos faz em ter comunicado estas coisas a pessoa de quem as podemos vir a saber, para que, quanto mais soubermos que se comunica às criaturas, mais louvemos sua grandeza, e nos esforcemos por não ter em pouco almas com quem tanto se deleita o Senhor» (VII M 1,1).

Esta experiência da união entre Deus e o homem – recebida de uma maneira infusa ou vivida na fé – é também a mensagem viva, encarnada, que as

---

antes da fundação do mundo, determinado em vista do Filho. Seguindo a tradição bíblica e patrística de S. João da Cruz, escolhe a imagem sponsal para exprimir a grande dignidade da pessoa humana – imagem de Deus, interlocutora e amiga de Deus, habitada por Deus... – com a qual Deus está definitivamente unido pela encarnação do Verbo. Essa união com Deus, inacreditável e nunca sonhada pelo homem, realiza-se na encarnação do Verbo, pelo que a humanidade foi introduzida na Trindade. Na pessoa de Jesus, realiza-se «esse admirável intercâmbio» de que fala a liturgia do Natal e comentado por João da Cruz: «E que Deus seria homem, e que o homem Deus seria» (vv. 139-140). Em coerência com a metáfora sponsal, S. João fala da natureza criada como «palácio para a esposa» feito «com grande sabedoria» (vv. 102-103). A humanidade recebe a filiação adoptiva, graças ao esposo Cristo: «À esposa que me deres, eu a minha claridade daria [...] recliná-la-ia no meu braço e em teu amor se abrasaria» (vv. 89-90. 95-96). E depois do pecado, a humanidade caída vai ser levantada pelo Esposo, até ao ponto de a introduzir na vida trinitária: «Porque em tudo semelhante a Ele os faria, e viria com eles e com eles moraria». A Igreja, escolhida com vista à salvação de todos, surge sacramentalmente como a esposa, a cabeça do corpo: «Porque Ele era a cabeça da esposa que tinha [...] e assim juntos em *um só*, ao Pai a levaria, onde o mesmo deleite que Deus goza, gozaria». A participação na Comunhão Trinitária é o culminar do Plano Criador-Redentor (vv. 161-166). (Cf. S. JUAN DE LA CRUZ, «*Romances sobre el evangelio "In principio erat Verbum"*», acerca de la *Santísima Trinidad*», em *Obras Completas*, BAC, Madrid 1974, 13-22).

<sup>15</sup> Cf. Ef 3,1-5.

irmãs da Companhia são chamadas a transmitir ao homem e à mulher do século XXI, aos jovens de qualquer cultura ou latitude, sempre ávidos de experiências verdadeiras.

### **Amor esponsal e relação íntima com Jesus, na Companhia**

Nesta perspectiva, é essencial para as irmãs, para todo o corpo apostólico e para qualquer comunidade, a relação de amizade com Jesus Cristo, que vai crescendo até à consciência esponsal, como no caso da Santa. Nos alicerces da Companhia, como o exprime o capítulo segundo do *Sumário das Constituições*, está a experiência pessoalíssima de ser amada por Jesus, e o desejo de Lhe dar uma resposta de amor:

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada para dar solução a este difícil e elevado problema: Já que somos de Jesus, e tudo o que temos o recebemos de Jesus [...]. Investir e empregar o nosso caudal todo inteiro [...] no que der maior glória e promover os seus divinos interesses [...]. Consagramo-nos sem reservas...!»<sup>16</sup>.

Esta é uma das poucas vezes em que, nos escritos doutriniais da Companhia, se fala da Finalidade do ponto de vista das irmãs. Desta maneira, evidencia-se a relação substancial que existe entre a consciência esponsal das irmãs –

«Somos de Jesus» –

e o desejo de resposta radical:

«[queremos] investir e empregar o nosso caudal todo inteiro [...)], fundamento da missão da Companhia: «Consagramo-nos sem reservas...»<sup>17</sup>.

Cada uma das irmãs dispõe-se a percorrer o caminho da oração de Teresa de Jesus até «*estar em condições*»<sup>18</sup>, numa crescente dinâmica de conhecimento e amor do Senhor, que gera e requer umas relações novas<sup>19</sup>:

<sup>16</sup> SC, em EEO II, 18.

<sup>17</sup> Idem. Recordemos a decisão radical de Henrique de Ossó em 1854: «*Serei sempre de Jesus...*». TF, em EEO III, 194.

<sup>18</sup> No livro da *Vida* (8,5), depois da famosa definição da oração, Teresa de Jesus faz uma síntese da oração teresiana – da sua espiritualidade que é capaz de formular com valor universal – : Não é um encontro pontual e esporádico, à margem da vida, mas um caminho lento e paciente de aproximação existencial dos dois interlocutores: o Senhor e o orante, que tem os seus momentos de diálogo na fé. Ela sabe que «para que seja verdadeiro o amor e para que dure a



«Pondera e reflecte seriamente no amor de predilecção, de preferência, que Cristo te mostrou ao chamar-te e escolher-te para seres da sua Companhia e de Teresa [...]. Vê que, desde que foste chamada para a Companhia, não cessou de te chamar interiormente todos os dias, convidando-te e incitando-te a que O sigas o mais de perto possível»<sup>20</sup>.

«O espírito da Companhia deve ser um espírito de oração e de união com Jesus». Porque «a oração é a alma da Companhia, ela é que lhe dará vida, fundamento e apoio»<sup>21</sup>. A oração – encontro com Deus na solidão e no silêncio – vai criando em cada irmã a consciência crente de uma união real com o Senhor, vai configurando *a sua condição* com a de Jesus; vai fazendo que sejam capazes de um diálogo de amor durante a actividade e o serviço, com a certeza de que o Senhor está ali presente:

«Se Deus está connosco – diz-lhes Teresa numa meditação dos Exercícios – quem contra nós? [...] Quem nos separará do nosso Esposo Jesus Cristo? Ninguém, se nós não quisermos, porque tudo podeis em Deus que vos conforta, em Deus que é fiel, e que jamais permitirá que sejais provadas além das vossas forças»<sup>22</sup>.

### 3.2. Participação na sorte do esposo: con-sortes

#### *Teresa de Jesus, esposa do crucificado*

Na mesma *Conta de Consciência 25<sup>a</sup>*, a Santa diz-nos que, depois de escutar as palavras do Senhor que a confirmaram na *união definitiva*, *Sua Majestade*, de maneira imaginária e infusa, lhe assegurou que seria sua Esposa para sempre:

---

amizade, não-de encontrar-se as condições: a do Senhor, já se sabe, não pode ter falta, a nossa é ser viciosa, sensual, ingrata»; é *a nossa condição humana*, que há-de ir «fazendo-se» à do Senhor. Esta relação de amizade tem os seus momentos de solidão – estar a sós com Deus – , mas prepara-se em cada dia, e se o encontro no silêncio for autêntico, prolonga-se pelo dia fora e entende-se pelo «sabor». Enquanto as *condições forem tão desiguais*, o pouco tempo de solidão pode ser-vos doloroso, em fé escura. Por isso, adverte o orante que começa: «E se ainda O não amais [porque, para que seja verdadeiro...], não podeis por vós mesmas chegar aamá-lo, porque não é da vossa condição; mas vendo o muito que vos vai em ter a sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com quem é tão diferente de vós».

<sup>19</sup> Na linguagem de Teresa, estas novas relações consigo mesma (humildade), com os irmãos (amor fraterno) e com as coisas (desprendimento), são as três grandes virtudes evangélicas, cuja capacidade para serem praticadas, vem de Deus. Por sua vez, o exercício deste novo tipo de relações, é condição e alicerce de uma maior aproximação a Deus. Como vemos, o *jogo da «graça» e da «liberdade»* está bem patente na espiritualidade teresiana.

<sup>20</sup> EE, em EEO II, 652.

<sup>21</sup> Não são de estranhar estas afirmações incisivas do capítulo VIII *Oração perseverante* do SC, em EEO II, 42.

<sup>22</sup> EE, em EEO II, 651.

«Representou-se-me, então, como de outras vezes, por visão imaginária, muito no interior, e deu-me a sua mão direita, dizendo-me: "Olha este **cravo**; é sinal de que serás minha esposa de hoje em diante; até agora não o tinhas merecido...» (CC 25ª ou *Relações* 35ª).

Com a certeza de estar unida a Ele «muito no interior», aparecem os sinais da paixão do Esposo ressuscitado. Assim O viram também os Apóstolos nas aparições. Para Teresa, esta experiência pascal representa uma renovada consciência do Crucificado ressuscitado e uma experiência fortíssima, definitiva, de configuração com Ele.

Ela tinha insistido com as suas monjas na importância de conhecer bem o Esposo:

«Razão será, filhas, [...] que entendamos com quem estamos casadas e que vida havemos de ter [...]. Porque nos hão-de impedir que procuremos entender quem é este Homem, e quem é o seu Pai, e qual a terra para onde me vai levar e quais são os bens que me promete dar, qual a sua condição, como melhor O poderei contentar, em que lhe darei prazer, e estudar como hei-de tornar a minha condição semelhante à sua?» (C 22,7).

«Ou somos esposas de tão grande rei, ou não. Que mulher honrada haverá que não participe das desonras feitas a seu esposo, ainda que o não queira por sua própria vontade? Mas, enfim, de honra ou desonra participam ambos» (C 13,2).

No último capítulo das *Moradas*, reflectindo em voz alta sobre o sentido de «tantas mercês do Senhor neste mundo», partilha com as suas monjas a convicção a que ela própria chegara por experiência: «E assim tenho por certo serem estas mercês para fortalecer a nossa fraqueza [...] para podê-lo imitar no muito padecer» (VII M 4,4). Comparando-se com os discípulos e com os apóstolos, concluiu que «aqueles que mais de perto acompanhavam a Cristo nosso Senhor, foram os que tiveram maiores trabalhos»:

«Vejam os [trabalhos] que passou a sua gloriosa Mãe, e os gloriosos Apóstolos. Como pensais que poderia S. Paulo sofrer trabalhos tão grandes? Por ele podemos ver que efeitos fazem as verdadeiras visões e a contemplação» (VII M 4,5).

A partir da sua experiência pessoal, contempla a dimensão de martírio da vida dos doze apóstolos e de Maria, como consequência lógica do seguimento do Crucificado. Em sintonia especial com S. Paulo, Teresa de Jesus fala dele como de um místico enviado a pregar até ao martírio. Ou, o que é o mesmo, um apóstolo capacitado para o anúncio de Jesus Cristo na contemplação infusa do Mistério.

Teresa recebeu também a sabedoria da cruz, por isso conclui as Moradas místicas com uma indicação – escândalo ou loucura para quem não tiver feito a experiência –, mas que tem, nela, o selo da autenticidade da testemunha:

«Ponde os olhos no Crucificado e tudo se vos fará pouco».

E põe ponto final com um persuasivo apelo à *sequella Christi*, versão teresiana do testemunho pessoal paulino: «*Amou-me e entregou-se por mim*» (Gl 2,20).

«... Se Sua Majestade nos mostrou o seu amor com tão espantosas obras e tormentos, como quereis contentá-lo só com palavras?» (VII M 4,9).

### **Na Companhia, «partilhar a sorte» de Jesus Crucificado**

Existe em português um termo verdadeiramente expressivo da partilha entre esposos, *con-sorte*, de profundas raízes teresianas. Exprime outra das consequências de *ser esposa*: viver como o Esposo Jesus e partilhar a sua mesma sorte. Teresa de Jesus apresenta-se a si mesma como *esposa do Crucificado* e quer que as suas monjas o sejam de verdade:

«Ou somos esposas de tão grande rei, ou não. Se o somos, que mulher honrada haverá que não participe nas desonras feitas a seu esposo, ainda que o não queira por sua própria vontade? Mas, enfim, de honra ou desonra participam ambos»<sup>23</sup>.

Desde o princípio que na Companhia de Santa Teresa de Jesus se participa nessa consciência teresiana. Segundo Henrique de Ossó há, além disso, uma relação muito significativa entre *esposas do crucificado* e *capitãs*<sup>24</sup> da Companhia de preferência:

«As da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser almas viris, corajosas, desapegadas de si mesmas e de todas as coisas, dispostas a todos os sacrifícios. Criam-se para as mais audazes *esposas do Crucificado*, para *capitãs*, modelo da grei feminina de Cristo»<sup>25</sup>.

A Mestra das educandas, responsável pela formação inicial das irmãs, é talvez a que há-de estar mais persuadida desta particular vocação e da sua incidência apostólica, para orientar para ela a formação e a autoformação:

---

<sup>23</sup> C 13,2.

<sup>24</sup> Recordemos que Jesus é o Capitão, na conquista do Reino. Teresa, sua esposa, também tem esse título, e as irmãs da Companhia, *outras Teresas de Jesus*, são chamadas a sê-lo.

<sup>25</sup> SC, em EEO II, 98.

«Em nada se descuide a mestra das Educandas, porque cria almas para *Esposas de Jesus Cristo* [...] tão zeloso do seu amor que até quer que se esqueçam de si mesmas, desprendidas de si mesmas [...]. Educa almas para *Esposas de Jesus Crucificado* [...]. Em nada se descuide porque forma *capitãs* para a grei de Cristo»<sup>26</sup>.

E as irmãs, que vêm para a Companhia para *se consagrarem sem reservas àquilo que há-de promover, no maior grau possível, os interesses de Jesus*, renovam o seu chamamento não apenas durante a formação inicial, mas ao longo de toda a vida, confrontando-se frequentemente com Jesus seu Esposo, que cumpriu a sua missão salvadora até à morte de cruz:

«A que entra na Companhia de Santa Teresa de Jesus, pergunte-se muitas vezes a si mesma:

– Para que vieste para a Companhia?

Para padecer e morrer por Jesus...

– O que te faria perder a tua vocação?

Querer viver a teu gosto, e não viver abraçada à cruz de Cristo»<sup>27</sup>.

É um chamamento à rectidão de intenção, à apropriação realista do dom recebido, numa dinâmica de constante clarificação das motivações. Porque,

«Entra-se na Companhia pela porta do *vence-te e ti mesma*. Vive-se bem e é-se feliz nela, negando a própria vontade [...]. Para nela viver bem e perseverar até ao fim, [requer-se] obediência, humildade e oração contínua»<sup>28</sup>.

São as condições da *consagração total* da esposa ao Esposo e aos seus Interesses, e do seu *seguimento*<sup>29</sup>, com a radicalidade que Jesus pede aos seus discípulos:

«Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia, e siga-me»<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 350. Textos semelhantes a este encontram-se no capítulo V.

<sup>27</sup> SC, em EEO II, 22.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> «*Côn-juge*» é outro sinónimo de *esposo*; significa partilhar o *jugo*, o peso da vida. É este o sentido das palavras de Jesus no convite evangélico ao seu seguimento: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração... Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11,28-30). Jesus convida o discípulo – a sua esposa – a tomar o seu jugo, que é suave, precisamente por ser partilhado com Ele, e com as suas mesmas atitudes de mansidão e humildade.

<sup>30</sup> Lc 9,23 e passagens paralelas.

Porque se Jesus salvou a humanidade entregando a sua vida até à morte e morte de cruz, só vivendo *com Ele e como Ele* estas mulheres teresianas continuarão a sua missão salvadora. Só se *viverem em Cristo*, se «*conformarem toda a sua vida com a de Cristo*», poderão ser *capitãs e apóstolas*. Só assim amarão como Jesus, sentirão como Cristo Jesus, pensarão como Jesus, actuarão como Cristo Jesus<sup>31</sup>.

### 3.3 Reciprocidade no amor e intercâmbio de interesses

#### ***O encargo apostólico recebido por Teresa de Jesus***

Chegamos, finalmente, ao *envio apostólico* do Senhor daquela que agora chama *Esposa* com toda a propriedade. Pois, embora Teresa tivesse consciência de o ser, «*até agora não o tinha merecido*». Estas palavras referem-se ao reconhecimento místico de esposa com o conseqüente *encargo-missão*:

«Daqui em diante, não só por ser teu Criador, teu Rei e teu Deus, zelará a minha honra, mas por seres minha verdadeira esposa: a minha honra é a tua e a tua, minha».

Depois da experiência mística e de ter recebido *o encargo* do Esposo, Apóstolo do Pai, Teresa «*ficou como que desatinada e sem caber em si*». «*Esta mercê*» inaugura, na vida de Teresa, uma nova etapa de autêntico intercâmbio de interesses ou reciprocidade sponsal, «*porque nos efeitos* – como ela própria diz – *é que veremos se é ou não verdadeiro o que fica dito*, o que se manifesta de duas maneiras:

*Confiança ilimitada da esposa e abandono dos seus próprios interesses*, como descreve no capítulo 3º da VII *Moradas*:

«Primeiro, um esquecimento de si, que verdadeiramente parece que já não existe, [...] porque está toda ela de tal maneira, que não se conhece nem se lembra que para ela há-de haver céu, nem vida nem honra [...] pois parece que as palavras que Sua Majestade lhe disse, fizeram efeito de obra [...]. E assim, de tudo quanto pode suceder, não tem cuidado, mas sim um estranho esquecimento, pois – como digo – parece que já não é, nem quereria ser em nada» (VII M 3,1).

*Nova ocupação*, «os interesses de Jesus»:

---

<sup>31</sup> Cf. Prólogo do MCJ, em EEO III, 456.

«Porque está toda empregada em procurar [a honra] de Deus; pois parece que as palavras que Sua Majestade lhe disse, fizeram efeito de obra, e foi que olhasse pelas coisas d'Ele, que Ele olharia pelas suas» (VII M 3,1).

*E um Amor apostólico transbordante* que vem substituir a tensão escatológica em que vivia, e que agora se concretiza nos desejos de servir:

«[...] Agora é tão grande o desejo que têm de O servir, e que por elas seja louvado, e de fazer aproveitar alguma alma, se puderem, que não só não desejam morrer, mas sim viver muitos anos» (VII M 3,4).

No capítulo 4º refere os dois aspectos da reciprocidade e intercâmbio de interesses, no mesmo parágrafo. Dirigindo-se às suas monjas, faz uma análise perfeita da psicologia espiritual da Esposa com um tal esforço de objectividade que parece que não o estava ela a viver. Seria impossível dizê-lo melhor e com mais beleza:

«Oh! irmãs minhas, que esquecido deve ter o seu descanso, e que pouco se lhe deve dar da honra, e que longe deve andar de querer ser tida em algo a alma onde o Senhor está tão particularmente! Porque, *se ela está muito com Ele*, como é de razão, *pouco se deve lembrar de si*. Toda a memória se lhe vai em contentá-lo mais, e em quê ou como lhe mostrará o amor que lhe tem» (VII M 4,6).

E imediatamente – sem nenhum ponto nem aparte – passa da modalidade exclamativa e hipotética, para um tom afirmativo e quase sentencioso, agora sem esconder que fala por experiência:

«*Pois isto é oração, filhas minhas, para isto serve este matrimónio espiritual: que nasçam sempre obras, obras*» (VII M 4,6).

Afirmação lapidar e perigosa, que parece instrumentalizar a oração no cimo das VII Moradas. Só conhecendo a Santa é possível entender a integração genial de *céu* – onde está Deus – e *terra*, a dos homens, com as suas limitações. Unidade que ela vive e comunica.

***Zelo pelos «Interesses de Jesus» ou «Zelarás a minha honra», na Companhia***

O capítulo segundo do *Sumário das Constituições*, que exprime a consciência sponsal de cada irmã e a conseqüente resposta radical, tem o seu fundamento carismático no capítulo primeiro que já comentámos ao princípio:

«Jesus disse à Companhia de Santa Teresa de Jesus como à Santa: *Zelarás a minha honra como minha verdadeira esposa. A minha honra é a tua honra, e a tua, minha*».

«Nada, por conseguinte, do que possa incrementar os interesses de Jesus em grande escala, deve ser olhado com indiferença pelas irmãs [=esposas] da Companhia»<sup>32</sup>.

É precisamente da consciência esponsal, recebida carismaticamente através de Teresa e de Henrique de Ossó, que deriva a pretensão exagerada própria da esposa. Somente a partir da psicologia feminina da esposa se entende a pretensão de *serem as primeiras no conhecimento e amor de Jesus*, e em *torná-lo conhecido e amado*<sup>33</sup>. Seja como for, o amor é sempre exagerado, não põe limites, e costuma exprimir-se em termos de absoluto<sup>34</sup>. Na Companhia, o zelo ardente é manifestação desse amor esponsal, indício da identificação com o Esposo.

#### 4. Apóstolas enquanto esposas

Acabamos de escutar Teresa de Jesus dizer que, enquanto vivermos com os pés na terra, são as obras que exprimem e manifestam o amor. Estas são *as flores e os frutos que pede a esposa do Cântico dos Cânticos*<sup>35</sup>. Quer dizer, a autenticidade da experiência esponsal e do encargo apostólico recebido, verifica-se nas obras, no serviço, pois «esta é a verdadeira prova de ser coisa e mercê feita por Deus, como já vos disse»<sup>36</sup>.

<sup>32</sup> SC e C, em EEO II, 14 e 15.

<sup>33</sup> Como Teresa de Jesus: «Vinham-lhe uns ímpetos tão grandes de amor de Deus, que não se podia valer nem cabia em si, mas parecia que se lhe acabava a vida e tinha grandes arroubamentos. Dizia que folgaria se visse outros no céu com maior glória que ela, mas que não sabia se folgaria e se suportaria com paciência que outros amassem mais a Deus do que ela». O. RODRÍGUEZ, *Leyenda áurea teresiana*, 84. Em Biblioteca Mística Carmelitana t. 18, 192. (Citado por T. ÁLVAREZ em *Monte Carmelo 105 (1997)*, 218.

<sup>34</sup> Recordemos o diálogo de Jesus com Pedro – o *exame de amor e a missão* – junto do lago: «Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes? Apascenta os meus cordeiros» (Jo 21,15ss).

<sup>35</sup> A Santa escreveu um pequeno tratado sobre Amor, com maiúsculas – *Ágape, Caritas* – a que ela chama «*as minhas meditações*». Foi editado, pela primeira vez, pelo P. Graciano em Bruxelas em 1611, com o título *Conceitos do Amor de Deus*. Não foi por acaso que, para tratar este tema, tenha escolhido o *Cântico dos Cânticos* como fonte bíblica, um poema inspirado que canta o Amor do Esposo à Esposa e da Esposa ao Esposo. Apesar de ser um livro proibido, Teresa não encontra, em toda a Escritura, outra expressão melhor do Amor divino-humano entre Deus e o homem. Obviamente, ela identifica-se com a Esposa do Cântico dos Cânticos, capacitada por Deus, que nela mora, para O amar com o seu mesmo amor, e para amar os outros com o Amor de Deus.

<sup>36</sup> VII M 4,7.

O modo específico de ser apóstolas na Companhia é *ser esposas* como Teresa. Vivendo a mesma dinâmica de oração e recorrendo às novas possibilidades apostólicas oferecidas à mulher do século XIX ou do XXI<sup>37</sup>. Henrique de Ossó está convencido de que Companhia vem realizar aquilo que Teresa de Jesus teria gostado de fazer no seu tempo, mas que não pôde.

Ao longo das páginas teresianas encontram-se muitas expressões – algumas dissimuladas, outras eliminadas pelos censores – do seu desejo de serviço activo. No final das *Moradas* há um parágrafo que não podemos ler sem pensar na Companhia. Refere-se à segunda *objecção* que ela põe na boca das suas monjas face à impossibilidade de apostolado activo, para fora. Teresa de Jesus – que arde em desejos de «*ensinar ou pregar como faziam os Apóstolos*» – projecta nas suas filhas do Carmelo a nostalgia que sente por esse modo apostólico, vedado desde há séculos às mulheres, desejo legítimo, por outro lado, porque «lho dá o Senhor»:

«Dir-me-eis duas coisas:

– [uma, ...]

– A outra é que não podeis, nem tendes como levar almas a Deus; que o faríeis de muito boa vontade, *mas não tendo de ensinar nem de pregar como faziam os Apóstolos*, não sabeis como. A isto já respondi [...], mas porque é coisa que creio vos passa pelo pensamento, com *os desejos que vos dá o Senhor...*»<sup>38</sup>.

Não encontramos nenhuma alusão explícita a este texto nos escritos de Henrique de Ossó para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, mas podemos assegurar que no seu espírito de Fundador palpita esse desejo irrealizado de Teresa. Quando diz às irmãs que «hã-de imitar a sua grande Madre Teresa na vida activa e contemplativa»<sup>39</sup>, por exemplo; ou quando, na *Revista*, diz que «a Companhia de Santa Teresa de Jesus vem realizar a obra de Santa Teresa no século XIX», está a pensar nesse desejo.

Aquilo que, na experiência de Teresa de Jesus representa o cume da sua trajetória, é o ponto de partida da Companhia. Isto não significa que cada irmã viva em plenitude, desde o princípio, uma tal experiência, mas que constitui a vocação que a Companhia, por carisma, é chamada a *re-produzir* – enquanto Comunidade teresiana apostólica – e que cada uma das irmãs é chamada a encarnar – como membro do Corpo – para a tornar existencialmente presente na Igreja e no mundo, em cada momento histórico e em cada realidade cultural.

Para isto nasceu a Companhia. E se for fiel à inspiração original, necessariamente prolongará e recriará no tempo, aquele fogo apostólico – que

<sup>37</sup> Teresa de Jesus, no século XVI, leva ao extremo as possibilidades apostólicas. Quando é que, antes dela, uma mulher tinha sido reformadora e mestra espiritual de uma ordem masculina?

<sup>38</sup> VII M 4,16.

<sup>39</sup> SC, em EEO II, 122.



Jesus veio trazer à terra –, que Henrique de Ossó viu arder no coração de Teresa. Aquele amor apostólico e as suas inevitáveis consequências: acções apostólicas ousadas, radicais, logicamente censuráveis e censuradas por mentes *muito atiladas*, realizadas com uma generosidade sem limites, dispostas a todos os sacrifícios:

«As da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser almas de fogo, consumidas e abrasadas de zelo pela salvação das almas; tais que possam dizer como Jesus e a sua Teresa: Vim trazer fogo à terra, e que quero eu senão que arda? ESTA É A SUA MISSÃO»<sup>40</sup>.

Este fragmento do artigo 36 do *Sumário das Constituições* que comentámos, tem, para a Companhia, um especial significado espiritual e apostólico. Reflecte a leitura carismática que o Fundador e a Companhia fazem de Lucas 12,49 e *Vida* 29, 10-11.13, na qual se unem Jesus, o Apóstolo do Pai, Teresa de Jesus, *alter Christus* e apóstola feminina ocupada unicamente com os Interesses do Esposo, e as irmãs da Companhia, *outras Teresas de Jesus*.

A experiência da Transverberação<sup>41</sup>, preparação das VII Moradas, fora para Teresa a experiência do Amor de Deus, que se mete dentro dela e a transforma e lhe dilata o coração à medida do coração de Deus, e faz dela uma *mulher nova*. Henrique de Ossó associou sempre essa experiência ao Matrimónio espiritual, desejou-a e pediu-a para si mesmo e para as irmãs, pois via cumpridos em Teresa os desejos de Jesus expressos nesse texto evangélico<sup>42</sup>. Terá também ele vivido esta experiência mística, talvez através da contemplação de Teresa? Não sabemos. Certamente o Senhor lhe deu uma especial sensibilidade para a contemplar e para a comunicar, contagiando sempre os desejos.

S. João da Cruz no seu poema *Chama de Amor Viva*, canta a experiência inefável da união mística da alma com Deus, semelhante à da Santa. No comentário em prosa à canção 2ª nº 12 da poesia, diz algo que se refere certamente à Madre Teresa, mas que talvez possa aplicar-se também ao santo Fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus:

«Poucas almas chegam a tanto como isto, mas algumas têm chegado, *mormente aquelas cuja virtude e espírito se havia de difundir na sucessão de seus filhos*, dando Deus riqueza e valor às cabeças nas primícias do espírito

<sup>40</sup> SC e C, em EEO II, 60 e 61.

<sup>41</sup> Em *Vida* 29 encontra-se o relato autobiográfico da experiência mística que a Santa teve pela primeira vez, em 1560, em casa de Dona Guiomar de Ulloa. Porém, a mesma experiência ou os seus efeitos, aparecem noutros lugares das suas obras: V 32,18; 39,23; VI M 2,3-4.

<sup>42</sup> Sobre o tema da Transverberação de Teresa e Henrique de Ossó, pode consultar-se o livro de G. RODRÍGUEZ e S. CASADO, *Experiência espiritual de Henrique de Ossó*, no qual está amplamente exposto e documentado (capítulo VII pp. 198-251).

segundo a maior ou menor propagação que haviam de ter a sua doutrina e espírito»<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> S. JUAN DE LA CRUZ, *Obras Completas*, BAC, Madrid 1964, 5ª ed., 855.



## Capítulo X

### **«CONHECER E AMAR JESUS, TORNÁ-LO CONHECIDO E AMADO» RAZÃO DE SER DA COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS**

Estamos no núcleo do carisma da Companhia, na essência da sua espiritualidade e missão, recebidos de Henrique de Ossó e de Teresa de Jesus. A fórmula *Conhecer e amar Jesus e torná-LO conhecido e amado*, sintetiza o espírito, a vida e a missão de Henrique de Ossó e da Companhia.

É o porquê da *con-vocação* da Companhia, o para quê da sua *missão apostólica*, o que há-de ser o único afã das irmãs, «o nosso único desejo, a única petição». Para o Fundador, *conhecer e amar Jesus e torná-LO conhecido e amado*, foi a ideia matriz de todos os seus projectos, o motor das acções, a força e o sentido de tantos sofrimentos, o *leit motiv* da sua vida crente, entregue. É a paixão pela glória do Pai e pela salvação dos irmãos – que levou Jesus a dar a vida, «*para que tenham vida*» (Jo 10,10) – testemunhada pelos quatro evangelistas e carismaticamente concentrada, no entender de Henrique de Ossó e da Companhia de Santa Teresa de Jesus, nos dois textos de Jo 17,3 e Lc 12,49 já comentados.

Voltamos a recordar o relato da *con-vocação* dos Doze:

«Jesus subiu ao monte, chamou os que Ele queria,  
e foram ter com Ele. Estabeleceu Doze,  
*para estarem com Ele*  
*e para os enviar a pregar*» (Mc 3,13-14).

cuja dupla finalidade – estar com Ele e ser enviados a pregar – é reformulada, depois do Pentecostes, pelos próprios apóstolos, como dimensões constitutivas da sua identidade, tarefas intransmissíveis:

«Quanto a nós, *dedicar-nos-emos*  
*à oração*  
*e ao ministério da Palavra*» (Act 6,4).

## 1. «Conhecer e amar Jesus»

Conhecer e amar é um processo integrador das dimensões fundamentais da pessoa – ser inteligente e em relação<sup>1</sup> – orientadas para Jesus, amigo, irmão, mestre, esposo. Acima de tudo, exprime uma relação pessoal com Jesus, que inevitavelmente leva a conhecê-lo e a amá-lo. Henrique de Ossó está convencido de que só se ama o que se conhece. Quer dizer, o conhecimento é mediação do encontro e condição do amor. Mas também o inverso: não é possível conhecer Jesus, com um conhecimento interno, sapiencial, sem O amar apaixonadamente.

A oração é o âmbito privilegiado do conhecimento e amor de Jesus, de acordo com a experiência e os ensinamentos de Teresa. É o tempo dedicado exclusivamente a *estar com o Senhor*. Tempo de solidão no qual – deixando as demais preocupações – tomamos consciência de que está conosco e em nós. E exercitamos a comunicação de Tu a tu. Porque, seja qual for o seu conteúdo, a oração teresiana é sempre presença de Deus conscientemente saboreada – ou sofrida – na fé. A oração é uma relação de amizade, encontro, conhecimento mútuo, união. Os tempos de oração explícita vão-nos familiarizando com o Senhor, e tornando o orante capaz de pôr em prática essa *relação de amizade* – para além da solidão e do silêncio exterior – na comunidade, no relacionamento com os irmãos, e também no serviço, na natureza e no mundo.

## 2. «Torná-Lo conhecido e amado»

Tornar Jesus conhecido e amado, é repartir com os outros o melhor que temos. É a consequência e a prova de autenticidade do conhecimento e do amor de Jesus<sup>2</sup>. Assim o viveram Teresa de Jesus e Henrique de Ossó. E esta é a razão pela qual entendem que todos os cristãos *deveras*, são necessariamente apóstolos de Jesus Cristo. Porém, «as chamadas à Companhia – que é *obra grande de zelo* –, hão-de *tornar Jesus conhecido e amado na maior escala possível*. Este é o chamamento recebido, para isto foram *con-vocadas* e enviadas ao mundo. Mais ainda, aquilo que teve início em cada uma como consequência do amor, *dá-lo a conhecer e a amar*, converte-se, por imperativo da missão, na condição do próprio crescimento no amor e da felicidade pessoal.

---

<sup>1</sup> Há um reconhecimento implícito de que a pessoa é inteligência e capacidade de amar, reconhecimento esse que tem especial relevância num momento histórico-cultural em que se tende a separar, ou inclusivamente a opor, estas duas capacidades ou faculdades. O racionalismo privilegia a razão face a qualquer outra faculdade, e exclui a fé como via de conhecimento.

<sup>2</sup> «*Qui non celat non amat*», diz Santo Agostinho. E Henrique de Ossó no GC: «O zelo é a pedra de toque para conhecer os corações que amam a Deus. É o fogo, como que a chama ardente do fogo do divino amor de Deus, um desejo veemente de *dar Deus a conhecer*» (GC, em EEO I, 104).

## «MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

Cada uma das irmãs e a Companhia inteira podem dizer com S. Paulo: «É uma missão que me foi confiada. Ai de mim se eu não evangelizar!»<sup>3</sup>. Este há-de ser, pois, o seu único desejo, a sua única petição, e a sua única recompensa: «Pregar o evangelho gratuitamente», «ser os primeiros a conhecer e a amar Jesus e a torná-Lo conhecido e amado»<sup>4</sup>.

### 3. O conhecimento próprio, graça da Companhia

Em algumas formulações da finalidade inclui-se explicitamente – está sempre implícito, embora não se diga – outro aspecto de raízes teresianas e até mais antigas<sup>5</sup>. É de Santo Agostinho a expressão «*conhecer-nos e conhecer-Te*».

O conhecimento-amor de Jesus é o «lugar», o âmbito, o meio ideal do conhecimento próprio e do conhecimento do próximo. É precisamente nessa *relação de amor entre o Tu* – tão diferente de mim, que me chamas à vida e a um diálogo de amor contigo – e o eu – criatura, pobre pecadora, mas feita à tua imagem, capaz de relação contigo, amada até à cruz e redimida, digna e formosa – que hei-de conhecer-me a mim, para além de te conhecer a Ti, como diz, e muito bem, a *Gaudium et Spes*:

«O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente [...]. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo, e descobre-lhe a sua vocação sublime»<sup>6</sup>.

A Santa repete-o muitas vezes e o próprio Senhor Iho declarou de uma forma infusa e poética: «Alma, procurar-te-ás em Mim, e a Mim, procurar-me-ás em ti»<sup>7</sup>. Unicamente na perspectiva de Deus, Criador e Redentor do homem, é que a pessoa humana reconhece a sua verdade de criatura, imagem de Deus, salva por Jesus Cristo. E somente em Jesus, o Homem Novo, o homem e a mulher conhecem aquilo que são chamados a ser.

Os escritos doutrinários e espirituais da Companhia, e obviamente a doutrina directa de Teresa de Jesus, afirmam a importância do *conhecimento próprio*, que é preciso pedir e em que temos de trabalhar pacientemente. E propõem toda uma pedagogia, na oração e na vida. Porque em *cada dia*, é a mão de Deus que nos modela nessa complexa teia de relações vitais. Em cada dia surgem *as ocasiões concretas* que nos permitem reconhecer *a verdade do que somos*, se estivermos atentos e desarmados; ocasiões de aceitação humilde dos

---

<sup>3</sup> 1 Cor 9,16-17.

<sup>4</sup> Cf. 1 Cor 9,18 y «*Fines principalísimos de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*» (1877), em EEO II, 408.

<sup>5</sup> Chamaram-lhe *socratismo teresiano*.

<sup>6</sup> GS N° 22.

<sup>7</sup> Poesia N° 4: «*Búscate en Mí*».

## «MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

erros ou fracassos, de atribuir valor relativo às incompreensões, de acção de graças.

A humildade, ou verdade de quem eu sou, é um valor fundamental para as irmãs da Companhia. Henrique de Ossó, seguindo a tradição inaciana do discernimento, propõe-lhes alguns meios destinados a aprofundarem a verdade *do que são*, e em ordem ao crescimento na verdade *do que são chamadas a ser*. São os «*exames*», charneira entre a oração e a vida. Uma maneira de vivermos conscientes. Fazem-nos estar atentas, como a sentinela, andar de olhos abertos e ouvidos atentos, aprender com a vida. São um meio, uma ajuda, para viver interiormente do Espírito, para que a experiência gere sabedoria.

### 4. CONCLUSÃO: «*O vosso único afã...*»

No *Sumário das Constituições (1882)* e nas *Constituições de 1888*, encontramos duas vezes esta expressão com atributos aparentemente diferentes: Ambas, no entanto, poderiam ser assim formuladas: Que o vosso único afã seja viver a vossa identidade, ser o que sois chamadas a ser – apóstolas – com as características que referimos.

Transcrevemos, em paralelo, as duas expressões. A primeira refere-se a cada irmã, e a segunda, à família apostólica, à Instituição e a cada uma das comunidades locais:

#### *Capítulo IV: a cada irmã*

1. «*Este deve ser o vosso único afã*
2. *ser todas de Jesus;*
3. *que não haja nada no vosso interior e exterior que não anuncie Jesus*»<sup>8</sup>

#### Capítulo V: à Comunidade

1. «O vosso único afã deve ser que
2. ←
3. a vossa humilde Companhia seja sempre a que dê à Igreja apóstolos mais perfeitos e zelosos do conhecimento e amor de Jesus Cristo»<sup>9</sup>

Observamos um perfeito paralelismo entre os dois textos, que falam essencialmente do mesmo, embora a partir de perspectiva diversas, complementares. Para ser apóstolas como Henrique de Ossó o entende, é necessário viver pessoalmente como diz o capítulo IV – «*ser todas de Jesus*», «*anunciá-lo*» com a própria pessoa, com a vida, inclusivamente com as formas

<sup>8</sup> Esse é o texto de C, em EEO II, 27. Em SC, EEO II, 26 diz o mesmo na terceira pessoa.  
<sup>9</sup> C, em EEO II, 29 e SC, em EEO II, 28. (Cf. V 30,17).

## «MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

exteriores –, para que a comunidade, a Instituição enquanto tal, a família religiosa da Companhia, seja verdadeiramente um *corpo apostólico* na Igreja e para o mundo.

O capítulo quinto realça, uma vez mais, o essencial da missão da Companhia: «*Apóstolas do conhecimento e do amor de Jesus*». Mas neste momento destaca a sua missão na Igreja: que a «*vossa humilde Companhia dê à Igreja apóstolos...*». Este é o seu contributo específico e carismático à única missão da Igreja, que é a de Cristo.

Podemos omitir os adjectivos «mais perfeitos e zelosos», desde que o substantivo «apóstolos» inclua sempre as notas características: «*Todas de Jesus*», «*nada, na pessoa, que não anuncie Jesus*», próprias do Apóstolo. E algumas tonalidades teresianas típicas da exagerada pretensão da Esposa, de que já falámos, e que o capítulo em causa volta a explicitar:

«Confessemos de bom grado, com [...] Teresa de Jesus, a imperfeição de que somos feitas, menos nos desejos e no amor de Jesus»<sup>10</sup>.

Quer dizer, esta humilde Companhia será fiel à sua missão na medida em que os seus membros viverem e servirem a Igreja e o mundo como Esposas-apóstolas. Apóstolas que, no século XXI, vão lançar mão de todos os meios ao seu alcance para que crianças e jovens, educadores, pais e mães de família, catequistas, sacerdotes, profissionais, aprendam a relacionar-se com Jesus. *Numa relação de amizade* na qual se encontrem com o Pai e com o melhor de si mesmos.

---

<sup>10</sup> SC, em EEO II, 28.



«MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

III Parte

### **EDUCADORAS TERESIANAS**

*«Formar Cristo Jesus nas inteligências,  
por meio da instrução,  
formar Cristo Jesus nos corações,  
por meio da educação»  
(Plano de Estudos, EEO II, 245).*

«MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

## INTRODUÇÃO

Henrique de Ossó foi um homem do seu tempo. Um cristão e um sacerdote preocupado com a sociedade e com a Igreja em que lhe coube viver. Tem os olhos muito abertos para tudo o que o rodeia, e contempla aquela Espanha das últimas décadas do século com o olhar de Jesus e de Teresa. Ama os homens e as mulheres do seu tempo, consciente das grandes dificuldades com que se deparam para serem felizes.

Henrique de Ossó preocupa-se com a enorme ignorância da maioria. A falta de instrução e de valores impede muitas pessoas de viverem com a liberdade dos filhos de Deus. As massas praticam uma religiosidade popular, que provoca a irritação e os ataques dos *ilustrados*, e que acaba por desfigurar a fé. As pessoas, em número cada vez maior, estão a ser vítimas do erro e da corrupção dos costumes.

*Jesus Cristo não é conhecido*, é o grito lancinante do apóstolo que descobriu em Jesus Cristo a salvação e a felicidade dos homens. O testemunho pessoal de Henrique de Ossó, fruto da sua experiência espiritual, exprime-se com as palavras de Jesus na oração sacerdotal: «*Esta é a vida eterna: que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem Tu enviaste*» (Jo 17,3). Estas palavras põem em movimento todos os projectos de Henrique de Ossó.

Discípulo e apóstolo de Jesus, Henrique de Ossó contempla a realidade com os olhos e o coração do Mestre. Desde muito jovem, tem a convicção de que a chave da *regeneração social* está na educação. E para educar cristãmente os mais novos, o Espírito Santo inspirou-lhe a Companhia de Santa Teresa de Jesus, *TERESIANAS MESTRAS PARA A REGENERAÇÃO DO MUNDO*.

«MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

## Capítulo XI

### «MESTRAS COMO JESUS, COMO PAULO, COMO TERESA DE JESUS»

A Companhia de Santa Teresa de Jesus surge como resposta educativa face a tanta necessidade. Desde o momento da sua Inspiração, a missão apostólica educativa do novo grupo de teresianas, é evidente. Educar as novas gerações, formá-las no espírito cristão que Teresa de Jesus viveu, será *o modo concreto* de participar na única missão da Igreja – evangelizar, levar o evangelho a todos os cantos da humanidade.

Há um certo grau de utopia nesta ideia, e uma forte consciência eclesial e social no projecto: educar os representantes das gerações futuras. Formar o homem e a mulher novos. Transformar, regenerar a sociedade e o mundo inteiro.

A Companhia nasce como *corpo apostólico de mulheres* educadoras, como Jesus e como Teresa de Jesus. Não só na maneira de ser e de viver, mas também na de actuar, no modo de estabelecer as relações educativas, Jesus – e dois dos seus discípulos, Paulo e Teresa, serão os *modelos de referência* deste instituto feminino.

#### 1. Jesus é o Mestre

Jesus é o centro da vida e da missão da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Nenhum dos mistérios da sua vida, paixão, morte e ressurreição, fica excluído ou minimizado na contemplação de Jesus ou no anúncio do seu evangelho. As suas palavras, os seus gestos salvadores, as suas atitudes, os seus mais íntimos sentimentos, são objecto de *conhecimento interno* dos seus discípulos e *boa notícia* para todos os homens. O Cristo de Henrique de Ossó e da Companhia de Santa Teresa de Jesus, é *o Cristo total*, como o de S. Paulo ou de Santa Teresa. Toda a vida da Companhia está centrada em Cristo. A sua missão na Igreja e no mundo consiste precisamente em *dar a conhecer Jesus*, e em proporcionar às novas gerações os meios de *O conhecerem e amarem*. Comunidade de discípulas de Jesus, a Companhia convida crianças e jovens a seguirem-na e oferece-lhes um caminho de amizade até à configuração total com Jesus: *a vida em Cristo* que viveram Teresa de Jesus e Henrique de Ossó.

Do Cristo total, Henrique de Ossó realça, no entanto, alguns aspectos, destaca algumas preocupações e repete algumas palavras que têm valor carismático.

Na Segunda Parte desta reflexão apresentámos as irmãs da Companhia, Apóstolas como Jesus. Aí explicámos o significado relevante e constitutivo que, para Henrique de Ossó e para a Companhia, tem a Missão de Jesus, o Filho amado do Pai.

Nesta Terceira Parte vamos destacar outro aspecto do mistério de Cristo com que sintoniza também o Fundador e a própria Companhia: *JESUS MESTRE*. O mesmo Jesus que, relativamente a Deus Pai, se assume como o Enviado ou o Apóstolo do Pai, é reconhecido, pelos *que acreditam n'Ele e O seguem*, como o Mestre.

Tanto no quarto evangelho como nos três sinópticos, Jesus aparece, em muitas ocasiões, como *o Mestre*. Assim se apresenta desde o início da sua pregação. Os evangelistas chamam discípulos *aos que acreditam em Jesus, O acompanham e dão testemunho d'Ele*. São discípulos de Jesus, por exemplo, André, irmão de Simão, e João, irmão de Tiago, Filipe e Natanael, que Jesus viu debaixo da figueira. Nicodemos faz-se discípulo depois do diálogo nocturno. O cego de nascença, e muitos outros. O evangelista João refere-se a si mesmo como sendo *o discípulo que Jesus amava*.

Jesus depressa formou *comunidade* com alguns discípulos. Com eles convive, com eles partilha a vida e a missão. E eles aprendem com Ele, não só as Escrituras, mas o sentido total da existência. Jesus ensina-os a chamarem Pai a Deus e a servirem-se uns aos outros por amor. Mais tarde, receberão também de Jesus o envio missionário, para continuarem a sua missão até à consumação dos séculos. A Igreja continua, na história, a missão de Jesus. A Companhia, com todas as comunidades cristãs, participa dessa missão.

Para Henrique de Ossó, Jesus é verdadeiramente Mestre. Um mestre diferente dos rabinos de Israel. Um mestre que ensina mais com a vida do que com as palavras<sup>1</sup>. Um mestre que não precisa de dizer palavras, porque Ele

---

<sup>1</sup> Lucas, no livro dos *Actos 1,1* refere-se ao evangelho como sendo o relato de «tudo o que Jesus fez e ensinou», no sentido em que Henrique de Ossó insistirá: primeiro actuou, depois é que ensinou com palavras.

O título de Mestre, Rabbi ou Rabbuni – o Senhor, depois da ressurreição – aparece 26 vezes no quarto evangelho referido a Jesus. Embora não seja um título exclusivo de Jesus, a sua maneira de o ser diferencia-se notoriamente dos mestres de Israel. Estes ensinavam aos seus discípulos a Lei de Moisés, e a sua actuação limitava-se ao Templo e à sinagoga. Jesus também ensina essas coisas, e vai ao Templo e à Sinagoga, mas fala com uma autoridade até então desconhecida. Mesmo os estranhos lhe reconhecem essa autoridade, e às vezes os guardas dos judeus não se atrevem sequer a tocar-lhe. Por outro lado, o seu ensinamento não se refere só à *letra* da Lei de Deus, mas sobretudo ao *espírito*. Cumpre a Lei, mas transcende-a. Explica as Escrituras aos seus discípulos, mas eles aprendem, sobretudo, com as suas atitudes. Acreditam, ao verem os sinais que realiza; alguns ficam escandalizados com as suas palavras duras (Jo 6,60-62);

próprio é a Palavra encarnada. E quando fala, fá-lo com autoridade: «*nenhum homem falou como Ele*». «*As suas palavras são obras*»<sup>2</sup>.

Desde muito jovem que o Fundador da Companhia estava persuadido de que *Jesus é Mestre de vida* para os homens e mulheres de todos os tempos e lugares. Jesus anuncia ao povo o reino de Deus, ensina o programa do reino às multidões – as bem-aventuranças –, e partilha o mandamento novo com os mais íntimos. Ele é *o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6) para todos os homens. Ninguém vai ao Pai senão por Ele, e ninguém alcançará a vida plena sem conhecer o Pai e o Filho. Na pessoa de Jesus estão reunidos todos os tesouros da sabedoria divina (Cl 2,3) que o próprio Deus quis partilhar com os homens.

Há algumas palavras do terceiro evangelho a que Henrique de Ossó presta uma extraordinária atenção. São, de facto, palavras importantes para os discípulos:

«Aprende de mim que sou manso e humilde de coração» (Lc 12,49).

Poucas vezes Jesus chamara a atenção para Si mesmo como agora. Apresenta-se como sendo a verdade existencial, a vida verdadeira, o mestre *manso e humilde* que encarna as bem-aventuranças<sup>3</sup>. E Henrique entende que, para pôr na vida o programa do Reino, para *viver a pobreza de espírito* e as atitudes do sermão da montanha, a melhor *escola* é o próprio Jesus, a pessoa do Mestre, o seu íntimo, os seus mais profundos sentimentos, o seu coração. *Um mês na Escola do Coração de Jesus*, é precisamente o título da sua última obra destinada a todos os cristãos discípulos de Cristo, e dedicada particularmente às irmãs da Companhia, *mestras como Jesus*, que deverão passar longo tempo numa tal escola. Apresenta-nos o livro com as seguintes palavras:

«Reconhecemos que penetrar no *Sancta Sanctorum* do seu Coração, é uma temeridade, mas é o próprio Jesus que, com a sua bondade e as suas palavras, nos convida a fazê-lo. Como aprenderíamos a sua mansidão e humildade?»<sup>4</sup>

### 1.1. *Mestras como Jesus, manso e humilde*

Se Jesus é Mestre, os discípulos e discípulas que foram Henrique de Ossó e as irmãs da Companhia, seguindo os seus passos e o chamamento do Mestre,

---

são iniciados na oração ao Pai e na vida trinitária; e por fim, são enviados ao mundo como continuadores da sua Missão, tal como o Pai enviara Jesus (Jo 17,18).

<sup>2</sup> É também esta a experiência de Teresa de Jesus que aparece em várias passagens da sua vida (Cf. V 25). A Henrique de Ossó causa muita impressão essa experiência evangélico-teresiana e refere-a repetidamente nos artigos da RT.

<sup>3</sup> Recordemos, no evangelho de Mateus (5,3-4), as primeiras bem-aventuranças: os pobres de espírito (= humildes) e os mansos.

<sup>4</sup> Prólogo MCJ, em EEO III, 456-457.

hãode ser também mestres e mestras de vida. Henrique de Ossó concebe a Companhia como um *corpo apostólico de mestras*, sempre em referência a Jesus.

Duas atitudes definem, fundamentalmente, o modo de ser e de se relacionar de Jesus: *humildade e mansidão*, atitudes essas proclamadas por Jesus no sermão da Montanha, como sendo as atitudes próprias do Reino:

«Felizes os *pobres em espírito* [= *humildes*], porque deles é o reino do céu...». «Felizes os *mansos* (*praeis*), porque possuirão a terra»<sup>5</sup>.

Há outro texto de Mateus, quase no fim do evangelho, que cita a profecia de Zacarias referida ao próprio Jesus: «Aí vem o teu Rei ao teu encontro, *manso...*»<sup>6</sup>.

O Salmo 37 fala também dos *mansos e humildes* num sentido muito semelhante ao da bem-aventurança:

«Ainda um pouco e já não verás o ímpio; mesmo que o procures, não vais encontrá-lo; porém, os pobres [= os humildes] possuirão a terra e terão felicidade e grande paz»<sup>7</sup>.

Que significado terão estas palavras, primeiras bem-aventuranças do sermão da montanha, que Jesus aplica a si mesmo, convidando os discípulos a aprenderem d'Ele?

Jesus personifica como ninguém a *humildade ou pobreza de espírito e a mansidão*. Duas atitudes evangélicas que Henrique de Ossó contemplou longamente no Mestre, e que descobriu como sendo *frutos do Espírito* em alguns dos seus discípulos. Francisco de Sales é, aos olhos de Henrique e das suas filhas da Companhia, «um dos santos *mais amáveis e semelhantes* ao nosso Salvador»<sup>8</sup>, precisamente pela sua *mansidão* e bondade<sup>9</sup>.

Quando fala desta *virtude*, Henrique de Ossó costuma referir juntamente alguma comparação que a esclareça. De S. Francisco de Sales diz, por exemplo, que o seu «carácter predominante, depois do zelo pela salvação das almas», «foi a *mansidão ou doçura*» no relacionamento com todo o tipo de pessoas, «até

<sup>5</sup> Mt 5,3-4.

<sup>6</sup> Mt 21,5. Lendo o original (Zc 9,9), deduz-se que a *mansidão* é uma característica fundamental deste Rei.

<sup>7</sup> Salmo 37 (36), 10-11.

<sup>8</sup> *Tributo amoroso a San Francisco de Sales* (TFS), em EEO III, 634.

<sup>9</sup> Recordamos uns apontamentos dos Exercícios Espirituais do Subdiaconado (Maio 1866), onde escreve na última página: «*Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração*». Finalidade: *Imitar e copiar Jesus no meu coração e no meu exterior, de modo que se possa dizer de mim o que [diziam] ao verem S. Francisco de Sales: «Assim se comportava Jesus»*» (Citado por ALTÉS em «*Apuntes biográficos*», RT 95-96, 270).



chegar a ser como Moisés, o mais manso dos homens do seu tempo»<sup>10</sup>. E continua: «A *doçura* de Francisco não era falsa nem aparente, mas verdadeira, filha do coração, como que a flor da caridade. *Doçura* que é boa, porque ama e enche a alma de misericórdia, e de um ar de cordialidade, fruto da afeição [...]. É uma dimensão da *humildade* que se manifesta nas relações cordiais com o próximo. Na realidade, a *mansidão* não é senão uma manifestação do amor fraterno, da caridade pastoral *paciente*, delicadamente *atenta* aos outros. Mais fácil que descrever a *mansidão* de uma forma abstracta, é falar da pessoa *mansa*, que se relaciona *cordialmente* com os outros:

«Francisco recebia *todos* com grande bondade [...]. Ouvia *todos* com paciência, como se não tivesse mais que fazer. Honrava muito a *todos* [...]. Na conversação não contradizia *ninguém* [...], não querendo violentar *ninguém*»<sup>11</sup>.

As pessoas *mansas*, como Jesus, sabem controlar os seus sentimentos, porque têm uma atitude aberta e respeitosa para com os outros. Vivem com serenidade e são interiormente livres, sumamente respeitadoras do mistério da liberdade pessoal. Porque a *mansidão* é a capacidade de compreender que, nas relações pessoais, não há lugar para a coacção nem para a prepotência, mas que são mais eficazes a *cordialidade* e o *amor*. A *mansidão* é a vitória da *paz* sobre a guerra, do *diálogo* e da *humildade* sobre o orgulho ou qualquer comportamento reactivo. A pessoa *mansa e humilde*, como Henrique de Ossó muito bem sabe, tem um tal poder de atracção que não há coração que lhe resista. Porque «os corações hão-de ser tratados *cordialmente* para serem conquistados»<sup>12</sup>.

Francisco de Sales, em quem se inspira Henrique de Ossó, explica a *mansidão* como a manifestação do amor de Deus Trindade no cristão. É como que o traje do homem novo, a expressão própria daqueles que, no baptismo, se revestiram de Cristo:

«Deus não é todo amor? Deus Pai é o Pai das *misericórdias*; Deus Filho chama-se *cordeiro*; Deus Espírito Santo mostra-se sob a forma da *pomba* que é a própria *doçura*. Se houvesse alguma coisa melhor do que a *benignidade*, Cristo Jesus no-la teria pregado e ensinado; e todavia, convida-nos a aprender d'Ele apenas duas lições: a *mansidão* e a *humildade de coração*»<sup>13</sup>.

Este é também um argumento de peso para Henrique de Ossó: *Jesus manso e humilde*, Mestre, escola e lição de vida.

<sup>10</sup> TFS, 670.

<sup>11</sup> TFS, 671.

<sup>12</sup> SC, em EEO II, 74. Sobre este tema, podemos ler o pequeno livro de Carlo María MARTINI, *Las Bienaventuranzas*, San Pablo, Bogotá, 1994, 17-24 e 37-45.

<sup>13</sup> TFS, em EEO III, 672.

### 1.2. Mestras como Jesus: ensinar com o exemplo e com a palavra

«O homem contemporâneo gosta mais de escutar os que *dão testemunho* do que os que *ensinam*, ou, se escuta os que *ensinam*, é por *darem testemunho*»<sup>14</sup>. Henrique de Ossó tinha a mesma convicção, cem anos antes da *Evangelii Nuntiandi*. Ele próprio fora educado na escola do amor e bom exemplo da sua mãe Micaela<sup>15</sup>, e nos primeiros anos escolares, e no seminário, experimentara também a influência positiva daqueles que viviam o que ensinavam. Há nele uma consciência fortíssima de que a educação passa mais pela pessoa que pelas palavras, e que as palavras são unicamente válidas se explicarem a vida. Mas foi sobretudo a contemplação de Jesus, o Mestre, que o confirmou na sua experiência formativa. O *modo* de Jesus *proceder* – Palavra viva de Deus – converte-se em regra de comportamento do Fundador e das educadoras teresianas:

«Cristo veio ensinar o caminho do céu, é certo, e ninguém mais do que Ele pôde dizer à face do mundo, com toda a verdade: «*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*». Mas há duas maneiras de ensinar: com o exemplo e com a palavra. A primeira é a mais importante, a única necessária, a mais digna de Deus [...]. E isso é o que faz o Filho de Deus *Coepit facere et docere*: Começou por fazer, e depois é que ensinou»<sup>16</sup>.

É também esse o argumento de uma importante meditação dos Exercícios Espirituais na qual se analisam as *mediações* apostólicas do Instituto. Ao falar do *ensino*, Henrique de Ossó remete para o *modo de proceder* do Mestre. Não há outro modo para aquelas que se definem como discípulas de Jesus, enviadas por Ele a ensinar em seu nome:

«Ensinar com o exemplo, com a palavra. Como Jesus, que começou primeiro a fazer, e depois a ensinar<sup>17</sup>. Assim vós. Fazer antes de dizer. Realizar antes de ensinar. Praticar antes de pregar: obras e palavras, assim é que a palavra será eficaz. Ninguém lhe poderá resistir»<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> EN n° 41.

<sup>15</sup> «tão bondosa e complacente pedagoga», de cuja formação «ainda recordo, com grande consolação, os momentos deliciosos que passávamos [...] a ouvir, da boca de Micaela a história sagrada». EEO III, 898.

<sup>16</sup> MCJ, em EEO III, 491. A frase em itálico é de Act 1,1.

<sup>17</sup> É o que diz Lucas no início dos Actos dos Apóstolos: «No meu primeiro livro, ó Teófilo, narrei as obras e ensinamentos de Jesus desde o princípio...» (Act 1,1).

<sup>18</sup> EE, em EEO II, 650-651.

Tão simples como isso e tão comprometedor. As irmãs da Companhia, mestras por vocação, hão-de ensinar como Jesus, com a palavra e o exemplo. «E como a mais eficaz das lições é o bom exemplo, procurarão, com todo o afinco, que as suas discípulas não vejam nelas senão imagens vivas das mais sólidas virtudes, imitando Jesus e a sua Teresa, para zelar melhor a sua honra»<sup>19</sup>. Até «poder dizer-lhes – com o Apóstolo – sede meus imitadores como eu o sou de Cristo»<sup>20</sup>.

Este «princípio de educação cristã»<sup>21</sup>, é repetido nos documentos doutrinários, formativos e pedagógicos da Companhia, todos marcados por este lema, até ao ponto de ser conatural ao estilo educativo da Companhia. E quase sempre a encontramos expressa do mesmo modo, como *ritornello* em cada página:

- «*Às Professoras das Educandas*»:
 

«E como a mais eficaz das lições e a mais inteligível para todos é o *bom exemplo*, procurarão, com todo o afinco, que as suas discípulas vejam nelas...»<sup>22</sup>.
- «*À Mestra das Educandas*»:
 

«Vá sempre à frente na observância e no *bom exemplo*. Não lhes diga: Fazei, mas façamos»<sup>23</sup>.
- «*Deveres da Directora do Colégio*»:
 

«Em cada dia: quanto a si, considere como cumpre o seu importantíssimo cargo: se é a primeira no *bom exemplo*, ofícios humildes e observância de todas as partes das Constituições»<sup>24</sup>.
- «*Às Professoras*»:
 

«Ensinai mais com o *exemplo* que com as palavras. A virtude não se ensina com o vício [...]. As colegiais só hão-de ver *bons exemplos* de virtude e perfeição nas irmãs, e assim serão levadas a fazer o mesmo»<sup>25</sup>.
- «*Leis gerais da Educação Moral*»:
 

«A educação moral é positiva. Não negativa. Porque o bem aprende-se melhor com os *bons exemplos* do que com os maus. Por isso, as crianças só hão-de ver *bons exemplos* [...]. Digam-lhes sempre, mostrando em si mesmos a virtude [...]: sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo»<sup>26</sup>.

---

<sup>19</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>20</sup> AP, em EEO II, 776.

<sup>21</sup> Ibid., 766.

<sup>22</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>23</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 351.

<sup>24</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 356.

<sup>25</sup> MR, em EEO II, 491 e 495.

<sup>26</sup> AP, em EEO II, 754-755.

«A educação moral faz-se mais com máximas breves, com *actos e exemplos*, do que com teorias ou discursos. À criança é devida a máxima reverência ou respeito [...]. *O exemplo* é a lição mais eficaz, porque se baseia no espírito de imitação, tão forte e desenvolvido na criança»<sup>27</sup>.

- «*Princípios da Educação Cristã*»:
  - «*O exemplo* é o meio mais eficaz de educação. A mestra diga: vamos fazer, e não fazei»<sup>28</sup>.
- «*Finalidade da Educação e ofício da mestra como cooperadora*»:
  - «A mestra deve cooperar com a finalidade da educação, pela sua parte, com o exemplo, a palavra, e todas as suas capacidades»<sup>29</sup>.
  - «Deve poder dizer-lhes [...]: Sede nossos imitadores, como nós o somos de Cristo, e Cristo disse: Aprendei de Mim que sou manso e humilde de oração...»<sup>30</sup>.
- «*Como deve ser a educação*»: uma longa série de *provérbios* populares insistem no tema: Prioridade das *atitudes* sobre as *teorias*. Preferência do *visual* sobre o *auditivo*. Necessidade de coerência entre o *dizer* e o *fazer*.
  - «O meio mais eficaz é o bom exemplo. Por isso, não há pior praga, nem pode haver, para um povo ou uma nação, do que um mau mestre».
  - «S. Paulo [...] quer que os *pais e mestres* se mostrem em tudo *exemplares nas boas obras* (Tito 2,7)».
  - «Sem o exemplo que confirma o ensino, todos os ensinamentos são quase estéreis, senão prejudiciais, muitas vezes».
  - «O exemplo arrasta mais que a palavra».
  - «A virtude não se gera com o vício».
  - «Acreditamos mais no que vemos do que no que ouvimos»<sup>31</sup>.
  - «A escola do bom exemplo forma melhor os grandes homens do que a instrução»<sup>32</sup>.
  - «As acções dos pais e das mães são leis certas e boas aos olhos fechados das crianças».
  - «As crianças vivem da imitação e só sabem copiar o que vêem».
  - «Se fosse feita a anatomia do espírito das crianças, veríamos que é cópia exacta da dos seus pais e mestres. Nos seus filhos se conhece o homem (Eccl 11,30)»<sup>33</sup>.

Na Companhia, não são só as professoras que estão moralmente obrigadas a ensinar com o exemplo. Todas as irmãs, e muito especialmente as

<sup>27</sup> AP, em EEO II, 755.

<sup>28</sup> AP, em EEO II, 767.

<sup>29</sup> AP, em EEO II, 777.

<sup>30</sup> AP, em EEO II, 779.

<sup>31</sup> AP, em EEO II, 776.

<sup>32</sup> AP, em EEO II, 777.

<sup>33</sup> AP, em EEO II, 776-777.

que têm responsabilidades de governo, estão persuadidas da sua importância, e o Fundador não se cansa de o repetir às formadoras e superiores:

- «À Superiora Geral»:
 

«Vá à frente de todas as irmãs no *bom exemplo* [...]. À imitação do Filho de Deus e de Santa Teresa, compete-lhe servir todas as irmãs, e não ser servida; e portanto, deve comportar-se como serva das servas de Deus e Mãe das Filhas de Cristo Jesus e sua Teresa»<sup>34</sup>.
- «Às Superiores»: No *Catecismo das Directoras* há um ponto com o seguinte título: «*Ensinai com o exemplo, ensinai com a palavra*»<sup>35</sup>. Destacamos algumas recomendações concretas:
 

«Tu, Superiora, amada filha em Jesus Cristo, deves, como Ele, *ensinar primeiro com o exemplo*, e depois com a palavra [...]. És *guia*... se não fores à frente, como poderás ensinar?»<sup>36</sup>.

«*O exemplo*, Superiora, é o primeiro dever que o teu cargo te impõe. Não te esqueças. Sem o bom exemplo, todas as tuas funções são inúteis, estéreis»<sup>37</sup>.

Uma tal insistência no «*bom exemplo*» manifesta um conceito de educação que vai além da mera instrução e que considera, portanto, a educadora como *mestra de vida*. «O exemplo» é a mais inteligível das lições, a mais eficaz, quando as lições não se referem prioritariamente a conceitos e abstrações, mas se orientam sobretudo para a vida.

Segundo este conceito pedagógico, só será verdadeira educadora a irmã que *viver em Cristo* e na medida em que estiver *configurada com Ele*. O testemunho pessoal de vida converte-se em condição essencial em ordem a uma eficácia real da educação teresiana<sup>38</sup>. Por isso o Fundador insiste tanto em que as irmãs, não só conheçam bem as Constituições ou Regras da Companhia – que são o evangelho lido a partir do Carisma –, mas que as vivam, as convertam em carne da sua carne ou, como Henrique de Ossó gosta de repetir, que sejam *Regras vivas*.

### 1.3. Mestras como Jesus nas suas opções preferenciais

Nas meditações do *Quarto de Hora*, do *Mês na Escola do Coração de Jesus* e dos *Exercícios Espirituais* – livros de meditação e oração das irmãs –,

<sup>34</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 340.

<sup>35</sup> *Catecismo de Directoras* (DS), em EEO II, 806-808.

<sup>36</sup> DS, em EEO II, 806.

<sup>37</sup> DS, em EEO II, 806.

<sup>38</sup> Cf. EN 76: «autênticas testemunhas». Tudo o que se diz do evangelizador, pode aplicar-se exactamente à irmã da Companhia de ontem e de hoje.

Jesus aparece como o mestre de vida que ensina sobretudo com a sua pessoa – «*aprendei de Mim*». Ensina também com as suas palavras, que coincidem ou explicam as suas atitudes, os seus sinais salvadores, as suas acções. Através destas meditações vemos que Jesus se dirige a todo o povo, a todas as gentes, sem «fazer acepção de pessoas»; mas observamos também que tem as suas preferências e Henrique de Ossó põe-nas em evidência.

Ensinar como Jesus, ser mestras como Ele, significa relacionar-se com as pessoas com as mesmas atitudes de Jesus, *manso e humilde*. Significa, por outro lado, fazer *as opções apostólicas* de Jesus. A maior parte das meditações destes livros não têm outro objectivo senão mostrar Jesus – que é *Mestre* não só daquelas pessoas que O seguiam na Galileia, os seus primeiros discípulos, mas também dos mestres e catequistas que lêem o livro:

«Imagina Cristo percorrendo as cidades, vilas e aldeias da Judeia, ensinando o reino dos céus às multidões, e que te diz: *Vê e faz segundo o modelo*»<sup>39</sup>.

Uma das meditações dos *Exercícios Espirituais* propõe à contemplação das irmãs «Três espécies de pessoas [que Jesus] distingue na sua convivência: Os inocentes, os pobres e os pecadores»<sup>40</sup>.

1) «*Os pecadores convertidos e os pecadores endurecidos ou hipócritas*». Jesus distingue e, ao mesmo tempo, inclui todo o tipo de pecadores, já que não são os que têm saúde, mas os doentes, que necessitam de médico:

«Jamais lançou em rosto aos pecadores [arrepentidos] os seus pecados: pelo contrário, distinguiu-os com provas especiais de amor de predilecção. Testemunha-o Zaqueu, por quem se fez convidar para comer em sua casa; Mateus, o publicano [...]; a samaritana, a mulher adúltera, a quem perdoa; testemunha-o sobretudo Madalena<sup>41</sup> pecadora, a qual admite na sua companhia, defende dos acusadores, admite ao pé da cruz e é das primeiras a quem aparece depois de ressuscitado»<sup>42</sup>.

2) O segundo grupo de pessoas pelo qual Jesus manifesta preferência, são *os pobres*, os ignorantes, aqueles com quem ninguém se ocupa nem preocupa:

«Evangeliza os pobres, acolhe com acentuada bondade e especial predilecção os ignorantes e o povo».

<sup>39</sup> EE, em EEO II, 694.

<sup>40</sup> EE, em EEO II, 694-695. Numa meditação do *Quarto de Hora* é feita a pergunta: Que normas, que leis observa Jesus nos seus contactos e conversas com os homens? Com quem se relacionava?» E é dada a resposta: «- Com todos, de preferência com os pobres, simples e humildes, sem nenhuma acepção de pessoas». EEO I, 326.

<sup>41</sup> Sobre Madalena há uma admirável meditação em CH, EEO I, 315-317.

<sup>42</sup> EE, em EEO II, 694-695.

3) *As crianças* são o grupo predilecto entre os preferidos de Jesus, e também entre os predilectos de Henrique. E não há dúvida de que essa predilecção pelos pequenos, pelas crianças, pelos inocentes, tem um fundamento cristológico no Fundador da Companhia:

«Abraça, acaricia, abençoa e afaga os inocentes, como são as crianças. Deixai – diz – vir a mim as crianças, e não as impeçais, porque delas é o reino dos céus; e ameaça com penas eternas aqueles que as escandalizarem»<sup>43</sup>.

Termina a meditação convidando a irmã exercitante a fazer suas *opções preferenciais de Jesus*:

«Quem não se animará com este exemplo e dedicará especial carinho às *criancinhas e mais pequenos*, que são as almas inocentes mais amadas por Jesus? Quem não procurará dar alegria a Cristo trazendo-lhe *muitas almas convertidas*? Quem desdenhará a convivência e comunicação com *os simples, os pobres, os rudes do povo*, vendo que Cristo os distingue e os prefere com todo o amor?»<sup>44</sup>.

A preferência de Jesus – e de Henrique de Ossó – pelas crianças, manifesta-se não só – e não tanto – nas meditações que falam explicitamente de três grupos preferenciais, mas sobretudo numa delas, dedicada exclusivamente às crianças. Estamos a referir-nos, concretamente, a uma medição do *Quarto de Hora*, incluída na edição de 1884, quando a Companhia tinha já vários anos de rodagem. Intitula-se: «*Comportamento de Jesus para com as crianças*»<sup>45</sup>. Nela está contido o fundamento cristológico desta opção educativa da Companhia. E por outro lado, tem uma intenção pastoral – de pastoral vocacional –, muito maior do que poderia parecer numa leitura superficial.

Toda a meditação se propõe duas coisas intimamente relacionadas: persuadir o exercitante – educadora teresiana principiante – da preferência de Jesus pelas crianças, explicando as razões dessa preferência. E suscitar na jovem desejos de ser, *como Jesus*, educadora de crianças na Companhia. A estrutura e o conteúdo da meditação são perfeitos. Transcrevemos alguns parágrafos sumamente interessantes:

- *Composição de lugar*: «Contempla Jesus rodeado de pequenitos, abraçando-os, acariciando-os, amimando-os e abençoando-os»<sup>46</sup>.

A petição inicial avança o segundo objectivo, proposto já como súplica:

---

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> CH, em EEO I, 320-322.

<sup>46</sup> CH, em EEO I, 320.

- «Jesus, faz que te imite neste amor de predilecção pela infância».

O corpo da meditação desenvolve muito bem o tema:

Primeiro vêm *as atitudes e os gestos* de Jesus para com as crianças, interpretados por Henrique de Ossó com a *sua antropologia teológica* e a sua perspectiva de educador:

«[Jesus] abraçava, abençoava, acariciava as crianças [...]. Defendia as crianças [...]. Referia as crianças como modelo e exemplo daqueles que queriam entrar no reino dos céus [...]. Ressuscitava as crianças, pegava nelas ao colo e beijava-as em sinal de amor, de preferência, porque *via nelas os representantes das gerações vindouras [...]*, almas feitas à imagem e semelhança de Deus [...] não contaminadas pelo pecado [...], templos vivos do Espírito Santo [...], paraíso de delícias do próprio Deus».

No segundo ponto vêm *as palavras* de Jesus a respeito das crianças:

«O que fizerdes a um destes pequeninos, diz Jesus Cristo, a Mim o fizestes...».

Por fim, é o próprio Henrique de Ossó que apresenta as suas razões, fruto da *experiência* que tem:

«Além disso, minha filha, *é a única gente de bem que ainda há no mundo* [...]. Em todos os outros, se com eles contactares, encontrarás mais ou menos lodo, falsidade, ingratidão, desvio [...]. Só na infância encontrarás verdade, simplicidade, candura, amor desinteressado».

No final de cada um dos três pontos, a jovem é interpelada num *crescendo*, propondo-lhe o que poderia pôr em prática na Companhia. No terceiro ponto fala-se abertamente do apostolado do ensino:

«... São esses os motivos da sua predilecção pela infância [...]. E tu, ama-la como Jesus?».

«As palavras, o exemplo, as promessas de Cristo Jesus, tudo nos convida e nos leva a amar a infância, a olhar pelo seu futuro, a velar pela sua inocência, a cuidar da sua educação cristã».

«Mil vezes feliz serias, minha filha, se o Senhor te chamasse a cultivar a parte mais bela e preciosa do jardim da Igreja *pelo apostolado do ensino*».

Segundo o mesmo critério de análise, encontramos *outro grupo preferencial* de Jesus-Henrique: *as mulheres*. Será por a mulher ter feito parte, na secular tradição da humanidade, dos excluídos da história? Duas meditações do *Quarto de Hora* – também incluídas na edição de 1884 – dão-nos a chave e propõem-nos o argumento.



A primeira, intitulada *Comportamento de Jesus para com o próximo*, é surpreendentemente dedicada a *Madalena*<sup>47</sup>. Maria Madalena é a *mulher pecadora* que ama Jesus. Representa, simultaneamente, as mulheres e os pecadores. Prova disso é que, na meditação dos *Exercícios* com esse mesmo título, se fala das três classes de pessoas já referidas: os inocentes (as crianças), os pobres e os pecadores<sup>48</sup>.

A outra meditação esclarece muito mais o tema. Intitula-se: *O que deve a mulher a Jesus Cristo*. É uma síntese muito pensada sobre a relação cordial de Jesus com as mulheres do evangelho, uma relação surpreendentemente positiva, sobretudo se for avaliada dentro dos parâmetros da história e da sociedade do século XIX em que foi escrita.

Muito acertadamente, Henrique de Ossó apropria-se daquela expressão de Teresa de Jesus, que foi eliminada do *Caminho de Perfeição* pelos misóginos censores da sua obra e que hoje, no entanto, nos agrada tanto. Também agradou a Henrique de Ossó, pois introduz o tema com essas palavras da Santa<sup>49</sup>. A *preferência* de Jesus pelas mulheres, como se vê no evangelho, é evidenciada precisamente pelo contraste com o comportamento comum do varão para com a mulher. Teresa de Jesus exprime-o com uma construção adversativa perfeita:

«Não aborreceste, ó bom Jesus, quando andáveis pelo mundo, as mulheres, antes as favoreceste sempre com muita piedade...»<sup>50</sup>.

## 2. Mestras como Paulo e como Teresa

Sendo Jesus o «Mestre divino de todos os pedagogos»<sup>51</sup>, o único a quem verdadeiramente podemos chamar Mestre, há outros educadores que o são *aproximadamente* e apenas na medida em que deixam transparecer o *Mestre*. S. Paulo é, na opinião de Henrique de Ossó, «um dos mais excelentes pedagogos cristãos»<sup>52</sup>, sempre em referência a Cristo. O Apóstolo, não só pregou Jesus Cristo aos pagãos, mas foi o grande educador da fé das primeiras comunidades.

Paulo foi, antes de mais, discípulo de Jesus, com uma forte experiência pessoal de *vida em Cristo*. Por isso, soube depois anunciá-lo com coragem e soube cultivar, no íntimo dos crentes, essa mesma *vida no Espírito*. Henrique de Ossó considera as cartas paulinas como uma verdadeira escola de vida cristã até alcançar a *identificação com Cristo*. Não é de estranhar, pois, que haja tantas

<sup>47</sup> CH, em EEO I, 315-317.

<sup>48</sup> Cf. EEO II, 694.

<sup>49</sup> Só com as que eram conhecidas em 1884. A maior parte do parágrafo foi apagado pelos censores e até aos nossos dias não foi possível recuperá-lo.

<sup>50</sup> CH, em EEO I, 318.

<sup>51</sup> AP, em EEO II, 776.

<sup>52</sup> *Ibid.*

referências às cartas e à pessoa de Paulo nos escritos pedagógicos de Henrique de Ossó e da Companhia. Têm o mesmo ideal educativo que Paulo, ou seja, Cristo, e consideram que a meta da educação cristã é chegar a ter a mesma experiência do Apóstolo: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20).

Teresa de Jesus é a outra discípula de Cristo que, tal como Paulo, fez a experiência da união mística<sup>53</sup>, e que foi precisamente nessa experiência do *matrimónio espiritual* que recebeu o *encargo apostólico*, como vimos. O seu ensinamento baseia-se na *união das vontades*.

Estes dois mestres do espírito, forjadores de discípulos e discípulas de Jesus, acompanharam Henrique de Ossó no seguimento de Cristo, e estão presentes, com o seu *espírito* e com a sua *palavra*, também entre as irmãs da Companhia. Ambos podem dizer com verdade:

«Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo»<sup>54</sup>.

### 2.1. Mães em espírito

A maternidade espiritual é talvez a forma mais elevada de magistério. S. Paulo teve a intuição da profunda relação existente entre *ser mãe* e a missão que lhe foi confiada, ao ponto de recorrer, em várias das suas cartas, à *imagem materna* para exprimir o vínculo espiritual que o unia aos seus catecúmenos<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> No final do livro das *Moradas*, quando Teresa de Jesus se propõe *revelar* «o que [qual] é o fim para que o Senhor faz tantas mercês neste mundo», só pode recordar S. Paulo que, para além de *apóstolo*, considera sobretudo *místico*: «Como pensais que poderia S. Paulo sofrer trabalhos [apostólicos] tão grandes? Por ele podemos ver que efeitos fazem as verdadeiras visões e a contemplação» (VII M 4,5).

<sup>54</sup> Este versículo da 1ª carta aos Coríntios (4,16) é repetido muito frequentemente por Henrique de Ossó, aplicado às mestras (Cf. por exemplo AP, EEO II, 754).

<sup>55</sup> Além de constar do texto citado (Gálatas 4,19), a metáfora da maternidade-paternidade aparece em várias ocasiões referida ao Apóstolo:

– 1 Cor 3,2: «Quanto a mim, irmãos [...] como a criancinhas em Cristo, foi leite que vos dei a beber e não alimento sólido».

– 1 Cor 4,14-15-15.16: «Não escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar, como a meus filhos muito queridos. Na verdade, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, pelo evangelho. Rogo-vos, pois, que sejais meus imitadores».

– 2 Cor 6,13 e 7,1-2: «Ó Coríntios [...] pagai-nos com a mesma moeda – como a filhos vos falai: dilatai, também vós, o vosso coração. Caríssimos, dai-nos um lugar nos vossos corações».

– 1 Ts 2,7b-8: «Fomos afectuosos no meio de vós, como uma mãe que acalenta os seus filhos quando os alimenta. Tanta afeição sentíamos por vós, que desejávamos ardentemente partilhar convosco, não só o evangelho de Deus, mas a própria vida, tão queridos nos éreis».

– 1 Ts 2,11: «Sabeis que, tal como um pai trata cada um dos seus filhos, também a cada um de vós exortámos».

– Na Carta aos Romanos 8,21-22, as dores de parto têm um sentido cósmico e escatológico: «A criação [...] [está] na esperança de que também ela será libertada da escravidão».

Aos cristãos da Galácia que se encontram em perigo iminente, fala-lhes nestes termos:

«Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós»<sup>56</sup>.

Nesta carta, o Apóstolo dos gentios serve-se das imagens maternas da *gestação e do parto* para se referir ao lento processo da educação na fé. As dificuldades sofridas pelo educador – neste caso, pelo próprio S. Paulo – assemelha-as ele às dores de parto.

Tal como o Apóstolo, as irmãs da Companhia têm uma clara consciência do que é nuclear na sua missão educativa:

«Formar Cristo Jesus nas inteligências pela instrução, [...] e nos corações pela educação»<sup>57</sup>.

Consagram a esta finalidade «todas as suas qualidades naturais e sobrenaturais» e estão «dispostas a todos os sacrifícios». Assim o exprimem os *Apontamentos de Pedagogia*, expressamente destinados às mestras das crianças, a quem o Fundador reconhece uma missão privilegiada entre as educadoras. Mas o que delas diz pode ser extensivo a todas as educadoras teresianas:

«Uma mestra [de crianças] para ser uma boa e perfeita mestra, deve, antes de mais nada, ser mãe, uma verdadeira mãe. Deve revestir-se das entranhas de mãe que o amor de Cristo, mais forte que a morte, lhe há-de dar»<sup>58</sup>.

Na Escola de Santa Teresa, a pedagogia, os conteúdos, os meios pessoais e instrumentais, destinam-se à mesma finalidade que S. Paulo se propunha, «modelo perfeito dos grandes pedagogos»<sup>59</sup> para com os seus catecúmenos.

### 2.1.1. Mães enquanto Esposas de Jesus

Para explicar o modo de ser *maternal* da educadora teresiana, o Fundador – embora inspirando-se no apóstolo S. Paulo – recorre à experiência espiritual de Teresa de Jesus, como raiz do estilo apostólico da Companhia. Com efeito, é a consciência e a experiência de *esposa* do Senhor que torna possível, em cada irmã, a consciência-experiência de *mãe* dos irmãos. É um modo particular de ser mestras, vivido sob a influência da experiência feminina de Teresa de Jesus.

---

da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente».

<sup>56</sup> Gl 4,19.

<sup>57</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>58</sup> AP em EEO II, 843.

<sup>59</sup> RT, em EEO III, 894.

Desde o princípio que essa relação é evidente nos *Apontamentos de Pedagogia*, onde se insiste nas características essenciais da mestra teresiana. Apesar da falta de sistematização do texto, impressiona-nos a clareza e a coerência de ideias desse breve ensaio que Henrique de Ossó deixou inacabado. É evidente, por outro lado, que a obra não é pura especulação, antes descreve o que fazem as irmãs.

Não há dúvida de que o aspecto mais relevante, consequência do *matrimónio espiritual*, é a maternidade espiritual das mestras. Estas mulheres que, enamoradas de Jesus Cristo, renunciaram a constituir a sua própria família – e que, portanto, não vivem a admirável experiência da maternidade natural: conceber, gerar, dar à luz e educar os filhos, com a consequente necessidade de saírem de si e de se transcenderem neles, como caminho para a maturidade do amor –, também podem dar vida a inúmeros filhos, como esposas de Jesus Cristo, pois são chamadas, enquanto *mestras*, à experiência misteriosa e enriquecedora da *maternidade espiritual*. Assim o explica o Fundador num dos seus artigos sobre educação no qual investiga as causas da crise familiar:

«E como não existem estas mães naturais, é mister que assumam este cargo, o mais importante de todos, *outras mães* nas quais o amor de Jesus Cristo infundiu *entranhas de mãe*. Estão neste caso as *mestras católicas*, aquelas que, compreenderam a transcendência de um tal cargo. Cristo Jesus [...] *tendo-as desposado consigo* em fé e amor, concedeu-lhes um amor sobrenatural mais elevado, mais terno, mais constante e perfeito que o amor de mãe natural, para formar o coração da infância»<sup>60</sup>.

Noutro artigo dessa mesma série, em Dezembro de 1877, aparecera já a mesma ideia, também sem falar explicitamente da Companhia:

«Ainda bem que a Religião foi capaz de incutir *entranhas de mãe* naquelas que nunca conceberam, tornando fecundas a fé e a graça de Deus em almas que guardam virgindade perpétua»<sup>61</sup>.

E por fim, no início do ensaio de pedagogia, Henrique de Ossó dirige-se às mestras teresianas com as seguintes palavras:

«Não quisestes, renunciastes [...] a ser mães segundo a carne, escolhendo a melhor parte, isto é, Jesus como único Esposo [...], e Jesus fez de vós mães, segundo o espírito, de inumeráveis filhos»<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> RT Junho de 1878, em EEO III, 860-861.

<sup>61</sup> RT, em EEO III, 839.

<sup>62</sup> AP, em EEO II, 742.

Só com esta consciência simultânea de esposa e mãe, a irmã da Companhia pode realizar a sua vocação de mestra teresiana. Há, entre essas duas facetas, uma tal inter-relação, que o amor necessário para dar vida, como mãe, tem a sua fonte no facto de ser esposa.

Essa interpretação carismática da *missão* da educadora teresiana só se explica por uma avaliação muito positiva da maternidade – fruto, no caso de Henrique de Ossó, da experiência da sua mãe Micaela<sup>63</sup>. O Fundador da Companhia, por outro lado, situa-se na tradição neotestamentária segundo a qual a fecundidade e a descendência na ordem natural – que no Antigo Testamento é sempre fruto de uma bênção de Deus – tem correspondência na ordem da graça. Se a Bíblia exprime em termos esponsais a relação de amor entre Deus e a humanidade, não é de estranhar que a paternidade e a maternidade humanas sejam encaradas, pelo evangelizador e pelo educador cristão, como imagens sumamente expressivas da sua missão:

«A graça tem mais força, maior beleza e eficácia que a natureza, por isso sois mães espirituais de inumeráveis filhos. A vossa geração e descendência, quem a enumerará? Os vossos frutos, quem os poderá contar?»<sup>64</sup>.

Com um tal entendimento, é evidente que a *maternidade espiritual* na Companhia é mais que uma bela imagem do evangelizador. É uma realidade carismática que, passando pela experiência *esponsal* de Teresa e pelo desejo explícito do Fundador, cada irmã é chamada a viver na sua maneira de ser pessoal e na sua realidade histórica.

### 2.1.2. *Entranhas de mãe, entranhas de Jesus*

As irmãs da Companhia sabem que fazer a experiência da *maternidade espiritual* significa, para cada uma, ser verdadeiramente *misericordiosa, compassiva*, capaz de se comover interiormente perante a fraqueza dos irmãos como se fossem filhos. Segundo Henrique de Ossó, ter *entranhas de mãe* e, conseqüentemente, viver dia a dia esta maternidade, não é senão amar com *um coração manso e humilde* como o de Jesus. Além disso, o Fundador da Companhia sabe, por experiência, que esta aprendizagem da mestra só é possível na *Escola do Coração de Jesus*:

«Todas as mestras de crianças e da Companhia, irão todos os dias, antes de entrarem na escola das crianças ou das meninas, visitar e entrar na sua Escola que é o Coração de Cristo Jesus, e meditarão durante alguns minutos na lição que

---

<sup>63</sup> Seria interessante investigar a *influência determinante que tiveram as respectivas mães nos grandes pedagogos de todos os tempos.*

<sup>64</sup> Ibid.

lhes dá o divino Mestre: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. Deixai vir os pequeninos e não os estorveis...»<sup>65</sup>.

Nas múltiplas exortações às irmãs, alterna as expressões que se referem às *entranhas de mãe* com as que se referem a Jesus:

«Deveis revestir-vos de entranhas de mãe que o amor de Cristo, mais forte que a morte, vos dará»<sup>66</sup>.

E ainda: «Ao educar, revesti-vos das entranhas de Jesus Cristo»<sup>67</sup>.

Aquelas ternas palavras de S. Paulo aos Gálatas, aplica-as Henrique de Ossó a Jesus e, por meio do Apóstolo, põe-nas também na boca *daqueles que educam em Cristo*:

«Ao educar, revesti-vos das entranhas de Jesus Cristo que, por meio do seu Apóstolo S. Paulo, diz a todos os que educam: «Filhitos meus, que dou outra vez à luz até que Jesus Cristo se forme em vós»»<sup>68</sup>.

E como Jesus é o ponto de referência, o modelo de identidade, o centro da comunidade teresiana e de cada uma, o Mestre interior que ensina a amar como Ele aqueles que n'Ele permanecem<sup>69</sup>, não é de estranhar que o Fundador da Companhia argumente como se segue:

«A virtude característica do Coração de Jesus, depois da humildade, é a mansidão, a qual deve sê-lo também da sua obra predilecta»<sup>70</sup>.

É o próprio Jesus de Nazaré – que tratava as crianças com ternura, se compadecia das multidões, curava os doentes, perdoava os pecadores – que ensina pessoalmente a educadora teresiana, instruindo-a interiormente como sua esposa<sup>71</sup>. Assim como a *humildade* é a atitude da pessoa para consigo mesma numa perspectiva de verdade evangélica, a *mansidão* é a atitude da pessoa humilde para com os outros. Por isso, não pode haver *mansidão* sem *humildade*.

---

<sup>65</sup> AP, EEO II, 747. No verão de 1894, estando em Roma, escreveu *Un mes en la Escuela...* e *Los Apuntes...*

<sup>66</sup> AP, em EEO II, 743.

<sup>67</sup> MR, em EEO II, 491.

<sup>68</sup> MR, em EEO II, 491.

<sup>69</sup> Cf. 1 Jo 2,6.

<sup>70</sup> SC, em EEO II, 74.

<sup>71</sup> Cf. SM: «*Práctica de la mansedumbre*», em EEO III, 436.

S. Paulo, em várias das suas cartas<sup>72</sup>, convida os cristãos a exercitarem-se na *mansidão*, atitude característica do discípulo de Cristo, fruto do Espírito Santo naqueles que *vivem em Cristo*. E Santa Teresa é contemplada por Henrique de Ossó como uma mulher amável, atraente, «roubadora de corações»:

«Quem terá havido de mais amável, mais terna, mais afectuosa, mais destra na arte de ganhar e manejar corações?»<sup>73</sup>.

Teresa, mestra de vida, mestra de cordialidade e de empatia:

«Pois esta sábia Mestra, não contente com ser ela afável, recomenda-o às suas filhas encarecidamente, dizendo-lhes: «*Sempre que puderdes, sem ofender a Deus, procurai ser afáveis e comportai-vos de maneira que todas as pessoas que contactarem convosco, gostem da vossa conversação e desejem a vossa maneira de viver, e não se atemorizem nem amedrontem com a virtude...*»

A afabilidade<sup>74</sup>, a capacidade de reconhecimento e escuta do outro, que pressupõe uma disposição positiva para o diálogo e, inclusivamente, o gosto pela conversação e pelo encontro amigável, é, para Teresa de Jesus e também para Henrique de Ossó, indício de santidade:

«*Quanto mais santas, mais sociáveis... muito havemos de procurar ser afáveis e [agradar] e contentar as pessoas com quem lidamos*»<sup>75</sup>.

Esta atitude característica da educadora teresiana tem diversas manifestações ou consequências práticas às quais o Fundador da Companhia atribui muita importância.

- **Cordialidade, amabilidade, que torna as educadoras *atraentes***

---

<sup>72</sup> 2 Cor 10,1: «Sou eu mesmo, Paulo, quem vos exorta pela *mansidão e bondade* de Cristo, eu que sou tão *humilde* quando estou no meio de vós, na vossa presença...». – Gl 5,22: Por seu lado, é este o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, *benignidade [afabilidade]*, bondade, fidelidade, *mansidão*, auto-domínio; contra tais coisas não há lei». – Ef 4,32: «Sede, antes, *bondosos uns para com os outros, compassivos*; perdoai-vos mutuamente como também Deus vos perdoou em Cristo». – Cl 3,12: «Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de *mansidão*, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente...».

<sup>73</sup> RT 1881-1882, 312, em EEO III, 904.

<sup>74</sup> «Afável» é um adjectivo actualmente em desuso. O DRAE define-o assim: «Agradável, doce, suave na conversação e no trato». Para compreender o seu sentido convém ter em conta a sua origem etimológica: do latim *affabilis* > *FABULARE* (*falar*). A Santa emprega *afable* (afável) e *conversable* (sociável) como sinónimos.

<sup>75</sup> EEO III, 904. (Cf. C 41,7).

O *Sumário das Constituições* dedica um breve capítulo à *mansidão*, da qual decorrem algumas atitudes essenciais à missão de educadora, porque «os corações hão-de ser tratados cordialmente para serem conquistados». Sem grandes explicações, Henrique de Ossó sugere a inter-relação existente entre estas atitudes. Faz referência à capacidade de *empatia* e de estabelecer relações cordiais, sempre unida à capacidade de sair de si, atitudes fundamentais naqueles que hão-de exercitar-se na relação educativa, que é sempre uma relação de amor e de auto-transcendência:

«Com ela [a mansidão], as da Companhia de Santa Teresa de Jesus serão donas de todos os corações, porque a mansidão ou doçura unida à fraqueza e à graça<sup>76</sup> da mulher, dá-lhe um tal atractivo, uma força tão misteriosa e poderosa que não há coração que lhe possa resistir [...]. É o imã mais poderoso»<sup>77</sup>.

Podemos ler nesta chave os relatos da fundação na *Revista*, bem como muitos dos testemunhos de pessoas amigas da Companhia. A amabilidade ou cordialidade ou «*sim-phatia*» é sempre referida como atitude característica do grupo e de cada irmã<sup>78</sup>.

As professoras têm consciência de que devem ser *amáveis* para com as alunas, de maneira que elas também as amem. É fundamental na Companhia que as relações entre as crianças e jovens e as suas professoras sejam verdadeiramente cordiais:

«Um dos principais cuidados a ter para alcançar a finalidade da Companhia, deve ser ganhar o coração e a confiança das meninas que educam, com o objectivo de as ganhar para Jesus, não para si»<sup>79</sup>.

Apesar de a vida da Companhia decorrer sobretudo dentro de casa, e de, naquele tempo, ser pouco fluente a comunicação sobretudo com as pessoas de «sexo diferente», o Fundador insiste com as irmãs para manterem relações cordiais e amáveis com toda a gente<sup>80</sup>.

As irmãs serão amáveis e atraentes na medida em que viverem a autenticidade da entrega e aquele amor desprendido que procura sempre o bem

---

<sup>76</sup> No capítulo catorze aparecerá novamente esta ideia e ali desenvolvê-la-emos um pouco mais.

<sup>77</sup> SC, em EEO II, 74.

<sup>78</sup> Lemos, por exemplo, numa carta de Henrique de Ossó às irmãs de Puebla, as impressões das pessoas na inauguração do colégio do *Refugio* de Madrid, Puebla: «As pessoas estão contentes com as filhas da santa Doutora. Dizem que são muito finas e amáveis». Escrita em 11/2/89 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 4,82).

<sup>79</sup> PE, em EEO II, 249.

<sup>80</sup> Cf. *Ofícios* (OC), em EEO II, 191-193.



das educandas. Mas além disso, Henrique de Ossó repetiu-lhes incansavelmente uma frase – um simples princípio antropológico – que consta já das primeiras Constituições:

«Os corações hão-de ser tratados cordialmente para os conquistar»<sup>81</sup>.

Assim é o nosso coração. Reclama, ainda mesmo sem saber dizê-lo, compreensão, reconhecimento, misericórdia, calor humano. Henrique de Ossó conhece o coração da criança, da jovem, dos adultos às vezes tão feridos. Ele próprio soube cultivar a delicadeza no trato e a cordialidade como aspectos característicos das relações pessoais na Companhia, imprescindíveis numa educadora teresiana. Por isso, as irmãs «pedem a Jesus e à sua Teresa que lhes dêem uma *graça especial* para, com as suas palavras, atraírem ao amor de Jesus»<sup>82</sup> e exercitam-se diariamente nas relações simples e amáveis:

«A paciência, a afabilidade, a mansidão, a humildade e a caridade, devem brilhar em todos os seus actos»<sup>83</sup>.

- **Paciência: Educadoras compreensivas e pacientes**

A paciência é outra das manifestações do amor da educadora que está convencida, como a mãe natural, de que a educação é uma obra longa que vale a pena. Uma das *Cartas sobre a Educação da Mulher* é exclusivamente dedicada à paciência:

«Será que *uma mãe* se cansa de repetir uma e mil vezes uma palavra aos filhos quando se lhes começa a desatar a língua? Muito menos, pois, nos havemos de cansar «nós», os educadores [...]»<sup>84</sup>.

O Fundador da Companhia, como *o lavrador* que trabalha a terra sem descanso, esperando a colheita a seu tempo, tem experiência dela:

«A formação do coração na ordem moral não é obra de um dia, tal como um homem não se forma num só dia na ordem física. Que o nosso modelo – diz S. Tiago – seja a atitude do *lavrador, que espera com paciência* o tempo favorável para a colheita, serôdia e tardia»<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> SC, em EEO II, 74.

<sup>82</sup> PE, em EEO II, 251.

<sup>83</sup> PE, em EEO II, 244.

<sup>84</sup> *Cartas sobre la Educación de la mujer* (CEM), em EEO III, 909.

<sup>85</sup> CEM, em EEO III, 908.

Também S. Paulo insiste pacientemente com os seus catecúmenos, instruindo-os, com amor, acerca dos seus deveres:

«Escrever-vos as mesmas coisas, a mim não me custa, e a vós torna-vos firmes»<sup>86</sup>.

E o próprio Deus, «modelo do educador perfeito», espera a pessoa com infinita paciência:

«Vós, Senhor – dizia Santo Agostinho convertido a uma vida melhor – *Vós, Senhor, pouco a pouco, com paciência*, com mão suavíssima e misericordiosíssima, trocáveis, e compúnheis ou refazíeis o meu coração»<sup>87</sup>.

Assim o reconhecia a Madre Teresa que, com a sua autoridade de mestra, põe ponto final ao artigo:

«... Se a nossa seráfica Madre, que tão a fundo conhecia a verdade, não se cansa de repetir que *a paciência tudo alcança*, mais justamente o teria repetido no nosso caso. Ela, Mãe espiritual de numerosíssimas filhas cujo espírito formou, sabia, por experiência, que a virtude da paciência é a mais necessária no trato, correcção e melhoramento do próximo»<sup>88</sup>.

Henrique de Ossó acrescenta que é preciso pedir esta atitude educativa com humildade:

«Que o Senhor Jesus e a sua pacientíssima esposa Teresa, nos dêem a sua graça e favor para continuarmos a nossa obra [educativa] com paciência e perseverança»<sup>89</sup>.

- **Pedagogia: Educadoras que se adaptam às crianças**

Não é possível educar na Escola de Santa Teresa, se as mestras não forem verdadeiras mães e se não adaptarem às capacidades das crianças e dos jovens, os conhecimentos conceptuais, as atitudes e os valores:

«A mestra, como a mãe, deve comer os manjares sólidos (verdades, transformá-las em leite, alimento conveniente). Tudo o que lê, estuda, observa, etc., deve transformá-lo em substância para os seus filhitos»<sup>90</sup>.

---

<sup>86</sup> Fl 3,1 citado em CEM, EEO III, 909.

<sup>87</sup> CEM, em EEO III, 908.

<sup>88</sup> CEM, em EEO III, 910.

<sup>89</sup> Ibid.

<sup>90</sup> AP, em EEO II, 796.

- **Concórdia e estima mútua. Educadoras que participam num projecto comum**

No Colégio, as irmãs esforçam-se por fomentar o que for motivo de unidade, minimizando as diferenças, conscientes de que foi do Senhor que receberam a missão, e que a partilham entre todas:

«Deve reinar entre as professoras a mais cordial e perfeita união em Jesus e sua Teresa»<sup>91</sup>.

A consciência de partilhar uma missão recebida, alimenta-se especialmente nos momentos de oração em comum. Além da chamada *Oração da Companhia* – que se reza em comunidade ao terminar o dia – as irmãs reúnem-se antes de irem para as aulas para invocarem o Espírito Santo, principal agente da educação. Assim o prescreve o *Plano de Estudos*:

«Dez minutos antes da hora das aulas [...] devem reunir-se todas as Professoras no Oratório para rezarem em comum o *Veni Sancte Spiritus* [...] para depois cada Professora se encontrar na sua sala ou sector respectivo antes de começarem as aulas»<sup>92</sup>.

Prestam o serviço da autoridade numa atitude evangélica, como Jesus ensinou aos Apóstolos:

«Aquele a quem competir ocupar a cátedra ou posto mais elevado, não invoque jamais esse facto para mostrar alguma pretensão de superioridade, por menor que seja, sobre as outras, pois aquela que quiser ser a maior entre as Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus, deve ser ministra ou serva de todas, segundo o espírito do Evangelho»<sup>93</sup>.

Partilham também os conhecimentos e aptidões pessoais, de maneira que, as que sabem mais, ensinam as outras:

«Que nenhuma Professora, filha de Teresa de Jesus, caia no defeito feíssimo de não querer comunicar ou ensinar às outras Irmãs aquilo que sabe. Não imite o servo inútil do Evangelho. A caridade, pelo contrário, exige que o bem seja comunicado, pois cresce ao ser comunicado, e como tudo, na Companhia, é comum, aumenta-se o mérito»<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> Ibid., 246.

<sup>92</sup> EEO II, 247.

<sup>93</sup> PE, EEO II, 246.

<sup>94</sup> PE, EEO II, 247-248.

As irmãs «trabalham todas à uma para conseguirem o respeito, o apreço e a obediência das meninas». Jamais se desautorizam em público, nem «desaprovam ou criticam as acções» das irmãs, «pelo contrário, desculpam as suas faltas e escondem os seus defeitos com caridade e perícia»:

«Dizendo sempre bem umas das outras e respeitando a autoridade e bom nome de todas, apoiando-se e defendendo-se mutuamente»<sup>95</sup>.

Apreciando o valor umas das outras, cada qual considera as outras superiores a si – segundo o conselho paulino<sup>96</sup> – reconhecendo a imagem de Jesus em cada uma das irmãs<sup>97</sup>. Nesta perspectiva, podem ser extensíveis a todas as recomendações do *Catecismo das Directoras*. Os capítulos intitulados «*Ensinar com o exemplo*» e «*Os deveres para consigo mesma*» dedicados à superiora, são uma proposta lúcida e realista de ascese em ordem à amabilidade:

O primeiro está redigido num tom de exortação, e é dirigido a cada superiora ou ao seu conjunto:

«Sede afáveis e não intimideis ninguém. Atraí, atraí [...]. Recebei de bom grado toda a gente. Nunca vos negueis a nenhuma irmã. Sois a serva de todas no vosso cargo»<sup>98</sup>.

O segundo, escrito de uma forma mais impessoal, é uma enumeração de comportamentos reactivos que a superiora – e qualquer educadora, acrescentamos nós – devem combater:

«Nunca mostre mau humor nem cansaço».

«Não mostre impaciência, nem desalento, nem desconfiança».

«Nunca pretenda que impere a sua vontade ou capricho»<sup>99</sup>.

Cordialidade, capacidade de adaptação, paciência, espírito de concórdia e de colaboração, são manifestações de uma profunda atitude interior. Não se trata unicamente de formação pedagógica nem de «doçura natural» das irmãs; esta disposição educativa radical procede, sobretudo, da união com Cristo:

«Deveis revestir-vos de entranhas de mãe que o amor de Cristo, mais forte que a morte, vos dará»<sup>100</sup>.

<sup>95</sup> PE, EEO II, 251.

<sup>96</sup> Fl 2,3: «Nada façais por ambição, nem por vaidade; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós próprios».

<sup>97</sup> SC, em EEO II, 88.

<sup>98</sup> DS, em EEO II, 807.

<sup>99</sup> DS, em EEO II, 795 e 807.

<sup>100</sup> AP, em EEO II, 743.

### 2.1.3. Sofrer «dores de parto» para dar vida

Continuando a servir-se da imagem materna de S. Paulo, Henrique de Ossó exprime frequentemente nesses termos a dimensão pascal da educação. «Sofrer dores de parto» para dar vida é o preço da *maternidade espiritual* vivida pela educadora teresiana com realismo e alegria. Lemos no *Plano de Estudos* especialmente dedicado às mestras das crianças:

«Tratem-nas com terníssimo carinho e amor; como amas que amamentam os seus filhitos, como mães que os dão outra vez à luz *com grandíssimas dores e trabalhos*»<sup>101</sup>.

A disposição inicial das irmãs para todos os sacrifícios, concretiza-se dia a dia na tarefa educativa, com a consciência e a experiência de que «o apostolado do Ensino é apostolado de sacrifício...»:

«Porém, considerando o exemplo de Jesus Cristo, dos Apóstolos e Santos, da sua Madre e Doutora, tudo se lhes tornará fácil. Serão *mártires, se necessário for*, do estudo e ensino, por Jesus e sua Teresa. E de tão boa vontade!»<sup>102</sup>.

As irmãs desempenham a sua tarefa com entusiasmo e eficácia, sem regatear esforços, na certeza de que a educação é o apostolado mais eficaz para elas, que contam com a graça de Deus que as chama a desempenharem desta maneira a sua missão. Henrique de Ossó insiste na importância de clarificar o objectivo e de recordar a finalidade, para empregar adequadamente os meios:

«As meninas que agora formais com tanto trabalho, serão amanhã mães de família, e se as educardes bem, poderão salvar uma família, uma cidade, inúmeras almas. Animai-vos com este pensamento para assumirdes com galhardia o apostolado do ensino que é o de maior sacrifício»<sup>103</sup>.

O Fundador quer que as irmãs tenham uma clara consciência de que esta difícil tarefa requer boa saúde, forças físicas e espirituais:

«Devem ter vocação: dotes físicos, intelectuais, afectivos, morais»<sup>104</sup>.

«Com a saúde do corpo, tenha prudente cuidado, para a gastar no apostolado do ensino para a maior glória de Deus»<sup>105</sup>.

---

<sup>101</sup> PE, em EEO II, 253.

<sup>102</sup> PE, em EEO II, 250.

<sup>103</sup> MR, em EEO II, 491-92.

<sup>104</sup> AP, em EEO II, 747.

<sup>105</sup> SC, em EEO II, 100.

Toda a comunidade, e especialmente as irmãs que tiverem responsabilidades comunitárias, hão-de velar pela saúde física, psíquica e espiritual de cada uma:

«A alimentação será abundante e substancial [...] de maneira que as irmãs tenham forças para exercerem bem o seu cansativo apostolado do ensino»<sup>106</sup>.

## 2.2. Mestras de oração

No capítulo das Constituições da Companhia dedicado à *Oração*, encontramos duas afirmações fundamentais, a saber: «As da Companhia [são] destinadas a exercer o *Apostolado da Oração [do Quarto de Hora de]* em todo o mundo»; e um pouco mais adiante: «As da Companhia devem ser, portanto [...] *mestras de oração*»<sup>107</sup>. Será que Henrique de Ossó identifica as duas expressões? Quando fala do *apostolado da oração* estará a dizer o mesmo que quando fala do *magistério da oração*?

Não podemos deixar de relacionar a expressão *apostolado da oração* com um movimento difundido por toda a Europa em meados do século XIX e chamado precisamente «*O apostolado da oração*»<sup>108</sup>. Em Espanha, foi o P. Ramière S.J. que, desde 1862, dirigiu e espalhou este movimento. E foi deste jesuíta que Henrique de Ossó recebeu aquela frase tão repetida na *Revista Teresiana* e em todos os seus escritos: «*A oração é a condição essencial da vida sobrenatural, e o meio de salvação mais fácil, mais indispensável, mais universal e mais eficaz*»<sup>109</sup>.

Seria interessante conhecer mais a fundo a relação e as afinidades deste movimento popular de oração com Henrique de Ossó e a Companhia; seja como for, é certo que influenciou o Fundador da Companhia. O sentido geral da expressão, no entanto, tem um significado diverso na Companhia de Santa Teresa de Jesus. Segundo o seu Fundador, «apostolado da oração» significa, em primeiro lugar, *a oração de um apóstolo*, a qual, naturalmente, é oração apostólica. A oração de Henrique de Ossó, a oração das irmãs, a oração de qualquer cristão consciente da sua relação com Deus, é *apostólica*, como o foi a de Teresa de Jesus e das suas monjas do Carmelo.

Sem procedermos a uma análise exaustiva, convém que digamos uma palavra sobre o significado que tem a oração para Henrique de Ossó. Para ele, como para Teresa de Jesus, a oração é sobretudo *um verdadeiro encontro de*

<sup>106</sup> C, em EEO II, 95.

<sup>107</sup> SC, em EEO II, 42.

<sup>108</sup> Um movimento eclesial, que surgiu em 1844, vinculado à devoção ao Coração de Jesus, e promovido pela Companhia de Jesus através da revista *O Mensageiro do Coração de Jesus*.

<sup>109</sup> Citada com o nome do autor em GC, em EEO I, 107.

*amizade com Deus.* Da parte do cristão, rezar é um exercício de fé que *atualiza a maravilhosa realidade* de que Deus está aqui – em mim – e de que me convida ao encontro. Numa palavra, para o homem e para a mulher crentes, rezar é a capacidade de *viver conscientemente a condição de filhos de Deus que sempre se realiza no Espírito Santo.*

A esse *encontro* tão especial que é a oração, comparecem Deus e a pessoa orante. Saber verdadeiramente quem *Ele é* – o Senhor – e quem *eu sou*, é o primeiro fruto e o maior benefício do *encontro*.

Se rezar é tomar consciência dessa realidade misteriosa – Deus está presente na minha vida e chama-me continuamente à relação de amor com Ele – e exercitar conscientemente a relação, o diálogo, o encontro de amor, então a relação de amizade com Deus em Jesus, a sós e de Tu a tu, passa a ser uma necessidade, algo constitutivo do apóstolo, da esposa:

«Chamou-os para que estivessem com Ele e para os enviar», diz o Evangelho<sup>110</sup>.

«Não tenhas medo, filha, que haja alguma coisa que te separe de mim», disse Jesus à Santa<sup>111</sup>.

Daí a expressão repetida nos textos da Companhia: «*Consagram-se à oração*», «*dedicam-se a orar*». Porque «*a oração é a alma da Companhia, o seu fundamento, o seu apoio*»<sup>112</sup>.

Henrique de Ossó sabe, por experiência, que «a nossa capacidade vem de Deus, que nos deu o seu Espírito»<sup>113</sup>. Logo na juventude chegou a uma bela síntese que comunica aos seus discípulos e discípulas e que deixou escrita nas Constituições da Companhia como fórmula essencial:

«Nada podemos sem Jesus. Tudo podemos com a sua graça»<sup>114</sup>.

Já na sua primeira obra, o *Guia do Catequista*, vinha esta ideia e as fontes bíblicas da dupla convicção que inclui:

«Se o que Jesus Cristo disse: *Sem mim nada podeis fazer*, é uma verdade de fé que convém ter sempre presente [...], é igualmente verdade o que exclamava o apóstolo S. Paulo: *Tudo posso em Deus que me conforta*»<sup>115</sup>.

<sup>110</sup> Mc 3,13.

<sup>111</sup> CC 25ª.

<sup>112</sup> SC, em EEO II, 42.

<sup>113</sup> Cf. 1 Cor 2,10 e 12,3b.

<sup>114</sup> SC, capítulo da «Humildade profundíssima» que continua assim: «... E se a humildade é a verdade, em compreenderem e ajustarem as suas obras a estas duas grandes verdades, estará a verdadeira humildade das da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

<sup>115</sup> GC, em EEO I, 86. As fontes desta afirmação são Jo 15,5 e Fl 4,13.

E explicava aos catequistas «a chave» da sua atitude perante a vida:

«Este *tudo* e este *nada* são como os dois pontos cardiais que operam as maravilhas da graça. Tudo com Jesus, nada sem Ele»<sup>116</sup>.

Nos livros sobre oração, bem como nos *Exercícios Espirituais* escritos para as irmãs, Jesus surge sempre como modelo e Mestre de oração:

«Repara na oração de Cristo e dela aprenderás o modo de orar proveitosamente. Para orar, Cristo procura, em primeiro lugar, a solidão [...]. Fá-lo com grande reverência e humildade [...]; a sua oração é cheia de confiança»<sup>117</sup>.

Não há melhor modo de aprender a oração cristã do que *contemplar* Jesus na sua oração ao Pai. *Representá-lo* no nosso íntimo com a consciência de que habita dentro de nós. *Escutar* as suas palavras e *fazer nossa*, com os mesmos sentimentos filiais de Jesus, a oração que ensinou aos seus discípulos – o Pai nosso.

### 2.2.1. A oração de petição e acção de graças

Com esta consciência crente, podemos entender o primado da oração de petição e de acção de graças, tanto na sua experiência como no seu magistério: oração evangélica, tantas vezes recomendada por Jesus aos seus discípulos, oração que brota naturalmente de quem se sabe necessitado e pobre, mas amado por Deus e capaz de se dirigir, com plena confiança, ao Pai de Jesus.

O Senhor não se cansa de repetir no evangelho: «pedi e recebereis» (Mt 7,7), «tudo quanto pedirdes na oração, crede que já o recebestes e haveis de obtê-lo» (Mc 11,24), e «se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará» (Jo 16,23). E «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Henrique de Ossó escutou e acreditou e experimentou pessoalmente estas palavras. Quando, em Abril de 1877, escreve aquela oração carismática que passou para a tradição como «Oração da Companhia», o Fundador sabe, como Teresa, que «as suas Palavras são obras e que o seu amor não pode deixar de operar».

Esta oração, precoce síntese do carisma da Companhia, evidencia que é Jesus *o centro* da Comunidade das irmãs teresianas, con-vocadas por Ele e reunidas em seu Nome. A primeira parte da oração é impressionante, pois reduz-se a uma *confissão de fé* comunitária na sua Palavra:

---

<sup>116</sup> Ibid.

<sup>117</sup> EE, em EEO II, 709.



«Senhor Jesus Cristo: Tu o disseste: Pai nosso muito amado, e a tua palavra não pode faltar. Tu o prometeste, Deus nosso, e a tua promessa há-de cumprir-se. Tu o juraste, Rei nosso, e o teu juramento não pode ser falso. Tu o repetiste, nosso Mestre, e não o podes esquecer: que «tudo o que pedimos ao Pai...».

Só a partir dessa fé compartilhada, que é a que constrói a comunidade, adquire força e sentido a *petição* insistente e confiante da segunda parte:

«Aqui nos tens, pois, reunidas em teu Nome [...] numa mesma fé e confiança e amor e desejos, nós que viemos formar a Companhia de Santa Teresa de Jesus.

E pedimos-te, Senhor, [...] a graça de [...] te conhecer e te amar e te tornar conhecido e amado por todos os corações...»<sup>118</sup>.

Henrique de Ossó pede para si e recomenda que se peça constantemente a graça de Deus, sem a qual nada podemos: os dons do Espírito Santo, especialmente o dom da *sabedoria* pelo qual, «não só conhecemos a Deus, mas O saboreamos por experiência»<sup>119</sup>; «o espírito de oração e de zelo que animava os apóstolos»<sup>120</sup>; a fé, o amor, a confiança, a humildade e a magnanimidade teresiana. O Fundador da Companhia transforma em oração os seus desejos, de maneira que repete, como *petição* obsessiva, «o conhecimento e o amor de Jesus»:

«Único desejo que enche a nossa alma, a mais viva aspiração do nosso coração, a súplica mais constante e quase exclusiva que sabemos fazer ao nosso bom Deus nas nossas pobres orações e sacrifícios [...]. Não sabemos pedir outra coisa senão a graça de nos conhecermos e de conhecer Jesus [...], de O amarmos sempre e de O tornar conhecido e amado por todos os do mundo. Isto pedimos sempre [...] e isto pediremos toda a nossa vida, e isto desejamos que peçam preferencialmente as Filhas de Maria e de Teresa de Jesus, e todos os que se interessam pela sua maior glória»<sup>121</sup>.

O amor apostólico leva-o, não só a traçar projectos e a realizá-los, mas sobretudo a entregá-los nas mãos do Senhor, pedindo-lhe que os faça fecundos:

«A oração é a alavanca onipotente posta à nossa disposição para elevar ao céu os corações»<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> Texto autógrafo já citado no capítulo oitavo.

<sup>119</sup> NES, em EEO III, 747.

<sup>120</sup> Citado por J. Bta. ALTÉS em *Apuntes Biográficos V*: RT 1895-96, 270.

<sup>121</sup> VJ, em EEO I, 485.

<sup>122</sup> SC, em EEO II, 43-44.

E juntamente com a *petição* está sempre a *acção de graças* por tudo o que recebemos e, sobretudo, por tudo o que somos, que vem também de Deus. A oração de acção de graças pressupõe que a capacidade de gratidão seja cultivada. «Se não reconhecermos que recebemos, não nos despertaremos a amar»<sup>123</sup>, adverte-nos a Santa, que era de carácter agradecido e que se exercitava na tomada de consciência dos dons de Deus, a que nunca chegou a habituar-se. É a atitude de Maria no Magnificat, evangelho da graça salvadora do Senhor. Ser agradecidas como Teresa de Jesus, é uma das atitudes genuinamente cristãs que alicerçam a confiança e que geram uma maneira de ser alegre e optimista, necessária para anunciar Jesus no nosso mundo.

### 2.2.2. A oração de intercessão

Uma das dimensões da oração apostólica é, precisamente, a oração de petição pelos outros, no sentido que o Senhor recomenda no evangelho: «A messe é grande mas os trabalhadores são poucos; rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe»<sup>124</sup>. Esta é uma das formas de oração especialmente eclesial, pois diz respeito à Igreja e ao mundo.

A intercessão pela Igreja e pelo Vigário de Cristo, pelos sacerdotes e missionários, pelos cristãos, e também pelos pecadores, é um modo específico de oração de petição. Todos os sectores da humanidade e da Igreja têm lugar na alma do apóstolo.

Às irmãs pede Henrique de Ossó insistentemente:

«Roguem com grande fervor pelos objectivos da Companhia de Santa Teresa de Jesus, especialmente pelas pessoas que são de maior importância para o bem comum da Igreja»<sup>125</sup>.

Cada uma das irmãs, esposa de Jesus preocupada com a vinda do Reino em plenitude, aproveita todas as ocasiões para lhe apresentar as crianças e as jovens que Ele próprio lhe confiou. Fala com Jesus dos seus interesses, discerne com Ele a Vontade do Pai, apresenta-lhe as dificuldades apostólicas, as suas limitações pessoais e as das outras irmãs com quem partilha a missão, e atribui-lhe os êxitos.

Não trata com o Senhor só os assuntos relacionados com a sua tarefa ou com a Companhia; mas, porque «nada do que possa promover os interesses de Jesus em grande escala deve ser olhado com indiferença pelas da

<sup>123</sup> V 10,4.

<sup>124</sup> Lc 10,2. Sobre a oração de petição e, mais concretamente, de intercessão pela Igreja e pela humanidade inteira, pode ler-se o ensaio de K. RAHNER, *Misión de oración*, em *Escritos de Teología III*, Taurus, Madrid 1968, 239-250. Ajuda a redescobrir o profundo valor desta oração, talvez hoje um pouco esquecida.

<sup>125</sup> SC, em EEO II, 44.

Companhia»<sup>126</sup>, preocupa-se e reza por toda a Igreja e pela humanidade inteira. As dores e as alegrias, os temores e as esperanças, as doenças, as injustiças, as rivalidades entre os homens, a falta de amor... tudo cabe no coração ardente da esposa de Jesus «que veio trazer o fogo do amor de Deus aos corações dos homens»<sup>127</sup>.

Educadores e catequistas, missionários de terras longínquas, bispos e sacerdotes, têm um lugar privilegiado na sua oração, pois deles depende, de maneira especial, a missão evangelizadora da Igreja. A mulher – qualquer que seja a sua idade ou profissão –, os jovens e as crianças, são também destinatários especiais, não só da actividade educativa, mas da oração apostólica das irmãs. Nas suas mãos está o futuro da Igreja e da sociedade. Eles são «os representantes das gerações futuras»<sup>128</sup>.

Como Teresa de Jesus, e como o próprio Jesus nas suas orações nocturnas, as irmãs da Companhia rogam ao Pai, com fé, pelas necessidades da Igreja, pelo mundo e pela Companhia. Rezam não só em silêncio e em comunidade, mas associam os meninos e as meninas que educam, a esta sua oração de intercessão, pois a oração das crianças é especialmente valiosa aos olhos de Deus:

«E não só havemos de recorrer à nossa oração para alcançarmos do Coração de Jesus tudo o que for conveniente, mas principalmente à das meninas, anjinhos inocentes, que havemos de educar. *«Nunca pedi nada com as crianças que não tenha alcançado»*, dizia o grande devoto de Santa Teresa de Jesus, S. José de Calasanz»<sup>129</sup>.

Esta oração de intercessão, insistimos, é inspirada e associa-se sempre à oração de Jesus ao Pai, o único intercessor. Na véspera da sua paixão, orou insistentemente pela Igreja e por todos os homens, na chamada *oração sacerdotal*. E sacerdotal é também a oração de Jesus ressuscitado, à direita do Pai, até à consumação dos séculos.

### 2.2.3. A oração mental

A oração é uma actividade misteriosa no íntimo da pessoa, simultaneamente humana e teologal. Como actividade humana, a oração é um acto total da pessoa que requer a liberdade disponível para o encontro e suas consequências. Chama-se *mental* porque predomina nela a actividade interior do pensamento e do afecto. Juntamente com a fé, intervêm principalmente as

<sup>126</sup> SC, em EEO II, 14.

<sup>127</sup> Expressão muitas vezes repetida por Henrique de Ossó, comentando Lc 11,49.

<sup>128</sup> Cfr. AP, em EEO II, 747.

<sup>129</sup> SC, em EEO II, 42.

faculdades interiores: imaginação e entendimento; e com o amor, o afecto e a vontade. E admite várias modalidades, conforme a actividade for maior ou menor. A meditação e a contemplação são as modalidades mais características e, entre elas, há ainda outras formas, como a oração de recolhimento ou de quietude<sup>130</sup>.

Teresa de Jesus é mestra das diversas formas de oração *mental*, nas quais predomina a relação interpessoal. Ela própria a define, no livro da *Vida* como ninguém antes se atrevera a fazê-lo:

«E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama»<sup>131</sup>.

É uma oração de tu a Tu, na qual o mais importante são as pessoas e a relação entre elas, em fé e amor – a presença, o olhar, a escuta da sua Palavra –, mais que qualquer outro conteúdo. É uma relação de amizade livremente mantida, que gera conhecimento e aumenta o amor. Assim a explica Teresa:

«Que entendamos com quem estamos casadas e que vida havemos de ter [...], qual a terra para onde me vai levar, e quais são os bens que me promete dar, qual a sua condição, como melhor O poderei contentar, em que lhe darei prazer, e estudar como hei-de tornar a minha condição conforme à sua [...]. Isto filhas – o entender estas verdades – é oração mental»<sup>132</sup>.

Esta forma de oração é compatível com qualquer outra e, de alguma maneira, há-de estar presente em todas. Henrique de Ossó, seguindo o ensinamento de Teresa de Jesus, propõe, de uma maneira sistemática, uma *pedagogia* da oração *mental* nos *Diálogos* do seu primeiro livro – *O Quarto de Hora*<sup>133</sup>.

Num dos artigos da RT explicará em que consiste a oração *mental* teresiana, distinta das práticas devocionais populares, com fórmulas feitas, ou

<sup>130</sup> Cfr. F. RUIZ, *Caminos del espíritu. Compendio de teología espiritual*, Ed. Espiritualidad, Madrid 1974, 284 e ss.

<sup>131</sup> V 8,5.

<sup>132</sup> C 22, 7 e 8.

<sup>133</sup> CH, em EEO I, 243-255 e 295-301. São uma verdadeira catequese de iniciação à oração cristã. Através dos Diálogos entre Teresa e a jovem orante, Henrique de Ossó transmite, pouco a pouco, o essencial da doutrina teresiana sobre a oração. No 1º Diálogo expõe uma ideia clara, acessível e atraente da oração. Alude às imagens do jardim, da água, da necessidade de uma determinada determinação, bem como à relação entre a oração e a vida prática. Termina com o tema da oração como «tratar de amizade». No 2º Diálogo, concentra-se e põe em evidência o tema da interioridade teresiana, que consiste em entrar dentro de si, até chegar à morada interior onde Deus habita; e em concentrar a atenção em Cristo e comunicar pessoalmente com Ele. Trata-se de educar a consciência da presença, do olhar, do ouvido, da resposta. Como a Santa, insiste na importância de encontrar o próprio caminho de interiorização.

da oração litúrgica. A oração de meditação ou de recolhimento interior, distingue-se da liturgia, pois é sobretudo prolongamento – ou preparação – da oração oficial da Igreja:

«A oração que Teresa de Jesus ensina [...] não é a litúrgica, na sua forma *social*, em que todos participam e pela qual a Igreja roga todos os dias pelas necessidades dos seus filhos. Esta *oração pública* existirá sempre na Igreja. Teresa de Jesus, encarregada pelo seu Esposo, de olhar pela sua honra como sua verdadeira esposa, reconhecendo que a oração tudo pode, que a oração é a alavanca onipotente posta por Deus nas mãos do *homem* para elevar todo o mundo ao céu, dedica todo o seu zelo a ensinar aos homens as lições da oração *individual, particular*, prática muito esquecida entre os fiéis. A maior parte dos seus escritos não têm outra finalidade senão ensinar a orar»<sup>134</sup>.

O que o Fundador da Companhia quer pôr em evidência, é a importância deste modo de *oração pessoal* conscientemente exercitada pelo homem e pela mulher que se encontra com Jesus, olha para Ele, O escuta e lhe fala, ou que, simplesmente, *deixa que o Senhor esteja com ele*<sup>135</sup>.

Além do *Quarto de Hora de Oração*, Henrique de Ossó escreveu muitos artigos na RT, convidando a orar e ensinando a fazer oração. De oração trata a longa série de artigos *Desde a Solidão*, assinados com o pseudónimo de *O Solitário*, um homem de acção habituado a distanciar-se da actividade, *recolhendo-se* no seu íntimo no meio do bulício do mundo, e também amigo de se retirar periodicamente para lugares solitários para escutar a voz de Deus e discernir os modos de actuar.

Isso mesmo ensina aos seus discípulos, leitores e leitoras da *Revista Santa Teresa*. Às jovens da Arquiconfraria propõe alguns minutos diários de *encontro a sós com Deus*, como compromisso fundamental das associadas. Foi para elas que escreveu *O Quarto de Hora de Oração*. Ali encontram estas discípulas de Teresa, o *modo* e a *matéria* para fazerem oração em cada dia:

«Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida das nossas almas, o Pão vivo que desceu do céu, que as sustenta e fortifica. E como tudo se come com o pão, assim a vida, paixão, morte e ressurreição e glória de Jesus Cristo devem ser a matéria preferida e mais comum da nossa meditação»<sup>136</sup>.

<sup>134</sup> «Santa Teresa de Jesús, Nueva Débora VII, em RT 1886-87, 290-291.

<sup>135</sup> No capítulo VIII da *Vida*, a Santa explica o dinamismo deste tratar de amizade, no qual os níveis de consciência e de *presença e actividade* podem ser diversos. Em alguns casos, *a liberdade e a acção* do orante é muito escassa, e no entanto, o Senhor *age*, como ela diz de si mesma, «só porque desejava e procurava algum lugar e tempo para que [Ele] estivesse comigo. E isto algumas vezes sem vontade, e só pela grande força que eu me fazia, ou me fazia o mesmo Senhor» (V 8,8).

<sup>136</sup> CH, em EEO I, 242.

E com *O Quarto de Hora*, aprenderam a orar as jovens da Companhia. Este pequeno livro, e sobretudo os escritos de Teresa de Jesus, acompanham-nas no seu caminho de oração que se prolonga pela vida fora. A centralidade de Jesus na oração e na vida da Companhia, não oferece dúvidas, como vimos em todos os capítulos. Transcrevemos, todavia, um texto inédito do Fundador, escrito em 1881, intitulado «Amor a Jesus». Uma vez mais evidencia a integração de todas as actividades na *vida em Cristo*, própria da vida e missão da Companhia:

«Como todas as da Companhia de Santa Teresa de Jesus hão-de ser almas de fogo que abrasem o mundo no amor de Jesus, devem dedicar-se ao seu conhecimento e amor, estudando, de preferência, e meditando a sua vida santíssima. De maneira que o tema ou matéria das meditações, leituras, conversas, devem ter sempre, ou geralmente, por objectivo, adquirir esse conhecimento e amor perfeitos. *Que isto nunca se perca de vista.*

Por isso, a vida, as virtudes de Jesus, e a sua imitação prática, devem ser a sua principal ocupação. *Sempre com Jesus, perto de Jesus, por Jesus, como Jesus, para Jesus.* Deste modo, a Companhia de Santa Teresa de Jesus cumprirá a sua finalidade, que não é senão difundir o reinado do seu conhecimento e amor.

Por conseguinte, as festas de Jesus, em especial o seu nascimento, hão-de celebrar-se com grande devoção»<sup>137</sup>.

#### 2.2.4. Espírito de oração: oração contínua

A presença de Deus na nossa vida, da qual tomamos consciência na oração, não se esgota, mas continua no meio das actividades, embora não necessariamente de uma maneira consciente. Chamamos *espírito de oração* à atitude de *relação com Deus* posta simplesmente em prática ao longo do dia. A ela se refere Jesus no evangelho quando nos diz: «*Velai, pois, orando continuamente, a fim de terdes força*»<sup>138</sup>. Também S. Paulo exorta os cristãos, no final de algumas das suas cartas, a manterem essa atitude orante; «*servindo-vos de toda a espécie de orações e preces, orai em todo o tempo no Espírito*»<sup>139</sup>. E ainda: «*Perseverai na oração, mantendo-vos, por ela, em vigilante acção de graças*»<sup>140</sup>.

As Constituições da Companhia falam desta atitude como de algo característico do Instituto: «*O espírito de oração e de união com Jesus, é o da Companhia de Santa Teresa de Jesus*»<sup>141</sup>: Espírito que anima a oração explícita nos tempos dedicados à meditação ou contemplação do mistério de Cristo, espírito de união com Jesus que alimenta todas as actividades da educadora

<sup>137</sup> Jesús, 31/3/1881. (Inédito, em AGSTJ, E. Vol. 25,14).

<sup>138</sup> Lc 21,36.

<sup>139</sup> Ef 6,18.

<sup>140</sup> Cl 4,2.

<sup>141</sup> SC, em EEO II, 42.

teresiana, atitude de quem *se vai revestindo de Cristo*, daquelas pessoas para as quais *a vida é Cristo*, como refere o lema do Instituto: «*Tudo por Jesus*»<sup>142</sup>.

Henrique de Ossó, em quem o Espírito Santo «uniu maravilhosamente uma oração contínua com uma actividade apostólica incansável»<sup>143</sup>, estava apto para formar as irmãs na unidade de vida própria do apóstolo e da esposa. Na sua correspondência com as irmãs, recorda-lhes, com muita frequência, que devem esforçar-se por manter uma atitude orante em todos os momentos e lugares, para não reduzirem o serviço apostólico a uma actividade constringida e febril, desvinculada do seu verdadeiro sentido, o que não passaria de activismo.

Sabe, por outro lado, que no dia a dia não há uma nítida separação entre o *espírito de oração e a oração* propriamente dita, pelo que aconselha a pessoa a cultivar também o *espírito de união com Jesus* retirando-se, de vez em quando, para o seu íntimo. Recomenda-o dos seus livros e artigos sobre a oração, e anima as irmãs, nas cartas, a entregarem-se a este exercício:

«No meio do trabalho, sabes orar com Jesus? [...] Jesus ora em todo o tempo, e ensina-te a orar em todo o tempo, em todas as ocasiões e lugares [...]. Faz no teu coração um oratório e retira-te para aí, de vez em quando, no meio das ocupações da vida, para amar, adorar, acarinhar Jesus. Ninguém pode impedir-to, se quiseres»<sup>144</sup>.

A par da expressão *oração contínua*, encontramos nos seus escrito uma outra: *oração activa*. Leiamos, por exemplo, o que o Fundador responde a uma jovem recém-chegada ao noviciado que, a julgar pela resposta, desejava dedicar mais tempo à oração explícita:

«A melhor oração é a activa, isto é, a que junta o santo desejo com a obra boa. Não tenha pena se não puder rezar muito. Tudo quanto fizer, faça-o bem feito, e já terá orado»<sup>145</sup>.

É um critério válido para qualquer situação ou actividade, porque «só o amor é que dá valor a todas as coisas»<sup>146</sup>. Teresa de Jesus sabia-o por experiência e, no entanto, numa altura de grande actividade por causa das fundações, o Senhor teve que lho confirmar, quando pensava que as negociações podiam apartá-la de Deus:

<sup>142</sup> O último capítulo do SC, intitulado «*Complemento ou recapitulação: Fazer todas as coisas com espírito de fé viva*», explana este tema. Diz o seguinte: «Todas as coisas por Jesus, como Jesus, com Jesus, para Jesus». SC, em EEO II, 132.

<sup>143</sup> Cf. oração colecta da Festa de Santo Henrique de Ossó, 27 de Janeiro.

<sup>144</sup> VJ, em EEO I, 530.

<sup>145</sup> A M<sup>ª</sup> Teresa Rubio, San Gervasio 27/5/88 (Ed. N<sup>º</sup> 392, original em AGSTJ, E. Vol. 5,83).

<sup>146</sup> Excl. 5,2.

«Estando eu pensando uma vez, com quanta mais pureza de consciência se vive andando apartada de negócios, e como, quando ando metida neles, devo andar mal e com muitas faltas, entendi: *Não pode deixar de ser, filha: procura sempre em tudo ter recta intenção e desapego, e põe os olhos em mim, para que tudo o que fizeres vá conforme ao que eu fiz*»<sup>147</sup>.

Henrique de Ossó aprendeu a lição directamente da Santa, e parece que de outro santo teresiano, Francisco de Sales, como nos refere numa das meditações dedicadas à «oração [activa]» do Santo:

«Quando, por causa das suas muitas ocupações, não podia dedicar toda a hora à oração, fazia o que o Santo chamava *oração activa*, isto é, fazia tudo na presença de Deus e para seu serviço. «*Oh, que excelente é a oração activa, exclamava*»<sup>148</sup>.

Noutro livro, o Fundador põe na boca do próprio Jesus aquilo em que consiste a «pureza de intenção», uma atitude interior que transforma em verdadeira oração qualquer actividade feita por amor. É essa a *oração activa* ou *oração contínua*:

«Aprende de mim, alma cristã, a agir com rectidão de intenção. Este é o segredo que muda em ouro de caridade as pequenas e vulgares acções, quando são feitas por puro amor, para me agradar [...]. Este modo de agir é uma *oração activa contínua*, a mais agradável ao meu Coração, porque é agir por puro amor de Deus»<sup>149</sup>.

O mestre de oração que foi Henrique de Ossó, repetia sem cessar aos seus leitores e leitoras: «almas, orai, orai, orai, porque a oração tudo pode. É tempo perdido o que não empregais na oração»<sup>150</sup>; o *Solitário*, que se retirava tantas vezes para a solidão do seu íntimo e que procurava, com frequência, lugares desertos, é também capaz de atribuir ao exercício da oração o seu verdadeiro lugar, subordinando-o ao amor, como a Santa mística: «*Aquilo que mais agradava a Deus, é que eu tinha por mais oração*»<sup>151</sup>. É este o tema de um dos seus artigos *Desde a Solidão*, no qual, de acordo com a experiência e o ensinamento de Teresa, *desvaloriza* a oração como actividade pontual e explica a sua dependência da vida. Quer esclarecer aqueles que pensam que «não fazem oração por andarem ocupadas em mil coisas exteriores. Que esses se interroguem – diz-lhes –:

<sup>147</sup> CC 8ª, Toledo 1570, Madrid BAC 1976 (= Relação 11ª).

<sup>148</sup> TFS (1894) escrito em agradecimento ao santo discípulo de Teresa, «o homem mais parecido com Jesus Cristo». Em EEO III, 638.

<sup>149</sup> *Siete Moradas en el Corazón de Jesús* (1894), em EEO III, 439.

<sup>150</sup> Cf. os primeiros artigos *Desde la Soledad*, em EEO III, 762 e ss.

<sup>151</sup> Carta 127 de Teresa de Jesus, citada num artigo *Desde la Soledad*, RT 1890-91, 35.



«O que vale mais, o que é melhor e mais agradável a Deus? Pensar em Deus ou agir por Deus? É claro, que é agir por Deus. O mal está em que nem sempre agimos por Deus, com pureza de intenção, e por isso, as ocupações são para nós distrações.

Não deitemos as culpas às coisas, mas sim a nós mesmos [...]. Procuramo-nos a nós, e não a Deus, nas coisas que fazemos, e por isso, a alma anda cansada e aborrecida ao ver-se sozinha, porque só Deus basta, e a Deus não O encontra quem não O procura, mas se procura a si mesmo»<sup>152</sup>.

E conclui a sua reflexão com um argumento cristológico-apostólico em sintonia com o último capítulo das *Moradas*<sup>153</sup>:

«É melhor, neste mundo, a oração activa que a passiva. Esta foi a oração de Cristo e dos seus Apóstolos. No Céu, será melhor a passiva, porque não haverá almas a ganhar, nem glória de Deus por que zelar, mas gozar de Jesus sem cessar»<sup>154</sup>.

### 2.2.5. Oração contínua e magistério da oração

Oração contínua ou oração activa «é a presença amorosa de Deus no íntimo da alma» [da pessoa], que se manifesta nos gestos, nas atitudes, nas palavras. O Fundador gosta de também lhe chamar «*espírito de oração*». Das pessoas animadas por este espírito diz que são *almas de oração*. As Constituições da Companhia afirmam sucintamente:

«*O espírito de oração e união com Jesus*, deve ser o da Companhia, destinada a exercer o apostolado do quarto de hora de oração em todo o mundo»<sup>155</sup>.

E um pouco mais adiante, acrescenta acerca das irmãs:

«As da Companhia *devem ser*, portanto, *almas de oração, mestras de oração*, como a sua seráfica Madre».

Está a falar de algo distinto – se é que é possível distinguir – do exercício da oração. Refere-se a uma atitude, simultaneamente interior e exterior, que

<sup>152</sup> RT 1890-91, 37-38.

<sup>153</sup> Como já comentámos, também a Santa, no final das moradas místicas parece que «desmitifica» a oração «instrumentalizando-a»: «Pois isto é oração [...] que nasçam sempre obras, obras» VII M 4,6. Nada disso. O que faz é sublinhar o valor apostólico da mística. O místico é uma pessoa *crístificada*, e por isso capaz de dar a vida pelos irmãos, como o seu Mestre e Senhor. (Cf. VII M 4, 4-5).

<sup>154</sup> RT 1890-91, 38.

<sup>155</sup> SC, em EEO II, 42.

caracteriza as irmãs e o Instituto; que constitui a sua *alma*, o seu *espírito*, o que há de mais nuclear na pessoa e no corpo apostólico; e que é a condição *sine qua non* do ensino da oração, porque ninguém dá o que não tem<sup>156</sup>. Não é possível ser *mestra de oração* teresiana sem o espírito [de oração] de Teresa. Neste sentido, sim, apostolado da oração e magistério da oração, coincidem.

Durante os vinte anos que o Fundador acompanhou as irmãs, o que disse sobre o magistério da oração na Companhia? Directamente, muito pouco, quase tudo estava já dito – deixou-o Teresa de Jesus escrito nas suas obras. Como Henrique de Ossó divulgou e popularizou a doutrina teresiana através dos artigos da *Revista*<sup>157</sup>, e sobretudo nos «*Diálogos*» do *Quarto de Hora*<sup>158</sup>, pouco tinha que acrescentar às irmãs. Estas *mestras de oração*, a par do testemunho pessoal, insubstituível, só terão que proporcionar às crianças, às meninas e às jovens, situações orantes, facilitando-lhes o encontro diário de amizade com Jesus e com o Pai; encontro esse que tem lugar no íntimo da pessoa onde habita o Espírito. Disso tem clara consciência o Fundador da Companhia, pois na formação das irmãs que «serão mestras de oração», diz-lhes claramente: «embora seja verdade que o Espírito Santo é o principal mestre de oração<sup>159</sup>».

Nas Constituições, é afirmada essa particular vocação das irmãs, *outras Teresas de Jesus*, vinculadas pedagogicamente a um meio *criado* pelo Fundador, ou seja, o *Quarto de Hora*:

«As da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser apóstolas do quarto de hora de oração no meio das meninas e famílias cristãs»<sup>160</sup>.

Apesar de ser um modo *que deu provas*, Henrique de Ossó não o considera como único e acha que as irmãs devem ser formadas também noutros métodos. Deverão estudar as grandes escolas de espiritualidade e conhecer a sensibilidade espiritual do seu tempo:

<sup>156</sup> «Só fala bem das coisas de Deus aquele que estiver cheio do Espírito de Deus»: D 15, em EEO III, 22.

<sup>157</sup> Sobre tudo a série de 230 artigos *Desde la Soledad*, publicados desde 1873 até à sua morte, em Janeiro de 1896.

<sup>158</sup> CH, em EEO I, 243-255 e 295-300. São uma verdadeira catequese sobre a oração teresiana. Nos diálogos entre Teresa e a jovem que começa a fazer oração, Henrique de Ossó sintetiza perfeitamente a doutrina da Santa sobre a oração.

<sup>159</sup> Cf. Introdução a algumas questões práticas sobre a *Oração de meditação*: «Como a santidade da vida depende da boa oração, e como, além disso, as Irmãs hão-de ser mestras de oração, embora *seja verdade que o Espírito Santo é o principal mestre da oração*, temos contudo de, da nossa parte, empregar os meios que os santos e mestres mais experientes da vida espiritual nos ensinam como sendo melhores para alcançar este objectivo. É a melhor recordação que podemos oferecer às nossas filhas no Senhor Jesus e sua Teresa, ao iniciarem o oitavo ano da Companhia». 2 Abril 1883, Jesús Tortosa». (Texto inédito, em AGSTJ, E. Vol. 4,17).

<sup>160</sup> SC, em EEO II, 64.

«Devem estar instruídas e ser versadas sobre os diferentes modos de rezar, para exercerem, com proveito, o sublime Apostolado da oração»<sup>161</sup>.

O *Plano de Estudos*, ao falar da educação religiosa das alunas, da necessidade da catequese e da formação bíblica – especialmente no que respeita aos evangelhos –, recorda o compromisso *carismático* assumido pela Companhia de transmitir aos seus contemporâneos o espírito de Teresa. As irmãs, por conseguinte, «depois de se alimentarem com a doutrina de Teresa, devem comunicá-la», não podem guardá-la só para elas. E acrescenta:

«Inculquem-lhes a necessidade do quarto de hora de oração e ensinem-lhes o modo prático de o fazer com proveito»<sup>162</sup>.

É uma nova vinculação do espírito de Teresa de Jesus à oração e ao seu ensino. Um pouco mais adiante, também no *Plano de Estudos*, encontram-se uma série de instruções para as «Professoras de meninas ou jovens nos Colégios da Companhia». Relativamente à oração das meninas, dizem-se coisas importantes. Por exemplo, sugerem-se algumas práticas de piedade possíveis, deixando bem claro que *aprender a orar* por meio do quarto de hora, é o que mais importa, sobretudo naqueles lugares onde a Companhia *substitui* os pais na formação cristã das crianças:

«Em alguns lugares *talvez seja conveniente* que [...] se rezem com as meninas as orações do Cristão, ao entrarem de manhã e ao saírem da escola à tarde. Isto, além do quarto de hora de oração que nunca deve ser omitido, especialmente onde os pais forem descuidados ou indiferentes quanto à religião...»

Indicam-se, sobretudo, critérios claros, deixando uma enorme liberdade de actuação:

«... Tenham zelo pelos interesses de Jesus e sua Teresa [...], e *como o amor é inventivo*, este lhes sugerirá, melhor que todas as regras, *modos e maneiras, meios e remédios*»<sup>163</sup>.

Quase não há mais nada sobre oração explícita ou ensino da oração, nos textos formativos e pedagógicos da Companhia. Teríamos que acrescentar tudo o que dissemos sobre Jesus e o seu conhecimento e amor, que é muito. Em duas cartas inéditas, dirigidas a irmãs que estão em colégios de *fronteira*, encontramos um Padre Fundador aberto e flexível, com clara consciência do que é o objectivo e de quais são os meios.

---

<sup>161</sup> SC, em EEO II, 42.

<sup>162</sup> EEO II, 239-240.

<sup>163</sup> PE, em EEO II, 251-252.

- No Colégio de Gracia, há poucas alunas preparadas para rezar, por isso não se pode pensar, de maneira nenhuma, num «Quarto de Hora» destinado a todas as alunas de uma classe. Diz à directora do Colégio que convide as que quiserem. Um gesto admirável de atenção ao pluralismo:

«*Que as meninas que o desejarem, façam o quarto de hora de oração. É o melhor meio para se santificarem, as pequenas e as grandes*»<sup>164</sup>.

- No bairro marginal de Rubí, em Barcelona, também não podem fazer o «Quarto de Hora» como o determina o livro para as jovens da Arquiconfraria. O Autor ficou encantado por as suas filhas da Companhia terem tido a criatividade de o adaptarem às necessidades do grupo:

«Fazeis bem em traduzir para essa gente o que se refere ao quarto de hora, e também podeis acrescentar e comentar [o que bem vos parecer] com licença do autor, *adaptando-o às necessidades desse povo* que, com o tempo, há-de ser muito bom. Não há nada que melhor vença o demónio como a oração. Orai e não temais»<sup>165</sup>.

É com estes dois exemplos – certamente encontraríamos mais nas suas numerosas cartas – do *amor criativo* de Henrique de Ossó, que as suas filhas vão aprendendo pouco a pouco.

---

<sup>164</sup> Carta de 18/11/1880, a Teresa Plá, superiora de Gracia. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,33).

<sup>165</sup> Carta de 21/7/1882, a Rosario Elés, superiora de Rubí. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,104).



## Capítulo XII

### «*FORMAR EDUCADORAS*». A FORMAÇÃO NA COMPANHIA

Na madrugada do dia 2 de Abril, o P. Henrique teve um sonho de longo alcance: um projecto educativo utópico obrigou-o a levantar-se e a escrever:

Finalidade: «Regeneração do mundo [...], pela educação da mulher segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus»<sup>1</sup>.

Horas depois, interrogava-se:

«– Será que Deus o quer?

– Parece que sim...

1º Pelo imenso BEM, radical, enorme, universal, que se faria

FORMANDO AS MESTRAS SEGUNDO O ESPÍRITO DE SANTA TERESA...

Em 10 anos, renovar-se-ia toda a Espanha.

Com boa CABEÇA e bom CORAÇÃO, TUDO bem...»<sup>2</sup>

E no dia 23 de Junho, aquela ideia começava a tornar-se realidade e nascia a Companhia de Santa Teresa de Jesus. Conhecemos a sua história centenária e aquele Informe-projecto – a utopia – que, para o Fundador, nunca deixou de ser fonte inspiradora, carta de navegação nos escassos 20 anos que pilotou a Companhia, e meta em cada decisão concreta.

Retomar agora o Informe-projecto<sup>3</sup>, ajudar-nos-á a compreender a prioridade da FORMAÇÃO na Companhia, desde os primeiros tempos, a ponto de a considerar um elemento carismático intrínseco, essencial, à identidade do corpo apostólico.

---

<sup>1</sup> EEO II, 404.

<sup>2</sup> EEO II, 405-406.

<sup>3</sup> Cinco anos depois da Inspiração, o Fundador recorda o que se passou naquele momento e afirma: «Tanta impressão causou em mim este pensamento, que me obrigou a erguer-me da cama e, pegando numa caneta, escrevi *o seguinte rascunho* que contém perfeitamente o plano da Companhia de Santa Teresa de Jesus, tal como o temos implementado ao longo dos cinco anos de existência que tem esta obra de zelo». *Apuntes sobre el origen de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*», em EEO II, 429.

Aquilo que Deus, naquela noite de 2 de Abril fez «ver» ao Apóstolo teresiano, foi que o *espírito de Teresa* que as jovens da Arquiconfraria estavam já a pôr em prática, iria também animar centenas de educadoras. A par das carmelitas do claustro e das jovens teresianas – futuras mães e esposas, pregadoras pelas obras – Henrique de Ossó *via outras Teresas*, também pregadoras pela palavra – educadoras, modeladoras de espíritos, mães espirituais, formadoras de educadores e até dos próprios sacerdotes. E traçou um duplo plano: Sonhou com semear *mestras teresianas* por todo o território espanhol, e sonhou, ao mesmo tempo – ou talvez antes –, com uma organização de *Escolas Normais teresianas*<sup>4</sup>, distribuídas por todas as dioceses e províncias espanholas, nas quais se formariam as futuras mestras em *virtudes e letras*. Ou seja, tratava-se de formar primeiro mestras, antes de elas educarem as crianças.

O apóstolo de Jesus Cristo não pensou de maneira nenhuma num plano de alfabetização rápida que suprisse a ineficácia do Ministério do Fomento<sup>5</sup>. A Santa inspirou a Henrique de Ossó algo de mais duradouro: *Tersianas mestras para regenerar o mundo...* Em 10 anos renovar-se-ia a Espanha...!

### «Com boa cabeça e bom coração, tudo bem»

A par do documento de Inspiração, no qual é já evidente a importância da formação, são particularmente expressivos os primeiros escritos do Fundador referentes à Companhia, bem como os primeiros esboços da Regra.

Não é esta a primeira vez que aludimos àqueles dois artigos da *Revista Teresiana* de Agosto de 1876<sup>6</sup>, nos quais o Fundador da Companhia nascente fala, com assombrosa coerência, da importância da formação nesta nova Obra. Sempre em relação à finalidade ou à missão, insiste na importância da formação: «*exercitam-se*», «*dispõem-se*», «*trabalham com todo o afinco...*», «*o que as prepara... ou preparando-se...*», «*formando o seu coração e a sua inteligência...*». São abundantes as formas de gerúndio, que evidenciam o carácter dinâmico e progressivo da formação.

Homem de ideias claras e de síntese, o Fundador concentra em duas ou três fórmulas muito simples a unidade da pessoa: «*cabeça e coração*»,

---

<sup>4</sup> Embora no Informe-Projecto não lhe chame assim, é claro que era este o sentido. Remetemos para a carta de Henrique de Ossó a Sardà, de 24 de Junho de 1876, na qual o informa deste Plano, já em marcha. Diz textualmente: «... Para isso, trataremos de fazer uma escola Normal de mestras em cada capital ou Diocese...». Carta a Sardà Nº 38. Sobre as Escolas Normais do século XIX em Espanha, fala-se na Nota 12 do capítulo IV deste estudo.

<sup>5</sup> Recordemos as estatísticas sobre o número de analfabetos da época que era superior a 75% em 1877. (Cf. M<sup>a</sup> A. DORADO SOTO, *El entorno cultural de la población española en el último cuarto del siglo XIX*, em *La Educación en la España Contemporánea. Cuestiones históricas*, 1985, 75).

<sup>6</sup> Publicados em EEO III, 795-799.

«espírito, coração e inteligência». E as actividades do espírito: «oração, virtude e saber», bem como os aspectos do processo educativo: «instrução, educação e hábitos virtuosos».

Tal projecto educativo remete, desde o primeiro momento, para um modelo específico de pessoa, para uma antropologia. Note-se que dimensões da pessoa põe em destaque: «ESPÍRITO, CORAÇÃO e INTELIGÊNCIA». Daí decorre uma pedagogia coerente, segundo a experiência e a doutrina cristãs de Teresa de Jesus, que estará presente ao longo de todo o processo educativo.

Na Companhia, a formação constitui, pois, um elemento intrínseco da pessoa, já que não poderia entender-se a si mesma à margem desta dimensão constitutiva. Vimos que os primeiros artigos da *Revista Teresiana* em que é feita a apresentação da *Companhia*, antes mesmo de ser referida a sua tarefa específica, falam sempre da formação como de uma exigência a ela inerente.

Não é de estranhar que uma instituição que nasce preocupada com a urgente formação dos seus membros – como é o caso da Companhia –, exponha amplamente o referido processo, indicando as etapas formativas, os objectivos e os meios mais adequados.

## 1. Formação inicial

A influência da Companhia de Jesus reflecte-se também na formação. Na Companhia de Santa Teresa de Jesus vamos encontrar o Período Inicial algo mais longo que noutros institutos, ou seja, uma tripla divisão em «Provas» ou «Provações»<sup>7</sup>, que correspondem aos clássicos períodos de Noviciado, Juniorado e um Terceiro período já com votos perpétuos que noutros institutos, não costuma ser considerado como período inicial. Desde o princípio que, na Companhia de Santa Teresa de Jesus, esta terceira etapa termina com o Voto ou Juramento de perseverança, e com a entrada das irmãs professoras no estado «adulto» da sua vida religiosa, altura ideal para assumirem responsabilidades de governo ou formação.

---

<sup>7</sup> A influência dos Jesuítas é clara, embora no tempo de Santo Inácio as «Provações» tivessem todas lugar antes da Profissão dos três votos. Diz o seguinte a *Fórmula* da Companhia de Jesus: «Este Instituto pede homens totalmente humildes e prudentes em Cristo, que se distingam pela pureza da vida cristã e pelas letras [...], não se receberão senão depois de muito bem examinados e tidos como idóneos para a finalidade da Companhia. E todos os coadjuvantes e estudantes, depois das suficientes *provações* e do longo tempo que for indicado nas Constituições, sejam obrigados, para sua devoção e maior mérito, a fazerem os seus votos [...]». E no capítulo I das Constituições: «Durante este tempo» do noviciado, serão provados. «A primeira, estando na Casa da primeira Provação [...]. A segunda, passando seis meses de experiências e *provações*. A terceira, durante outros seis meses [...]. E isto para se proceder, de uma e de outra parte, com a maior clareza e conhecimento no Senhor nosso, e porque, quanto mais provada for a sua constância, tanto mais estáveis e firmes serão no serviço divino e primeira vocação, para glória e honra de sua divina Majestade». San IGNACIO de LOYOLA, «*Constituciones*», em *Obras Completas*, 414 e 420.



«Para melhor se conhecer a vocação, aptidões e talento das Irmãs, há três Provações na Companhia de Santa Teresa de Jesus»<sup>8</sup>.

### 1.1. Primeira Provação

#### 1.1.1. Educandas ou noviças

A Formação inicial é de capital importância nas origens da Companhia, sobretudo ao princípio, pois são as próprias «Fundadoras» que se *iniciam* no novo projecto de vida. Numa época em que havia menos meios formativos, e sobretudo, menos preocupação com a formação do que actualmente, o Fundador da Companhia está persuadido de que a originalidade e a eficácia apostólica da nova Obra de zelo radica na formação. «Boa cabeça, bom coração, tudo bem!». Em 10 anos renovar-se-ia a Espanha!

Para organizar tantas *Escolas Normais teresianas*, era necessário poder contar primeiro com um grande grupo de teresianas mestras bem preparadas, muitas das quais haviam de ser mestras superiores<sup>9</sup>. Por isso, o Fundador alegra-se quando entram na Companhia jovens que já têm diploma. Todavia, a maior parte das aspirantes entram sem estudos, pelo que era preciso submeterem-se a um rigoroso plano de formação e estudos.

Nos primeiros anos, em Tarragona, a Companhia organiza-se como um período de intensa formação espiritual e académica. Basta ler o Regulamento de 1 de Julho de 1876 para fazermos uma ideia do programa formativo daquelas jovens que aspiravam a crescer em *santidade e sabedoria*.

Tanto as jovens daqueles primeiros anos, como as educandas posteriores, contaram com um projecto formativo integrador dos aspectos mais importantes da pessoa. *Estudo, oração* e exercício de *virtudes sólidas*, serão o tríptico de formação inicial que foi sendo assumido pelas comunidades formativas da Companhia e que, por outro lado, continuará a ser o motor da vida apostólica nos anos seguintes.

Esta formação decorre num ambiente propício à interiorização e personalização do Projecto, «*no silêncio e afastamento do mundo*», apesar de viverem em Tarragona, mas sem perderem a consciência de que *a sua missão é no mundo*. Mais tarde em Tortosa, se o Fundador da Companhia não quis chamar noviciado à *Casa Colégio* dedicada à formação inicial, e também não

---

<sup>8</sup> OG e 2ª P C, em EEO II, 148 e 328.

<sup>9</sup> Havia dois níveis de magistério: Elementar e Superior. No dia 23 de Junho de 1879, terceiro aniversário da fundação da Companhia, Henrique de Ossó faz este balanço: «Nove começastes a obra, contando-se, entre elas, duas professoras [Dolores Boix e Piñol que saíram da Companhia], e hoje sois trinta e quatro, treze das quais obtiveram, já na Companhia, o diploma de professoras, sendo quatro superiores». (Notas pessoais escritas à margem do *Prólogo das Constituições*, certamente para a homilia da celebração do terceiro aniversário. – Inédito, em AGSTJ, E. Vol. 26,137).

chamou noviças, mas *educandas*, às jovens formandas, fê-lo, certamente, por algum motivo, não se tratando, simplesmente, de uma questão terminológica. É que a organização formativa da *Casa-Mãe* parecia-se pouco com a dos noviciados religiosos canonicamente constituídos. Dada a finalidade nitidamente activa da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Henrique de Ossó inspirou-se na Companhia de Jesus, não só para a formulação da Finalidade, mas também para o plano formativo, coerente e concorde com a Missão da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

A Primeira Provação<sup>10</sup> coincide com o que, noutras congregações, se chama Noviciado, e termina com «os primeiros votos». Assim o determinam as Constituições de 1882, em coerência com a perspectiva unitária e integradora da formação na Companhia:

«Estão na primeira provação todas as Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus, tanto Ajudantes como Professoras, nos dois primeiros anos a seguir a vestirem o santo hábito, ou seja, até fazerem os votos temporários; chamam-se Educandas. As Educandas passam estes *dois anos* a formar o seu *espírito* pela aquisição de virtudes sólidas [...] e, de igual modo, pela aquisição dos conhecimentos destinados a desempenharem cabalmente os seus respectivos cargos»<sup>11</sup>.

Note-se que, ao princípio, não se separava a formação espiritual da qualificação académica durante este período inicial:

«Haverá uma única casa, ou colégio matriz, onde se formarão em *espírito e letras* todas as da Companhia de Santa Teresa de Jesus nos dois primeiros anos de Educandas. A casa-mãe ficará em Jesús de Tortosa»<sup>12</sup>.

Mais tarde, as Constituições de 1889, influenciadas pelas animadversões da Congregação dos Bispos<sup>13</sup>, separam os níveis formativos e fazem a distinção entre duas casas diferentes durante este período:

---

<sup>10</sup> «Antes de entrar na Primeira Provação, há como que uma ante-provação ou preparação próxima, que dura de dois a seis meses, para todas as jovens que pretendam entrar na Companhia de Santa Teresa de Jesus. Durante este tempo vestem-se como no século, ocupam-se principalmente do estudo e prática das Constituições, e chamam-se *Postulantes*». 2ª P C 1889, em EEO II, 328.

<sup>11</sup> OG, em EEO II, 149.

<sup>12</sup> SC, em EEO II, 68 e 70.

<sup>13</sup> É a 27ª Animadversão que se refere concretamente a este tema. Diz o seguinte: «... o Noviciado deve organizar-se segundo as regras canónicas referentes a qualquer noviciado e, sobretudo, segundo as que foram determinadas pelo *Decreto de Clemente VIII* que começa [com as palavras] «Regularis disciplinae». (AGSTJ, Carpeta 48, III BC, 8).

«Haverá uma única Casa primeira ou principal de toda a Companhia, onde se formarão em *espírito* todas as Irmãs nos dois primeiros anos. Esta casa fica em Jesús de Tortosa.

Haverá um único Colégio primeiro ou principal de toda a Companhia, onde se formarão em *letras* todas as Irmãs da Companhia enquanto forem Educandas, ou antes de passarem para os Colégios Maiores ou Centrais. Este Colégio fica em Barcelona (San Gervasio)»<sup>14</sup>.

Apesar da separação de lugares, manteve-se a unidade dos dois primeiros anos formativos, de acordo com a organização inicial:

«As Educandas passam estes dois anos a *formar o seu espírito* pela aquisição das sólidas virtudes que a sua Madre Teresa lhes deixou em herança, e *de igual modo, pela aquisição dos conhecimentos* destinados a desempenharem cabalmente os seus respectivos cargos [...]. O primeiro ano, por ser sobretudo dedicado à formação do espírito, chama-se *piadoso*. E o segundo, por ser sobretudo dedicado aos estudos, *laborioso*»<sup>15</sup>.

Note-se que, apesar da especialização das tarefas – exigida pelo noviciado canónico –, e do desejo carismático integrador, as Constituições de 1889 falam de «consagração ou dedicação preferencial», mas não exclusiva ou excluyente de um aspecto ou do outro (num período e noutro).

Se não fosse pela alusão explícita aos votos religiosos e pela descrição mais completa do programa formativo que se encontra noutros lugares, a ninguém lhe ocorreria pensar que a Primeira Provação, como é descrita nas Constituições, era, nada mais nada menos, que o noviciado de uma congregação religiosa feminina. Perto do final da sua vida, Henrique de Ossó escreve vários livritos<sup>16</sup> em que já fala de *Noviciado* e de *Mestra de Noviças*, embora a perspectiva formativa seja fundamentalmente a mesma.

Além da formação em *oração, virtudes sólidas e letras*, processo que corresponde às três dimensões fundamentais da pessoa – teologal-espiritual, psicológica-moral e intelectual –, o Fundador aponta para alguns objectivos que, na Companhia, deverão ser tidos especialmente em conta neste primeiro período formativo.

Do *Plano de Estudos* (1882) consta já um programa minucioso das disciplinas que devem estudar nos 3 primeiros anos – nos 2 anos de Educandas

---

<sup>14</sup> 2ª P C, em EEO II, 332.

<sup>15</sup> 2ª P C, em EEO II, 329.

<sup>16</sup> Os livros, que deixou inéditos, intitulam-se: *Directorio de las Costumbres pías de la Casa Madre de la Compañía de Santa Teresa de Jesús* (1888), (AGSTJ Escritos PIB/T Vol. 9). *Guía de la Postulante y Directorio de la Maestra de Novicias* (AGSTJ Escritos PIB/T Vol. 18). Em Abril de 1895 diz que «está a terminan» o *Guía de Postulantes* e que «está a trabalhar no *Directorio de Novicias*». EEO II publica a parte correspondente ao noviciado e à formação das irmãs das duas primeiras pequenas obras, 821-853.

e num terceiro ano de prolongamento<sup>17</sup>. Comparado com outros programas de magistério da época, este é o mais amplo e equilibrado, pois inclui matérias de todos os ramos do saber teórico, juntando-lhes ainda aptidões práticas femininas e formação pedagógica. Porém, o que é mais interessante, é que preveja, na sua aplicação, e procure expressamente, que as irmãs possam descobrir, durante este tempo, as suas inclinações naturais e as suas qualidades (capacidades intelectuais), para as cultivarem «na maior escala possível», no futuro, para a Maior Glória de Deus:

«Neste Colégio deverão descobrir o *talento, aptidões e disposições* das Irmãs para que, depois, *se dediquem com mais fruto* àquilo para que mostrarem ter mais aptidão ou disposição»<sup>18</sup>.

As educandas deveriam descobrir, sobretudo durante o segundo ano, as suas aptidões e durante o terceiro, poderiam começar a respectiva especialização:

«Nestes três anos, uma vez descoberta ou conhecida a capacidade ou aptidão especial de cada uma das Educandas, procurar-se-á que se dediquem, durante toda a vida, exclusivamente, ou pelo menos muito principalmente, ou preferencialmente, às coisas ou disciplinas para as quais tenham *maior disposição*, favorecendo, deste modo, o desenvolvimento ou perfeito aproveitamento dos *talentos* com que o Senhor as enriqueceu gratuitamente, para a maior glória de Jesus e sua Teresa»<sup>19</sup>.

Este plano formativo, nesta época, desperta a atenção e revela que o Fundador tinha uma grande capacidade de discernimento e um grande apreço pelas *diversas* aptidões ou qualidades naturais das irmãs, concedendo-lhes uma grande liberdade para as cultivarem da maneira e no lugar onde pudessem produzir mais fruto. Tudo isso em coerência com o que diz o *Sumário das Constituições*:

«Já que somos de Jesus e tudo o que temos, o recebemos de Jesus, investir e empregar o nosso caudal inteiro [...] no que lhe der maior glória e incremento dos seus divinos interesses»<sup>20</sup>.

É impressionante, também, que umas Constituições escritas em 1882, prescrevam que a futura teresiana realize «estágios de educação», não apenas como meio de formação, mas sobretudo para poder pôr à prova as suas

---

<sup>17</sup> Cf. PE, 240-242.

<sup>18</sup> 2ª P C, em EEO II, 332.

<sup>19</sup> PE, em EEO II, 242.

<sup>20</sup> SC, em EEO II, 18.

qualidades de educadora, em ordem ao discernimento vocacional. Surpreendemo-nos a clareza e a actualidade da formulação:

«Antes de fazerem os votos, *todas as educandas* devem ir *exercer* os seus respectivos cargos em alguma Residência ou Colégio da Companhia, a fim de que possa *determinar-se* a pertencer ao Instituto da Companhia de Santa Teresa de Jesus com *maior conhecimento de causa* e, por conseguinte, *com mais amor e maior liberdade*»<sup>21</sup>.

Passados anos, dirigindo-se àquelas irmãs que não souberam harmonizar as atitudes próprias da educadora, diz-lhes o Fundador com a mesma clareza inicial:

«Assim sendo, retirai-vos do ensino, pois mais prejudicaríeis do que beneficiaríeis as almas [os alunos], e dedicai-vos a outros ofícios da Companhia»<sup>22</sup>.

### 1.1.2. *Dois figuras educativas fundamentais*

A Formação Inicial na Companhia é tão importante e tão abrangente, que não poderia confiar-se a uma única pessoa. Desde o princípio que esta responsabilidade é posta nas mãos de duas figuras educativas de capital importância: a *mestra das educandas* e a *prefeita de estudos*.

## A Mestra das educandas

A Mestra das Educandas é a formadora por excelência e o Fundador distingue-a «entre todas as irmãs pela sua prudência, espírito de oração e união com Jesus, e por estar profundamente imbuída da letra e do espírito das Constituições da Companhia»<sup>23</sup>:

«Esse é o cargo mais transcendente de todos, porque do seu desempenho depende quase totalmente a vida ou a morte desta grande obra de zelo. Este é o cargo mais delicado, repetimos, porque nas suas mãos está, em grande parte, o futuro da Companhia»<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> O texto consta de OG, em EEO II, 149. Na 2ª Parte das Constituições de 1889, diz exactamente o mesmo, indicando que esses estágios devem ter lugar «no ano laborioso, ou seja, antes de emitirem os votos» (Cf. EEO II, 329).

<sup>22</sup> Refere-se à harmonia entre *doçura e amabilidade* e *autoridade e respeito*: MR, em EEO II, 489.

<sup>23</sup> 2ª Parte C, em EEO II, 349 e OG, 153.

<sup>24</sup> OG, em EEO II, 153.

Ela é a responsável última pela formação integral das educandas e a que se ocupa mais directamente em lhes formar o coração e o espírito, as exercitar nas virtudes, acompanhar no caminho da oração e união com Jesus e avivar nelas o zelo apostólico.

Para além do que sobre ela se diz nas Constituições de 1882 e 1889, nos *Ofícios da Companhia* e no *Plano de Estudos*, Henrique de Ossó escreve, em 1895, um *Directório da Mestra de Noviças*<sup>25</sup>, numa tentativa de sistematizar tudo quanto escrevera, até esse momento, sobre um cargo de tanta importância. Neste novo documento, fala não apenas da Mestra, mas também deste período. Além do que já sabemos, encontramos afirmações novas, de verdadeiro interesse:

«Estes dois anos de prova devem ser como que *a escola do respeito da Companhia*»<sup>26</sup>.

À Mestra, recomenda:

«Se cada alma é um mundo, e cada mulher é um mundo de pormenores muito particulares, estude e conheça o carácter, talento, inclinações, paixão dominante, numa palavra, todos os seus vícios e virtudes para corrigir e orientar tudo acertadamente»<sup>27</sup>.

Numa pequena obra de 1888, *Directório dos Costumes Pios da Casa-Mãe da Companhia de Santa Teresa de Jesus*, são dadas instruções concretas à Mestra de Noviças, realçando a projecção desta etapa formativa, exagerando talvez a sua influência:

«O Noviciado é o modelo da Companhia». Tal como dele saírem as Irmãs, assim serão para sempre. Do Noviciado, portanto, depende todo o futuro da Companhia [...]. É inútil trabalhar na reforma da Companhia se não se começar sempre pelo Noviciado<sup>28</sup>.

Todo o livro é consagrado ao Noviciado, está escrito num estilo do século XIX e organizado segundo uma estrutura pouco atraente para a nossa época: – «*Do Noviciado*», «*O que é o noviciado*», «*O que mais hão-de procurar as Noviças*», «*Directório das Noviças*», «*Máximas do Noviciado*», etc. No entanto, a par do que é caduco, encontram-se intuições que continuam válidas nos dias de hoje. Por exemplo, relativamente ao Noviciado, diz:

---

<sup>25</sup> Note-se que, nesta data, substitui o nome original de «educandas» pelo de «noviças», como o prescreve a Sagrada Congregação dos Religiosos.

<sup>26</sup> GP, em EEO II, 835.

<sup>27</sup> GP, em EEO II, 836.

<sup>28</sup> DCP, em EEO II, 822.

«É uma Escola teresiana que ensina, teórica e praticamente, o que é preciso para ser [...] toda de Jesus [...]. É a oficina de escultura espiritual [...], para uma criação nova, uma transformação do espírito»<sup>29</sup>.

Relativamente ao *conhecimento próprio*:

«O conhecimento próprio é a graça especial da Companhia»<sup>30</sup>.

Um dos princípios educativos e formativos mais importante na Companhia, herança do *socratismo* (*método de perguntas e respostas – N.T.*) *interior teresiano*, e muito cultivado por Henrique de Ossó, é o conhecimento próprio. Dele se fala desde o início da Companhia de Santa Teresa de Jesus e na verdade, até agora, não encontramos ainda nenhuma explicação tão expressiva e comprometedora como a deste pequeno livro.

O que quereria o Fundador dizer com ela, só o poderemos saber se a interpretarmos à luz de expressões parecidas ou afins, da mesma época. Significa, em primeiro lugar, consciência da nossa realidade de criaturas, feitas à imagem de Deus e capazes de Deus, mas inclinadas ao pecado. E ao mesmo tempo, conhecimento da realidade pessoal, original e distinta, com as suas qualidades próprias e também com as suas limitações. *Conhecimento próprio* que, como pensava a Santa, gera sempre humildade e confiança no Senhor:

«Sem Deus e sem o seu auxílio, nada podemos fazer (Jo 15,5). Com Deus, tudo podemos (Fl 4,13)».

### A Prefeita de Estudos

A Prefeita é a mais directa responsável pela formação académica, pedagógica e didáctica das irmãs, muito especialmente das Educandas. É também aquela que *vai na frente* com o seu amor pedagógico, o seu entusiasmo educativo e o seu zelo apostólico; por isso, pode ser *guia* e *estímulo* para as irmãs mais novas:

«Haverá uma Prefeita ou Directora de Estudos sob cuja direcção e inspecção estarão todas as coisas relacionadas com os estudos na Companhia [...]. Estão sob a sua responsabilidade o cumprimento do Plano de Estudos e as instruções para o aproveitamento das educandas»<sup>31</sup>.

Como diz textualmente o *Plano de Estudos*, «este é um dos cargos mais fundamentais na Companhia, e de mais proveito, pois não é ensinar as meninas,

---

<sup>29</sup> DCP, em EEO II, 824.

<sup>30</sup> DCP, em EEO II, 828.

<sup>31</sup> OC, em EEO II, 199.

mas *formar mestras* que depois hão-de ensinar a milhares de almas o que tiverem aprendido»<sup>32</sup>. À Prefeita de Estudos compete-lhe estimular e animar a preparação integral das professoras:

«Animar as Educandas nos estudos, com doçura e suavidade»,  
cultivando, juntamente com elas, a vocação de educadoras.  
Há-de «evitar a ciência que ensoberbece [...] e a superficialidade no estudo que predomina neste século»<sup>33</sup>.

A prefeita fomenta, entre as estudantes, o conhecimento dos «métodos de ensino» e inicia-as na «arte de conduzir o espírito da juventude»<sup>34</sup>.

Preocupa-se e «cuida, com o maior empenhamento possível, de que as irmãs professoras, em todos os Colégios onde isso for possível, desempenhem, preferencialmente, as funções de mestras oficiais»<sup>35</sup>.

Fala-se da Prefeita no *Plano de Estudos* e nas *Constituições*, mas são também interessantes duas pequenas obras – *Exames e Deveres* – pois insistem nos aspectos mais importantes da *missão desta Educadora das educadoras* nesta etapa inicial.

No *Exame da Prefeita de Estudos*, lemos esta pergunta:

«Animo as Educandas a serem mártires do estudo, recordando-lhes o objectivo essencial do estudo: a pureza de intenção, a glória de Deus e a salvação das almas?»<sup>36</sup>

E entre os *Deveres da Prefeita de Estudos*, destacamos o primeiro que vem inclusivamente num parágrafo à parte:

«Acima de tudo, advertimos, exortamos e mandamos à Prefeita de Estudos que *não consinta que ninguém comece a ensinar sem estar suficientemente instruída*; porque, caso contrário, as irmãs envergonham-se da sua própria ignorância, assustam-se, perturbam-se, andam de espírito oprimido e, por fim, perdem o apetite e a saúde. As meninas dariam conta da ignorância da sua *professora improvisada* e a Companhia e a Religião seriam desacreditadas e desonradas...».

Embora tenham sido *os Reis* de 1893 a trazerem às irmãs *estes Deveres* como oferta, a voz do Fundador, que parece um pouco *aborrecido*, é inconfundível. Não poupa verbos nem adjectivos para evitar que se repita o que

---

<sup>32</sup> PE, em EEO II, 242.

<sup>33</sup> PE, em EEO II, 243.

<sup>34</sup> PE, em EEO II, 243.

<sup>35</sup> Deberes, em EEO II, 506.

<sup>36</sup> Exámenes, em EEO II, 453.



talvez tenha acontecido em algum caso. O parágrafo termina até com dureza, pois está em jogo algo que é fundamental para a missão da Companhia:

«... É, pois, com a maior severidade que impomos este ponto à consciência da Prefeita de Estudos»<sup>37</sup>.

Lido 100 anos depois, e conhecendo a precariedade da preparação dos professores de então, dá-nos uma ideia da extraordinária consciência do Fundador acerca da formação e competência profissional das mestras teresianas; consciência essa que não sabemos até que ponto terá criado raízes nas irmãs.

### 1.2. Segunda Provação: As Aspirantes

Numa época em que se dedicava pouco tempo à formação, é significativo que, na Companhia, se distinga esta segunda etapa de votos temporários, equivalente ao actual juniorado<sup>38</sup>, durante a qual, com muita frequência, as irmãs chamadas *aspirantes* continuavam a sua formação académica e profissional antes, e inclusivamente depois, de terem obtido o diploma de mestra (elementar ou superior). No organigrama da Companhia estava prevista a criação dos chamados Colégios Maiores em cada capital eclesiástica, uma espécie de *Escolas Normais teresianas*, sonhadas pelo Fundador no momento da Inspiração, e que sempre estiveram no horizonte dos seus projectos, embora não tenham chegado a ser criadas:

«Para melhor alcançar o objectivo das Constituições 59 e 69<sup>39</sup>, em cada província eclesiástica, ou da Companhia (ou diocese), *haverá, com o tempo*, um Colégio superior que fornecerá, *tanto quanto puder*, aos Prelados, as Professoras que pedirem ou de que necessitem, para fomentar ou salvar os interesses de Jesus nos lugares onde estiverem em maior perigo»<sup>40</sup>.

Uma vez mais, é evidente a relação entre os dois projectos educativos, nunca desligados: *formar mestras* que depois seriam *educadoras de meninas e meninos*.

Não há muito mais a dizer sobre este período em que as irmãs de votos temporários se iniciam no *apostolado* da Companhia, realizado numa

---

<sup>37</sup> Deberes, em EEO II, 505.

<sup>38</sup> O conceito e, sobretudo, o termo *juniorado* não aparece nos documentos da Igreja senão depois do Vaticano II. (Cf. *Ecclesiae Sanctae*, 35, e *Código de Direito Canónico* cc. 659-660. Para mais informações, consultar DTVC, 919-923).

<sup>39</sup> Refere-se aos artigos 59 e 60 das Constituições apresentadas à Santa Sé para serem aprovadas, em 1887. Não coincidem exactamente com as publicadas depois, em 1888. Os artigos 59 e 60 daquelas Constituições correspondem, na realidade, ao artigo 47 do *Sumário das Constituições*, em EEO II, 68.

<sup>40</sup> 2º PC, em EEO II, 333.

comunidade orante e missionária, ou seja, apostólica. A 2ª Parte das Constituições de 1889 diz o seguinte:

«Encontram-se na segunda Provação as Irmãs que tiverem feito os votos temporários de pobreza, castidade e obediência; chamam-se *Aspirantes*. Estes votos são por cinco anos»<sup>41</sup>.

### 1.3. Terceira Provação: *Provas*

Deste terceiro período, as Constituições de 1889 dizem muito pouco:

«Encontram-se na terceira Provação as Irmãs que tiverem feito os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência; as que estiverem nesta terceira Provação chamam-se *Provas*»<sup>42</sup>.

Este período termina com o «*Juramento ou promessa de perseverança ou fidelidade perpétua à Companhia*», momento a partir do qual as irmãs «são e se chamam *Professas*». Diz o seguinte:

«As Irmãs que, depois de terem feito os votos perpétuos e de terem passado pelo menos nove anos na Companhia de Santa Teresa de Jesus, e vivido nela *cum laude*, fazem o juramento ou promessa de perseverança ou fidelidade perpétua à Companhia; são e chamam-se *Professas*. Tanto as Ajudantes como as Professoras poderão ser admitidas a esta promessa ou juramento de perseverança na Companhia de Santa Teresa de Jesus, isto é, podem ser *Professas*»<sup>43</sup>.

## 2. Formação permanente

<sup>41</sup> EEO II, 330.

<sup>42</sup> O texto das Constituições de 1882 era um pouco diferente, pois acrescentava «o voto de ensino», suprimido pela Sagrada Congregação em 1888. (OG, em EEO II, 149).

<sup>43</sup> 2ª P C e OG, em EEO II, 330 e 149. Também aqui há reminiscências da Companhia de Jesus. O texto das Constituições prossegue: «Somente as Irmãs que tiverem prestado este juramento ou promessa de perseverança, formam, com toda a verdade e propriedade, a Companhia de Santa Teresa de Jesus». A Sagrada Congregação, pelas palavras do censor Lolli, fez a seguinte advertência: «*Chamam a atenção também as seguintes palavras: «Somente são verdadeiros e próprios membros da Companhia de Santa Teresa de Jesus as Irmãs que tiverem emitido o juramento de perseverança». Portanto, todas as outras, apesar de terem emitido os três votos de religião, não serão verdadeira e propriamente religiosas! Eis até onde vai a ânsia de inovação!»* (Animadversão 11ª do Censor, 31 de Agosto de 1888. Em AGSTJ Carpeta 48, III BC, 5-8). A influência inaciana manifesta-se também no modo de preparação de momento tão fundamental: «Antes de prestarem este juramento ou promessa de perseverança, farão as quatro semanas de exercícios espirituais que prescreve Santo Inácio de Loiola, nosso insigne guia e protector». (2ª P C e OG, em EEO II, 330 e 149).

Embora Henrique de Ossó nunca tenha utilizado esta expressão, podemos falar de formação permanente na Companhia, inclusivamente no início, pois a formação foi uma das preocupações e das actividades mais importantes, sempre em ordem à missão. Como alcançar fim tão sublime?, perguntava aos seus leitores o Director da *Revista Teresiana* ao fazer a apresentação da Companhia.

«Ser *sábias e santas* como a sua madre Teresa, para atrair todos os corações ao amor de Jesus»<sup>44</sup>, e obter a necessária preparação em *virtude e letras*, formando «o seu *espírito, coração e inteligência* segundo o modelo da Santa»<sup>45</sup>, não era coisa que se pudesse conseguir de uma vez para sempre.

Aquele «*silêncio e afastamento do mundo*» requerido para a formação inicial, seria também o ambiente habitual criado pelas irmãs em todas as comunidades:

«A nossa Companhia é de *oração e estudo* e, por isso mesmo, de *silêncio*»<sup>46</sup>.  
«Almas palradoras não são boas para a oração e para o estudo, pois para isso é necessário o *silêncio*»<sup>47</sup>.

### 2.1. O estudo

A união entre a finalidade educativa da Companhia e o estudo é, de facto, tão estreita, que não pode ser justificada simplesmente pela necessidade de obter um diploma para ensinar, de acordo com a legislação vigente; tal como é concebida esta Obra de zelo, tornava-se «absolutamente indispensável» uma preparação académica sólida e uma contínua auto-formação das educadoras, uma actualização constante da sua preparação profissional, humana e pedagógica:

«Como a Companhia de Santa Teresa de Jesus se consagra, de preferência, ao apostolado do *ensino*, as irmãs *professoras* devem *consagrar-se ao estudo seriamente e com constância*, porque, sem *sólida doutrina e muitos conhecimentos* pouco ou nada poderão *alargar as fronteiras* do reinado do *conhecimento e amor de Cristo Jesus*»<sup>48</sup>.

É tal a consciência da necessidade do estudo, que as Constituições de 1889 ao mencionarem os diversos grupos de irmãs, identificam as Professoras como se segue:

---

<sup>44</sup> Dir.P. em EEO II, 414.

<sup>45</sup> RT N° 47, Agosto 1876, em EEO III, 796.

<sup>46</sup> SC, em EEO II, 410.

<sup>47</sup> SC, em EEO II, 420.

<sup>48</sup> EEO II, 346.

«Chamam-se Professoras as que formam o corpo docente da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e se dedicam ao estudo e ensino»<sup>49</sup>.

Henrique de Ossó preocupa-se com a ignorância da sociedade e com a falta de formação humana e cristã. Quer combatê-la por meio da Escola Teresiana, instruindo e educando as novas gerações, proporcionando-lhes uma formação sólida. Mas preocupam-no muito mais as novas ideias racionalistas que, em nome da ciência e da liberdade de pensamento, pretendem educar e formar crianças e jovens à margem da fé cristã. Estas correntes educativas dos livres-pensadores, estavam a ganhar muitos e muitos adeptos para a sua ideologia. A Companhia propõe-se combater as diversas correntes de uma escola sem Deus, oferecendo à sociedade uma formação em letras e ciências pelo menos tão bem fundamentada como a desses pedagogos e mestres.

As Constituições da Companhia de 1882, deixam entrever uma situação premente. «Neste século de *pretensas* luzes, é urgente uma preparação muito séria, por isso «é absolutamente indispensável que as Filhas da grande Teresa se apresentem diante do mundo, no meio da sociedade, com abundantes conhecimentos sólidos e proveitosos». Haverá, pois, além dos diplomas oficiais que se não-de obter nas Normais do Governo, diplomas próprios»<sup>50</sup>.

Entre os institutos religiosos femininos da época dedicados à educação, não encontramos nenhuma solução tão drástica. As Constituições de 1889, todavia, acrescentam ainda novos argumentos:

«Como a Companhia é uma obra de zelo que tem por finalidade difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus por todo o mundo por meio do Apostolado do ensino, neste século de pretensas luzes ou de falsa ciência, é um ponto absolutamente indispensável, para alcançar esse altíssimo objectivo, que as Filhas da Seráfica Doutora Santa Teresa, que mereceu o apelido de Mestra dos Sábios, se apresentem diante do mundo, no meio da sociedade actual, com abundância de *conhecimentos sólidos e úteis*. E por conseguinte, os estudos das Irmãs da Companhia compreenderão ou abarcarão, não só os programas oficiais para crianças, elementares e superiores, mas outros mais vastos»<sup>51</sup>.

A publicação precoce do *Plano provisório de Estudos (1882)* e o seu conteúdo, dá-nos uma ideia de como o estudo era realmente importante para o Fundador. É destinado às Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e não apenas às Educandas, como o título nos levaria a pensar. E em toda a primeira parte trata, quase exclusivamente, do estudo. Transcrevemos os títulos desta primeira parte, pois são verdadeiramente significativos:

---

<sup>49</sup> 2ª P C, em EEO II, 328.

<sup>50</sup> OG, em EEO II, 150.

<sup>51</sup> 2ª PC, em EEO II, 331.

Dos livros de estudo da Companhia:

- *Instruções ou disposições para o estudo.*
- *Obstáculos para avançar no estudo.*

Do Modo de estudar ou de aprender as lições:

- *Meio para fomentar os avanços no estudo na Companhia de Santa Teresa.*
- *Estudos preferenciais na Companhia de Santa Teresa de Jesus.*
- *Plano ou distribuição das disciplinas*<sup>52</sup>.

Uma leitura pausada do documento permite-nos descobrir, para além dos aspectos didácticos e normativos, uma intencionalidade motivadora para o estudo da parte de Henrique de Ossó. De facto, devia ser muito difícil para aquelas jovens teresianas, acreditar que era necessário estudar tanto *para difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo* naquela sociedade espanhola onde mais de 75% das mulheres eram analfabetas.

O Fundador, no entanto, tinha ideias muito claras. De maneira nenhuma pretendia, para as irmãs, uma formação enciclopédica, mas conhecimentos sólidos, bem fundamentados e interligados, que lhes permitissem ensinar com competência *naquele século das luzes e das ciências*. O estudo, por conseguinte, deveria ser intenso e bem planeado. Deveria abarcar todas as matérias relacionadas com o seu nível de ensino. Um estudo «sério», «constante e perseverante», ao qual as irmãs deveriam entregar-se com uma «grande força de vontade»:

*«Deveis dedicar-vos, pois, filhas minhas muito amadas, com grande aplicação e interesse, ao estudo de todas as coisas que mais directa e eficazmente possam contribuir para este objectivo, sem perder nenhum instante de tempo»*<sup>53</sup>.

É-lhes pedida uma dedicação plena ao estudo e ao ensino, «sem desperdiçar nenhum instante de tempo»:

*«Sem estudar muitíssimo, pouco ou nada se sabe, e por isso mesmo, não se pode ensinar com proveito. As filhas da grande Doutora Teresa de Jesus devem dedicar todos os momentos que os exercícios de piedade lhes deixarem livres, ao estudo das matérias ou disciplinas que formam o caudal de conhecimentos que se exigem para serem professoras úteis»*<sup>54</sup>.

O estudo é necessário para ensinar eficazmente. Em alguns meios, é a única maneira possível de chegar ao povo:

---

<sup>52</sup> PE, em EEO II, 234-242.

<sup>53</sup> PE, em EEO II, 233.

<sup>54</sup> PE, em EEO II, 232.

«Portanto, devem encarar o estudo das disciplinas que lhes forem confiadas [...], como um dos *meios mais eficazes, e às vezes único*, para difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus e sua Teresa entre certa espécie de gente»<sup>55</sup>.

Para comentar a transcendência do estudo na realização da missão educativa da Companhia, o Fundador chega, inclusivamente, a falar às irmãs de *martírio*. No *Plano de Estudos* formula-o como se segue, repetindo-o depois em muitas das suas cartas pessoais, como por exemplo, às professoras com mais experiência:

«Se for necessário, deveis ser *mártires do estudo* para desempenhardes, ou vos dispordes a desempenhar frutuosa e, o sublime apostolado do ensino»<sup>56</sup>.

Podemos talvez falar de *espírito de estudo*, tão conatural em Henrique de Ossó. Ele sabe que as irmãs não o viverão pessoalmente e não o porão em prática se não estiverem persuadidas da sua importância e valor:

«Considerem o estudo como uma das *ocupações mais importantes* de uma Filha da Companhia de Santa Teresa de Jesus e, por conseguinte, apliquem-se-lhe seriamente e com grande força de vontade»<sup>57</sup>.

Porque a *motivação* é verdadeiramente importante para a aprendizagem. O Fundador, que foi um autodidacta, sabia por experiência que só a partir da convicção pessoal as mestras teresianas se exercitariam, com êxito, no dever do estudo. Por isso, encarrega a Prefeita de Estudos de avivar esta consciência nas irmãs. Terá obrigação de estimular e facilitar a sua autoformação e preparação constante. Citamos alguns *Deveres da Prefeita* que evidenciam dois níveis de compromisso:

- O das *convicções* ou tomada de consciência pessoal e partilhada:  
«Compenetrar-se bem, tal como as suas Irmãs professoras, de que não podem fazer coisa mais agradável a Deus e proveitosa para a Companhia, do que consagrar-se, com todo o afinco, ao estudo e ensino, segundo o Plano da Companhia, com pureza de intenção, para dar gosto a Deus e difundir o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo»<sup>58</sup>.
- O da *acção*. «Fazer fazer»:

<sup>55</sup> PE, em EEO II, 233. É precisamente para se dirigirem «a essa espécie de gente», liberal, intelectual ou intelectualista, que as da Companhia se preparam.

<sup>56</sup> PE, em EEO II, 233.

<sup>57</sup> PE, em EEO II, 235.

<sup>58</sup> Deberes, em EEO II, 505-506.

«Procurar, por todos os meios possíveis, que as Irmãs Professoras *se consagrem seriamente e com constância ao estudo*, porque sem instrução sólida e abundância de conhecimentos úteis, pouco ou nada *poderão alargar as fronteiras do conhecimento e amor de Jesus*»<sup>59</sup>.

É que as irmãs da Companhia haviam de competir, em preparação e qualidade educativa, com as Escolas laicas mais bem preparadas, mantendo-se sempre na vanguarda pedagógica. O ponto de partida, obviamente, será sempre outro, pois o motivo do ensino teresiano é essencialmente evangelizador:

«Tenham, sobretudo, uma grande pureza de intenção, não procurando, nos seus estudos, senão a maior glória de Deus e a salvação das almas»<sup>60</sup>.

O *Plano de Estudos* orienta as irmãs para uma interpretação sapiencial do estudo, para além da satisfação própria, tornando-as conscientes de que é o Senhor que concede esse espírito a quem lho pedir<sup>61</sup>:

«Peçam muito de contínuo a Deus, que é Pai das luzes e Senhor das ciências [...], a verdadeira sabedoria e inteligência de todas as coisas»<sup>62</sup>.

## 2.2. A oração diária e a vida

Já vimos no capítulo anterior<sup>63</sup>, que «a oração é a alma da Companhia [...], o seu fundamento, o seu apoio»<sup>64</sup>. É ela que dá vida de fé à Companhia, sem a qual o instituto não teria nenhum sentido. De facto, não se pode entender a vida apostólica da Companhia sem o alimento diário da oração, à qual se atribui uma importância superior à de todos os outros actos de piedade. É como que o ar que as irmãs respiram na sua vida e missão.

Como a sua mãe Teresa e o seu Fundador Henrique de Ossó, as da Companhia têm como principal tarefa a identificação com Cristo. A sua vida apostólica é fruto de um percurso de cristificação: «*revestir-nos de Cristo Jesus, é aqui a única coisa a fazer, a ocupação essencial*»<sup>65</sup>.

<sup>59</sup> Deberes, em EEO II, 505.

<sup>60</sup> PE, em EEO II, 234.

<sup>61</sup> Consta-nos que, desde a sua juventude, Henrique de Ossó pedia para si mesmo o *espírito de sabedoria*, dom do Espírito Santo. Também o inculca na Companhia. Num dos seus caderninhos pessoais, no meio da oração (autógrafa) da Companhia, tem anotada esta citação que lhe era familiar: «Se algum de vós tem falta de sabedoria, que a peça a Deus, que a todos dá generosamente e sem recriminações, e ser-lhe-á dada. Mas peça-a com fé e sem hesitar» (Tg 1,5-6). (Cf. AGSTJ, Escritos PIB/T Vol. XIV, pars. 6ª, 375).

<sup>62</sup> PE, em EEO II, 234-235.

<sup>63</sup> O ponto 2.2. «Mestras de Oração» do capítulo XI deste estudo, fala de Oração e de diversos tipos de oração.

<sup>64</sup> SC, em EEO II, 42.

<sup>65</sup> A frase consta do *Prólogo* do MCJ, à qual Henrique de Ossó acrescenta: «a primeira de qualquer cristão». Em EEO III, 457.

Consagram espaços de total gratuidade para estar a sós com o Senhor, todos os dias<sup>66</sup>. E procuram criar as condições necessárias para esse encontro: silêncio interior e exterior, tomada de consciência da sua presença envolvente e amorosa. Escutam a Palavra viva e eficaz que penetra até ao limite da alma e do espírito, e deixam-se ensinar pelo Mestre interior.

Este é um meio imprescindível para conhecer e amar profundamente Jesus. Depois, durante as actividades do dia, terão oportunidade de se exercitarem nas atitudes de disponibilidade face à vontade de Deus e de desprendimento de si mesmas, que sempre se concretiza na morte do próprio eu para dar vida. Entre os espaços de oração mental e a vida, há uma inter-relação necessária.

A própria vida é percebida como o lugar da autoformação pessoal, o ambiente ideal para exercitar as atitudes evangélicas ou virtudes, a oportunidade de as pôr à prova e de as avaliar. É o espaço natural do conhecimento próprio e da humildade, a ocasião de exercitar a mansidão e a cordialidade no serviço desinteressado a todos.

Henrique de Ossó, que conhece bem as irmãs, faz um trabalho de acompanhamento pessoal, orientado para a personalização e interiorização do carisma. Através das cartas e dos informes que, periodicamente, lhe envia cada irmã<sup>67</sup>, mantém o contacto necessário para conhecer a situação de cada uma. Graças às cartas pessoais que chegaram até nós, podemos saber com que acerto e realismo se dirige a cada irmã, fazendo sempre referência às *circunstâncias* em que se encontra.

O acompanhamento pessoal do Fundador de tantas irmãs, durante os primeiros vinte anos da Companhia, alimenta-se das experiências vividas, que são sempre uma oportunidade para reagir, amando, e para crescer em magnanimidade.

A carta a Saturnina Jassá que se segue, é representativa do tipo de relação com cada irmã:

«Recebida a tua, que me agrada pelas notícias que me dás. Muitas coisas hão-de acontecer até que viva e reine no coração só a filha de Maria. Nada te

---

<sup>66</sup> O capítulo do *Zelo* dá algumas indicações sobre o tempo: «Terão todos os dias uma hora de oração, pelo menos, e depois, o uso, muito contínuo, de jaculatórias na presença amorosa de Deus no íntimo da alma» (EEO II, 62). O capítulo que fala *Do emprego do tempo e exercícios espirituais*, diz o seguinte relativamente à oração da manhã: «Façam todas no oratório o oferecimento das obras do dia e a oração mental, o que durará ao todo uma hora» (EEO II, 108).

<sup>67</sup> Fala-se, em vários lugares, dos informes frequentes, sobretudo das irmãs com alguma responsabilidade. Como exemplo, citamos um pedacito de uma carta a Saturnina, Directora da Casa-mãe de Jesús: «Que todas as semanas, a Directora e Mestra das educandas dêem contas do aumento ou diminuição dos interesses de Jesus, acerca dos seguintes pontos...». (Assinada em Alicante 8/12/1880. Ed. N° 162. Original em AGSTJ, E. Vol. 2,138). As questões são as mesmas dos Exames publicados em 1885, em EEO II, 440-463.



surpreenda [...]. O que convém, filha minha, é que de tudo tireis humildade [...]. Guarda ou procura a saúde do teu corpo. Descansa e não dê aulas. Também te convém mais conhecimento próprio, e dá muitas graças a Deus por esta graça, a principal e a mais essencial. Podes fazer a oração a passear ou, às vezes, saindo para o campo, como aconselha a santa Madre»<sup>68</sup>.

Transcrevemos uma selecção de expressões diversas retiradas de algumas cartas, sempre referidas à dialéctica *ideal-vida concreta*. Em qualquer caso, o Fundador está atento ao momento que a irmã está a viver para lhe dizer uma palavra adequada:

- Perante as dificuldades:  
«A paz não consiste em não ter contrariedades, mas em saber suportá-las e vencê-las. Quando estiveres inquieta, cala-te. Vale mais uma onça de mansidão do que mil quilates de *fervor natural*»<sup>69</sup>.
- Perante o risco de dispersão:  
«Não te afadigues demasiadamente com os bens daqui [...]. Procura que as coisas e tarefas exteriores não impeçam a tua união com Deus. Purifica a tua intenção e ama»<sup>70</sup>.
- Depois de um trabalho excessivo:  
«Agora descansai e progredi em virtude e letras e amor de Deus. Dormi mais alguma hora durante alguns dias»<sup>71</sup>.
- Um critério constante de actuação:  
«Que sejais sempre dóceis às inspirações da graça; que não resistais às inspirações do céu»<sup>72</sup>.

Os exames de revisão ou de prevenção são *um modo* particular de oração, uma maneira crente de contemplar o dia vivido ou o que está por estrear. Entregam nas mãos de Deus a vida concreta para que a transforme ou para a projectar com Ele, com maior realismo e coerência. Levam a vida para a oração, para a agradecer e purificar, ao terminar o dia. E levam a vida ao Senhor, para percorrê-la com Ele, de acordo com o projecto traçado na oração.

<sup>68</sup> Tarragona, 17/5/1880. (Ed. Nº 133, original em AGSTJ, E. Vol. 3,135).

<sup>69</sup> A Saturnina, 12/4/1880. (Ed. Nº 127, original em AGSTJ, E. Vol. 1,155).

<sup>70</sup> A Teresa Plá, Guernica, 3/9/1880. (Ed. Nº 149, original em AGSTJ, E. Vol. 5,20).

<sup>71</sup> A Petra Troncho, Jesús, 13/7/1889. (Ed. Nº 412, original em AGSTJ, E. Vol. 16,104).

<sup>72</sup> Às irmãs da Companhia, Roma, 23 de Junho de 1894. (Ed. Nº 462, original em AGSTJ).



### Capítulo XIII

#### «FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA DE SANTA TERESA»

*Escola de Santa Teresa* era o nome popular de muitos colégios da Companhia. As pessoas chamavam-nos assim porque era neles palpável o espírito da santa de Ávila. Henrique de Ossó também gostava do nome. Teresa de Jesus fora a inspiradora do *Projecto Educativo* e a doutrina e o espírito de Teresa formara as mestras destas escolas.

Não é de estranhar, portanto, que em 1889, o Fundador da Companhia escolhesse precisamente este nome para lançar no mercado editorial uma colecção de livros de texto publicados pela Companhia de Santa Teresa de Jesus. Esses livros difundiam o ideal educativo teresiano fora dos colégios da Companhia, oferecendo a outros professores e professoras um material didáctico de qualidade. Com essa publicação, não só se enriqueciam as *Escolas de Santa Teresa* disseminadas pelo território espanhol, e algumas já no estrangeiro, mas iniciava-se outra «*Escola de Santa Teresa*» muito mais ampla, difícil de contabilizar.

A *Revista Teresa de Jesus* publica o «Discurso Preliminar» com o qual Henrique de Ossó inicia, de uma forma virtual, o ano lectivo de 1891-92 desta *nova Escola*. O discurso é admirável. Dirigindo-se aos meninos e às meninas, principais protagonistas desta escola, Henrique de Ossó apresenta-se como o mestre amigo que conhece bem aquilo que lhes interessa, o seu desejo insaciável de aprender:

«Falar-vos-emos, em primeiro lugar, daquilo que é melhor, ou seja, de Deus» [...], e «de Jesus, a quem todos devemos amar sobre todas as coisas». «Falar-vos-emos também de vós próprios». «Ensinar-vos-emos a falar e a escrever bem, a contar, a passear por todo o globo sem gastar um tostão, e faremos até uma ou outra excursão às estrelas [...]»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> RT 1890-91, 332-337. Embora o autor dos primeiros livros tenha sido Henrique de Ossó, ele atribui a autoria de toda a colecção à Companhia de Santa Teresa. Começa por dizer às crianças: «Desejei muitíssimo conversar este bocadinho convosco [...]. Quero falar-vos de muitas coisas que vos interessam bastante, e o que não puder fazer eu, por causa das minhas ocupações e falta de tempo, fá-lo-ão as minhas filhas no Senhor Jesus e sua Teresa, as Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus, que já conheceis e amais há algum tempo, porque também, como sabeis por dulcíssima experiência, elas vos conhecem e amam muito».

O resto do discurso contém os aspectos fundamentais do ideal educativo de Henrique de Ossó, que inspirou a publicação e que está vivo nos colégios da Companhia.

Tanto neste capítulo como na restante reflexão, utilizamos a expressão em sentido alargado. Chamamos *Escola de Santa Teresa* ao conjunto dos colégios da Companhia ou a algum em concreto. Mas também nos servimos desta designação para nos referirmos ao *Carácter Próprio* dos colégios e de outras modalidades de educação teresiana. A *Escola de Santa Teresa* inclui, além disso, todos os discípulos e discípulas de Henrique e de Teresa, a grande família daqueles que com eles aprenderam a *ver* o mundo e a *relacionar-se* com Deus, consigo mesmos, com as pessoas e a sociedade, e com a natureza criada.

Poderemos falar, com propriedade, de uma filosofia da educação na Companhia, embora sabendo que as ideias não são originais?

Henrique de Ossó, fundador e formador da Companhia de Santa Teresa de Jesus, foi um autêntico educador e pedagogo, pois não só deu vida às *escolas teresianas* mas, reflectindo sobre a educação e as condições que a favorecem, também esboçou um modelo específico de educação, intrinsecamente coerente e válido, que fez escola: *A Escola de Santa Teresa*.

A sua doutrina pedagógica não foi pensada em abstracto de uma vez para sempre, para depois ser posta em prática. É fruto, em primeiro lugar, da sua experiência formativa na sua família e, mais tarde, no seminário, enriquecida com a leitura de autores e de obras clássicas da pedagogia; e depois, da sua experiência como educador e catequista, nos primeiros anos de sacerdote, iluminada e enriquecida com novas leituras.

Foi uma experiência pedagógica avaliada, reflectida e formulada para ajudar outras pessoas no *Guia Prático do Catequista* (1872); uma experiência posta novamente à prova na fundação da Companhia e dos seus primeiros colégios e – sempre aberta a novos contributos pedagógicos –, reformulada em sucessivas etapas. Assim chegou, pois, a converter-se numa doutrina própria, disseminada por muitos escritos, com uma finalidade didáctica e formativa, sobretudo das irmãs, mas sem perder de vista as mães de família e os educadores da juventude em geral.

Apresentamos, seguidamente, uma síntese dos autores que maior influência tiveram na pedagogia de Henrique de Ossó e depois, uma breve resenha dos seus mais significativos escritos sobre educação.

## 1. Fontes pedagógicas de Henrique de Ossó

Não é este o lugar para levar a cabo um estudo exaustivo do tema, mas ao interrogar-nos sobre os seus princípios pedagógicos e o seu projecto educativo, será conveniente termos em conta os autores, correntes pedagógicas e modelos

educativos que mais directamente influenciaram o pensamento pedagógico de Henrique de Ossó e o Projecto da Companhia. A síntese que apresentamos ajudar-nos-á a interpretar a pedagogia de Henrique de Ossó e a reconhecer a origem ou a autoria de alguns princípios educativos, métodos didácticos e aforismos que ele repete e que pertencem a uma tradição pedagógica secular, enriquecida, ao longo dos séculos, com contribuições singulares. A referência a estas fontes é também necessária para avaliar, sem ingenuidade, aquilo que é mais específico da Companhia.

### *1.1. A Tradição do humanismo cristão*

Em primeiro lugar, será necessário recordar que a pedagogia de Henrique de Ossó, continuada pela Companhia, assume os princípios da tradição cristã que, desde o renascimento cristão, se caracteriza pela síntese entre cristianismo e classicismo, um ideal que chega ao século XIX espanhol fundamentalmente através dos institutos dedicados à educação: o ideal de educação integral, próprio do humanismo cristão, representado por Luis Vives e prolongado pela *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus; e o ideal católico humanista, matizado e completado pela orientação mais realista da educação popular, representado por S. José de Calasanz (XVII) e por S. João Baptista de la Salle (XVIII).

De uma época um pouco posterior, é Francisco Fénelon (XVII-XVIII), sendo muito notória a sua influência em Henrique de Ossó, sobretudo no que se refere à educação da mulher.

#### **Luis Vives (Valencia 1492-1540)**

Embora não esteja presente na Escola Teresiana, o pensamento pedagógico de Luis Vives teve, sem dúvida, uma grande projecção e influência na pedagogia católica posterior, muito especialmente na Companhia de Jesus, que, por sua vez, influenciou bastante a de Santa Teresa de Jesus.

A síntese entre humanismo e realismo constitui o aspecto mais original de Luis Vives. No seu *Tratado de la Enseñanza*, propõe uma tese, adoptada pela tradição humanista posterior, que faz dele o pai da pedagogia experimental moderna: A tarefa educativa deve basear-se no conhecimento preciso da psicologia dos alunos; segundo Vives, o conhecimento do aluno e a instrução gradual, são as chaves do sucesso educativo. O mestre valenciano afirma, já nessa altura, que a formação deve ser integral e abarcar toda a vida do homem.

#### **A Escola humanista feminina da rainha Isabel**

Apesar da distância temporal de quase 400 anos, o ideal renascentista da mulher continua a iluminar as opções educativas femininas de Henrique de

Ossó. Encontramos, em vários dos seus escritos, a referência à época em que o exemplo e o mecenato da rainha Isabel foram um factor decisivo no movimento intelectual feminino dos finais do século XV e princípios do XVI.

A própria rainha transforma a sua corte numa escola, na qual são implementados diferentes programas educativos. As mulheres, educadas por um professorado feminino, seguem um plano de estudos do qual constam, por esta ordem, as seguintes matérias de aprendizagem: fiar, coser, bordar, letras e música. É precisamente este ideal educativo feminino que será proposto pelo mais importante pedagogo da época – Luis Vives. Sem pôr de parte a perspectiva tradicional – a mulher considerada como mãe e rainha do lar –, Vives mostra-se favorável à instrução da jovem, o que não era habitual. A novidade da sua posição radica, precisamente, na convicção de que a preparação intelectual é necessária em qualquer opção de vida<sup>2</sup>.

É esta a ideia que prevalece nos *prospectos* dos primeiros Colégios da Companhia, como podemos verificar no que a seguir transcrevemos, sendo aliás evidente a idealização anacrónica daquele momento histórico da história da Espanha: «Pretendemos que as nossas alunas sejam reproduções fiéis daquelas admiráveis mulheres que formaram a glória dos séculos [...], mulheres que, embora se tenham distinguido pela aplicação e progresso no estudo das letras, nem por isso desdenhavam pegar na roca e no fuso, dedicar-se a coser e a remendar a roupa dos seus familiares, atender ao cuidado e bom governo da casa e exercer a caridade nas suas mais admiráveis manifestações. Modelos acabados de modéstia e simplicidade cristãs e, ao mesmo tempo, de nobreza e dignidade, chegaram a ser a personificação da sociedade daquele período, o mais nobre de todos, pela sublimidade dos seus sentimentos e virtudes»<sup>3</sup>.

### **Santo Inácio e a Companhia de Jesus: A *Ratio Studiorum* (1599)**

A influência de Santo Inácio e da Companhia de Jesus na Companhia de Santa Teresa, não só é visível no modo de entender a formação apostólica, eclesial e espiritual do instituto, mas é muito especialmente perceptível nos objectivos e perspectiva pedagógica dos seus centros educativos. Não nos esqueçamos de que Henrique de Ossó estudou durante quatro anos lectivos no seminário de Barcelona dirigido pelos jesuítas<sup>4</sup> e de que, durante toda a vida, manteve uma estreita relação com a Companhia de Jesus.

---

<sup>2</sup> Sobre este tema pode ler-se: M. BORRERO FERNÁNDEZ, «Modelos de educación femenina en el renacimiento» em B. BERTOLOMÉ MARTÍNEZ, *Historia de la Acción Educativa de la Iglesia en España I*, BAC, Madrid 1996, 457-458.

<sup>3</sup> Prospecto do «Colegio de Santa Teresa de Jesús, para señoritas, dirigido por las profesoras de la Compañía de Santa Teresa de Jesús». Barcelona. San Gervasio 1890, 2.

<sup>4</sup> Henrique de Ossó estudou Física e Matemáticas com o Dr. Arbós S.J. no seminário de Barcelona no ano lectivo de 1860-61, tendo recebido, como que por osmose, o espírito da *Ratio*

Tal como Inácio e os seus companheiros, 300 anos antes, com a sua Companhia, Henrique de Ossó estava persuadido de que, através da educação *teresiana* feminina, a Companhia de Santa Teresa contribuiria para a restauração da fé católica e para a regeneração da sociedade. E tal como a Companhia de Jesus, a de Santa Teresa pretendia reviver os perenes ideais da formação humana e cristã, tornando-os compatíveis com as exigências do momento histórico e cultural das últimas décadas do século.

Apesar das diferenças objectivas entre os colégios dos jesuítas e os da Companhia de Santa Teresa de Jesus, que não são poucas<sup>5</sup>, o ideal e o espírito jesuíta da *Ratio Studiorum*<sup>6</sup> estão presentes na escola de Santa Teresa. A formação do homem (e da mulher) cristãos, tal como é referida nos prospectos dos colégios da Companhia de Jesus do século XIX, era o ideal dos colégios da Companhia de Santa Teresa, e poderia ter sido apresentado em termos semelhantes aos que se seguem, pertencentes a um colégio de jesuítas: «Este colégio tem por objectivo formar, não menos o coração do que a inteligência dos jovens em virtude e ciência por meio de uma esmerada e sólida educação»<sup>7</sup>.

Dada a coincidência no que se refere aos objectivos, compreende-se a influência da *Ratio* nos métodos didácticos e, inclusivamente, na organização escolar. A figura da Prefeita de Estudos, por exemplo, tão característica da Companhia de Santa Teresa, foi herdada do modelo educativo jesuíta. E uma grande parte dos recursos didácticos da *Ratio* – emulação, exercícios práticos, repetições, composições literárias, prémios, actos públicos, academias literárias,

---

*Studiorum*. Foi um aluno distinto daqueles métodos. Depois estudou os 3º, 4º e 5º anos de Teologia, também naquele seminário, nos anos de 1863-1866.

<sup>5</sup> É necessário ter em consideração as diferenças objectivas entre uns colégios e outros. 1. Os destinatários: o facto de os colégios teresianos serem basicamente femininos, determina enormes diferenças de organização. 2. O nível académico: enquanto os colégios da Companhia de Jesus eram predominantemente de nível médio e superior, os da Companhia de Santa Teresa (ao princípio) eram da infância e ensino primário. 3. A preparação dos professores e a experiência. 4. A difusão. 5. O período histórico: século XVI / século XIX, embora Henrique de Ossó tivesse como modelo os Colégios da Companhia de Jesus depois da restauração.

<sup>6</sup> A *Ratio atque Instituto Studiorum Societatis Jesu (1558)*, na sua versão «definitiva» de 1599, é um bom plano de estudos com um método próprio, que imprime ao ensino um selo de família, redigido com enorme simplicidade. Não é nenhum tratado de pedagogia, mas adopta, implicitamente, certos princípios. Ao longo dos séculos, foi sendo enriquecido com a experiência e o contributo de distintos mestres jesuítas e foi considerado, em todos os tempos, pela Companhia de Jesus, como um código pedagógico de formação integral e um método didáctico. No século XIX, a Companhia de Jesus teve que tornar os ideais humanistas da *Ratio* compatíveis com as exigências de tipo científico dos novos planos de educação. (Cf. B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, «Los Colegios de jesuitas y la educación de la juventud» em *Historia de la Acción educadora de la Iglesia en España I*, BAC, Madrid 1996, 644-677; M. REVUELTA, «Los jesuitas», em *Historia de la Acción educadora de la Iglesia en España II*, BAC, Madrid 1997, 449-465; M. REVUELTA, «Segunda mitad del siglo: Jesuitas», em *Historia de la Educación en España y América 3*, SM, Madrid 1994, 291-306.

<sup>7</sup> Art. 1º do prospecto de Carrión, 1881. Citado por M. REVUELTA em *Historia de la Educación en España y América 3*, SM, Madrid 1994, 299.

etc.<sup>8</sup> – foram *adoptados* pela Escola de Santa Teresa e *adaptados* à sua realidade infantil e feminina, com um currículo muito mais modesto.

A importância da *ordem* na vida escolar e a atitude *vigilante* por parte das educadoras, inspira-se também na *Ratio Studiorum*, embora fossem atitudes observadas, de um modo geral, por todas as instituições educativas tradicionais. Outros aspectos mais pessoais, relacionados com a formação moral e religiosa das alunas – como a importância e o modo de praticar a direcção espiritual, por exemplo, que constam do *Mi Reglamente* –, também os aprendeu Henrique de Ossó, certamente, com a Companhia de Jesus e dela os recebeu<sup>9</sup>.

O *Plano de Estudos* para as irmãs, bem como o seu projecto educativo teresiano, foram redigidos com base na *Ratio Studiorum*, de maneira que os objectivos, os programas, a metodologia e a didáctica são os mesmos, como veremos. Transcrevemos um parágrafo significativo do prospecto do Colégio de S. Gervasio, no qual encontramos decalcados alguns elementos da *Ratio*: «Para maior garantia do sólido e completo ensino que é ministrado neste Colégio de Santa Teresa de Jesus [...], além das revisões semanais, provas mensais e academias trimestrais, haverá exames públicos no final do ano lectivo, para os quais serão convidados os senhores Pais e encarregados das Colegiais para que possam inteirar-se dos progressos literários das suas filhas»<sup>10</sup>.

### S. José de Calasanz (1557-1648) e as Escolas Pias

A presença das Escolas Pias e do seu santo fundador na Companhia de Santa Teresa, não é comparável à dos jesuítas, apesar de Henrique de Ossó ter S. José de Calasanz, importante catequista e educador da infância, em grande consideração. Tanto no *Guia Prático do Catequista* como, mais tarde, no *Quarto de Hora de Oração* e nas *Constituições* da Companhia, faz referência a este santo que tinha uma grande confiança na oração das crianças: «Não só havemos de fazer valer a nossa oração [...], mas principalmente a das meninas, anjinhos inocentes que procuramos educar: «*Nunca pedi nada com as crianças que não o tenha alcançado*», dizia o grande devoto de Santa Teresa, S. José de Calasanz»<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> M. REVUELTA fala da fidelidade com que a Companhia de Jesus conserva estes métodos didácticos na «Restauração fernandina» da Companhia, em B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, *Hª... II*, 454.

<sup>9</sup> Influência compreensível, já que o corpo docente e a direcção do Seminário Maior de Barcelona era dos jesuítas. Recordemos a sua amizade com Martorell, seu discípulo no seminário de Barcelona, que depois se fez jesuíta. Na Primeira Parte deste estudo, vimos a influência da Companhia de Jesus na organização apostólica e espiritual da Companhia de Santa Teresa e nas Constituições.

<sup>10</sup> Prospecto citado, 2.

<sup>11</sup> SC, em EEO II, 42 (Cf. GC, em EEO I, 78 e CH, em EEO I, 432).



Por outro lado, a organização da Escola Pia, como escola popular e limitada, em princípio, aos níveis infantil e primário, assemelha-se, de certo modo, à educação feminina e infantil da Companhia. A importância do catecismo e da piedade na educação moral dos alunos, tem também alguma relação com a Companhia de Santa Teresa. O lema dos jesuítas, «educar em virtude e letras», é ligeiramente modificado pelos escolápios: «educar em piedade e letras»<sup>12</sup>, expressão esta que não é estranha à Escola de Santa Teresa. Na orientação educativa dos escolápios e na sua intenção, estão presentes muitos dos elementos característicos do chamado *método preventivo*, também adoptado pela Companhia, como veremos, e que não pode restringir-se exclusivamente a uma determinada época e, muito menos, a uma única instituição<sup>13</sup>.

### F. Fénelon (1651-1715)

Em finais do século XVII e princípios do século XVIII, foi o arcebispo de Cambrai, Francisco de la Mothe-Fénelon que publicou, em 1687, *La Educación de las jóvenes*, obra clássica da pedagogia francesa, de grande influência nos séculos posteriores.

Henrique de Ossó, não só conheceu esta obra, mas ela contribuiu em grande parte para a formação do seu pensamento pedagógico e para formular alguns postulados relativamente à educação da mulher e à educação infantil em geral. Em *Mi Reglamento* recomenda, não se sabe muito bem se às irmãs, se às próprias meninas, que «leiam com atenção os livros sobre *educação das jovens e da mulher* de Fénelon, Dupanloup, e *a Perfeita Casada* de Frei Luis de Leão; e ainda *A Mulher Católica*»<sup>14</sup>. E acrescenta: «o livro de Fénelon é dos melhores; em pouco, diz muito»<sup>15</sup>.

*A Educação das jovens* não é uma obra teórica, mas uma série de sugestões feitas a Mme. Beauvilliers para a educação das suas filhas, baseadas na própria experiência de Fénelon: experiência da sua infância, marcada pela *razão* do seu pai e pela *ternura* da sua mãe, e experiência pedagógica no Instituto das Novas Jovens Católicas.

<sup>12</sup> Sobre este tema, consultar: S. GINER, *San José de Calasanz maestro y fundador*, BAC, Madrid 1992; e V. FAUBELL, «*Los Escolapios y la atención educativa a los pobres*», em B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, *Historia de la Acción educadora de la Iglesia en España I*, 683-707.

<sup>13</sup> Foi D. Bosco que tornou este método universalmente famoso, pois pô-lo em prática com uma especial consciência do que pretendia, mas S. José Calasanz educava também para prevenir: «Em 1625, pede esmolas para as Escolas Pias, pois «ajudar esses rapazes pobres será livrá-los da força e das galés, onde costumam ir parar habitualmente quando adultos aqueles que, de pequenos, se educam com tais vícios (ociosidade, jogo, roubo...) e será uma obra de grande serviço de S. D. Majestade...» RegCal, 11,42, citado por S. GINER, *op. cit.*, 592.

<sup>14</sup> De J. Ventura de RÁULICA.

<sup>15</sup> MR, em EEO II, 496.

A primeira parte da obra é uma crítica a três erros vulgarmente cometidos e uma defesa da educação da mulher. Não é certo – afirma o autor –, que a instrução faça que a mulher seja fútil e presunçosa, mas pelo contrário. «A ignorância é que é causa de aborrecimento, curiosidade, ociosidade indiscreta e insaciável. As filhas mal instruídas e pouco aplicadas dão largas a uma imaginação febril»<sup>16</sup>. Por outro lado, «as mulheres, que são metade do género humano», têm a mesma dignidade e destino eterno que os varões, e a sua influência social é pelo menos tão importante como a deles. A mulher é a alma do lar, a elas se devem os costumes dos povos, e precisam da virtude tanto ou mais que os homens. Por isso, a educação da mulher é um problema fundamental, não há nada de maior projecção.

A segunda parte da obra é uma exposição de princípios e métodos educativos válidos para a educação infantil de ambos os sexos, muitos dos quais estão presentes nos escritos pedagógicos de Henrique de Ossó. Fénelon insiste na importância de iniciar a educação na mais tenra infância, quando se gravam todas as impressões recebidas, e de ir preparando, pouco a pouco, a instrução. «A curiosidade é uma inclinação da natureza que precede a instrução; não podemos deixar de a aproveitar»<sup>17</sup>. As crianças têm tendência a imitar tudo o que vêem à sua volta.

No capítulo V fala da oportunidade das «instruções indirectas», aproveitando os jogos e a imaginação das crianças. É aqui que encontramos a famosa frase: «a inteligência das crianças é como uma vela acesa num local exposto ao vento, a sua luz é vacilante»<sup>18</sup> e devemos cuidar dela. A conveniência de tornar a aprendizagem e a virtude agradáveis e atraentes, as atitudes positivas do educador, evitando um «autoritarismo severo» que atemoriza e retrai a criança, e promovendo a confiança e a persuasão, são temas que estão expostos de uma maneira verdadeiramente atraente.

Na última parte da obra, faz uma reflexão sobre os defeitos e as qualidades das jovens, e os estudos a que devem entregar-se. É talvez a parte mais negativa. Apesar do seu génio aberto e tolerante, Fénelon perfilha, até certo ponto, a consciência comum, a respeito dos defeitos *típicos* da mulher: sensibilidade excessiva, frivolidade e irreflexão, curiosidade exagerada, superficialidade e tagarelice, astúcia e sagacidade, vaidade, debilidade de espírito, etc. Embora ao falar destes defeitos deixe escapar que a mulher é assim *por natureza*, noutros lugares, todavia, atribui esses vícios à má orientação da educação já no seio da família. Também Henrique de Ossó perfilha esses tópicos misóginos, como veremos.

---

<sup>16</sup> F. FÉNELON, *L'Éducation des Filles*, Paris, Librairie classique Eugène Belin, 1884, 5 (a tradução é nossa).

<sup>17</sup> F. FÉNELON, *op. cit.*, 17.

<sup>18</sup> F. FÉNELON, *op. cit.*, 20.

### 1.2. O Neo-humanismo pedagógico dos séculos XVIII e XIX

O naturalismo pedagógico, também chamado neo-humanismo ou romanticismo pedagógico – fundamento da escola moderna – que dá início ao ciclo *paidocêntrico*, chega a Henrique de Ossó através de três autores estrangeiros: Dupanloup, Girard e Nécker de Saussure.

Apesar da orientação tradicional da pedagogia de Henrique de Ossó e da Companhia, a Escola de Santa Teresa não pode subtrair-se à corrente «*paidocêntrica*» que surge na Europa nos séculos XVIII e XIX<sup>19</sup>. Uma nova orientação pedagógica – nascida do empirismo inglês e francês durante o Iluminismo que, naturalmente, Henrique de Ossó não partilha – é, não apenas conhecida, mas aceite e assumida para a Companhia, embora julguemos que Henrique de Ossó não terá lido directamente autores como Locke e Rousseau, nem sequer Pestalozzi ou Herbart. Nunca os cita e não parece provável que tenha recorrido directamente a tais fontes de inspiração educativa. Todavia, nos seus escritos pedagógicos, e muito especialmente nos últimos, esses diversificados princípios *naturalistas e psicológicos* são repetidamente afirmados como sendo *compatíveis* com os princípios tradicionais do humanismo cristão, alguns deles aristotélicos.

Nos *Apuntes de Pedagogía* encontramos, por exemplo, a par de uma definição aristotélica da criança – «O objecto da Pedagogia é a criança, a qual, de *homem em potência* passa a ser *homem em acto*»<sup>20</sup> –, analisa e desenvolve o conteúdo em termos *mistos* (Aristóteles e Pestalozzi dão-se as mãos): «Ao passar da *potência* ao *acto*, há um *processo de desenvolvimento* no qual intervém a acção da Pedagogia, pois a criança é *docivilis, dócil, aperfeiçoável* na vida física, intelectual, afectiva, moral, social»<sup>21</sup>. E conclui com uma explicação mais ampla da passagem da *potência* ao *acto* em termos *pestalozzianos*: «Este desenvolvimento da actividade da criança processa-se

---

<sup>19</sup> Na sua obra *Pedagogía general*, NASSIF considera que, ao *pedagogismo* do século XVII (centrado no educador, no método e nos conteúdos educativos), sucede, no século XVIII, uma nova etapa, ou seja, o *paidocentrismo*, na qual os termos são invertidos. Com Rousseau, a *criança* começa a ocupar o lugar central do processo educativo, relegando para segundo plano os restantes elementos. Todo o século XIX e princípios do século XX, está marcado por esta nova perspectiva educativa, o que terá muitas consequências nos tratados de pedagogia e na didáctica. A pedagogia do século XX – *integracionismo* – insistiu cada vez mais na integração dos interesses individuais dos alunos com os interesses objectivos das sociedades. Cf. NASSIF, R. *Pedagogía general*, Ed. Kapelusz, Buenos Aires, 1958, 95-96.

<sup>20</sup> «Objecto da pedagogia, ou seja, a criança ou pequeno mundo»: AP, em EEO II, 768.

<sup>21</sup> Ibid.

segundo leis fixadas pela natureza que mostram ir sempre avançando, em dependência do desenvolvimento do corpo, em progressão e harmonia das faculdades e seus actos, em proporção à idade da criança, com modificações provenientes de várias circunstâncias externas e internas»<sup>22</sup>.

Perto do final dos *Apuntes*, ao falar mais amplamente dos aspectos didácticos e metodológicos da instrução, Henrique de Ossó insiste em que sejam respeitadas «as leis da psicologia e da lógica»<sup>23</sup>, que é «a lei psicológica fundamental para a educação das faculdades intelectuais»<sup>24</sup> ou «Lei fundamental psicológica». Chega até a afirmar: «Quanto ao método didáctico, há um princípio supremo [...]: ao instruir, seguir sempre a ordem da natureza»<sup>25</sup>. E ainda: «Todas as leis para educar, estão subordinadas a um princípio directivo supremo que, apoiando-se sobre a natureza da criança, é formulado do seguinte modo: seguir e cooperar com o desenvolvimento natural de toda a actividade da criança, para que venha a ser um verdadeiro homem»<sup>26</sup>.

Como terão chegado a Henrique de Ossó estes princípios educativos novos, compatíveis, por outro lado, com a sua antropologia cristã? Uma vez mais, lamentamos a perda da sua biblioteca, o que nos teria poupado muitos esforços para a difícil determinação das suas fontes pedagógicas. Rastreado as suas máximas, e as escassas referências bibliográficas ou de autores que faz nos seus escritos, atrevemo-nos a afirmar que o Fundador da Companhia conecta com o pensamento pedagógico europeu por uma dupla via, espanhola e estrangeira.

#### Félix Dupanloup (Saboya 1802-1878)

Por um lado, através de alguns pedagogos europeus absolutamente fidedignos, entre os quais destacamos Monsenhor Dupanloup, bispo de Orléans, cuja importante obra pedagógica *De la Educación* influenciou, sem dúvida, o pensamento pedagógico de Henrique de Ossó<sup>27</sup>. A par de um conceito profundamente cristão e catequético da educação, é notável a assimilação das novas ideias naturalistas. O Livro IV desta obra trata «*Del niño y el respeto debido a la libertad de su naturaleza*» (Da criança e do respeito devido à liberdade da sua natureza). Aceita que «o grande princípio que a tudo se sobrepõe é que a educação deve seguir a natureza e ajudá-la; nunca contrariá-la

---

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> EEO II, 771.

<sup>24</sup> EEO II, 771.

<sup>25</sup> EEO II, 772.

<sup>26</sup> EEO II, 778.

<sup>27</sup> Recordemos a recomendação da sua leitura às irmãs em MR, em EEO II, 496. O que se refere à «Educação da mulher» está no apêndice ao Volume III da sua obra *De la Educación* (1851).

pela violência»<sup>28</sup>. Além destes vastos tratados sobre educação, o bispo de Orléans escreveu outras mais pequenas, uma das quais se intitulava *Cartas sobre la educación de las muchachas* (Cartas sobre a educação das jovens), na qual Henrique de Ossó se deve ter inspirado para a série das suas catorze cartas-artigos que publicou na *Revista Teresiana* durante os anos 1880-1882 quase com o mesmo título<sup>29</sup>.

#### **Gregorio Girard** (Friburgo 1765-1850)

O segundo dos autores estrangeiros que destacamos é o P. Girard, também citado por Henrique de Ossó, precisamente nas «*Cartas sobre a educação da mulher*»<sup>30</sup>. Franciscano, reformador da escola popular no seu país e promotor da escola *doméstica* e familiar, como fundamento da educação social e cívica<sup>31</sup>. A sua relação com Pestalozzi é conhecida, e também a influência pedagógica que dele recebeu apesar de o franciscano se gloriar de seguir a *pedagogia tradicional*, propondo-se «restaurar o que o bom sentido descobriu há séculos».

O P. Girard propõe um *ensino educativo* que forme a inteligência criando hábitos intelectuais. Estudando o sistema de Pestalozzi, situa no centro da educação intelectual a língua materna. É partidário dos processos activos, porque se adaptam à psicologia infantil. Introduce na sua escola de Friburgo um *ensino progressivo e cíclico*. E considera que todo o ensino há-de ser *prático*, na medida em que há-de preparar a criança para a vida e para o seu futuro eterno. Embora influenciado por Pestalozzi, o sistema de Girard está impregnado dos ideais católicos, pois considera a educação moral e religiosa como cume e meta da formação. Cristo é também para ele o ideal educativo. G. Girard representa uma tentativa de reconciliação, no ponto de vista pedagógico, entre a Igreja e o Estado, entre a ciência e a fé. Ele é o representante mais significativo do neohumanismo cristão e inicia a reacção católica na pedagogia do século XIX<sup>32</sup>.

#### **Adriana Nécker de Saussure** (Suíça 1766-1841)

Mulher de inteligência privilegiada e muito culta, a Senhora Nécker publicou, entre 1828 e 1838, uma obra em três volumes, *La educación progresiva o estudio del curso de la vida* (A educação progressiva ou estudo do curso da vida), de indubitável influência nos escritos pedagógicos de Henrique

---

<sup>28</sup> A análise desta obra de DUPANLOUP encontra-se em: *Diccionario de Pedagogía Labor I*, Ed. Labor, Barcelona 1936, 946-948.

<sup>29</sup> Cf. EEO III, 885-927.

<sup>30</sup> RT 1880-81, em EEO III, 908.

<sup>31</sup> Pode ler-se: «*Padre Girard e l'educazione del popolo*», em *Educazione e Pedagogia nei Solchi della Storia 2*, Società Editrice Internazionali, Torino 1997, 246-254.

<sup>32</sup> J. LLOPIS, *Historia de la Educación*, Barcelona 1969, 231-232.

de Ossó. Embora a cite uma única vez: «Se o respeito filial é de natureza religiosa, as dificuldades aplanam-se e quase desaparecem, diz a Senhora Nécker»<sup>33</sup>, nos seus últimos escritos, e muito especialmente na sua última «carta sobre a Educação da mulher», o Fundador da Companhia insiste neste tema<sup>34</sup>.

Na obra desta pedagoga suíça predomina o princípio da Religião que, para ela, é tudo. Por isso, julga que a tarefa fundamental da educação deve ser o desenvolvimento religioso da alma. Consequência destes princípios, é a sua teoria de que o que há de mais importante na educação é a formação do carácter, e que os métodos são algo de secundário. Para formar o carácter, é preciso formar a vontade, que é o mesmo que a alma.

A Senhora Nécker parte do conceito fundamental de *progresso*<sup>35</sup>, entendido como processo de educação contínua. Um progresso que implica, por parte do educador, uma intenção bem precisa: o desejo de perfeição do indivíduo. Porque não basta saber o que se passa naturalmente na alma humana, nem que influências exercem sobre ela as coisas e as pessoas. No processo educativo, o que é natural torna-se meio e instrumento dos valores que se vão inculcando na natureza de cada um. A ideia de progresso nasce de uma grande confiança na natureza humana e na sua capacidade de contínuo desenvolvimento com base nos valores autenticamente humanos. Segundo ela, a educação é uma *viagem* que, de etapa em etapa, conduz o sujeito à sua perfeição. Tal como Teresa de Jesus entendia, a Senhora Nécker considera que não crescer, é diminuir, e que não avançar, é retroceder. O ponto de partida do seu método educativo é a análise psicológica do aluno concreto. E reconhece que a família e a escola são os ambientes educativos ideais para a criança.

A terceira parte da sua obra é dedicada à Educação da mulher. Fá-lo de uma maneira original, distinguindo-se, por isso, dos autores masculinos. A Senhora Nécker considera a mulher em si mesma e não como esposa, mãe ou educadora. Parte da consciência do valor da mulher enquanto tal e dos deveres que tem para consigo. As suas faculdades e características psicológicas são examinadas, não com o objectivo de entrar numa polémica absurda sobre a pretensa igualdade dos sexos, mas para que a mulher tome consciência de si mesma e lhe seja permitido assumir a direcção do próprio percurso interior. A mulher – pensa Nécker – pode mudar as coisas a partir de dentro. E isso é tão importante para melhorar a sociedade, como para que a mulher chegue a ser autenticamente mulher, de acordo com a sua personalidade própria.

---

<sup>33</sup> 2ª carta sobre «a Educação da mulher», em EEO III, 890.

<sup>34</sup> EEO III, 923-927.

<sup>35</sup> Sobre esta pedagoga pode ler-se: «Necker de Saussure e l'educazione progressiva», em *Educazione e Pedagogia nei Solchi della Storia* 2, Società Editrice Internazionali, Torino 1997, 254-260.

Esta terceira parte, talvez a mais original da sua obra devido ao conceito *avanzado* de mulher, não deixou vestígios nos escritos pedagógicos de Henrique de Ossó.

### 1.3. A Pedagogia Católica Espanhola do século XIX

Henrique de Ossó é influenciado, indiscutivelmente, por dois autores contemporâneos: o grande apóstolo e educador popular do século XIX que foi Santo António Maria Claret, e Balmes, cujo pensamento eclético o faz entrever as novas ideias europeias.

#### **António Maria Claret (Sallent 1807-1870)**

O P. Claret é considerado como um dos homens do seu tempo com maiores dotes pedagógicos, o mais disposto a admitir os progressos educativos da sua época e o que maior influência exerceu nos educadores católicos. Apóstolo multifacetado, preocupou-se com a educação cristã do povo e das diversas classes e grupos sociais. Dedicou-se à formação dos sacerdotes, à promoção e educação da mulher, à formação no seio da família, ao ensino do catecismo às crianças. Escreveu uma grande variedade de livros, opúsculos, catecismos, e criou uma *livraria popular* para a difusão e popularização de bons livros.

Claret preocupa-se com a formação integral da pessoa e considera fundamental o ambiente familiar. Considera também a mãe como a principal educadora, o «sacerdote doméstico», o «apóstolo» da família, e dedica-lhe muitos dos seus escritos.

*La Colegiala Instruida (1876)* é talvez a obra de Claret que maior influência teve na Companhia. É um verdadeiro manual de educação cristã destinado às meninas, simples e pedagógico. É esta, pelo menos, a opinião de Henrique de Ossó que chega a recomendá-lo às próprias alunas: «Há [o livro] *Colegiala Instruida* [escrito] pelo Padre Claret, que é muito bom e muito prático»<sup>36</sup>. Adota, nesta obra, os princípios aceites pela mentalidade de então, mas insiste, como Fénelon, na importância decisiva da educação da mulher. Pois «a mulher é boa ou má conforme a instrução e educação que lhe for dada [...]. Oh, como convém instruir e educar bem a mulher, para livrar o indivíduo, a família e a sociedade dos grandes danos e prejuízos que pode causar a mulher má! [...]»<sup>37</sup>. O texto prossegue dizendo que a mulher, além de «boa filha, boa irmã, boa esposa e boa mãe [...] pode, não só educar os seus filhos, mas também

<sup>36</sup> MR, em EEO II, 496.

<sup>37</sup> A. M<sup>a</sup> CLARET, *La Colegiala Instruida, libro utilísimo y necesario para las niñas*, Librería Religiosa, Barcelona 1876, 45.

guiar os povos; pode, não só governar uma família, mas também governar um Estado e um vasto Império e fazê-lo feliz»<sup>38</sup>.

No entender do Autor, em que consiste, afinal, a instrução feminina? Dilo, com toda a clareza, no início da obra: «O Plano de instrução e educação que deve ser ministrado às jovens», deve abarcar dois extremos, a saber: 1º, a parte religiosa; 2º, a que diz respeito aos conhecimentos e trabalhos próprios do seu sexo e condição»<sup>39</sup>.

Claret situa-se no extremo oposto à Senhora Nécker no que se refere à educação feminina prática, pois tem em mira a educação tradicional da mulher em função da sua missão doméstica futura, centrada na piedade, na doutrina cristã, na higiene, na economia doméstica e na cortesia, a que chama educação. *La Colegiala Instruida*, um livrinho bem conhecido de Henrique de Ossó e por ele recomendado, influenciou a organização da educação feminina na Companhia, apesar de haver um ponto de total desacordo com o Fundador. Ao passo que Henrique de Ossó considera a instrução em letras e ciências uma dimensão importante da educação da mulher, em *La Colegiala Instruida* essa dimensão está completamente ausente. A instrução feminina, segundo o P. Claret, limita-se à instrução religiosa e moral, bem como aos costumes próprios de uma boa cristã.

#### **Jaime Balmes (Vich 1810-1848)**

«O maior génio do presente século, o nosso imortal Balmes» – como lhe chama Henrique de Ossó<sup>40</sup> – é certamente o pensador mais importante do século XIX espanhol<sup>41</sup> e teve uma influência pedagógica significativa no Fundador da

---

<sup>38</sup> Ibid., 45-47. À laia de testemunho, refere o exemplo de Santa Pulquéria.

<sup>39</sup> Ibid., 56-60.

<sup>40</sup> *Cartas sobre Educación de la Mujer 1ª*, em EEO III, 889.

<sup>41</sup> Formado num ambiente católico e tradicional, estudou teologia na universidade de Cervera, onde conheceu e leu de tudo e sobre tudo por sua conta. Estudioso da tradição filosófica ocidental e espectador das grandes mudanças ocorridas em Espanha, a vida de Jaime Balmes foi uma luta honesta e renhida pela conciliação do passado com o presente, e pela concórdia entre os seus contemporâneos. Homem de grande lucidez, espírito analítico e equilibrado, propôs-se estudar as realidades tal como são, sem nenhum fanatismo, triunfalismo ou espírito derrotista. Filósofo, apologista, escritor, jornalista, sociólogo, pedagogo, autodidacta. Cultivou todos os ramos do saber, desde as matemáticas à máquina a vapor e à teologia. Filosoficamente, Balmes era eclético, cristão e independente, difícil de classificar como seguidor de qualquer das escolas tradicionais. É um admirador de S. Tomás, mas também de Suárez e de Descartes. A sua filosofia é realista e empírica, tentando encontrar o meio termo entre a abstracção e o senso comum, mas sem deixar de ter em consideração, em momento algum, o problema do homem concreto. A educação é uma das preocupações constantes de Balmes. Foi um dos poucos homens que introduziram os católicos tradicionais na ideologia do mundo moderno. A sua independência intelectual e política alcançaram-lhe incompreensões e críticas. (Cf. B. DELGADO CRIADO, *Pedagogos cristianos y sus escritos sobre educación*, em B. BARTOLOMÉ MARTÍNEZ (Dr.), *op. cit.* II, 99-110.



Companhia. Possivelmente, Henrique de Ossó terá lido, ainda no seminário, a extensa obra filosófica de Balmes<sup>42</sup>; a tal ponto o marcou que, ao elaborar o *Plano de Estudos* para a Companhia, inclui *El Criterio* como livro de formação pedagógica e humana<sup>43</sup>, a obra mais conhecida e de maior valor pedagógico de Balmes. Foi por meio deste homem de uma vastíssima formação que chegaram à Companhia princípios e máximas de educação em que nunca teríamos pensado.

Em 1844, Balmes publica, na revista *la Sociedad*, um artigo intitulado «Instrucción primaria», no qual exprime o seu pensamento pedagógico, ao mesmo tempo que emite um juízo realista da deplorável situação da educação em Espanha. Nesse artigo, lamenta a situação da escola espanhola, comparando-a com outras escolas europeias que, nessa altura, tinham já enveredado por um processo de reforma<sup>44</sup>. E por outro lado, anima os leitores a lançarem mão de todos os meios possíveis e a secundarem as iniciativas oficiais<sup>45</sup> para melhorarem essa situação. Adivinhamos, pelas suas palavras, uma atitude positiva e conciliadora, um autêntico desejo de síntese entre tradição e modernidade<sup>46</sup>.

*El Criterio* (1844), a sua obra mais conhecida, é a de maior valor pedagógico e sentido prático. O jovem autor ensina ao leitor médio «a arte de

---

<sup>42</sup> Escreveu sobre todos os ramos da filosofia e da moral, sobre educação; as suas obras estão publicadas em espanhol na BAC em 8 volumes.

<sup>43</sup> Citado e recomendado várias vezes (Cf. PE, em EEO II, 241. 244). Também a «Religión y Moral» de Balmes como livro de texto para as irmãs (EEO II, 264).

<sup>44</sup> Pensemos, por exemplo, na escola suíça, sob a influência de Pestalozzi, ou na escola alemã, renovada por Herbart, seu discípulo. Ou em França, onde a influência de Girard foi grande, ou em Itália sob a influência de Fröbel.

<sup>45</sup> Estava, então, em preparação o chamado *Plan Pidal* de Educação, que foi aprovado em 1845.

<sup>46</sup> Transcrevemos um parágrafo: «Causa pena que, quando noutros países se avançou tanto no importantíssimo campo da instrução primária, ela tenha sido entre nós tão descuidada, seja tão reduzido o número de escolas e estas estejam tão longe de atingirem a perfeição que têm noutras nações. [...]. Não tratámos de aperfeiçoar os métodos, nem de nos informar dos progressos dos nossos vizinhos e, sobretudo, não pensámos em aproveitar os muitos recursos de que dispomos para o efeito [...]. Neste momento, não podemos negar que tenha despertado em Espanha um vivo movimento que leva os espíritos a augurarem um futuro mais encorajador e brilhante [...]; será, pois, conveniente incrementá-lo em benefício da ilustração, da moralidade e do bem-estar. Se o governo impulsionar vivamente a fundação de escolas de instrução primária e aperfeiçoar as existentes, encontrará, sem dúvida, apoio e eficaz cooperação no país, pois tem-se vindo a convencer [...] de que é indispensável satisfazer as exigências do século, pondo-nos ao nível das outras nações, se quisermos alcançar a prosperidade interna e ocupar, no plano europeu, a posição que nos pertence. Mas ao mesmo tempo que aplaudimos este progresso, também desejamos que se procure aliá-lo intimamente com a religião e a moral, para evitar as consequências desastrosas que estamos a presenciar noutros países onde o aumento da instrução trouxe consigo o aumento da imoralidade [...]. Triste luz do entendimento, aquela que só serve para a perversão do coração» (J. BALMES, «Instrucción Primaria», em *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1949, 612-613).

*pensar bem, para agir bem*»<sup>47</sup>, ao que chama entendimento prático. Ensina a perceber com clareza, a julgar com verdade e a discorrer com rigor. Trata da atenção, do significado do talento, da necessidade do estudo, da reflexão pessoal, da educação do sentimento, do autocontrole das paixões. Baseando-se na tradição pedagógica do cristianismo, Balmes propõe, como objectivo da educação, *o homem completo*, argumentando a sua tese com ideias e até com expressões de alguns autores modernos.

À importância da educação e à influência do educador, Balmes acrescenta a do próprio esforço pessoal. Homem completo será aquele que se fizer a si mesmo, aquele que chegar a descobrir a realidade das coisas. Bom professor, será aquele que alcançar, na sua actividade, dois objectivos fundamentais: Transmitir os conhecimentos básicos da ciência e desenvolver o entendimento dos seus alunos para que sejam capazes de agir autonomamente quando terminar a idade da escolaridade. Por isso, não basta que o educador transmita conhecimentos.

A pedagogia de Balmes, disseminada por todas as suas obras, é coerente com a sua filosofia. Apropria-se do princípio aristotélico, posteriormente atribuído a Locke: «*Não há nada no intelecto que não tenha estado anteriormente nos sentidos*». E um outro: «*A alma, antes de receber sensações, é como uma tábua rasa em que nada tenha sido escrito*»<sup>48</sup>. A criança pode ser comparada a uma tábua rasa coberta com uma camada de cera muito branda, na qual basta tocar muito ao de leve para que nela fique a marca do corpo que nela tocou. Pode ainda ser comparada a uma garrafa de gargalo muito estreito que, ao querer enchê-la toda de uma só vez, se derrama o licor<sup>49</sup>.

Ao analisarmos o Projecto Educativo da Companhia, indicaremos aspectos concretos nos quais descobrimos esta influência balmesiana<sup>50</sup>.

#### 1.4. Fontes bíblicas e alguns mestres de espiritualidade

O Evangelho e as cartas paulinas sobretudo, são as principais fontes de inspiração pedagógica de Henrique de Ossó. Juntamente com a Escritura, os grandes mestres espirituais, bons intérpretes da Palavra: Santo Agostinho, S. Tomás de Aquino, Santa Teresa e S. João da Cruz, Frei Luis de Leão e Frei Luis de Granada, S. Francisco de Sales e Santo Afonso Maria de Ligório. Não vamos referir-nos a cada um destes autores em particular, cuja influência foi sobretudo

---

<sup>47</sup> J. BALMES, «*El Criterio*», em *Obras Completas III*, Madrid BAC 1963, 489. Esta pequena obra foi redigida num mês, em finais de 1843, num período difícil no ponto de vista político.

<sup>48</sup> J. BALMES, «*Historia de la Filosofía elemental*», em *Obras Completas III*, Madrid BAC 1963, 392.428.444.

<sup>49</sup> J. BALMES, «*Instrucción...*», 604.

<sup>50</sup> Para mais informação sobre BALMES, *Historia de la Acción Educativa de la Iglesia en España II*, Madrid, BAC 1997, 99-110.

de ordem espiritual. Somente a Teresa de Jesus lhe vamos dedicar alguns parágrafos, dada a sua *omnipresença* na Companhia e na «Escola de Santa Teresa».

### **Santa Teresa de Jesus (1515-1582)**

A influência pedagógica de Teresa de Jesus, sobretudo no que se refere à educação religiosa e moral da infância, é maior do que poderia parecer. Consiste numa influência prática ou de testemunho, acrescida da reflexão que a própria Teresa faz sobre a sua experiência. Os primeiros capítulos do Livro da *Vida* são, para Henrique de Ossó, uma verdadeira doutrina educativa em sentido duplo.

Em primeiro lugar, porque realçam a importância da educação nos primeiros anos de vida: Formação da mente, da consciência moral e dos hábitos de comportamento. «As primeiras coisas que se aprendem são as últimas a serem esquecidas». Os primeiros capítulos da autobiografia teresiana revelam a influência decisiva da *relação educativa* na infância e juventude: a marca impressa na criança pelos pais e irmãos, pelos educadores, amigos e demais pessoas com quem se relaciona.

Em segundo lugar, Henrique de Ossó aprende, no livro da *Vida*, uma metodologia educativa. Tem a confirmação da importância do bom exemplo para a adoção de atitudes e aquisição de virtudes e do método da repetição de verdades fundamentais que, como testemunha a Santa, é de uma grande eficácia: «Acontecia-nos estar *grandes bocados* tratando disto e gostávamos de dizer *muitas vezes: para sempre, sempre, sempre!* Com o pronunciar isto *muito devagar* era o Senhor servido que, nesta meninice, me ficasse impresso o caminho da verdade»<sup>51</sup>.

Por último, é preciso dizer que a Santa de Ávila, sendo, por um lado a *educadora ideal* – sempre presente na *sua Escola*, nas irmãs da Companhia como «*outras Teresas*» – surge ela própria como modelo de mulher, não só para as irmãs, mas também para as alunas dos colégios teresianos e para qualquer pessoa que a conheça bem. Teresa representa o ideal feminino do humanismo espanhol: «*santa e sábia*», «*ilustrada, virtuosa, sociável*», «*modelo do bem falar e mestra da língua nacional*»<sup>52</sup>.

## **2. Escritos pedagógicos de Henrique De Ossó**

Nas *Obras Completas de Henrique de Ossó, Volume II*, encontram-se publicados os seus três escritos mais significativos sobre educação e que representam três marcos importantes na trajetória educativa da Companhia ao

---

<sup>51</sup> *Vida*, 1,5.

<sup>52</sup> Expressões contidas no Prospecto San Gervasio, *op. cit.*, 2.

longo dos vinte anos em que o Fundador a acompanhou, desde a Inspiração até à sua morte. São eles: o *Plano Provisório de Estudos da Companhia de Santa Teresa de Jesus* (1882), *O Meu Regulamento* (1890) e os *Apontamentos para um livro de Pedagogia* (1894).

A *Revista Santa Teresa* publicou inúmeros artigos de Henrique de Ossó sobre educação, os mais importantes dos quais estão compilados numa antologia integrada no *Volume III* das *Obras Completas*. E no *Volume I* destas *Obras* encontra-se reeditada a primeira obra pedagógica de Henrique de Ossó, *O Guia prático do Catequista* (1872).

*Plano Provisório de Estudos  
da Companhia de Santa Teresa de Jesus*

O primeiro desses documentos, intitulado *Plano Provisório de Estudos*, delinea, com clareza, o Projecto de formação das educadoras da Companhia: o programa da formação inicial daquelas que *se preparam* para ser mestras, e o da formação permanente para *as que já estão* em plena actividade educativa.

É, no entanto, um Projecto Educativo imaturo, elaborado com base na experiência da formação profissional e pedagógica das primeiras irmãs – *os seus estudos e obtenção do diploma* – que tinham já alguma experiência educativa nas pequenas escolas fundadas a partir de 1878, predominantemente femininas e de nível primário, embora houvesse já um ou outro «Jardim de Infância»<sup>53</sup>. «O título de *provisório*, desta primeira edição do *Plano*, revela a intenção de reajustamento a que deveria depois proceder-se à luz da experiência da sua aplicação»<sup>54</sup>.

Embora o *Plano* tenha sido pensado para a formação das irmãs educadoras e lhes seja dirigido, a aplicação das linhas pedagógicas – e muitas das concretizações didácticas – foram, todavia, proveitosas para as alunas e crianças dos colégios da Companhia, pelo que podemos considerá-lo como o primeiro Projecto Educativo da Escola de Santa Teresa<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> EEO II, 253. Quando o *Plan Provisional de Estudios* é publicado, a Companhia tem pelo menos 9 colégios:

Setembro 1878	Vilallonga (Tarragona)
Maior 1879	Aleixar (Tarragona)
Outubro 1879	Tarragona (C/Granada 5)
Dezembro 1879	Roda de Bará (Tarragona)
Dezembro 1879	Maella (Zaragoza)
Junho 1880	San Carlos (Tarragona): Elementar e Infantil
Julho 1880	Gracia (Barcelona)
Maior 1881	Rubí (Barcelona)
Outubro 1881	Barcelona (C/Bruch)

<sup>54</sup> Introdução à edição das *Obras Completas*, em EEO II, 231.

<sup>55</sup> A segunda parte do *Plano* está orientada para a Escola teresiana: – «Professoras de meninas e jovens dos Colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus: considerem como sendo-

### *O Meu Regulamento*

Na década de noventa, estavam já em funcionamento alguns internatos de meninas ou «senhoritas». Foi para as alunas e professoras destes centros que Henrique de Ossó escreveu *O Meu Regulamento*, obra que, aliás, não foi publicada em vida do Fundador<sup>56</sup>.

Embora contenha algumas repetições, *O Meu Regulamento* corresponde ao modelo de regulamento escolar do século XIX, com duas partes bem diferenciadas. A primeira, destinada às alunas, é uma espécie de Projecto Educativo no qual se especificam os objectivos que deverão ser assumidos pelas alunas, segundo se espera, em ordem à finalidade última da educação. Além disso, o currículo académico, a metodologia do estudo, o regulamento interno com muitos pormenores – deveres da aluna, exames, calendário escolar, horário, etc.

A segunda parte, destinada às professoras, corresponde perfeitamente à primeira, refere-se aos mesmos aspectos, mas do ponto de vista das educadoras. Nesta parte, damos conta de algumas diferenças relativamente ao *Plano de Estudos*, o que é natural, pois tinham passado já oito anos depois do primeiro documento e, como era de esperar, a prática educativa estava a influenciar a teoria.

### *Apontamentos para um livro de Pedagogia*

Em 1894, Henrique de Ossó passa vários meses em Roma por causa do Pleito. Naquela relativa tranquilidade, dedicou-se a orar e a reflectir. Em Roma escreve duas obras que evidenciam as duas dimensões mais significativas da vida e obra de Henrique de Ossó e da Companhia: *Um mês na Escola do Coração de Jesus*, que representa a expressão madura da sua *pedagogia da oração* – a configuração com Cristo, e *Apontamentos para uma Pedagogia racional*, «primeiro esboço de uma Pedagogia ou Filosofia da Educação»<sup>57</sup>.

O Fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus julgou chegado o momento de escrever uma obra sistemática sobre a sua Filosofia-Teologia da educação, o Currículo escolar das Escolas de Santa Teresa, com uma Didáctica diferenciada, segundo os níveis e sexos; bem como uma Pedagogia também diferenciada, deixando todavia bem claros os princípios fundamentais da

---

-lhes dirigidas as *instruções* das outras professoras de educandas» (EEO II, 248). «Professoras e escolas da Infância...» (p. 252). «Das aulas: procurem que as meninas tenham um grande respeito pelas aulas...» (p. 254).

<sup>56</sup> Para mais informações sobre o manuscrito, pode ser consultada a apresentação do documento em EEO II, 473.

<sup>57</sup> Para mais informações sobre este esboço, convém consultar a sua apresentação em EEO II, 741.

educação teresiana. Em Roma não terminou o seu projecto e, quando morreu prematuramente um ano depois, deixou o *Ensaio* por acabar.

O que escreveu naquele verão é apenas uma parte muito pouco elaborada do seu projecto, dirigida explicitamente às crianças e às mestras das crianças, o que nos dá ideia da opção preferencial da Companhia, naqueles anos, por essas idades.

Desde a publicação das *Obras completas de Henrique de Ossó (1977)* que temos acesso a esse rascunho do P. Henrique, que se conserva no Arquivo Geral da Companhia em cópia manuscrita autenticada<sup>58</sup>. Contém repetições, justaposições, e falta-lhe ordem e estrutura. Textos extraídos daqui e dali. Muitas páginas destes *Apontamentos* são séries de «máximas» numeradas, provenientes de diversos autores: clássicos, da tradição cristã, e contemporâneos do P. Henrique<sup>59</sup>. A maior parte do que diz, é válido para todos os níveis escolares, embora o sujeito das frases sejam sempre *as crianças*.

«*Artigos*» publicados na *Revista Santa Teresa de Jesus*

Na *Revista Santa Teresa de Jesus*, Henrique de Ossó publica numerosos artigos sobre educação, destinados sobretudo a leitores e leitoras leigos. Além dos artigos abertamente dedicados à Companhia de Santa Teresa de Jesus, destacamos, pelo seu valor *doutrinal* e pedagógico, a série de doze artigos intitulada «*A Obra das Vocações Eclesiásticas*»<sup>60</sup> e as catorze «*Cartas sobre a Educação da Mulher*»<sup>61</sup>, de que falamos noutras lugares desta obra. É também muito interessante um artigo intitulado «*A verdadeira educação*» no qual faz uma crítica à confusa situação do momento<sup>62</sup>.

#### *Guia Prático do Catequista*

Esta obra de Henrique de Ossó, escrita na sua juventude para a formação espiritual, pedagógica e didáctica dos catequistas – a maior parte dos quais eram sacerdotes e seminaristas – não pode ser esquecida ao estudar a Filosofia da Educação e a Pedagogia da Companhia. Não só porque o Fundador recomenda constantemente esta obra às primeiras educadoras da Companhia, mas porque nela encontramos os elementos fundamentais da Pedagogia de Henrique de Ossó<sup>63</sup>.

<sup>58</sup> (AGSTJ, Escritos PIB/T Vol. XX).

<sup>59</sup> Deixamos para outra altura a investigação das fontes mais directas que estão presentes neste caderno «rascunho».

<sup>60</sup> Publicada em EEO III, 821-863.

<sup>61</sup> Publicadas em EEO III, 885-927. Na realidade, são apenas 12 cartas.

<sup>62</sup> Diz assim: «Nunca se falou tanto de educação como hoje, da sua necessidade, da sua excelência, e talvez nunca tenha andado tão desatinada a verdadeira educação...» (RT, Outubro 1887, 20-22).

<sup>63</sup> Publicada em EEO I, 26-187.

### 3. Filosofia da Educação

Aquilo que a seguir oferecemos, corresponde a uma tentativa de interpretação do conteúdo daqueles documentos, destacando e relacionando entre si os elementos que hoje nos parecem de maior interesse, sem trair o significado que tiveram no seu contexto. Julgamos que será uma ajuda – um passo importante – para um posterior aprofundamento da *Pedagogia* da Companhia. Tanto para um maior aprofundamento das suas fontes, como para a *releitura* actual da Pedagogia da Companhia e para a *reformulação* do seu *Projecto Educativo*.

#### 3.1. O que é educar segundo Henrique de Ossó

Ao falar das *fontes*, referimos que o conceito de educação da Companhia se inspira noutros autores cristãos<sup>64</sup>, dos quais o Fundador adoptou algumas ideias, organizando-as segundo a sua maneira pessoal de entender a vida, sobretudo, a vida cristã. Segundo Henrique de Ossó, educar é *elevare, avivar, desenvolver, sanear, restaurar*. Neste sentido, todas as actividades que orientam a pessoa para o seu fim, sobretudo no período da infância e da juventude, podem ser consideradas educativas.

O significado de educar é amplo e aberto, não só por se ter insistido, ao longo da história da educação, num ou noutro aspecto, mas também porque não há acordo total sobre o seu significado etimológico. Tradicionalmente, fez-se derivar a palavra *educar* de dois verbos latinos diversos, que significam dois modos de entender a educação: Educar, deriva de *E-ducare*, que significa: *dirigir, encaminhar, orientar para a meta*. Ou então de *Ex-ducere*, que significa: *tirar de dentro, fazer surgir o que está oculto no interior*.

Além disso, há um verbo *quase sinónimo* – «*formar*» – cujo significado etimológico atribui novas dimensões à educação. Nesta terceira acepção, significa *dar forma, modelar*. Por fim, cingindo-nos ao conceito de educação de Henrique de Ossó, acrescentamos um quarto significado: Educar é também sinónimo de *alimentar, nutrir* a pessoa nas suas dimensões sobretudo espirituais.

---

<sup>64</sup> Nos seus escritos cita, de passagem, um ou outro autor clássico ou contemporâneo: «Leiam com atenção os livros da *educação das meninas e da mulher* de FÉNELON, DUPANLOUP e a *Perfecta Casada* do nosso incomparável Fr. LUIS DE LEÓN; e *Mujer Católica*. O livro de Fénelon é dos melhores, em pouco diz muitíssimo. Há [ainda a] *Colegiala Instruída*, do Padre CLARET que é muito bom por ser prático» (MR em EEO II, 496). São fonte de inspiração no que respeita à pedagogia, os grandes autores clássicos: S. TOMÁS, *Summa Teologica*, SANTO AGOTINHO...

Ocasionalmente, encontramos outros significados afins da educação que às vezes aparecem como significados principais. Educar pode também ser *curar, sanear, restaurar*, sobretudo se tivermos em consideração os efeitos destrutivos que o pecado original – e até social – causa na pessoa.

Nos escritos de Henrique de Ossó sobre educação, estão presentes estas quatro acepções que evidenciam diversos modos de intervenção educativa. Nenhuma delas tem um significado excludente, embora, como veremos, o Fundador da Companhia tenha predileção por algumas. Por outro lado, nos escritos pedagógicos aparecem diversas imagens ou metáforas da educadora teresiana que acentuam um ou outro significado<sup>65</sup>.

### 3.2. Finalidades da educação

A par das definições da educação, encontram-se interpoladas, nos escritos pedagógicos de Henrique de Ossó, expressões que falam explicitamente da Finalidade da educação, considerada sob diversas perspectivas. Vamos referi-las classificadas<sup>66</sup> em três perspectivas, não só inter-relacionadas, mas inclusivas. Seguem uma ordem ascendente: desde a mais geral, válida para crentes e não crentes, até à perspectiva cristã, especificamente paulina e teresiana. Subjacente a todas três, como é óbvio, está o conceito cristão e teresiano da pessoa, ou seja, uma antropologia específica.

#### 3.2.1. Perspectiva antropológica

A finalidade da educação pode ser determinada a partir de um ponto de vista predominantemente pessoal que – sem lhe negar a dimensão relacional, social e transcendente – evidencia aspectos da pessoa individualmente considerada, como se depreende, por exemplo, da seguinte definição constante dos *Apontamentos para um livro de Pedagogia*: «Educação é o cultivo harmónico e o exercício conveniente das potências, faculdades e operações do homem susceptíveis de ser orientadas para que se aperfeiçoe e para que contribuam para a sua felicidade temporal e eterna»<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> Teremos oportunidade de ler textos nos quais aparecem as quatro metáforas:

- *Educare*: Educadora enquanto *guia (líder) ou capitã*.
- *Exducere*: Educadora como *mãe que dá à luz*.
- *Formar*: Educadora como *formadora (escultora) ou oleira*.
- *Alimentar*: Educadora como *ama*.

<sup>66</sup> Não é fácil proceder a uma sistematização a partir dos inúmeros escritos sobre o tema porque o próprio Henrique de Ossó não sistematizou a sua teoria da educação. No entanto, e correndo o risco de nos equivocarmos, propomos uma série de parágrafos, extraídos das suas obras, em que se fala da Finalidade.

<sup>67</sup> AP, em EEO II, 766.



Seleccionamos umas quantas finalidades que, segundo nos parece, continuam a ser válidas nos dias de hoje, apesar de a linguagem ser do século XIX.

- A partir do reconhecimento da pessoa como ser chamado à liberdade:

«A finalidade da pedagogia é formar um jovem, é fazer que a criança saiba conduzir-se por si mesma, como uma pessoa livre, fazendo bom uso da sua liberdade»<sup>68</sup>.

- A partir da necessidade de cada um desenvolver todas as suas qualidades e possibilidades:

«Objectivo da [educação] é despertar, avivar, cultivar, exercitar, desenvolver, aperfeiçoar as potências, faculdades e operações do homem»<sup>69</sup>.

- A partir da importância de uma vida *ética* (na qual está implícita a dimensão relacional):

«Tudo deve ser dirigido [...] para a recta educação das crianças, porque é a finalidade ou complemento da educação»<sup>70</sup>.

«A finalidade [da educação moral] é incentivar e levar as crianças a conhecerem, amarem e praticarem o bem moral, de maneira a formar nelas hábitos virtuosos, e daí, o carácter»<sup>71</sup>.

- A partir do valor atribuído a uma personalidade madura e responsável:

«O fruto mais precioso e último da educação moral [...] é a formação do carácter moral, porque dele depende, geralmente, a felicidade temporal e eterna». «Chama-se carácter moral à constante maneira do homem pensar, falar e agir segundo máximas fixas e santas»<sup>72</sup>.

- A partir do reconhecimento da dimensão social da pessoa:

«A finalidade próxima do homem é viver em sociedade, aperfeiçoar-se pelo trabalho, fazer bem aos seus semelhantes»<sup>73</sup>.

- A partir da legítima aspiração de qualquer homem a realizar-se como pessoa e a ser feliz:

«A finalidade [da educação] é orientar todas as forças do homem para que seja feliz aqui e eternamente»<sup>74</sup>.

---

<sup>68</sup> AP, em EEO II, 744.

<sup>69</sup> AP, em EEO II, 749.

<sup>70</sup> AP, em EEO II, 753.

<sup>71</sup> AP, em EEO II, 753.

<sup>72</sup> AP, em EEO II, 757.

<sup>73</sup> AP, em EEO II, 767.

<sup>74</sup> AP, em EEO II, 749.

### 3.2.2. Perspectiva cristã

Na perspectiva cristã, continuam presentes os aspectos anteriores, mas reorientados a partir da profunda convicção de que o homem é imagem de Deus e a partir da consciência de que o pecado desfigurou essa imagem e de que só em Jesus Cristo Salvador é possível restaurar a *imagem e semelhança* de Deus. É precisamente nesta perspectiva que Henrique de Ossó identifica a finalidade da educação com a finalidade da Fé cristã, a que ele chama Religião.

Citamos, seguidamente, uma série de parágrafos que exprimem, de diversos modos, a Finalidade da Educação cristã<sup>75</sup>.

- A educação cristã consiste em continuar a obra de Deus no homem, pois Deus é o primeiro educador:

«No Baptismo [...] são infundidos em nós os hábitos da fé, da esperança e da caridade e restantes virtudes, hábitos esses que hão-de desenvolver-se com o suave calor e o orvalho de uma educação cristã»<sup>76</sup>.

«A educação da criança principia aqui, no seu baptismo, e como educar quer dizer levantar, restaurar, aperfeiçoar, e o homem não poderia levantar outro homem devido à sua [im]potência e degradação, o próprio Deus assume o trabalho de principiar a nossa reparação e educação à semelhança do homem ferido no meio do caminho de que fala o evangelho»<sup>77</sup>.

- O homem, criado à imagem e semelhança de Deus:

«A melhor e mais verdadeira educação é a que liberta [a pessoa] dos defeitos, com maior eficácia e prontidão, e a torna mais semelhante a Deus que a criou»<sup>78</sup>.

- A pessoa, feita para ter relações positivas, para a relação interpessoal:

«Todos os esforços da educação destinam-se a aperfeiçoar o menino e a menina, a erguê-los da sua degradação inata [...], a restabelecer as suas relações com

---

<sup>75</sup> Omitimos formulações dissonantes com a antropologia cristã actual, como por exemplo, a seguinte que, por outro lado, é uma síntese das que seleccionámos: «A finalidade principal da verdadeira educação é *levantar* a criança da degradação do pecado original, *preservá-la* do contágio do vício, *fazê-la triunfar* das suas más inclinações, *proteger* a sua inocência, *excitar* no seu coração o amor do dever e o sentimento da virtude, *conservar* ou dar às suas faculdades morais toda a sua pureza, toda a sua energia...» (CEM 2ª, em EEO III, 892). Para uma compreensão mais profunda destas fórmulas, podem ler-se os «*Principios de educación cristiana*», nos quais são visíveis, com mais pormenor, os aspectos da antropologia cristã de Henrique de Ossó, alguns dos quais já não são hoje válidos, bem como o seu ideal educativo (AP, em EEO II, 766-767).

<sup>76</sup> CEM 3ª, em EEO III, 893.

<sup>77</sup> CEM 5ª, em EEO III, 900.

<sup>78</sup> «*Cartas educación de la mujer*» 2ª (CEM), em EEO III, 892.

Deus, com o homem e consigo mesmos; a operar uma mudança salutar dos seus sentimentos, ideias, hábitos»<sup>79</sup>.

- O homem, chamado a ser filho de Deus e irmão dos outros:  
«Finalidade última [da pedagogia, é] ajudar [a criança] a ser uma digna filha de Deus, imagem formosa de Deus, semelhante a Deus, digno membro de Cristo, outro Cristo na terra, fazendo bem a todos, e não fazendo mal a ninguém»<sup>80</sup>.
- A educação cristã destina-se ao homem integral, à pessoa toda:  
«A educação e a religião não têm outra finalidade senão aperfeiçoar o homem, o homem todo. Assim como a verdadeira Religião se dirige ao espírito, ao coração e aos sentidos, a verdadeira educação é a que cultiva a olhos vistos o homem moral, intelectual e físico»<sup>81</sup>.

### 3.2.3. *Perspectiva cristocêntrica paulina*

É evidente que não é uma perspectiva diferente da cristã – da que se depreende da mensagem de Jesus nos quatro evangelhos –, mas esta evidencia a experiência mística que viveu e transmitiu S. Paulo e que todos os batizados são chamados a viver. Henrique de Ossó, como Teresa de Jesus, fez também a experiência de que *o seu viver era Cristo* e de que a vida cristã mais não é do que *a vida em Cristo*. Educar, significa para ele, portanto, situar a criança e o jovem na órbita cristocêntrica. Proporcionar-lhe os meios para que *viva em Jesus, ame e pense e trabalhe com Jesus e como Jesus; passando pelo mundo, deste modo, fazendo bem a todos, como Jesus*<sup>82</sup>.

Verificaremos, a seguir, que a Finalidade da Educação teresiana, tal como foi formulada por Henrique de Ossó nos diversos escritos para a Companhia, é quase sempre a mesma: «cristificar a pessoa toda: cabeça, coração, exterior»:

- No *Plano de Estudos*:  
«Não havemos de parar até gravar em todos os corações e inteligências [...] «Viva Jesus». Sim, viva Jesus em todos os corações e inteligências pela educação e instrução cristãs. Viva Jesus no vestuário exterior e em todas as manifestações da vida pela modéstia cristã»<sup>83</sup>.  
«A finalidade que se devem propor em todo o seu ensino, não é senão formar Cristo Jesus nas inteligências por meio da instrução; formar Cristo Jesus nos

<sup>79</sup> CEM 2ª, em EEO III, 891.

<sup>80</sup> AP, em EEO II, 745.

<sup>81</sup> CEM 2ª, em EEO III, 890.

<sup>82</sup> Além das múltiplas referências às cartas paulinas, é preciso acrescentar um texto muitíssimo repetido por Henrique de Ossó: Act 10,38. Representa, para o Fundador da Companhia, a síntese da *acção* de Jesus neste mundo e, portanto, a síntese do que há-de ser a *acção dos seus discípulos e discípulas*.

<sup>83</sup> PE, em EEO II, 238-239.

corações por meio da educação». Para esta finalidade essencial orientarão todos os esforços e cuidados, pedindo-o continuamente [...] em todas as suas orações»<sup>84</sup>.

• Em *Exames das Irmãs*:

«A finalidade essencial deste Apostolado [do ensino], é formar Jesus no entendimento da infância pela instrução; no coração, pela educação, e no exterior, pela modéstia cristã»<sup>85</sup>.

• No *Meu Regulamento*:

«A finalidade dos pensionatos [da Companhia] [...] é formar Jesus na sua inteligência pela instrução, no seu coração pela educação, no exterior pela modéstia cristã»<sup>86</sup>.

• Em *Apontamentos para um Livro de Pedagogia*:

«A finalidade da pedagogia da educação cristã e racional, é formar Cristo, a sua imagem perfeita, no coração e na alma das crianças, e no seu exterior. *Filinhos meus que outra vez dou à luz até que Cristo se forme em vós*»<sup>87</sup>.

«Que viva Jesus e morra o pecado nas suas almas. Facilitar o desenvolvimento dos seus hábitos de fé, esperança, caridade – enxertados no Baptismo – e todas as boas inclinações e extinguir as más. Ajudar a formar hábitos bons»<sup>88</sup>.

«A finalidade da pedagogia é ser outros Cristos, é ser perfeitos como o Pai celestial»<sup>89</sup>.

• Num artigo da *Revista Santa Teresa*:

«... Fundaremos uma escola católica, uma escola religiosa que [...] forme Cristo Jesus nas tenras inteligências pela instrução, e nos corações pela educação»<sup>90</sup>.

• Nas *Cartas sobre Educação da Mulher*:

«A educação perfeita mais não é do que formar a imagem de Jesus no coração da infância»<sup>91</sup>.

«O apóstolo S. Paulo, modelo dos grandes pedagogos, dizia numa das suas cartas: *Filinhos meus, a quem dou outra vez à luz, até que forme Cristo em vós*.

<sup>84</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>85</sup> EF, em EEO II, 441.

<sup>86</sup> MR, em EEO II, 487.

<sup>87</sup> AP, em EEO II, 744.

<sup>88</sup> Ibid.

<sup>89</sup> AP, em EEO II, 745.

<sup>90</sup> RT 1880, em EEO III, 885.

<sup>91</sup> CEM 4ª, em EEO III, 896: aparece nesta carta a possível estranheza por assim ser considerada a finalidade da educação: «Vejo que te admiras com a ideia que, nesta carta, te transmito acerca da educação perfeita... Dizes-me que nunca te tinha sequer ocorrido essa ideia de educação e, por conseguinte, que nunca tinhas apontado para tão alto».

É esta a finalidade de toda a educação cristã, mas não pode ser alcançada sem a ajuda da fé, da Religião»<sup>92</sup>.

A partir desta terceira perspectiva, é proposto o modo concreto de participar na Nova Humanidade inaugurada por Cristo. Entrando num dinamismo de morte e ressurreição, vivendo com Jesus o Mistério Pascal.

Tendo em vista a importância da segunda e, sobretudo, da terceira perspectiva, podemos falar de uma *teologia da educação*, que assume, a partir de uma atitude cristã – paulina e teresiana – as finalidades de toda a educação autenticamente humana. Esta *teologia* está implícita em todos os seus escritos. De uma maneira explícita, encontramos-la sobretudo nos *Apontamentos de Pedagogia*, no «rascunho» do que devia vir a ser um livro de Pedagogia teresiano<sup>93</sup>.

Deste e de outros escritos pedagógicos, podemos extrair os elementos fundamentais da sua *teologia educativa*, que inclui uma *antropologia teresiana*. O que, objectivamente, é um erro naqueles *Apontamentos*, a repetição, permite-nos seleccionar o mais significativo, aquilo a que Henrique de Ossó atribuíra verdadeira importância na educação.

#### 4. Teologia da educação na Companhia

Nesta perspectiva paulina, é difícil estabelecer as fronteiras entre a missão do catequista e a da mestra teresiana. Henrique de Ossó considera ambas as tarefas como reciprocamente correspondentes. O catequista é um verdadeiro educador na fé; o mestre e a mestra cristãos são verdadeiros catequistas. Sendo a educação entendida como um processo que é iniciado no nascimento e no baptismo, o próprio Deus é o primeiro e principal educador, como já vimos<sup>94</sup>.

Desta maneira, a tarefa da educadora consistirá em acompanhar as crianças e as jovens, ajudando-as a personalizar a fé recebida dos seus pais, até a tornar vida. Ou em despertar o desejo de acreditar naquelas que nasceram num ambiente familiar não cristão. Esta pedagogia dos primeiros passos foi de certo modo cultivada nos colégios «de fronteira ou de vanguarda» que a Companhia assumiu já em finais do século XIX, nos seus começos<sup>95</sup>.

<sup>92</sup> CEM 3ª, em EEO III, 894.

<sup>93</sup> Dissemos já que ficaram inacabados à morte de Henrique de Ossó, em Janeiro de 1896. A parte que conhecemos está repleta de repetições e apresenta lacunas; falta-lhe um eixo formal, e é unicamente destinado às mestras das crianças (Cf. AP em EEO II, 791-821).

<sup>94</sup> CEM, em EEO III, 900.

<sup>95</sup> No capítulo XVI falaremos destes colégios, pelo interesse que hoje têm para uma releitura do carisma. Numa sociedade laica e pluralista, as nossas escolas talvez não possam ser

Podemos afirmar que o *Guia Prático do Catequista* contém, não só o Ideário educativo de Henrique de Ossó, mas também o da Companhia, apesar de este livro ter sido escrito quatro anos antes da *Inspiração*. O que ali é proposto como finalidade da catequese ou educação das crianças na fé, será também a finalidade última da Escola de Santa Teresa. Comparemos estas duas formulações:

Guia Prático do catequista: *Objectivo do Catequista*

«O objectivo do Catequista é formar, no coração das crianças, a imagem perfeita de Jesus: dá-las à luz outra vez, como diz o Apóstolo, até que Jesus se forme nelas. Revesti-las dos mesmos sentimentos e afectos que Cristo Jesus tinha no seu Coração»<sup>96</sup>.

Plano de Estudos da Companhia: *Objectivo das professoras da Companhia*

«O objectivo que se devem propor com o seu ensino, não é senão formar Cristo Jesus nas inteligências por meio da instrução; formar Cristo Jesus nos corações por meio da educação»<sup>97</sup>.

A imagem paulina da *mãe que forma o seu filho dentro de si e o dá à luz*, para *uma vida nova*, é talvez a que melhor exprime este ideal educativo. E também a do *escultor que liberta* do bloco de pedra que a esconde, *a imagem* que ele sabe que está ali, no *interior*. Tal como Miguel Ângelo Buonarroti via *a forma* por detrás da *matéria* bruta do mármore, assim a educadora aprende a «descobrir, sob a forma daqueles corpinhos graciosos, a *imagem de Jesus* que está *gravada* na sua alma»<sup>98</sup>. Tal é a finalidade da educação teresiana.

Como Paulo e como Teresa de Jesus, Henrique de Ossó tem consciência de que a criança é *imagem de Deus*, embora essa imagem esteja frequentemente desfigurada pelo pecado. Considera a educação como um *novo nascimento*, iniciado no baptismo e levado à plenitude pelo lento trabalho educativo. Concebeu a Companhia como uma *catequese organizada de longo alcance*, ocupada na formação integral e na educação cristã de crianças e jovens, e na preparação de futuras educadoras e educadores.

---

confessionais, mas missionárias e proféticas, nas quais a pedagogia dos primeiros passos na fé – praticada com as características hodiernas – tem de substituir, em muitos casos, a pedagogia dos colégios do passado recente em que os alunos eram todos cristãos.

<sup>96</sup> GC, em EEO I, 88. Noutras páginas do mesmo livro: «O objectivo do ensino do catecismo [...] é cativar o coração das crianças para nele formar, com toda a perfeição, a imagem divina de Jesus [...]. Numa palavra, vesti-las do homem novo e despojá-las do velho» p. 86.

<sup>97</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>98</sup> *Cartas sobre la educación de la mujer* 3ª, em RT Maio 1881. Publicadas em EEO III, 895.

## Capítulo XIV

### «ENSINAR OS QUE HÃO-DE ENSINAR». DESTINATÁRIOS DA EDUCAÇÃO NA COMPANHIA

Henrique de Ossó contemplou a sociedade com olhos de educador e encontra na educação o remédio de muitos dos males sociais. São três as instâncias educativas que despertam a atenção do Fundador da Companhia: *a Família*, o primeiro e principal âmbito educativo dos filhos; *a Escola*, instituição social criada expressamente para a instrução e educação de crianças e adolescentes; e a Paróquia ou *Comunidade de crentes* – ele fala de Religião – que é o âmbito eclesial do crescimento na fé e no compromisso cristão. Efectivamente, eram estes os lugares privilegiados da formação inicial da pessoa e da sociabilização da fé. E em relação a estas instâncias educativas, o Fundador da Companhia interessa-se fundamentalmente por três figuras, das quais depende sobretudo a formação: *a mulher*, mãe ou mestra, *o sacerdote*, pastor, catequista e educador na fé, e *as crianças*, representantes das gerações futuras, educadores dos seus pais e pequenos missionários da sociedade.

#### 1. A Mulher, educadora da humanidade

Não podemos esquecer-nos de que, no século XIX, se reaviva e generaliza a consciência de que a mulher é a grande educadora *familiar* e até *social*. Ao contrário do que se julga habitualmente, a mulher do século XIX – sobretudo na segunda metade do século –, exerce já uma grande influência social, e precisamente como mulher. Tem um papel bem diferenciado face ao varão, decisivo na educação dos filhos, ou seja, na configuração das gerações futuras. No século XIX, a função educativa e, portanto, a influência histórica da mulher, foi decisiva<sup>1</sup>.

Em épocas anteriores, as mulheres não educavam os filhos, apenas os criavam, nada mais. E isto não só nos meios rurais onde a mulher, além do cuidado da casa e dos filhos, aos quais pouco tempo podia dedicar, trabalhava no campo e tratava dos animais. Também nas famílias da pequena burguesia das cidades, a mãe colaborava nas actividades laborais do artesanato familiar<sup>2</sup>. Até

---

<sup>1</sup> J. MARÍAS, *La mujer en el siglo XX*, Alianza, Madrid 1990, 33.

<sup>2</sup> «Na família camponesa, não havia divisões taxativas. Trabalhava-se no campo e em casa. Durante séculos, as mulheres foram compaginando as tarefas domésticas, às quais se

meados do século XIX, e especialmente nos meios urbanos, a mulher mãe de família não se vê isenta daquelas outras actividades para se consagrar plenamente ao mais importante – a vida familiar. A partir deste momento, educar os filhos e velar pela sua saúde, introduzir calor e ternura nas relações familiares, será a missão própria da mulher, primeira mestra e educadora dos seus filhos<sup>3</sup>.

Vários factores contribuíram para esta mudança. Por um lado, o processo de especialização do trabalho que se impõe com a industrialização e que faz que os papéis sociais fiquem bem definidos. (Ao varão corresponderá o trabalho exterior e à mulher o cuidado do espaço familiar). E por outro, as teorias de alguns pedagogos, como Pestalozzi, que influenciaram, sem dúvida, a revalorização da figura feminina ao sublinharem o papel insubstituível do amor materno na educação dos filhos. Tudo isto junto com a importância que o tema da educação adquire nas sociedades modernas do século XIX.

Alguns autores, como Lipovetsky, falaram da *mística da dona de casa* para se referirem a este fenómeno do reconhecimento e exaltação social dos valores femininos<sup>4</sup>. Na segunda metade do século XIX, impõe-se um novo modelo de mulher, fruto da modernidade; «apesar de, inicialmente, o modelo dizer apenas respeito às classes burguesas, não tarda a impor-se, como ideal, a todas as camadas sociais». «Nasce uma nova cultura [...] que idealiza a esposa-mãe-dona de casa que consagra a sua vida aos filhos e à felicidade da família»<sup>5</sup>.

Esta intensificação e sistematização sociais dos papéis específicos da mulher, ficaram reflectidas na literatura e na arte do século XIX. Datam dessa época os primeiros poemas dedicados ao amor materno, e a pintura representa, com frequência, a mãe amamentando os filhos, embalando-os, brincando com eles<sup>6</sup>. A literatura do século XIX é testemunha da enorme relevância das personagens femininas, muitas das quais dão nome a um significativo número de romances espanhóis e estrangeiros<sup>7</sup>.

---

dedicava muito menos atenção, com os trabalhos do campo, na quinta familiar ou na ajuda no artesanato [...]. A industrialização acarreta uma profunda mudança. Quando o artesanato familiar desaparece, o operário vai trabalhar para uma oficina colectiva, para uma fábrica, e a mulher fica em casa; ou então, vai também trabalhar como operária, como um homem» (J. MARÍAS, *op. cit.*, 50 e 51). Quase com os mesmos termos, G. LIPOVETSKY explica a mudança nas actividades e papéis da mulher pela passagem das «sociedades pré-industriais» para as industriais ou modernas. *La tercera mujer, Permanencia y revolución de lo femenino*, Anagrama, Madrid 1999, 188-190.

<sup>3</sup> Cf. G. LIPOVETSKY, *op. cit.*, 192.

<sup>4</sup> Cf. G. LIPOVETSKY, *op. cit.*, capítulo intitulado «La consagración de la madre al hogar», 187-200.

<sup>5</sup> G. LIPOVETSKY, *op. cit.*, 192 e 191.

<sup>6</sup> Cf. G. LIPOVETSKY, *op. cit.*, 198.

<sup>7</sup> J. MARÍAS faz uma rápida enumeração de 22 novelas espanholas e 17 francesas intituladas com nomes de mulher. *Op. cit.*, 70.



A valorização da mulher nesta época, não só ficou a dever-se às próprias mulheres<sup>8</sup>, mas em muitos casos, são os próprios varões que se adiantam na reflexão sobre elas e no seu reconhecimento, sobretudo no que se refere à sua influência moral e espiritual. Abundam os livros que realçam a importância primordial da mãe como educadora *natural*. Louvam-se os traços característicos da sua figura: bondade, doçura e ternura. E a educação é cada vez mais considerada como uma missão própria da mulher. Tanto na perspectiva laicista como na da Igreja, é viva a consciência da grande importância da missão da mulher em ordem aos destinos da humanidade. «Ao longo de todo um século, homens e mulheres, burgueses e operários, crentes e livres-pensadores, partilharam, num amplo consenso, do mesmo arquétipo da mulher esposa e mãe, exclusivamente dedicada ao lar»<sup>9</sup>.

A par deste modelo feminino, segundo o qual o trabalho profissional não é tido em consideração, surgem algumas tendências feministas que reivindicam o trabalho remunerado e a igualdade dos salários para a mulher, mas raras vezes põem em causa a ideia de que a mulher deve, antes de mais, cumprir os deveres de mãe e dona de casa<sup>10</sup>. Em Espanha, mesmo antes da Revolução de 68, já circulavam todos os argumentos feministas. Concepción Arenal, por exemplo, no seu livro publicado em 1869, *La mujer del porvenir* (A mulher do futuro), quer que a mulher tenha acesso a quase todas as profissões que lhe estavam tradicionalmente vedadas.

Apesar do reconhecimento positivo dos valores femininos, a situação da mulher nesta época está muito condicionada pela sua educação, geralmente muito deficiente. Também em meados do século, começa a aumentar em Espanha a consciência de que mulher não poderá ter melhores condições de vida sem adquirir uma formação adequada à época. Tanto no sector católico como, sobretudo, no sector liberal, há muitas pessoas e instituições que se preocupam em aperfeiçoar, não só a educação, mas também a instrução da

---

<sup>8</sup> Desde 1868 que proliferam as revistas femininas. Há uma enorme variedade de revistas dirigidas por mulheres que estimulam o interesse pela educação destas (*Ellas* (1851), *El Correo de la Moda* (1860), *La Educanda* (1862), *La Violeta* (1863), *La Guirnalda* (1867), *La Ilustración de Madrid* (1870), *La Margarita y la Mujer* (1871), *El último figurín* (1872), *La Flor de Lis* (1875), *El amigo de las damas* (1876), *Educación de la mujer* (Barcelona 1877), *Instrucción para la mujer y la Instrucción de la mujer* (Madrid 1882), *La Ilustración de la mujer* (Marcelo 1883). Pretende-se, sobretudo, um tipo de formação doméstica e literária, que não traz nada de novo à educação tradicional. Entre todas as revistas, «podemos dizer que só três delas acrescentam algo ao desejo de proporcionar uma formação de carácter doméstico, e se preocupam também com a sua formação intelectual. São elas: *La Guirnalda*, *La Educanda* e *Instrucción para la mujer*». (Cf. M<sup>a</sup> I. GUTIÉRREZ ZULUOAGA, *Una Institución Educativa Femenina: La Asociación para la Enseñanza de la Mujer*, em AA. VV., *La Educación en la España Contemporánea. Cuestiones Históricas*, S.E.P.-SM, Madrid 1985, 92-93).

<sup>9</sup> G. LIPOVETSKY, *op. cit.*, 192.

<sup>10</sup> Cf. *Ibid.*

mulher<sup>11</sup>. «Todos consideram a educação da mulher como algo absolutamente necessário, pela sua função de educadora dos filhos e pela sua relação com o homem e a sua influência na sociedade»<sup>12</sup>. Escreve-se muitíssimo sobre o assunto, em livros e revistas de todas as ideologias<sup>13</sup>, procurando criar uma consciência social:

«Tanto se tem escrito sobre a educação da mulher, sobre a sua importância na vida social, que talvez nenhuma outra coisa tenha sido esclarecida com tanto empenho. Ser-me-á, pois, relativamente fácil, minha boa amiga, satisfazer o teu justo desejo, já que estou convencida de quanto importa para a felicidade das famílias e da sociedade, nos nossos dias, a boa e sólida educação da mulher»<sup>14</sup>.

A Companhia nasce da consciência carismática de Henrique de Ossó, e com o propósito de enobrecer a mulher da última terça parte do século e de fazer valer a sua influência positiva em benefício da sociedade e da Igreja. O pensamento de Henrique de Ossó relativamente à mulher, está praticamente formado em 1873, quando se decide a fundar uma associação de jovens cristãs. Os argumentos invocados no *Chamamento*<sup>15</sup>, voltam a estar presentes, mais ou menos matizados, em sucessivos artigos.

---

<sup>11</sup> Concepción Arenal, o reitor da Universidade Fernando de Castro e, de uma maneira geral, o Krausismo, estão preocupados com o assunto. De facto, a primeira instituição educativa fundada pelos krausistas, foi a *Asociación para la Enseñanza de la Mujer*, antecipando em seis anos a fundação da própria Instituição Livre de Ensino. Fundada pelo próprio reitor, em 1870, com o objectivo de contribuir para o incremento da educação e instrução da mulher, em todas as esferas e circunstâncias da vida social. Já no ano lectivo anterior, 1868-69, F. de Castro tinha organizado as *Conferencias Dominicales* cuja temática era precisamente «O carácter da educação da mulher». As conferências foram quinze. Segundo o próprio F. de Castro, são três os factores que devem caracterizar o ensino da mulher: *moralidade, religiosidade e beleza*. Como conclusão destas *Conferências*, e para perpetuar a sua obra, foi inaugurada, em Dezembro de 1869, no mesmo edifício da Escola Normal de Mestras, uma *Escuela de Institutrices*. (Cf. M<sup>a</sup> I. G. ZULUAGA, *op. cit.*, 92-97). Entre os católicos, ao lado da do P. Claret, são significativas as Congregações femininas dedicadas à educação que remontam a este período.

<sup>12</sup> M<sup>a</sup> I. GUTIÉRREZ ZULOAGA, *op. cit.*, 93.

<sup>13</sup> «O esforço e o exemplo de algumas mulheres que escrevem e falam em público sobre a necessidade de educar adequadamente a mulher, constitui uma importante força para a criação da opinião pública, especialmente quando os seus argumentos são expostos no Parlamento ou difundidos pela imprensa. Entre as escritoras actuais, podemos indicar três grupos de muito diferente influência: escritoras famosas, que exercem um poderoso influxo com os seus livros, artigos, conferências, declarações (C. Arenal, E. Pardo Bazán, G. De Avellaneda). Intelectuais activas, que influenciam com o seu testemunho pessoal na actividade docente e em congressos pedagógicos (perceptoras, mestras, professoras de comércio, universitárias). Outras escritoras e literatas que alcançam um campo mais reduzido de leitoras (Anela Grassi, Faustina Sáez de Melgar, Pilar Sinués, Joaquina Balmaseda, etc.)». (Cf. M<sup>a</sup> I. G. ZULUAGA, *op. cit.*, 93).

<sup>14</sup> É o próprio Henrique de Ossó a reconhecer-lo num dos seus artigos da RT, que assina com o pseudónimo de *Lorenza*. (CEM, em EEO III, 886).

<sup>15</sup> EEO I, 204-209.

É por demais sabido que, na opinião do Fundador da Arquiconfraria, a mulher é a grande força regeneradora da sociedade, o «coração da família» e o suporte da fé das novas gerações. A ausência da mulher nos avanços científicos e no progresso material da humanidade, bem como a sua irrelevância na história escrita dos povos, é, segundo Henrique de Ossó, apenas aparente:

«É um facto inegável que, desde o princípio do mundo até aos nossos dias, a mulher tem representado um papel importantíssimo em todos os grandes acontecimentos da humanidade [...]. A história dos povos e de todas as nações sintetiza-se na história das mulheres»<sup>16</sup>.

Entusiasmara as jovens da Arquiconfraria, reconhecendo a grandeza moral da mulher, a sua surpreendente energia de *irresistível* influência:

«Ter-se-á visto alguma vez o mundo resistir à actuação simpática, à ardente influência da mulher? Coração da família, rainha do lar doméstico, doce encanto da sociedade e glória da religião católica. A mulher possui a virtude da assimilação, que é uma virtude sem limites e irresistível. O mundo foi sempre o que dele fizeram as mulheres»<sup>17</sup>.

A relação, sumamente positiva, que manteve com a sua mãe Micaela, juntamente com a especial *amizade e sintonia* com Teresa de Jesus, proporcionam-lhe argumentos verdadeiramente persuasivos, fruto da sua própria experiência. Por exemplo, a seguinte afirmação que corresponde a uma leitura da história da salvação *em chave feminina*:

«Em todas as obras de Deus para a regeneração do mundo, encontrareis sempre a mulher que as inicia, as fomenta, as sustenta, as propaga»<sup>18</sup>.

Tal como outros autores contemporâneos<sup>19</sup>, Henrique de Ossó está convencido de que a mulher tem uma missão divina a cumprir, um destino particular. Testemunha-o a história da Igreja:

---

<sup>16</sup> RT Setembro 1878, 341.

<sup>17</sup> *Llamamiento*, em EEO I, 207.

<sup>18</sup> RT Setembro 1878, 342.

<sup>19</sup> Num dos artigos da *Revista* cita J. Ventura de Ráulica, autor de *La Mujer Católica*, que introduziu o epíteto «Madres da Igreja» referido às mulheres católicas. No mesmo artigo, inclui expressões de «Um dos membros mais ilustres [...] que teve, nos nossos dias, a Companhia de Jesus. [...]. A mulher é como que o sacerdote da família» (Cf. EEO III, 838). Do lado liberal, há também autores que têm um elevado conceito da mulher, como por exemplo, Castro y Serrano, que no seu livro *Cartas trascendentales* (1862) refere «o eminente valor moral da mulher, graças à profunda convicção de que é *melhor* que o homem; é clara, nele, a suspeita de que alguns aspectos negativos, e até algumas injustiças, são o preço desse valor, dessa superioridade». (Citado por MARÍAS em *La mujer en el siglo XX*, 60-61).

«Talvez haja poucos grandes santos em cuja formação não tenha trabalhado alguma mulher, com as suas orações, conselhos e exemplos [...]. *Madres da Igreja*, foram chamadas, com justiça, uma multidão incontável de mulheres ilustres [...] ao lado dos *Padres da Igreja*<sup>20</sup>.

Ela tem uma missão *educativa* para a qual o próprio Deus a *dotou*, na sua *natureza de mulher*:

«Deus, que não abunda no que é supérfluo [...], ao assinalar à mulher este destino, dota-a com os meios e as graças mais adequadas para o cumprir: «*Uma graça toda natural* – como observa o nosso sapientíssimo Padre Leão XIII –, *confere à mulher, mais que ao homem, recursos para combater os maiores males...*»<sup>21</sup>.

As palavras de Leão XIII, dirigidas às associações femininas da Suíça, deram azo ao Fundador da Companhia para reformular o seu pensamento, à maneira de glosa do texto pontifício, exprimindo com entusiasmo as suas profundas convicções a respeito da missão *benéfica* da mulher, missão eminentemente cristã, como a de Jesus, que *passou pelo mundo fazendo o bem*:

«A própria *debilidade* confere ao sexo frágil um certo poder misterioso que, a par da *sua graça* lhe confere recursos, que o homem não possui, para combater o mal. Da sua *debilidade* tira força. Da sua *fragilidade*, estabilidade e constância»<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> RT Setembro 1878, 343.

<sup>21</sup> Ibid., 342.

<sup>22</sup> Ibid. É interessante observar que o tema da «graça e debilidade da mulher», «que lhe confere um tal atractivo e uma força tão misteriosa...», aqui formulado por Leão XIII e glosado por Henrique de Ossó nesse artigo, volta a aparecer no capítulo da *mansidão* das Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus (Cf. SC, em EEO II, 74). Porém, é ainda mais curioso encontrar essas mesmas expressões em autores e autoras actuais. J. MARÍAS, por exemplo, no capítulo XX «La Figura de la mujer» da sua *Antropología Metafísica*, fala em termos que parecem inspirados nas mesmas fontes de Henrique de Ossó. «A forma feminina da beleza é o que chamamos *graça* [...]. Por isso, a mulher é – quero dizê-lo uma vez mais, tem que ser – graciosa, agradável, e essa graça é grátis, um dom gratuito – uma graça – [...]. A impressão de fugacidade da mulher [...] como se fosse lançar-se a voar, é a versão sensível da sua condição biográfica. [...] Por isso, a missão da mulher é puxar para cima – a si mesma e ao homem cativado por ela, preso dela -». J. MARÍAS, *Antropología Metafísica*, Madrid, Alianza editorial, 1995, 143-144. E mais recentemente, C. KAUFMAN, no seu artigo «*El rostro femenino de Dios*», defende a mesma tese, e de uma maneira surpreendentemente parecida. (Cf. *El rostro femenino de Dios*, Bilbao, Desclée De Brouwer, 1996, 38-45), para não citar Edith STEIN, nas suas conferências sobre a missão da mulher proferidas no período entre as guerras (Cf. E. STEIN, *La mujer. Su papel según la naturaleza y la gracia*, Ed. Palabra, Madrid 1998).

A ressonância paulina deste paradoxo não deixa de ser significativa. É surpreendente a resistência do *sexo fraco*, a estabilidade e a força da mulher<sup>23</sup>.

Como observa Julián Marías, «na civilização ocidental, no mundo doméstico, aquele que estava confiado às mãos da mulher, era *o mundo de todos*, no qual todos viviam, pelo menos a sua vida privada, que é a decisiva. A mulher era, nada mais nada menos, a depositária da vida privada e das suas formas. Competia-lhe a função de atracção do varão, da educação e formação dos filhos. Por isso, foi capaz de conservar, num mundo masculino frequentemente hostil, valores que considerava importantes, como a religião, por exemplo»<sup>24</sup>. O mesmo diz Henrique de Ossó, tendo em conta a história:

«Por isso vemos que o erro e o vício não deitam raízes onde não tiverem a mulher como cúmplice. E a virtude não se radica e desabrocha nos povos, nas famílias, se a mulher não for virtuosa»<sup>25</sup>.

Porque é a mulher que transforma as novas ideias em crenças, hábitos de comportamento e atitudes de vida. Daí a grande importância da educação da mulher:

«Tem o cuidado de educar bem os meninos, e ainda mais as meninas; senão, serão praticamente inúteis todas as leis, todos os decretos e castigos. Porque são os homens que fazem as leis, mas as mulheres, *os costumes*<sup>26</sup>. Por isso, educar um menino, é apenas educar um homem; mas educar uma menina, é educar uma família»<sup>27</sup>.

O mesmo afirma Julián Marías: «se as *ideias* não se transformarem em *crenças*, não passam de um fenómeno superficial [...]. Ao reflectir sobre o mecanismo da educação, vemos que é principalmente a mulher que transmite o sistema de crenças de uma sociedade, é ela a grande transmissora da verdadeira essência de uma determinada forma de vida»<sup>28</sup>. Por isso, as palavras e as atitudes da mulher são realmente importantes, da mulher considerada nas suas relações familiares de filha, irmã, esposa e mãe:

«Se outra coisa não restasse à mulher para *fazer o bem*, ela encontraria recursos na sua palavra para abater o orgulho da impiedade. E às vezes nem da palavra precisa: um sorriso de desdém é mais eficaz que os mais eloquentes discursos. A palavra da mulher, quer fale com o acento de filha, de mãe ou de

---

<sup>23</sup> Cf. J. MARÍAS, *La mujer en el siglo XX...* 101.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 71.

<sup>25</sup> RT Setembro 1878, 342.

<sup>26</sup> Recordemos que FÉNELON também o afirmou em *op. cit.*, 3.

<sup>27</sup> AP, em EEO II, 769. Em MR, EEO II, 480 diz algo complementar: «O homem gera o erro, a mulher concebe-o».

<sup>28</sup> J. MARÍAS, *La mujer en el siglo XX...* 103.

esposa, reveste-se de tal eficácia, que os mais duros corações não conseguem resistir-lhe. *Como é uma palavra do coração, tem uma especial virtude para mover os corações*»<sup>29</sup>.

A Companhia não anda pela *rama*, mas «vai direita ao coração. O coração da família é a mulher: se o coração, o princípio, for melhor, tudo ficará melhor, sem dar por isso»<sup>30</sup>.

A par do grande valor atribuído à mulher pela sua missão *quase sagrada*, há no Fundador da Companhia um substrato misógino, um sedimento de pensamento que procede de uma longa tradição machista. Já Aristóteles considerava a inteligência da mulher inferior à do varão. Sem muitas teorias nem demonstrações, Henrique de Ossó faz algumas advertências nessa linha:

«A inteligência da mulher é, geralmente, de capacidade reduzida [...]. Este método de ensino é o que dá melhores resultados em gente de vistas curtas, e mesmo em toda a espécie de discípulos»<sup>31</sup>.

Confia, no entanto, na eficácia da instrução escolar, considerando-a capaz de desenvolver essa capacidade por meio do exercício intelectual bem organizado. Além disso, julga necessária a formação das jovens «em letras», tanto para a sua vida pessoal, como para a sua futura missão de educadoras na família.

A tradição secular, também nos aspectos psicológico e moral, considerava a mulher mais débil que o varão. Henrique de Ossó, embora reconhecendo-lhe grandes qualidades naturais relacionadas com a sua missão futura, não deixa de recordar às educadoras<sup>32</sup> e às meninas, os *vícios* que, segundo se julgava tradicionalmente, eram *constitutivos da natureza feminina*, e que o Fundador da Companhia entendia serem sobretudo consequência da má

---

<sup>29</sup> RT Setembro 1878, 342.

<sup>30</sup> RT, em EEO III, 851.

<sup>31</sup> MR, em EEO II, 494. E é curioso que cita Teresa de Jesus para apoiar o seu argumento: «Entendo, dizia a mais sábia das mulheres, que *há tanta diferença em ensinar mancebos*, como entre o branco e o preto» (cita, aqui, uma carta da Santa).

<sup>32</sup> Os *Apuntes de Pedagogía* terminam com uma secção intitulada «*Peligros*» onde são abordados os riscos que corre a educadora. Na introdução, e para as induzir à cautela, Henrique de Ossó alude a uma série de tópicos anti-femininos em voga, dos quais talvez também elas estivessem convencidas: «Sois mulheres e, por conseguinte, do sexo frágil, como diz a Igreja. A natureza das mulheres é fraca, e o amor próprio muito subtil, repete-vos a vossa santa Madre Teresa [...]. Vós, filhas de Eva, sois imprudentes e imprevidentes por natureza, e embora vos digam as coisas e vo-las repitam mil vezes e em mil tons, e vos previnam dos perigos, não o entendeis pela vossa tacahez, ou não o recordais pela vossa leviandade, ou não fazeis caso pela vossa falta de atenção. E assim sendo, não vejo, humanamente, nenhum remédio, se Jesus e a sua Teresa não o derem». PE, em EEO II, 259. Observemos que faz referência à Igreja e a Santa Teresa como *argumentos* ou *testemunhos de autoridade*.

educação das jovens. A Companhia combaterá a educação errada, evitando e corrigindo esses defeitos; promovendo, sobretudo, a virtude:

«Atentem muito nos defeitos principais da mulher, como sejam espírito de domínio, vaidade, desejo de ver e de ser vistas, de brilhar, curiosidade, leviandade, frivolidade, inconstância, ternura para consigo mesmas, melindres, tontaria, desculpas, mentiras, ficção, ardis, dissimulações, ciúmes, desobediência, caprichos e veleidades. Inculquem-lhes as virtudes opostas, a saber: humildade e modéstia cristãs, caridade, amor à verdade, sinceridade, firmeza e obediência [...] inspirando, mais que corrigindo»<sup>33</sup>.

Entre os defeitos considerados *femininos*, preocupam especialmente Henrique de Ossó *a falta de critério e de princípios firmes de comportamento*<sup>34</sup>. E com a falta de critério, *o desejo de brilhar, de parecer, de viver no luxo e na ostentação da moda*, tão característico da mulher burguesa da época<sup>35</sup>. Inversamente, as jovens formadas no espírito de Teresa de Jesus, movidas pela fé e pelo amor cristão, viverão com *espírito de serviço*, procurando sempre o *bem* das pessoas e a *verdade* das coisas, *amáveis e simples* no trato.

Neste contexto espanhol e eclesial do século XIX, nasce a Companhia de Santa Teresa de Jesus, com a *consciência* de que a EDUCAÇÃO É A GRANDE MISSÃO DA MULHER. Nasce com o desejo e a missão de potencializar esta vocação e de a enobrecer.

Para além da actividade educativa própria dos centros educativos da Companhia, tanto o Fundador como a própria Companhia aproveitarão todas as circunstâncias para aprofundar e ampliar esta consciência da mulher e a respeito dela. A realização dos exames finais nos Colégios, por exemplo, acto académico aberto ao público que gerava uma grande expectativa, é uma oportunidade para

<sup>33</sup> PE, em EEO II, 239. Neste texto há uma evidente influência de FÉNELON, capítulos IX e X de *op. cit.*, 72-81. Acerca dos *vícios femininos* e das *virtudes (femininas) teresianas*, há uma meditação do *Cuarto de Hora*, na edição de 1884, intitulada «La Hija de María y Teresa de Jesús y la hija de Eva», em que aparecem confrontados os dois tipos femininos, respectivamente caracterizados por longas listas de *virtudes* – da Nova Eva: mulher regenerada em Cristo, segundo o modelo de Teresa –, em contraste com os *vícios* de Eva, a mulher velha. EEO I, 424-428.

<sup>34</sup> Falaremos sobre isto no próximo capítulo. (Cf. CEM 1ª, em EEO III, 887).

<sup>35</sup> Fala disto em todos os escritos pedagógicos. AP: «Vícios: Por uma certa fatalidade nas meninas, o luxo e a moleza, quando deviam ser mais activas e poupadas [...]. A volubilidade, insatisfação e irracionalidade, características do luxo, devem ser os vícios que as mestras das crianças mais devem combater» (AP, em EEO II, 783). – Também no *Plan de Estudios*: «Não percam de vista que uma das coisas que, hoje em dia, mais estragos causam nas mulheres e que arruinam as famílias, é a vaidade no vestir, ou seja, o luxo, e que a Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada, entre outras finalidades, para curar este cancro que corrói as entranhas da sociedade actual...». (PE, em EEO II, 237). E em *Mi Reglamento*: «A sociedade (espanhola) degrada-se, rebaixa-se, envilece-se, pela moleza, orgulho, sensualidade, luxo, modas ridículas, pecados, falta de fé, etc. Não se esqueçam de formar boas filhas que, de uma maneira geral, serão esposas e mães». (MR, em EEO II, 493-494), com ressonâncias de FÉNELON.

falar do assunto. Os discursos, escritos por alguma irmã ou pelo Fundador, são sempre expressão do pensamento da Companhia. Alguns foram publicados na RT. Temos conhecimento de outros através das cartas, como por exemplo do que foi preparado por Carmen Chavarría em Aleixar, em Junho de 1881:

«Tu podias fazer uma dissertação sobre a importância da educação católica da mulher, pois sendo *filha, esposa e, principalmente, mãe, há-de colaborar muito na salvação do mundo e da sociedade* com a sua doutrina e bom exemplo, dizendo algo da nossa Santa Madre Teresa de Jesus»<sup>36</sup>.

Também graças à RT, chegaram até nós as actas dos exames públicos de muitos dos primeiros colégios da Companhia, de verdadeiro interesse documental. Transcrevemos o relato do primeiro *discurso* que foi proferido em San Carlos de la Rápita, que exemplifica a sensibilidade do momento, relativamente ao *tema da mulher*, bem como o conceito que dela têm Henrique de Ossó e a Companhia:

«O discurso versou sobre a importância que é reconhecida à mulher nas sociedades modernas e o desprezo e esquecimento a que, durante longo tempo, esteve relegada esta *interessante metade do género humano*; a educação que lhe deve ser ministrada, fundada nos princípios da nossa santa Religião, há-de corresponder à importância e eminente missão que é chamada a desempenhar. O discurso foi brilhante e a estudiosa discípula interpretou admiravelmente os elevados pensamentos da autora»<sup>37</sup>.

### 1.1. As meninas: futuras mães e mestras

Uma vez reconhecida a importância da mulher, as crianças e as jovens serão as principais destinatárias da acção educativa da Companhia. O futuro é delas (e deles), pois são «os únicos representantes das gerações vindouras»<sup>38</sup>:

---

<sup>36</sup> Carta escrita em Tarragona 27/6/81. (Ed. Nº 180, original em AGSTJ, E. Vol. 16,135).

<sup>37</sup> Os exames foram realizados a 22 de Dezembro de 1880, quando as irmãs estavam apenas há quatro meses em San Carlos. A Acta diz o seguinte: «Às oito e meia foi dado início ao exame, inaugurando-o com um eloquente e sentido discurso, escrito por mão de mestra e proferido pela Menina D<sup>a</sup> Francisca Canicio Comé, de catorze anos de idade, a mais adiantada aluna do Colégio». (Acta publicada em «El Correo de las Familias» de Tortosa, e em RT, Janeiro 1881, 105-106). Poderíamos multiplicar os exemplos de discursos sobre a mulher. Citamos unicamente um outro, proferido numa situação diferente, inserido num programa de actos não académicos: MONTSERRAT: «Inauguração do altar de Santa Teresa, a 22 de Outubro». Programa: 1º Canto da Avé Maria por professoras da Companhia. 2º Discurso sobre *a missão da mulher, segundo os ensinamentos de Santa Teresa*, por uma Professora da Companhia». (RT Outubro 1882, 81-82).

<sup>38</sup> AP, em EEO II, 747.



«As Irmãs que se consagram ao apostolado do ensino, devem estar persuadidas de que nada podem fazer de mais agradável a Deus e à Companhia e de maior proveito para a sua alma, do que dedicar-se, com recta intenção e com todo o afínco, ao ensino das meninas»<sup>39</sup>.

A instrução e a educação das gerações jovens femininas, é um dos meios mais eficazes para regenerar a família e a sociedade, como recorda a Igreja, que «apoia todas as instituições que se destinam a educar e a cristianizar a mulher, para que, com o tempo, seja uma digna filha, esposa, mãe ou virgem cristã<sup>40</sup>. Porque «foi dito, e é verdade, que educar um menino é educar um homem; mas educar uma mulher é EDUCAR uma FAMÍLIA<sup>41</sup>».

Nesta época de «suprema necessidade», Deus suscitou a Companhia de Santa Teresa de Jesus «para regenerar o mundo, educando cristãmente a juventude feminina, segundo o espírito de Teresa de Jesus [...]. Pois é impossível que haja boas mães, dignas esposas, se não se formarem e educarem boas filhas»<sup>42</sup>:

«As meninas que agora formais com tanto trabalho, serão amanhã mães de família, e se as educardes bem, poderão salvar uma família, uma cidade, inúmeras almas...»<sup>43</sup>.

A clareza da finalidade justifica os esforços, explica a fortaleza com que são superadas as dificuldades e a criatividade das realizações:

«Animai-vos com esta consideração a assumir com generosidade o apostolado do ensino que é o de maior sacrifício»<sup>44</sup>.

O Fundador, verdadeiro pedagogo e formador das irmãs ao longo dos 20 anos em que acompanhou a Companhia, anima-as constantemente face as dificuldades com que se deparam na educação e nas novas fundações:

«Cuidai dessas mimosas flores; que cresçam no santo temor de Deus e, por elas, será regenerada a sociedade»<sup>45</sup>.

---

<sup>39</sup> 2ª P C, em EEO II, 361.

<sup>40</sup> EEO III, 839.

<sup>41</sup> A frase não é original de Henrique de Ossó, mas ele adoptou-a e repete-a muitas vezes. Aparece já no primeiro artigo da RT sobre a Companhia. Como exemplo, pode ver-se EEO III, 796, 802, 849, 851. A apresentação do Projecto Educativo do Internato Ganduxer começa também com esta frase: Prospecto de 1890, 1.

<sup>42</sup> EEO III, 842.

<sup>43</sup> MR, em EEO II, 492.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> Carta às irmãs de Chilapa (México), Vinebre, 18/12/95. (Ed. Nº 509, original em AGSTJ, E. Vol.).

### 1.2. As jovens trabalhadoras

Uma grande parte dos colégios da Companhia foram fundados em povoações e cidades industriais da Catalunha, onde estava a surgir a classe operária. Quase todos se ocuparam da educação e instrução, não só de meninas em idade escolar, mas também de mulheres adultas sem nenhuma instrução nem formação religiosa, inseridas no mundo do trabalho. Recordemo-nos de que, na década de 70, a situação escolar da mulher é tão deficiente, que são mais de 85% as mulheres espanholas que não sabem ler nem escrever<sup>46</sup>.

#### As Escolas Dominicais

Era esse o sentido das Escolas Dominicais promovidas por Henrique de Ossó, organizadas em muitos lugares pela Arquiconfraria<sup>47</sup>, e mais tarde dirigidas pelas professoras de Santa Teresa onde a Companhia tivesse algum colégio.

Esta simples instituição reunia aos domingos, durante algumas horas, jovens maiores de 14 anos para lhes ensinar as verdades da fé e para lhes ministrar os conhecimentos básicos. Numa breve notícia da *Revista*, intitulada *Escolas dominicais teresianas*, lemos:

«Talvez não haja nenhuma povoação de alguma importância, onde esteja estabelecida a Arquiconfraria teresiana, em que as filhas da grande Teresa não tenham empreendido a obra das Escolas Dominicais [...]. São já algumas centenas as alunas que todos os domingos *recebem instrução cristã e são ensinadas a ler, escrever e fazer contas*»<sup>48</sup>.

Henrique de Ossó tem muito interesse em que estas sejam verdadeiras escolas de adultas, pelo que insiste em não serem admitidas meninas menores de 14 anos. Previne disso mesmo o seu amigo Sardà que está a preparar uma escola dominical para a Arquiconfraria:

«Parabéns às teresianas de Sabadell. Assim é que é. Trabalhar para ganhar almas para Jesus. A minha Congregação teresiana [= Arquiconfraria] foi fundada tendo em vista as Escolas Dominicais. Tenha o cuidado de não admitir meninas que não tenham pelo menos 14 anos. Caso contrário, perderiam o seu carácter e

---

<sup>46</sup> M<sup>a</sup> I. G. ZULUAGA fala de 86% de analfabetas em 1868, ao passo que na cidade de Paris são só 43% da população feminina. (Cf. *op. cit.*, 92. Nota 2).

<sup>47</sup> Cf. RT 1875-76, 259-260, publicado em EEO III, 810-811.

<sup>48</sup> RT Fevereiro 1877, em EEO III, 812. Um ano antes, em Junho de 1876, a *Revista* publicou um artigo importante «Una grande obra de celo», no qual se fala, pela primeira vez, destas escolas, promovidas pela Arquiconfraria (Cf. EEO III, 810-811).

não alcançariam o principal objectivo. As mais velhas não irão se forem misturadas com as pequenas»<sup>49</sup>.

Quando é a Companhia a organizá-la, insiste no mesmo ponto:

«Na escola dominical não admitais senão as que não vão à vossa escola nos dias de trabalho. Isso faria que tivessem vergonha as que mais precisam»<sup>50</sup>.

Pouco tempo depois de a Companhia ter chegado a Rubí, já vemos a Escola Dominical em pleno funcionamento, de maneira que as irmãs não têm dia nenhum para respirar. O Fundador adverte-as: «Não tendes escola dominical senão aos domingos; se houver feriados no meio da semana, não a tendes»<sup>51</sup>.

No entanto, no colégio de Gracia não puderam organizá-la até Dezembro de 1881, por falta de local adequado. A abertura foi festejada com toda a solenidade e estiveram presentes as irmãs de Barcelona<sup>52</sup>.

### As Escolas Nocturnas

Estas escolas revestem-se de muita importância desde as origens da Companhia, pois constituem uma secção verdadeiramente significativa em alguns colégios. Provavelmente, a Escola nocturna de Gracia foi uma das primeiras e das mais numerosas. Conhecemos o balanço da frequência desde o primeiro dia de aulas: «Hoje começou o apostolado do ensino e vieram 80 meninas, e à noite, mais 40»<sup>53</sup>. Três meses depois da fundação, o número tinha duplicado: «As irmãs têm 70 jovens grandes que vão à escola nocturna»<sup>54</sup>. Na *Revista* de Outubro já tinham aumentado. Vão «cerca de 80 às aulas nocturnas»<sup>55</sup>. E o número aumentou tanto que tiveram que procurar outro local<sup>56</sup>.

Em S. Pedro de Rubí, outra povoação industrial da Catalunha, estas Escolas tiveram um grande êxito. Desde a sua inauguração a 8 de Maio de 1881 que houve «aulas para adultas e o local a elas destinado é o melhor que se poderia pretender para o efeito»<sup>57</sup>.

<sup>49</sup> Carta de 12/12/1876 a F. Sardà, N° 45.

<sup>50</sup> Carta a T. Blanch, 7/5/1880. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,35).

<sup>51</sup> Carta a Rosario Elíes, Jesús, 19/6/1888. (Ed. N° 176, original em AGSTJ, E. Vol. 15,88).

<sup>52</sup> Cf. duas cartas a Dolores Llorach: 31/10/81 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13, 104) e 10/12/81 (Ed. N° 192, original em AGSTJ, E. Vol. 14,64).

<sup>53</sup> Carta às Irmãs de Jesús, 27/7/1880. (Ed. N° 142, original em AGSTJ, E. Vol. 10,96).

<sup>54</sup> Carta a Saturnina, 10 Outubro 1880. (Ed. N° 154, original em AGSTJ, E. Vol. 13,121).

<sup>55</sup> RT 1880-81, 20.

<sup>56</sup> Carta a D. Llorach, 31/10/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,104).

<sup>57</sup> RT 1880-81, 227.

Na vila de S. Celoni foi fundado, em 1885, um colégio com todos os níveis de ensino. A notícia da fundação contém uma consideração interessante. «Para melhor alcançar esta finalidade e para que *todas as classes da sociedade gozem do benefício do ensino*, as Filhas da grande Santa abriram uma escola dominical e *uma aula especial para adultas da classe operária*»<sup>58</sup>.

É evidente que a sensibilidade para a chamada *questão social* se agudizou na Companhia nos últimos anos do século, não só por a *classe operária* ter cada vez maior peso na sociedade espanhola, mas devido à influência da *Rerum novarum*<sup>59</sup> de Leão XIII no sector católico.

Em Agosto de 1893, a *Revista Teresiana* publica um artigo que é bem expressivo daquela sensibilidade. Intitula-se «*As Irmãs da Companhia e a Classe Operária*» e procura mostrar que a Companhia não é indiferente à «classe operária, a mais numerosa e necessitada destes tempos»<sup>60</sup>, mas procura melhorar a sua situação. Embora hoje não possamos partilhar totalmente o teor do artigo, temos de reconhecer a afirmação interessante com que ele principia: «*Com certeza não haverá hoje em dia pessoas mais necessitadas que as que formam a classe operária*»<sup>61</sup>, aludindo, obviamente, à doutrina social de Leão XIII. Situa--se também nesta linha «*a criação de aulas nocturnas [...] para melhorar a condição desta porção numerosíssima, para atender às suas necessidades... [...], para que as operárias possam instruir-se quanto aos seus deveres religiosos e sociais*». «A Companhia de Santa Teresa de Jesus desde há vários anos que atende a esta necessidade nos colégios de Gracia, Rubí, Vilanova e noutros lugares, e ultimamente em Tarragona»<sup>62</sup>.

### 1.3. As mestras: formar mestras teresianas

A intuição original do P. Henrique foi verdadeiramente utópica, pois não só se referia à actividade educativa que umas quantas teresianas poderiam realizar, mas por ter pensado na criação de *Escolas do Magistério Teresianas* nas quais pudessem ser formadas muito mais educadoras. Com muita paciência, o Fundador foi lançando os alicerces daquilo que, *com o tempo*, poderia corresponder ao plano inicial.

<sup>58</sup> RT 1884-85, 358.

<sup>59</sup> Apesar da reacção contra que provocou em sectores tradicionais, a encíclica papal de 1891 foi publicada *em espanhol* pela RT nos meses de Junho, Julho e Agosto de 1891. Além disso, Henrique de Ossó publicou imediatamente o *Catecismo de obreros y de ricos*, copiado à letra da encíclica *Rerum novarum*, uma adaptação pedagógica para o povo (EEO III, 142 e ss).

<sup>60</sup> A expressão foi transcrita da dedicatória do *Catecismo de obreros...*, em EEO III, 142.

<sup>61</sup> RT 1892-93, 336-338.

<sup>62</sup> O artigo termina com a notícia de algumas actividades extraordinárias no mês de Junho: os prémios entregues a «mais de duzentas alunas operárias» em Tarragona e «os exercícios espirituais de mais de setenta alunas da classe operária de Vilanova y Geltrú», «a povoação mais rica da costa da Catalunha». (Carta a Saturnina, 5/7/84, Ed. Nº 295, original em AGSTJ, E. Vol.).

Dois anos depois da fundação da Companhia, enquanto estavam ainda a formar-se a maior parte das irmãs, é aberta a primeira escola teresiana (Villalonga, Setembro 1878) com algumas mestras que tinham acabado de receber o diploma, e muito depressa começam a multiplicar-se os colégios de Educação Primária (elementar e superior) e de crianças pequenas. Tudo isto sem renunciar à ideia inicial de fundar Escolas do Magistério.

No projecto da Companhia, a formação de mestras teresianas em ordem ao ensino directo em colégios e escolas públicas ou privadas, era algo verdadeiramente essencial. Assim o explica o *Sumário das Constituições*:

«Para mais facilitar a prossecução deste objectivo, procurar-se-á que em cada capital de diocese, ou em cada província eclesiástica, haja pelo menos uma residência ou colégio superior da Companhia de Santa Teresa de Jesus, o qual proporcionará, tanto quanto puder, ao Prelado da diocese, as mestras que ele solicitar ou de que tiver necessidade para promover e salvaguardar os interesses de Jesus nos lugares onde correrem maior perigo»<sup>63</sup>.

Era um plano muito ambicioso que requeria tempo, muitas irmãs e meios. O Fundador tem disso consciência. Vai dando passos com constância, na medida das suas possibilidades. Com sentido realista, a segunda redacção das Constituições atenua o projecto: «Em cada Província haverá, *com o tempo*, um Colégio Superior que prestará aos Prelados, *tanto quanto puder*»<sup>64</sup>.

Sabemos que, em vida de Henrique de Ossó, não se chegaram a criar os Colégios Superiores de teresianas que ele desejava, nem a Companhia pôde encarregar-se de nenhuma Normal do Estado<sup>65</sup>, como era seu desejo. Consta-nos, no entanto, que Henrique de Ossó empregou alguns meios e que a Companhia esteve prestes a assumir a direcção da Normal de Tarragona, nos primeiros meses de 1881. Numa carta a Teresa Plá alude a este assunto, mas com muita reserva:

---

<sup>63</sup> SC, em EEO II, 68. Na realidade, não diz nada diferente do que «sonhou» naquela madrugada de 2 de Abril 1876, e que deixou escrito no documento de Inspiração: EEO II, 404.

<sup>64</sup> 2ª PC, em EEO II, 333.

<sup>65</sup> Ao longo de todo o século, as Normais de Mestres e Mestras foram muitas vezes dirigidas por pessoas pouco ligadas à Igreja. Sabemos que as primeiras irmãs tiveram dificuldade em obterem o Diploma nas Normais de Tarragona e de Barcelona, razão pela qual muitas delas se deslocaram a Huesca e a Palma de Maiorca. (Assunto constante nas cartas de 1880 em diante). Todavia, em 1887, este assunto continua a preocupar Henrique de Ossó. Num artigo da RT, intitulado *El mal avanza*, lamenta que «o Governo tenha nomeado para professores da escola Normal central de Mestras de Madrid, quatro catedráticos krausistas...». O ministro da Educação era Montero Ríos y Sagasta presidente do governo (RT 1886-87, 360, em EEO III, 927-928).

«Não seria de estranhar que a Normal de Tarragona fosse da Santa Madre. Está-se a preparar tudo muito bem. Rezemos e esperemos. Diremos mais coisas quando da nossa visita, que será em breve, se Deus quiser»<sup>66</sup>.

Dois dias depois, anima Rosario Elés, que parece estar já dentro do segredo:

«Rezemos por aquilo da Normal. S. José tratará de tudo»<sup>67</sup>.

E no mês de Maio parece que as coisas se vão arranjar. Temos essa informação em duas cartas do dia 3. A Teresa Plá diz:

«Anteontem morreu de repente o Director da Normal daqui. Dizem que foi Santa Teresa de Jesus que o matou. A questão da Normal está em boas mãos. Não será de estranhar que a Santa faça algo estrondoso. Há muito boa disposição»<sup>68</sup>.

E a Saturnina repete o mesmo. Agora damos conta de que Rosario Elés está implicada no assunto:

«Rosario [...] está a estudar para obter o diploma de ensino superior em Junho. Além disso: no domingo morreu de repente o Director da Normal, dizem (os médicos) que foi Santa Teresa que o matou, e com isto talvez fique mais seguro aquilo da Normal, e como Rosario tratou de tudo, talvez nestes dois meses se esclareça tudo um pouco mais»<sup>69</sup>.

Não sabemos o que se passou depois da morte daquele Director. O certo é que a Companhia não pôde assumir a direcção da Normal de Tarragona, como pretendia. De momento, não há mais nenhuma alusão ao assunto. Por algumas cartas posteriores, sabemos que o corpo docente e a nova Directora pouco se interessaram pela Companhia.

Sabemos que, dois anos mais tarde, juntamente com as irmãs em formação, há, no colégio de Tarragona, um número considerável de alunas que se preparam para obter o diploma de mestras. Uma vez mais, é o Fundador pedagogo que acompanha e dirige as irmãs ao iniciarem esta nova experiência. Insiste na seriedade e intensidade do estudo destas futuras mestras:

«Vigia as colegiais e que nada as distraia dos estudos. Que as mestras insistam com elas e que estejam todas de acordo [...].Sobretudo as que hão-de ir a exame, não se distraiam nem com funções, nem com versos, nem com nada.

---

<sup>66</sup> Jesús, 15/3/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,39).

<sup>67</sup> Jesús, 17/3/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 10,46).

<sup>68</sup> Tarragona, 3/5/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,44).

<sup>69</sup> Tarragona, 3/5/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 10,56).

Nas horas de estudo, estudo, a não ser nos domingos e dias de festa. Sê prudente»<sup>70</sup>.

Prossegue, insistindo na importância do estudo pessoal, que é preciso preferir a qualquer outra actividade, inclusivamente devocional:

«Estudo, estudo, estudo. É para isso que as colegiais estão aqui e para isso pagam. Os exames estão perto [...]. Já te aviso quanto ao mês de Maria: as que estudam para mestras, não interrompam [os estudos] em dia nenhum, a não ser nos de festa. Nos outros dias, em vez do quarto de hora de oração, façam o mês de Maria e terminem-no depressa e vão estudar. Que para isso pagam os pais delas, e se o não fizerem, ficarão defraudados!»<sup>71</sup>

Henrique de Ossó está ao corrente de tudo:

«Amanhã irão as daqui a exame. Confio que as 12, bem como as colegiais, ficarão bem. Deram muitas negativas?»<sup>72</sup>.

Efectivamente, os exames foram em Junho e apesar da preparação das irmãs e das alunas, os resultados não foram óptimos. Vejamos que avaliação dos factos faz o Fundador e que impressão nos causa:

«Vi o [que se passou com] os exames. Julgo que não convém examinar mais Irmãs nessa<sup>73</sup>. Bom seria que isso dos lavores, se tão louvadas foram no ano passado, e este depreciadas, o fizesses chegar aos ouvidos da Directora, que

---

<sup>70</sup> Carta a Cinta Talarn, superiora de Tarragona, Jesús, 3/4/1883. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 3,71).

<sup>71</sup> Carta a Cinta Talarn, Jesús, 10/4/83. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,79).

<sup>72</sup> Carta a Rosario Elíes, 9/6/84. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 10,7).

<sup>73</sup> Parece que no anterior tinham tido bons resultados, e que as classificações deste ano foram muito arbitrárias, pelo menos em algumas matérias. Há mais cartas que se referem ao assunto:

No dia 16 de Junho, optimista, escreve a Saturnina, que está na fundação de Portugal: «Já foram examinadas as doze colegiais e as Irmãs. Todas ficaram bem, graças a Deus (16 de Junho de 1884: Ed. Nº 292, original em AGSTJ, E. Vol. 4, 123).

No dia 18, questiona Agustina, desde Barcelona: «Como vão os exames?» (Barcelona, 18/6/84: Inédita em AGSTJ, E. Vol. 16, 73).

Tendo tomado conhecimento dos resultados, receia pelas de Portugal e recomenda-lhes que procurem passar despercebidas: «Não é conveniente que vos precipiteis a conseguir títulos e a arranjar problemas antes de tempo. Calma, calma. Creio que nos convém ocultarmo-nos e não exibirmo-nos. Das Irmãs examinadas, Sandalia não andou muito bem. Plá, dois excelentes. As outras, aprovadas e bons». (A Saturnina, que está na fundação de Portugal, escrita desde Jesús, 24/6/84: Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1, 152-153).

julgo que entende pouco disto, e ainda menos as suas alunas da Normal. Fala disso com Mn. Armengol e faz o que ele te disser»<sup>74</sup>.

Numa carta a Dolores Llorach, quatro dias depois:

«As irmãs de Tarragona, uma reprovada numa cadeira e outra em duas. As outras, bem. Entre as colegiais [há] de tudo. A Directora disse muito mal dos trabalhos e da Companhia. A D<sup>a</sup> Agustina tem razão para estar aborrecida. Descobriram que eram colegiais e não lhes foram favoráveis, apesar de confessarem que estavam bem preparadas»<sup>75</sup>.

Face à impossibilidade conjuntural de dirigir Escolas Normais do Estado, a Companhia aproveita esta possibilidade mais modesta de formar mestras, como vimos no colégio de Tarragona. E com o correr do tempo, as irmãs da Companhia dedicar-se-ão cada vez mais à preparação e formação teresiana de mestras nos próprios colégios. Sabemo-lo pela correspondência e pelas notícias na RT. Em 1887, quando as Constituições são apresentadas para aprovação pontifícia, está na mente de todas as irmãs que esta é uma das maneiras mais eficazes de alcançar a finalidade da Companhia.

Como vimos relativamente às irmãs, também será a Prefeita de Estudos a *encarregada* de promover, como uma das actividades mais importantes, a formação de mestras nos colégios da Companhia. Dela dependerá, em boa parte, a responsabilidade que as irmãs vão assumindo. Leiamos o artigo 214 da 2<sup>a</sup> Parte das *Constituições*, que chama a atenção pela clareza da exposição e pela convicção que exprime:

«Se as intenções da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser sempre elevadas, isto é, que tenham por resultado prático o maior incremento dos interesses de Jesus e sua Teresa, é evidente – e a Prefeita de estudos deve estar plenamente persuadida disso mesmo – que nada pode contribuir tanto para os interesses de Jesus como *ensinar, instruir e formar* as jovens que depois hão-de ser mestras públicas ou privadas; por isso, a todas as outras [formas de] ensino, prefere, em todos os Colégios onde for possível, que as *Professoras da Companhia se ocupem do ensino e formação das jovens ou meninas que mais tarde hão-de ser mestras* [...]. Deste modo, promoveréis o bem na sua própria fonte, cabeça ou raiz, com o maior alcance e eficácia [...]. *Oxalá todas as alunas que frequentam os Colégios da Companhia venham depois a ser mestras!*»<sup>76</sup>.

No Arquivo Geral da Companhia em Roma, conserva-se íntegro o manuscrito autógrafo desta 2<sup>a</sup> Parte das *Constituições*, tal como foi apresentado

---

<sup>74</sup> Carta a Agustina, responsável pelo grupo de Tarragona, Jesús, 22/6/84. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 16,76).

<sup>75</sup> Jesús, 26/6/84. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,95).

<sup>76</sup> «*De la Prefecta de Estudios*»: 2<sup>a</sup> P C, em EEO II, 347.



a Roma em 1888. A seguir ao parágrafo que acabamos de ler, encontra-se outro, *riscado*, com uma indicação à margem feita por Henrique de Ossó depois de ter recebido as animadversões da Congregação dos religiosos<sup>77</sup>. Transcrevemos o parágrafo eliminado porque evidencia, uma vez mais, até que ponto a formação de educadoras é um aspecto essencial do carácter próprio da Companhia:

«Oxalá todas as escolas Normais ou Centros de Educação da mulher estivessem nas nossas mãos para *formar as mestras segundo o espírito e a doutrina* celestial da Mestra dos sábios [...] *Santa Teresa de Jesus*. Oh, quão depressa seriam restauradas em Cristo todas as coisas! *Para atender a isto, de bom grado abandonaríamos todos os Colégios*»<sup>78</sup>.

Para além dos «superlativos absolutos» que exasperaram o Censor Lolli, é-nos revelada a importância radical que tem para o Fundador a *formação de mestras teresianas*, um modo privilegiado de participar na missão evangelizadora da Igreja. É também impressionante a relatividade de todos os outros meios perante *este*, essencial, de *formar mestras*.

Num outro documento de 1893, *Deveres da Prefeita de Estudos*, é novamente acentuado este aspecto tão determinante da missão da Companhia:

«Cuidar, com o maior interesse possível, de que as Irmãs Professoras se ocupem, de preferência, em todos os Colégios onde for possível, em formar mestras oficiais [...]. Oxalá todas as alunas que frequentam os Colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus, venham depois a ser mestras!, porque a ocupação mais elevada e proveitosa é *ensinar aqueles que hão-de ensinar outros*, diz Santo Agostinho»<sup>79</sup>.

#### 1.4. As mães: *fazer delas verdadeiras educadoras*

As entrevistas periódicas aos pais das alunas era um meio pedagógico que contribuía para a confiança dos pais e para a tão importante unidade da acção educativa. Foram pensadas também como meio formativo para os pais:

«Tenham, de vez em quando, alguma conferência ou entrevista com os pais das meninas, a fim de, por esse meio, lhes ganhar a confiança e os atrair, talvez, para o amor da virtude e prática da Religião»<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> A anotação à margem é a «Animad. 22ª». A correcção dizia o seguinte: «Desde a palavra *oxalá* até p. 26, há-de omitir-se tudo. Porque Deus vê as coisas humildes e conhece de longe as soberbas» (AGSTJ Carp. 48, III BC 8).

<sup>78</sup> Manuscrito inédito, em AGSTJ, E. Vol. 24,30.

<sup>79</sup> *Deveres*, em EEO II, 506.

<sup>80</sup> PE, em EEO II, 251.

Além destes contactos esporádicos, os pais, e sobretudo as mães, recebiam a influência positiva do Colégio que lhes era levada pelas suas filhas e pelos pequenitos. A Henrique de Ossó tudo lhe parece pouco. Convencido de que a família é o lugar principal da educação, e com a experiência de que a mãe é dela a protagonista, não se conforma com limitar-se à influência positiva que possa chegar às famílias através dos alunos dos colégios.

Em Setembro de 1880, ocorre-lhe um novo processo educativo que tem as mães como principais destinatárias. É uma espécie de *escola das mães* por correspondência, realizada através da RT durante dois anos lectivos<sup>81</sup>. O autor das 14 *Cartas sobre a educação da Mulher* é Henrique de Ossó; serve-se deste simples recurso literário para chegar às mães leitoras da *Revista Santa Teresa* e talvez também às suas amigas. O argumento é muito simples: Uma mãe de família, Teresa, antiga colega de estudos de uma professora da Companhia, escreve-lhe pedindo-lhe ajuda e orientação para a educação das suas três filhas. Lorenza é o pseudónimo de Henrique de Ossó que lhe permite exprimir-se como mulher e conversar sobre educação do ponto de vista feminino. Desta maneira, por detrás da figura de Lorenza, esconde-se, não só o autor do texto, mas a Companhia de Santa Teresa de Jesus e qualquer das irmãs, «*alter ego* educador feminino» do seu Fundador.

Quem escreve as cartas é o mestre/mestra que Henrique de Ossó tem dentro de si. E quem recebeu este carisma, esta herança, senão a Companhia? Os diálogos sobre educação não são diálogos de duas mestras profissionais, mas de uma mãe de família – consciente da sua importante missão como educadora dos seus filhos – com a sua amiga solteira, especialista e consagrada à educação. Isto é, os protagonistas do diálogo são *a mãe* e *a mestra*, figuras-chave e insubstituíveis na educação de crianças e jovens.

## **2. Os pequeninos, os preferidos de Jesus: representantes do futuro**

A educação das crianças dos 3 aos 7 anos foi um dos principais objectivos da *Escola de Santa Teresa*. O seu Fundador estava convencido de que «tudo depende da primeira infância [e de que] o primeiro que se aprende é o último que se esquece. Por isso, é absolutamente essencial a educação cristã dos pequeninos»<sup>82</sup>. Já o *Guia do Catequista* apresentava razões que continuavam a ser válidas para a escola:

---

<sup>81</sup> As 14 cartas são uma síntese do pensamento pedagógico de Henrique de Ossó e foram publicadas na RT de 1880-81 e 1881-82.

<sup>82</sup> PE, em EEO II, 252.

«As crianças, e só as crianças, podem regenerar a sociedade [...]. Este é o único segredo infalível para obter a restauração social nos nossos dias: cultivar a inocência, procurando que cresça na ciência de Deus e no amor da Religião. Estas crianças [...] serão, um dia, *pais de família*, tomarão *as rédeas do governo* de uma cidade, de um povo, ou talvez de uma nação inteira»<sup>83</sup>.

### 2.1. As Escolas infantis na Companhia

Em todos os Colégios da Companhia houve, desde as primeiras fundações, um Jardim de Infância. Era considerado como «a escola preparatória das outras classes superiores [porque] é aqui que se pode zelar e assegurar melhor o porvir dos interesses de Jesus e o seu incremento»<sup>84</sup>. Eram os próprios pais e as autoridades civis que solicitavam às irmãs este nível de ensino. E apesar das dificuldades económicas da Companhia, o Fundador teve muito a peito que o Jardim de Infância fosse gratuito para todas<sup>85</sup>.

A preparação específica destas mestras foi uma preocupação constante do Fundador. Não bastava terem o diploma oficial, era preciso que aprendessem e praticassem *a pedagogia da infância*. Desde Novembro de 1879, que a Companhia dispõe de um andar em Barcelona, para estudantes, com o principal objectivo de conhecerem as novas orientações pedagógicas<sup>86</sup>. As irmãs haviam de aprender o que houvesse *de melhor* sobre este tipo de escolas:

«Sobretudo, procurai aprender o funcionamento dos Jardins de Infância, que é no que estais mais atrasadas. Na Biblioteca há livros sobre como dirigir jardins de infância»<sup>87</sup>.

<sup>83</sup> GC, em EEO I, 81.

<sup>84</sup> PE, em EEO II, 253.

<sup>85</sup> Nas Constituições de 1889, 2ª Parte, diz-se o seguinte: «Se a fundação dos Colégios for feita com renda [...] a instrução das crianças até aos seis anos e das meninas da escola elementar, deve ser gratuita. Isto é o que mais se deve desejar e procurar...» (EEO II, 376. 320). Este desejo é patente em várias cartas e, pouco a pouco, foi-se tornando uma realidade (Cf. Carta a Rosario Elías, Jesús 4/9/84: Inédita em AGSTJ, E. Vol. 16,50). E a Josefa e Francisca Plá, San Gervasio 3/4/95: «Queríamos que fossem gratuitas, não uma, mas muitas classes de crianças, e até todas, se fosse possível; onde for possível e onde houver grande necessidade, assim se fará. Em Tortosa pensam dar às irmãs, gratuitamente, alimentação, vestuário e um andar; ensinarão todos também gratuitamente, como é nosso desejo». (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 7,134).

<sup>86</sup> FRÖEBEL (Alemanha 1782-1852) foi o pedagogo que maior influência exerceu na Europa, no que respeita à educação infantil. O modelo educativo do *Jardim de Infância* (*Kindergarten*) não pôde de maneira nenhuma ser adoptado pela Companhia, dada a sua orientação religiosa panteísta, apesar de o seu Fundador partilhar com ele muitas intuições importantes. Em Espanha foi introduzido pelo ILE, face ao qual Henrique de Ossó assumiu uma posição bastante crítica, como vimos.

<sup>87</sup> Carta a Cinta e Agustina, Jesús, 24/11/79. (Ed. Nº 109, original em AGSTJ, E. Vol. 1,83). Na mesma carta recomenda-lhes uma escola concreta, à qual podem dirigir-se, e fala-lhes também de um mestre de caligrafia, com quem as irmãs aprenderam, provavelmente, *a letra da Companhia*: «Segue juntamente uma [carta] para o Sr. Madico. Aproveitai o tempo vendo muitas

Em dias consecutivos, Henrique de Ossó insiste e anima. Apesar da penúria económica, não escamoteia quando se trata da formação das irmãs:

«A primeira coisa, e a principal, é a escola para crianças, a respeito da qual ninguém, na Companhia, sabe praticamente nada. Inteirai-vos bem de tudo com o Sr. Madico e, se for possível, visitai outras escolas, especialmente a do Sr. López Catalán<sup>88</sup>. Comprai as duas obras que indicais, e se houver algo melhor, não compreis livros bons, mas os melhores»<sup>89</sup>.

Por esta altura, estão em curso as fundações de Roda e de Maella que terão ambas lugar em Dezembro. Em Junho será a vez da fundação de S. Carlos e a de Gracia. O Jardim de Infância está projectado para os quatro colégios. São precisas irmãs preparadas<sup>90</sup>.

No verão de 1884, já estão a funcionar várias escolas infantis nos colégios da Companhia e organiza-se um encontro formativo para todas estas professoras. A alma desta reunião é também o Fundador:

«Quero reunir todas as Directoras de crianças nessa casa ou em Roda ou em Barcelona, neste verão, para conferenciar sobre o ensino»<sup>91</sup>.

coisas e aprendendo. Na Rua de Escudiller há um tal Ciria que, em poucas lições, ensina a reforma da letra e os caracteres ingleses. Aproveitai-o, se não for muito caro».

<sup>88</sup> Fala, em várias cartas, deste senhor e das suas escolas que as irmãs frequentaram para aprenderem a arte da educação dos mais pequenos. Certamente que «as duas obras que indicais», a que alude na referida carta, seriam algumas das que Julián López Catalán (1834-1891) escreveu; ele foi continuador da obra de Montesinos quanto ao ensino das crianças, e um dos educadores mais importantes da Catalunha. Nessa altura, tem vários infantários em Barcelona, embora tenha anteriormente trabalhado em Zaragoza. A sua doutrina pedagógica é «nitidamente espanhola e baseada na observação dos factos e das pessoas». Escreveu várias obras de cariz pedagógico: *El libro de los párvulos*, *La educación de los sentidos*, *La Enseñanza objectiva*, *Guerra a la ignorancia*, *por las escuelas de párvulos*, *El arte de la educación*, que é um tratado completo de Pedagogia teórico-prática aplicada às escolas de crianças. (Cf. AA. VV. *Historia de la Pedagogía II*, Zaragoza, Edelvives 1965, 195).

<sup>89</sup> Carta a Cinta e Agustina, Tarragona, 29/11/79. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 3, 93). O sublinhado é seu.

<sup>90</sup> No ano lectivo seguinte, mudam as estudantes do andar de Barcelona. Uma das que para aí vem é Francisca Plá, já destinada para a escola infantil de Rubí, outra nova fundação de Maio de 1881: «Suponho que a tua irmã já terá chegado. Que vá às crianças de D. Julián [López] e, se for conveniente, alguns dias ao colégio do Sr. Madico, embora julgue que o colégio de D. Julián está mais bem organizado. Se puder, mandarei Ignacia, que me parece excelente para isto, e poderão ir as duas. A tua irmã que estude a obra de D. Julián ao mesmo tempo». (Carta a Teresa Plá, San Carlos, 23/4/81. Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,45).

<sup>91</sup> Carta a Agustina que está em Tarragona, Jesús, 22/6/1884. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 16,76). Por essa altura tinha já havido exames de magistério em Tarragona e algumas irmãs e meninas tinham ficado reprovadas.

A reunião acabou por ter lugar em Tarragona, casa de estudantes e residência da Prefeita de Estudos, Agustina Alcoverro. Henrique de Ossó orienta-a na preparação da reunião:

«As educadoras de infância (seis) fiquem aí em Tarragona até segundo aviso. Prepare os pontos que hão-de ser abordados sobre *a educação de crianças, instrução, escolas, etc., livros* e todas as advertências que forem convenientes»<sup>92</sup>.

Dez anos mais tarde, depois de as Escolas teresianas infantis terem atravessado os mares e contarem com alguns milhares de meninos e meninas, Henrique de Ossó decide redigir um *Tratado de Pedagogia* teresiano. A maior parte dos *Apontamentos* que escreveu para esse livro de *Pedagogia*, referem-se às educadoras de infância e são-lhes dedicados:

«*Dedicatória*: Às educadoras de infância da Companhia de Santa Teresa de Jesus, oferece, dedica e consagra este pequeno Ensaio, como prova da grande predilecção que por elas nutre em Jesus e sua Teresa»<sup>93</sup>.

Assinado em «Roma, dia dos *pequenos* Justo e Pastor, de 1894. Coliseu, Roma, tarde de 16 de Agosto de 1894»<sup>94</sup>.

O mesmo é dizer que a predilecção de Henrique de Ossó para com os mais pequenos era extensiva às suas professoras<sup>95</sup>, às quais dizia já no *Plano de Estudos*:

«Assegurar o futuro é triunfar do presente. Por isso, as crianças foram objecto da especial predilecção do Redentor do mundo, vendo nelas os representantes das gerações vindouras; por isso as abençoava, beijava, acariciava e abraçava [...]. Por isso mesmo, as crianças devem ser, para as filhas de Santa Teresa de Jesus, objecto de especial predilecção e carinho, para formarem nelas, com toda a perfeição, a imagem de Jesus»<sup>96</sup>.

As educadoras de infância são as educadoras predilectas de Henrique de Ossó, elas representam com maior clareza a maternidade espiritual, vocação de todas as irmãs, como o Apóstolo S. Paulo a viveu:

---

<sup>92</sup> A Agustina Alcoverro, Jesús, 18/7/84. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 9,122).

<sup>93</sup> AP, em EEO II, 742.

<sup>94</sup> Ibid.

<sup>95</sup> Manifesta, em muitas cartas, a predilecção que por elas nutre. (Cf. por exemplo, Nº 474 e 476).

<sup>96</sup> PE, em EEO II, 253.

«Gerei-vos em Cristo Jesus, gloriava-se S. Paulo escrevendo aos Coríntios (1Cor 4,15). O mesmo podeis vós dizer às crianças: gerei-vos na educação cristã, sois meus filhos»<sup>97</sup>.

## 2.2. As meninas e também os meninos.

Como se depreende dos textos precedentes, a Companhia ocupou-se, não só da educação das meninas mais pequenas, mas admitiu como alunos preferenciais também os meninos. Parece que era uma novidade no seio das instituições femininas contemporâneas dedicadas à educação da mulher<sup>98</sup>. Na Companhia, praticou-se com naturalidade, e não parece que tenha havido dificuldades, nem com as famílias, nem com as autoridades dos lugares onde a Companhia trabalhou. No entanto, analisando os primeiros documentos oficiais da Companhia, pressente-se alguma dificuldade canónica para exprimir abertamente esta opção preferencial, não só pelas meninas, mas também pelos meninos mais pequenos.

No *Sumário das Constituições* apresentado à Aprovação pontifícia, nada se diz quanto à educação dos meninos. É preciso esperar pela II Parte para o encontrar:

«Na medida em que tal for possível, em cada um dos Colégios da Companhia haverá escola ou ensino de crianças, elementar e superior. Pelo menos, deve haver sempre Jardim de Infância e elementar»<sup>99</sup>.

Era preciso, naturalmente, justificar a expressão genérica *crianças* – que inclui meninas e meninos –, por se tratar de um Instituto feminino. A explicação foi dada com *bom senso* e deve ter custado várias redacções ao P. Henrique. Por fim, decidiu-se por esta:

«As crianças de ambos os sexos até aos sete anos, com a devida separação como até ao presente se tem feito com tanto proveito, poderão ser admitidas em todas as escolas e Colégios da Companhia...».

E acrescenta:

---

<sup>97</sup> AP, em EEO II, 743.

<sup>98</sup> No Capítulo II deste estudo dissemos que foi no I Congresso Pedagógico (1884) que foi sugerido, como novidade pedagógica, não tendo sido bem vista pela Igreja, que os rapazes tivessem mestras e não mestres nos primeiros anos de escolaridade. Por esta altura, havia já, na Companhia, várias escolas de crianças.

<sup>99</sup> SC era o título da primeira parte das Constituições de 1882. A segunda parte refere-se à Organização e Governo: 2ª P C, em EEO II, 333.

«... e até é necessária a sua admissão para melhor alcançar a finalidade principal para que foi fundada a Companhia»<sup>100</sup>.

Observe-se a sagacidade do Fundador para justificar *esta opção*, justificação essa que não serviu de muito perante os Censores da Sagrada Congregação dos Religiosos. Dá a impressão de que, ao escrever este parágrafo, está a pensar em evitar os entraves canónicos, apresentando as razões de uma maneira gradual. Isto é, há uma experiência muito positiva que garante esta «possibilidade». E além disso, na Companhia, a «possibilidade» converte-se em «necessidade», atendendo à «Finalidade principal para que foi fundada a Companhia».

E qual é esta *Finalidade principal* para que foi fundada a Companhia? Teremos que regressar ao Capítulo do *Zelo*, da Primeira Parte das *Constituições*, para a entender:

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada para, de um modo especial, orar e *ajudar* a que haja santos e sábios sacerdotes»<sup>101</sup>.

E terá que se procurar uma nova explicação do *Plano de Estudos* para compreender o significado concreto de «*ajudar*»:

«Como a Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada para fomentar as vocações eclesiais e para *procurar* que haja na Igreja, *segundo as suas forças*, santos e sábios sacerdotes (Const. cap. 10), admite também crianças de dois ou três anos até aos seis ou sete, com a devida separação, e com esta finalidade e espírito de fé, formem nos seus tenros corações e inteligências, a imagem [...] de Jesus»<sup>102</sup>.

Perante tal explicação, que faz depender a educação de rapazes da chamada «finalidade principal da Companhia», hoje interrogamo-nos, com algum fundamento<sup>103</sup>, até que ponto essa estranha formulação do capítulo X do *Sumário das Constituições*<sup>104</sup> e inclusivamente a explicação que foi dada no

<sup>100</sup> Texto manuscrito do original das *Constituições* apresentadas para aprovação pontifícia. Inédito em AGSTJ, E. Vol. 24,13.

<sup>101</sup> S e C, em EEO II, 62 e 63.

<sup>102</sup> PE, em EEO II, 253.

<sup>103</sup> Se tivermos em consideração o conjunto dos escritos de Henrique de Ossó sobre a missão da Companhia, de maneira nenhuma podemos hoje afirmar – como naquela altura também não se podia afirmar – que *a oração e a promoção das vocações sacerdotais* fosse a finalidade principal da Companhia, a razão da sua fundação.

<sup>104</sup> O cap. X do SC intitula-se *Zelo pelos Interesses de Jesus* e contém artigos muito diversos. Os artigos 37 e 38 referem-se à finalidade da Companhia, mas fazem-no de uma maneira estranha e absolutamente nada coerente com o conjunto das *Constituições* e dos outros escritos. Começa assim: «A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada para, de um modo

*Plano de Estudos*, não terão sido uma estratégia do Fundador para justificar – naquele contexto socio-religioso – a educação dos meninos na Companhia.

Apesar da argumentação, a Sagrada Congregação corrigiu o texto das Constituições, negando à Companhia esse tipo de educação, imprópria de uma congregação feminina:

*«A Santa Sé não costuma admitir que um instituto de irmãs se encarregue de crianças. Por isso, omitta-se tudo quanto a esta tarefa se referir, e as irmãs actuem de maneira a, pouco a pouco, abolirem este tipo de escola»<sup>105</sup>.*

Perante a negativa, Henrique de Ossó não hesita e mostra-se decidido a *reclamar* imediatamente este direito. Assim o comunica a Rosario Elíes:

*«Se falar com o Sr. Cardeal de Zaragoza, diga-lhe do Decreto de louvor e recomendação das Constituições, e previna-o de que não querem que ensinemos crianças do sexo masculino, e de que queremos pedir a Roma que no-lo concedam»<sup>106</sup>.*

Na 2ª edição das Constituições, foi omitido o 2º parágrafo, embora se mantivesse o primeiro que fala de *crianças*. Na realidade, Henrique de Ossó nunca aceitou esta proibição, que logo impugnou com argumentos fortíssimos. Nenhum deles alude à formação de futuros sacerdotes, mas apresenta razões de tipo pedagógico e apostólico<sup>107</sup>. Depois da sua morte, chegou o reconhecimento

especial, orar e ajudar a que haja sábios e santos sacerdotes. Por isso terá, em cada dia, pelo menos uma hora de oração... Quando virem algum menino bom... (EEO II, 62).

<sup>105</sup> Animadversão 12ª da Sagrada Congregação, Roma 22 Setembro 1888. (Inédita em AGSTJ, Carpeta 48, III BC, 5-8).

<sup>106</sup> Jesús, 2/1/89. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 18,42). O arcebispo de Zaragoza era Francisco de Paula Benavides Navarrete (1881-1895), cardeal e patriarca das Índias.

<sup>107</sup> «Na Exposição de 15 de Julho de 1889, fazem-se reparos a 3 Animadversões que lhes foram comunicadas [...]; conservam-se na Sagrada Congregação assinados pelo P. Henrique de Ossó e por Rosario Elíes [...]. A terceira animadversão é a mais extensa, sendo-lhe dedicadas 6 das 8 páginas: *«principalmente, e de todo o nosso coração, suplicamos que continuem como até ao presente as escolas de Criancinhas, as quais, de preferência a qualquer outra escola, têm sido aplaudidas pelos mui Rev.dos Prelados, insignes sacerdotes, excelentes católicos e todos os pais de família, unicamente as detestam os maçons e livres-pensadores [...]. Esta, Smo. Padre, é a nota que mais nos penaliza, a nós e aos pais de centenas de criancinhas que perceberam algo do que nos aconteceu. Alguns dos motivos do nosso pesar são os seguintes:*

*1. A mulher é mais própria para educar e ensinar os meninos [...] e que dizer quando não se trata da educação de qualquer mulher, mas daquela que, como as nossas irmãs, se consagraram a procurar unicamente a maior glória de Cristo?...».* («Estudio sobre las Constituciones» do P. Gerardo RUIZ C.M.F., em AGSTJ, carpeta verde 48. Parte do texto da Exposição publicada em HSTJ, 300-301).



pontifício<sup>108</sup>. As irmãs da Companhia podiam, daí em diante, educar também os pequenitos.

### 2.3. As crianças, *pequenas missionárias*

Henrique de Ossó tem consciência da importância da educação das crianças, não só por causa da sua missão *futura* – «elas são as representantes únicas das gerações vindouras»<sup>109</sup> –, mas porque *agora* são já «pequenas missionárias» no seu próprio meio. «As quais, com as suas orações, as suas palavras e as suas graças, hão-de aperfeiçoar e talvez converter os seus pais, a sua família, um povo todo e talvez o mundo inteiro»<sup>110</sup>. Recordemo-nos da influência positiva das crianças da Catequese nas ruas de Tortosa, durante o Sexénio revolucionário. Com a sua inocência infantil, opunham-se aos costumes *ímpios* dos mais velhos. Essa mesma influência ia sendo notada nas povoações e nas cidades onde a Companhia estava presente<sup>111</sup>.

As crianças são também *educadoras dos seus pais*, com as suas atitudes autênticas e simples. O *Guia Prático do Catequista* explica como se segue a sua poderosa influência na família:

«As crianças serão auxiliares do sacerdote, missionárias junto dos pais, da família [...]. Como a criança não sabe fingir nem tem respeito humano, diz em casa, conta tudo o que ouviu [...] e se for piedosa, obriga-os às vezes, com súplicas e lágrimas, a que a levem aos actos religiosos; o pequeno apóstolo [...] consegue o que o mais sábio sacerdote nunca pôde obter [...]. Assim se santificarão hoje em dia os povos, e se renovará a face da terra»<sup>112</sup>.

Por outro lado, o *apostolado da Oração* na Companhia, está relacionado, desde o princípio, com a oração das meninas e meninos mais pequenos. Logo no primeiro esboço das Constituições, o Fundador escreve:

«Meios para alcançar a nossa Finalidade: *Oração*, a alavanca onipotente da oração, baseada na confiança, na bondade e fidelidade de Deus, nosso Pai muito amado: E não só a nossa oração, mas a dos anjinhos, meninas inocentes que

<sup>108</sup> No dia 28 de Março de 1896, a Sagrada Congregação de Bispos e Regulares assina em Roma o segundo «Dilata» à petição de aprovação das Constituições da Companhia, seguido de 26 novas Animadversões, acompanhadas de uma nota: «Às referidas irmãs [...]. Mantenha-se o decidido no voto do Rev.do Consultor, ou seja, aprova-se que possam dedicar-se à educação de meninos até aos 7 anos, quando os Bispos o julgarem conveniente». (Publicada em HSTJ, 303).

<sup>109</sup> PE e AP, em EEO II, 253 e 747.

<sup>110</sup> PE, em EEO II, 253.

<sup>111</sup> Pode ler-se a crónica do Boletim Oficial da Diocese de Calahorra (Outubro 1888), publicada na RT Novembro 1888, 51, em que se fala da influência das crianças mais pequenas pelas ruas da cidade.

<sup>112</sup> GC, em EEO I, 82.

educaremos [...]. Pois, como dizia S. José de Calasanz, a oração destas almas inocentes tudo alcança»<sup>113</sup>.

As cartas de Henrique de Ossó às irmãs, nas quais pede orações por intenções diversas, estão repletas de alusões à oração das crianças mais pequenas, que tanto poder têm diante do Senhor. Nas mais difíceis situações, o Fundador recomenda sempre a oração das irmãs e a dos pequenitos:

«Deveis orar com maior intensidade [...]. Além disso, fazei rezar esses anjinhos por esta intenção»<sup>114</sup>.

«Fazei rezar os pequenitos, que eles alcançarão o que as vossas orações não puderem»<sup>115</sup>. «Nota-se que os pequenitos estão a rezar, pois, efectivamente, o assunto avança»<sup>116</sup>.

#### 2.4. As crianças, *as preferidas de Jesus*

A par das razões expostas, e como fundamento evangélico de todas elas, está a predilecção de Jesus pelos pequeninos. Se Henrique de Ossó tem preferência pelas crianças, pelos mais pequenos, é porque os vê com os olhos de Jesus, o Mestre. Já vimos em quantas meditações alude a Jesus rodeado de crianças:

«Contempla Jesus rodeado de pequeninos, abraçando-os, acariciando-os, afagando-os e abençoando-os»<sup>117</sup>.

Não é que Henrique de Ossó, e muito menos Jesus, idealizasse as crianças. Tem consciência das limitações inerentes à infância; contudo, Jesus não as despreza, como era frequente no seu tempo, mas reconhece a sua dignidade: «feitas à imagem e semelhança de Deus» e «templos vivos do Espírito Santo», dirá Henrique de Ossó. Faz-se amigo das crianças: «abraça-as, abençoa-as e acaricia-as», e «apontava-as como modelo e exemplo daqueles que queriam entrar no reino dos céus»<sup>118</sup>.

Como Jesus, o Fundador da Companhia dá conta de que as crianças, especialmente as mais pequenas, vivem sem preocupações, alegres, confiando plenamente nos seus pais e nos mais velhos. Diversamente dos adultos, as crianças vivem sem se preocuparem com a opinião pública, alheios ao que

<sup>113</sup> *Fines principalísimos*, em EEO II, 408.

<sup>114</sup> Às irmãs de Maella, Tarragona, 22/9/1883. (Ed. N° 264, cópia autenticada em AGSTJ Epistolario PIB/T vol. VII, 171).

<sup>115</sup> Às irmãs de Calahorra, Jesús, 29/3/88. (Ed. N° 389, original em AGSTJ).

<sup>116</sup> A Rosario Elíes, Superiora Geral, Roma, 17/9/94. (Ed. N° 482, original em AGSTJ, E. Vol. 7,62).

<sup>117</sup> Composição de lugar da meditação do *Cuarto de Hora* intitulada «Conducta de Jesús con los niños», em EEO I, 320.

<sup>118</sup> CH, em EEO I, 321.

dirão, isentas de susceptibilidades e de procurar reconhecimentos e dignidades. São «as únicas pessoas de bem que há no mundo»<sup>119</sup>.

Se Jesus louva as crianças e diz que «dos que são como elas é o reino dos céus», é por as crianças viverem *naturalmente* como filhos. A confiança, a abertura, a capacidade de receber, são manifestações diversas da atitude própria de filhos, daqueles que têm a experiência de receber gratuitamente, sem o merecerem. A Henrique de Ossó, como a Jesus, as crianças falavam de Deus Pai.

A criança que não sabe senão ser *filho*, «é um ser humano que sempre dialoga com Deus, que abre os olhos para receber o olhar com que a olha um inefável mistério»<sup>120</sup>. Daí a sua capacidade religiosa, a sua facilidade para levar os adultos para Deus. «Há no coração da infância um instinto inato, uma necessidade de crer, de esperar, de amar, que desperta a necessidade de que a educação seja religiosa»<sup>121</sup>.

### 3. Os sacerdotes, «catequistas e evangelizadores quase únicos»

A preocupação de Henrique de Ossó com a formação dos sacerdotes manifestou-se desde muito cedo, e de muitas maneiras. O *Guia Prático do Catequista* é, na verdade, um livro de formação do sacerdote<sup>122</sup>, destinado sobretudo aos seminaristas, «juventude estudiosa», «jovens amados, esperança e viveiro da Igreja de Jesus Cristo»<sup>123</sup>. Na *Revista Teresiana*, além de muitos outros artigos, foi publicando, durante dois anos<sup>124</sup>, uma série de 12 artigos intitulados «A Obra da Maior Glória de Deus, ou seja, a obra das vocações eclesiais sob a protecção de S. José e de Santa Teresa de Jesus», dedicados a reflectir sobre a importância da formação dos futuros sacerdotes. Vários artigos insistem na influência da família e da escola no despertar das vocações sacerdotais. Henrique de Ossó procura sensibilizar os leitores para a importância desta vocação e pede a sua colaboração, com orações e esmolas, como contributo para a formação de futuros sacerdotes. Em vários destes artigos

---

<sup>119</sup> Ibid.

<sup>120</sup> A frase foi transcrita de KARL RAHNER, num ensaio intitulado *Ideas para una teología de la niñez*, em que reflecte sobre o sentido cristão (espiritual) da infância. Em *Escritos de teología VII*, Madrid, Taurus, 1967, 339-356.

<sup>121</sup> CEM, em EEO III, 896.

<sup>122</sup> Sobre este tema fala o artigo de C. MELCHOR, «San Enrique de Ossó, patrono de los Catequistas españoles», na revista do secretariado nacional de catequese, *Actualidad Catequética*, Nº 187, Julho-Setembro 2000.

<sup>123</sup> As expressões constam do capítulo terceiro de GC, em EEO I, 75 e 76. Nesta primeira obra, há bastantes alusões à falta de formação teológica e espiritual dos sacerdotes, bem como à falta de zelo pastoral.

<sup>124</sup> O primeiro artigo é de Fevereiro de 1877 e o último, de Agosto de 1879; estão publicados em EEO III, 821-863.

faz referência explícita à Companhia de Santa Teresa de Jesus como educadora de futuros sacerdotes.

### 3.1. Os meninos, *futuros sacerdotes*

É esta, sem dúvida, uma das razões pelas quais Henrique de Ossó queria que a Companhia educasse também os meninos. Consta das Constituições e do Plano de Formação, como vimos no ponto anterior.

### 3.2. *Os próprios sacerdotes*

As irmãs da Companhia são chamadas, num dos primeiros documentos, *clerisocias*. De modo nenhum deveremos interpretar esta designação num sentido pejorativo ou redutor, como seria de esperar naquela situação. Na verdade, numa Igreja muito clerical, na qual a missão evangelizadora do povo compete exclusivamente a bispos e sacerdotes, e numa altura em que os sacerdotes são *os únicos* agentes directos da pastoral, e nem sempre muito competentes, parece que a ajuda que as mulheres podiam prestar – para além da oração que vinham fazendo Carmelitas e Teresianas da Arquiconfraria – se limitaria à sacristia. De facto, no primeiro esboço das Regras da Companhia, algo se diz a esse respeito:

«Cuidarão, tanto quanto possível, do asseio e limpeza da casa do Senhor»<sup>125</sup>.

À enumeração dos *«apostolados»* aos quais se dedicará a Companhia, acrescenta-se:

«O de suscitar e desenvolver as *vocações eclesíásticas*»<sup>126</sup>.

Temos de o interpretar com a chave que nos dão os artigos: a educação dos meninos, (possíveis futuros sacerdotes) e a oração pelos próprios sacerdotes. No entanto, é enunciada uma terceira *«consagração»* interessante:

«A reforma do clero, infundindo *espírito de oração e avivando o zelo pelos interesses de Jesus* onde não o houver. Por isso são *sócias do clero*<sup>127</sup>, as mais excelentes, as mais perfeitas ajudantes, auxiliares do sacerdote»<sup>128</sup>.

<sup>125</sup> *Fines Principalísimos...*, em EEO II, 411.

<sup>126</sup> *Ibid.*

<sup>127</sup> Sabemos que o P. CLARET escreveu um artigo dedicado ao apostolado da mulher intitulado «Sócias do clero».

<sup>128</sup> *Fines...*, em EEO II, 411.

Em que consistiu, há 125 anos, *esta dedicação*? Ou antes, a que se limitava *esta missão* que hoje nos parece atraente e possível?

O que o Fundador da Companhia quis dizer com estas palavras e, sobretudo, como as interpretaram as irmãs naquela situação socio-eclesial de absoluta inferioridade da mulher, podemos adivinhá-lo pelos factos.

As jovens teresianas careciam de meios. As circunstâncias não lhes permitiam *influir* directamente nem *infundir* espírito de oração e zelo teresiano nos sacerdotes. Para além da oração de intercessão, aliás tão importante, não havia possibilidade de colaboração com os sacerdotes.

Não era viável, portanto, para as irmãs da Companhia do último quartel do século XIX, serem *mestras de oração* dos sacerdotes diocesanos tão necessitados, como hoje nos parece sugerirem as palavras do Fundador. Para este ministério específico – *de momento* vedado à mulher – Henrique de Ossó pensou nos Missionários Teresianos. Eles dedicar-se-iam precisamente ao que a Companhia não podia *então* fazer: acompanhamento espiritual, orientação de Exercícios Espirituais e de retiros, não só para leigos e para as irmãs, mas também para os sacerdotes<sup>129</sup>.

Porém, não tinha Teresa desejado exercer este ministério espiritual? E não o terá exercido, até certo ponto, *já então*, para com os seus confessores? Não estava a exercê-lo através dos seus escritos, e a própria Igreja não tinha reconhecido oficialmente o seu magistério e *doutorado*? E não o praticou Henrique de Ossó, discípulo de Teresa, fundador e pai espiritual da Companhia?

Esta era, pois, uma missão eminentemente teresiana, embora, nessa época, impensável para a mulher.

Há uma carta sumamente reveladora deste desejo carismático de Henrique de Ossó, que hoje pode vir a ser realidade na Companhia:

«Aqui [em Tortosa] começaram os exercícios das Teresianas. Há muita assistência e recolhimento. Está a dá-los um Padre da Companhia de Jesus. *Quando poderemos dizer: um padre* – hoje acrescentamos, madre – *da Companhia de Santa Teresa de Jesus*»<sup>130</sup>?

#### 4. Conclusão: agentes multiplicadores de educação

Terminamos o capítulo retomando aquele artigo de Junho de 1876, «As afeições de Santa Teresa de Jesus III» no qual Henrique de Ossó se identifica

---

<sup>129</sup> Sobre o projecto dos Missionários Teresianos, pode ler-se o *Plano* que está escrito segundo os moldes e o modelo da Companhia de Santa Teresa de Jesus: «Missionários de Santa Teresa de Jesus» e «Breve notícia das Bases dos Missionários de Santa Teresa de Jesus», em EEO I, 1342-1347.

<sup>130</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 27/3/78. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,42).

com o modo de proceder apostólico de Teresa. Apresenta a Esposa de Jesus como a grande Baratona<sup>131</sup>, agente principal dos negócios da maior glória de Deus», «Mercadora celestial» que investe os seus haveres onde as vantagens forem maiores.

Teresa, preocupada com o desejo de que «os poucos amigos de Jesus fossem bons de verdade», e empenhada em formar «capitães corajosos e excelentes», tinha um critério apostólico que Henrique de Ossó não só partilha, mas converte em critério de discernimento e escolha das obras apostólicas quando não é possível chegar a todas:

«A Santa, numa palavra, procurava mais a *intensidade* que a extensão, a *qualidade* que a quantidade de almas boas. Não por não ansiar pela *salvação de todos*, mas porque, considerando que era impossível trabalhar por si, directa e imediatamente [...], *escolhia* aperfeiçoar *umas poucas boas* para com estas *alcançar aquilo que, por si só, não podia*»<sup>132</sup>.

É também esta a estratégia da Companhia, pois «a messe é grande e os operários são poucos»:

«Trabalhemos, pois, por formar bons operários [...] que cultivem a messe [...]. Formar *bons mestres*, sempre será *um trabalho mais rendoso para os interesses de Jesus*, do que discípulos; *capitães aguerridos*, que bons soldados; *mães*, que filhas; *cabeças*, que membros»<sup>133</sup>.

E como dizem as primeiras Constituições:

«Como *os alvos da Companhia de Santa Teresa de Jesus* devem estar sempre muito *alto*, e serem sempre os que tiverem como *resultado maior incremento dos interesses de Jesus*, entre as obras exteriores ou de vida activa, *deve escolher* as principais e mais excelentes, que são [...] *as que directamente se ordenam à saúde das almas*»<sup>134</sup>.

Esta estratégia *inspirou* a Companhia, *aliás um «Projecto educativo utópico»*, e foi esta a estratégia seguida pelo P. Henrique em todas as suas actividades apostólicas. Por isso, *preocupou-se* com a formação *das mães*, sem esperar que as filhas chegassem a sê-lo. Por isso, ao mesmo tempo, *dedicou-se* à educação das *filhas*, futuras esposas, mães e mestras. Por isso, *não quis renunciar* às *crianças*, apóstolas e missionárias na sua própria família. Por isso, *desejou* que o espírito da Santa penetrasse em todas as *Escolas Normais* da

<sup>131</sup> O termo significa exactamente pessoa «manhosa em compras e vendas» DRAE 92.

<sup>132</sup> RT Não° 45, Junho 1876, 250.

<sup>133</sup> Ibid., 251.

<sup>134</sup> SC e C, em EEO II, 62 e 63.

Península e *estava disposto a renunciar* – se tivesse sido necessário – a todos os colégios que já tinha de meninas e meninos. Por isso, *SONHOU* com *uma Companhia do futuro* – do século XXI? – *de mestras espirituais de leigos, de sacerdotes, e de educadoras e educadores.*

## Capítulo XV

### **O PROJECTO E A PEDAGOGIA DA ESCOLA DE SANTA TERESA**

«*Formar Cristo Jesus na inteligência, pela instrução, formar Cristo Jesus no coração, pela educação*»<sup>1</sup>, tal era o ideal da Escola de Santa Teresa. Este ideário da Companhia é realizado através de uma acção educativa específica: Um modo concreto de intervenção educativa, que inspira uma pedagogia, e que postula uma metodologia. Podemos falar, neste sentido, de *Projecto educativo da Escola de Santa Teresa*, com um *currículo*, uma *pedagogia* e uma *metodologia* específicos.

O próprio Henrique de Ossó, que definia *a educação* como «o cultivo harmonioso e o exercício conveniente das potências, faculdades e operações dirigíveis do homem, para que se aperfeiçoe e o ajudem [a aceder] à sua felicidade temporal e eterna»<sup>2</sup>, nos *Apontamentos de Pedagogia* define assim *a pedagogia*: «É a ciência e a arte de instruir o homem por meio de princípios e de regras adequadas»<sup>3</sup>. *Ciência*, enquanto investiga e *sabe dar razão* dos princípios educativos; *arte*, enquanto prescreve as *regras* de actuação e, sobretudo, enquanto «*sabe fazer*» de acordo com elas<sup>4</sup>.

#### **A. EDUCAÇÃO INTEGRAL:**

«*FORMAR EM VIRTUDE E LETRAS*»

O Projecto Educativo da Companhia de Santa Teresa de Jesus inscreve-se na tradição pedagógica do humanismo cristão, como já dissemos, caracterizada pela integração de fé e cultura. Tradição que se reveste de diferenças significativas nos diversos momentos da história, mas que conserva um núcleo comum. Considera como sujeito da educação, o homem integral, a pessoa enquanto unidade substancial. Reconhece a inter-relação das potências e faculdades humanas embora, metodologicamente, distinga, na educação, diversas dimensões.

---

<sup>1</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>2</sup> AP, em EEO II, 766.

<sup>3</sup> AP, em EEO II, 766.

<sup>4</sup> Sobre o conceito de *pedagogia*, V. G<sup>a</sup> HOZ, *Principios de Pedagogía Sistemática*, Rialp, Madrid 1974, 39-43.



«*Formar em virtude e letras*» tinha sido o ideal da *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus, ideal que presidiu ao trabalho educativo dos jesuítas durante séculos. Algumas instituições educativas posteriores apropriaram-se dessa mesma fórmula, ou adoptaram outras semelhantes. Um século depois, por exemplo, o ideal de educação cívica e moral popular, tal como a concebe S. José de Calasanz, exprimiram-no as Escolas Pias com o binómio «*pietade e letras*».

Henrique de Ossó, como tantos educadores do século XIX, adoptou ambas as expressões, à maneira de síntese do ideal de educação da Companhia, e fez sua outra fórmula admirável que repete em todas as suas obras: «*Formar a inteligência pela instrução e o coração pela educação*». A Companhia projecta levar a cabo uma educação integral<sup>5</sup> e integradora das dimensões da pessoa, aberta às ciências humanas e às novas orientações pedagógicas, sempre que forem compatíveis com a antropologia cristã.

É educação integral porque reconhece e cultiva as distintas dimensões da pessoa: corpo e espírito, sentidos, emoções e afectos; mente e coração, inteligência, vontade, consciência, carácter ou personalidade, considerando-as, em qualquer momento do seu desenvolvimento, a partir da unidade pessoal<sup>6</sup>. É integral também porque se preocupa com a expansão total da pessoa na sua dimensão histórica, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos como indivíduo, membro de uma família e de uma colectividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos» – segundo o texto do Relatório sobre Educação da Unesco<sup>7</sup>. Henrique de Ossó formulou a unidade da pessoa quase com as mesmas palavras, mas sem se esquecer da dimensão transcendente:

«Se forem formados bons indivíduos, ter-se-ão formado boas famílias, bons cidadãos e toda a nação, e por intermédio das mestras educadoras, far-se-á o

<sup>5</sup> V. G<sup>a</sup> HOZ, fala do conceito de *educação integral* e afirma que «esta expressão é tão superficialmente interpretada como profusamente citada», *op. cit.*, 248.

<sup>6</sup> Henrique de Ossó distingue, frequentemente, cinco níveis de vida: «física, intelectual, afectiva, moral e social» (AP, em EEO II, 768). Uma ou outra vez, encontramos análises mais subtis das dimensões do eu integral, das «potências, faculdades e operações da pessoa». Porém, teremos de avaliar essa análise sem nos esquecermos que são de oitocentos:

«A criança tem corpo e alma e actividade ou vida própria.

Tem *vida* (vegetativa) que se alimenta e cresce, *sensibilidade animal*, experimenta prazer e dor, imagina e apetece (animalidade).

Tem *razão* com a qual entende, julga, raciocina, admira, recorda.

Tem *vontade* com a qual tende para o bem e foge do mal.

Tem *sentimento* com o qual se compraz ou se desgosta nas coisas entendidas e queridas.

Tem *afectos* espirituais e animais, concupiscíveis e irascíveis.

Tem *paixões* de sensualidade, avareza, ambição.

Tem *habilidades e hábitos* animais, racionais e morais» (AP, em EEO II, 765-766).

<sup>7</sup> Este Relatório da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, *Aprender a ser*, UNESCO-Alianza Editorial, Madrid 1987, 31.

maior bem às almas, à fé e à sociedade [...]. Quão nobre é a vossa missão, dada a sua finalidade! Formar bons filhos, bons cidadãos da terra e do céu [...]. Nas vossas mãos estão os mais altos interesses, o futuro das famílias, da *pátria*, da *sociedade*, da *religião*»<sup>8</sup>.

Consciente de que é a família o ambiente educativo que maior influência exerce nas crianças, a Escola de Santa Teresa prolonga e integra a educação familiar e, em alguns casos, supre-a. A escola, segundo Henrique de Ossó, há-de aprender da família. Só «se as palavras e exemplos da mestra forem eco das palavras e exemplos dos pais, a educação será completa»<sup>9</sup>. Por outro lado, a escola prepara para a vida futura. Há-de proporcionar às crianças uma educação previdente, pois «a educação não pode ter em conta apenas a existência actual da infância; o cumprimento dos deveres da infância deve dispor as crianças para o cumprimento dos deveres da juventude e da idade madura. As obrigações do colégio devem prepará-las para as obrigações sociais»<sup>10</sup>.

A Escola de Santa Teresa, portanto, atendendo à situação presente e futura dos meninos e meninas, considera que a educação «deve ser gradual, contínua, íntegra [= integral], progressiva e harmónica»<sup>11</sup>. Com base nesses critérios, organiza os centros e estrutura os conteúdos educativos, de acordo com as dimensões da pessoa. Vemo-lo desde o *Plano de Estudos* de 1882, até aos *Apontamentos de Pedagogia* de 1894.

Desde os primeiros anos da Companhia que o Fundador especificou alguns objectivos, seleccionou os conteúdos, para cuja aprendizagem escolheu determinados métodos didácticos de acordo com a pedagogia mais adequada aos objectivos que se tinha proposto. Também desde o princípio, diferenciou âmbitos educativos e dimensões complementares da educação. E embora na última obra pedagógica distinga teoricamente apenas quatro modalidades – «educação física, intelectual, estética e moral»<sup>12</sup> – no entanto, na prática educativa e no conjunto dos escritos, descobrimos pelo menos mais duas dimensões não menos importantes: a educação em economia, (higiene) e labores<sup>13</sup>, unicamente cultivada nas meninas, futuras donas de casa, e a educação para as relações ou educação social. Apresentamos, seguidamente, uma síntese de cada uma das dimensões educativas, tendo em conta a sua importância nas origens da Companhia e a sua inter-relação.

---

<sup>8</sup> AP, em EEO II, 762 e 747.

<sup>9</sup> CEM, em EEO III, 919. Esta carta trata precisamente da importância da «unidade» de meios e de pessoas na educação.

<sup>10</sup> CEM, em EEO III, 911.

<sup>11</sup> AP, em EEO II, 767.

<sup>12</sup> Em AP, Henrique de Ossó chama-lhes «as quatro partes da pedagogia»: em EEO II, 765.

<sup>13</sup> Em MR preenche o ponto III e chama-lhe: «Hábitos de ordem, asseio, economia» EEO II, 496. Tudo o que se refere a «Labores» tinha-o explicado em AP.

## 1. Educação Física

«A educação física é muito importante porque atende ao bem do corpo, que é instrumento vivo do espírito»<sup>14</sup>. Representa o primeiro nível da educação que, iniciado na família, não pode ser esquecido na escola. Tem 3 partes:

A *higiene*, que se ocupa da saúde da *pessoa* e prevenção das doenças: limpeza do corpo e do vestuário, posições físicas convenientes, boa distribuição do trabalho e do descanso, alimentação. Também pertence a esta parte a salubridade do *local*: ventilação, ar, luz e temperatura convenientes. A formação em *higiene e asseio* é uma parte importante da educação da menina, em ordem à sua futura missão de mãe de família<sup>15</sup>.

A *ginástica*, para fortalecer e exercitar o corpo por meio de exercícios progressivos e regulares<sup>16</sup>.

A *cultura dos sentidos*, que consiste no desenvolvimento sensitivo adequado, mediante o estímulo dos cinco sentidos relativamente às realidades sensoriais, verdadeira fonte do conhecimento experimental. Há-de evitar-se a fadiga e ter em conta a sua relação com o sistema nervoso. Nas escolas infantis tem particular importância.

## 2. Educação Intelectual: «Formar a inteligência pela instrução»

Apesar de a educação moral ser a primeira na ordem dos objectivos, a educação intelectual é entendida como prioritária nos colégios da Companhia, pois *formar a inteligência* é uma tarefa específica da escola e uma parte muito importante da educação integral<sup>17</sup>.

Na organização da Escola de Santa Teresa influíram vários factores que se reflectem no Projecto educativo da Companhia. Por um lado, a experiência pessoal de Henrique de Ossó no seminário de Barcelona dirigido pelos jesuítas, onde recebeu uma formação sistemática e intelectualmente bem planeada. E por outro, razões de tipo sociológico: a efectiva falta de instrução na sociedade espanhola, a par de uma nova sensibilidade intelectual promotora da reforma do sistema educativo. A consciência e a experiência do valor verdadeiramente

---

<sup>14</sup> AP, em EEO II, 770.

<sup>15</sup> Diz MR: «Inspire-se asseio sem afectação, limpeza sem exagero, ordem, elegância e bom gosto, mas com modéstia cristã, fugindo do ridículo e do desleixo». EEO II, 496.

<sup>16</sup> AP, em EEO II, 770.

<sup>17</sup> GARCÍA HOZ fala da «origem intelectual da escola» já que, historicamente, nasce com essa finalidade específica. A família e as outras instituições sociais ou religiosas, cumpriam a sua «missão educativa», da qual a acção escolar era apenas «complemento». *Op. cit.*, 382. Com este entendimento, compreende-se que a mulher, no passado, não frequentasse a escola, pois *não necessitava* desse complemento intelectual. À mulher bastava a «educação» recebida na família, através da mãe, que a preparava para o seu futuro papel familiar.

formativo das letras, segundo a tradição humanista prosseguida pela Companhia de Jesus, bem como a consideração teresiana, sumamente positiva, das *letras e da cultura*, são decisivas para o Fundador da Companhia. Obviamente, por se tratar de um projecto para a educação da mulher, a opinião de Teresa de Jesus, santa e *sábia*, era determinante.

Henrique de Ossó chama *instrução* a esta importante dimensão da educação, a qual proporciona uma *informação cultural* básica que *forma* a inteligência, preparando-a para a auto-educação. Instruir é *formar* a cabeça, e não só *enchê-la* de conhecimentos. No dizer de Balmes, *instrução é aprender coisas e aprender a aprender* em qualquer situação da vida.

Os escritos pedagógicos de Henrique de Ossó referem-se à *instrução* utilizando diversas expressões. O *Plano de Estudos*, por exemplo, destaca, entre os conteúdos formativos, a «*secção literária*», expressão de significado muito amplo, sinónima de «educação em letras» que, neste contexto, não exclui, mas inclui, «as ciências» (em oposição à «*secção de labores*», evidentemente de prática manual). O *Meu Regulamento* dedica um ponto a esta dimensão importante: «Formar a inteligência da mulher, instruindo-a»<sup>18</sup>. E em *Apontamentos de Pedagogia*, aparece também a «educação intelectual» como uma das dimensões mais importantes da educação, que se integra, ao fim e ao cabo, na educação moral:

«A cultura intelectual é de suma importância, pois o entendimento, bem dirigido, dirige a vontade»<sup>19</sup>.

### 2.1. Aprender com solidez: «Uma educação sólida»

Qualquer das expressões mencionadas refere-se à instrução cultural e à formação da inteligência, âmbito educativo que se distingue de outro, também importante: a preparação técnica e prática da mulher para os *trabalhos do lar*. A prioridade da formação em «letras», também chamada «educação científica», é evidenciada, na Companhia, na distribuição do tempo. A «Secção Literária» é a *parte* a que «se consagra, de preferência, o tempo da manhã», ao passo que a tarde é preenchida com os «labores» ou actividades de tipo manual<sup>20</sup>, segundo os programas curriculares do *PE*. A Escola pretende ensinar às meninas e às crianças, os processos básicos de aprendizagem, para ficarem de posse de uma cultura geral, à qual não teriam acesso fora da escola, desenvolvendo-lhes, por outro lado, a inteligência e a capacidade de pensar e iniciando-as nos conhecimentos básicos, necessários para uma vida pessoal na sociedade.

---

<sup>18</sup> MR, em EEO II, 494.

<sup>19</sup> AP, em EEO II, 771.

<sup>20</sup> PE, EEO II, 255.

### 2.1.1. Conteúdos

Quais eram os conteúdos da formação em «letras» ou «científica» que se proporciona nos primeiros colégios? Deparamo-nos com a dificuldade de que, nos anos que estudamos<sup>21</sup>, não existia nenhuma classificação estável dos conteúdos académicos, nenhum programa definitivamente fixado para cada um dos níveis escolares.

Apesar de a Companhia ter projectado, desde o princípio, a criação de Escolas Normais<sup>22</sup> para a formação de mestras teresianas, bem como a Educação Primária nos seus dois níveis, Elementar e Superior, os primeiros colégios dedicaram-se exclusivamente, na prática, ao Ensino Primário Elementar e à Escola infantil<sup>23</sup>. Até 1883 não se começa a falar de alunas que se preparam nos colégios para fazerem exame nas Normais, e só em finais da década de 80 encontramos colégios com o nível Superior de Ensino Primário<sup>24</sup>.

Por isso, quando falamos de Projecto Educativo teresiano ou de Escola de Santa Teresa, referimo-nos quase exclusivamente à infância e à idade infantil e pré-adolescente, e só esporadicamente à adolescência e juventude.

O primeiro programa académico que conhecemos, publicou-o a *Revista Teresiana* no ano lectivo de 1881-82. É um prospecto comum para três colégios novos da Companhia (Tortosa, Tarragona e Ensanche de Barcelona). Para além do *Ideário*, inclui uma «lista das muitas disciplinas que preenchem o extenso programa», advertindo os leitores de que «isto é *presentemente*, o que leva a crer que não está completo»<sup>25</sup>.

Comparando este primeiro programa com o prospecto de S. Gervasio de 1890, com os AP e com os livros publicados pela Companhia, apesar das diferenças de nível e de sexo – no caso das crianças –, encontram-se algumas coincidências interessantes que destacamos:

<sup>21</sup> 1876-1896 (até à morte do Fundador).

<sup>22</sup> Sobre as Escolas Normais de mestras pode ler-se o capítulo II. No capítulo XIV falamos da formação de mestras na Companhia.

<sup>23</sup> As primeiras Escolas da Companhia tinham unicamente Crianças e Ensino Elementar. Nas Constituições de 1889, porém, já se fala de Ensino Superior e, de facto, houve depois escolas de nível superior e de preparação de Mestras. (Cf. EEO II, 333).

<sup>24</sup> Nas cartas de 1883, há constantes alusões a estas alunas que se preparam para o magistério. – A respeito dos níveis educativos, as Constituições de 1889 (2ª Parte) dizem: «Na medida do possível, haverá sempre, em cada colégio da Companhia, escola ou ensino infantil, elementar e superior. Pelo menos, deve haver sempre escola infantil e elementar». (EEO II, 333). Sabemos, concretamente, que em Calahorra, em Setembro de 1888, «O *Colégio de São José* [estava] organiza[do] em três secções, uma de crianças de ambos os sexos, outra elementar para meninas e outra superior para jovens adultas» e que existia, desde 19 de Março do mesmo ano (*Boletín Oficial de la Diócesis*, Setembro 1888, publicado em RT 1887-88, 50).

<sup>25</sup> «Tres Colegios para a Compañía de santa Teresa de Jesús, para la educación de señoritas», em RT Agosto 1881, 304-308.

*Prioridade do Catecismo, Religião e Moral*, como constava do PE das irmãs<sup>26</sup>.

O programa de 1881 dizia: «dando-se a maior importância à parte religiosa e moral»<sup>27</sup>. Um prospecto do Colégio de Ganduxer de 1890, diz: «A parte literária compreende: a Religião e Moral, por ser a base de toda a verdadeira educação»<sup>28</sup>. Os AP afirmam o mesmo: «A religião acima de tudo»<sup>29</sup>. Também a edição de livros de texto da Companhia dá prioridade à catequese e à religião: «Falar-vos-emos, pois, em primeiro lugar, do melhor, que é Deus nosso Senhor, das bondades de Jesus, a quem todos vós, e todos, temos de amar sobre todas as coisas...»<sup>30</sup>.

*Atenção especial aos processos e instrumentos básicos de aprendizagem*, aos quais atribui muita importância.

É o que os AP chamam «Instrução instrumental»: «a língua pátria e [línguas] estrangeiras, teórica e praticamente, e ensinar a ler, escrever, contar, [a fazer] composições em prosa e em verso»<sup>31</sup>, «Leitura, Caligrafia, Gramática castelhana»<sup>32</sup>. «Que adquiram agilidade e facilidade na composição de toda a espécie de textos...»<sup>33</sup>.

Na apresentação da edição de livros de texto da Companhia, é dito às crianças: «Ensinar-vos-emos regras para falar e escrever bem a vossa bela língua, e para fazer contas»<sup>34</sup>. Os AP, que falam da «metodologia aplicada aos diversos ramos do ensino primário», atribui uma especial importância aos métodos de «instrução instrumental», leitura, escrita, cálculo e composição<sup>35</sup>.

*Aprendizagem básica e fundamental dos conteúdos culturais*, conteúdos de «Instrução real», segundo os AP.

São os factos, conceitos e princípios das principais disciplinas humanistas e científicas, de nível básico. O Programa de 1881 era bastante vasto: «Gramática, sistema epistolar, geografia, aritmética, noções de álgebra, noções de geometria, noções de física e de história natural, noções de astronomia, noções de cronologia, elementos de literatura espanhola, cosmografia, escrituração comercial»<sup>36</sup>. Mais modesto, o prospecto de S. Gervásio:

<sup>26</sup> PE, em EEO II, 237.

<sup>27</sup> «Tres colegios...», RT 1880-81, 307.

<sup>28</sup> Prospecto 1890 Colegio San Gervasio, 3.

<sup>29</sup> AP, em EEO II, 773.

<sup>30</sup> LT, em EEO II, 392.

<sup>31</sup> AP, em EEO II, 771.

<sup>32</sup> Prospecto 1890 Colegio San Gervasio, 3.

<sup>33</sup> «Tres colegios...», RT 1880-81, 307.

<sup>34</sup> *La Escuela de santa Teresa* (LT), em EEO II, 392.

<sup>35</sup> Cf. AP, em EEO II, 773.

<sup>36</sup> «Tres Colegios...», RT 1880-81, 306.

«Gramática castelhana, Aritmética, Geografia, Geometria, História, elementos de Literatura, Lógica»<sup>37</sup>. E a edição de livros da Escola de Santa Teresa apresenta as disciplinas de uma maneira atraente, relacionando-as com a vida:

«[Convidamo-vos] a passear por todo o globo sem gastar um tostão, e até faremos uma ou outra excursão às estrelas...»<sup>38</sup>.

E projecta três níveis ou graus, de acordo com as diferentes idades e anos lectivos:

«Com este objectivo, oferecemo-vos, em diversos livritos divididos em *Rudimentos, Compêndio e Curso Superior*, tudo quanto convém que as vossas inteligências saibam acerca de todas as ciências e disciplinas que vos serão leccionadas»<sup>39</sup>.

A classificação de conteúdos mais completa, encontramos-la nos AP. Trata-se de um simples *esboço curricular* do ensino primário feminino, fruto da experiência educativa da Companhia. É interessante observar a integração de conteúdos religiosos, morais, cívicos, instrumentais, culturais (de letras e ciências), bem como outros de tipo prático, «*próprios da mulher*». Podemos mesmo falar de *disciplinas* no sentido actual do termo. Esta classificação possui duas vantagens relativamente aos outros currículos: incorpora conteúdos formativos não propriamente intelectuais (urbanidade, labores, economia doméstica, higiene e ginástica) e hierarquiza o conjunto dos conteúdos. Distingue quatro *níveis* segundo a importância, o valor formativo das disciplinas e a idade da aluna:

- *Necessidades absolutas*: Catecismo, religião e moral. Economia, higiene, urbanidade.
- *Necessidades relativas*: Aritmética, Gramática, Labores fundamentais: coser, remendar, talhar. Leitura, escrita, História sagrada.
- *Úteis*: Geografia, História pátria, Geometria, Desenho, Ginástica, labores de malhas, tapeçarias, passar a ferro, pregar.
- *De adorno* (complemento): Ciências físicas e naturais, Álgebra, Escrituração, Astronomia, História Universal, Literatura, Belas Artes, Música, Línguas, pintura, labores: bordado artístico, a cheio, a ouro, aplicações, flores e frutos, cerâmica, etc.<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> Prospecto 1890 Colégio Ganduxer, 3.

<sup>38</sup> LT, em EEO II, 392.

<sup>39</sup> LT, em EEO II, 393.

<sup>40</sup> AP, em EEO II, 752-753.

Não se pode fazer uma avaliação objectiva, tomando como ponto de referência os nossos sistemas educativos actuais. Seria preciso comparar os programas da Companhia com os de outras instituições educativas de Ensino Primário da época<sup>41</sup> – de que não dispomos –, tendo em conta, além disso, que os currículos femininos eram diferentes dos masculinos.

Comparando o programa da Companhia com o programa oficial da Escola Pública Elementar, observamos diferenças consideráveis<sup>42</sup>:

1. Enquanto no programa oficial as meninas se viam privadas de uma série de disciplinas consideradas *masculinas* – geometria, desenho linear, agrimensura ou agricultura, física e história natural –, o programa feminino da Escola de Santa Teresa engloba todas essas matérias (à excepção da de agricultura) e outras que não constam do programa oficial: aritmética, ginástica, álgebra, astronomia, história universal, literatura, belas artes, música, línguas, pintura.
2. A preocupação da Companhia com a formação intelectual das alunas da Companhia, não diminui o seu interesse pela preparação «para a vida familiar», muito pelo contrário. Se consultarmos a classificação de matérias feita nos AP, veremos a *quantidade* e a *variedade* de *lambres* que se aprendem no colégio. Uns *necessários*, outros *úteis* e outros *de adorno*<sup>43</sup>.

### 2.1.2. O método

Os escritos pedagógicos de Henrique de Ossó insistem na necessidade de as mestras conhecerem e respeitarem as características *naturais* e psicológicas da criança ao formularem os objectivos didácticos e ao planearem a metodologia<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> Seria interessante fazer a comparação com o programa dos Escolápios ou de la Salle, para citar dois institutos masculinos de longa tradição no ensino primário. E com algumas instituições femininas também dedicadas à educação.

<sup>42</sup> As escolas oficiais eram abrangidas, teoricamente, pela Lei Moyano (de Instrução pública, de 9 de Setembro de 1857), primeira lei de educação que houve em Espanha, mas que, na prática, não pôde ser cumprida por falta de mestres preparados. Declara o ensino primário *obligatório*, dos 6 aos 9 anos, gratuito para quem não puder pagar. O currículo da Instrução primária elementar *para os meninos*, é o seguinte: «Doutrina e história sagrada, leitura, escrita, gramática, ortografia, princípios de geometria, desenho linear e agrimensura, rudimentos de geografia e de história e noções de física e de história natural. Às *meninas* serão ensinadas as mesmas matérias, menos, concretamente, as de *formação de mão de obra qualificada*, ou seja, agricultura, geometria, desenho linear, física e história natural. Em vez delas, aprenderão *«lambres próprios do seu sexo»*, desenho de lambres e higiene doméstica». (Comentado por J. RUIZ BERRIO, «Constitución y educación en España», em *Génesis de los Sistemas Educativos Nacionales*, U.N.E.D., Madrid 1989 2ª, 145).

<sup>43</sup> Cf. AP, em EEO II, 752-753.

<sup>44</sup> Em educação, Henrique de Ossó também foi autodidacta. É ele que transmite à Companhia o essencial da pedagogia teresiana, embora as irmãs também recebam uma certa formação teórica pedagógica, como podemos ver no *Plano de Estudos* da Companhia. No



Já falámos da influência do naturalismo pedagógico e do neo-humanismo na teoria pedagógica de Henrique de Ossó, e também da inspiração balmesiana em algumas das suas posições acerca do ensino escolar segundo a psicologia e a capacidade cognitiva da criança<sup>45</sup>.

Balmes reconhece, por um lado, a *enorme receptividade* das crianças pequenas, abertas à acção do mestre. E adverte, por outro, a sua *capacidade limitada* para compreender, pelo que seria antipedagógico encher a mente da criança com muitos conhecimentos:

«Uma das coisas de que o mestre de instrução primária nunca se deve esquecer, é que a infância se caracteriza por duas qualidades muito notórias e que, conforme se proceder a seu respeito, os resultados serão muito proveitosos ou muito estéreis, muito bons ou muito maus. Estas qualidades são: 1ª facilidade para receber toda a espécie de impressões; 2ª dificuldade para compreender muitas coisas ao mesmo tempo»<sup>46</sup>.

Henrique de Ossó tem consciência destas características da infância e sabe que, para uma boa instrução, é necessário ter em conta a *natureza da criança* sem a forçar, ajustando-se às exigências do desenvolvimento infantil:

«É grande a docilidade da criança para se deixar modelar, por assim dizer. É como a *cera* ou o *barro* nas mãos de um artesão»<sup>47</sup>.

«A inteligência da criança dispõe apenas de uma luz vacilante e muito insegura»<sup>48</sup>. «Tenham cuidado com o ensino do Catecismo, explicando-o às suas alunas de um modo adaptado à sua curta inteligência»<sup>49</sup>.

Previne contra o pedantismo e contra o perigo da falsa erudição, uma tendência didáctica errónea que, não tendo em conta a natureza das crianças, pretende encher-lhes a cabeça de ideias:

«Há um empenho, aliás censurável, em querer que as crianças sejam sábias de um momento para o outro, que aprendam tudo, que saibam tudo, que tudo entendam, de tudo falem, acabando por não saberem nada com perfeição. Daí essa praga de sabichonas que enchem o mundo e ocupam os mais difíceis cargos,

---

primeiro ano, estudavam *Rudimentos de Pedagogia*; no segundo ano, *El Criterio* de Balmes; e no terceiro, de ampliação, *História da instrução e da educação em Espanha e na Europa*, (Cf. PE, em EEO II, 240-241). A psicologia é uma ciência pouco desenvolvida até ao século XX, mas desde ROUSSEAU e PESTALOZZI (1746-1827) que há bastantes pedagogos europeus sensíveis às «qualidades naturais da criança».

<sup>45</sup> Ver «Fontes pedagógicas» no capítulo XIII.

<sup>46</sup> J. BALMES, «*Instrucción Primaria*», em *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1959, 604.

<sup>47</sup> AP, em EEO II, 745.

<sup>48</sup> CEM, em EEO III, 892.

<sup>49</sup> PE, em EEO II, 239.

desordenando tudo, transtornando tudo, desconsertando a pobre sociedade actual»<sup>50</sup>.

De acordo com o *princípio de psicologia geral* – na instrução, respeitar sempre a natureza – as crianças devem ser instruídas quanto aos elementos básicos, expondo-lhes as primeiras noções com simplicidade<sup>51</sup>, dando-lhes a conhecer os fundamentos. Por isso, na instrução primária, o mais importante é assentar bem as bases ou alicerces das ciências e da cultura:

«O objecto da inteligência, o seu alimento, é a verdade. Ensine as verdades *fundamentais ou princípios* de cada coisa, com perfeição. Pouco, mas bem sabido, vale mais que muito, mas mal aprendido»<sup>52</sup>.

Para esta aprendizagem, há que aproveitar a *curiosidade* inata das crianças, mantendo-as *sempre activas*<sup>53</sup>. Os processos activos são excelentes, pois correspondem à psicologia infantil. As crianças gostam da mudança, do movimento, da variedade:

«Que as meninas estejam sempre ocupadas, e com o espírito entretido à espera de algo de novo [...]. A *curiosidade* [nas crianças] é desejo de saber [...], um impulso natural, um meio excelente para saírem da ignorância com que vieram ao mundo [...], e será conveniente fomentá-la e tirar partido dela [...]. «A *novidade* e a *variedade* no ensino das verdades, são as duas coisas que mais agradam às crianças»<sup>54</sup>.

«Para o ensino das verdades», recomenda-se o *método progressivo*, que consiste em passar «do fácil ao difícil», «do conhecido ao desconhecido. Que haja clareza, ordem e progressão nas explicações»<sup>55</sup>, voltando constantemente às bases. Não convém considerar nada como sabido, mas duvidar de que a compreensão das crianças tenha sido completa. Daí decorre uma qualidade essencial que devem ter as educadoras: *paciência*, que «é a virtude mais necessária naqueles que se dedicam à instrução e educação da infância», na

<sup>50</sup> CEM, em EEO III, 924.

<sup>51</sup> Em *El Criterio*, Jaime BALMES, que Henrique de Ossó segue com toda a fidelidade, argumenta do seguinte modo a «necessidade dos estudos elementares»: «Há em toda a ciência [...] um conjunto de noções fundamentais, vocábulos e locuções que lhe são próprias, as quais não se aprendem bem senão estudando uma obra elementar [...]. Em todas [as ciências] há um conjunto [de noções] que é necessário adquirir para compreender as partes e não andar confuso e perdido na maneira de as ordenar». *Op. cit.*, 587-588 (Capítulo XVII,4).

<sup>52</sup> MR, em EEO II, 494.

<sup>53</sup> Cfr. AP, em EEO II, 762-763.

<sup>54</sup> PE, em EEO II, 249 e AP, em EEO II, 762 e 763.

<sup>55</sup> MR, em EEO II, 495.

opinião do P. Girard<sup>56</sup>. É o que o Fundador da Companhia recomenda às primeiras irmãs:

«Procurem, com um *bom método*, que as suas educandas aprendam bem os fundamentos de cada disciplina ou questão, pois desse modo, facilmente compreenderão tudo o resto [...]. Repetição, repetição, repetição. Assim se grava fielmente na memória frágil e se retém o que se aprendeu. Não se persuadam facilmente de que as suas alunas já sabem as coisas»<sup>57</sup>.

Não se trata, contudo, de uma aprendizagem rotineira e passiva ou maquinal. A clareza das ideias e a compreensão das razões, ajudará, precisamente, a reter na memória tudo o que tiver sido exposto com ordem e simplicidade:

«Ao aprenderem as lições, fixem-se mais nos conceitos do que nas palavras. Não decorem nada sem o terem anteriormente estudado [= compreendido]»<sup>58</sup>.

Há um dito popular que se converterá em distintivo e divisa da Escola de Santa Teresa por Henrique de Ossó a repetir, à maneira de slogan, quer às professoras, como princípio didáctico geral, quer às alunas, como princípio de aprendizagem e de auto-instrução:

«Pois, como todas sabeis, é divisa inspiradora do vosso plano de estudos aquela sentença que tantas vezes vos é citada: «*Mais vale pouco, mas bem sabido, do que muito, mas mal aprendido*»<sup>59</sup>.

Para o ensino dos princípios, propõe «uma clara explicação dos termos, uma exposição singela dos princípios, e a coordenação metódica dos teoremas»<sup>60</sup>. É o método didáctico que conduz a uma educação intelectual sólida e que a Companhia adoptou para a instrução teórica. Vejamos como Henrique de Ossó o explica aos próprios alunos e alunas, ao apresentar-lhes a colecção de livros de texto preparados pela Companhia, precisamente para ampliar o campo de acção com um ensino sólido, bem alicerçado:

«Enquanto a vossa idade e ocupações vos permitirem frequentar a *Escola de Santa Teresa de Jesus* [...], sempre podereis contar com uma base ou fundamento

---

<sup>56</sup> O P. Girard de Friburgo foi um dos pedagogos que Henrique de Ossó conheceu, como já referimos. Nas CEM, cita-o textualmente; daí transcrevemos a frase que se segue: «Contai, não as vezes que já repetistes uma coisa, mas as que tendes de repeti-la, e nunca vos canseis de repetir: *a repetição é a alma do ensino*». (EEO III, 908-909).

<sup>57</sup> PE, em EEO II, 245.

<sup>58</sup> PE, em EEO II., 236.

<sup>59</sup> LT, em EEO II, 393-394.

<sup>60</sup> BALMES, *El Criterio*, capítulo XVII,1. Em *op. cit.*, 584.

e com algumas linhas bem traçadas, sólidas e exactas, que não vos estorvarão, mas que serão o mais firme sustentáculo da vossa mais vasta instrução e ilustração futuras; pois, por mais alto que se eleve um edifício, os fundamentos, se forem sólidos e bem assentes, sempre lhe serão de utilidade. É o que procura fazer a *Escola de Santa Teresa de Jesus*, uma Santa muito perfeita em todas as suas coisas [...]. *Mais vale pouco, mas bem sabido, que muito, mas mal aprendido*»<sup>61</sup>.

Para além do seu valor formativo, esta aprendizagem básica tem um objectivo propedêutico, na medida em que prepara as alunas para futuros estudos de nível superior. O slogan popular serve, na Escola de Santa Teresa, de princípio pedagógico, sobretudo no que se refere à formação da inteligência, umas vezes chamada «educação científica», e outras «instrução na parte literária»:

«Ponham sumo cuidado em formar a inteligência das meninas, procurando que fiquem a saber bem as matérias que lhes devem ser ensinadas. *Pouco, mas bem sabido, é preferível a saber muito, mas superficialmente*. Não se persuadam facilmente de que as meninas entendem e sabem bem as matérias que lhes foram ensinadas»<sup>62</sup>.

É um antídoto contra a superficialidade vã e contra o afã de erudição, impróprio da educação primária, e tão frequente em algumas escolas da época, enciclopédicas e livrescas. Uma vez mais, a Prefeita é responsabilizada pela adequada orientação dos estudos:

«Evite a ciência que ensoberbece [...]. Tenha especial cuidado em que tudo o que souberem, o saibam bem. *Pouco, mas bem sabido, vale mais que saber muito, mas mal entendido*. É este vício da superficialidade que predomina neste século e que tornaria as Filhas da grande Teresa fúteis e presumidas»<sup>63</sup>.

Às professoras, recomenda constantemente este princípio. Todas as situações educativas são aproveitadas para lho recordar. Vejamos, por exemplo, os critérios que recomenda para a escolha de livros de texto:

---

<sup>61</sup> LT, em EEO II, 393-394.

<sup>62</sup> PE, em EEO II, 240. Em MR insiste-se na mesma ideia, reforçando a necessidade da repetição com argumentos misóginos: «O objectivo da inteligência, o seu alimento, é a verdade. Ensinem com perfeição as verdades fundamentais ou princípios de cada coisa. Pouco, mas bem sabido, vale mais que muito, mas mal aprendido. A inteligência da mulher tem, geralmente, escassa capacidade [...]. Este método de ensinar é o que dá melhores resultados em gente de pouco talento (crianças e mulheres, deverá subentender-se!) e mesmo em toda a espécie de alunos», em EEO II, 494.

<sup>63</sup> PE, em EEO II, 243.

«Até que a Companhia tenha livros de texto próprios [...], escolham-se, após maduro exame, aqueles que, à brevidade, juntem maior *solidez e clareza, e melhor método*»<sup>64</sup>.

Já dissemos que os *Apontamentos de Pedagogia* fazem a distinção entre *instrução real* – que diz respeito ao conhecimento de factos, conceitos e princípios – e *instrução instrumental*, para a utilização dos processos intelectuais básicos: ler, escrever, contar, redigir, etc., bem como das «faculdades intelectuais» ou operações lógicas. Seguindo também Balmes, Henrique de Ossó propõe, para a chamada instrução real, o método didáctico que considera mais eficaz, pois também se baseia na «lei psicológica fundamental para a educação das faculdades intelectuais», aquela cujo *princípio supremo* é a seguinte «fórmula: *Na instrução seguir sempre a ordem da natureza*»<sup>65</sup>. Define-se assim:

[É] «o método didáctico cuja essência consiste em partir de uma *síntese inicial* de tudo o que foi aprendido, proceder à *análise* e terminar com uma *síntese reflectida*»<sup>66</sup>.

Porque na criança e, de um modo geral, em qualquer pessoa que recebe instrução, existe a tendência para captar primeiro a *unidade* das coisas e dos conceitos e, num segundo momento, ter em consideração as suas *partes* e elementos. A *análise* deverá terminar numa nova *reunião* das partes numa *síntese* conclusiva ou *reflectida*, no sentido de que é fruto da reflexão. Henrique de Ossó recomenda às mestras «o diálogo socrático, vivo, espontâneo» como processo de análise, para chegar ao porquê das coisas. O «diálogo catequético», pelo contrário, é uma boa maneira de verificar a «síntese compreendida» pelas crianças<sup>67</sup>.

## 2.2. Aprender a pensar

Aprender a pensar é a meta do ensino ou instrução. Porque, além de instruir nos princípios da ciência e de comunicar os fundamentos da cultura, a educação intelectual tem outro objectivo não menos importante: Ensinar a pensar bem, a desenvolver as capacidades intelectuais, para as aplicar ao conhecimento da verdade e da vida. Vejamos como o *Plano de Estudos* o explica:

«Fixem muitíssimo bem o que diz o insigne Balmes, isto é, que *o ensino tem dois objectivos*:

---

<sup>64</sup> PE, em EEO II, 234.

<sup>65</sup> AP, em EEO II, 771 e 772.

<sup>66</sup> AP, em EEO II, 772.

<sup>67</sup> AP, em EEO II, 772.

1º) *Instruir os alunos nos elementos da ciência*  
 2º) *Desenvolver o seu talento para que, ao saírem da escola, possam fazer os progressos proporcionais à sua capacidade*<sup>68</sup>.

Efectivamente, o capítulo XVII do *Critério* vai mais longe do que o artigo sobre «Instrução Primária» que comentámos. Agora fala-se de um novo objectivo do ensino intelectual, explicando a relação e as diferenças que existem entre ambos:

«Poderia parecer que estes dois objectivos são apenas um só; todavia não é assim [...]. A clara explicação dos termos, a exposição singela dos princípios em que se baseia a ciência [...], é o objectivo de quem não se propõe mais do que instruir sobre *os elementos*. Mas a quem alargar os seus horizontes e considerar que os entendimentos dos jovens *não são unicamente tábuas* onde hão-de traçar algumas linhas que permaneçam inalteradas para sempre, mas *campos* que as preciosas sementes hão-de tornar produtivos, incumbem-lhe tarefas mais elevadas e mais difíceis. Conciliar a clareza com a profundidade, irmanar a simplicidade com a multiplicidade, conduzir por uma senda plana [...], inspirar vivo entusiasmo, despertar a consciência das próprias forças e talentos, sem incorrer na presunção: eis as atribuições do professor que considera o ensino, *não como fruto, mas como semente*»<sup>69</sup>.

Mesmo as crianças mais pequenas que «se mostrarem inclinadas a raciocinar sobre tudo», hão-de ser orientadas nesta aprendizagem. «Se as suas razões forem boas, devem louvar-se; se não forem rectas, rectificar-se; mas nunca hão-de ser desprezadas por isso». Pois *aprender a pensar* não está reservado a um grupo privilegiado. Esta capacidade inata da pessoa, dará muito fruto se as educadoras a despertarem e incrementarem desde a infância. Essa é a *sementeira* a que Balmes se refere:

«A faculdade de discorrer é a mais nobre e a mais importante da alma; por isso, deve ser cultivada com inteligência, pois a maior perfeição do homem é saber discorrer bem, aperfeiçoando a sua razão»<sup>70</sup>.

Como vemos, Henrique de Ossó afirma que não se trata unicamente de adquirir os conhecimentos que fazem parte do património da cultura, mas que é fundamental cultivar a inteligência para vir a ter um bom entendimento<sup>71</sup>. Entre

<sup>68</sup> EEO II, 244. Veja-se *El Criterio*, capítulo XVI, parágrafo 7, e capítulo XVII. A dupla finalidade do *ensino* consta do parágrafo 1 do capítulo XVII.

<sup>69</sup> BALMES, *El Criterio*, 583-584 (cap. XVII, 1).

<sup>70</sup> AP, em EEO II, 763. Diz nesta mesma página: «Se as suas razões forem boas, devem louvar-se, se não forem rectas, rectificar-se, mas nunca as desprezar por isso».

<sup>71</sup> A qualidade de «bom entendimento» da irmã da Companhia que analisámos no capítulo III, está em sintonia com o pensamento de BALMES, exposto em *El Criterio*, 489 (cap. I, 1-3).

os *efeitos* positivos do método sintético-analítico-sintético atrás referido, é preciso considerar o exercício da inteligência, «aprender a pensar», não menos importante que a instrução «objectiva». Os *Apontamentos de Pedagogia* indicam, com toda a clareza, três excelentes efeitos desse método:

«Os efeitos deste método são excelentes. São os seguintes: o *desenvolvimento gradual das faculdades* [da criança], a *aprendizagem* clara, ordenada e segura da *verdade*, e a *aptidão* [da criança] para depois *discorrer por si*»<sup>72</sup>.

### 2.3. A auto-educação e o esforço intelectual

A motivação é um dos principais factores do rendimento escolar. Precisamente para motivar as alunas e apelando à sua liberdade pessoal, MR propõe-lhes as vastas metas da educação teresiana e o porquê da metodologia, de maneira que elas possam assumir os objectivos e finalidades da Escola. Relativamente à «educação intelectual», o *Meu Regulamento* dedica várias páginas a motivar a aprendizagem *objectiva* e a cultivar a capacidade inata de *aprender a aprender*. No ponto intitulado: «*Advertência às colegiais de Santa Teresa de Jesus para progredir em letras*», são-lhes fornecidos quase os mesmos argumentos que às futuras educadoras teresianas no *Plano de Estudos*. Ao dirigir-se às alunas, MR implica também os pais como parte interessada no assunto:

«Sobretudo, que as Colegiais de Santa Teresa de Jesus se persuadam de que o estudo é muito importante, tal como a ciência, e que os seus bons pais fazem sacrifícios com o objectivo de que saiam do Colégio enriquecidas, não só em virtude, mas também em letras»<sup>73</sup>.

O conhecimento, não apenas de Deus e do seu desígnio salvador, mas também do mundo e da história, das artes e das letras, de nós mesmos e dos outros, bem como das principais invenções da ciência, são importantes para a vida humana pessoal. E tudo isso, ou pelo menos uma parte, consegue-se com o estudo e com muito esforço pessoal:

«Todos nascemos ignorantes, e a vida é breve e há muitíssimo que aprender. Por conseguinte, estudando muito, sabe-se pouco; estudando pouco, não se sabe nada. Que as Colegiais de Santa Teresa de Jesus vejam no estudo um dos meios mais importante para saber, e que não o descuidem, mas se apliquem ao estudo com seriedade e constância»<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> AP, em EEO II, 772.

<sup>73</sup> MR, em EEO II, 484.

<sup>74</sup> MR, em EEO II, 484.

Por muito estranhos que nos pareçam hoje tais argumentos, eles eram necessários na situação histórico-cultural em que foram escritos. O perigo actual de reduzir a educação à instrução escolar, e até à mera transmissão de conhecimentos teóricos, património da cultura escrita, não existia no século XIX. Sobretudo no caso da educação feminina, era frequente a *redução* inversa. A educação da mulher limitava-se à formação em determinados valores, atitudes e habilidades *práticas*, orientadas para a *sua missão* exclusivamente *doméstica*, prescindindo da instrução cultural e do cultivo das suas faculdades intelectuais. O saber cultural, a inteligência, a capacidade de abstracção – de análise, de síntese e de relação –, estavam-lhes vedados pelo facto de serem mulheres<sup>75</sup>.

É neste contexto que devemos situar o vasto plano educativo de Henrique de Ossó e da Companhia: formar o coração e a vontade da infância e da juventude, formar e informar a sua inteligência. Isto é, integrar o ensino ou instrução (aprendizagem intelectual) na educação teresiana.

#### 2.4. Recursos didácticos

A Escola de Santa Teresa, «para incentivar o avanço no estudo», adopta os meios de emulação que eram utilizados, tradicionalmente, pela *Ratio Studiorum* jesuíta: «Conferências semanais», «círculos mensais», «academias trimestrais». A Companhia de Santa Teresa organiza também, como meios de reforço, «actos literários públicos e semipúblicos», que desenvolvem a capacidade de síntese, a capacidade discursiva e até a dialéctica:

«As recompensas ou prémios são meios muito eficazes para promover a emulação e progressos das meninas [...]. Outro meio para despertar a emulação e para que fixem bem na memória as coisas aprendidas, são os exercícios semanais, mensais e trimestrais. Todas as semanas deve haver revisões [...] e desafios entre as alunas»<sup>76</sup>.

<sup>75</sup> Recordemo-nos, por exemplo, de como A. M<sup>a</sup> CLARET entende a instrução, em *La Colegiala Instruida*, reduzindo-a à instrução religiosa (Cf. *op. cit.*, Secção Terceira, «De la instrucción», 333-389).

<sup>76</sup> PE, em EEO II, 257-258. Esta prática procede dos centros de formação de mestras teresianas. O *Plano de Estudos* prescreve «Os Meios para promover os progressos nos estudos na Companhia de Santa Teresa de Jesus: «Para promover a emulação [...] haverá: *conferências semanais* [...] *círculos mensais* [...] *academias trimestrais* [...]. Nos círculos mensais, uma das educandas [...] lerá ou decorará uma *dissertação* sobre um dos pontos mais importantes que tenha sido estudado ao longo do mês; opondo depois outras educandas *alguns reparos ou dificuldades* à questão tratada; dificuldades que *resolverá* a dissertante» AP, 236. – Em MR aplica-se às alunas: «*Meios para progredir nos estudos*: Para este objectivo, servem maravilhosamente os pontos e prémios, fitas que se ganham nas revisões semanais, círculos mensais e academias trimestrais e exames de fim de ano». EEO II, 487 e 500. É interessante também, nesta página, o que se diz



Seja como for, desenvolve a expressão oral, meio importantíssimo de comunicação e de influência.

«Tudo o que as meninas disserem, que o digam *em voz alta, clara e inteligível*, pronunciando bem as palavras ou frases, e com convicção»<sup>77</sup>.

Os *exames finais* revestem-se de um carácter festivo. Abertos ao público, era uma oportunidade para mostrarem aos pais e a outras autoridades, o aproveitamento das meninas e das crianças «em letras». Tanto as mestras como os alunos viviam este acto com a consciência de terem atingido a meta que se haviam proposto. O *Plano de Estudos* indica, com muitos pormenores, o modo de organizar os exames em todos os colégios da Companhia:

«Na primeira quinzena de Junho, haverá exames gerais de todo o ano lectivo em todas as residências, para os quais serão geralmente convidadas as autoridades eclesiásticas e civis, as pessoas principais ou mais distintas, e sobretudo os pais das meninas. Dêem toda a importância possível a este acto: elaborem antecipadamente os programas, se possível impressos, para que todos possam fazer perguntas às meninas. Procurem que as meninas compreendam e justifiquem o que disserem, e não sejam meros papagaios...»<sup>78</sup>.

Estes actos tinham também um carácter formativo para os assistentes, e de propaganda da Escola:

«... Que haja um discursozito de entrada em que se diga algo sobre a *importância da educação da mulher*, segundo o catolicismo e o tipo-modelo da mulher forte [...], Teresa de Jesus.

No final, que outra menina agradeça, e se for fácil, enfeitem o salão com colchas, inscrições, etc. e nos intervalos podia haver um pouco de música e canto para amenizar e realçar o acto. Os diálogos, monólogos, historietas são muito próprios para amenizar o acto»<sup>79</sup>.

### 3. Educação em Laires e Economia Doméstica

Vimos que, nos Colégios da Companhia, as tardes eram dedicadas às actividades de tipo prático, exclusivas das meninas. Se a «parte literária» era objecto de estudo e de assimilação «teórica», para *saber*, a secção de «laires» é eminentemente «prática» e «técnica». O seu objectivo era *fazer e saber fazer*.

---

sobre os pequenitos: «Faça dois bandos com as crianças pequenas; que cada um tenha o seu estandarte...».

<sup>77</sup> PE, em EEO II, 257.

<sup>78</sup> PE, em EEO II, 256.

<sup>79</sup> Ibid.

Podemos considerar esta como a dimensão prática *profissional* das jovens, pois *os trabalhos domésticos* eram consideradas como a *tarefa* ou *profissão* futura da mulher.

No programa do ano académico de 1881-82, vem uma lista interminável e incrível de actividades manuais<sup>80</sup>. Aos pais é explicado que, para além da parte religiosa e moral, o mais importante é «que saibam [...] ser mais tarde verdadeiras donas de casa, remendando, cerzindo, talhando e confeccionando toda a espécie de peças de roupa...»<sup>81</sup>.

Vejam como esta «secção» se organiza no prospecto do internato de S. Gervásio de 1890:

«Tendo em conta que a vida do colégio deve ser, tanto quanto possível – para que dê o fruto desejado – como que um ensaio da vida de família, a pedido dos senhores pais, as suas filhas dedicar-se-ão à *prática e perfeição das lides domésticas*: cozinhar, engomar, coser à máquina, etc., etc., a fim de que, a seu tempo, possam desempenhar bem o importantíssimo cargo de donas de casa e mães de família...»

E observemos os conteúdos da *Parte de «lavors»* neste mesmo prospecto:

«O ensino de lavors, desde a costura ao bordado artístico, é ministrado às alunas com todo o esmero e apuro, porque o seu conhecimento, juntamente com os hábitos de ordem e economia, é uma das partes mais essenciais do sistema de educação, e é, sem dúvida, o mais fecundo em resultados práticos»<sup>82</sup>.

O *Plano de Estudos* continha um horizonte mais vasto da aprendizagem dos «lavors», considerando-os a partir da sua finalidade de educar a mulher segundo determinados valores cristãos – modéstia, austeridade e simplicidade – para contrariar *os vícios actuais mais frequentes entre as mulheres* fomentados a partir do estrangeiro:

«Não percam de vista que uma das coisas que mais estragos causa nas mulheres e arruina as famílias hoje em dia, é a vaidade no vestir, ou seja, o luxo,

---

<sup>80</sup> «Coser, remendar, talhar, engomar, frisar, renda catalã de fio e de ouro, renda de nó, frioleiras. Crivos: inglês, richelieu, matiz, cerzaduras entrelaçadas, cerzaduras de ponto perdido, cerzaduras com bocados de tecido, etc. Cerzaduras com bocados e tecidos para roupa branca, de cor, e panos, e ponto de meia. Bordados: a cheio, zéfire, ouro, prata, litografia, pintura de imitação, de aplicação, ponto oriental, russo, renascimento. Tapeçarias de todo o género. Frutos artificiais. Flores: de cambraia, cera, palha, couro, mariscos. Flores de lã, seda, gancho, malha, felpa, ouro e prata. Ginástica de salão. Trabalhos em relevo e perspectiva, como gravuras em ouro e prata, em cera, em papel, etc., etc., muitos e variados. (RT 1881-82, 306-307).

<sup>81</sup> RT 1881-82, 307.

<sup>82</sup> Prospecto Colégio San Gervasio 1890, 2-3.

e que a Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada com o objectivo, entre outros, de curar este cancro que corrói as entranhas da sociedade actual»<sup>83</sup>.

A formação em *economia doméstica* é outro dos objectivos da Escola teresiana. Juntamente com a prática dos *hábitos de ordem, asseio e economia* do internato que as alunas adquirem<sup>84</sup>, as educadoras preocupam-se também em dar-lhes algumas noções teóricas de economia. Com esse objectivo, a Editorial da Companhia publicou, logo em 1891, um livrito intitulado *Rudimentos de Economia e Higiene*, porque «não só são importantes, mas absolutamente necessários à mulher para bem cumprir os seus deveres domésticos». A Economia doméstica, por seu lado, é definida como «a arte de conservar, repartir e fomentar os interesses da casa...» «Baseia-se na virtude e moralidade das quais decorrem a ordem, o asseio e o amor ao trabalho»<sup>85</sup>.

#### 4. Educação Estética

Da educação estética como tal, não se fala até 1894, ano de que datam os *Apontamentos de Pedagogia*. No entanto, na secção de «*Estudos preferenciais da Companhia*», o PE fala da *música* como «um apostolado que pode ser muito útil para a consecução das finalidades que se propõe a Companhia»<sup>86</sup>. As aulas de pintura, escultura, desenho à vista», inclusivamente de «literatura», podem também ser considerados meios de formação estética de alunos e alunas, apesar de nada ser indicado nos primeiros documentos.

Por fim, os AP reconhecem o significado educativo *global* destas disciplinas que falam sobretudo ao coração. Através delas, as crianças cultivam, de um modo especial, a sensibilidade e os afectos, desenvolvem a imaginação e o sentido espiritual da beleza:

«Com a educação estética, enobrece-se a alma [das crianças] e dispõem-se a amar o bem, a desenvolver a sua imaginação, o gosto da beleza, e a ter comportamentos urbanos. [Cultivam-se] na natureza, na parte literária, na parte espiritual da pintura, desenho, música, canto. Esta parte requer muito cuidado e delicadeza»<sup>87</sup>.

<sup>83</sup> PE, em EEO II, 237-238.

<sup>84</sup> Cf. MR, em EEO II, 496. Havia também em MR um breve texto sobre «*Economia doméstica*» que indicava «os quatro pontos da economia doméstica» que devia aprender a colegial e que são: 1º limpeza e boa ordem na casa e nos móveis; 2º o mesmo a respeito da roupa; 3º os alimentos; 4º em si mesma, e alguns conhecimentos do que se chama *Medicina doméstica*. EEO II, 478.

<sup>85</sup> *Rudimentos de Economía Doméstica* por Una Profesora de la Compañía de Santa Teresa de Jesús, Barcelona 1891, 15-16.

<sup>86</sup> EEO II, 237.

<sup>87</sup> AP, em EEO II, 763-764.

Embora o parágrafo seja curto, não deixa de ser significativo este reconhecimento interdisciplinar, que deixa a porta aberta para posteriores reflexões e projectos de educação estética.

## 5. Educação Social

Tudo ou quase tudo o que se diz sobre a educação *para a relação ou para a educação social*, está tratado sob o conceito de *Urbanidade*. As meninas e meninos dos colégios da Companhia, desde 1891 que tinham nas mãos um livrito com este título, no qual se indicam, pormenorizadamente, todas as regras de *cortesia*<sup>88</sup>. Falar hoje de *regras de urbanidade*, nas nossas sociedades democráticas, permissivas e espontâneas, pode parecer antiquado; todavia, na sociedade espanhola da Restauração, apesar dos vaivéns ideológicos, eram habituais umas determinadas formas de relação, previstas e pré-fixadas, de acordo com a classe e condição das pessoas e os meios sociais. É interessante a leitura destes manuais que reflectem, com muita exactidão, algumas das manifestações da vida social da época<sup>89</sup>.

A nós interessa-nos «a urbanidade verdadeira», o *espírito* daquela *urbanidade* que Henrique de Ossó designava por «Regras fundamentais», tal como constam do livrito de *Urbanidade* da Companhia. É curioso que, apesar de o texto ser tão minucioso, o manual insiste no que há de «fixo e permanente» na relação interpessoal, naquilo que não passa e não muda, nem com o tempo, nem com a diversidade de culturas. É como que «a alma da cortesia e, por isso mesmo, não está sujeita à volubilidade da moda». É «o que constitui verdadeiramente a autêntica e sólida Urbanidade»:

«Urbanidade é o conjunto de regras cuja prática [...] revela aquela *benevolência e atenção que mutuamente nos devemos* [...]. A Urbanidade baseia-

---

<sup>88</sup> O livrito intitulado *Reglas fundamentales de urbanidad*, escrito por Henrique de Ossó, foi publicado em 1891.

<sup>89</sup> Lemos a *Colegiala Instruida, libro utilísimo y necesario para las niñas* do P. CLARET, (Librería religiosa, Barcelona, 1876). A Secção V deste livro, que se intitula «De la Educación», é integralmente dedicada à «boa educação», que se identifica com *urbanidade*. Diz o seguinte no capítulo I: «a boa educação é o resultado dos conhecimentos adquiridos no estudo de bons livros e no trato com pessoas finas, atenciosas e de bom tom. Diz-se que tem boa criação quem sabe praticar a educação, e a quem não a tiver, diz-se que é grosseiro». No mesmo capítulo: «Há duas espécies de urbanidade: uma, é do coração ou verdadeira; a outra, é meramente exterior ou falsa [...]. Entre as duas, há uma terceira espécie que se chama *etiqueta* e participa de ambas» (pág. 431).

se no respeito, caridade e modéstia e no exercício prudente [...] destas virtudes segundo as circunstâncias»<sup>90</sup>.

É também interessante a explicação de natureza social que acerca dela se dá:

«A Urbanidade é absolutamente necessária porque nascemos para viver em sociedade [...]. A Urbanidade é necessária a toda a gente porque dá lugar a um *contínuo exercício das pequenas virtudes de condescendência, afabilidade, mansidão, benevolência e autodomínio*» [...]. Deve praticar-se na infância, a idade mais disposta a aprender as boas lições, pois o que primeiro se aprende é o último que se esquece»<sup>91</sup>.

Em última análise, vemos que a urbanidade era interpretada como sendo uma atitude profundamente cristã que nasce do amor e do respeito mútuo. «Procurai ter para com todos um amor respeitador e um respeito amoroso, segundo a condição de cada um»<sup>92</sup>. Já no *Meu Regulamento* se dizia que «a *urbanidade* brota do coração da caridade», e que «a boa educação brota do amor do coração»<sup>93</sup>. Na *Companhia*, tem também a sua versão teresiana: «Mansa com todos e rigorosa contigo»<sup>94</sup>. E é na Escritura que se encontram os melhores *critérios* da verdadeira cortesia: «Comportai-vos para com os outros como quereis que se comportem para convosco. O que não quizeres para ti, não o queiras para o outro. Procurai antecipar-vos uns aos outros em sinais de honra e deferência»<sup>95</sup>.

## 6. Educação Moral: «*formar o coração pela educação*»

Nada se passa na Escola de Santa Teresa à margem da fé. A educação religiosa está no centro da educação teresiana. E a educação moral, isto é, tudo aquilo que conduz ao comportamento responsável do cristão, é a meta ou a finalidade da educação na *Companhia*. Nela confluem, de facto, todas as outras formas educativas: desde a educação física até à intelectual, à educação manual e estética e à cortesia. Todas se integram na educação moral e nela encontram o seu sentido. Como dizem os AP:

---

<sup>90</sup> *Urbanidad, sus reglas fundamentales*, por una profesora de la Compañía de Santa Teresa de Jesús, Barcelona, tipografía teresiana 1906, 11. Embora a edição seja dessa data, e atribuída a uma irmã anónima, consta-nos que o texto é de Henrique de Ossó.

<sup>91</sup> *Ibid.*, 18.

<sup>92</sup> *Ibid.*, 19.

<sup>93</sup> MR, em EEO II, 480.

<sup>94</sup> *Ibid.*, 19.

<sup>95</sup> *Ibid.*, 21.

«Tudo deve ser dirigido [pelas mestras] para a recta educação moral [das crianças], pois é a finalidade ou complemento da educação»<sup>96</sup>.

E noutro lugar, dizem também:

«A *finalidade* suprema da *escola*, com todas as suas obras, é a educação moral [das crianças], pois o homem deve guardar a *ordem moral* e deve formar o seu carácter moral, que é o melhor fruto de toda a educação»<sup>97</sup>.

Seguindo Santo Agostinho, o Fundador da Companhia afirma que o BEM moral «consiste na conformidade das acções livres com a ordem das coisas»<sup>98</sup>, ou seja, participar livremente no projecto de Deus para a humanidade. Portanto, o objectivo da educação moral é «conduzir» os alunos e alunas a «conhecer, amar e praticar o bem moral, de modo a que se formem neles hábitos virtuosos e com estes, o carácter»<sup>99</sup>. É uma tarefa muito abrangente, pois o comportamento moral inclui a experiência, a inteligência e o juízo, operações prévias à decisão. Quer dizer, implica a passagem do conhecimento e da avaliação, à decisão e ao comportamento prático. Henrique de Ossó distingue as componentes cognitiva, afectiva e executiva da actividade humana e as três faculdades morais correspondentes:

«As faculdades morais são três: a *razão* que conhece a ordem, a *vontade* que se conforma com ela, e o *sentimento* que ajuda uma e outra. O *entendimento* propõe, a *vontade* escolhe e manda e o *sentimento* ajuda»<sup>100</sup>.

Mais que um tratado de educação moral, os AP são um aglomerado de «máximas» que remetem, frequentemente, para factos da experiência. Vejamos, por exemplo, como insiste, servindo-se de sentenças populares, na inter-relação das operações humanas no acto livre: «O homem age como ama e ama como pensa»; «a mão faz mover o punhal, a vontade [comanda] a mão, e a ideia, a

---

<sup>96</sup> AP, em EEO II, 753.

<sup>97</sup> Ibid., 764.

<sup>98</sup> Ibid., 753. Santo Agostinho recebe dos estoicos a definição de lei eterna como suma razão, segundo a qual é justo que tudo esteja bem ordenado. Na opinião de Santo Agostinho, a «lei eterna» seria como que o projecto de Deus a respeito do mundo, que fundamenta o bem e o mal. O homem, por meio da razão – iluminada pela fé – conhece a «lei eterna», e nisso consiste a «consciência moral». Por outro lado, o bem atrai (*exerce fascínio*) o coração humano, pela sua proximidade e participação no sumo bem. No pensamento agostiniano, o amor (a caridade) ocupa o primeiro plano da vida intelectual, pelo que o conhecimento humano não é possível sem amor: *Si sapientia Deus est, verus philosophus est amator Dei (De civitate Dei)*. (Cf. J. MARÍAS, *Historia de la Filosofía*, Revista de Occidente, Madrid 1972 24ª ed., 112 e J. R. FLECHA J. R., *Teología Moral Fundamental*, BAC, Madrid 1994, 42-43).

<sup>99</sup> AP, em EEO II, 753.

<sup>100</sup> Ibid., 753-754.

vontade». Ou ainda: «não se diria, com verdade, que o homem é filho das suas obras, se não o fosse previamente das suas ideias»<sup>101</sup>.

Daí, a necessidade de formar as ideias. Está de novo presente a dimensão cognoscitiva, e não apenas a volitiva, orientada para a acção. Porque os meios educativos morais, «uns elucidam o entendimento, outros a vontade»<sup>102</sup>. Por outro lado, «a sensibilidade, a afectividade, a imaginação, as inclinações temperamentais, os hábitos adquiridos, intervêm nas operações de conhecer e de decidir-actuar»<sup>103</sup>.

Henrique de Ossó tem consciência da intervenção activa destas dimensões da pessoa no acto moral, e muito especialmente, a dos sentimentos e afectos. Embora reconhecendo a prioridade das funções superiores da inteligência e da vontade, chama a atenção das educadoras para a importância das emoções:

«A criança tem *sentimento*, e com ele se compraz ou se desgosta nas coisas entendidas ou queridas. Tem *afectos* espirituais e animais, concupiscíveis e irascíveis. Tem *paixões* de sensualidade, avareza, ambição»<sup>104</sup>.

Por esta mesma razão, e de acordo com uma pedagogia *que segue a natureza* da criança, anima as mestras a conhecerem, não só a psicologia evolutiva das idades, mas cada um dos alunos e alunas na sua individualidade, pois é de suma importância:

«O natural ou carácter de cada um, embora tenhamos todos a mesma natureza de filhos de Deus e de Adão, é diverso, como diversos são os temperamentos: ousados uns, tímidos outros, descarados, modestos, dóceis, intratáveis, pontuais, negligentes, vivos, fleumáticos, vagarosos, etc.»<sup>105</sup>.

Di-lo às professoras dos Pensionatos de meninas:

«Procurai, sobretudo, conhecer a índole, o carácter, as inclinações, os vícios e paixões [...] de cada uma das vossas alunas»<sup>106</sup>.

---

<sup>101</sup> Ibid., 747.

<sup>102</sup> AP, em EEO II, 754.

<sup>103</sup> Sobre este assunto, pode ler-se «el acto moral en la estructura personal», em *La Educación Moral*, Barcelona, Herder, 1981, 304-306.

<sup>104</sup> AP, em EEO II, 766.

<sup>105</sup> Ibid., 784. Seguem-se uma série de indicações pedagógicas interessantes: Onde e como se adquire esse conhecimento: «Nos jogos e divertimentos é que melhor se descobrem as inclinações». «Vão empenhamento seria o do educador se quisesse mudar o que nas crianças é natural, apenas deve procurar orientá-lo». «Portanto, umas precisam de estímulo, outras não, mas todas exigem suma discrição por parte do educador ao agir conforme convém a cada criança». EEO II, 784-785.

<sup>106</sup> MR, em EEO II, 488.

E às mestras de crianças:

«Para educar bem, é preciso conhecer, sobretudo, a índole, a natureza, as disposições ou inclinações das crianças»<sup>107</sup>.

O conhecimento do ambiente familiar dos alunos, através dos encontros frequentes com os pais, é outra ajuda pedagógica imprescindível:

«O conhecimento dos pais, da família, da situação social, ofícios, etc., a maneira deles viverem, bem como a das suas filhas, ser-vos-ão de bastante ajuda em ordem a este objectivo»<sup>108</sup>.

«Tenham, de vez em quando, alguma conversa com os pais»<sup>109</sup>.

### 6.1. «Conhecer e amar o bem, a virtude»

Não é possível conhecer o bem sem o amar, porque os valores exercem uma verdadeira atracção sobre o coração humano. Nisto estão de acordo Santo Agostinho e Teresa de Jesus: «a virtude convida sempre a ser amada»<sup>110</sup>. Nesta perspectiva, a instrução moral ou doutrinal constitui um dos meios fundamentais da educação nos colégios da Companhia. Como diz Balmes, «o bem moral é uma grande verdade. Quanto mais esclarecido estiver o entendimento, melhor conhecerá a inefável beleza da verdade e, conhecendo-a melhor, terá menos dificuldade em praticá-la»<sup>111</sup>.

O Fundador da Companhia recomenda que se instrua por meio de «máximas, sentenças ou pensamentos», adaptados à idade e à capacidade mental das crianças, formulados meiga e lentamente, sem maçar:

«Para a educação moral, sirva-se mais de máximas breves, factos e exemplos, do que de teorias e discursos»<sup>112</sup>. As mestras procurarão inculcar nas alunas as máximas da nossa Religião e santo temor de Deus, bem como os ditos, factos e sentenças mais nobres do santo Evangelho e da nossa santa Madre»<sup>113</sup>.

Tal como a instrução intelectual, «a educação [moral], para ser boa, deve ser *progressiva e proporcionada* à idade das educandas [...], pois o que se passa no mundo físico, acontece também na *ordem moral* [...]. Todo o crescimento

<sup>107</sup> AP, em EEO II, 775.

<sup>108</sup> MR, em EEO II, 488.

<sup>109</sup> PE, em EEO II, 251.

<sup>110</sup> C 4,10.

<sup>111</sup> J. BALMES, *El Criterio*, BAC, Madrid 1974, Prologo XXVII.

<sup>112</sup> AP, em EEO II, 755.

<sup>113</sup> PE, em EEO II, 239. Tanto em *Mi Reglamento* (EEO II, 281) como nos AP (EEO II, 758-761), há longas séries de «sentenças» de Santa Teresa.



súbito é contrário à marcha da natureza, que não age nem faz sentir a sua acção senão de um modo insensível e imperceptível»<sup>114</sup>.

Não se trata de fazer grandes arrazoados teóricos que as crianças não entenderiam, mas de *imprimir* nelas estas verdades, à força de constância e de criatividade, aproveitando, no caso dos mais pequenos, os *meios da experiência sensível*, pondo-os em contacto quase físico com as verdades através de imagens visuais:

«Nas paredes, ou em cartazes, afixar-se-ão sentenças escolhidas do Evangelho e da Santa Madre, não faltando em nenhuma escola a poesia *nada te perturbe, nada te espante*, que terão o sumo cuidado de fazer que aprendam e compreendam todas as crianças»<sup>115</sup>.

Reconhecendo a importância dos sentimentos e *emoções* na vida pessoal, os AP falam do «apreço e estima pelo bem moral» e recomendam o «cultivo do sentimento moral cristão»<sup>116</sup>, como aspectos importantes da educação moral, na medida em que predis põem para a determinação da vontade, «a orientam e fortalecem»:

---

<sup>114</sup> CEM, em EEO III, 924. Toda a 14ª carta é consagrada ao tema da educação progressiva, segundo a natureza. Os argumentos foram inspirados pela escola de Pestalozzi, e muito provavelmente, Henrique de Ossó teve-lhes acesso através da obra de Nécker de Saussure. Contém, além disso, uma descrição interessante de três momentos da infância, tendo em conta o «desenvolvimento físico e intelectual» das crianças:

«O primeiro período (a infância) tem por objecto preferencial ou exclusivo, a educação física. Nesta primeira idade, o desenvolvimento do organismo é muito rápido, ao passo que o das faculdades morais é muito lento, e a inteligência está como que adormecida. As sensações [...] a sensibilidade que desperta nela alegria ou tristeza, por ocasião de algum bem ou algum mal que experimenta [...]; são essas as características desta primeira vida.

[...] A educação deve vigiar ou procurar a conservação física do infante [...]. Quanto à parte moral, não se deve deixar que tratem dele senão pessoas boas, que lhe causem uma impressão sadia, e que lhe excitem a sensibilidade com moderação por meio de acções saudáveis».

«A idade da razão ou do discernimento começa no segundo período (que é a juventude ?). Nota-se, neste período, um desenvolvimento considerável dos sentimentos ou afeições, e o infante manifesta a necessidade de se pôr em comunicação com tudo o que o rodeia. Quer ver tudo, entender tudo, saber tudo. Está sempre a fazer perguntas sobre as coisas que vê e os objectos que o rodeiam. O desenvolvimento da inteligência é muito acentuado; mas dedica-se principalmente a perceber as qualidades sensíveis dos objectos e a adquirir ideias sem se dar ao trabalho de as coordenar. A impressionabilidade resume toda a vida do infante nesta idade [...]. Mostra, geralmente, uma grande aptidão para adquirir os sinais do pensamento [...]. Finalmente, uma grande disposição para a imitação caracteriza este segundo período, e podemos afirmar que é sobretudo nesta idade que as crianças se inclinam para o vício ou para a virtude, conforme estiverem rodeados de bons ou maus exemplos» (EEO III, 925-927). Nesta carta, que é a última da série, não fala do terceiro grau de desenvolvimento da infância.

<sup>115</sup> PE, em EEO II, 255. Volta a repetir o mesmo em AP, EEO II, 750.

<sup>116</sup> É indicado como sendo o primeiro dos meios de educação moral, relacionado com a vontade. Mas na realidade, a função estimativa é prévia à decisão, condiciona a decisão. AP, em EEO II, 754.

«O apreço pelo bem moral, pela graça, que vale mais que todo o mundo [...]. Os sentimentos morais que, com a educação, se desenvolvem, se aperfeiçoam; e que, com o sentimento religioso, se elevam»<sup>117</sup>.

Compete às educadoras teresianas, precisamente, apontar os valores, tornando-os *apetecíveis* às crianças. A mesma «lei psicológica fundamental» que se aplicava ao conhecimento dos conceitos, «adapta-se às leis relativas ao cultivo do sentimento e do amor ao que é verdadeiro»<sup>118</sup>:

«Mostrem-lhes a formosura da virtude [...] e desse modo os seus corações inocentes afeiçoar-se-ão [a ela] com entusiasmo»<sup>119</sup>.

Por outro lado, estes valores serão tanto mais atraentes para os alunos e alunas, quanto mais os virem encarnados nas próprias educadoras. Quer dizer, a eficácia desta formação dependerá, em grande parte, da coerência das educadoras com os valores proclamados. Isto vê-se com especial clareza na Escola Infantil de Crianças, dadas as características psicológicas da segunda infância.

#### **Uma metodologia: «o sistema homeopático»**

Para *inculcar as verdades* – na formação moral – permanece válido o mesmo princípio pedagógico que imperava na educação intelectual e que, obviamente, Henrique de Ossó tinha experimentado primeiro. Recomendou-o aos catequistas de Tortosa e deixou-o escrito no *Guia Prático*<sup>120</sup>. Consta do *Plano de Estudos*<sup>121</sup> e do *Meu Regulamento*<sup>122</sup>, das *Cartas sobre a Educação da Mulher* e, finalmente, dos *Apontamentos de Pedagogia*<sup>123</sup>. Insiste naquele princípio quando se dirige à Prefeita de Estudos, às professoras, às Directoras dos Colégios. E, como vimos, ensina-o às próprias alunas:

«Procurai saber bem e fixar o que aprendeis. *Mais vale pouco, mas bem sabido, do que muito, mas mal aprendido*»<sup>124</sup>.

---

<sup>117</sup> AP, em EEO II, 755.

<sup>118</sup> AP, em EEO II, 771.

<sup>119</sup> PE, em EEO II, 254.

<sup>120</sup> GC, em EEO II, 160.

<sup>121</sup> PE, em EEO II, 240.

<sup>122</sup> MR, em EEO II, 485.494.

<sup>123</sup> AP, em EEO II, .

<sup>124</sup> MR, em EEO II, 485.

O método consiste em avançar «pouco a pouco», lançando as bases lentamente, sem acrescentar conceitos enquanto os primeiros não tiverem sido assimilados; «*imitando a natureza*, que é lenta e ordenada nas suas operações, mas segura nos seus resultados»<sup>125</sup>.

Influenciado por Teresa de Jesus, Henrique de Ossó está convencido da eficácia particular deste método na descoberta do *caminho da verdade*. Aplicado à educação moral, chama-lhe *sistema homeopático*, pela sua relação com uma nova terapia que cura pela utilização dos medicamentos em *quantidades muito pequenas*. O método da Companhia serve-se também de *pequenas doses* que ajudam a interiorizar *lentamente* a verdade – a verdade que ilumina a inteligência e move o coração das crianças.

Numa carta dirigida às irmãs de Montevideo, as primeiras que foram para a América do Sul, recorda-lhes o método, animando-as face às novas dificuldades:

«Deveis procurar repetir-lhes muito a miúdo *sentenças breves*, que se lhes gravem no coração. E esperar, e rezar, que a graça dará o seu fruto [...]. *O sistema homeopático*, como avisa o *Tesouro da Juventude* que todas as meninas devem possuir, é o que dá melhores resultados nessas cabeças irreflectidas que nada retêm. A paciência tudo alcança»<sup>126</sup>.

Efectivamente, o *Tesouro da Juventude*, que pretendia ser «um devocionário *sério e completo* ao mesmo tempo para formar a juventude numa piedade *esclarecida* – coisa que hoje em dia pouco se vê dada a ignorância das verdades católicas nas práticas de piedade –»<sup>127</sup>, segue o *sistema homeopático*. Na introdução, explica esta nova receita para a terapia do espírito:

«E como nestes tempos [...] não gostam de longos arrazoados, fizemos o possível por imitar os médicos que, a uma certa espécie de doentes, administram a dose de saúde em agradáveis bolinhas, dando as *verdades da salvação* sob a forma de *sentenças breves*, conseguindo assim que se gravem na memória sem sentir, que mais facilmente penetrem na alma, e que as práticas de piedade sejam imbuídas de espírito de fé»<sup>128</sup>.

Aludimos já à influência de Teresa de Jesus no uso e avaliação deste método, a mesma pedagogia espontânea das suas práticas infantis que, anos depois, quando escreve o livro da sua *Vida*, a Santa *redescobrirá*:

«Acontecia-nos estar *grandes bocados* tratando disto e gostávamos de *dizer muitas vezes: para sempre, sempre, sempre!*» *Com o pronunciar isto muito*

<sup>125</sup> AP, em EEO II, 767.

<sup>126</sup> Carta escrita em Roma, Junho de 1894. (Ed. N.º 463, original em AGSTJ).

<sup>127</sup> TJ, em EEO I, 551.

<sup>128</sup> TJ, em EEO I, 551-552.

*devagar, era o Senhor servido que me ficasse impresso o caminho da verdade»*<sup>129</sup>.

## 6.2. «Praticar a virtude»: os bons hábitos

A formação da vontade, a capacidade de decidir com liberdade interior, e a responsabilidade no compromisso relativamente aos valores, são, em última análise, a grande preocupação da Escola. As atitudes positivas e os hábitos virtuosos, serão a meta da educação teresiana. Será necessário esperar por que as alunas e as crianças conheçam e amem a virtude, tenham adquirido convicções verdadeiramente pessoais e elaborado a sua própria escala de valores para dar início à formação da vontade, da responsabilidade, do compromisso?

Na prática educativa, Henrique de Ossó não separa os dois processos, como se um devesse anteceder o outro. Porque, no itinerário pedagógico, os princípios e os preceitos integram-se segundo uma ordem de relação que corresponde à tensão psicológica entre *saber* e *fazer*.

De acordo com a tradição aristotélica, Henrique de Ossó tem consciência do valor educativo dos hábitos infantis, adquiridos mesmo antes do exercício consciente da razão, induzidos pelas normas dos adultos. Ele acredita, como Aristóteles, em que, «quando os impulsos da natureza são encaminhados para o bem, a virtude é praticada, de certo modo, pois ao orientar adequadamente a espontaneidade das crianças para a verdade e para o bem, forma-se nelas como que uma segunda natureza, que é o hábito virtuosos»<sup>130</sup>.

É este o sentido da vida organizada e regulamentada do colégio, um dos meios práticos formativos da Escola de Santa Teresa. Vemo-lo espelhado no elenco de um dos projectos que começa por incentivar as colegiais a cumprirem o Regulamento:

«Recebei com agrado e guardai [...] estas simples e breves regras de boa educação»<sup>131</sup>.

A finalidade educativa – e não meramente organizativa – do documento, é realçada num parágrafo inicial que convida as alunas a fazerem uma reflexão pessoal sobre o seu sentido educativo:

«O mais precioso fruto da vida regulamentada do colégio deve ser criar nas colegiais: 1º hábitos de virtude, especialmente de obediência; 2º hábitos de

---

<sup>129</sup> V 1,5.

<sup>130</sup> Esta maneira de entender o hábito virtuoso inspira-se em Aristóteles, segundo o qual o hábito bom precede, frequentemente, o pleno exercício da razão. (Cf. I. GUTIÉRREZ ZULUAGA, *Historia de la Educación*, Iter, Madrid 1969, 106-107).

<sup>131</sup> MR, em EEO II, 474.

ordem, asseio, economia e amor ao trabalho; 3º conhecimento da vida real e prevenção e fortalecimento contra as *tempestades e acidentes* desta miserável vida, que aumentam com a debilidade, irreflexão e inexperiência do sexo frágil»<sup>132</sup>.

Com esta observação, pretendia-se que as alunas assumissem *o seu Regulamento* com a consciência reflexa do sentido educativo da vida ordenada, regulamentada. Henrique de Ossó estava convencido de que só através de um processo de interiorização das normas escolares, aquelas jovens poderiam passar da heteronomia à autonomia, o que era, afinal, a meta da Escola de Santa Teresa.

Entre os hábitos morais infantis destaca a obediência porque «gera todos os outros»<sup>133</sup>, no sentido de que a acção educativa moral decorre em torno desta atitude do educando. Como um autor moderno explica, a formação para a obediência na infância, baseia-se na necessidade que a criança tem de protecção. É uma atitude que actua como *barreira protectora* da sua fragilidade, e que só é possível graças à confiança que a criança deposita nos educadores. Desta maneira, a obediência converte-se num método pedagógico<sup>134</sup>.

Esse princípio continua a ter, hoje em dia, um significado pedagógico positivo em ordem à formação do carácter, já que a *espontaneidade*, com os seus comportamentos egocêntricos e reactivos, conduz unicamente à negação da autonomia e, em última análise, à impossibilidade da liberdade pessoal. Henrique de Ossó tem consciência, todavia, dos abusos que se podem cometer face à docilidade infantil e previne as mestras teresianas, recomendando-lhes moderação:

«A criança é de uma grande docilidade para deixar-se modelar; é, por assim dizer, como a cera ou o barro nas mãos de um artesão [...]. Por isso, a autoridade da mestra tem sobre ela tão grande ascendente [...]. Isto ensina às mestras quão rectas devem ser»<sup>135</sup>.

Quanto à dialéctica autoridade-obediência, os AP indicam que o critério de discernimento deve ser exclusivamente educativo. Tanto do ponto de vista da educadora:

---

<sup>132</sup> MR, em EEO II, 477.

<sup>133</sup> AP, em EEO II, 755.

<sup>134</sup> O autor a que aludimos é H. K. BACHMAINER, na sua obra *L'obbedienza fondamento dell'educazione*, La Scuola, Brescia 1969, citado por GIAMMANCHERI y M. PERETTI, *La Educación Moral*, Madrid, Herder 1981, 299 e 312.

<sup>135</sup> AP, em EEO II, 745. Noutro lugar dos AP, volta a insistir: «Necessidade da educação pela natureza do homem, que nasce no corpo [...] e na alma como uma *tábua rasa* na qual não está nada escrito e precisa de cuidado e arte na sua direcção» (EEO II, 774).

«Organizai tudo para que a criança se prepare devidamente para vir a ser um *verdadeiro homem*, harmonizando a autoridade da mestra com a liberdade das crianças; isto é, que a mestra concilie um *amor respeitador com um respeito amoroso*»<sup>136</sup>.

Como do ponto de vista do educando:

«A criança deve cooperar com a sua actividade própria, com a sua docilidade e obediência, *deixando-se cultivar*, de modo que venha a ser cada vez mais *autónoma e independente*»<sup>137</sup>.

Os *Apontamentos de Pedagogia* dedicam várias páginas<sup>138</sup> a indicar como deve ser a intervenção educativa da mestra relativamente às «tendências desordenadas» das crianças, impedindo-as de «levarem a sua avante». A missão da educadora será *reprimir, negar, refrear, quebrar* «os gostos» das crianças, «as suas más inclinações», «as suas paixões», que consistem em «desejos desordenados» ou «caprichos», causa «das injustiças e contendas». Em última análise, estas paixões que as «escravizam», reduzem-se a «comodismo» e ao «desejo de mandar ou de se impor às outras crianças». As crianças devem aprender a «submeter-se», a «moderar os seus impulsos e desejos», a obedecer.

Com expressões e categorias que não são da nossa época, Henrique de Ossó afirma a necessidade de *guiar, acompanhar, conduzir* as crianças, não as deixando entregues às suas necessidades primárias e às suas pulsões vitais.

### 6.3. A vida da graça, a oração, os sacramentos

O comportamento humano responsável manifesta a vida de Deus no íntimo do crente e, de certo modo, é sustentado por ela. Se a finalidade da Escola de Santa Teresa é «formar Jesus na sua inteligência [dos meninos e meninas] pela instrução, no seu coração pela educação, e no seu exterior pela modéstia cristã»<sup>139</sup>, a educação moral de modo algum pode fazer-se à margem da acção transformadora da graça:

«Como nada podemos fazer sem a graça de Deus, [a mestra] recorrerá a essa graça, fará que o coração da sua educanda se abra às inspirações daquela por

<sup>136</sup> AP, em EEO II, 775. Esta mesma ideia aparece em 778, 780-781.

<sup>137</sup> EEO II, 777.

<sup>138</sup> Intitulam-se: «Necessidade de quebrar a vontade própria das crianças» e «Abnegação da vontade própria», em EEO II, 780-782. Faz a relação dos «Vícios dos meninos e das meninas»: EEO II, 783-785.

<sup>139</sup> Em MR, A Instrução às Professoras e irmãs encarregadas dos pensionatos começa assim: «Sobretudo, tende em vista a finalidade dos pensionatos e compreendi bem que não é senão formar a juventude feminina em virtudes e letras, com perfeição, sob a protecção, guia e salvaguarda de [...] Teresa de Jesus. Formar...». EEO II, 487.

meio das práticas religiosas, que se desapegue dos seus maus hábitos ou inclinações para se elevar para Deus e para se unir com Ele»<sup>140</sup>.

Não é de estranhar, pois, que as práticas de piedade bem fundamentadas, a vida sacramental e a direcção espiritual, sejam indicadas, em *MR* como os melhores meios para «*formar o coração da mulher, educando-a*». Embora a perspectiva desta secção seja tipicamente do século XIX – mistura de meios e fins, atitudes da educadora e critérios formativos –, também é evidente a influência de Teresa no que se considera essencial:

«A confissão semanal é o melhor meio de educação. Sem ela, nada ou pouco se poderá avançar neste caminho. [...]. Confessem-se todas as semanas todas as Colegiais a um confessor prudente e letrado, e tudo ficará feito. Comunguem com frequência [...]. A oração [...]. O Santo Evangelho e as obras da Santa Madre Teresa de Jesus. Se se afeiçoarem a esta leitura, podem considerar-se aproveitadas [...]. Exame particular [...], pois na sua prática encontrarão o conhecimento próprio, autodomínio e salvação [...]. Procurem prevenir as faltas, mais do que corrigi-las; previsão, previsão. A experiência, e sobretudo a oração e a vigilância, ensinar-lhes-á muitas coisas»<sup>141</sup>.

Também nos AP se fala da importância moral das práticas de piedade, dando uma vez mais prioridade à oração, que se valoriza mais que qualquer outra prática religiosa:

«As práticas religiosas, sobretudo a oração feita com devoção. Que a ocupação única da criança seja a oração; com ela serão humildes, obedientes, modestas, aplicadas, numa palavra, [praticarão] todas as virtudes»<sup>142</sup>.

À Directora do internato recomenda o *acompanhamento* pessoal das meninas, meio indispensável para uma educação teresiana personalizada:

«Que a Directora se aviste com cada uma em particular todas as semanas e fale a sós com ela, e por esse meio, conquiste-lhes o coração; se conseguir que sejam francas e que tenham confiança nela, ter-lhes-á conquistado o coração e fará delas o que quiser no bem e na virtude. Conheça bem os defeitos da mulher [...]; tenha especialmente em atenção os *vícios* de que fala o *Plano de Estudos* e as *virtudes* que a Santa lhes deixou em herança»<sup>143</sup>.

---

<sup>140</sup> CEM, em EEO III, 903.

<sup>141</sup> MR, em EEO II, 495.

<sup>142</sup> AP, em EEO II, 755 e 746.

<sup>143</sup> MR, em EEO II, 496. O elenco de *defeitos* não é original, mas vulgares princípios gerais. Recordemo-nos de que Fénelon dedicou os capítulos IX e X da sua obra a enumerar todos estes vícios. *Op. cit.*, 72-81.

É fundamental, por outro lado, a presença constante das educadoras, numa atitude vigilante e de amável atenção:

«Nunca deixeis as meninas sozinhas. Invocai frequentemente os Santos Anjos que vos ajudarão eficazmente»<sup>144</sup>.

Este acompanhamento requer um *conhecimento* profundo das *alunas*, requisito importantíssimo, como indica o *Plano de Estudos*:

«As Mestras procurem, sobretudo, *estudar a índole e o carácter* das suas alunas, para que aproveitem as suas instruções e correcções. Concentrem-se muito nos *maiores defeitos da mulher*, como sejam o espírito de domínio, vaidade, desejo de ver e de ser vistas, de brilhar, curiosidade, irreflexão, frivolidade, inconstância, ternura para consigo mesmas, melindres, tontaria, desculpas, mentiras, ficção, enganos, disfarces, ciúmes, desobediência, caprichosas e inconstantes. Inculquem-lhes as *virtudes* inversas, a saber: humildade e modéstia cristãs, caridade, amor à verdade, sinceridade, firmeza e obediência»<sup>145</sup>.

Presença da educadora que não substitui a jovem na sua necessária autoformação, mas que a orienta para o conhecimento próprio, sem o qual não há crescimento pessoal. Um conhecimento de si mesma que não se adquirirá senão na relação com Deus e com os outros:

«Cuidai, sobretudo, de que *se conheçam a si mesmas*, a sua paixão dominante e a sua suma fragilidade. Que conheçam o mundo e a sua vaidade, o demónio e a sua malícia [...]. Que conheçam Deus, Jesus»<sup>146</sup>.

Face a tais perspectivas educativas, somos quase levados a pensar que Henrique de Ossó estaria a confundir a formação das meninas com a das irmãs. Nada disso. Ele tem ideias muito claras e adverte as educadoras da diferença:

«Não se esqueçam de que estão a formar *boas filhas* que, de um modo geral, *serão esposas e mães*. Não estão a formar irmãs, ou seja, *o pensionato não é nenhum Noviciado*, embora devam procurar, por todos os meios, que Deus seja servido com alegria e amor, tornando amáveis a virtude e a piedade»<sup>147</sup>.

#### 6.4. O carácter moral

---

<sup>144</sup> MR, em EEO II, 488.

<sup>145</sup> PE, em EEO II, 239.

<sup>146</sup> MR, em EEO II, 492.

<sup>147</sup> MR, em EEO II, 494.



Nos *Apontamentos de Pedagogia*, Henrique de Ossó fala, pela primeira vez, da formação do *carácter moral* como meta da educação. O que entendia o Fundador da Companhia por *carácter moral*? Numa perspectiva mais psicológica que moral, hoje fala-se de *personalidade* ou de *personalidade madura*, para exprimir aproximadamente a mesma ideia. Henrique de Ossó define-o como se segue:

«Chama-se carácter moral à *maneira de ser constante* do homem, quanto a pensar, falar e agir *em conformidade com máximas fixas e santas*»<sup>148</sup>.

É a *maneira de ser* habitual da pessoa, e caracteriza-se pela integração harmoniosa de todas as suas dimensões pessoais, pela coerência entre pensamento e palavra, e o que é mais difícil, entre pensamento e actuação. Nascemos *peçoas*. A *personalidade* ou o *carácter moral*, faz-se. E faz-se pela progressiva organização de uma estrutura de hábitos e disposições, de atitudes e de valores assumidos pela consciência pessoal<sup>149</sup>. Obviamente, este não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada da educação, o final de um longo processo de educação e de auto-educação.

Na prática educativa, e também ao longo dos *Apontamentos*, vimos que se insiste na importância do temperamento de cada criança, dos seus sentimentos e afectos, dos condicionamentos familiares e sociais, que tanto a educadora como o educando devem conhecer. Todavia, na formação do carácter moral, dá-se prioridade às *faculdades superiores* – inteligência e vontade –, de acordo com as correntes da época:

«Duas coisas formam o *carácter moral* de cada um: *princípios* ou máximas da razão, *fixos*, imutáveis, excelentes, e *firmeza ou constância da vontade em agir* segundo esses princípios honestos»<sup>150</sup>.

Daí a importância de, na acção educativa, informar e formar bem a inteligência:

«Por isso, é de suma importância, para preparar a formação de bons *caracteres*, semear, *saturar* a inteligência das crianças de máximas escolhidas do Evangelho de Jesus de Teresa e de Teresa de Jesus»<sup>151</sup>.

---

<sup>148</sup> AP, em EEO II, 757.

<sup>149</sup> Sobre este tema, consultar E. GIAMMANCHERI y M. PERETTI, *op. cit.*, 308-316.

<sup>150</sup> AP, em EEO II, 758. Esta afirmação, considerada isoladamente, pode ser acusada de «intelectualismo ético» ou de «formalismo voluntarista». Para aprofundar estes conceitos, ver GIAMMANCHERI, *op. cit.*, 306-308.

<sup>151</sup> AP, em EEO II, 779.

Em algumas formulações, dá a impressão de que a aquisição de «princípios fixos» garante, quase automaticamente, a vida moralmente desejável:

«Todos os santos foram *heróis, grandes caracteres*, precisamente por terem os mais selectos princípios fixos, e por conformarem com eles, habitualmente, o seu comportamento».

Contudo, a singular plasticidade das disposições infantis e a sua grande capacidade de mimetismo, explicam a especial importância do exemplo na formação do carácter das crianças. Mais que com palavras, as mestras, como também os pais, educam com a sua própria coerência e constância nas atitudes evangélicas:

«Estas máximas devem ser corroboradas com o exemplo da boa mestra. Assim lhes formará o carácter»<sup>152</sup>.

A formação da vontade é a segunda dimensão, e a mais importante, da educação moral, dificilmente separável da primeira, como vimos. «*Formar o carácter moral no que se refere à vontade*», requer muito tacto por parte da educadora, pois o acto moral, definido pela decisão livre e sua realização coerente, é determinado pela convergência de actos múltiplos, sucessivamente marcados pela vontade. Os AP enumeram uma série de factores que ajudam a que «a vontade seja firme, enérgica»:

«Sentimentos e afectos nobres. Autodomínio. Desprezo do ridículo, do que dirão. Práticas religiosas: oração, leituras, sacramentos. Amizade com pessoas de carácter. Propósito de não se permitirem, a sós, coisas que não poderiam fazer diante de toda a gente [...].

Com isto, vai-se formando [...] em todas as acções [...] aquela espécie de impressão estável»<sup>153</sup>.

De acordo com Jaime Balmes, Henrique de Ossó pensa que os sentimentos dão força à vontade:

«Que a vontade seja firme, enérgica, o que se consegue com a ajuda de sentimentos e afectos nobres»<sup>154</sup>.

<sup>152</sup> Diz também: «Estas máximas devem ser confirmadas com exemplos práticos de vidas de heróis do cristianismo, sobretudo por assim terem maior eficácia». AP, em EEO II, 758.

<sup>153</sup> AP, em EEO II, 761-762.

<sup>154</sup> AP, em EEO II, 761. BALMES explica do seguinte modo a relação entre as principais *faculdades humanas* no acto moral: «Ao homem foram dadas muitas faculdades, nenhuma inútil, nenhuma intrinsecamente má. Uma boa lógica deveria compreender o homem inteiro, porque a verdade está em relação com todas as faculdades do homem [...]. O homem é um pequeno mundo, as suas faculdades são muitas e diversas; necessita de harmonia [...]. A razão é fria, mas vê claro;

### 6.5. Finalidade da educação feminina: Formar a *Mulher Forte*, segundo Teresa de Jesus

Os *Apontamentos de Pedagogia* falam da formação do *carácter moral* como meta da educação da criança<sup>155</sup>. Os escritos dedicados exclusivamente à educação da mulher, no entanto, apresentam a *mulher forte* da Bíblia como ideal educativo feminino, a «perfeita dona de casa» dos Provérbios<sup>156</sup>, em quem a Igreja sempre viu as mulheres santas, e Henrique de Ossó via encarnada sobretudo em Teresa de Jesus<sup>157</sup>. Assim aparece no *Plano de Estudos*<sup>158</sup>, nas

---

dar-lhe calor e não ofuscar a sua claridade. As *paixões* são cegas, mas dão força; dar-lhes direcção e aproveitar a sua força. O entendimento submetido à verdade, a vontade submetida à moral, as paixões submetidas ao entendimento e à vontade, e tudo iluminado, dirigido, elevado, pela religião; eis o homem completo, o homem por excelência. Nele, a *razão* dá luz, a *imaginação* pinta, o *coração* vivifica, a *religião* diviniza». «Prospecto» de *El Criterio*, em J. BALMES *Obras Completas III*, BAC Madrid 1963, 487.

<sup>155</sup> Em princípio, o termo genérico *criança* (*párvulo* – não temos este termo em português, por isso esta nota não se aplica ao que entre nós se passa; traduzi sempre por *criança/crianças*, quando, em espanhol, designa crianças em idade pré-escolar – N.T.) inclui *meninos e meninas*. No entanto, frequentemente, na prática, e de uma maneira mais ou menos inconsciente, refere-se exclusivamente ao *varão*. Educar o *homem* ou a *pessoa* significava, na prática, educar o *varão*, como aconteceu na linguagem secular. Somente quando se especifica «a *menina ou a mulher*» se fazem as *adaptações* – frequentemente restrições – educativas, tendo em conta o seu «papel» familiar-social e a sua *inferioridade* física, psicológica e intelectual.

<sup>156</sup> Pr 31,10-31.

<sup>157</sup> «A educação será sobretudo *católica* e espanhola. A Companhia de Santa Teresa de Jesus está no mundo com o espírito e a doutrina desta ilustre Santa, a mais pura glória da nossa Espanha católica [...]. A Companhia de Santa Teresa de Jesus não tem, pois, outro modelo para formar as inteligências, os corações da juventude feminina senão o *modelo da mulher forte* que, com tão sublimes elogios nos descreve o Espírito Santo, tão fielmente reproduzido na nossa grande *Santa Teresa de Jesus*, e noutras matronas espanholas, como *Isabel a Católica*, *Isabel de Aragão rainha de Portugal*, e outras, e outras que, ao mesmo tempo que as vemos *manejar a roca e o fuso* [...], vemos que a primeira, *reforma e guia* o cerrado esquadrão dos descalços, e *escreve* obras imortais [...]; e que as segundas, empunham ceptros, *governam impérios* sem deixarem de atender ao *cuidado e boa administração das suas casas*, sendo em tudo perfeitos tipos de modéstia e simplicidade cristãs com a mais consumada prudência e acerto nas grande empresas e em levá-las avante. A isto devem aspirar as espanholas [...], hoje em dia mais do que nunca, já que tanto empenho há em *nos descatolizarem*, fazendo-nos perder o nosso nobilíssimo carácter espanhol». («*Tres Colegios para la Compañia*», RT Agosto 1881, 305-306).

<sup>158</sup> PE, em EEO II, 233.

*Cartas sobre a educação da mulher*<sup>159</sup>, o *Meu Regulamento* e nos «Prospectos» de 1881-82 para «Três colégios da Companhia», bem como no do Internato de S. Gervásio de 1890.

O Projecto educativo feminino da Escola de Santa Teresa, define-se intencionalmente como proposta alternativa a outros modelos educativos da época, tendo em conta as deficiências práticas da escola estatal da altura, mas sobretudo contrapondo-se a *outras* propostas educativas de iniciativa social. São fundamentalmente quatro os aspectos que definem e *diferenciam* o Projecto teresiano de *outras modelos da actualidade*.

### Dimensão Intelectual

Face ao modelo de educação feminina que exclui a instrução especificamente escolar ou académica, por a considerar desnecessária para o futuro *papel* da mulher; e também face ao outro modelo de educação feminina «enciclopédica e frívola», que só aparentemente instrui a mulher com «uns conhecimentos superficiais, vãos e confusos que foram transmitidos muito por alto»<sup>160</sup>, a educação teresiana caracteriza-se por dar às suas alunas uma sólida preparação intelectual, bem fundamentada, que proporciona conhecimentos culturais duradouros<sup>161</sup>.

### Dimensão Profissional

Face a um modelo de educação fácil e «complacente com a mulher», que se dedica ao «acessório» e não atende ao «essencial», a escola teresiana propõe uma educação «realista e previdente» que prepara para a vida adulta, pois «as obrigações do colégio hão-de prepará-las para as obrigações sociais»<sup>162</sup>.

E face ao modelo burguês de educação feminina que, «geralmente, se encarrega de persuadir a mulher de que o seu destino é brilhar, agradar e embelezar a sociedade pela coquetaria e bom tom»<sup>163</sup>, onde as meninas «aprendem a ser *senhoras* e não a ser mulheres», «suscitando a admiração do mundo e captando os aplausos de estranhos»<sup>164</sup>, a escola de Santa Teresa, com

---

<sup>159</sup> «A minha intenção é formar a mulher segundo o *tipo ou modelo* que nos oferece a ímpar Heroína espanhola Teresa de Jesus». (CEM, em EEO II, 888).

<sup>160</sup> Cf. Prospecto do «Colégio de Santa Teresa de Jesus para meninas, dirigido por professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus». Barcelona – S. Gervasio 1890, 1.

<sup>161</sup> «A nossa Companhia tem um programa vivo de educação e ensino naquela Mulher ilustrada até à *sabedoria*, virtuosa até à *santidade*, social até à *nobreza*, espanhola até ser uma das fontes da castiça literatura pátria». Prospecto Colégio de S. Gervasio 1890, 1-2.

<sup>162</sup> CEM, em EEO III, 911.

<sup>163</sup> CEM, em EEO III, 913.

<sup>164</sup> CEM, em EEO II, 913.

uma educação integral «sabiamente orientada», prepara a mulher para o seu verdadeiro destino, que é «contribuir para o bem do próximo pela abnegação e sacrifício, e pelo cumprimento dos seus deveres sociais»<sup>165</sup>, preparando-a «para viver a vida de família e para cumprir os seus deveres de família»<sup>166</sup>.

### Dimensão Moral

Face ao modelo mais vulgar de mulher *volúvel e irreflectida*, que se deixa levar «pelas impressões do momento», as jovens que «forem formadas na escola de Teresa de Jesus», adquirem «princípios fixos»<sup>167</sup>, de maneira que «não sejam conduzidas pelo coração, que raras vezes é bom conselheiro», nem pelas «impressões sensíveis, mas pela *razão* e pela *moral*»<sup>168</sup>.

Face a uma educação errada da infância, que «procura afastar das crianças tudo o que lhes possa causar qualquer desgosto, privação, sofrimento ou sacrifício»<sup>169</sup>, a educação teresiana valoriza a frustração optimista como um meio realista e educativo e «ensina a sofrer com calma [...] os pequenos sofrimentos e contrariedades de que a infância, por mais privilegiada que seja, não se vê isenta»<sup>170</sup>.

### Dimensão Religiosa

Face a «todas as teorias ou sistemas de educação hoje em dia tão em voga, que pretendem que a Religião não há-de integrar de maneira nenhuma a formação da juventude, que não se há-de falar de Religião nem se há-de ensiná-la nas escolas, e que, por conseguinte, o ensino deve ser laico, isto é, ateu»<sup>171</sup>, a escola de Santa Teresa tem um projecto educativo cristão e teresiano: propõe-se, como objectivo último, a *identificação com Cristo* das alunas, «formando a mulher segundo o tipo e modelo [...] de Teresa de Jesus»<sup>172</sup>.

---

<sup>165</sup> Ibid.

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> CEM, em EEO III, 888.

<sup>168</sup> CEM, em EEO III, 889.

<sup>169</sup> CEM, em EEO III, 914.

<sup>170</sup> CEM, em EEO III, 914.

<sup>171</sup> CEM, em EEO III, 910.

<sup>172</sup> CEM, em EEO III, 888. E também em PE: «Se a vossa finalidade principal é regenerar o mundo educando a mulher segundo o perfeito modelo da Heroína espanhola Santa Teresa de Jesus, o vosso dever mais importante [...] é infundir o seu espírito de nobreza, dignidade, magnanimidade e virilidade nos tenros corações que o Senhor vos confiar, valendo-vos da isca do ensino para melhor o comunicar. Por essa razão, o ensino que se proporcionar em todos os colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus, deve ser, acima de tudo, católico e espanhol: tudo conforme à doutrina e espírito da Igreja e da Fidalga espanhola Santa Teresa de Jesus. Nada de ninharias, efeminismos e melindres, que afastam da pureza primitiva o nosso carácter espanhol descatolizando-o». PE, em EEO II, 233. Em vários lugares se fala da educação teresiana «católica

**B. SÍNTESE DA PEDAGOGIA TERESIANA:**

«EDUCA-SE PELA RAZÃO, PELO AMOR, PELA RELIGIÃO»<sup>173</sup>

É uma fórmula repetida ao longo dos escritos pedagógicos de Henrique de Ossó que indica que *a razão, o amor e a fé ou religião*, definem, em síntese, as finalidades, os conteúdos e os meios do Projecto Educativo da Companhia e do seu Fundador, e muito especialmente o perfil educativo das mestras.

«*Conduzi as meninas pela razão, e não por capricho ou paixão. Por amor, e não por rigor. Por sentimento e motivo religioso, e não por motivos e respeitos humanos*»<sup>174</sup>.

A fórmula não é original de Henrique de Ossó<sup>175</sup>, mas o Fundador da Companhia concentra nela a quinta essência da sua pedagogia, na medida em que exprime uma particular relação e interacção destes três componentes, como veremos.

**1. Educa-se pela razão:**

«*Conduzi as meninas pela razão,*

---

e espanhola» em contraposição à educação «laica» e «europeizante» que renega a tradição. (Prospecto de San Gervasio 1890, 1-2).

<sup>173</sup> AP, em EEO II, 776.

<sup>174</sup> MR, em EEO II, 490.

<sup>175</sup> Este tríptico perpassa a pedagogia cristã desde o humanismo renascentista: Erasmo de Rotterdam, Luis Vives e a Companhia de Jesus, Fénelon, M. Dupanloup, o P. Girard e a Sr<sup>a</sup> Nécker de Saussure, bem como muitos outros autores. Jaime BALMES termina *El Criterio* do seguinte modo: «o entendimento, submetido à verdade; a vontade, submetida à moral; as paixões, submetidas ao entendimento e à vontade, e tudo iluminado, dirigido, elevado pela religião; eis o homem completo, o homem por excelência. Nele, a razão dá luz, a imaginação pinta, o coração vivifica, a religião diviniza» *Op. cit.*, 673.

*e não por capricho ou paixão...»*

A *razão*, segundo Henrique de Ossó, é o móbil mais poderoso da vontade humana juntamente com o *amor* e a *religião*, síntese de ambos. Educar pela razão ou *conduzir pela razão e não por paixão ou capricho*, significa, na sua opinião, promover o menino e a menina à sua dignidade de pessoa. «Educa-se pela razão [...], porque o homem é um animal racional»<sup>176</sup>, isto é, porque só no exercício da sua inteligência – ao raciocinar, reflectir e julgar – se eleva a sua condição pessoal.

Não tem importância que ainda não tenham alcançado a maturidade. Pelo contrário, unicamente pelo exercício da razão proporcional à sua idade – e não pela mera imposição das coisas, nem pela actuação caprichosa e arbitraria – o menino e a menina adquirirão uma personalidade madura, o carácter moral:

«Para a ordem moral, é necessário que a razão conheça [...]. A criança reconhece que deve submeter os sentidos à razão; as paixões e desejos, ao dever; o corpo, ao espírito»<sup>177</sup>.

Portanto, a educadora teresiana exercitar-se-á mais na *persuasão* que na imposição, procurando mais *convencer* – mostrando aos seus alunos a *luz* da verdade e a *beleza* da virtude –, que *vencer* pelo temor ou pela força:

«As crianças são *racionais*, e devem ser sempre guiadas pela *razão* [...]. Na sua tenra idade, as crianças devem ser conduzidas, tanto quanto possível, como sendo já homens; isto é, pela razão, pelo amor e pela religião. O temor dura pouco, a *razão* permanece para sempre»<sup>178</sup>.

Nos AP, fala-se em educar as crianças «com um método racional e maternal» ao mesmo tempo, adaptando-se a mestra, naturalmente, à capacidade da criança, procurando e correspondendo sempre à *razão* das coisas. Partindo da *experiência* das crianças, pelo raciocínio, e proporcionando uma nova aplicação à *experiência*:

«Não repetidores, mas *observadores, pensadores* [...]. À pergunta do discípulo, siga-se sempre o *porquê* da mestra, porque com isso faz-se a *ginástica intelectual*, muito útil e de surpreendentes resultados. Não sejam lições, mas *conversas familiares ou maternas*. A criança tirará sempre, de todas as lições, um ensinamento *prático* para a sua felicidade temporal e eterna»<sup>179</sup>.

---

<sup>176</sup> AP, em EEO II, 777.

<sup>177</sup> AP, em EEO II, 753 e 756.

<sup>178</sup> AP, em EEO II, 787.

<sup>179</sup> AP, em EEO II, 751.

A formação da «*recta consciência*» é outra das preocupações fundamentais na educação racional:

«A mestra deve procurar formar a *recta consciência* das crianças, ensinando-as a *discorrer*, a *explicar* bem os princípios da moral. Isto é absolutamente essencial»<sup>180</sup>.

O Fundador da Companhia acredita que a *formação da razão* é talvez mais necessária nas meninas. Afirma-o, não só para se opor à secular tradição de abandono intelectual da mulher, mas porque partilha a opinião generalizada, apoiada em *velhos* argumentos, de que «a maior parte das mulheres não têm princípios fixos, só se guiam pelo coração, pelas impressões do momento»<sup>181</sup>. Por isso, uma grande parte das mulheres não têm critérios, não sabem decidir nem determinar-se numa direcção, pois as impressões são variáveis e diversas. «Daí deriva a variedade e a inconstância das mulheres», as quais devem ser combatidas proporcionando-lhes uma educação e uma instrução sólidas, de maneira que adquiram «princípios fixos» de actuação.

## 2. «Educa-se pela religião»:

*«Conduzi as meninas...  
por sentimento e motivo religioso,  
e não por motivos e respeitos humanos»*<sup>182</sup>.

Numa perspectiva teologal e cristã da educação, como é a de Henrique de Ossó e da Companhia, fácil será compreender que a Fé constitui, não só o conteúdo fundamental da educação e a sua finalidade última, mas que transforma a própria pedagogia. Isto é o que Henrique de Ossó quer dizer, bem como outros educadores católicos, quando afirmam que «se educa pela Religião (= fé cristã), pois está firmemente persuadido de que «a educação deve ser essencialmente religiosa [= cristã], de modo que sem religião [= fé] a verdadeira educação não é possível»<sup>183</sup>.

Em todos os escritos pedagógicos de Henrique de Ossó, está patente esta convicção, expressa com múltiplos argumentos. Onde se encontra mais sistematizada, será talvez nas *Cartas sobre a Educação da Mulher*, escritas

<sup>180</sup> AP, em EEO II, 779.

<sup>181</sup> Henrique de Ossó parece concordar com esta tese antifeminista defendida por La Bruyère, e pretende combater este defeito tipicamente feminino. Repete-o várias vezes. (Esta citação é de CEM, em EEO II, 887). Também FÉNELON, nos capítulos I e II da sua *obra*, fala da necessária instrução das jovens por estas mesmas razões.

<sup>182</sup> MR, em EEO II, 490.

<sup>183</sup> CEM, em EEO III, 889.



para combater as correntes cada vez mais difundidas do ensino *neutro, laico ou livre-pensador*<sup>184</sup>.

Lorenza explica à sua amiga Teresa a estreita relação – quase identidade – entre educação e vida cristã com as seguintes palavras:

«Porque, minha amiga, a educação e a religião não têm outro objectivo senão aperfeiçoar o homem, o homem todo. E assim como a verdadeira religião se dirige ao espírito, ao coração e aos sentidos, a verdadeira educação é aquela que cultiva, simultaneamente, o homem moral, intelectual e físico. Há, pois, uma dependência recíproca, uma real identidade entre religião e educação. Nascem da mesma fonte, correm a par uma da outra. De modo que a religião, na sua acção geral, deve ser considerada como educação da humanidade; e a educação, na sua acção particular, mais não será que a religião aplicada a cada indivíduo»<sup>185</sup>.

Para além das razões apresentadas ao tratar das Finalidades da educação teresiana, nestas *Cartas* Henrique de Ossó defende a educação religiosa, baseando-se no Princípio pedagógico fundamental – de que é preciso secundar «a natureza específica ou condição da infância» e nunca contrariá-la ou violentá-la –, princípio que procura *despertar* e desenvolver as capacidades inatas da criança. A partir deste pressuposto, o Fundador da Companhia «demonstra a necessidade de que a educação da infância seja religiosa»<sup>186</sup>:

«Há, no coração das crianças, o instinto inato, a necessidade de crer, esperar e amar, que leva a reconhecer a necessidade de a educação ser religiosa. Ai do néscio que pretendesse contrariar ou orientar mal estes instintos! [...]. Tu própria, tão observadora e conhecedora do coração dos teus filhos, com certeza já descobriste neles esse instinto, essa necessidade [...]. Por isso, repito, a Religião, e só a Religião, dá perfeitamente resposta a essa necessidade de crer, esperar e amar, e satisfaz, ao mesmo tempo, o espírito e o coração do infante»<sup>187</sup>.

Por outro lado, o que motiva a insistência neste aspecto tão óbvio para a mentalidade cristã, é o panorama educativo da altura que provoca, no mínimo, confusão e desorientação nos cristãos. No dizer de Henrique de Ossó, «as circunstâncias especiais do nosso século»:

«Hoje é mais necessário do que nunca que se eduque sobre a base sólida da Religião, porque existe *actualmente* um maior número de pessoas que não

---

<sup>184</sup> Apesar do título, a maior parte da doutrina é válida para a educação de mulheres e de varões. Das 14 cartas, as sete primeiras são uma exposição sistemática do seu pensamento e a apologia da educação religiosa face às ideias e à prática do ILE e de outras instituições livres-pensadoras que propunham uma educação moral à margem de qualquer confissão religiosa.

<sup>185</sup> CEM, em EEO III, 890.

<sup>186</sup> 4ª Carta: é Lorenza que escreve a Teresa.

<sup>187</sup> 4ª Carta, em EEO III, 896-897.

estudam, nem conhecem, nem amam, nem praticam a Religião; que vivem como se não houvesse Deus, nem paraíso, nem inferno, nem eternidade, e como se não tivessem uma alma a salvar, nem deveres a cumprir»<sup>188</sup>.

Além de combater a educação abertamente anticatólica ou ateia, a Escola de Santa Teresa opõe-se também a certas instituições educativas *laicas* que propõem uma educação moral à margem de qualquer confissão religiosa. Este é um dos temas da 6ª carta, a última dedicada a *demonstrar* a necessidade de «educar pela Religião»:

«Quero prevenir-te, amiga minha, antes de pôr fim a esta matéria, de um erro muito em voga nos nossos dias, que é o daqueles que separam a Religião da moral e que trabalham para que a educação seja moral, mas não religiosa. Encontrarás colégios, amiga minha, no estrangeiro e, infelizmente, também bastantes na nossa Espanha católica, que procuram que as suas educandas sejam muito boas sem lhes dizerem palavra sobre Religião. Deixam isso a cargo dos pais ou dos sacerdotes. Há alguns que até previnem disto mesmo nos seus prospectos»<sup>189</sup>.

«A educação moral deve, pois, ser religiosa, já que, caso contrário, será imperfeita, e os seus preceitos, ineficazes [...]; sem ideal perfeito, sem autoridade»<sup>190</sup>. Nós, cristãos, pela fé em Jesus Cristo, encontramos a *verdade* sobre Deus e sobre o homem, o *caminho* que nos leva ao Pai, a *vida* e a felicidade verdadeiras. D'Ele recebemos o convite à oração e à confiança. E pela oração e sacramentos, somos fortalecidos nas dificuldades, sustentados nas lutas, levantados nas quedas:

«A religião, ou sociedade religiosa [= a Igreja] concorre para a boa educação pela doutrina infalível, pela sua moral irrepreensível, pelos auxílios eficazes, pelas consolações verdadeiras, pelos exemplos mais perfeitos e pelo modelo perfeito, Jesus Cristo». «A religião transmite à criança as noções mais necessárias»<sup>191</sup>.

<sup>188</sup> 5ª Carta, em EEO III, 900-901.

<sup>189</sup> Está a referir-se principalmente, ou talvez exclusivamente, aos colégios do ILE. (EEO III, 904). Nos AP fala explicitamente de quatro «inimigos da boa educação»: «1. A escola laica, porque omite todo o ensino e educação religiosos. 2. A moral universal e indiferente a todo o ensino católico. 3. O cumprimento do dever pelo dever. 4. Cultivo de sentimentos e ideias sem outro objectivo que não seja o bem-estar material do indivíduo e da sociedade», EEO II, 748.

<sup>190</sup> AP, em EEO II, 753.

<sup>191</sup> AP, em EEO II, 745. A mesma ideia é várias vezes repetida nos *Apuntes*: «A educação moral tem absoluta necessidade da Religião cristã para ser perfeita; porque só a Religião cristã fala [à criança] em nome da Autoridade máxima, ou seja, de Deus, e porque lhe propõe um exemplo que possui todas as perfeições divinas e humanas, isto é, Jesus Cristo. Porque lhe oferece as mais eficazes ajudas, auxílios e consolações inefáveis. Porque a ensina e cuida da sua razão moral, do livre *arbítrio* e do sentimento moral» (EEO II, 764).

Por outro lado, na Escola de Santa Teresa, a *prática educativa e os seus métodos*, estão profundamente marcados pela pedagogia da fé: pela pedagogia que o próprio Deus introduziu na sua longa história de diálogo com o homem e, particularmente pela pedagogia do Filho feito carne, *Jesus Mestre*, de quem falámos no capítulo XI.

### 3. «Educa-se pelo amor»:

*«Conduzi as meninas...  
pelo amor, e não pelo rigor...»<sup>192</sup>.*

A pedagogia divina, na sua relação salvadora com o homem, e concretamente, a pedagogia da encarnação do Verbo, é uma pedagogia de amor incondicional. É assim que Henrique de Ossó entende a pedagogia teresiana, foi assim que a entendeu Teresa de Jesus, e dificilmente se encontrará uma pedagogia verdadeiramente cristã que possa ser entendida de outro modo.

Educa-se pelo amor. Já foi dito, e repetido, de mil maneiras. Só o amor é educativo, porque só o amor constrói a pessoa. Viemos de Deus e para Ele vamos, e Deus é amor. Deus é Pai e Mãe para nós e, com o seu amor, torna possíveis as atitudes filiais e fraternas entre os seus filhos.

Nós, adultos – educadores<sup>193</sup>, somos, para os mais pequenos, imagem da paternidade-maternidade de Deus. Assim o crê e o vive Henrique de Ossó. O sacerdote, o catequista, a educadora teresiana, para educarem em nome de Deus, hão-de ser mães, hão-de esforçar-se por terem atitudes e gestos próprios da mãe. E «a mãe atende sempre o filho com *cuidado, com amor, com sacrifício*»<sup>194</sup>.

Henrique de Ossó tem uma especial sensibilidade para as passagens bíblicas nas quais alguns homens de Deus interpretam a sua missão como *maternidade espiritual*. Já vimos que incita constantemente as irmãs da Companhia a adoptarem as atitudes *maternais* do apóstolo S. Paulo (Gl 4,19). Nos *Apontamentos de Pedagogia* refere-lhes também uma passagem do livro dos *Números* em que Javé pede a Moisés amor e entrega *de mãe* para com o Povo:

---

<sup>192</sup> MR, em EEO II, 490.

<sup>193</sup> Henrique de Ossó tem um conceito muito alargado de educador ou pedagogo. São educadores, em primeiro lugar, os pais e os mestres, os catequistas, os sacerdotes. Mas são-no também, e sobretudo, são chamados a sê-lo, todos aqueles que se preocupam com o crescimento dos outros, com a formação do próximo. Neste sentido, *ser educador* é muito mais do que uma profissão, é uma disposição ou uma atitude perante a vida, de *responsabilidade* pelos outros. Neste sentido, cabe aquela afirmação, tão sincera, que vem numa das meditações do *Devoto Josefino*: «Quem dera que fôssemos todos, cada um no seu estado, bons e perfeitos pedagogos! Quão depressa seria regenerado o mundo actual!» (EE I, 1067).

<sup>194</sup> AP, em EEO II, 746.

«Que a mestra aplique a si mesma aquelas palavras que Deus fazia ressoar continuamente aos ouvidos de Moisés, e que ressoam continuamente também no seu coração: «Leva-o ao colo como a ama leva a criança de peito» (Nm 11,12)»<sup>195</sup>.

Educar com amor significa estabelecer, com cada aluno ou aluna, uma relação verdadeiramente pessoal, na qual a própria criança possa descobrir que é verdadeiramente valiosa e amável, digna de amor; uma relação pessoal que contribua para lançar as bases da necessária auto-estima nas crianças e adolescentes; uma relação interpessoal que os ajude a descobrir a sua dignidade pessoal e a dignidade dos outros, de maneira que aprendam a respeitá-los profundamente. «S. Paulo recomendava que se instruisse com espírito de doçura»<sup>196</sup>, com amabilidade e simpatia, com afabilidade. Henrique de Ossó, que conhece o coração humano, tem uma convicção que talvez seja o segredo do seu carisma de mestre e educador:

«O coração humano quer ser tratado deste modo [cordialmente]; e não se pode ganhá-lo senão lidando com ele doce e cordialmente [...]. Se os adultos não se ganham senão com amor, com muito mais razão as crianças»<sup>197</sup>.

É um princípio antropológico e psicológico elementar, do qual deriva uma atitude educativa imprescindível. No *Guia Prático do Catequista*, dedica várias páginas a persuadir os catequistas e a formá-los em ordem a esta atitude<sup>198</sup>, apontando razões que depois repetirá às irmãs da Companhia. É essencial que o educador cristão e a educadora teresiana «ganhem o coração das crianças e se façam amar por elas. [E] não se consegue ser amado senão amando com um amor cheio de doçura»<sup>199</sup>.

Já nesta obra escrita na juventude, aposta no *amor* pedagógico contra o *rigor*, argumentando em termos que fazem lembrar o *sistema preventivo*, numa época em que era bastante frequente o *sistema repressivo*, mesmo na catequese, como podemos verificar no *Guia*. Em nenhum dos outros escritos de Henrique de Ossó encontramos uma enumeração tão pormenorizada das atitudes *erradas* que o verdadeiro educador deve evitar:

---

<sup>195</sup> AP, em EEO II, 746. Na realidade, aqui é o próprio Moisés, que está a interceder pelo Povo pecador, que desabafa com Javé e lhe recorda que é Ele, Javé – e não Moisés – o verdadeiro Pai-Mãe do Povo: «Acaso fui eu que concebi todo este povo? Fui eu que o dei à luz para me dizeres: «leva-o ao colo [...]»? Eu sozinho não consigo suportar todo este povo, porque é demasiado pesado para mim» (Nm 11,12.14).

<sup>196</sup> GC, em EEO I, 101.

<sup>197</sup> Di-lo em GC (EEO I, 101), mas repete-o muitas vezes ao longo da vida.

<sup>198</sup> Cf. EEO I, 101-103.

<sup>199</sup> CG, em EEO I, 101.

«A *doçura* da caridade é a *chave* dos corações, é ela que os abre, é o seu *imã*. O *rigor* intimida-os e perturba-os. A *dureza* afasta-os. O *tom severo*, o *ar tristonho*, os *modos ásperos*, o *mau humor*, as *expressões duras*, os termos *injuriosos ou irónicos*, e mais ainda, os *maus tratos*, fazem-nos perder a confiança [...]. Tudo se perde, pois, se faltar a *doçura*, e se se pretender fazer-se respeitar mandando *em tom imperioso*, repreendendo *com aspereza*, *aborrecendo-se* com qualquer coisa, engana-se, pois o que apenas consegue é *tornar-se aborrecido*»<sup>200</sup>.

Desde o princípio que forma as educadoras teresianas neste espírito evangélico de amor cordial e amável:

«Um dos principais cuidados ou disposições que devem ter para alcançarem a finalidade da Companhia, é *ganhar o coração e a confiança* das meninas que educam»<sup>201</sup>.

Amabilidade que não é «frouxa condescendência que adula os defeitos das crianças», nem consiste em ceder a «tudo o que lhes agrada», nem em «conceder-[lhes] tudo o que pedem»<sup>202</sup>, mas em procurar desinteressadamente o seu maior bem, numa relação de respeito e amor profundo, que se manifesta de muitos modos:

«*Amai* as meninas de [todo o] coração e *respeitai-as*»<sup>203</sup>. «*Inclinando-as* para o bem, *animando* os seus pequenos esforços, *desculpando* com caridade, às vezes, os seus defeitos, e *não fazendo distinção* entre elas»<sup>204</sup>.

O Fundador da Companhia considera que não seria suficiente que as irmãs amassem as meninas e as crianças tão *em abstracto ou tão espiritualmente*, que não lhes dessem provas desse amor. Na relação educativa, também não bastaria um afecto natural, que surge naturalmente para com as pessoas mais atraentes. O amor educativo da Companhia é um amor de *cháritas* (*agape*), encarnado, verdadeiramente humano, que é tangível, palpável, concreto, real, e que *ganha o coração* da pessoa amada:

«O facto de as vossas alunas verem que as suas professoras são justas, ajudar-vos-á a cativar-lhes o amor e o respeito. [...] Não se deixem levar pela paixão no trato e correcção, não façam acepção de pessoas nem façam odiosas distinções»<sup>205</sup>.

---

<sup>200</sup> GC, em EEO I, 102.

<sup>201</sup> PE, em EEO II, 249.

<sup>202</sup> São expressões de Henrique de Ossó em GC, em EEO I, 102.

<sup>203</sup> MR, em EEO II, 489.

<sup>204</sup> PE, em EEO II, 249.

<sup>205</sup> MR, em EEO II, 489.

No *Plano de Estudos*, Henrique de Ossó indica duas chaves deste amor pedagógico *real e atraente*, que *ganha os corações* das alunas e das crianças:

«Não será difícil consegui-lo se agirem com *espírito de fé* e lhes mostrarem um *amor doce, compassivo e terno*»<sup>206</sup>.

O mesmo critério duplo volta a aparecer no *Meu Regulamento*:

«Agir com *espírito de fé* e *mostrar-lhes amor e interesse* pelo seu bem-estar e felicidade, provando-o com obras, é o melhor meio para lhes ganhar o coração e para conciliar esse amor com a autoridade e o respeito»<sup>207</sup>.

Ganhar o coração das crianças pelo amor e pela cordialidade, favorece as relações educativas e facilita, à mestra, a sua missão de *guia* – insubstituível serviço de autoridade – de cada criança e do grupo:

«Se ganhades o coração e a confiança das vossas discípulas, tudo conseguireis *com suavidade*»<sup>208</sup>.

Fazendo suas a intuição e, inclusivamente, as palavras de Teresa de Jesus, Henrique de Ossó chama a atenção das irmãs para a relação que existe entre *ser amáveis* e *amadas* por alunos e alunas, e o necessário exercício da autoridade como educadoras, facilitando, com a sua «*autoritas*» a obediência de meninas e meninos. Repete, pois, em todos os escritos pedagógicos:

«Procure ser amada [sobretudo pelas suas crianças], para ser obedecida, suave, alegre, prontamente»<sup>209</sup>.

O amor pedagógico, tal como ficou definido, é que confere crédito, credibilidade, «*autoritas*» à educadora, e manifesta-se na harmonia entre «autoridade e doçura», síntese difícil, que só pode conseguir-se com disposições verdadeiramente educativas:

«Respeito e amor pelas meninas, ou seja, *amor respeitoso* e *respeito amoroso*, pela vossa autoridade e doçura. São estas as duas qualidades pelas quais as Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus hão-de sobressair. Sem elas, repetimos, nada fareis de proveitoso, retirai-vos do ensino»<sup>210</sup>.

---

<sup>206</sup> PE, em EEO II, 249.

<sup>207</sup> MR, em EEO II, 490.

<sup>208</sup> MR, em EEO II, 490.

<sup>209</sup> AP, em EEO II, 746. A exacta expressão de Teresa de Jesus, é a seguinte: «Procure ser amada [a superiora] para que seja obedecida». Constituições 9,1.

<sup>210</sup> MR, em EEO II, 489.

Henrique de Ossó insiste na importância de cultivar uma atitude de autêntico *respeito* pela pessoa, fruto do amor e da razão, atitude equilibrada de quem não se deixa levar, nem pela paixão, nem pelos próprios interesses, mas que tem em vista unicamente o bem das alunas:

«Para juntar e irmanar o amor com o respeito, a autoridade com a doçura, amai de [todo o] coração as meninas e respeitai-as [...]. O que a professora semear, isso recolherá»<sup>211</sup>.

Os AP afirmam que o sentido educativo de uma autoridade amável e cordial, ao mesmo tempo, sempre flexível e desprendida, será o melhor modo de aplicar o «*Supremo princípio directivo da educação*»:

«Organizai tudo para que a criança se prepare devidamente para ser um verdadeiro homem, *harmonizando* a autoridade de mestra com a liberdade das crianças; isto é, que a mestra concilie um *amor respeitoso com um respeito amoroso*»<sup>212</sup>.

E noutro lugar, indica como primeiro «*Corolário*» deste supremo princípio directivo:

«Daqui se segue que, para aplicar bem este método, a mestra deva, sobretudo, *harmonizar* a autoridade com a liberdade da criança»<sup>213</sup>.

É a atitude educativa de quem não se busca a si mesma e que, portanto, não degenera, nem em autoritarismo, nem em manipulação:

«Repetimos, pois, que as irmãs que melhor souberem conciliar e granjear amor respeitoso e respeito amoroso, serão as melhores Professoras da Companhia de Santa Teresa de Jesus. [Porém], não procureis que as meninas vos amem a vós, mas a Deus, pois naquele caso, seria um roubo imperdoável. Dirigi, com pureza de intenção, todas as vontades e corações e amores para Deus, que os comprou com o seu sangue»<sup>214</sup>.

E previne ainda as irmãs de dois riscos frequentes que correm aquelas que principiam a ensinar: um amor mal entendido, sem respeito, que não educa; e um falso respeito, que provoca distância e temor nas alunas:

---

<sup>211</sup> Ibid.

<sup>212</sup> AP, em EEO II, 775.

<sup>213</sup> AP, em EEO II, 778. O texto completo diz o seguinte: «Todas as leis de educar estão subordinadas a um *supremo princípio directivo* que, baseando-se na natureza da criança, se formula assim: Seguir e cooperar com o desenvolvimento natural da criança, para a conduzir a que chegue a ser um verdadeiro homem».

<sup>214</sup> MR, em EEO II, 490.

«Nunca será boa professora da Companhia de Santa Teresa de Jesus a irmã que não souber conciliar o amor com o respeito pelas alunas. Amor sem respeito leva à familiaridade e ao desprezo. Respeito sem amor, gera temor e receio, fecha o coração, e impede que se conheçam e se curem os seus males»<sup>215</sup>.

As orientações que recebem as *Professoras de meninas e jovens* e as *Educadoras da Infância*, bem como as responsáveis dos *Pensionatos e Internatos da Companhia*, acerca da maneira de proceder com as alunas e crianças, são todas coerentes com os princípios da *educação preventiva*, tal como a explicámos. A importância de conhecer cada aluno e aluna nos seus aspectos e circunstâncias concretas; a ajuda que deve ser prestada às crianças para que se conheçam a si mesmas e possam, dessa maneira, *trabalhar-se*; a atitude vigilante e atenta que as irmãs hão-de ter sem nunca deixarem as crianças sozinhas; os métodos de emulação, inspirados pela razão e pelo amor; a limitação dos castigos a casos verdadeiramente excepcionais, sempre com uma atitude racional, serena e positiva, sem que haja ambiguidade nas motivações<sup>216</sup>.

Terminamos repetindo o lema pedagógico, síntese expressiva da atitude educadora que procurámos descrever:

«*Conduzirão* as suas alunas pela razão, pelo amor e pela religião, os três mais poderosos recursos para mover a vontade humana»<sup>217</sup>.

Razão e Amor são os dois braços do Espírito<sup>218</sup> que trabalha suavemente no espírito do menino e da menina, *despertando* neles a razão e o amor até alcançarem a liberdade, a liberdade dos filhos de Deus.

<sup>215</sup> MR, em EEO II, 489.

<sup>216</sup> A citação prossegue: «... Se for necessário repreender ou castigar, o que algumas vezes sucederá, façam-no com prudência misturada com discricção e firmeza, fazendo que as culpadas e as que estiverem presentes, confessem previamente que o castigo é justo [...]; que se persuadam de que são castigadas só para seu bem, não por paixão; e que se amam mais ainda, ou igualmente, quando são castigadas e quando são premiadas e acarinhadas. Nunca empreguem palavras injuriosas ou de desprezo nos castigos e correccões. Que o castigo seja proporcional à falta [...]. Só castiguem mostrando desgosto e depois de terem esgotado os recursos ou meios de doçura e caridade» (PE, em EEO II, 249-250).

O que nestas páginas se diz a respeito dos castigos, continua hoje a ter interesse. É interessante compará-lo com o sector dedicado aos «castigos e correccões» de MR, que se refere exclusivamente às meninas (EEO II, 409-491) e com o que dizem os AP sobre «castigos e correccões» das crianças (EEO II, 787-788).

<sup>217</sup> PE, em EEO II, 249. Também nas Constituições aparece a fórmula, pelo menos duas vezes. Num contexto em que se fala de «inculcar virtudes» nas meninas, conclui-se assim: «*Numa palavra, procurem, por todos os motivos de religião, amor e razão*, que as alunas dos Colégios de Santa Teresa de Jesus [...] se distingam, entre todas as meninas que não frequentarem os Colégios da Seráfica Doutora, pela sua *modéstia, sólida instrução, modos atentos, virtude e letras*». (O mesmo texto consta da 2ª P Constituições 1889 e do *Complemento* em EEO II, 372 e 317-318).



*Preparar essa terra, trabalhá-la, facilitando a acção do Espírito, é a missão da educadora teresiana. «Ajudar, por todos os meios, a «formar Jesus na sua inteligência pela instrução, e no seu coração pela educação»<sup>219</sup>.*

---

<sup>218</sup> Definimos a vida cristã como *vida em Cristo* ou *vida no Espírito*. Educar «pela religião» ou na fé, significa *facilitar* a acção do Espírito no íntimo da pessoa. Amor, razão e liberdade, são três dimensões da pessoa que a identificam na sua dignidade.

<sup>219</sup> MR, em EEO II, 487.



## POSIÇÕES APOSTÓLICAS DE FRONTEIRA

### 1. Critérios de Fundação

«Os horizontes da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser vastos *sempre e em todas as coisas*, e o seu resultado prático, o *maior aumento dos Interesses* de Jesus em qualquer parte»<sup>1</sup>. Este foi, desde o princípio, o critério de actuação na Companhia, tal como estava formulado no *Sumário das Constituições* de 1882.

A partir do verão de 1879, em que as primeiras irmãs obtiveram os primeiros diplomas oficiais de mestras, começam a chover pedidos de fundações da Companhia vindos de todos os pontos da Catalunha e, depois, de outros lugares da península e do estrangeiro. Não é possível atender a tantas solicitações de párocos, corporações ou associações de que vão tendo conhecimento as *mestras de Santa Teresa de Jesus*. Aonde acorrer e aonde não? Impõe-se um discernimento. Com liberdade de espírito, o Fundador dialoga com a *Irmã Superiora* e com as outras responsáveis, procurando sempre os *Interesses de Jesus*.

Cresce, no Fundador, a preocupação com a falta de cultura da maior parte dos católicos<sup>2</sup>, e de fé pessoalmente assumida, sobretudo ao verificar que aumentam em Espanha as chamadas *Escolas especiais* para a instrução de filhos de pais não católicos<sup>3</sup>, mas que, pouco a pouco, vão minando a fé do povo inculto. Já vimos que uma das aspirações da Companhia era combater os efeitos negativos destas escolas *do erro e da corrupção*, como consta do Capítulo do Zelo do *Sumário das Constituições*:

---

<sup>1</sup> SC, em EEO II, 14.

<sup>2</sup> Em vários dos seus artigos de 1878, fala deste assunto para despertar a consciência e o compromisso dos cristãos mais bem preparados. Num destes artigos lamenta-se, além disso, do modo ignóbil como muitas mestras contrárias à fé conseguem o diploma oficial (Cf. EEO III, 843).

<sup>3</sup> Em 1877, e de acordo com o Artigo 11º da *Constituição de 1876*, que falava da tolerância religiosa, o Conde de Torino apresentou umas *Bases para uma Lei de Instrução Pública*, na qual falava da criação de *Escolas Especiais* para a instrução e educação de filhos de pais dissidentes da fé católica. Os Bispos não tardaram a censurar estas bases, «incompatíveis» com a Concordata. Felizmente, pudemos ler esta *Exposição*, assinada a 8 de Março de 1878 pelo Arcebispo de Granada e dirigida às Cortes espanholas. O Director da RT publicou-a quase na íntegra, comentando algumas partes (RT Abril 1878, em EEO III, 852-858).

«... A Companhia de Santa Teresa de Jesus foi fundada para se opor ao protestantismo e ao racionalismo que, com as suas escolas de perdição e sem Deus, trabalham para arrancar as almas do seio da Igreja católica; e corrompendo a mulher desde a infância, pretendem corromper por completo a sociedade cristã, sem esperança de remédio ou salvação»<sup>4</sup>.

A educação teresiana pretende contrariar esta influência, educando nos valores do humanismo cristão que Teresa de Jesus viveu e soube comunicar nos seus escritos. Precisamente nesta chave, fala-se da *disponibilidade apostólica* que há-de caracterizar o Instituto e cada uma das irmãs da Companhia «com a finalidade de promover os Interesses de Jesus e sua Teresa com a maior extensão possível em qualquer parte do mundo e *em especial nos lugares onde maior perigo correrem estes divinos interesses*»<sup>5</sup>.

Em 1882, quando foram publicadas as primeiras Constituições, existem já na Companhia algumas posições de *vanguarda ou fronteira*, «pequenas, mas fortes divisões ou destacamentos ou residências»<sup>6</sup> que vivem em situações muito precárias, para onde foram unicamente movidas *por serem lugares de grave perigo* para os interesses de Jesus.

Estas novas presenças fronteiriças foram aumentando nos anos posteriores a 1882, como veremos através das cartas. Aberto aos sinais socio-eclésiasticos daquela época, o próprio Henrique de Ossó, à medida que a Companhia ia dando respostas concretas, foi tomando consciência, progressivamente, da missão da Companhia *ao serviço da fé e da educação cristã* num dos períodos especialmente críticos para o povo. A existência precoce destas fundações e a consciência da necessidade de outras novas, justifica a ampliação que se produziu na tipologia de obras apostólicas da Companhia, tal como aparece na 2ª edição das Constituições de 1889. Comparando-as com as de 1882, observamos que, ao princípio, se pensou unicamente em obras de «auto-manutenção». Porém, a força da realidade e da necessidade, modificaram o marco teórico, e a Companhia abriu-se a novas possibilidades:

«As fundações dos Colégios devem fazer-se com renda ou sem renda, depondo as irmãs toda a sua confiança na divina Providência que jamais deixa o justo abandonado, nem a sua descendência mendigando

---

<sup>4</sup> SC, em EEO II, 62. Na redacção de 1888, depois da experiência das escolas do ILE, acrescenta: «escolas laicas de perdição, sem Deus, ou antes, contra Deus». (EEO II, 63).

<sup>5</sup> SC, em EEO II, 68.

<sup>6</sup> As Constituições dizem: «Se o perigo for grave, as da Companhia que o Prelado designar, irão ocupar esse lugar de honra, sem pedirem coisa alguma para a sua manutenção e instalação, nem fazer reparos às suas ordens que dificultem ou retardem a sua execução». (SC, em EEO II, 68).

um pedaço de pão. Era esta a regra que Santa Teresa de Jesus observava nas suas fundações, por conselho do Senhor...»<sup>7</sup>.

O critério da escolha do campo apostólico continua a ser o mesmo. A novidade está em ter descoberto os lugares concretos onde correm especial perigo os interesses de Jesus, de maneira que se multiplicam as modalidades de fundações possíveis:

«[...] *sem renda*, será quando os interesses de Jesus correrem perigo grave. Então as irmãs da Companhia devem ir *sem saco, sem alforge, unicamente confiadas*, como diz a Constituição 60, na divina *Providência*, que dá com abundância aquilo de que necessitam para viver a todos os que procuram em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça em toda a parte»<sup>8</sup>.

## 2. Uma opção significativa dos princípios: a Vila de Gracia

A vida precede a norma, neste como em tantos outros casos. Por isso, o que as Constituições prescrevem na 2ª Parte, já fora experimentado quando se publicam novamente em 1889. Dispomos de documentação suficiente para fazermos uma ideia bastante aproximada do que foram as primeiras fundações. Para além das Actas de fundação e de outros documentos arquivados nessas casas, a *Revista Teresiana* publica pontualmente os relatos de fundação e outros documentos significativos, mas as cartas pessoais do Fundador dirigidas às irmãs, é que hoje nos falam, de uma maneira mais directa, sem figuras de retórica, da vida daquelas comunidades apostólicas. Através das cartas, temos conhecimento, não só das fundações que se fizeram, mas também daquelas que ficaram pelo caminho por causas diversas.

A presença da Companhia de Santa Teresa de Jesus na Vila de Gracia, desde Julho de 1880, exemplifica um tipo de fundação estratégica *que cumpriu, então, de maneira especial, a finalidade para a qual nasceu a Companhia*. É o que hoje chamaríamos missão de *fronteira*.

Através das cartas de 1880-1882 e de alguns excertos da RT, podemos *entrever*, sem mediações narrativas, aquela realidade concreta. À maneira de flash ou em breves sequências, os parágrafos seleccionados oferecem-nos, *em directo*, a génese, o nascimento, os rápidos progressos apostólicos da Companhia na Vila de Gracia, bem como as dificuldades que acompanharam todas as etapas.

### ANO de 1880

---

<sup>7</sup> «*Advertencias para la fundación de Colegios de la Compañía*». (Em 2ª PC: EEO II, 376-377 = Complemento, em EEO II, 320-321).

<sup>8</sup> *Ibid.*

Desde finais de 1879 que a Companhia está em Barcelona. Um grupo pequeno de irmãs prepara-se intensamente para ensinar, sobretudo em várias Escolas infantis. Vivem num modesto andar de estudantes<sup>9</sup>. Na casa Colégio de Jesús-Tortosa, ainda em construção, há um bom grupo de educandas. Em duas pequenas povoações de Tarragona (Vilallonga e Aleixar) funcionam já dois pequenos colégios da Companhia. Em Dezembro, foi fundada uma pequena Escola primária em Rodá de Bará, e outra escola infantil, em Maella (Zaragoza). E agora, nos primeiros dias do ano, começam a chegar ofertas e pedidos de diversos pontos da Catalunha: Figuerola, Valls, San Carlos de Rápita, Barcelona capital, além de Gracia. Vejamos o que a Companhia e o seu Fundador «têm entre mãos» entre 1880 e 1882.

No mês de Março, Henrique de Ossó escreve a Dolores Llorach, irmã superiora do andar de estudantes de Barcelona, para a informar de uma possível fundação na Vila de Gracia, e para a implicar na negociação das condições do contrato, que teriam que se ajustar às necessidades de manutenção das irmãs:

«De Gracia escreve-me Montserrat, que também quereria que nos encarregássemos do seu colégio, ou seja, do Centro Católico de Gracia. Escrevo-lhe hoje, e pode ser que te faça uma visita. As condições, pergunta-lhas tu. Eu só lhe direi, de uma maneira geral, que desde que as mantenham e vistam, irão para lá três irmãs, se Deus quiser. Creio que serão precisos uns 25 ou 30 duros por mês para as irmãs. Vê tu se concordam com isso, ou quanto prometem»<sup>10</sup>.

As negociações prosseguiram, a julgar por uma carta a D<sup>a</sup> Teresa Plá, que informa e consulta sobre o projecto, cinco dias depois:

«Querem que vamos para Gracia fundar ou encarregar-nos de um colégio que está pertinho do dos protestantes. Oferecem-nos 30 duros por mês e casa sem encargos. Que te parece?»<sup>11</sup>.

Outra carta, de 5 de Abril, a Teresa Plá que está em Tarragona, dá contas da actividade e mobilidade da Companhia nesse período:

«A irmã Teresa Guillamón, ajudante, vai para Roda [...]. Temos tudo tratado para a fundação de um colégio maior em S. Carlos de la Rápita [...]. Para o de Valls está também tudo tratado [...]. De Gracia, espero carta de um dia para o outro. Em Maio, teremos tudo tratado, com o favor de Deus. Conforme o Sr. Bispo»<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Primeiro em Ramalleras 20, 1º, 1º, e desde Maio de 1880, em Frenerías 14.

<sup>10</sup> Jesús, 23/3/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,88).

<sup>11</sup> Jesús, 27/3/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,15).

<sup>12</sup> Tortosa, 5/4/80. (Ed. N.º 126, original em AGSTJ, E. Vol. 4,39).

No dia 3 de Maio, o contrato está praticamente concluído. Di-lo o Fundador a Saturnina:

«... Vi os de Gracia e está quase tudo tratado quanto a essa fundação...»<sup>13</sup>.

Mas algum forte contratempo deve então ter surgido, pois não só se atrasou a fundação, como nas datas previstas começaram as grandes hesitações e dúvidas:

28 de Maio, a Dolores Llorach:

«Sobretudo, não vos esqueçais de Gracia, falando com o pároco de Santa Maria, e se for conveniente, fazendo uma visita, no domingo, ao Sr. Segarra, que é o presidente. Vede se podem aumentar mais a dotação, pois assim não dá para viver...»<sup>14</sup>.

2 de Junho, à sua «afлита Dolores»:

«Falei com o Sr. Bispo. Gracia foi aceite, mas que vos arranjem bem a casa antes de vos instalardes [...]. No caso de não poderem sequer dar mais 4 duros para a ajudante, aceitai-o por 12...»<sup>15</sup>.

8 de Junho, a Teresa Plá:

«Ontem regressámos de S. Carlos. Muito bem, a fundação [...]. De Gracia só querem ou só podem dar 12 duros por mês. Ficariam num terceiro andar e com outra gente não santa. Que faremos? Não sei se o aceitamos ou não, pois como há protestantes, custa-me deixá-lo, pois *cumpra a principal finalidade do nosso Instituto*»<sup>16</sup>.

10 de Junho à sua filha Dolores:

«Quanto a Gracia, deixai-o por agora [...]. Muita oração para acertar e não prejudicar os Interesses de Jesus»<sup>17</sup>.

E por fim:

A 18 de Junho, decide-se, numa carta a Dolores Llorach:

«Bem vejo que são muito poucas as tuas aflições e provas! Mas lembra-te, minha filha, que te meteste a fundadora, e animar-te-ás e consolar-te-ás. Lê as fundações da nossa santa Madre e aí verás aflições ainda maiores [...] Quanto a Gracia, não o deixaremos, quer nos entendamos com os do Centro, quer não. Foi a fundação mais desejada.

Tendo escrito o que precede, recebo a tua. Aceita Gracia com o novo andar. Assim, creio que deveríeis deixar o de Barcelona [...]. Mas de qualquer modo, aceitai Gracia. O Sr. Bispo já sabe»<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Barcelona, 3/5/80. (Ed. Nº 130, original em AGSTJ, E. Vol. 2,135).

<sup>14</sup> Jesús, 28/5/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,78).

<sup>15</sup> Tortosa, 2/6/80 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 14,59).

<sup>16</sup> Jesús, 8/6/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,15).

<sup>17</sup> Tortosa, 10/6/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 14,92).

<sup>18</sup> Tortosa, 18/6/80. (Ed. Nº 137, original em AGSTJ, E. Vol. 14,91).

A partir deste momento, começam os trâmites para a fundação da Companhia na vila de Gracia, numa situação verdadeiramente difícil do ponto de vista económico. Tudo são despesas. Livros, estudos, direitos a exames, viagens, os diplomas das irmãs, a instalação das aulas e as comunidades em tantas fundações sucessivas ou até concomitantes. As entradas económicas são escassas e não cobrem todas as necessidades desta nova Instituição que, além disso, está a construir a casa de Formação em Jesús de Tortosa. O Fundador, com o sentido prático que o caracteriza, tem que fazer de administrador e gestor financeiro. Pede ajuda aos leitores da *Revista*, mas não bastam e vê-se obrigado a recorrer a empréstimos.

Em finais de Junho, escreve novamente a Dolores Llorach, a quem entregara a preparação da fundação de Gracia, e fala-lhe dos apuros económicos por que estão a passar:

«Espero [ir aí] antes do fim do mês. Diz às de Sarriá e Gracia e a quem for conveniente. [...]. Se alguma boa alma quisesse adiantar-nos 500 ou mil duros, assinaríamos um documento de pagamento a prazo [...] a 5% e assim sairíamos de todos os apuros por muito tempo, ou talvez para sempre. Quanto ao andar de Gracia e à escola, suponho que terás tratado de tudo»<sup>19</sup>.

Antes do final do mês de Junho, anuncia a Rosario Elíes a fundação de Gracia:

«Hei-de ir a Gracia para a nova fundação das Irmãs. De regresso, passarei por aí, se Deus quiser, e confio que será em breve»<sup>20</sup>.

Nos primeiros dias de Julho, antes de sair de Barcelona para descansar uns dias, Dolores recebe as últimas instruções sobre esta fundação, que se projecta para o dia de S. Tiago:

«Em Roda, descansa, e sai todos os dias a passear um bocadinho. Despede-te do Sr. Cónego [...]. A Montserrat diz-lhe que, para o dia de S. Jaime, ficará por nossa conta a escola que dirige»<sup>21</sup>.

Contudo, em meados de Julho, não estão nomeadas as irmãs para a nova comunidade de Gracia, mas estão claras, isso sim, as qualidades das candidatas. Consulta Teresa Plá que está em Aleixar:

---

<sup>19</sup> Tarragona, 20/6/80. (Ed. Nº 138, original em AGSTJ, E. Vol. 13,75).

<sup>20</sup> Tortosa, 26/6/80. (Ed. Nº 140, original em AGSTJ, E. Vol. 9,34).

<sup>21</sup> Tarragona, 2/7/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,80).



«... Reservado: quem julgas mais a propósito para a residência de Gracia? Hão-de ser varonis e espertas»<sup>22</sup>.

A RT de Julho anuncia a nova fundação, dá informações sobre as suas características, pede orações aos leitores por esta obra, tão do agrado da Santa:

«Está combinado que, no dia de S. Tiago, a Companhia de Santa Teresa de Jesus tome posse de uma escola católica na importante vila de Gracia, onde o protestantismo conta com muitos prosélitos, pois é talvez a zona de Espanha que tem sido mais trabalhada por estas seitas de perdição.

O protestantismo conta com algumas escolas na referida vila, e perto de uma escola protestante de meninas, vai ser hasteada a bandeira de Viva Jesus! da Companhia de Santa Teresa. Rogamos a todos os nossos amigos e a todos os que se interessam por esta obra de zelo, que rezem com fervor nesse dia, a fim de que desçam as bênçãos do céu sobre a nova residência e colégio, talvez o mais importante de todos os que até agora fundámos.

Se Santa Teresa de Jesus fundou a sua Reforma principalmente para remediar os danos que os luteranos causavam à Igreja católica, hoje suscitou esta nova milícia feminina para se opor, com os seus ensinamentos, às escolas de perdição que [...] corrompem a infância»<sup>23</sup>.

Tal como estava previsto, no dia de S. Tiago foi a tomada de posse do Colégio. No dia seguinte, numa carta de síntese, o Fundador comunica-o às educandas de Jesús. Tal como na notícia de Julho, também nesta fica clara a finalidade e os meios da Companhia e a necessidade da oração para sustentar a obra apostólica. A oportunidade da fundação neste lugar *de fronteira* onde são quase 40.000 as pessoas que *não conhecem Jesus*. O balanço da assistência no primeiro dia de *apostolado do ensino* e as perspectivas são esperanças:

«Glória a Jesus e à sua Teresa! Já temos outra residência onde se dá a conhecer e a amar Jesus [...].

Ontem, dia do Apóstolo S. Tiago, Padroeiro de Espanha juntamente com a nossa Santa, tomaram posse do colégio as Irmãs da Companhia. Assistiram ao acto o Sr. Pároco de Jesus Maria, o de S. José, o P. Casiano, mais três sacerdotes, o presidente da Junta e um Vogal. De manhã, receberam a Primeira Comunhão e comungaram das minhas mãos cerca de 40 meninas do Colégio, tendo-lhes feito uma prática preparatória. Hoje começaram o apostolado do ensino e vieram 80 meninas, e à noite mais 40. São muito dóceis, apesar de algumas, pobrezitas, serem de pais muito maus, que não conhecem quem é Jesus. Por agora, estão a ensinar D<sup>a</sup> Teresa Plá, D<sup>a</sup> Dolores Llorach, D<sup>a</sup> María Fortanet e D<sup>a</sup> Lucía Caire. Rezaí para que Jesus e sua Teresa abençoem esta residência, a mais necessitada

---

<sup>22</sup> San Carlos, 19/7/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 4,40).

<sup>23</sup> RT Julho 1880, 260.

da protecção do céu, pois há aqui mais de 40 000 almas, e poucas são as que conhecem e amam Jesus. Há muitas meninas nas escolas protestantes e não havemos de parar até voltar a trazê-las todas ao seu legítimo Pastor, Cristo Jesus»<sup>24</sup>.

Alguns dias depois, informa também as irmãs de Villalonga e implica-as, pela oração, nesta obra que é de todas:

«Já temos a fundação de Gracia. Glória a Jesus e sua Teresa! Têm 120 meninas e o número vai aumentando. As irmãs, contentíssimas, ao verem que há ali tanto que trabalhar. Há 40.000 almas e Jesus quase não é conhecido. Rezai para que as abençoe. Estão lá D<sup>a</sup> Teresa Plá, Llorach, Fortanet, Lucía Caire e Carmen Pujol».

Nos primeiros dias de Agosto, uma nova carta a Saturnina, que vive em Jesús:

«Cheguei hoje de Vich [...]. Hoje obtivemos 2.750 duros que nos empresta um devotíssimo teresiano, e assim sairemos de apuros para sempre (confio), com o auxílio de Jesus e sua Teresa. Pagamos tudo o que devíamos aqui (Barna), em Tarragona, e confio que aí também. E assim ficaremos a dever só a uma pessoa. Comprámos algumas peças de tecido para alvas, amitos, purificadores, toalhas, sobrepelizes, etc. Pagámos a custódia, que é lindíssima; comprámos duas peças de pano para capas e lençóis, que nos pediram, e duas para colchas, etc., etc.

Creio que tudo foi disposto pelo Senhor por termos aceitado Gracia puramente pela sua honra, pois temos de perder 10 duros por mês, dada a parca dotação. Porém, que importa? Ali há campo para tornar Jesus conhecido e amado, e isso basta.

*Já temos oito meninas que iam aos protestantes e espiritas*, que nem sequer sabiam benzer-se, e há mais seis que depois teremos também, e por este andar, creio que vamos cantar completa vitória sobre Satanás. Diz a essas pequenas que rezem muito com este objectivo. As Irmãs Lucía e Fortanet não conseguem compreender como há no mundo tanta ignorância e perversão. São já mais de 150 as jovens que frequentam a escola de Santa Teresa de Jesus, e a Santa do nosso coração vai cantar vitória dos nossos inimigos. Já começaram a insultá-las na rua, mas como ainda não são suficientemente boas, não mereceram ser apedrejadas. Tudo vai andando, se Deus quiser. Rezai. Minhas filhas, rezai; e nada receeis. Se Deus está connosco, quem contra nós?»<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Gracia, 27/7/80. (Ed. N° 142, original em AGSTJ, E. Vol. 10,96).

<sup>25</sup> Barcelona, 3/8/80. (Ed. N° 141, original em AGSTJ, E. Vol. 4,112). Embora o autógrafa tenha, muito nitidamente, a data de Julho, pela análise do texto e comparação com outras cartas, podemos afirmar que é um erro de ortografia e que foi escrita em Barcelona a 3 de Agosto. O sublinhado é seu.

A carta dá uma ideia cabal do perfil de Henrique de Ossó nesta situação entusiasta, carácter teresiano que também as suas filhas não-de possuir. Dívidas e empréstimos a prazo fixo, compras de todo o género e facturas pagas, por um lado. Plena confiança em Deus, generosidade sem limites e abandono à Providência, oração e mais oração, por outro. Alegria na perseguição por causa do Reino.

No dia 7 de Agosto repete a M<sup>a</sup> Cinta Talarn o mesmo balanço:

«Temos em Gracia um campo imenso *para difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus e sua Teresa* [...] ensinando 150 meninas, a maior parte de pais descuidados. Já recuperaram para Jesus 8 meninas que iam aos protestantes»<sup>26</sup>.

A RT de Agosto publica a crónica de Fundação. Uma informação pormenorizada dos factos e do espírito da obra, tão de acordo com o carisma do Instituto<sup>27</sup>. É o próprio Henrique de Ossó que informa os leitores teresianos, tornando-os participantes, como convém, *desta missão* que não é sua, mas de *Jesus e Teresa*:

«Ajudem-nos os nossos leitores, com as suas orações e esmolas, a sustentar esta obra de zelo, chamada a colmatar uma grande necessidade do século actual»<sup>28</sup>.

A situação socio-religiosa da vila de Gracia está bem descrita na crónica. Ela justifica a *opção preferencial* que a Companhia fez por *esta missão de fronteira*:

«Esta fundação de Gracia é mais necessitada de graças do céu que nenhuma outra. Cerca de 40 000 almas conta esta vila, a segunda da Catalunha pela sua população. Mas entre tantos milhares de almas, quão poucos há que tenham zelo pelos interesses de Jesus! quantos que não conhecem Jesus! quantos, pelo

<sup>26</sup> Tarragona, 7/8/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,71).

<sup>27</sup> RT Agosto 1880, 286-288. É interessante ler toda a crónica. Transcrevemos algumas expressões, dado o seu interesse. Transparece a consciência da Missão recebida: «Glória e acção de graças sejam dadas sem fim a Jesus de Teresa porque se dignou confiar à sua querida Companhia uma nova porção de almas para que as instrua e as eduquem para o céu!». O Fundador manifesta, uma vez mais, a oportunidade desta fundação, tão de acordo com a finalidade da Companhia: «Era um dos nossos desejos mais veementes – depois de ter fundado a Companhia de Santa Teresa de Jesus e conhecer o pouco que se ama Jesus na populosa vila de Gracia – instalar ali uma Residência ou Colégio que fomentasse os interesses de Jesus. E agora, sem pensar, encontrámo-nos [...] como que obrigados a tomar assento e a hastear a bandeira de viva Jesus! *frente a frente com outros colégios e ensinamentos que gritam: Morra Jesus, crucificai-O!*» Faz um balanço positivo dos poucos dias de funcionamento do Colégio: «Nos oito primeiros dias de existência, já receberam oito meninas dos colégios de protestantes e espiritas».

<sup>28</sup> Ibid. 287.

contrário, que O perseguem! Ali há pastores protestantes, imprensa protestante, hospital protestante, e o que é pior, escolas protestantes frequentadas por algumas centenas de alunos de ambos os sexos. O que será desta geração quando chegar à idade adulta?»<sup>29</sup>.

A partir de meados de Agosto, as irmãs começam a experimentar dificuldades concretas, tanto dentro – na escola, no contacto com as *meninas* e as *grandes* –, e também na sua relação com o exterior. O início dos insultos na rua, era apenas o prenúncio de novas dificuldades. Através das cartas, Henrique de Ossó continua a ser o formador e pedagogo das educadoras teresianas.

A carta de 14 de Agosto à comunidade de Gracia, fala do espírito humilde e magnânimo que há-de animar a Companhia. Perante as dificuldades concretas que estão a sentir, o Fundador exorta-as à plena confiança em Deus, que é quem as envia. Simplicidade, presença de Deus nas dificuldades, juntamente com uma pedagogia de *discrição*. E sobretudo, *amor pedagógico*, que é muito mais eficaz que o *rigor*.

«Recebida a tua. Parece-me bem o que dizes. Oração, oração, oração, e muita confiança. A causa não é nossa. Está empenhada a honra da nossa Santa Madre e ela proverá em tudo. Quanto à subscrição, consultai o confessor e o padre da paróquia. Encomendai-o à Santa Madre e agi com discrição.

Não vos aflijais. Há um Senhor que tem empenhada a sua palavra e não faltará no tempo da necessidade [...]. Tende confiança, repito, que Deus proverá. Cuidado em que não falte a fé viva, que faz alcançar grandes coisas de Deus.

Andai muito caladas e rezai e não façais agora ruído com as meninas. O dia preparado virá e acontecerá com grande esplendor.

A Irmã Lucía, que não se aflija: como está a fazer-se velha, vê-se que anda excessivamente apreensiva, e não convém. Ande na presença de Jesus com simplicidade, e andarà com confiança. A D<sup>a</sup> María que me cuide bem das meninas mais más, e lhes dê rebuçados e estampas da parte do Menino Jesus»<sup>30</sup>.

Estas dificuldades concretas pelas quais a comunidade de Gracia está a passar, são uma oportunidade ideal para crescer em *magnanimidade teresiana*. Henrique de Ossó sabe-o por experiência, e anima Dolores Llorach a exercitar-se na confiança:

«Não vos aflijais nem vos canseis muito com o trabalho. Aceitai-o com paz e por Jesus. Procura, minha filha, que se vos dilate o coração com os trabalhos e contradições. Coragem, que não estás sozinha. Descansa no Coração de Jesus e

---

<sup>29</sup> Ibid.

<sup>30</sup> Tarragona, 14/8/80. (Ed. N.º 144, original em AGSTJ, E. Vol. 4,32). O sublinhado é seu.

sua Teresa. Quando serás *outra Teresa de Jesus*? Fora com os medos e temores pueris. Anda com simplicidade e andarás com confiança»<sup>31</sup>.

A festa da Transverberação é uma boa ocasião para recordar às irmãs o ideal do *amor perfeito* que praticou Teresa de Jesus, e ao qual são chamadas as da Companhia. Di-lo a Teresa Plá e às outras irmãs:

«Acabo de chegar a Guernica [...]. Como passastes o dia da Transverberação? [...] Ofereci a Missa por vós, para que vivais e morrais de amor divino, como a vossa Santa Madre [...]. No dia da Transverberação pedi que o Serafim vos traspassasse o coração e que vivêsseis e morrêsseis de amor divino»<sup>32</sup>.

Em Setembro, recorda à superiora da comunidade de Gracia que «aos olhos do mundo não devem parecer senão donzelas nobres e cristãs [...] para melhor procurarem a maior glória de Deus e incremento dos interesses de Jesus»<sup>33</sup>; as meninas e as suas famílias hão-de considerá-las simples mestras teresianas. É uma das estratégias para combater os ataques inimigos, tão numerosos nessa povoação:

«Sinto que vos tenham chamado religiosas no comunicado. Não o consintais por parte das meninas, pois viria o dia em que, considerando-vos como tal, não poderíeis *cumprir a finalidade da Companhia*.

Tratai-vos bem, pois o trabalho é muito. Não sejais tolas, que o demónio pode entrar por muitos lados. As Irmãs Pilar e Fortanet podem ir, ou não, para as crianças, como entenderes [...]. É bom que o demónio comece a enfurecer-se, é sinal de que se lhe faz guerra. Mas não temais. Se Jesus está convosco, quem contra vós? [...]. Tu, minha filha, não te afadigues demais pelos bens daqui [...]. Procura que as coisas exteriores não impeçam a tua união com Deus. Purifica a tua intenção e ama, e adora, e serve Jesus que está no teu coração...

Tenho cartas de todas as residências. Não há, graças ao Senhor, nada de especial.

Mas convém muito rezar e não desfalecer, pois o demónio cria dificuldades a esta pequena grei teresiana. *Cada dia vou conhecendo melhor a necessidade e a oportunidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Quantos combates a esperam!*»<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Batea, 21/8/80. (Ed. Nº 145, original em AGSTJ, E. Vol. 13,68).

<sup>32</sup> Guernica, 27/8/80. (Ed. Nº 146, original em AGSTJ, E. Vol. 4,29). Também o diz a Saturnina, que vive com as educandas em Jesús (Tortosa): «A essas irmãs, os meus cumprimentos. Muito as recordei e recordo. No dia da Transverberação pedi que o Serafim lhes traspassasse o coração e que vissem e morressem de amor divino». (Guernica, Bilbao, 28/8/80: Ed. Nº 147, original em AGSTJ, E. Vol. 14,13).

<sup>33</sup> SC, em EEO II, 94 e 104.

<sup>34</sup> Guernica, 3/9/80. (Ed. Nº 149, original em AGSTJ, E. Vol. 5,20). Citada no capítulo III: «Religiosas sem o parecerem».

As dificuldades oferecem, também a Henrique de Ossó, um critério de discernimento acerca das obras de Deus. Como Santa Teresa, está convencido de que a contradição é sempre um bom sinal. E como S. Paulo, repete sem cessar às irmãs: *Se Deus está connosco, quem contra nós? É preciso orar sempre, sem desfalecer.*

Nesta longa carta do dia 9 de Setembro, Henrique de Ossó faz um balanço da totalidade dos alunos de Gracia. Todas as semanas podem ser contabilizadas as *suas conquistas*. Não só dos protestantes, mas dos espiritas, estão a vir mais meninas:

«Ânimo, sempre, confiemos ao Senhor, e adiante. O futuro pertence-vos! As irmãs de Gracia têm 200 jovens, 30 dos protestantes e 7 dos espiritas. As da noite começam a fazer desatinos por nós»<sup>35</sup>.

Na carta de 10 de Setembro à superiora de Gracia, refere-se outra vez às dificuldades concretas das professoras na sua relação com meninas tão difíceis. As instruções de Henrique de Ossó são as de um educador inato. Actos, mais do que palavras. Perante a indisciplina e as suas diversas manifestações, amor pedagógico: paciência e suavidade no trato. Estímulo positivo das meninas, e o que é fundamental, solicitar a colaboração das mães:

«É melhor que o mundo não veja o vosso trabalho até que o tenhais conquistado todo. Falar pouco e agir muito na terra e no mar. Não é bom sistema gritar para as fazer calar. Se se habituam a isso, é um mau hábito, e só com gritos se calarão. Orar e dai-lhes prémios e leves penitências. Estimulai as mais caladitas. O sistema de gritar sempre, é mau para a alma e para o corpo [...]. Quanto à pontualidade, avisai as mães. Não te precipites a distribuir folhas para as encherem de subscrições»<sup>36</sup>.

Por uma carta de 17 de Setembro, sabemos que também em Tarragona há escolas de protestantes e de espiritas. O Sr. Arcebispo mostra-se satisfeito com o êxito de Gracia, apesar de continuarem a suportar o peso da difamação e da inveja. Alguém fez correr o boato de que não são mestras diplomadas, e Henrique de Ossó recomenda-lhes que tranquilizem as mães nesse ponto:

«Recebidas as vossas [...], alegrando-me por o Senhor ir abençoando o vosso apostolado. Oração e confiança em Deus, e fazei tudo para a sua maior glória: esperai, e vereis grandes coisas. Hoje estive com o Sr. Arcebispo (de Tarragona) e comuniquei-lhe que tínheis mais de 200 meninas; ficou muito contente,

---

<sup>35</sup> Zaragoza, 9/9/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 11,109).

<sup>36</sup> Zaragoza, 10/9/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,18).

especialmente quanto aos protestantes e espiritas. Disse-me que também os tem aqui em três lugares. Acabam de se instalar em Tarragona, no porto. [...].

Dizei às mães das meninas que tendes diplomas do governo e que ninguém vos pode proibir de ensinar, por isso, que não tenham nenhum receio. [...]. Estão aqui (Tarragona) as Irmãs Agustina, Blanch, Llorach, Genoveva, Chavarría, Cases, Plá, etc., trabalhando muito e aprendendo, etc. Em breve irão outra vez para as suas Residências»<sup>37</sup>.

Em Outubro, lemos uma longa carta a Saturnina que nos informa do êxito rotundo da Companhia na sua luta contra protestantes e espiritas. Em menos de três meses, foram afastados quase completamente. E a casa da Escola de Santa Teresa, como era de esperar, tornou-se pequena:

«Estas irmãs, muito boas e contentes. Comprar-se-ão os livros que pedes e tudo o que precisardes, pois nesta residência, em que *procurámos o reino de Deus e a sua justiça*, tudo o resto o dá o Senhor com acréscimos, apesar de serem pobres. Têm muitas e boas esmolos. A *apressada* da D<sup>a</sup> Teresa faz o que se esperava, e mais fará ainda.

Hoje tivemos uma longa conferência com o P. Magaz, Procurador geral dos Agostinhos, entusiasmado com as Irmãs e a nossa obra; e vou-me convencendo de que a Santa Madre fará uma das suas, e muito grande, nesta terra catalã tão laboriosa e nobre. Oremos e esperemos, pois o Senhor, se mortifica, também vivifica. [...].

A mestra dos espiritas, não só teve de fechar o colégio por falta de meninas que as irmãs lhe tiraram, mas teve que se ir embora de Gracia porque não lhe querem pagar.

Os protestantes também se queixam de que lhes vai faltando gente. As Irmãs têm 70 jovens grandes que vão à escola nocturna, e mais de 170 que vão de dia. Total: 250. E têm que recusar todos os dias por falta de espaço. Já falam em procurar-lhes outra casa só para elas, e mais espaço para a escola»<sup>38</sup>.

A RT de Outubro não pode silenciar tão importante notícia. O artigo intitula-se: «*Um Triunfo da Companhia de Santa Teresa de Jesus*». Três meses apenas tinham decorrido desde que chegaram a Gracia e «o número das alunas triplicou, frequentando hoje uma média de 70 meninas a escola de dia e cerca de 80 as aulas nocturnas»:

«Muitas destas meninas nem sequer sabiam quem é Deus, nem sequer benzer-se. Pediam pão, e não havia quem lho desse. Hoje, mercê dos desvelos e

---

<sup>37</sup> Tarragona, 17/9/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 4,30). Um mês antes, Henrique de Ossó tinha pedido a Saturnina que fosse visitar o Arcebispo de Tarragona para lhe falar de Gracia e para lhe pedir missões deste tipo na sua diocese: «Talvez pudesses ir visitar o Sr. Arcebispo e dizer-lhe algo sobre Gracia, e quando quiserá confiar-nos alguma das suas paróquias mais perdidas para lutar contra os protestantes». Batea, 20/8/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,173).

<sup>38</sup> Gracia, 10/10/80. (Ed. N.º 154, original em AGSTJ, E. Vol. 13,121).

sacrifícios das filhas da grande doutora Teresa de Jesus, vão sabendo as verdades da nossa Religião e vão começando a amar o seu Deus [...].

Mas o triunfo mais considerável, a notícia que maior satisfação nos causa e que temos de comunicar aos nossos leitores, é que aquelas professoras da Companhia conseguiram que um dos colégios dirigidos por uma mestra espirita, fechasse por falta de alunas [...]. São mais de 40 as meninas que frequentavam as escolas de perdição e que hoje frequentam o Colégio de Santa Teresa»<sup>39</sup>.

O artigo termina, como era de esperar, com um novo apelo à colaboração afectiva e efectiva dos leitores:

«Ajudem-nos os nossos queridos leitores com as suas orações e esmolas a sustentar esta obra de Deus, que tanto há-de contribuir, *na época actual*, para difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo por meio do apostolado da oração, ensino e sacrifício»<sup>40</sup>.

Em finais de Outubro, começa-se a falar dos exames das alunas e da sua preparação<sup>41</sup>. No entanto, em Novembro ainda não tinham iniciado as meninas na oração, certamente por lhes faltarem as bases. Henrique de Ossó não quer que se precipitem, mas sugere-lhes a possibilidade de ensinar *este caminho* àquelas que livremente o desejarem, àquelas que estiverem determinadas a iniciá-lo:

«Deixai que façam o quarto de hora aquelas que quiserem. É o melhor meio para todas se santificarem, as pequenas e as grandes»<sup>42</sup>.

### ANO de 1881

Em finais de Janeiro, Henrique de Ossó passou alguns dias na vila de Gracia<sup>43</sup>. Relata, num artigo de Fevereiro, algo do que ali viu: *A Pequena Missionária*. Transcreve um ingénuo diálogo entre duas meninas, antigas alunas da escola protestante. Uma delas, que já frequenta a Escola de Santa Teresa, consegue que a sua amiga acabe por vir também para as mestras de Santa

---

<sup>39</sup> RT Outubro 1880, 20. O artigo prossegue: «... Temos alguns dos catecismos espiritas e protestantes [...] que serviam de livros de texto para aquelas inocentes meninas, e não é preciso dizer que tudo respirava ódio à religião católica, heresias e blasfémias. Nega-se a divindade de Jesus Cristo [...]. Mesmo que não fosse senão por este triunfo que a Companhia de Santa Teresa de Jesus alcançou sobre Satanás, desfazendo uma das suas sinagogas, daríamos por sobejamente recompensados os nossos cansaços e trabalhos e contradições de bons e de maus».

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> Carta às «suas filhas de Gracia», Jesús, 31/10/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 4,16).

<sup>42</sup> Carta às «suas filhas de Gracia. Dona Teresa Plá», Jesús, 18/11/80. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,33).

<sup>43</sup> A 28 de Janeiro, escreve de Barcelona a Saturnina e anuncia-lhe a sua próxima estadia em Gracia. De Gracia, escreve a 30/1/81 pelo menos duas cartas. (Cf. Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,110; Vol. 14,90; Vol. 11,66).



Teresa. Destacamos, pelo seu interesse, a resposta da *missionária* às objecções da sua amiguinha:

«As nossas mestras não são monjas: são mestras de Santa Teresa de Jesus (1). Dizem-nos coisas muito boas e são muito amáveis e querem-nos muito. Vem e verás»<sup>44</sup>.

Seja como for, o testemunho positivo da aluna reflecte o ideal da educadora teresiana. E o convite evangélico *vem e verás*, é uma verdadeira prova da autenticidade das suas palavras.

Numa carta de Março, o Fundador recomenda a Teresa Plá que informe o Bispo de Barcelona dos seus trabalhos apostólicos. Depois de assinar, à maneira de *post scriptum*, fala-lhe de assuntos financeiros. Recorda, uma vez mais, os anos de autêntica escassez económica em que tem vivido a Companhia nos seus 5 anos de existência, e fá-lo com uma curiosa alusão à história de José. Henrique de Ossó afirma, com graça, que à Companhia acontecerá o inverso do que se passou no país do Egipto<sup>45</sup>. Aos 7 primeiros anos de escassez, sucederão os anos de abundância:

«Podias mandar um cartão de felicitações ao Sr. Bispo pelo seu santo, que é no dia 2 do próximo mês, que julgo que ficará contente. Conta-lhe um pouco dos vossos trabalhos apostólicos nessa desditosa vila de desGracia [...].

Escreve ao Dr. Sanuy dizendo-lhe ou dando-lhe satisfação no caso de querer os juros dos 500 duros, que são 25 duros. Diz-lhe que, apesar da vossa pobreza, fareis esforço, se não puder esperar. Sugere-lhe que tenha paciência por um par de anos, que são os de *esterilidade* que nos restam, e depois virão os de *abundância*, e entretanto, agradecer-lho-eis e pagareis com orações [...]. Esperemos e oremos. S. José proverá em tudo, pois cada dia tenho maior confiança nele, que é tão bom e sabe o que são aflições»<sup>46</sup>.

Devia ser extremamente exígua a situação financeira. Prova disso é que, não só é visível nas cartas, mas a RT de Abril, na sua *Crónica Nacional*, começa expondo, com toda a crueza, a precariedade económica da comunidade de Gracia. Mesmo antes de falar dos seus êxitos apostólicos, *apela* à caridade dos leitores:

«Chamamos encarecidamente a atenção das pessoas caridosas desta cidade e da vila de Gracia, a fim de que contribuam, do modo que lhes for possível, para o sustento das religiosas da Companhia de Santa Teresa de Jesus residentes nessa

<sup>44</sup> RT Fevereiro 1881, 137. A Nota 1 de rodapé, diz o seguinte: «É sabido que as da Companhia de Santa Teresa de Jesus, embora vistam o hábito do Carmo, não usam touca».

<sup>45</sup> Referimo-nos ao sonho do Faraó interpretado por José e aos factos por ele anunciados Cf. Gn 41.

<sup>46</sup> Jesús, 29/3/81 (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,47).

vila, que, com tanto zelo como fruto, se dedicam à educação e instrução das meninas, que cada dia vão aumentando, e cuja transformação é evidente».

[As irmãs] «constantemente ocupadas nas aulas diurnas e nocturnas, por maior que seja o seu zelo e abnegação, é absolutamente impossível – sendo aquelas gratuitas – que possam subsistir com dois reais por dia, dotação muitíssimo insuficiente para uma vida de trabalho contínuo e levada até ao heroísmo no que respeita a privações».

[Seria lamentável que as alunas desta escola], «quase na sua totalidade, filhas de operários pobres, tivessem que se ver privadas de uma educação tão solidamente cristã como de utilidade para elas, sob muitos aspectos».

E no final, volta a pedir esmolas:

«As pessoas que tiverem por bem favorecer, com as suas esmolas, as referidas Religiosas, quer mensalmente, quer quando julgarem conveniente, poderão entregá-las em Gracia, Travesera, nº 41-2º dtº, ou nesta Administração»<sup>47</sup>.

As cartas que conhecemos desta época são mais espaçadas. Pela que se segue, de Maio, ficamos a saber que a presença das alunas nas aulas não é regular. Henrique de Ossó imagina recursos pedagógicos para as atrair de novo:

«Fazei que as meninas progridam nos estudos e que todas façam alguns trabalhos bonitos, pois embora não venham às aulas, no dia dos exames convidamo-las todas e voltarão às aulas [...]. Deveis preparar os livros da primeira classe. As Gramáticas e cadernos levá-los-emos nós daqui»<sup>48</sup>.

Um mês depois, em Junho, Teresa Plá recebe uma carta interessante do ponto de vista pedagógico. Em poucas linhas, o Fundador refere a importância que tem a *solidez* do ensino-aprendizagem. A avaliação inicial das alunas faz parte do método didáctico da Companhia, que tanto há-de combater a ignorância como a presunção e a superficialidade dos conhecimentos:

«Bom será que examineis todas as que vierem de outros colégios, pois há muita ignorância e muita presunção; e muito pouca solidez; e a Companhia de Santa Teresa de Jesus vem corrigir esses erros. Não tenhais pena e sede inexoráveis neste ponto. Pouco mas bem sabido, vale mais que muito, mas mal. Deve estudar-se por princípios e não passar adiante sem saber bem o anterior. As da Companhia não sabem muito, mas podem ensinar e dar lições de proveito a muitos que julgam saber tudo. É assim o mundo. Vão, superficial em tudo»<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> RT Abril 1881, 205.

<sup>48</sup> Carta a Teresa Plá, Tarragona, 3/5/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,44).

<sup>49</sup> Jesús, 3/6/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 5,43).

Em meados de Agosto, a Companhia abre outro colégio no Ensanche de Barcelona (Calle Gerona). Dolores Llorach tem de aliar a responsabilidade de Gracia à desta nova comunidade<sup>50</sup>. Embora viva em Barcelona, não deverá esquecer-se da necessidade de um novo local para o colégio de Gracia, pois o antigo acabou por se tornar pequeno:

«Tu ficas Superiora da casa do Ensanche e da de Gracia; por conseguinte, quer numa, quer noutra, toma as disposições que achares mais conducentes à honra de Deus [...]. Procura estar presente na distribuição de prémios de Gracia e diz ao pároco de Jesús que se lembre do andar de Gracia onde instalaremos o colégio, conforme falámos, em Setembro. Que nos ajude»<sup>51</sup>.

No Outono, entram para a Companhia algumas jovens do colégio de Gracia:

*Assunta, a ponto de entrar no noviciado:*

«Assunta de Gracia /.../ se pode ir que vá com uma Irmã (Conceição ou outra) a Tarragona e, desde ali, com D. Agustina na segunda-feira para Tortosa. No entanto, deixo-o à vossa discricção, pois não sei como estais desde a minha ausência»<sup>52</sup>.

*Hermenegilda, que vai vestir o hábito da Companhia:*

«Ontem vestimos o santo hábito a Josefa Ferrer de Santa Bárbara e a Hermenegilda Botey, de Gracia»<sup>53</sup>.

Em Outubro, o Centro Católico de Gracia, de quem as irmãs dependem economicamente, anda à procura de um novo local para a Escola de Santa Teresa diurna e nocturna, que crescera muitíssimo, e outra casa para as irmãs. Com a experiência de mais de um ano na vila, o Fundador preocupa-se com as saídas nocturnas das irmãs por aquelas ruas perigosas e quer evitá-las a todo o custo. Por isso, recomenda a Dolores Llorach que resolva com os da Junta do Centro Católico este problema:

---

<sup>50</sup> Em finais de Setembro, Dolores deixa de ser superiora de Gracia e Teresa Plá assume o cargo (Cf. Carta a Teresa Plá, Vich, 23/9/81: Inédita em AGSTJ, E. Vol. 6,9).

<sup>51</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 19/8/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 15,32). Alguns dias depois, Dolores Llorach, muito ocupada a mobilar o novo colégio do Ensanche, recebe outra carta. O Fundador insiste em que não abandone o [assunto do] novo colégio de Gracia: «Apreste o [caso] de Gracia. Aquele Sr. Padre é muito bom, mas se não insistir, ele não se mexerá...» (Jesús, 30/8/81. Inédita em AGSTJ, E. Vol. 15,26).

<sup>52</sup> Carta a Dolores Llorach, Montserrat, 30/9/81. (Inédita, em catalão, em AGSTJ, E. Vol. 14,75).

<sup>53</sup> Carta às suas filhas de San Carlos, Irmã D<sup>a</sup> Agustina, Jesús, 24/10/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 11,49).

«Escrevem-me as de Gracia que no próximo mês vão mudar de sala de aulas e de casa (creio que para a rua do Anjo). Se as salas de aula não forem todas na mesma casa, não vão de noite dar aulas. De dia, podem ir. Avisa as Irmãs de Gracia que vão contigo falar com o Presidente, pois talvez seja agora ocasião oportuna de arranjar um bom local para todos, pois não convém que as irmãs saiam de noite. Que escrevam se algo propuserem os da Junta»<sup>54</sup>.

Alguns dias depois, Henrique de Ossó mantém o que disse. Se for encontrado um local adequado, além da Escola diurna e nocturna, a Companhia pode iniciar uma Escola dominical, que ainda não tinha sido possível:

«Não nos convém que as irmãs andem de noite pelas ruas de Gracia. Diz-lhes que é nosso desejo fazer todo o bem possível, mas sem expor as irmãs, que são religiosas e merecem consideração. Procurem um local apropriado e não só escola nocturna, mas também dominical faremos por Jesus e sua Teresa. Que as irmãs digam ao Presidente e ao Pároco de Jesús que procurem um local apropriado e independente»<sup>55</sup>.

O trabalho das irmãs de Gracia não é comparável com a de outros colégios da Companhia, nem em quantidade, nem em qualidade. Maior número de horas, maiores dificuldades, e escassez de meios. Em finais de Novembro, o Fundador pensa em que a comunidade do Ensanche poderia colaborar com a de Gracia. Uma espécie de *voluntariado ou missão especial* de algumas irmãs do Ensanche de Barcelona, que dedicariam parte do seu tempo à Escola nocturna de Gracia, extenuante. Desta maneira, não só aliviam o trabalho das irmãs de Gracia, mas elas próprias enriquecem-se apostolicamente, entrando em contacto com uma realidade de marginalidade social e religiosa:

«Que a Irmã Antonia Bordas vá todos os dias de tarde a Gracia e que as ajude na escola nocturna (e talvez também pudesse ir a Irmã Elisa) e ficar em Gracia, e de manhã, para as aulas, estar na casa do Ensanche. Se a Irmã Magdalena puder ir algumas noites, que vá também; convém que vejam aquilo e animem aquela gente e proporcionem um pouquinho de descanso às irmãs»<sup>56</sup>.

Por fim, em Dezembro, é inaugurada a Escola Dominical. Supomos que depois de terem encontrado um local adequado:

---

<sup>54</sup> Carta a Dolores Llorach, superiora do Colégio do Ensanche de Barcelona, Jesús, 27/10/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 14,23).

<sup>55</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 31 do mês de Santa Teresa, 1881. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 13,104).

<sup>56</sup> Carta a Dolores Llorach, Jesús, 22/11/81. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 15,31).

«Procura assistir à abertura da Escola Dominical das Irmãs de Gracia, amanhã à tarde. Que seja muito solene. Que haja sermão pelos da Missão ou pelo Pároco de Jesús, e que vos benza a casa»<sup>57</sup>.

### 3. Gracia e outras missões de fronteira

Poderíamos fornecer mais dados sobre outros aspectos relacionados com a missão de Gracia: a realidade concreta da vila, os colégios protestantes e espiritas que se viram obrigados a fechar ao ficarem sem alunas, o Centro Católico que contratou a Companhia, a situação socio-económica das meninas que frequentavam a Escola de Santa Teresa, a acção educativa e evangelizadora da Companhia naquele Colégio e a sua incidência na vila, etc., etc. Com mais informação, as conclusões seriam mais exactas e atenuadas. Deixamo-las para um estudo posterior.

Com os dados que as cartas nos proporcionam, completados pela RT, podemos afirmar que esta foi, naquele momento, *uma obra apostólica de fronteira ou de vanguarda*. De vanguarda, no sentido militar do termo, pois nesta povoação operária da Catalunha, a Companhia pôde pôr em campo, como em nenhum outro sítio, o seu ideal de conquista. As irmãs fizeram-no com a consciência de que, trabalhando neste lugar difícil, a Companhia alargava as *fronteiras do reinado de Jesus Cristo*. Tratava-se, não só de evitar que alguns se fossem embora, mas – sobretudo – de atrair os que já se tinham afastado. Porque na missão de Gracia, era necessário educar cristãmente os católicos para que o fossem responsabilmente, e era preciso *recuperar* o maior número possível.

Por outro lado, aquela missão da Companhia em Gracia, que hoje nos pode parecer de catequese, não foi mera acção apologética do catolicismo militante. O seu trabalho educativo era inspirado pelo princípio evangélico do amor, apesar da *capa* defensiva própria do momento histórico e eclesial. Se as irmãs encheram as suas aulas com alunas de *outros* colégios, não foi por propaganda ilícita nem por coacção, mas pelo *testemunho* das próprias alunas. O *amor e a doçura* das irmãs, aprendidos na *Escola de Jesus* – na sua relação pessoal com Jesus – *atraiu* outras meninas para a sua *Escola*.

Este mesmo critério apostólico foi o que *empurrou*, em 1884, a Companhia para Portugal. Coincidindo com a Encíclica *Humanum Genus*, de Leão XIII, e com a publicação do Catecismo de Henrique de Ossó sobre a Maçonaria, chegam a Portugal as primeiras irmãs, onde a franco-maçonaria está a fazer estragos no povo. Laicismo, anti-clericalismo exacerbado, dessacralização das instituições, são os aspectos mais característicos de Portugal naquele momento. As irmãs são bem acolhidas pelo povo simples, num «país

---

<sup>57</sup> Carta a Dolores Llorach, Manresa, 10/12/81. (Ed. N° 192, original em AGSTJ, E. Vol. 14,64).

tão necessitado de educação e de ensinamentos cristãos»<sup>58</sup>. O P. Lorenzo, contentíssimo com as da Companhia, «diz que são as mais a propósito para aquela nação e que mandará uma *escolta* da nação vizinha [...] para *alargar as fronteiras* do reinado do Coração de Jesus»<sup>59</sup>.

E este foi também o critério que *fez sair* a Companhia da Península. Em 1885, as irmãs chegam a Orán, cidade cosmopolita e *plural* em culturas, etnias e religiões. Muçulmanos e judeus convivem com protestantes e católicos, provocando, muitas vezes, um sincretismo religioso tal, que «há muitos irmãos que estão em iminente perigo de perder a fé, de perder a sua alma»<sup>60</sup>.

A Companhia chega a estas terras africanas, com a missão específica de trabalhar «para que possa salvar-se a juventude, e com ela preparar uma geração santa, pela influência das mães, filhas ou esposas católicas, como hão-de ser as que se educarem na Escola de Santa Teresa»<sup>61</sup>. Inclusivamente antes da fundação, Henrique de Ossó considera Orán como *porta e chave* de outras fundações de vanguarda ou missionárias:

«Esta fundação é providencial, pois há-de ser a chave de muitas outras por todo o mundo, pois vasto campo se abre ao zelo das Filhas de Teresa de Jesus, por ser, segundo parece, o ponto mais a propósito para que Jesus e sua Teresa lhes cumpram o desejo e pedidos e a finalidade da sua Companhia, que não é senão *promover o conhecimento e o amor de Cristo Jesus por todo o mundo*. Porque, na verdade, poucas cidades há no mundo com melhores condições para alcançar esta finalidade»<sup>62</sup>.

A Fundação de Puebla de los Ángeles, em 1888, pode também ser considerada como fundação *de fronteira*, se tivermos em conta que no México tinham sido impostas as escolas laicas, tendo o Governo laico proibido a formação religiosa da juventude, e sobretudo, a intervenção de religiosos na educação.

Já em 1877, quando o Bispo de Eumenia se encontrou com Henrique de Ossó, sintonizou de tal maneira com o Fundador da Companhia na sua percepção da sociedade e da Igreja e na sua proposta apostólica, que assumiu aquele projecto como seu. O bispo carmelita reconheceu, no Instituto nascente, uma missão actualíssima, especialmente idónea para a sua própria nação, algo

<sup>58</sup> RT 1883, 209.

<sup>59</sup> RT 1883, 209.

<sup>60</sup> RT 1882, 273.

<sup>61</sup> RT 1882, 273.

<sup>62</sup> RT 1882, 272. O texto prossegue: «Em Orán há mais de vinte mil espanhóis, os quais, para irem atrás da *alma do negócio* [...] votam ao completo esquecimento o único *negócio* importante, ou seja, *o da alma*. Acrescente-se a isto o contacto e trato e dependência, às vezes, de pessoas indiferentes, ímpias, e de sectários de todas as religiões, como sejam, mouros, judeus, protestantes, etc., etc., que tão numerosos são em Orán e levam a maior parte dos espanhóis a viverem sem Religião... Quão necessitada está esta região do orvalho da graça do céu!...».

em que ele andava a pensar quando veio à Europa. Tal *sintonia* apostólica serviu de *confirmação* ao Fundador da Companhia, como ele mesmo recorda numa breve nota histórica:

«Veio a peregrinação teresiana [...] a Ávila e Alba de Tormes, e confirmou-se esta obra de zelo, merecendo a aprovação e as felicitações [...] muito especialmente do senhor bispo de [...] Eumenia, Ilustríssimo Sr. Moreno, o qual viera da América à Europa tendo o mesmo pensamento ou plano que o da Companhia de Santa Teresa de Jesus, sobretudo quanto ao modo de proceder e vestir, porque queria que fossem religiosas, mas sem o parecerem e sem toucas, pois poderiam assim fomentar melhor os interesses de Jesus em muitos casos...»<sup>63</sup>.

Monsenhor Moreno, não só reconheceu na Companhia de Santa Teresa de Jesus o seu *espírito teresiano*, mas estava convencido de que a sua *estratégia apostólica* era especialmente válida para a nação do México<sup>64</sup>.

Terminamos o capítulo afirmando que tanto as *Advertências para a fundação dos Colégios da Companhia*, que comentámos ao princípio, como as *opções apostólicas de vanguarda* de que tivemos conhecimento através das cartas, são interessantes para nós, não só porque descrevem o modo de proceder da Companhia nas primeiras fundações, mas porque revelam um critério de actuação perene que, obviamente, continua válido hoje em dia.

Este é o critério que pode e deve iluminar os difíceis discernimentos que enfrenta hoje a Companhia, ao ponderar – como aconteceu no início – que posições apostólicas deve abandonar e que outros lugares haverá onde *correm especial perigo os interesses de Jesus* e onde, conseqüentemente, terá que fundar<sup>65</sup>.

Sem mais comentários, pomos ponto final com dois textos suficientemente expressivos da atitude e da decisão de Henrique de Ossó.

O primeiro, faz parte de uma carta de finais de 1882, na qual comunica a D<sup>a</sup> Cinta Talarn o encerramento do colégio de Vilallonga; decisão tomada face à *falta* de irmãs e à *oferta* de outras obras que prometem mais fruto apostólico que aquela:

<sup>63</sup> OG, em EEO II., 145. Num artigo da RT dá contas desta coincidência: «O virtuoso Bispo de Eumenia, distinto filho do Carmelo Descalço, abunda nos mesmos desejos que nós e, exceptuando alguns pequenos pormenores, o seu plano de regenerar o mundo por meio da educação da mulher segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus, é idêntico ao nosso. Grande foi a nossa satisfação ao ouvir dos seus lábios autorizados que andava há dois anos a tratar de fazer o mesmo que nós tínhamos pensado e era já obra em grande parte [a Companhia]. Parece que tínhamos combinado tudo a este respeito sem nos vermos nem conhecermos». (RT Fevereiro 1878, 146, em EEO III, 848).

<sup>64</sup> Sobre estas fundações de Portugal, Orán, México, etc., falámos no capítulo IV B: «Religiosas sem o parecerem». (Cf. 2.2. Não usam hábito) e «Conclusão»: a *carta final*.

<sup>65</sup> Sobre este ponto, dão-se algumas indicações nas Conclusões: *A Companhia hoje*.

«As irmãs não vão para Vilallonga. Irão para Orán e Almunia, onde há maior necessidade [...]. Nem almas nem dinheiro se tiravam daquela residência [...]. Não nos convêm essas pequenas fundações, a não ser que haja muito que fazer pelos interesses de Jesus. Realmente, estamos pobres e endividados, mas confio»<sup>66</sup>.

O segundo texto é um pouco posterior. Não fala de factos concretos, mas de desejos. Revela sobretudo uma vocação, um chamamento carismático para educar futuros mestres e educadores. Uma opção preferencial pela formação daqueles que vão ser formadores:

«Quem me dera que todas as discípulas que frequentam os colégios da Companhia viessem a ser mestras! *Quem me dera que todas as escolas Normais ou Centros de Educação da mulher estivessem nas nossas mãos para formar mestras segundo o espírito e doutrina de [...] Teresa de Jesus. Oh, quão depressa ficariam todas as coisas restauradas em Cristo! Para atender a isto, com gosto abandonaríamos todos os Colégios*»<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> Barcelona, 29/11/82. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,74).

<sup>67</sup> *Segunda Parte das Constituições* apresentadas à aprovação pontifícia em 1888. O fragmento que está em itálico desapareceu por indicação da 22ª Animadversão. O texto manuscrito encontra-se em AGSTJ, E. Vol. 24,30. E a parte publicada está em EEO II, 347.



## IV Parte

### *O TRÍPLICE APOSTOLADO DA COMPANHIA*

*«A finalidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus é, não apenas atender, com todo o afinco, à própria salvação e perfeição, com a graça de Deus, mas zelar, com sumo interesse, pela maior honra de Jesus Cristo, difundindo o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo, por meio do apostolado da oração, ensino e sacrifício».*

*(SC, em EEO II, 14)*





## INTRODUÇÃO

Como comunidade apostólica, a Companhia de Santa Teresa de Jesus «procura, em todas as coisas, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça»<sup>1</sup>, participando na missão da Igreja com o seu carisma específico. «Zelar pela maior glória de Deus por meio da salvação das almas»<sup>2</sup>. Ou seja, procurar que o Amor de Deus, *manifestado em Jesus*, seja conhecido e acolhido por todos, já que «Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao pleno conhecimento da verdade» (1Tm 2,4).

No seu projecto de vida ou *Regra fundamental*, as irmãs optaram exclusivamente pelos «*interesses de Jesus*» – o Pai e os irmãos –, e querem «difundir por todo o mundo o seu conhecimento e amor», porque quem conhece Jesus, conhece o Pai; e porque só *em Jesus* os homens e as mulheres de todos os tempos encontram a sua mais profunda identidade, aquilo para que foram criados, a sua vocação de filhos e de irmãos.

Pela sua vocação específica na Igreja, a Companhia é chamada a pôr em prática o projecto evangélico de uma maneira concreta, segundo o espírito de Teresa, que animou Henrique de Ossó, e que determina o serviço ministerial na Igreja e o estilo de vida pessoal e comunitária. O Fundador sintetizou esta especificidade numa fórmula que hoje pode parecer-nos um tanto enigmática: «*Regenerar o mundo*<sup>3</sup> *pelo apostolado da oração, ensino e sacrifício*».

Nesta IV Parte do estudo, proponho-me aprofundar o significado e o alcance dessa fórmula, a fim de contribuir para uma melhor compreensão do *Tríplice apostolado da Companhia*. Perguntamos, pois: o que quis dizer Henrique de Ossó? O que entenderam as primeiras irmãs e as pessoas relacionadas com a Companhia? O que entendemos nós, teresianas de hoje, e como havemos de o realizar?

O capítulo único desta IV Parte é, na realidade, uma síntese das três primeiras, uma espécie de recapitulação de tudo o que ficou dito atrás, agora considerado a partir de um novo ponto de vista.

---

<sup>1</sup> Cf. SC e C em EEO II, 96 e 58.

<sup>2</sup> Uma das primeiras formulações da Finalidade, «*Fines principalísimos de la Compañía de preferencia de Santa Teresa*», em EEO II, 408.

<sup>3</sup> Há variantes desta formulação: «Para restaurar em Cristo Jesus todas as coisas, por meio de...». «Para tornar Jesus conhecido e amado por meio de...». «Para educar a mulher segundo o espírito de Santa Teresa por meio de...».



## Capítulo XVII

### ORAÇÃO, ENSINO E SACRIFÍCIO

Seria preciso começar por definir o que o Fundador da Companhia entende por *apostolado*. Na realidade, Henrique de Ossó utiliza o termo no seu sentido mais comum e simples e em momento algum lhe parece ter que definir o seu significado. Para ele – bem como para o clero e para os cristãos dos finais do século XIX – «*apostolado*» era sinónimo de «actividade apostólica», ou seja, uma «colaboração humana e concreta na única missão salvadora de Jesus».

Actualmente significa o mesmo, embora nos meios eclesiais e pastorais – especialmente entre religiosos e religiosas – seja visível uma certa tendência para evitar ou substituir esse termo, como reacção ao abuso de épocas anteriores. O documento *Vita Consecrata* utiliza apenas 4 ou 5 vezes o termo *apostolado*. Hoje diz-se «mediação apostólica», «ministério pastoral», «serviço ministerial», ou simplesmente «serviço», «ministério» e, mais recentemente, «diaconia». O documento conclusivo do XIV Capítulo Geral da Companhia, diz textualmente: «A Companhia, como qualquer outro Instituto de Vida Religiosa, é chamada a sublinhar e a tornar visível um modo peculiar de pôr em prática o seguimento de Jesus no seu *estilo de vida*, na sua *espiritualidade* e no seu *apostolado*. Estes elementos constituem o essencial da nossa identidade. Como filhas de Santo Henrique de Ossó, recebemos o dom e a tarefa de *conhecer e amar Jesus, e de O tornar conhecido e amado pela oração, ensino e sacrifício*»<sup>1</sup>.

#### «O APOSTOLADO DA ORAÇÃO, ENSINO E SACRIFÍCIO»

No primeiro artigo das Constituições da Companhia<sup>2</sup>, ficou expressa para sempre a fórmula tripartida do *apostolado* da Companhia, e desde aí que tem sido repetida centenas de vezes em todo o tipo de documentos:

«A finalidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus é, não só [...], mas também zelar, com sumo interesse, pela maior honra de Jesus Cristo, difundindo

---

<sup>1</sup> «*Um encontro que dá Vida*», Documento conclusivo do XIV Capítulo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Roma 1999, parágrafo 32.

<sup>2</sup> SC, publicadas em 1882 e C de 1888, em EEO II, 14 e 15.

o reinado do seu conhecimento e amor por todo o mundo *por meio do apostolado da oração, ensino e sacrifício*»<sup>3</sup>.

Hoje continuamos a repeti-la, apesar de demasiadamente estilizada e nem sempre bem entendida. No princípio, aquela tríplice fórmula era uma expressão da vida. Não nascera com a Inspiração, nem sequer no 23 de Junho, mas chegou-se a ela bastante depressa, quando a Companhia contava apenas com alguns meses de vida. Foi-se gerando pelo caminho e exprimia a própria vida da Companhia. Para o Fundador, tinha um conteúdo rico e denso, que as irmãs não tardaram a compreender. A repetição da fórmula era sempre um estímulo, animava a vida e a acção da comunidade primitiva, pois condensava o seu muito concreto modo de proceder.

Conhecer hoje o seu significado original, exige que conheçamos como se gerou, qual foi o processo seguido até à fórmula completa e quais as hesitações, que outras variantes existiram a par dela, matizando e explicando o seu significado global.

Em Agosto de 1877, a primeira comunidade de Tarragona recebe, pelo correio, «uma boa parte das Regras e Constituições vistas pelo nosso Sr. Bispo»<sup>4</sup>. É o que, na tradição da Companhia, se conhece como «*Directório Provisório*»<sup>5</sup>, segundo esboço das Constituições publicadas em 1882, do qual constam a mesma Finalidade e Meios apostólicos das Constituições. A partir deste momento, no entanto, nos escritos sobre a Companhia, são utilizadas alternadamente várias fórmulas: A oficial, com o *tríptico* oração, ensino e sacrifício; outra, também frequente, com o *díptico* oração e ensino; e algumas vezes até se falará *unicamente* do apostolado do ensino.

Qual o significado destas variantes? Mais que as fórmulas propriamente ditas – com os três, com dois ou só com um dos elementos –, interessam-nos, para a nossa reflexão, as glosas ou breves comentários que acompanham as fórmulas, pois são elas que esclarecem e norteiam a sua adequada interpretação. Vamos abordá-las por uma certa ordem.

## 1. «O apostolado do ensino»

Cronologicamente, é esta a fórmula mais antiga, sendo também a mais constante. No documento de Inspiração de 2 de Abril, porém, ainda não se fala de *apostolado*, mas sim de *ensino*. Recordemos a clareza e a força que traduz como mediação carismática intimamente unida à finalidade, muito mais ampla:

---

<sup>3</sup> SC e C em EEO II, 14 e 15.

<sup>4</sup> Carta a Teresa Plá, Tortosa, 8/8/1877. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,40).

<sup>5</sup> Publicado em EEO II, 414 e ss.

«Finalidade: regenerar o mundo, em especial a nossa Espanha, *pela educação da mulher, segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus*»<sup>6</sup>.

Na carta a Sardà, escrita no dia seguinte ao do nascimento da Companhia, também ainda não se fala de *apostolado*:

«Ontem comecei-os [exercícios] a 9 jovens teresianas de escol, que estão dispostas a formar uma Companhia de Santa Teresa [...], aspirando nada menos do que a regenerar a Espanha *pela educação da mulher segundo o espírito da grande Santa sua Madre*»<sup>7</sup>.

Em Agosto de 1876 esta primeira fórmula está já assumida. Todavia, no artigo de apresentação da «Companhia de Santa Teresa de Jesus», o Fundador prefere falar do novo instituto na linha do documento de inspiração:

«Difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo pelo mundo, *por meio do exemplo e da educação cristã*»<sup>8</sup>.

Será preciso esperar pelo segundo artigo, também de Agosto, «A árvore de Santa Teresa», para inaugurar a fórmula propriamente dita:

«Jovens [...] que desejam, obedecendo, promover, na maior escala possível que for dado a uma mulher do século XIX, estes divinos interesses *por meio do Apostolado do ensino*»<sup>9</sup>.

A partir deste momento, em diversas ocasiões e contextos, encontramos esta primeira fórmula, que é a mais breve, aliada a expressões sinónimas do tipo: «As irmãs *consagram-se*, ou *dedicam-se preferencialmente*, ou até, *consagram-se com um voto especial*»:

- Nas primeiras fundações de colégios:  
«Faz hoje um mês que iniciastes a vida do apostolado do ensino»<sup>10</sup>.
- Ao recordar a Inspiração, na primeira nota histórica da Companhia:  
«E pensando, ocorreu-me: Ou uma Congregação ou uma Associação, com o título de Companhia de Santa Teresa de Jesus, que *se dedicasse ao ensino* para regenerar o mundo, educando a mulher segundo o espírito de Santa Teresa de Jesus, a quem dediquei a revista há quatro anos, e decorridos três após ter fundado a Arquiconfraria teresiana»<sup>11</sup>.

<sup>6</sup> EEO II, 404.

<sup>7</sup> Carta a Sardà Nº 38.

<sup>8</sup> EEO III, 796.

<sup>9</sup> EEO III, 798.

<sup>10</sup> Carta a Cinta Talam, 19/1/1880. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,61).

<sup>11</sup> «Apuntes sobre el origen de la Compañía», Barcelona, 5º aniversário da idealização do plano ou projecto desta obra de zelo, 2 de Abril de 1881, em EEO II, 429.



- Em diversos capítulos das Constituições de 1882 e 1888:
  - «Tenham um prudente cuidado com a saúde do corpo, para a poderem gastar no *apostolado do ensino* para a maior glória de Deus»<sup>12</sup>.
  - «As austeridades e penitências exteriores nunca devem ser prescritas pela regra [...], pois prejudicam e impedem bens maiores, ou seja, o conveniente exercício do *apostolado do ensino*, que é a *finalidade principal da Companhia*»<sup>13</sup>.
- Ao avaliar os frutos do ensino nos colégios:
  - «Acabam de realizar-se os exames [...]. Deus abençoa os desvelos da *Companhia em difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo pelo Apostolado do ensino*»<sup>14</sup>.
- Quando da aprovação diocesana da Companhia:
  - «Tendo visto e examinado as Constituições ou regras pelas quais se governa a Companhia de Santa Teresa de Jesus [...], julgando-as muito conducentes à santa e perfeita finalidade que se propõe a Congregação de *donzelas consagradas, por voto, ao ensino das meninas* [...], aprovamos as referidas Constituições»<sup>15</sup>.
- No pequeno livro *Exames* escrito para contribuir para o conhecimento próprio das Irmãs:
  - «O *apostolado do ensino*, amadas filhas no Senhor Jesus e sua Teresa, é a preferida ou principal finalidade da vossa obra de zelo, à qual, aliás, vos consagrais com um voto especial [...]. Que a Virgem Maria [...] vos alcance, juntamente com a Mestra dos Sábios Teresa de Jesus, da Sabedoria eterna de Jesus Cristo, graça eficaz para cumprirdes o vosso belíssimo *Plano de Estudos* em todas as suas partes e com toda a perfeição possível, a fim de serdes as primeiras na difusão do reinado do seu conhecimento e amor»<sup>16</sup>.
  - «Oriente tudo para a finalidade essencial *deste Apostolado* [do ensino], que é formar Jesus no entendimento da infância pela instrução, no coração pela educação e no exterior pela modéstia cristã?»<sup>17</sup>.
- Quando a Companhia foi para a América, o Fundador compara-a com Teresa de Jesus que invejava os pregadores e missionários:
  - «Temos dado graças a Jesus e sua Teresa por tudo, pois têm abençoado as suas filhas que, mais ditosas que a sua Santa Madre neste ponto, pisaram o Novo Mundo e vão dedicar-se ao benéfico *apostolado do ensino*»<sup>18</sup>.

---

<sup>12</sup> SC e C em EEO II, 100 e 101.

<sup>13</sup> C em EEO II, 103.

<sup>14</sup> Carta a Saturnina, 17/7/1884. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 3,149).

<sup>15</sup> Documento de Aprovação, Tortosa, 26 de Janeiro de 1884, assinado por Francisco, Bispo de Tortosa. (Inserido, numa folha aparte, nas Constituições de 1882).

<sup>16</sup> Dedicatória de *Exámenes*, Montserrat, 23 de Agosto de 1885, em EEO II, 440.

<sup>17</sup> EF em EEO II, 441.

<sup>18</sup> Carta a Saturnina Jassá, 24/1/1889. (Ed. N° 402, original em AGSTJ, E. Vol. 4,109).

- Por ocasião da Aprovação oficial da Companhia pelo Governo espanhol, como congregação dedicada ao ensino:

«... Foi aprovada no dia 1 deste mês de Maio por ordem Real, como instituto de mulheres para o ensino de meninas e de crianças de ambos os sexos.

Esta ordem Real foi dada [...] tendo em consideração os frutos que, com a graça de Deus, tem dado e continuará a dar, o ensino cristão de tão beneméritas Irmãs, que exercem o *seu Apostolado do ensino* em Espanha, Portugal, África e ambas as Américas.

Com esta aprovação, nada mais falta à sua constituição para merecerem as felicitações de todas as pessoas que desejam o bem e a regeneração da sociedade pelo meio infalível, e às vezes único, do ensino»<sup>19</sup>.

- Nas meditações para as irmãs quando se passam em revista as diversas actividades:

«Olha como, desde que foste chamada à Companhia, não deixou de te chamar interiormente todos os dias [...], convidando-te a segui-IO o mais de perto possível: No Noviciado, no tempo dos estudos, *ao exerceres o apostolado do ensino*, nos teus trabalhos, todos os anos nos santos exercícios»<sup>20</sup>.

Ao lermos estes textos uns a seguir aos outros, talvez tenhamos reparado em que, salvo algumas formulações do princípio, são exigidos pelo contexto em que se fala do ministério ou serviço activo. Nestes casos, a omissão dos outros dois elementos justifica-se plenamente, e portanto, não contribui para o nosso estudo com nenhum esclarecimento especial. Precisamos de esperar um pouco mais para tirar algumas conclusões correctas.

## 2. «O apostolado da oração e do ensino»

Muito mais significativa é a frequente fórmula *bipolar* que fala do *apostolado da oração e do ensino*. Esta segunda fórmula remete imediatamente para a vida apostólica, de que teve experiência pessoal Henrique de Ossó e na qual iniciou a Companhia. Recordemo-nos daquela oração juvenil ao Espírito

<sup>19</sup> RT 1892-93, 237. – Nos *Apuntes Biográficos de J. B. ALTÉS*, alude-se também a este facto: «Em vista da solicitação enviada por V.S. a este Ministério, com data de 10 de Maio de 1891, solicitando que fosse aprovado o Instituto religioso de que é fundador, denominado «Companhia de Santa Teresa de Jesus», cujas Constituições enviou juntamente, e das quais se deduz que tem por objectivo o ensino de meninas e de crianças de ambos os sexos, grátis para os pobres [...]; considerando a finalidade altamente moral e social do Instituto, e o bem que é chamado a fazer por meio do ensino cristão; S.M. a Rainha (Q.D.G.), Regente do Reino, em nome do seu Augusto Filho, teve por bem aprovar o dito Instituto religioso de mulheres e a sua erecção [...]. 1 de Maio 1893. Montero Ríos». RT 1898-1899, 213.

<sup>20</sup> EE, em EEO II, 652.

Santo, na véspera de Pentecostes, e do texto programático de Act 6,4 com que se iniciam as Constituições da Companhia de 1882. A vida de Jesus Mestre, dedicada à oração e à pregação ou ensino, é o argumento que, para a Companhia, tem maior força:

«Considera o exemplo que Cristo te dá [...], que esteve todo ocupado no Templo na oração e doutrinação ou ensino». «Aprende daqui a ocupar-te, como te ensina Cristo e te mandam as tuas regras, com todo o afinco, nos *apostolados da oração e do ensino*»<sup>21</sup>.

Tal como os Doze, as discípulas-apóstolas partilharão a vida e a missão do Mestre:

«Nós dedicar-nos-emos à *oração e ao ministério da Palavra*» (Act 6,4).

### 2.1. «A Companhia escolhe, depois da oração, o ensino»

Com a inspiração de 2 de Abril e a fundação da Companhia, *a educação ou ensino* constituía o elemento característico, ou seja, aquele que distinguia esta nova obra de zelo das restantes obras apostólicas de Henrique de Ossó. Porém, alguns meses depois, na formulação da *missão apostólica* da Companhia, Henrique de Ossó *recupera* a oração, que nos primeiros meses, ao explicar apenas o elemento novo e ministerial que era o ensino, tinha ficado «implícita». Por fim, *a oração* reaparece em força. É a própria Teresa de Jesus que a explica neste artigo programático:

«A Companhia escolhe, *depois da oração, o apostolado do ensino* por ser o que mais favorece a difusão do reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo»<sup>22</sup>.

Sem muitas palavras, fica explicado o porquê do ensino, ao mesmo tempo que *a oração volta a ocupar* o seu lugar preferencial entre as mediações apostólicas. Por meio da educação teresiana, as novas gerações de cristãos e cristãs poderão conhecer melhor Jesus, convertendo-se eles próprios em apóstolos do seu conhecimento e amor, até que Jesus seja conhecido e amado por todos. É este o ideal de Henrique de Ossó. É este o ideal da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

---

<sup>21</sup> EE, em EEO II, 668.

<sup>22</sup> RT Agosto 1879, em EEO III, 803.

2.2. «Os apostolados da oração e do ensino  
são os que mais favorecem a finalidade»

Desde 1877 que se fala da *oração* e do *ensino* como sendo as duas grandes «tarefas» da missão apostólica da Companhia. Reconhecemos a influência de Jesus, contemplado como Apóstolo e Mestre por Henrique de Ossó, influência essa que chega também aos leitores da *Revista*, com os quais o Director insiste para que sejam apóstolos pela oração e pela acção. Diz-lhes em Janeiro de 1878:

«E no meio desta universal perturbação [...], oremos e trabalhemos. *Oremos*, pois, amantes teresianos, pois não há males incuráveis desde que saibamos orar [...]. Mas não basta orar. É necessário trabalhar, promover as obras de zelo, de educação, de sacrifício e penitência. Assim, o ano de 1878 será santo»<sup>23</sup>.

Em Abril, retoma a mesma ideia:

«Oremos, pois, [...]. *Oremos e trabalhemos*. Campo imenso para orar e trabalhar nos oferece a Irmandade Teresiana Universal, que é talvez a última tábua que Deus lança neste mar tempestuoso para o salvar [...].

Aí nos encontremos todos os amantes teresianos depois de termos orado e trabalhado por difundir o reinado social de Jesus Cristo»<sup>24</sup>.

Retomando o que se refere à Companhia, vejamos alguns textos que exemplificam o binómio apostólico da nova Obra, tal como a projectou o Fundador e foi sendo posto em prática nos anos seguintes. Escritos em situações e períodos diversos, foram extraídos de contextos diferentes, mas têm todos algo em comum: a convicção de que oração e educação são as duas mediações apostólicas da Companhia. Apontam-se diferentes razões, explica-se a sua relação com a finalidade, mas seja como for, aparecem sempre como sendo o apostolado da Companhia. Vejamos alguns exemplos:

- Uma carta inédita a Teresa Plá quando está a tratar da construção da Casa-Mãe:

«Reflectindo no assunto da casa de Sans [...] devo dizer-te que comunique a interessada que aceitamos a casa-convento que me ofereceu para a obra da Companhia de Santa Teresa de Jesus destinada a regenerar o mundo por meio do apostolado da oração e ensino»<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> RT «Desde la Soledad», Janeiro 1878, 106.

<sup>24</sup> RT «Desde la Soledad», Abril 1878, 192.

<sup>25</sup> Carta a Mn. Sanfeliú, 1878. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 27,55).

- Vários artigos da Revista, nos quais apresenta a Companhia como obra de todos, de todos os discípulos de Teresa de Jesus, solicitando-lhes todo o tipo de colaboração:

Obra actualmente muito combatida:

«Mal acaba de nascer a obra de zelo da Companhia de Santa Teresa de Jesus, e imediatamente, mais ainda que a primeira [Arquiconfraria], por ser formada por gente de escol, excita as iras do inferno, que se une para lhe dar a morte, se possível fosse, antes de nascer. Os dias desta obra predilecta da grande Santa, passam-se em combates e triunfos: combates e triunfos que mais não são do que um leve prelúdio das lutas que há-de travar e das vitórias que há-de obter ao *passar pelo mundo ingrato fazendo o bem por meio do Apostolado da oração e do ensino*. Quem está ao par desta obra, que possui todos os sinais de ser obra de Deus, pode dizer se porventura exageramos»<sup>26</sup>.

Corresponde às orientações pastorais de Leão XIII:

«Omitimos o artigo doutrinal para darmos lugar à importantíssima carta que Sua Santidade Leão XIII dirige ao Cardeal Vigário de Roma. Que os nossos leitores meditem atentamente o seu conteúdo, e ficarão uma vez mais convencidos de que o campo onde a verdade e o erro travam as suas batalhas, é o ensino. Isto confirma-nos, uma vez mais, de como hoje em dia é admiravelmente oportuna, e mesmo necessária, a obra de zelo da Companhia de Santa Teresa de Jesus, consagrada a difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo pelo mundo, por meio do *Apostolado da oração e do ensino*»<sup>27</sup>.

É um Instituto apostólico activo e teresiano, que se define carismaticamente pela integração da contemplação e da acção. Como os apóstolos, como Teresa de Jesus. Para explicar uma tal harmonia, o Fundador recorre agora à explicação de S. Tomás a respeito da sua ordem, caracterizada por uma forma de vida mista:

«Das Religiões aprovadas pela Igreja, [a Companhia] adoptou a oração e a acção, que é o mais excelente, pois, como ensina S. Tomás<sup>28</sup>, é mais perfeita a vida contemplativa que produz a activa, do que a vida simplesmente contemplativa. Por isso, acrescenta o Santo, estão no sumo e mais excelente grau, as Religiões que se ordenarem à *oração e ensino*. Além disso, a melhor Religião não é a mais rigorosa»<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> RT Novembro 1878, 36.

<sup>27</sup> RT Abril 1879, 189.

<sup>28</sup> Questão 188, 6ª, 2ª-2. Citado em SC: EEO II, 60.

<sup>29</sup> RT Agosto 1879, em EEO III, 802. Encontramos esta explicação em diversos escritos. Disto mesmo falam as razões 7ª, 8ª e 9ª, em «Razones para ingresar en la Compañía» (1879?) (manuscrito inédito, em AGSTJ, E. Vol. 25,64-65). E numa meditação do *Cuarto de Hora*, diz o seguinte: «Pondera a excelência desta minha obra de zelo [...]. Das Religiões aprovadas pela Igreja, adoptou a oração e a acção, que é o mais excelente, pois como ensina S. Tomás, é mais perfeita a vida contemplativa que produz a activa, do que a vida simplesmente contemplativa.

- Algumas cartas de carácter formativo enviadas às irmãs:
 

«Cuidai de vós e não sofraís inutilmente, nisto como no resto. Guardai a saúde para a gastar no *apostolado da oração e do ensino*»<sup>30</sup>.
- Um artigo comemorativo do 5º aniversário da fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus:
 

«Bendito seja tão generoso Coração [de Jesus], que passados cinco anos, nos deixa contar com nove casas ou residências onde recebem educação cristã mais de mil meninas, às quais se dão a conhecer e a amar Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus todos os dias *por meio da oração, ensino e bons exemplos*»<sup>31</sup>.
- Ao evocar a vida de uma das Fundadoras recém-falecida:
 

«Hoje, às 10 em ponto, passou para melhor vida a vossa Provincial Irmã Llorach e.p.d., após uma longa agonia. A sua morte foi a do justo. *Orando e pregando até morrer! E com que fervor!*»<sup>32</sup>.

É verdadeiramente significativo que, no início do capítulo X das Constituições – *Zelo pelos Interesses de Jesus* – se considere a participação carismática da Companhia na Missão salvadora de Jesus, precisamente segundo essa perspectiva:

«Um dos interesses mais apreciados ou estimados pelo Coração de Jesus e sua Teresa, é a salvação das almas [...]. É esta a sede que devora Jesus e sua Teresa, que desde o céu nos imploram continuamente: *Dai-me almas, filhas minhas, o resto ficai com ele para vós*»<sup>33</sup>.

E que se especifique, *concretamente*, em que consiste essa colaboração, e *porquê* essa e não outra:

---

Assim como há maior perfeição em iluminar outros do que em brilhar simplesmente, também há maior perfeição em ensinar, em comunicar aos outros as coisas contempladas, do que em contemplar simplesmente. Por isso, acrescenta o Santo, estão no sumo e mais excelente grau as Religiões ordenadas à oração e ao ensino. Além de que a melhor Religião não é a mais rigorosa [...]. Os meios utilizados por esta obra de zelo são os mais suaves e eficazes para alcançarem a sua finalidade. Oração contínua, silêncio rigoroso, obediência extrema, humildade, magnanimidade, zelo pelos interesses de Jesus, estudo. É isto que vai formando o coração das minhas filhas [...]. Santidade e sabedoria, tomando-me a mim por modelo: eis o que as prepara para exercerem proveitosamente o seu apostolado [...]. A Companhia escolhe, depois da oração, o apostolado do ensino, por ser o que mais favorece a difusão do reinado do conhecimento e do amor de Jesus Cristo».

<sup>30</sup> Carta a Agustina Alcoverro, que está em Maella, 28/12/1879. (Ed. Nº 115, original em AGSTJ, E. Vol. 16,78).

<sup>31</sup> RT Junho 1881 «*Quinto aniversario de la Fundación de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*», 251.

<sup>32</sup> Carta inédita a Saturnina, 2/12/1887. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 11,133).

<sup>33</sup> Cf. Gn 14,21 e VII M 4,12.

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus propõe-se precisamente mitigar essa sede, sacrificando as suas forças e toda a sua vida *no exercício dos dois apostolados mais eficazes para a salvação e a conversão: a oração e o ensino*»<sup>34</sup>.

Este artigo 36 do *Sumário das Constituições* é absolutamente coerente com os textos atrás citados e remete-nos novamente para o versículo programático – «*Nós dedicar-nos-emos à oração e ao ministério da Palavra*» – colocado estrategicamente no pórtico das Constituições e repetido no capítulo I. Henrique de Ossó comentou-o do seguinte modo, explicando o seu sentido para a Companhia:

«[A da Companhia] é a finalidade que tiveram Jesus Cristo e os Apóstolos: Orar e ensinar. Docete euntes ergo. Os Apóstolos deixaram de servir às mesas e de administrar os bens temporais para se consagrarem, com toda a liberdade e em pleno, a orar e ensinar. O mesmo fazem as da Companhia: deixam todas as coisas para *se consagrarem exclusivamente à oração e ao ensino*»<sup>35</sup>.

O comentário do Fundador põe em destaque *a importância da oração e do ensino*, tanto no caso de Jesus Cristo e dos Apóstolos, como no da Companhia, atribuindo-lhes um valor real. O que noutros lugares foi entendido como *meio*, aqui é considerado como fim, desejando realçar a coerência e a inter-relação carismática entre *missão e modo específico de a realizar*.

Segundo o livro dos *Actos*, os apóstolos puseram de parte outros possíveis serviços à comunidade, para «*se consagrarem, com toda a liberdade e em pleno*» àquilo que era constitutivo da *sua* missão e, portanto, intransmissível. «O mesmo fazem as da Companhia: *deixam todas as coisas para se consagrarem exclusivamente à oração e ao ensino*». Com base nesta leitura e nesta interpretação, é próprio da Companhia que ponha de parte tudo o que não for oração e ensino ou pregação para se dedicar exclusivamente àquilo que, segundo esta chave, é especificamente *apostólico*. Quer dizer, «as da Companhia» – como Jesus, como os Apóstolos – «consagram-se exclusivamente à oração e ao ensino».

### 3. «O apostolado da oração, ensino e sacrifício»

---

<sup>34</sup> SC em EEO II, 60. Embora nesse artigo se fale de «apostolados», noutros lugares a oração e o ensino – como vimos – aparecem como «actividades» coesas, integradas num único «apostolado».

<sup>35</sup> «Razones para ingresar en la Compañía de Santa Teresa de Jesús». Texto inédito em AGSTJ, E. Vol. 25,64. Já foi comentado no capítulo VIII.

Chegamos, outra vez, à fórmula *tripartida* que prevaleceu nas Constituições e documentos oficiais; fórmula que é proposta à contemplação das irmãs numa das principais meditações dos *Exercícios Espirituais*:

«A finalidade das Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus é, não apenas atender, com a graça de Deus e com todo o afincamento, à própria salvação e perfeição, mas zelar, com sumo interesse, pela maior honra de Cristo Jesus e difundir o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo por todo o mundo, *por meio dos apostolados da oração, ensino e sacrifício*<sup>36</sup>: restaurar todas as coisas em Cristo, educando a mulher segundo o espírito e a doutrina de Santa Teresa de Jesus. Assim sendo, a finalidade da Companhia de Santa Teresa de Jesus é a salvação e perfeição, tanto própria como alheia»<sup>37</sup>.

Nesta meditação, com grande acerto e à maneira de glosa ou explicação breve, reiteram-se por três vezes as três mediações ou «tarefas» da Companhia – formuladas no infinitivo, forma verbal que exprime acção –, associando-as, de cada vez, a uma das finalidades do instituto:

«Orar, ensinar, sacrificar-se, *para que todos conheçam e amem Jesus*.  
Orar, ensinar, sacrificar-se, *para restaurar em Cristo todas as coisas*.  
Orar, ensinar, sacrificar-se, *para educar a infância e a juventude feminina segundo [...] Teresa de Jesus*»<sup>38</sup>.

«*Restaurar todas as coisas em Cristo*», exprime a Finalidade última, a meta da Igreja, na qual está empenhada a Companhia. «*Que todos conheçam e amem Jesus*» – revelador do Pai e do homem ao próprio homem (Jo 17,3 e GS 22) – é a vida eterna para a pessoa, a sua salvação e mais plena felicidade, e a expressão da Finalidade específica da Companhia, enquanto carisma na Igreja e para o mundo. «*Educar segundo o espírito de Teresa*», é o serviço activo, a tarefa ou ministério eclesial, mediante o qual, e juntamente com a oração, a Companhia colabora com outros carismas para que Jesus seja conhecido e amado (educadoras, catequistas, mestras de oração), e para que todas as coisas sejam restauradas em Cristo (apóstolas).

### 3.1. «... O apostolado do Sacrifício»

<sup>36</sup> EE, em EEO II, 536 e 642 (= Art. 1 SC).

<sup>37</sup> EE, em EEO II, 536. Na página seguinte (537), diz: «Uns, procuram a sua salvação, como todos os cristãos. Outros, a sua perfeição, como todos os religiosos. Mas as filhas da Companhia devem procurar a sua própria salvação e perfeição e a alheia, e isto com sumo interesse. Uns, contentam-se com louvar e servir a Deus, eles sozinhos. Vós, também pelos outros. Uns, procuram a glória de Deus; vós, a maior honra e glória de Deus, sem nenhuma limitação».

<sup>38</sup> EE, em EEO II, 536.



Na fórmula oficial, «o sacrifício» é apresentado como *apostolado* da Companhia, o terceiro deles, depois *da oração e do ensino*. Qual será a razão? Como o entenderam o Fundador e as primeiras irmãs?

A pergunta pode parecer estranha, pois não será difícil justificar a presença do *sacrifício* ou da cruz na doutrina de quem estava tão identificado com Jesus: «*estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim (Gl 2,20)*». Assim como era este o ideal de Henrique de Ossó, assim era o ideal da Companhia, experiência paulina à qual tendiam todos quantos se tornavam discípulos de Teresa, e para os quais Henrique de Ossó tinha inventado uma forma mais popular, própria do século: *Viva Jesus! Morra o pecado!* Quando fala de *apostolado do sacrifício* na Companhia, o P. Henrique quereria referir-se, simplesmente, à necessidade de morrer para o *eu*, própria de toda a vida cristã, ou pensaria, além disso, num modo específico de a praticar, requerido, precisamente, pela *maneira de ser e de agir apostolicamente* das irmãs?

Esperamos que seja o próprio Fundador a explicar-no-lo. Embora não seja muito explícito neste ponto, encontramos alguns textos breves nos quais insinua ou explica abertamente o lugar e o sentido do *sacrifício* na vida apostólica da Companhia.

O *primeiro* é de 1878. Faz parte de um artigo sobre educação, no qual introduziu habilmente a Companhia como «semente fecunda de bem», que vai crescendo «para que o reino do Senhor venha quanto antes». Diz o seguinte:

«É por isso que a Companhia de Santa Teresa de Jesus exercitará o seu zelo, empregará e gastará o seu caudal, as suas forças, a sua saúde e talentos, no que houver de incrementar mais e mais os interesses de Jesus, escolhendo de preferência o *apostolado da oração e do ensino*, que são os mais fecundos, os que mais copiosos lucros hão-de obter para Jesus e sua Teresa. E *exercitando estes dois apostolados, sacrificar-se-ão pela salvação dos seus irmãos*, isto é, *exercerão o apostolado do sacrifício, que é o último, o mais perfeito e mais sublime apostolado*»<sup>39</sup>.

É a primeira vez que encontramos uma tal explicação, e será praticamente a última. Como podemos verificar, segue a lógica de Act 6,4 e o seu magnífico comentário, que conhecemos bem. *Deixar todas as coisas*, abandonar tudo o resto, despreocupar-se da própria pessoa *para se consagrar, com toda a liberdade e em pleno a orar e educar*, inclui, necessariamente, morrer para si mesma. Pode chamar-se-lhe *sacrifício apostólico*, pois é o sacrifício das que foram chamadas a ser apóstolas, ou *apostolado do sacrifício*, pois «*sacrificam-se pela salvação dos irmãos*».

---

<sup>39</sup> RT Fevereiro 1878, em EEO III, 849.

O segundo texto, muito menos explícito, não precisa de comentários, pois insiste na mesma ideia. Também faz parte de um artigo da *Revista* que fala da Casa de formação da Companhia que está a ser construída:

«Proseguimos com lentidão, maior do que desejaríamos, devido à escassez de recursos, as obras deste grande edifício destinado a ser como que o centro de toda a Espanha, onde se formem, em espírito e letras, as jovens católicas mais corajosas que *desejem sacrificar-se*, difundindo o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo pelos dois mais excelentes Apostolados: o da *oração* e o do *ensino*»<sup>40</sup>.

O terceiro, quase idêntico ao segundo e contido no primeiro, é interessante sobretudo por integrar o capítulo do *Zelo* das Constituições:

«A Companhia de Santa Teresa de Jesus vem, precisamente, mitigar esta sede, *sacrificando as suas forças e a sua vida toda no exercício* dos dois apostolados mais eficazes para a salvação e conversão: a *oração* e o *ensino*»<sup>41</sup>.

Os três textos constituem um novo e fortíssimo argumento para afirmar que a *oração e o ensino (educação)*, são as mediações específicas da Companhia. A vida inteira das que são chamadas, as suas qualidades, os seus conhecimentos, as suas capacidades, *são consagrados, dedicados, empregados, investidos*, nos «dois apostolados mais eficazes para a salvação e conversão».

Henrique de Ossó repete, com uma certa frequência, uma expressão rica, referida às irmãs da Companhia, que põe em evidência a radicalidade da entrega e a relativização de «tudo o resto». É como que a consequência da *determinada determinação teresiana*. A expressão que encontramos já em centenas de textos e contextos, é precisamente a seguinte: «*disposta(s) a todo o sacrifício*»<sup>42</sup>.

### 3.2. «O Ensino requer Sacrifício»

Poucas vezes é explicada a inter-relação dos três elementos como nos textos precedentes. É mais frequente encontrar, tanto em documentos oficiais como em escritos esporádicos, breves expressões que manifestam a relação existente entre *Ensino* e *sacrifício*. Vejamos umas quantas:

<sup>40</sup> RT Março 1879, 168.

<sup>41</sup> SC e C em EEO II, 60 e 61.

<sup>42</sup> À maneira de exemplo: Carta Nº 38 a Sardà, 24/6/76, em que fala de «jovens dispostas a todo o sacrifício»; Carta a Teresa Plá, 29/11/78: «Estás disposta a todo o sacrifício para a maior glória de Deus?»; SC, em EEO II, 98 e 216: «As da Companhia devem ser almas viris, esforçadas, desprendidas de si mesmas e de todas as coisas, dispostas a todo o sacrifício». (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 2,50. Uma parte está publicada: Ed. Nº 87).

- No Plano de Estudos da Companhia:
 

«O Apostolado do ensino é um apostolado de sacrifício. Porém, considerando o exemplo de Jesus Cristo, dos Apóstolos e Santos, da sua seráfica madre e Doutora, tudo se lhes tornará fácil. Serão mártires, se necessário for, do estudo e do ensino, por Jesus e sua Teresa. E de quão boa vontade!»<sup>43</sup>.
- Nas Constituições:
 

«A alimentação será abundante e substancial [...] de maneira que possam passar com aquilo que lhes é dado e tenham forças para exercerem bem *o seu cansativo apostolado do ensino*»<sup>44</sup>.

«As austeridades e penitências exteriores nunca deverão ser prescritas pela regra, nem hão-de ser imoderadas, nem indiscretas, porque prejudicam e impedem bens maiores, ou seja, o conveniente exercício do apostolado do ensino, que é a finalidade principal da Companhia»<sup>45</sup>.
- Em «Instruções às Professoras»:
 

«As meninas que agora formais com tanto trabalho, serão amanhã mães de família, e se as educardes bem, poderão salvar uma família, uma cidade, inúmeras almas. Animai-vos com esta consideração a assumir com generosidade *este apostolado do ensino, que é o de maior sacrifício*»<sup>46</sup>.

«Que a devoção e o espírito dos santos as inspire, e levarão de vencida as principais dificuldades desta árdua e difícil tarefa»<sup>47</sup>.
- Na RT: Uma oração à Santa pela comunidade de Gracia que vive numa situação de grande dificuldade:
 

«Santa Teresa de Jesus – que com o teu zelo, as tuas orações, os teus escritos e as tuas obras, trabalhaste, mais que nenhuma outra no teu século, para impedir que o protestantismo entrasse na nossa pátria – tem piedade de Gracia, abençoa as tuas queridas filhas que, com *tanto sacrifício*, durante oito horas diárias, *se consagram ao apostolado do ensino*»<sup>48</sup>.
- Nas cartas do Fundador às irmãs:

---

<sup>43</sup> PE, em EEO II, 250. O tema de «mártires do estudo» aparece também repetidas vezes em todos os documentos formativos. Em PE, 233: «Deveis ser mártires do estudo, se for necessário, para desempenhardes, ou para vos dispordes a desempenhar frutuosamente o sublime apostolado do ensino».

<sup>44</sup> C 1888, em EEO II, 95.

<sup>45</sup> C 1888, em EEO II, 103.

<sup>46</sup> MR, em EEO II, 491-492.

<sup>47</sup> MR, em EEO II, 496. Noutro lugar do mesmo livro, diz: «Não estais sozinhas nesta árdua e mais divina das ocupações» (EEO II, 489).

<sup>48</sup> RT Agosto 1880, 288.

«Vê o que faz falta a cada irmã, em especial para este inverno, e se houver em Tarragona, manda-se daí. Que as minhas filhas não padeçam (desnecessariamente), pois *bastante padecer é o apostolado do ensino*»<sup>49</sup>.

Podíamos citar muitos textos, alguns talvez até mais expressivos. Seja como for, os seleccionados são uma mostra da consciência que tem Henrique de Ossó de que o apostolado do ensino requer muito sacrifício.

### 3.3. «O Ensino há-de ser precedido e acompanhado de Oração»

Este sim, é um tema muito repetido, não só nos escritos doutrinários, mas sobretudo nas cartas. Poderia fazer-se um estudo mais alargado. Neste, limitamo-nos a insinuá-lo, com uma mostra das múltiplas indicações que o Fundador vai dando em situações concretas:

- Em situações difíceis, absorventes, de dispersão e trabalho excessivo, o Fundador recorda o que é *verdadeiramente importante* e aponta critérios:

«Se Jesus está convosco, quem contra vós? [...]. A intenção recta e a vontade determinada [...]. Não te afadigues demasiadamente pelos bens daqui [...]. Procura que as coisas e tarefas exteriores não impeçam a tua união com Deus. Purifica a tua intenção, e ama, adora, serve Jesus que está no teu coração»<sup>50</sup>.

- À Comunidade de Orán, que vive rodeada de pessoas de outras religiões, sente muitas dificuldades de inserção e sofre, naturalmente, devido à distância, o Fundador escreve-lhes uma carta para as animar, sem contudo lhes ocultar os seus receios, desejando despertá-las para que se mantenham lúcidas e conscientes:

«De grande consolação são para mim as vossas letras, mais a mais por saber que se difunde e propaga o conhecimento e amor de Jesus por vosso intermédio no meio desse povo. Sede fiéis à graça da vossa vocação [...]. Paciência, prudência e oração.

*Os meus receios:*

1º Que com o excesso de trabalho material, afogueis o espírito.

2º Que assim percais o espírito religioso e da Companhia, acabando por ser apenas boas jovens.

3º Que vos fixeis mais nos bens temporais e afazeres do que no reino de Deus e sua justiça.

4º Finalmente, que sejais como um ramo desprendido da frondosa árvore da Companhia e que, por isso, não deis o fruto que sois chamadas a dar.

Todos estes receios desaparecerão, minhas filhas, se tiverdes espírito de fé e de observância das santas regras; se viverdes em oração e união com Jesus, pondo os olhos na vossa seráfica Madre Santa Teresa de Jesus.

<sup>49</sup> Carta a Saturnina, 5/11/1880. (Ed. Nº 158, original em AGSTJ, E. Vol. 1,66).

<sup>50</sup> Carta a Teresa Plá, superiora da Comunidade de Gracia, a braços com uma missão difícil. 3 de Setembro de 1880. (Ed. Nº 149, original em AGSTJ, E. Vol. 5,20).

Muito desejo que sejais apóstolas, apóstolas deveras, as mais zelosas pelo conhecimento e amor de Jesus Cristo nessas inóspitas paragens [...]. Muita oração é necessária para converter esses corações. Os judeus e os maometanos são os mais difíceis de converter. *Só a oração o pode conseguir, com o ensino*<sup>51</sup>.

- À mestra de noviças recorda como é absolutamente necessária a *relação de amizade com Jesus*, sobretudo para quem tem como missão dá-LO a conhecer:
  - «Se a finalidade da Companhia é difundir por todo o mundo o reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo, como O tornareis conhecido e amado se vós não O amardes? Muitas visitas a Jesus Sacramento. Amai-O, adorai-O, pelos que não O amam nem adoram. Tudo por Jesus. Jesus vê-te, Jesus olha para ti [...]. Jesus está sempre a amar-me. É amizade deveras. Nunca volta atrás. Entra no Coração de Jesus»<sup>52</sup>.
- No *Plano de Estudos* da Companhia e nos *Exames das Professoras*, insiste também na importância da *oração apostólica* que consiste, não só em pedir ao Senhor que nos dê aquilo de que nos encarrega, mas em deixar-se transformar por Ele, no frequente trato de amizade:
  - «Para esta finalidade essencial [formar Jesus Cristo...] dirijam todos os esforços e cuidados, *pedindo-o continuamente* e com fervor a Jesus e sua Teresa *em todas as suas orações*»<sup>53</sup>.
  - «Estou compenetrada da enormíssima *importância do meu apostolado do ensino*? Dirijo tudo para a finalidade essencial desse apostolado? Procuo alcançar essa finalidade *com a oração* e o bom exemplo?»<sup>54</sup>.

### 3.4. «O Ensino, acompanhado, precedido, de oração e sacrifício...»

Os nove dias dedicados a *exercitar-se* espiritualmente segundo o método de Santo Inácio<sup>55</sup> revestem-se, na Companhia, de uma importância especial. É uma ocasião privilegiada para contemplarem Jesus Apóstolo e Mestre a

<sup>51</sup> Esta carta, de 23 de Maio de 1885, é também dirigida a Teresa Plá, superiora da comunidade. (Ed. Nº 325, original em AGSTJ, Epistolario PIB/T Vol. VI,15).

<sup>52</sup> Nessa altura, a mestra é Francisca Plá. A ela se destina esta carta de 22/6/1894. (Ed. Nº 461, original em AGSTJ, E. Vol. 14,95).

<sup>53</sup> PE em EEO II, 245.

<sup>54</sup> Exames enviados por correspondência. Carta escrita em Aleixar, 25/3/1885. (Inédita em AGSTJ, E. Vol. 1,30).

<sup>55</sup> Cf. SC e C em EEO II, 118 e 119. Convém reparar nos aspectos comunitário e apostólico de que se revestem os Exercícios nas Constituições: «Todos os anos farão Exercícios Espirituais pelo menos durante nove dias. Na medida do possível, na Casa-Mãe ou num dos Colégios centrais, onde se reunirão todas as irmãs para se consolarem e animarem no Senhor, reflectindo e procurando os meios mais eficazes para zelar pelos interesses de Jesus, Maria, José e Teresa, na sua alma e nas dos outros, com a maior perfeição e extensão possíveis. Pelo menos antes de tomar Hábito e de fazer votos, farão os de quatro semanas».

percorrer as aldeias da Galileia, ensinando e fazendo bem a todos, e para O contemplarem também nos diversos momentos de preparação para a vida apostólica. As meditações dedicadas aos 30 anos de Nazaré, ou as do Deserto, mostram um Jesus que *reza e se sacrifica*, modelo de referência para as irmãs. É interessante observar as *interpretações* pessoais e as *aplicações* que faz Henrique de Ossó:

Nas de NAZARÉ, inclui as noites de oração apostólica de Jesus durante os 3 anos activos:

«O Filho de Deus ora, cala-se e sofre em Nazaré:

Passava as noites em oração: Orava ao Pai e, com as suas orações, fazia diligências em ordem à reparação do homem, à formação da Igreja militante, ao perdão do pecadores»<sup>56</sup>.

Nas do DESERTO:

*Oração no deserto*: «Considera que Cristo, [...] cheio do Espírito Santo, se retira para o deserto, para a solidão (bis) [...] para saborear o dom celestial. Para que aprendas esta virtude tão necessária a todos os que trabalham pelo bem das almas, porque é na solidão que Deus fala ao coração, e lhe comunica o seu Espírito, para O comunicar aos outros»<sup>57</sup>.

*Oração e jejum*: «Pondera a vida de Cristo no deserto [...]. Em perfeita solidão, toda a sua conversação era com o céu, e a esta oração unia uma perfeita vigilância, um jejum contínuo»<sup>58</sup>.

«Aprende assim, alma minha, *antes de sair* para ensinar o teu próximo com a palavra e com o exemplo, *a preparar-te* como Cristo, num espírito de solidão, de oração e de mortificação ou austeridade de vida, para que o teu apostolado seja proveitoso [...]. Ama e procura a solidão, a oração, a mortificação»<sup>59</sup>.

«Quanto maior for o empenho com que te resolveres a servir a Deus, mais hás-de preparar-te para a tentação [...]. O diabo aproximou-se de Jesus quando O viu no deserto, jejuando e mortificando-se»<sup>60</sup>.

*Oração e jejuns*: «Contempla Jesus na solidão do deserto, jejuando e orando, preparando-se assim para a vida apostólica:

Cristo Jesus, que viria a ser o *modelo* de todos os estados, deveria sê-lo em especial dos *varões apostólicos* que procuram imitá-LO mais de perto quanto à salvação e santificação das almas; por isso, antes de sair para o mundo para cumprir a sua missão [...], vai rezar e jejuar no deserto *para nos indicar* que o

<sup>56</sup> EE, em EEO II, 671.

<sup>57</sup> EE, em EEO II, 685.

<sup>58</sup> EE, em EEO II, 685.

<sup>59</sup> EE, em EEO II, 686.

<sup>60</sup> EE, em EEO II, 687.

espírito de solidão e de oração, e de mortificação ou austeridade, *é o espírito que não-de procurar ter os seus servidores e coadjutores*»<sup>61</sup>.

É com esta chave evangélica e cristocêntrica que é preciso entender a vida apostólica das educadoras teresianas. Não-de ser, necessariamente, «almas de oração», solidamente alicerçadas na fé e no amor.

Referimo-nos já, por várias vezes, à série de artigos *Organizemo-nos* que Henrique de Ossó escreve pouco depois de ter fundado a Companhia. Esses três artigos são uma chamada de atenção, verdadeiramente persuasiva, destinada a todos os cristãos, para que se comprometam em alguma obra de zelo. O artigo de Fevereiro traça o perfil do líder cristão, que coincide, logicamente, com a pessoa de Henrique de Ossó. Seleccionamos alguns parágrafos pelo seu carácter doutrinal e por exporem – talvez como nenhum outro texto – o ideal da Companhia.

O artigo fala da integração da oração e do sacrifício na actividade apostólica educativa, e de uma maneira que só Teresa de Jesus seria capaz de superar, como veremos:

«Que [o líder cristão] *seja alma de oração*, alma solidamente piedosa, alma de fé pura [...]. Todas estas obras de zelo pelos interesses de Jesus, e mais particularmente aquela de que estamos a tratar porque poderia resumir todas as outras, *vivem da vida de Jesus Cristo* [...]. Quem se atreve a ser instrumento e meio para comunicar a vida de Jesus Cristo, sem a ter em si mesmo, por não fazer oração, não estando, conseqüentemente, unido a Cristo [...], [verá que a sua] obra acaba por perecer, já que não tem vida própria, nem é animada e vivificada pelo espírito de Deus [...].

A vida destas obras deve ser vida de Deus; o espírito que as anima deve ser o de Jesus Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida que veio a este mundo para que todos a tivéssemos em abundância».

«Além de que, para perseverar na prática destas obras de zelo, *se necessita, continuamente, de muito espírito de sacrificio*: sacrificio das comodidades, do tempo, às vezes dos interesses materiais e, mais ainda, da própria opinião e da própria vontade»<sup>62</sup>.

Enquanto viveu o Fundador, não foram necessárias muitas explicações acerca da relação entre estes três elementos – a mística, a actividade [tão marcada pela mística] e a ascética – todas elas dimensões apostólicas, obviamente integradas. Viveram-se unidas, como unidas estavam na inspiração original e na experiência de quem recebeu o carisma. E isto, apesar de, nas Constituições dos religiosos da época, ser frequente distinguir entre fins

---

<sup>61</sup> EE, em EEO II, 691.

<sup>62</sup> RT Fevereiro 1877 em EEO III, 820-821.

principais e secundários. Nada disso se passou na Companhia. No entanto, era tão frequente a interpretação «dualista», que não faltou quem assim interpretasse as Constituições da Companhia. D. Vicente Olivares, na sua «Memória acerca do Instituto espanhol das Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus» – aliás muito elogiosa – deixou-nos o exemplo de uma leitura distorcida, que foi lida no I Congresso Católico<sup>63</sup> e que foi integralmente publicada na *Revista*. Relativamente à finalidade apostólica, diz o seguinte:

«Entre as fundações deste género, existe a da Companhia de Santa Teresa de Jesus [...] cujo objectivo inclui três áreas de capital importância: a oração e o sacrifício para a própria santificação das Irmãs, e o exercício frutuoso do importante apostolado da educação da mulher, à sombra da celestial doutrina da Doutora Mística»<sup>64</sup>.

É evidente que, no «exame das sapientíssimas Constituições desta Companhia» – como ele próprio diz no Discurso – o Sr. Olivares separou o que sempre esteve unido. Por um lado, tratar-se-ia, na sua opinião, da santificação das irmãs; e por outro, do exercício do apostolado. Não foi essa a Companhia de Santa Teresa de Jesus que o Espírito inspirou a Henrique de Ossó!

Após esta análise dos textos da Companhia que se referem à missão e às suas modalidades, terá ficado provado o «Tríplice apostolado» e a integração dos vários elementos? Para as irmãs de hoje, será suficientemente evidente a unidade entre mística, acção e ascética apostólicas teresianas, de tal modo que, ao rerelem o carisma «não sofra quebranto» – nas palavras do Fundador –, mas que possa ser posto em prática com maior profundidade e coerência?

Será possível vivê-lo na Companhia de hoje e de amanhã, de uma maneira mais condizente com a utopia, por *nos termos aproximado das fontes*, por *escutarmos* os apelos do mundo, e por *pormos em jogo*, «na maior escala possível», as possibilidades apostólicas que o século XXI oferece à mulher *para zelar pelos interesses de Jesus na Companhia?*

#### **4. Conclusão: «Marta e Maria não-de andar juntas»**

Concluimos este Capítulo propondo uma *lectio divina* da passagem evangélica de Marta e Maria (Lc 10,38-42 e Jo 12,1-3), pela mão de Teresa de Jesus. A Santa faz uma leitura muito feminina e muito pessoal desta passagem evangélica, que pode esclarecer hoje a interpretação da Missão da Companhia, como iluminou o seu entendimento inicial. Recordemo-nos de que um dos capítulos das Constituições começa por afirmar que «*as da Companhia de Santa*

---

<sup>63</sup> Cf. Capítulo IV B.

<sup>64</sup> RT Junho 1889, 272.



*Teresa de Jesus não-de imitar a sua Madre Teresa de Jesus na vida activa e contemplativa»<sup>65</sup>.*

As figuras de Marta e Maria estiveram sempre presentes no percurso espiritual da Santa, e logo no *Livro da Vida* recorreu a elas para expor a sua doutrina sobre a oração e o serviço. Rastreando os textos onde aparecem, observamos como se constrói toda uma *teoria do amor* em torno destas duas discípulas e amigas do Senhor, embora não possuam o mesmo valor simbólico em todos os escritos. Resumimos, como se segue, a teoria da *oração-vida* segundo Teresa de Jesus: Após uma apologia da Oração, a Santa vê-se na necessidade de re-situar a contemplação – poderíamos dizer, a oração explícita – bem como o serviço. Oração e serviço são *mediações* do amor, expressões diversas da relação de amizade e caminho para ela.

### Primeira interpretação

Marta e Maria representam para a Santa, em primeiro lugar, dois modos possíveis de *relação de amizade* com o Amigo, o Esposo, o Hóspede. Assim o expõe na *Vida* e no *Caminho*. Nesta segunda obra, Teresa aposta no segundo modo, no de Marta, que é o único que nós podemos pretender:

«Santa era santa Marta, e não dizem que fosse contemplativa; pois, que mais quereis do que chegar a ser como esta bem-aventurada, que mereceu ter a Cristo nosso Senhor tantas vezes em sua casa e dar-lhe de comer e servi-LO e comer com Ele à sua mesa? Se se ficasse como a Madalena, embevecida, não teria havido quem desse de comer a este divino Hóspede. Pois pensai que esta Congregação é a casa de Santa Marta [...]. Lembrem-se de que é necessário haver quem lhe guise a comida, e tenham-se por ditosas de O andar a servir como Marta!»<sup>66</sup>.

A relação «*regalada*», a contemplação de Maria, não está na nossa mão – dirá ela própria – e o Senhor concede-a, frequentemente, depois de termos sido Marta. A Esposa enamorada tem os olhos fixos no Esposo, no Hóspede. E as duas irmãs tiveram Cristo em sua casa. Importante era, pois, contentá-LO a Ele, procurar que fosse servido, que tivesse companhia, que gostasse de estar. É nesta perspectiva que a Santa, no *Caminho de Perfeição*, entoa as excelências da vida activa.

Na *Vida* e nas *Moradas*, Teresa afirma, com base na sua experiência, que «há um pouco falta de humildade em querer ser Maria antes de ter trabalhado como Marta»<sup>67</sup>. Ela está convencida de que o Senhor disse que Maria «escolheu

---

<sup>65</sup> SC, em EEO II, 122.

<sup>66</sup> C, 17,5 e 6.

<sup>67</sup> V, 22,9.

a melhor parte» por «já ter feito o ofício de Marta, regalando ao Senhor em lhe lavar os pés e enxugando-os com seus cabelos»<sup>68</sup>.

### Segunda e definitiva interpretação: Integração de «Marta e Maria»

A imagem de Marta e Maria evolui com a experiência de Teresa e, por fim, as duas irmãs acabam por representar, não dois tipos *opostos*: pessoas activas e pessoas contemplativas, mas duas dimensões de uma única pessoa orante, a Esposa dos Cantares, que recebeu do Esposo a missão apostólica. É o que verificamos nas *VII Moradas*, nos capítulos I e IV, e sobretudo no capítulo VII das *Meditações sobre os Cantares*.

Os textos de maior interesse são precisamente aqueles em que Marta e Maria representam dimensões da mesma pessoa em harmoniosa convivência, embora realizando operações diversas. A «vontade» ama, ao passo que o «entendimento» pode estar ocupado no serviço activo:

«A *vontade* [...] está presa e gozando e em muita quietude. [...] Por outro lado, o entendimento e a memória ficam tão livres, que podem tratar de negócios e atender a obras de caridade. [...]. Nesta oração, [a alma] pode também ser Marta, e assim quase que está trabalhando a um tempo na *vida activa e contemplativa*. Pode atender a obras de caridade e a negócios que convenham ao seu estado [...]; mas entendem bem que a melhor parte da alma está em outro lugar»<sup>69</sup>.

Numa das Contas de Consciência, relata idêntica experiência, vivida por ela própria:

«Entende a alma que só a vontade está unida e entende-se muito claramente que está toda empregada em Deus, [...] e as outras duas potências estão livres para negócios e obras do serviço de Deus. Enfim, *andam juntas Marta e Maria*»<sup>70</sup>.

<sup>68</sup> VII M, 4,15. Neste texto, e em alguns outros, a Santa «confunde» Maria com Maria Madalena, pois mistura o texto de Lucas com o de João.

<sup>69</sup> V, 17,4.

<sup>70</sup> CC 54<sup>a</sup>,5 (R 5,5). Algumas vezes, mais do que harmonia entre *vontade* e *entendimento*, a pessoa experimenta uma certa tensão, desejando a unificação total: «O essencial da sua alma jamais se movia daquele aposento, de maneira que lhe parecia, de certo modo, que havia divisão em sua alma, e andando com grandes trabalhos, que os teve pouco depois de Deus lhe ter feito esta mercê, queixava-se dela – à maneira de Marta quando se queixou de Maria – e algumas vezes dizia que ela se ficava sempre a gozar daquela quietude a seu prazer, e a deixava a ela em tantos trabalhos e ocupações que não lhe podia assim fazer companhia» (VII M, 1,11).

No último capítulo das Moradas, a Santa conclui afirmando a necessidade de a mesma pessoa ser, ao mesmo tempo, Marta e Maria. Retoma o argumento do *Caminho* com os seus pormenores da mesa e da refeição:

«Crede-me que Marta e Maria *hão-de andar juntas* para hospedar o Senhor, e tê-IO sempre consigo, e não lhe dar má hospedagem, não lhe dando de comer. Como lha daria Maria, sentada sempre a seus pés, se sua irmã não a ajudara?...».

Mas inclui agora um novo elemento, importante para as monjas do Carmelo, e fundamental para a Companhia de Santa Teresa de Jesus. Vejamos em que manjar fala agora:

«O seu manjar é que, de todas as maneiras que pudermos, ganhemos almas para que se salvem e sempre O louvem»<sup>71</sup>.

Não se trata de um *manjar* qualquer, mas de zelar pela honra e glória de Jesus pela salvação dos seus irmãos. É isto que compendia o capítulo do *Zelo pelos interesses de Jesus* das Constituições da Companhia, no qual se junta o tema bíblico da *sede* ao do *manjar* teresiano, para exprimir, com força redobrada, como há-de ser a colaboração apostólica das irmãs:

«Um dos mais prezados interesses do Coração de Jesus e sua Teresa, é a salvação das almas [...]. Esta é a *sede* que devora Jesus e sua Teresa, que desde o céu nos clamam continuamente: «*Dai-me almas, Filhas minhas, o resto tomai-o para vós*». E o seu *manjar* é que, de todas as maneiras que puderdes, lhe ganheis almas, para que se salvem e sempre O louvem (M 7,4). A mitigar esta *sede* e a dar-lhe este *manjar*, é que vos destinais, Filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus...»<sup>72</sup>.

O último capítulo das Meditações sobre os Cantares, é talvez o texto mais explícito neste sentido. Fala das «flores e dos frutos» que pede à Esposa, que não são senão «*com a vida, querer servir de algum modo a quem vê que tanto deve*»<sup>73</sup>. As ressonâncias destas palavras na Companhia, são também evidentes. Recordemos, uma vez mais, a incumbência esposal recebida, como consta do Capítulo I das Constituições:

«À Companhia de Santa Teresa de Jesus disse Jesus como à Santa: Zelarás a minha honra como minha verdadeira Esposa. A minha honra é a tua honra, e a tua, minha»<sup>74</sup>.

<sup>71</sup> VII M, 4,14.

<sup>72</sup> Cf. SC 1882 e C 1888, em EEO II, 60 e 61.

<sup>73</sup> MC, 7,1.

<sup>74</sup> SC e C, em EEO II, 14 e 15. (Cf. CC 25ª).

E lemos, nesta mesma chave, a explicação que dá Teresa com base na sua própria experiência:

«Entendo eu que pede ao Esposo *que a deixe fazer grandes obras em seu serviço* e bem do próximo. Por isso folga de perder aquele deleite e contentamento; e *embora seja vida mais activa que contemplativa [...] nunca deixam de trabalhar, quase juntas, Marta e Maria.*

Porque no que é actividade e parece exterior, opera o interior, e quando as obras activas saem desta raiz, são admiráveis e olorosíssimas flores. Procedem desta árvore do amor de Deus, e só por Ele, sem nenhum interesse próprio, espalha-se o olor destas flores para proveito de muitos, e é perfume que dura; não passa depressa, mas faz grandes operações»<sup>75</sup>.

Seria impossível encontrar melhor explicação da «*vida mais activa que contemplativa*» da *Companhia*<sup>76</sup>. «Estas são as obras e as flores que pede a Esposa: olhar só à honra e glória de Deus em tudo»:

«Na verdade, as almas que o Senhor faz chegar aqui [...] só têm em mira contentar e servir o Senhor, [...] gostam de deixar o próprio gosto e bem-estar para O contentar [...]. É o lucro de seus próximos que trazem presente, nada mais...»<sup>77</sup>.

Nesta perspectiva, entende-se, vive-se e anuncia-se *na Companhia*, como boa notícia, a *unidade entre oração, ensino e sacrifício*, tal como a viveu e a ensinou Teresa de Jesus com palavras verdadeiras:

«É o lucro de seus próximos que trazem presente, nada mais. Para contentarem mais a Deus, olvidam-se a si mesmos por eles e perdem as vidas na demanda [...], e envoltas suas palavras neste tão subido amor de Deus [...], não se lhes dá nada de descontentar aos homens. Estes aproveitam muito»<sup>78</sup>.

Foi este *espírito de oração e união com Jesus*, que o povo soube reconhecer muito depressa nas irmãs da *Companhia*. Numa crónica do Boletim Oficial da Diocese de Calahorra, escrita sete meses depois da fundação, podemos ler e apreciar – para além do estilo romântico e um tanto afectado da época – quais eram as características da espiritualidade daquelas mulheres – espiritualidade teresiana, que transparecia, não só na sua actividade educativa,

<sup>75</sup> MC, 7,3.

<sup>76</sup> Recordamos o que se diz no capítulo do *Zelo* das Constituições da *Companhia*, um pouco mais adiante: «Entre as obras exteriores ou de vida activa, deve escolher as mais importantes ou excelentes, ou seja, como diz S. Tomás (2<sup>a</sup>.2<sup>a</sup>.188, art. 6), as que se ordenam directamente à saúde das almas» (EEO II, 60-62).

<sup>77</sup> MC, 7,4.

<sup>78</sup> MC, 7,4.

mas também, como diz a crónica, na «própria vida das Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus»:

«É essa a vida cristã perfeita, a vida mista, contemplativa e activa, praticada admiravelmente...».

O artigo é interessante porque revela como o povo via a Companhia e como interpretaram as Constituições escritas, a partir da actividade e maneira de ser das irmãs – *regras vivas* –, mas também da sua própria mentalidade e dos usuais modelos de vida religiosa:

«No *oratório* e dentro da clausura, as Irmãs Teresianas de Calahorra são *Marias* que [...] se elevam aos cumes do conhecimento e amor de Deus [...] por meio dos exercícios de leitura, meditação, oração e contemplação. Nas *aulas*, são *Martas* que não omitem nenhum meio nem poupam nenhuma fadiga para procurarem a Cristo Jesus, com Quem estão intimamente unidas e a Quem são totalmente consagradas, uma hospedagem agradável e permanente nas almas das criancinhas de ambos os sexos, das meninas da classe elementar e das adultas do ensino superior [...]. E se, como *Marias*, edificam com o seu fervor, com o seu espírito e com as suas extraordinárias virtudes, como *Martas* arrebatam com a sua inefável caridade e com o seu zelo verdadeiramente apostólico. Parece mentira que umas débeis mulheres sejam capazes de *se sacrificar* no altar do amor de Deus e do próximo, como se sacrificam estas benditas Irmãs de Calahorra, e levar, como levam, tão altíssima vida de *oração* e de *acção*»<sup>79</sup>.

As teresianas «*souberam captar as simpatias e atrair os corações dos calahorranos*»<sup>80</sup> e a sua presença foi *uma bênção*, não só porque, em poucos meses, transformaram *as famílias e a rua* graças à influência das crianças, mas porque, pelo seu estilo de vida e forma de relação, contagiaram *o espírito* de Santa Teresa «*enriquecendo espiritualmente toda a cidade*», como diz a crónica<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> Boletim Eclesiástico de Calahorra, Outubro de 1888, publicado em RT 1888-89, 53-54.

<sup>80</sup> Ibid., 52.

<sup>81</sup> Ibid.

## CONCLUSÕES

Depois de ter estado em contacto com *as origens da Companhia* ao longo de dezoito capítulos, surgirão provavelmente, nas leitoras e leitores, pelo menos duas perguntas como consequência de *VOLTAR ÀS FONTES*.

A primeira diz respeito ao CARISMA DO FUNDADOR E DA COMPANHIA. Interrogamo-nos: Qual é, ao fim e ao cabo, o *núcleo da espiritualidade e da missão* que Henrique de Ossó recebeu do Espírito Santo, que ele próprio pôs em prática e que transmitiu à primeira comunidade de irmãs? Quais foram as *intenções fundantes* que a Companhia de todos os tempos terá que pôr em prática e que recriar, «perpetuando dinamicamente no tempo, toda a potencialidade da Inspiração inicial, mostrando, em toda a parte, as suas expressões históricas possíveis»?<sup>1</sup>.

A segunda, centra-se na actualidade do carisma, O CARISMA DA COMPANHIA HOJE. Porque aquilo que verdadeiramente nos interessa, é o presente que estamos a viver e o futuro que vamos construir. O contacto com o passado terá suscitado a seguinte pergunta ou outras parecidas: Que *valores*, que *dimensões* ou *aspectos do carisma original* *hã-de ser hoje especialmente aprofundados, desenvolvidos, partilhados* com os homens e as mulheres do nosso mundo? E que *ministérios apostólicos* estarão em sintonia com as *intenções fundantes*, nas tão diversas circunstâncias sociais e eclesiais de hoje? Porque, «no seu percurso histórico, o carisma do Fundador vivido pelo Instituto, fiel à identidade e fidelidade, dá lugar a potencialidades impensadas e enriquece-se com uma nova capacidade cada vez mais criativa»<sup>2</sup>.

Ambas as perguntas andaram comigo desde o início da investigação e estiveram presentes em toda a minha reflexão. Vou procurar responder-lhes, à maneira de conclusão, como confirmação ou aprovação das conclusões pessoais do leitor, muito mais válidas para cada um.

---

<sup>1</sup> F. CIARDI, *A la Escucha del Espíritu. Hermenéutica del carisma de los fundadores*, Publicaciones Claretianas, Madrid 1998, 83.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 82.



## A. O CARISMA DE HENRIQUE DE OSSÓ *ENTREGUE À COMPANHIA*

A primeira questão refere-se ao núcleo carismático da Companhia: Qual foi o dom que o Espírito, por meio de Henrique de Ossó e da Companhia, quis conceder à Igreja e ao mundo? Quais são os conteúdos dessa experiência carismática que devem ser transmitidos, vividos e recriados constantemente pela Companhia e que caracterizam a nossa vocação colectiva?<sup>1</sup>.

Como PRIMEIRA CONCLUSÃO, apresentamos uma síntese do carisma de Henrique de Ossó e da Companhia, tomando como base a descrição que *Mutuae Relationis* faz do carisma do fundador:

«O carisma dos Fundadores revela-se como uma experiência do Espírito transmitida aos próprios discípulos para ser por eles vivida, guardada, aprofundada e desenvolvida constantemente, em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento»<sup>2</sup>.

Como Fabio Ciardi, distinguimos *quatro dimensões* na descrição do seu conteúdo<sup>3</sup>. Porque o Carisma de Henrique de Ossó e da Companhia é uma *Experiência do Espírito* (1); com um conteúdo cristológico e evangélico (2) e ministerial eclesial (3); transmitida à primeira comunidade de irmãs e, depois, a novas gerações para ser por elas vivida, guardada, aprofundada e desenvolvida constantemente (4).

### 1. Dimensão pneumatológica ou espiritual

Foi o próprio Deus que, por obra do seu Espírito, despertou Henrique de Ossó para uma missão apostólica teresiana na Igreja, missão essa que havia de transpor as fronteiras da Espanha e havia de transcender os 55 anos de vida do Fundador e até o seu século.

---

<sup>1</sup> Cfr. F. CIARDI, *op. cit.*, 1998, 131. O Anexo V representa graficamente o carisma original da Companhia no marco da experiência espiritual e apostólica de Henrique de Ossó (fase preparatória) e insinua o seu desenvolvimento gradual desde 1876 até aos nossos dias.

<sup>2</sup> MR Nº 11.

<sup>3</sup> Da sua primeira obra, *Los Fundadores hombres del Espíritu. Para una teología del carisma del fundador*, pode consultar-se a Conclusão, *op. cit.*, 351-357. E da última, *A la Escucha del Espíritu. Hermenéutica del carisma de los fundadores*, pode consultar-se o capítulo V: «Una pauta de lectura para identificar los elementos fundamentales del carisma», *op. cit.*, 140-144.



Entrar em contacto com a *experiência espiritual de Henrique de Ossó*<sup>4</sup>, conhecer a génese e o processo da sua experiência do espírito no Espírito, é essencial, sobretudo para nós, que partilhamos carismaticamente a sua espiritualidade e missão.

A compreensão do carisma da Companhia deverá partir sempre da narrativa das origens, voltando constantemente à experiência fundante de Henrique de Ossó e da sua família religiosa. Contemplar como o Espírito Santo foi *preparando* Henrique de Ossó no período *anterior* à *Inspiração*: o seu chamamento ao seguimento radical de Jesus e à vida apostólica, bem como a mediação teresiana na experiência de Deus e na missão.

A vida de Henrique de Ossó caracteriza-se pela força do Espírito, decorre sob a sua condução, com inteira docilidade às moções interiores, como mostra aquela admirável oração da sua juventude, que revela a sua dinâmica espiritual dos primeiros anos de vida apostólica:

«Oh, Espírito de Deus! No teu dia, peço-Te uma graça. Já que dentro de pouco tempo me vou consagrar a Deus, para ser de um modo especial o seu Templo<sup>5</sup>, e seu Ministro eternamente, enche o meu coração com os teus dons sagrados, para que me infundam um espírito de oração e zelo como aos apóstolos, e em especial para que habite sempre em mim o dom da sabedoria e santo temor de Deus»<sup>6</sup>.

A Inspiração da Companhia acontece num momento de maturidade espiritual e apostólica de Henrique de Ossó, quando já está a viver a experiência paulina da *vida em Cristo*, em sintonia com Teresa de Jesus. Nessa altura, o Espírito Santo já lhe tinha concedido um conhecimento sapiencial de Jesus, com quem se identifica, e da sua missão no mundo. Dar a conhecer Jesus, e o Pai através de Jesus, é o seu único desejo, a mais viva aspiração do seu coração, a súplica constante e quase exclusiva que Henrique então sabe fazer. Foi também o Espírito Santo que o formou como apóstolo de Teresa, pois a *missão teresiana* de Henrique é uma verdadeira vocação, uma resposta obediente e criativa a um chamamento carismático para propor um modo específico de conhecer Jesus, que é no que consiste a vida eterna – um modo *teresiano* de ser cristãos no mundo.

Assim vive Henrique de Ossó e assim o percebem as pessoas que o rodeiam. A Inspiração e a Fundação da Companhia inscrevem-se nesse vasto plano apostólico, nascido do Alto e guiado por Deus, em docilidade aos sinais

---

<sup>4</sup> Este é o título do estudo de G. RODRÍGUEZ e S. CASADO, citado várias vezes.

<sup>5</sup> Santa Catarina de Sena refere-se à preparação espiritual daqueles que Deus escolheria para fundadores, dizendo: «os fundadores tinham sido feitos templos do Espírito Santo». Citado por CIARDI em *Los Fundadores...*, 123.

<sup>6</sup> Esta oração foi já transcrita no capítulo introdutório dedicado ao Fundador. Citamo-la novamente devido à importância que tem relativamente à experiência espiritual.

dos tempos e às moções interiores discernidas pela autoridade eclesial. A *Inspiração fundamental*, da qual o Fundador teve clara consciência como sendo uma autêntica inspiração divina, apesar de revestida dos traços característicos da *inspiração indirecta*, está amplamente documentada. Desde o princípio que transmitiu essa certeza a colaboradores e amigos<sup>7</sup>, muito especialmente às primeiras irmãs.

Desde sempre que essa *Inspiração* foi associada a determinadas circunstâncias, a uma data e lugar exactos, recordados em cada aniversário e em circunstâncias significativas, *Inspiração* que o próprio Fundador sempre interpretou como *de Deus*. Das muitas alusões ao momento da inspiração, a mais interessante é, sem dúvida, um breve mas minucioso relato do próprio Henrique de Ossó intitulado *Apuntes sobre el origen de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, escrito por ocasião «do 5º aniversário da concepção do plano ou ideia desta obra de zelo, 2 de Abril de 1881»<sup>8</sup>.

O interesse destes *Apontamentos* é duplo. Por um lado, esta nota histórica – «a mais antiga que possuímos do nascimento da Companhia» – é uma reconstituição fidelíssima da génese da *Ideia*, consignada pelo próprio Fundador com exactidão notarial. Por outro lado, é interessante a interpretação que ele próprio faz dos factos. Considera-a uma *inspiração indirecta*, explicitando as causas naturais que se encadearam até o fazerem *conceber a ideia e o plano*. Não fala de inspiração do Espírito; no entanto, a força com que se lhe «impôs» e como se refere à *Ideia* – «tanta impressão fez em mim»... «me obrigou a levantar-me e, pegando na caneta, escrevi os seguintes rascunhos que contêm perfeitamente o plano da Companhia, tal qual o temos vindo a desenvolver nos cinco anos...» – revelam-nos a sua profunda convicção de que a *inspiração* que teve naquela noite não é sua, mas de Deus.

A acção divina, neste caso, situa-se entre a *visão* dos factos – as jovens dispostas a ser mestras, defraudadas por Dona Magdalena, etc. – e a *percepção singularíssima* que deles teve Henrique de Ossó, com a *iluminação* sobre a resposta concreta que podia e devia dar – o *Plano ou projecto da Companhia de Santa Teresa de Jesus* –, que transcende em muito o problema daquelas jovens. Estas circunstâncias particulares revelam-se a Henrique de Ossó como instrumentos ou mediações através das quais Deus quis manifestar-lhe o *novo projecto educativo teresiano* que por seu intermédio quer realizar. Daí que, no seu entender, estas circunstâncias sejam lugar teológico, que lê e relê à luz de Deus e que recorda e descreve com toda a fidelidade.

Também o documento de *Inspiração* reflecte os dois momentos. Naquela mesma noite, o Fundador escreve, sem hesitações, o Nome, a Finalidade e o

---

<sup>7</sup> Numa carta a Sardà, de finais de Março de 1879, em que o informa de actividades comunitárias, diz-lhe: «Mas a festa magna será no dia 2 de Abril, aniversário do dia em que o Senhor inspirou o pensamento e o plano da Companhia de Santa Teresa de Jesus» (Carta N° 68).

<sup>8</sup> Publicado em EEO II, 428-429.

Conteúdo do Projecto, bem como alguns pormenores da Organização. Uma vez terminada a redacção do *Plano*, e como que distanciando-se um pouco dele, anota – na margem esquerda da folha – o que podemos considerar como o «primeiro discernimento» da *Ideia* que acaba de lhe «ocorrer» e do *Projecto* que escreveu «de seguida». Será coisa minha, ou de Deus? – pergunta de si para si.

Não era a primeira vez que Henrique de Ossó escrevia projectos apostólicos<sup>9</sup>, mas nenhum, certamente, de uma forma tão súbita e inesperada. De nenhum outro se conservou o manuscrito, nem se celebrou, ano após ano, a memória da sua redacção. O Fundador estava habituado a distinguir entre o bom e o mau espírito. Neste caso, a *inspiração* tinha-se-lhe imposto com força, mas era também preciso discernir. E vão surgindo as perguntas e as respostas, que enviará depois ao confessor e ao bispo, com a consciência de que, só por si, poderia enganar-se. Até passar pelo discernimento eclesial, Henrique de Ossó não saberá, com certeza, que *aquela ideia* era verdadeiramente *de Deus*. Por isso lhes diz ao enviá-lo: «*Ninguém sabe. É inspiração ou ideia de hoje*».

Muito em breve, porém, Henrique de Ossó intui a transcendência da *nova obra de zelo*, passando a considerá-la como a mais importante das obras teresianas<sup>10</sup> e a ela dedica as suas melhores energias. E à medida que o tempo avança, o Fundador é capaz de reconhecer, cada vez com maior lucidez, que as obras teresianas, e muito especialmente a Companhia de Santa Teresa de Jesus, são verdadeiramente obra do Espírito.

## 2. Dimensão cristológica e evangélica

A experiência do Espírito que vive Henrique de Ossó, tem como conteúdo fundamental, Jesus Cristo. Uma particular percepção do mistério de Cristo, uma leitura pessoal do evangelho, que o leva a conformar-se com Jesus em determinados aspectos, e a realizar, com Ele, uma síntese existencial que determinará a sua missão.

Como vimos no capítulo introdutório, é aos 14 anos que vive a sua experiência fundamental: encontro pessoal com Jesus, chamamento a partilhar a sua missão, e determinação de O seguir radicalmente: «*Despertei como de um sono profundo... encontrei a minha vocação... Ao apresentar-me Jesus... – está a recordá-lo a Nossa Senhora – vendo-O tão cheio de graça e tão belo, disse: serei sempre de Jesus, seu Ministro, seu Apóstolo, seu Missionário de Paz e*

---

<sup>9</sup> Pelo menos o da Catequética de Tortosa e outro projecto de criação de uma Revista de Catequese nacional. O Projecto da RT e o da Arquiconfraria, ambos entregues ao Bispo e publicados na RT.

<sup>10</sup> Num artigo da RT, no qual faz a apresentação da Companhia nascente (Agosto de 1876), diz dela que «é o [fruto] mais belo, vistoso e precioso da Árvore de Santa Teresa». Publicado em EEO III, 798. Este artigo foi já citado em vários capítulos.

*Amor. A vossos pés, diante do vosso altar, resolvi ser ministro de Jesus, sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque»<sup>11</sup>.*

O resto da sua vida foi o desenrolar gradual daquela Experiência. Toda a sua vida foi um Encontro, um diálogo com Jesus, ininterrupto, constantemente alimentado. Descobriu Jesus, *conheceu-O, amou-O*, e fez-se seu missionário. Como Teresa, experimentou o Fogo transformante do Amor de Deus, o Espírito Santo, e dedicou toda a sua vida a acender este fogo nos corações dos homens, sobretudo das mulheres. Poucos dias antes de morrer, escreve algumas palavras que, lidas 100 anos depois, parecem premonitórias: «*Que eu não me vá deste mundo, Jesus meu, sem te ter amado e tornado conhecido e amado quanto me for possível»<sup>12</sup>.*

O Espírito Santo concedeu a Henrique de Ossó uma particular compreensão do mistério de Cristo e da sua Palavra, conduzido por Teresa de Jesus. Foi um conhecimento progressivo de tipo sapiencial – recordemo-nos do seu pedido insistente do dom da sabedoria – que se converteu numa adesão de todo o seu ser ao insondável mistério de Cristo, percebido de uma maneira muito pessoal.

A experiência cristocêntrica de Henrique de Ossó foi o *eixo transversal* dos dezassete capítulos precedentes respeitantes às origens da Companhia. Ela recebeu, como admirável herança, aquele conhecimento sapiencial de Jesus que levou o seu Fundador a *pensar como Jesus, amar como Jesus, orar como Jesus, trabalhar como Jesus*, e a não pedir, nem desejar, nem pensar em nada para si e para as suas filhas da Companhia, a não ser *Jesus e os interesses de Jesus*.

Qual foi a experiência particular do mistério de Cristo que teve Henrique de Ossó, experiência pessoal que soube partilhar e na qual introduziria as irmãs da Companhia?

Relendo os capítulos deste livro, não será difícil depreender os aspectos do mistério de Cristo que Henrique de Ossó reviveu com maior intensidade e como os partilhou com a Companhia. É esta, sem dúvida, a dimensão mais importante do carisma, pois é na experiência cristocêntrica do Fundador que está a origem e o núcleo fundamental da espiritualidade da Companhia.

Limitamo-nos aqui a apontar alguns aspectos que esboçam o perfil de Jesus com quem Henrique de Ossó se encontrou e que estão presentes em todos os seus textos, em todos os seus projectos, em todas as suas acções e orações, em todas as suas obras apostólicas. São eles que, de uma maneira muito especial, configuram a Companhia de Santa Teresa.

---

<sup>11</sup> *Tres Florecillas...* em EEO III, 194-196. Experiência que vive no ano da morte da sua mãe, em 1554. Pouco tempo depois, inicia a carreira sacerdotal no seminário de Tortosa. O testemunho é uma releitura do próprio Henrique de Ossó nas Bodas de Prata da sua ordenação sacerdotal, em 1892.

<sup>12</sup> RT Janeiro 1896, 100.

Aquilo que, na realidade, vamos fazer, é destacar algumas passagens evangélicas, com as quais Henrique de Ossó mais sintoniza, e que revelam a sua sensibilidade evangélica. Como já dissemos, embora conheça bem os evangelhos sinópticos, tem uma especial empatia pelo Jesus do quarto evangelho e pelo de S. Paulo, que lhe advém da contemplação directa da Palavra e através de Teresa de Jesus.

A cristologia de Henrique de Ossó, tal como a de Teresa, é uma cristologia total. Jesus é percebido por eles nas suas relações com Deus Pai e com todos os homens. Para Henrique de Ossó, Jesus é, antes de mais, o *Filho* amado do Pai, *enviado* por Amor para a salvação do mundo. A encarnação, a vida oculta e apostólica, a paixão e morte que culminam na ressurreição gloriosa, são interpretadas como autêntica *missão* do Filho.

Jesus, o mais belo dos filhos dos homens (Sl 44,3), é verdadeiro Deus, «no qual habita corporalmente a plenitude da divindade» (Cl 1,9: pedir a Deus que vos encha do conhecimento da sua vontade, com toda a sabedoria e inteligência espiritual; 2,3: em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento). O seu alimento é fazer a vontade dAquele que O enviou e consumir a sua obra (Jo 4,34), que é dar Vida aos homens (Jo 10,10). E esta é a Vida eterna, *que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem Tu enviaste* (Jo 17,3). Jesus veio meter o fogo do Amor de Deus nos corações dos homens, para que a mulher e o varão possam amar com o mesmo amor de Deus (Lc 12,49). Veio, «não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mt 20,28).

Para Henrique de Ossó – como para S. João e para Santa Teresa –, Jesus é também o *Mestre* (Jo 13,13), o Amigo verdadeiro (Jo 15,15), o bom Pastor (Jo 10 e Lc 15). É um mestre diferente dos rabinos de Israel, pois escolhe pessoalmente os seus discípulos, com os quais convive, e possui autoridade por si mesmo, não postiga nem recebida:

- *Manso e humilde*: «Aprendeis de mim...» (Mt 11,29).
- Ensina com as suas palavras, mas ensina sobretudo com a sua pessoa, a sua vida inteira. Ele é a Palavra encarnada.
- Único *Caminho* para o Pai, *Verdade e Vida* do homem, modelo de identidade de toda a pessoa humana (Jo 14,4-6)<sup>13</sup>.
- *Mestre interior*, habita no íntimo do homem: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim*» (Gl 2,20) e (Jo 14,23)<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Isto será evidenciado pelo N° 22 da *Gaudium et Spes*: «Cristo revela o homem ao homem».

Jesus veio ao mundo para fazer a vontade do Pai. Consagrou os três anos de actividade – a sua vida apostólica – a *falar do Pai* (pregando e ensinando), e a *falar com o Pai* (longos espaços de oração). E a *pregação* de Jesus era sempre precedida das *obras* salvadoras. Uma frase dos Actos dos Apóstolos sintetiza, para Henrique de Ossó, a vida pública de Jesus, a sua missão salvadora: «*Passou pelo mundo fazendo o bem*» (Act 10,38: o qual andou de lugar em lugar fazendo o bem). E *fazer o bem a todos* será, por isso, o ideal da actividade e o serviço dos seus discípulos e discípulas teresianas.

Para Henrique de Ossó, como para Teresa, Jesus é também o *Esposo* que quis unir-se de tal maneira com a humanidade – e com cada pessoa concreta – que a torna participante da sua natureza divina. Esta relação esponsal entre Cristo e a humanidade, que a Igreja vive sacramentalmente, actualiza-a carismaticamente a Companhia na experiência espiritual das irmãs que, como Teresa de Jesus, recebem um forte chamamento para compartilharem a missão de Jesus – «*zelarás a minha honra [...] como verdadeira esposa minha...*» (CC 25<sup>a</sup>): Dar a conhecer o Pai, revelando a imagem do seu Filho.

Há, na vida de Henrique de Ossó, um cristocentrismo progressivo, mas logo nos escritos dos primeiros anos encontramos os textos que tantas vezes cita nas suas obras da maturidade. Quer dizer, os escritos anteriores à Inspiração da Companhia, contêm já todos os elementos da cristologia de Henrique de Ossó e, conseqüentemente, da Companhia. Como acerca de Teresa de Jesus, podemos falar da «cristopatia» de Henrique. Por isso sintonizou tão bem com a Santa de Ávila.

### 3. Dimensão eclesial e ministerial

O Espírito Santo, que introduziu Henrique de Ossó no mistério de Cristo, infundiu também nele uma especial sensibilidade para ler os sinais dos tempos e para dar resposta a determinadas urgências da Igreja e da sociedade. É o Espírito de Jesus que faz de Henrique – como de Paulo e de Teresa – *o apóstolo do conhecimento e amor de Jesus Cristo*.

A sua configuração com Jesus, o *Apóstolo do Pai*, torna-o especialmente sensível aos *interesses de Jesus* e capaz de olhar o mundo com amor, como Jesus. Tem em vista a Espanha das últimas décadas do século e interessa-se pela Europa e pelo mundo inteiro. Quer interpretar os sinais do seu tempo a partir do evangelho e descobrir as realidades mais necessitadas de salvação. *Contempla* a sociedade e dá conta de que é *necessário regenerá-la*.

---

<sup>14</sup> Todos estes aspectos cristológicos estão presentes, de uma maneira especial, na experiência e na doutrina de Teresa de Jesus.

Repara em tantos homens e mulheres feridos no que têm de mais pessoal. A própria dignidade não descoberta ou não reconhecida pelas instituições, pelos grupos políticos, pelas leis. E nessa época de correntes racionalistas e de mitos acerca do progresso científico, despreza-se ou desconhece-se o que a pessoa tem de essencial – a realidade de filhos de Deus.

Isto acontece – pensa Henrique – sobretudo porque *não se conhece Jesus! O mundo não conhece o seu Salvador!* Em 1872 chega a fazer este diagnóstico: «A mais grave das doenças que afecta a época actual é, sem dúvida, a falta de conhecimento e amor de Jesus Cristo». «Mesmo às pessoas devotas, falta-lhes o conhecimento íntimo de Jesus». A religiosidade popular está muitas vezes vazia de conteúdo bíblico e teológico. Os cristãos não sabem rezar e desconhecem a sua identidade baptismal, não sabem que são filhos de Deus e irmãos uns dos outros. E *o mundo*, obviamente, *o mundo* não conhece Jesus! Todavia, Jesus Cristo é a pedra ou fundamento da vida espiritual, e o seu conhecimento é a vida eterna para todos.

Dá conta de que a *ignorância*, sobretudo a das classes populares, é um dos principais inimigos do homem: impede-lhe o acesso à verdade e torna-a mais vulnerável a qualquer tentativa de engano ou de manipulação. E agora, tendo atingido a maturidade apostólica, Henrique preocupa-se sobretudo com o *erro*, pois está a ganhar terreno entre os ignorantes. *A virtude*, outrora tão apreciada, cede o passo, nesse século das ideias naturalistas e do egoísmo, perante o *vício* e a *corrupção dos costumes*, porque vai prescindindo de Deus.

Tal como *Jesus Mestre*, Henrique de Ossó contempla a sociedade com um *olhar educativo*. Enquanto outros regeneracionistas contemporâneos viam na política ou na economia a solução para todos os problemas sociais, Henrique de Ossó preocupa-se directamente com a pessoa: as crianças, os jovens, a mulher, o sacerdote. Ama o homem e, por isso, quer que seja feliz, que possa fazer uso da sua liberdade. Contempla as pessoas com os olhos de Jesus e, como Jesus, compromete-se para que o homem e a mulher venham a descobrir a sua dignidade e vivam, em plenitude, a sua realidade de filhos de Deus.

«*Educador inato*», Henrique de Ossó intuiu desde criança a elevada missão do mestre: «*ansiava por ensinar e seguir a carreira do professorado, unicamente por ser uma coisa que leva muitas almas para Deus*». O chamamento, por intermédio da sua mãe, a ser «missionário apostólico», não limitou a sua primeira e radical vocação, mas conferiu-lhe uma nova profundidade. Será sempre educador, mestre, em constante referência ao único Mestre.

Conhece a complexidade do ser humano e tem consciência de que ser cristão não é apenas aderir intelectualmente a Jesus Cristo. A graça de Deus inicia na pessoa um trabalhoso processo no qual é preciso colaborar: *Despojar-se do homem velho e revestir-se de Cristo, é a ocupação essencial do cristão até viver em Cristo*. Henrique de Ossó não procura resultados a curto prazo. Sabe

esperar e preparar a terra para a sementeira, e regar a horta e mondá-la, para que dê flores e frutos<sup>15</sup>.

Na sua paixão por *restaurar todas as coisas em Cristo Jesus*, ensaia muitos meios, abre muitos caminhos: Pregador incansável, catequista e formador de catequistas, publicista e jornalista na *Revista Teresiana*, fundador de associações, orientador de exercícios espirituais, mestre de vida espiritual por diversos meios. Certifica-se, por experiência, daquilo que intuía: é preciso *anunciar* a mensagem evangélica – pregação –, mas não basta. Nem sequer basta *conhecer a doutrina* – catequese –, nem é suficiente a participação *litúrgica*, nem a *oração pessoal*, aliás tão importante. Não basta ler Teresa e admirar as suas virtudes. É necessário criar condições para que a criança e o jovem possam vir a ser *outro Cristo*. O evangelho há-de ser recebido pelo homem todo, de maneira que chegue *ao espírito, ao coração, aos sentidos*<sup>16</sup> até transformar os seus critérios, atitudes e modos de vida<sup>17</sup>.

Toma consciência, progressivamente, da *importância da educação*. Só uma educação sistemática e integral poderá produzir frutos duradouros e multiplicadores, uma educação que comece na primeira infância. «*Porque afiançar o futuro é triunfar no presente*»<sup>18</sup>. Está convencido, além disso, do *valor social* da educação da pessoa, «pois não haverá uma nova humanidade se, em primeiro lugar, não houver homens e mulheres novos»<sup>19</sup>. *Renovar a sociedade*, fazer de Cristo o coração do mundo, é o objectivo último de Henrique de Ossó, como o foi da Igreja de todos os tempos.

Os seus primeiros anos de sacerdócio, de catequista e organizador da catequese, possibilitaram-lhe o contacto directo com muita gente: crianças, jovens e adultos. A sua actividade cativante foi sempre fruto do amor e da reflexão, fonte de novas convicções, ponto de partida de projectos novos. Não só pela própria experiência, mas pela observação comprovada, está convencido da influência da *mãe* na formação das crianças. E fixa-se em três instâncias educativas fundamentais para todas as pessoas. *A família*, que é o âmbito do despertar para a vida e o de maior influência na formação da criança e do jovem.

---

<sup>15</sup> A parábola do semeador (Mc 4,1-9), bem como a imagem teresiana da *horta* (V 11-13), realçam o mistério da «relação *amorosa*», do diálogo entre *graça* e *liberdade*. Falam de *colaboração* humana na obra em que Deus tem a iniciativa, da necessidade de *preparar a terra* e de *se dispor para receber o dom* de Deus.

<sup>16</sup> EEO III, 890.

<sup>17</sup> A exortação *Evangelii Nuntiandi*, ao falar da evangelização – missão essencial da Igreja – refere-se à profundidade e complexidade desta missão: «Sectores da humanidade que se transformam. Para a Igreja, não se trata somente de pregar o Evangelho em zonas geograficamente cada vez mais vastas ou a populações cada vez mais numerosas, mas de atingir e transformar, com a força do evangelho, os *critérios* de julgamento, os *valores* determinantes, os *pontos de interesse*, as *linhas de pensamento*, as *fontes inspiradoras* e os *modelos de vida* da humanidade, que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação» (Nº 19).

<sup>18</sup> EEO III, 484.

<sup>19</sup> A fórmula é de EN Nº 18, glosando Rm 6,4.



A *escola*, lugar da instrução e da formação do carácter e das relações. E a *comunidade paroquial* – a Religião ou a Igreja, dirá ele – âmbito de formação e celebração da vida. À frente destes âmbitos, há três figuras-chave: a mãe, a mestra e o sacerdote.

Deste modo de contemplar a realidade, procede a grande aspiração de Henrique de Ossó: influenciar, educar e capacitar aqueles que, no futuro, serão educadores de homens e mulheres. *Despertar a vocação educativa* naqueles que não a tiverem descoberto e ajudá-los a pô-la em prática, constitui, para Henrique de Ossó, uma verdadeira missão. É com esta finalidade que projecta a maior parte das suas actividades apostólicas. Escreve o *Guia Prático do Catequista* para despertar os sacerdotes e seminaristas, e para os ajudar a assumir a sua responsabilidade pela catequese das crianças. A *Revista Teresiana* destina-se a instruir e a formar cristãmente todos os leitores – seguindo o modelo de Teresa –, de maneira que possam comprometer-se activamente na transformação da sociedade em que lhes coube viver. A *Associação das jovens católicas e o Rebanhito* oferece meios, às jovens e meninas, para viverem responsabilmente como cristãs, também a exemplo de Teresa de Jesus, aprendendo dela, sobretudo, a oração e o zelo apostólico. A *Companhia de Santa Teresa de Jesus* nasce para continuar e desenvolver, no tempo e no espaço, a mais profunda vocação de Henrique de Ossó: *Mestras teresianas para regenerar o mundo*.

#### **4. Dimensão de fecundidade:**

##### **Como a Companhia recebe o carisma do Fundador e como se vive nas primeiras comunidades**

Henrique de Ossó comunicou esta experiência espiritual, de conteúdo cristocêntrico-teresiano e apostólico-educativo, a muitas pessoas e grupos<sup>20</sup>. Em todos quis *meter* o fogo do amor de Deus revelado em Jesus, presente, de modo especial, nas palavras e no espírito de Teresa de Jesus. Porém, com quem realmente compartilhou a sua experiência, e a quem soube comunicá-la e contagiá-la, foram as jovens chamadas à Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Estas jovens receberam do seu Fundador, verdadeiro pai espiritual e guia, a consciência e a experiência de serem *Apóstolas* de Jesus Cristo, tendo como bilhete de identidade aquele versículo programático dos Actos dos Apóstolos: «*Nós dedicar-nos-emos à oração e ao ministério da palavra*» (Act 6,4). Tal incidência da comunidade teresiana no apostolado, pressupõe e implica a consciência prévia de *discípulas*, chamadas a *estarem na companhia de Jesus*. *Tendo sido convocadas em seu Nome para serem enviadas por Ele* para torná-

---

<sup>20</sup> Meninos e meninas da catequese, catequistas que iniciou em tão bela tarefa, aqueles e aquelas para quem orientou, ano após ano, os exercícios espirituais, leitores e leitoras da *Revista Teresiana* e de tantos livros de oração que escreveu, e jovens da Arquiconfraria.

IO conhecido e amado. Esta é a essência da vida apostólica que, na Companhia, é vivida, além disso, com a consciência de *esposas* de Jesus Cristo e com o encargo que Jesus lhes confiou, como à Santa: «*Zelarás a minha honra como minha verdadeira esposa...*» (CC 25<sup>a</sup> II Art 1<sup>o</sup> SC). Ser *verdadeiras esposas de Jesus* é o modo feminino e teresiano de exercer a missão na Companhia, no sentido de que estas mulheres são verdadeiramente *apóstolas do conhecimento e amor de Jesus*, mantendo com Ele uma relação de amizade até à *comunhão sponsal* e assumindo as consequências.

É este o significado fundamental da aspiração a «serem *OUTRAS TERESAS DE JESUS*», a meta da formação na Companhia. *Serem todas de Jesus, que não haja nada no vosso exterior nem no vosso interior que não anuncie Jesus*. Henrique de Ossó define indistintamente em termos cristológico-paulinos ou teresianos, o processo espiritual. Como a meta é *a vida em Cristo* – a experiência do matrimónio espiritual –, o caminho consiste em *despojar-se das misérias da filha de Eva e revestir-se do espírito de zelo e virtudes apostólicas de Teresa de Jesus*, ou, o que é o mesmo, *revestir-nos de Cristo Jesus*, ocupação essencial na Companhia.

Como vimos nos capítulos precedentes, a missão «intransmissível» da comunidade primitiva de *conhecer e amar Jesus e de O tornar conhecido e amado*, foi desempenhada com uma clara consciência de serem *educadoras*, contagiadas pela *mística educativa* do seu Fundador. *Mestras teresianas para regenerar o mundo*, foi o sonho de Henrique naquela Inspiração de 2 de Abril, e a utopia que o norteou ao longo da vida na concretização do Projecto.

Mestras como Jesus, *manso e humilde, apaixonadas* por Jesus como Paulo, e *mestras de oração e de vida* como Teresa. Um magistério no qual *a vida precede e acompanha a palavra*, exercido como *evangelização e maternidade espiritual*. Como o próprio Paulo e como Teresa de Jesus, as irmãs da Companhia desempenham a sua missão de educadoras com a consciência de serem *verdadeiras mães, em espírito, de inúmeros filhos*; mães, enquanto *esposas de Jesus*, chamadas a *darem vida em Cristo*.

Um tal projecto representa *um salto qualitativo* no meio das diversas formas apostólicas do *Vasto Plano* de Henrique de Ossó, «tornando fecundo o apostolado da mulher na maior escala possível que for dada à mulher no século XIX», como explicava o Fundador em 1876<sup>21</sup>. A tarefa educativa teresiana ampliava as possibilidades apostólicas da mulher, que assim participava *real e activamente* na missão evangelizadora da Igreja, mediante «as obras que directamente se ordenam à saúde das almas», como referem as primeiras Constituições<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> A frase é uma síntese de várias expressões de Henrique de Ossó na apresentação da Companhia. (Cf. RT Agosto 1876, em EEO II, 794, 796 e 798).

<sup>22</sup> SC, em EEO II, 61-62.

O modo como o Fundador *interpretou* a missão da Companhia na Igreja e na sociedade, bem como *a maneira concreta de* aquela primeira comunidade de irmãs *a desempenharem*, determina, por outro lado, uma particular integração dos elementos comuns à *Vida Religiosa* no Projecto da Companhia. Desde a Inspiração e das primeiras Constituições, que predomina o cariz apostólico, como referimos. O Fundador soube escolher determinadas mediações apostólicas, uma organização e um estilo comunitários aptos para que *este Corpo apostólico* caminhasse, com suavidade e eficácia, para a finalidade para a qual o Espírito o suscitou na Igreja.

Que peculiaridades vislumbramos na Companhia enquanto instituto apostólico feminino do século XIX? O elemento mais original talvez lhe advenha da clareza com que o Fundador – e também todas as irmãs – entendem e põem em prática o que significa *apostólico*. Na Companhia, nunca se interpretou unicamente como sinónimo de *actividade apostólica*, mas segundo as chaves já referidas de Act 6,4 e do mandato recebido pela Santa nas VII Moradas. *Apostólico* é muito mais que *fazer*, embora o inclua. *Apostólico* é o *ser* das irmãs da Companhia e, obviamente, o do seu Fundador Henrique de Ossó<sup>23</sup>, como *apostólica* foi a pessoa total de Paulo, dos Doze e, particularmente, de Teresa de Jesus. O carácter *apostólico* implica, pois, para a Companhia, *uma espiritualidade e um serviço ministerial*, e ambos, *um processo formativo com uma ascese característica*. É neste sentido que se fala de *apostolados* [ou mediações apostólicas] *da oração, ensino e sacrifício*.

A maneira de viver a *consagração* religiosa é também característica: um modo particular de consagração apostólica, que *se expressa* diante da assembleia litúrgica pela *profissão* dos conselhos evangélicos e pelo compromisso de entrega ao Senhor no serviço dos irmãos. E *em cada dia*, pelo *testemunho* de uma vida fraterna consagrada ao Senhor e à educação teresiana, vivida no meio do mundo, ao serviço da Igreja e da humanidade; com um estilo pessoal e comunitário que *não separa nem se distingue* exteriormente do das pessoas *que vivem no mundo*.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus, fruto da paixão por Deus e pelos homens, possuidora de uma grande sensibilidade para com as características socioculturais das últimas décadas do século XIX, dá corpo, no seu projecto específico, a uma *nova forma* de vida religiosa – que começava a despontar em algumas fundações de finais do século XIX, embora não fosse canonicamente reconhecida pela Igreja até ao Vaticano II –, distinta do modelo da *fuga mundi*.

A conhecida expressão *religiosas sem o parecerem* é, só por si, eloquente. Evidencia, por um lado, a radicalidade com que o Projecto da

---

<sup>23</sup> A oração colecta da Missa de Santo Henrique de Ossó expressa precisamente esta faceta: «Ó Deus, que em Santo Henrique de Ossó unistes maravilhosamente a oração contínua à actividade apostólica incansável...». A «unidade» entre *oração e acção* é algo constitutivo de quem é apóstolo por *vocação*.

Companhia assume os elementos teológicos característicos da vida religiosa de todos os tempos. E por outro, traduz uma nova sensibilidade e uma grande atenção ao novo *contexto* laico em que surge. O Fundador chega a dizer que, se é essencial manter a *identidade espiritual* do novo corpo apostólico *nestes tempos de laicismo e descristianização da sociedade*, é também essencial, para a sua *missão* na Igreja e no mundo, ter cuidado com o *modo de se apresentar ao mundo*: «*Sejam o que são, ou não sejam*». Mais ainda, à medida que os anos correm e que a Companhia se lança apostolicamente para além das fronteiras espanholas, Henrique de Ossó confirma-se na sua intuição inicial: *A Companhia tem futuro. Este novo modo teresiano de estar* «no mundo» tem futuro na missão irrenunciável de fazer que todos os homens conheçam e amem Jesus.



## B. O CARISMA DA COMPANHIA HOJE

E agora, depois da síntese do Carisma da Companhia recebido do Fundador Henrique de Ossó, vivido e encarnado pela comunidade das origens, pode surgir outra pergunta: Como ler hoje os novos chamamentos da Igreja e da humanidade, e como responder-lhes adequadamente, à luz da inspiração carismática das origens?<sup>1</sup> Que valores do carisma original teremos de aprofundar, encarnar de uma maneira nova, e inclusivamente recuperar? Quais são as novas situações, as novas necessidades que nos *obrigam* a repensar a nossa maneira de ser e de agir? Porque a Companhia «é chamada a descobrir o próprio carisma de uma maneira nova e criativa para poder responder aos desafios culturais hodiernos e para ser, simultaneamente, um claro desafio evangélico e profético para as culturas actuais»<sup>2</sup>.

### 1. Valores do *carisma original* que havemos de viver hoje de um modo novo

#### 1.1. O valor da pessoa

A par da prioridade de Jesus Cristo e do seu Reino, como a concretizaram Henrique de Ossó e Teresa de Jesus, e precisamente por isso, a Companhia do século XXI é chamada a testemunhar a prioridade da pessoa humana. Uma prioridade que tem de ser descoberta, quer nas decisões institucionais, quer na vida de comunidade e na missão, e de uma maneira geral, em todas as suas iniciativas e relações. Esta foi a opção da Trindade na Encarnação do Verbo.

Desde o triunfo do conceito de liberdade individual e do reconhecimento dos direitos humanos nas sociedades democráticas, vivemos numa época em que os valores individuais estão em alta. A psicologia procura, por todos os meios, a auto-realização do indivíduo; as filosofias personalistas reconhecem a dimensão dialógica como essencial e específica da pessoa; a sociedade civil procura respeitar e fomentar os interesses da maioria, pois considera-os valores humanos universais. E paradoxalmente, face aos valores individuais reivindicados, proclamados e defendidos social e até juridicamente<sup>3</sup>, vemos

---

<sup>1</sup> Cf. F. CIARDI, *A la Escucha del Espíritu...*, 51-52.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 52.

<sup>3</sup> Nos documentos internacionais dos Direitos do homem, da criança, da mulher, etc.

que nas sociedades globalizadas, a cultura dominante *impõe* certas formas de comportamento e certas normas socioculturais que atentam, frequentemente, contra a liberdade pessoal.

Por outro lado, observamos que, em todo o vasto mundo, coexistem, justapostos, dois *tipos* de sociedade: a da abundância e do esbanjamento – a sociedade de *consumo e de bem-estar* –, presente sobretudo no Norte do Planeta; e a das *carências e da exclusão* – a chamada sociedade dos Terceiro e Quarto mundos –, geograficamente localizada sobretudo no Sul e nas periferias das grandes cidades. Constatamos, ao mesmo tempo, que a par das escandalosas diferenças socio-económicas cada vez mais visíveis, diminuem os valores do espírito e vai-se perdendo o sentido da transcendência e também da fraternidade.

Neste mundo de contrastes, de grandes desejos e projectos válidos, mas também de incoerências e de enormes paradoxos, a Companhia é chamada, mais do que nunca, a dar *prioridade à pessoa*, ao estritamente pessoal, para além dos valores económicos ou de qualquer outro tipo. No olhar educativo de Henrique de Ossó, que Jesus *Mestre* lhe contagiou, transparecia amor apaixonado pela pessoa humana.

Nesta sociedade de diferenças e de globalização, o nosso amor e atenção prioritária para com os socialmente pobres e excluídos da sociedade, bem como a preocupação educativa com aqueles que crescem num ambiente de exclusão e que correm o risco de perpetuar o sistema, só pode decorrer, também hoje, do amor de Deus. A pós-modernidade põe à prova, não só o nosso sentido de transcendência, mas também o de fraternidade.

Só vivendo numa dinâmica teológica, olharemos para as pessoas e para os grupos (nas suas complexas relações), para a natureza e para a história, com os olhos de Jesus. Só vivendo e agindo em docilidade ao Espírito, que nos revela, em cada pessoa, um irmão, um amigo, um filho ou filha de Deus, nos será possível contemplar cada pessoa com olhos purificados pelo Espírito Santo.

Só assim seremos *próximas* dos homens e mulheres de qualquer nível socio-económico, de qualquer raça ou cultura, de qualquer idade ou religião; e só assim manteremos relações interpessoais sem acepção de pessoas, sem excluir ninguém: Acolhendo e integrando na comunidade, aceitando de todo o coração, pois todos somos criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, pobres e pecadoras, mas belas e dignas, criadas para amar e viver em companhia; capazes de perdoar e de servir por amor, porque Deus nos amou primeiro, e nos amou até à morte e morte de cruz.

### *1.2. Uma vida unificada: mestras de vida e de oração*

Face à profissionalização em que incorreu, frequentemente, a VR activa, com o risco de, na prática, *reduzir* a missão à *actividade* – muitas vezes

*desenfreada* e, aparentemente, infrutífera –, surge uma tendência renovadora da VR que propõe *o regresso à espiritualidade*, à experiência original do Espírito, essencial para a renovação das famílias religiosas. O facto de nós, religiosos, termos perdido o *monopólio* da missão evangelizadora e das *actividades apostólicas* e caritativas, teve também a sua influência.

Por outro lado, um dos elementos fundamentais do dinamismo pós-conciliar, fruto da consciência carismática da vida religiosa, foi a descoberta do *lugar central* atribuído à *missão* no projecto religioso. Muitas famílias religiosas procuram a sua própria identidade carismática precisamente a partir da missão.

Em que ficamos? Se nos libertarmos da dicotomia entre espiritualidade e missão, de uma posição que separa e afasta, talvez inconscientemente, as duas dimensões do carisma intimamente relacionadas, encontraremos talvez a resposta. Do que se trata, sobretudo, é de descobrir a unidade e a integração dessas duas dimensões, que só metodologicamente podemos separar para as estudarmos, mas que, na experiência e na vida, formam uma unidade. Mais do que de síntese – que significa unir o que está separado – seria preciso falar de integração harmoniosa.

Como teresianas consagradas que somos, se algo podemos oferecer à Igreja, aos homens e mulheres do nosso tempo, é o sinal, pobre mas atraente, da nossa vida pessoal e comunitária unificada, harmoniosa, una. Como a de Jesus, a de Teresa e a de Henrique. Uma vida centrada em Jesus Cristo e nos irmãos.

Uma vida unificada pelo amor, um *impulso interior* que não provém de nós, mas que recebemos do Espírito – e que é preciso agradecer e pedir ininterruptamente – e que oferecemos constantemente aos irmãos. Esta é a boa notícia que o mundo espera. Com a nossa vida e as nossas palavras, temos de mostrar humildemente um modo de viver no amor. Recordais-vos daquele texto nuclear:

«Que não haja nada no vosso interior nem no vosso exterior que não anuncie Jesus. Este deve ser o vosso único afã: *ser todas de Jesus*»<sup>4</sup>.

Desde há vários anos que os teólogos da VR têm vindo a falar de *um novo modelo emergente, que ainda não está disponível*, que propõe uma nova síntese entre mística e missão, entre o Espírito que anima e o corpo que exprime, entre experiência fundante e realidade histórica.

A Companhia nasceu dessa síntese vital inspirada na de Teresa de Jesus, que o Fundador soube transmitir ao grupo inicial. *Apóstolas* convocadas por Jesus para serem enviadas por Ele, dedicadas à oração e ao ministério da Palavra, como os Doze. *Outras Teresas de Jesus, esposas preocupadas e ocupadas com os seus interesses*. Não podemos descuidar esta unidade precisamente numa altura em que parece ser tão necessária. Desde há vários

---

<sup>4</sup> SC, em EEO II, 26.



anos que tem vindo a repetir-se uma afirmação – profética? – de Karl Rahner, relacionada com a nova espiritualidade: «O cristão do futuro será um místico, isto é, uma pessoa que *experimentou algo*, ou não será cristão»<sup>5</sup>. O que poderemos oferecer aos nossos irmãos e irmãs do século XXI como *teresianas educadoras e mestras de oração*? Como deveremos viver, o que havemos de fazer para acompanhar e despertar a experiência espiritual dos homens e mulheres com quem convivemos?

Só poderemos ser uma boa notícia, uma mensagem evangelizadora, se oferecermos a transparência de uma vida pessoal e comunitária centrada em Jesus e no seu Reino – vida de relação de amizade com Deus e com os irmãos – testemunho significativo que não pode ser procurado directamente, mas que surge espontaneamente como consequência de uma vida de fé e de amor.

Esta experiência teresiana, verdadeiro caminho de radicalidade evangélica, não será possível a sós, sem dela tornarmos participantes as irmãs e os irmãos. Como Teresa de Jesus, temos de qualificar a nossa vida comunitária, partilhando a experiência espiritual, em primeiro lugar com as irmãs *convocadas* para a comunidade; e depois, ou ao mesmo tempo, com as pessoas simples que o Senhor puser no nosso caminho<sup>6</sup>, tornando-lhes acessível e propondo-lhes *a relação de amizade com quem sabemos que nos ama*, que transforma, pouco a pouco, todas as outras relações.

Só na medida em que deixarmos que outros participem no que temos de melhor, que é a nossa espiritualidade, iremos compreendendo a riqueza que encerra e a sua capacidade de dar resposta às grandes interrogações e anseios dos nossos irmãos e irmãs. Os modos concretos de proceder, a metodologia, os espaços facultados para a transmissão verbal, dependerão, em grande parte, da nossa experiência e das diversas situações em que nos encontrarmos, bem como das necessidades das pessoas com quem convivemos.

### 1.3. Aceitação cordial da nossa cultura secular

Outro valor do nosso carisma que havemos de ter em conta, é a consciência e a aceitação responsável de estarmos inseridas numa cultura laica, não sagrada, na qual tem especial significado o testemunho de uma vida orientada para Jesus Cristo, vivida, contudo, em moldes *seculares* que favorecem a relação e o diálogo com a cultura.

---

<sup>5</sup> «*Espiritualidad antigua y actual*», *Escritos de Teología VII*, Madrid, Taurus 1968, 25.

<sup>6</sup> A revista *Vida Religiosa* de Setembro de 1986, publicou um número monográfico intitulado «Teólogos europeos ante la vida religiosa». Esses teólogos (Tillard, Metz, Moltman, Pannenberg, Forte) são unânimes em afirmar que a VR do futuro tem um papel importantíssimo a desempenhar na sociedade, mas com a condição de os religiosos entenderem que a mística do futuro próximo deverá ser cada vez menos um fenómeno de poucos, podendo todos os cristãos ter-lhe acesso. Esta intuição vem na linha do que Rahner disse em 1966.

As sociedades laicas e plurais hodiernas, com uma cultura globalizada e, simultaneamente, muito diversificada, não só geográfica, mas social, étnica e culturalmente, são um repto para a Companhia que nasceu para enfrentar uma sociedade que estava a quebrar a *unidade católica*. O facto de ter surgido numa sociedade em mudança, e a consciência do Fundador a respeito da oportunidade da Companhia precisamente naquela situação de instabilidade, não deixam de ser também hoje um incentivo e um chamamento constante para assumir uma posição dialogante com as culturas.

Aludimos, em várias ocasiões, às circunstâncias socio-eclésiais em que surgiu a Companhia, bem como à incidência de tais circunstâncias na configuração do novo Projecto apostólico e comunitário. O seu serviço ministerial preferencial, a sua organização e estilo de vida, o seu plano formativo e maneira de se apresentar e situar na sociedade, foram determinados, em grande parte, por aquelas circunstâncias. Com efeito, a missão evangelizadora desta nova obra iria ter lugar, prioritariamente, em ambientes não cristãos, descristianizados ou em risco de descristianização, para a qual teria que se preparar.

A modalidade da relação com a cultura que hoje nos é pedida, é diversa da dos começos da Companhia, como diversa é *a atitude da Igreja* na sua relação com o mundo<sup>7</sup>: uma nova atitude dialogante e respeitadora, iniciada pela *Gaudium et Spes*, que temos de cultivar pacientemente.

A história da Companhia, tal como a da Igreja, nos seus 125 anos de existência, foi-se aproximando da cultura e num futuro próximo terá de passar muito mais, de uma atitude de *militância, confrontação e imposição da verdade* face ao erro – característica da Companhia do século XIX que justifica a metáfora militar com que se apresenta e explica – «Todas as que militamos!» – a uma atitude de *encontro fraterno e amigável, de simpatia pelo mundo e de diálogo intercultural e inter-religioso; de proposta evangélica como boa notícia que se comunica para a reconciliação de toda a humanidade*: «Benditos os pés dos que vêm anunciar a paz que o mundo espera»<sup>8</sup>.

Inspirado na Escritura, este hino dos apóstolos proclama o que poderia ser o espírito e o perfil de uma comunidade teresiana e de cada irmã nos novos tempos. Exprime as atitudes características daquelas que, «levadas pelo fogo de Deus», «como cristos vivos» ou «gritos do Verbo», «vão ao encontro do homem peregrino – e dos povos – que estão nas encruzilhadas dos

---

<sup>7</sup> A passagem da *Cuanta Cura* e do Syllabus (1864), com o Vaticano I, à Constituição *Gaudium et Spes* do Vaticano II, bem como à *Evangelii Nuntiandi* e à *Vita Consecrata* que nos oferecem uma perspectiva positiva do mundo e da cultura.

<sup>8</sup> Transcrito do Hino das II Vésperas dos Apóstolos da Liturgia das Horas em espanhol – inspirado em Isaias e em S. Paulo – que, há alguns anos, musicou uma irmã da Companhia, Teresa Imaz. Hoje podemos cantá-lo como próprio, nas nossas comunidades, pois a letra e a música exprimem a nossa identidade e missão.

caminhos...»<sup>9</sup>, oferecendo «a paz que o mundo espera», – que Jesus dá. «A Verdade e o Amor de Jesus são o dom que levam», de maneira que, ao serem enviadas por Jesus para O tornarem conhecido e amado, «têm gestos de Perdão e de Paz».

Hoje a Companhia, como a própria Igreja, é chamada a penetrar no coração da cultura: «Apóstola de Deus que Cristo envia», com a paixão por Jesus Cristo e um amor apaixonado pela pessoa; em diálogo com as culturas e na defesa do homem e da mulher; na tarefa da descoberta e formação da pessoa, de todas as pessoas, filhos de Deus e irmãos universais; dando vida; sendo chamada a descobrir, e a levar os outros a descobrirem, com a pedagogia evangélica do amor e da superação do próprio eu, os valores do espírito infundidos pelo Espírito Santo no coração humano.

A Companhia de hoje e de amanhã, como o seu Fundador, há-de saber descobrir as *sementes do Verbo* presentes em todas as culturas. Porque se Henrique de Ossó soube tocar os homens e as mulheres e as jovens que o escutavam, não foi só, nem principalmente, por lhes falar nas suas categorias culturais, mas por lhes oferecer uma boa notícia de salvação. Ensinou-os a entrar em si mesmos, no *centro da alma ou espírito*, naquilo que cada um tem de mais pessoal, que é trans-temporal e trans-cultural por ser *essencialmente humano*.

A Companhia de Santa Teresa de Jesus *encerra um tesouro*<sup>10</sup>: uma antropologia cristã e teresiana personificada em Jesus, confirmada por Teresa. Somos dignos, somos belos, somos capazes de uma relação de amor com Deus e entre nós. A vocação humana é o amor. Fomos criados para ser amados e para amar. Deus amou-nos primeiro. Foi Jesus que no-lo revelou, e o Espírito Santo recorda-no-lo interiormente, tornando possível a nossa *vida em Cristo*.

#### 1.4. Consciência e experiência de Igreja

Desde o Concílio Vaticano II, em que se falou, pela primeira vez, da VR como realidade carismática na Igreja, que se foram sucedendo os documentos – o último foi *Vita Consecrata* e as publicações teológicas e pastorais sobre o *carisma* da VR em geral e os *carismas* dos fundadores e seus institutos em particular. Por outro lado, e como reacção ao momento de crise de identidade que a VR está a atravessar, os diversos institutos e a VR como tal, correm o risco de se *isolarem* da comunidade cristã, numa espécie de *auto-afirmação defensiva* que esquece, ou pelo menos silencia, a sua pertença e a sua razão de ser na Igreja.

---

<sup>9</sup> A encruzilhada do pluralismo ideológico, das múltiplas cosmovisões, messianismos e propostas de sentido.

<sup>10</sup> A expressão consta do Informe J. DELORS de Educação da UNESCO, *La educación encierra un tesoro*, 1996.

Neste contexto – em que se poderia atribuir um valor absoluto ao carisma de congregação, perdendo a perspectiva justa –, vale a pena recordar o capítulo V do *Sumário das Constituições da Companhia*, intitulado «Amor à Companhia de Santa Teresa de Jesus». Lendo este capítulo, reconhecemos a consciência precoce da Companhia como *carisma* na Igreja e para a Igreja, que trabalha em colaboração com *outros* carismas na edificação do Corpo comum e no serviço de toda a humanidade. E essa consciência, temos hoje de a aprofundar e enriquecer com contributos da eclesiologia de comunhão.

Quando as primeiras Constituições foram publicadas, em 1882, pouco se tinha escrito sobre teologia da VR e muito menos a respeito da sua dimensão carismática na Igreja. O Fundador, no entanto, entende claramente que a Companhia é um *dom para a Igreja*. Não nasceu para si mesma, nem com a finalidade prioritária da perfeição dos seus membros! E o seu *contributo carismático* é também evidente. O Capítulo V situa a missão da Companhia no marco da missão da Igreja – *evangelizar*. É um convite à *relativização do próprio carisma* e à tomada de consciência da colaboração *pobre*, mas *essencial* que nos é pedida no Projecto global do Pai: *recapitular todas as coisas em Cristo*. Projecto salvador que é *já* uma realidade virtual – pela morte e ressurreição de Cristo – mas que *ainda não* atingiu a sua plenitude:

«O nosso único afã deve ser o de que a nossa humilde Companhia seja sempre a que dê à Igreja *apóstolos* mais perfeitos e zelosos do *conhecimento e amor de Jesus Cristo*»<sup>11</sup>.

Em termos actuais, equivale a dizer que *a nossa única preocupação* há-de ser a colaboração efectiva na *nova evangelização* da Igreja, tanto nos países de tradição cristã – que hoje são verdadeiros países de missão<sup>12</sup> – como na missão *ad gentes*. Neste sentido, temos de nos interrogar sobre como há-de ser a nossa *vida de oração e a educação teresiana* de maneira que *Jesus vá sendo conhecido e amado* por todos.

Porque entretanto, até que «Cristo seja tudo em todos» – até à *Humanidade Nova* – o que nos compete, como seus discípulos-apóstolos, é trabalhar em conjunto, tornando o Reino de Deus possível:

«Por muitos que sejamos aqueles que trabalhamos por incrementar os interesses de Jesus, Satanás ficará sempre a ganhar. Não nos estorvemos uns aos outros, nós os bons, quando se tratar da maior glória de Deus, mas ajudemo-nos mutuamente»<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Capítulo V de SC «*Amor a la Compañía de Santa Teresa de Jesús*», em EEO II, 28.

<sup>12</sup> Lembremos que a expressão e o conceito de *nova evangelização* (com a tríplice novidade de novo *ardor*, novos *métodos* e nova *expressão*) introduzidos por Paulo VI, se referem, em primeiro lugar, à evangelização da velha Europa de tradição e cultura cristãs.

<sup>13</sup> *Ibid.*

É um chamamento actualíssimo à colaboração, à comunhão de carismas e ministérios; um convite a viver em unidade no pluralismo de formas, de vocações, de comunidades; interrogando-nos, ao mesmo tempo, sobre qual o contributo específico, característico, da Companhia na Igreja e no mundo de hoje.

O Capítulo X das Constituições dá novamente a resposta, formulando, com outras palavras, qual há-de ser o nosso *único afã*:

«As da Companhia de Santa Teresa de Jesus devem ser *almas de fogo*, consumidas e abrasadas de zelo pela salvação das almas, de tal modo que possam dizer como Jesus e Teresa: *Vim trazer fogo à terra, e que quero senão que se ateie?* É esta a sua missão»<sup>14</sup>.

Este fogo ou amor apostólico não se aprende com o estudo, nem se consegue com ascese. É *fruto do Espírito*, e é preciso pedi-lo incessantemente, como pobres que somos. Provém da relação de *amizade com Jesus* que, pouco a pouco, nos vai fazendo da sua *condição*, dando-nos também a saborear o *amor* para com o Pai e para com os irmãos.

### 1.5. *Espiritualidade partilhada*

O tema da *espiritualidade partilhada*, hoje tão actual, está presente e muito bem delineado nas nossas raízes carismáticas, embora, com o correr dos anos, tenhamos perdido um pouco essa consciência. A intuição, hoje comum a muitos institutos religiosos e a muitos leigos, de que a riqueza espiritual e apostólica da VR não pode limitar-se nem reduzir-se às famílias religiosas, está já presente na espiritualidade de Henrique de Ossó e das obras por ele fundadas.

Na origem da Companhia encontramos já um núcleo espiritual e apostólico – juntamente com *os outros frutos apostólicos* que historicamente a precederam – naquilo a que o Fundador chamou «*a Árvore de Santa Teresa*». Ou seja, a Companhia de Santa Teresa de Jesus tem o ponto de partida nos leigos, pois nasceu como vanguarda apostólica da Arquiconfraria; e recebe a espiritualidade desta Associação de jovens cristãs. Mais ainda, ao longo de muitas gerações, as candidatas à Companhia já pertenciam à Arquiconfraria, na qual se iniciavam na espiritualidade cristocêntrica-paulina e teresiana eminentemente apostólica de Henrique de Ossó.

Por outro lado, o Fundador deu depois conta de que a Companhia havia de ser «*como que o lugar próprio, o centro [de irradiação]*»<sup>15</sup> deste «*movimento teresiano de zelo pelos interesses de Jesus*»<sup>16</sup>, que se espalhava rapidamente para além das fronteiras espanholas. Isto é, na mente esclarecida e

<sup>14</sup> Capítulo X de SC, *Celo de los intereses de Jesús*», em EEO II, 60.

<sup>15</sup> *Desde la Soledad*, RT Março 1878, 162-164.

<sup>16</sup> «*Gracias, mil gracias...*», RT Setembro 1878, 347.

no coração ardente de Henrique, foi tomando corpo a ideia de uma grande família teresiana no seio da qual a Companhia estava «*destinada a imprimir vida e movimento, espírito teresiano, a estas obras e a regenerar com elas o mundo*»<sup>17</sup>.

Assim surgiu, dois anos depois da Companhia, a ideia da *Irmandade Teresiana Universal*, projecto demasiado aberto, talvez, para aquela época eclesial, e que *nessa altura* não chegou a solidificar-se<sup>18</sup>. Porque Henrique de Ossó foi um profeta do século XIX que reivindicou para os leigos o essencial da vida cristã, *a vida em Cristo*. Ao propor-lhes um itinerário de configuração com Cristo mediante os ensinamentos de Teresa, um caminho revelador da capacidade e da possibilidade da oração pessoal – encontro real e relação de amizade com Deus – ensina-os a orar. Além disso, desperta-os para a missão evangelizadora da Igreja, entregando-lhes as chaves da vida centrada em Cristo, unificada no Amor.

Como estamos nós a viver *esta intuição*, esta missão carismática, irrenunciável? Como a concretizamos na nossa Igreja, uma Igreja inteiramente ministerial e missionária, uma Igreja que há-de ser toda ela *religiosa*<sup>19</sup>, encarnada nas diversas culturas?

A Companhia nasceu de um carisma, de uma espiritualidade e missão laicos ou seculares. Agora compete à Companhia – compete-nos a nós – «animar a vida e a acção apostólica do MTA, e de outras comunidades eclesiais, com a nossa vida, com o nosso espírito teresiano»<sup>20</sup>. *Vivamos o que somos*, foi o lema do *itinerário de renovação* no passado sexénio. Oxalá possamos dizê-lo de verdade com a nossa vida e a nossa palavra aos homens e mulheres com quem convivemos; aos educadores com quem colaboramos; às crianças e jovens para quem a vida está a começar. Vivamos como filhos, como irmãos. Descubramos

---

<sup>17</sup> «*La Hermandad Teresiana Universal*», RT Janeiro 1878, 97-100.

<sup>18</sup> A novidade da intuição, que naquele momento não encontrou eco, radicava na convicção da capacidade convocatória de Teresa, «*uma mina que está por explorar*». Naquela fraternidade teresiana cabiam todos: cultos e ignorantes, intelectuais e gente do povo, espirituais e teólogos, escritores e leitores apaixonados. Todos os que, de uma maneira ou de outra, encontraram em Teresa de Jesus uma mulher autêntica, uma pessoa madura, uma crente, uma mística e escritora. Em qualquer dessas facetas, e com todas elas, Teresa de Jesus representava uma boa notícia para as pessoas concretas e para o povo. *A Irmandade Teresiana Universal*, como uma grande associação, havia de aglutinar e conferir unidade a todos os teresianos e teresianas do mundo. Seria como que a institucionalização de um grande *movimento de espiritualidade teresiana*.

<sup>19</sup> Esta expressão surgiu no Congresso da Igreja da Sicília (1989), no qual se afirmou que o carisma religioso está a passar, e passará cada vez mais, para os leigos, pois não se pode aceitar que se «deleguem» nos religiosos, determinados valores fundamentais como a contemplação, o serviço desinteressado do evangelho, a comunidade, etc., pois são de todos. Mais ainda, «o que é dos religiosos, é de todos».

<sup>20</sup> *Reglamento de Seglares MTA*, 29.

a grande dignidade da pessoa e trabalhemos para que seja por todos reconhecida e respeitada.

## **2. Discernir os ministérios face aos novos contextos, necessidades e situações**

Outro dos desafios que enfrenta a Companhia de Santa Teresa de Jesus do século XXI, é o dos ministérios apostólicos. Neste repto confluem, de certo modo, todos os outros, pois os *ministérios ou respostas apostólicas* de cada instituto deverão ser discernidos com base no espírito e na missão próprios, reconhecidos pela Igreja, e tendo em atenção as novas necessidades eclesiais e sociais nos novos contextos. Sendo assim, precisamos de nos interrogar incessantemente sobre quais são os sinais da época actual e quais os dos diversos lugares onde se encontra hoje a Companhia. Na medida em que acertarmos com a resposta, ficaremos em condições de determinar os ministérios a que não podemos recusar-nos.

Porque o que vemos com bastante clareza, é que a resposta ministerial da Companhia de Santa Teresa de Jesus, face às novas necessidades eclesiais e sociais que vão surgindo, não pode ser a mesma de outrora.

### *2.1. Mudanças nos contextos que afectam os nossos ministérios apostólicos*

Se compararmos a nossa época histórica com a do início da Companhia, verificamos mudanças significativas no contexto, não só por terem já decorrido 125 anos após a Fundação, mas porque a Companhia de Santa Teresa de Jesus está hoje presente em 23 nações do mundo. A Espanha dos finais do século XIX tem pouco a ver com o vasto mundo do início do XXI, aldeia cósmica muito diversificada: mudanças a nível mundial, que afectam a vida da Igreja e da sociedade e, de uma maneira geral, as pessoas e as instituições, e mudanças que têm incidências concretas nos diversos países latino-americanos, nos Estados Unidos, na África e na Europa, para não falar da Ásia, muito menos conhecida pela Companhia. Todas elas exigem, da nossa parte, novas atitudes ministeriais e serviços apostólicos concretos, isto é, mudanças no modo de estarmos ao serviço na Igreja.

Limitamo-nos, por ora, a enumerar algumas *mudanças* que incidem directamente nas *opções ministeriais* da Companhia de hoje e de amanhã.

Em algumas realidades *européias*, as possibilidades de *ensino escolar* de iniciativa social, *são limitadas*, e deixou de existir a sua necessidade ou conveniência. Simultaneamente, *aumenta* a necessidade e a possibilidade de ensino escolar em muitos países dos *terceiro e quarto mundos*, onde faltam escolas ou existem em condições muito precárias, deixando sem escolaridade um grande número de crianças e jovens, especialmente mulheres.

*Ampliam-se os âmbitos educativos* (há maior variedade):

- ócio e tempos livres
- meios de comunicação social e de informação
- pastoral e espiritualidade

E *aumentam* as possibilidades de *educação e formação da mulher* a todos os níveis. Consequentemente, *aumentam* as exigências de competência profissional, que se repercutem no plano formativo da Companhia:

- Formação profissional e pastoral das irmãs na Companhia: teologia, espiritualidade, mass media, etc.
- Educação e formação de jovens e de mulheres adultas, sobretudo no Terceiro Mundo.

3. *Aumenta* quantitativa e qualitativamente a *presença de leigos* na Escola Católica e, concretamente, nas Escolas da Companhia. E para que esta possa cumprir a sua missão, a obra educativa da Companhia dependerá cada vez mais sobretudo dos leigos.

4. *Há mais* procura e mais possibilidades de formar *mestres e mestras de oração* nos movimentos juvenis e, de uma maneira geral, nas comunidades cristãs. A *iniciação na oração cristã* é cada vez mais reconhecida como tarefa importante da catequese e da pastoral:

Há mais homens e mulheres e jovens que sentem necessidade e que desejam orar: procuram pessoas que lhes «falem de um Deus que eles próprios conheçam e com quem se relacionem familiarmente» (EN 76).

Há mais possibilidades para a mulher ser mestra de oração na Igreja e no mundo de hoje.

Aprender «*a relação de amizade com Deus*» ensinada por Teresa de Jesus, é uma forma *nova de evangelização* que corresponde aos «sinais dos tempos».

Face a estas e a outras mudanças, interrogamo-nos: Não serão possíveis, hoje, alguns serviços apostólicos nos quais Henrique de Ossó nunca pensou para a Companhia (apenas para os Missionários Teresianos) e que, no entanto, estão em coerência e conformidade com o seu Projecto básico?



## 2.2. Critérios de discernimento para a escolha dos campos de missão

O critério de discernimento há-de continuar hoje a ser o mesmo do Fundador: *Onde correrem maior perigo os Interesses de Jesus*. E os interesses de Jesus correm perigo também hoje onde o homem e a mulher perguntam qual é o seu destino e aprendem – se alguém os ensinar – a viver como filhos e irmãos. A Companhia há-de estar hoje presente nos meios onde se *formam* – ou se *deformam* – as pessoas.

Por outro lado, a Companhia de hoje, como a de ontem, é chamada à *vanguarda apostólica feminina*, «tornando fecundo o apostolado da mulher na maior escala que for possível à mulher do século XXI»<sup>21</sup>. Nada do que possa incentivar os interesses de Jesus em grande escala, deverá ser olhado com indiferença pelas da Companhia. A Companhia deve ter vistas largas sempre e em todas as coisas; deve ter sempre em vista tudo quanto, na prática, tiver como resultado um maior incremento dos interesses de Jesus [...] em qualquer parte»<sup>22</sup>.

Nada do que a sociedade civil e a Igreja permitem hoje à mulher, deveremos deixar de fazer, se isso *promover em grande escala os interesses de Jesus*. Querereá isto dizer que a Companhia do futuro próximo poderia prescindir do seu carácter educativo específico?

Em rigor, temos que afirmar de, se a educação deixasse de ser, na nossa época ou noutro período histórico, *o interesse prioritário de Jesus*, teríamos que, sem receio, abandonar este campo e procurar outros campos apostólicos. Porém, a *educação das crianças e jovens* poderá deixar de fazer parte do processo de *nova evangelização* e *iniciação cristã* no terceiro milénio em que acabamos de entrar?

Além de conhecer bem o seu momento histórico, Henrique de Ossó reflectiu sobre a história, interessando-se pelo que é *essencialmente humano*. E afirmou: «a questão do ensino é, entre todas que possam ter-se em conta, a mais importante. *Esta questão despertará sempre mais atenção que todas as outras*, pois é a alavanca que remove o mundo»<sup>23</sup>.

Estou convencida de que *hoje continua a ser assim*, sobretudo se considerarmos a *educação* em sentido amplo, em vez de falarmos do *ensino*, de conotações mais estritamente académicas. É impressionante a afirmação do P. Kolvenbach numas declarações a uma revista italiana a propósito da educação: «Não exagero se disser que renunciar ao *apostolado da educação* nas suas mais variadas formas, equivaleria a renunciar à *evangelização do mundo*»<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. RT Agosto 1876, em EEO III, 794. 796 e 798.

<sup>22</sup> SC, em EEO II, 14.

<sup>23</sup> EEO III, 858.

<sup>24</sup> *Famiglia Cristiana*, Novembro 1987.

Porque a *educação*, em todos os níveis e situações da vida, está directamente relacionada, não só com o conhecimento de Deus, mas «com a dimensão ética e social que afecta as relações humanas e os valores do espírito»<sup>25</sup>. Nesta dimensão educativa, a mulher tem um papel de capital importância, e a teresiana discípula de Teresa de Jesus, tem-no por carisma, pois aprende e ensina, não só a *relação de amizade* na oração, mas as relações cordiais dentro e fora da comunidade. Isto é, por vocação pedagógica e por ideal humano a propor ao mundo, «*ser de condição amigável*», capaz de relações interpessoais que fazem crescer.

O XIV Capítulo Geral fala repetidas vezes da *vocação-missão educativa* da Companhia e reconhece a necessidade de aprofundar a *mística* da educação teresiana. Esta redescoberta constante do *sentido* da educação, passa pelo diálogo frequente com o Fundador, educador inato e mestre, de cuja vocação participamos, quer as irmãs da Companhia, quer todos aqueles que partilham o carisma teresiano de Henrique de Ossó.

### 2.3. *Algumas sugestões a propósito do discernimento de ministérios educativo-formativos, face à nova situação*

#### **Educação institucional**

A Companhia, que foi fundada para proporcionar uma educação teresiana sobretudo na Escola, e que conta com uma experiência pedagógica já centenária, *não pode nem deve abandonar esta relevante instituição*, precisamente neste período difícil que a Escola atravessa, sobretudo na Europa. Isto não significa que não deva pôr em questão a sua permanência em algumas escolas concretas.

É na Escola que se formam – ou se deformam – as gerações futuras. A Escola, não só abre os olhos para o mundo a partir de uma determinada *janela* (ou *cosmovisão*), mas continua a ter a possibilidade de se relacionar directamente com a família. E compete à Escola inventar novos modos de influenciar e de formar os pais, que são os primeiros e principais educadores – ou deformadores – dos seus filhos.

Tal como outras instituições peritas em educação, a Companhia deverá acompanhar os educadores leigos na sua formação e apoiá-los com a sua experiência, para que, num futuro próximo, possam também eles assumir a responsabilidade e a direcção de escolas teresianas.

---

<sup>25</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às mulheres* (1995), diz o seguinte no N° 9: «Normalmente, avalia-se o progresso segundo categorias científicas e técnicas [...]. No entanto, não é essa a única dimensão do progresso, nem sequer a principal. Mais importante, é a *dimensão ética e social* que afecta as relações humanas e os valores do espírito».

Nos países do Terceiro Mundo e na periferia de algumas cidades industriais, continuam a faltar mestres e mestras. Tal como o fez outrora, a Companhia de hoje e do futuro próximo, pode e deve tomar iniciativas ou secundar as de outras instituições, colaborando com elas para organizar e dirigir escolas onde fizerem falta escolas e professores, sempre com os olhos postos na formação e preparação de mestres e mestras leigos.

Compete à Companhia manter viva ou suscitar a consciência de *missão da Igreja* inerente à tarefa educativa de qualquer cristão. Não podemos esquecer-nos de que, desde a Inspiração até à sua morte, o ideal de Henrique de Ossó foi *formar educadoras teresianas* – mães e mestras – para que elas formassem cristãos e cristãs com os valores teresianos. Peculiar da Companhia, aquilo a que não pode renunciar, é a paixão pela pessoa, o amor pela criança, pelo jovem, pelos pais e mestres, bem como a *influência educativa* em todos eles.

### Novos ministérios

Atentas às necessidades de cada nação, diocese, cidade ou bairro, e respondendo aos pedidos da Igreja e da sociedade, *reconhecemos outros* serviços apostólicos como estando *em sintonia com a inspiração original da Companhia e a espiritualidade teresiana*. São ministérios «directamente ordenados à salvação das almas»<sup>26</sup>, à educação e formação humana e cristã de diversas pessoas, ensino da oração e docência, que a Companhia pode incrementar ou assumir.

Sugiro alguns deles que, no entanto, não são unanimemente aceites pelas nossas comunidades:

- Orientação e direcção de *retiros e exercícios espirituais* para leigos, religiosos, sacerdotes, catequistas e educadores.
- Acompanhamento *espiritual e psicológico-espiritual* de jovens e adultos.
- Docência em *níveis universitários*: teologia, espiritualidade, ciências da educação e da informação, antropologia, filosofia, biologia, etc.
- Animação de grupos juvenis e educação dos tempos livres.
- Acompanhamento *familiar*.

Com um sentido realista e tendo em consideração quantas somos e como somos, cada Província deverá repensar as obras actuais e ponderar outras possíveis formas de serviço (reestruturação de obras e comunidades apostólicas). Ao assumir novos ministérios, a Companhia terá que discernir, em cada caso, se será conveniente proceder como até aqui, assumindo a direcção,

---

<sup>26</sup> SC, em EEO II, 62.

ou se será mais conveniente que algumas irmãs em concreto colaborem com outras instituições.

Uma forma de missão mais *discreta*, não institucional, permite maior liberdade de movimentos e, em certos casos, pode até ser mais conveniente, numa altura em que está em crise tudo quanto é institucional e se valoriza, no entanto, o testemunho directo. O trabalho em equipa e a colaboração entre as congregações e com os leigos, é um sinal eloquente de comunhão.

#### 2.4. Como preparar-nos

As opções ministeriais da Companhia no futuro próximo – muito mais diversificadas – terão que ser discernidas, não só pelas Províncias, mas também pelo Governo Geral. As Prefeituras de Educação e de Formação Geral, deverão trabalhar coordenadamente para que a orientação da formação inicial e os estudos das novas gerações de irmãs as preparem convenientemente para desempenharem com competência a missão que a Companhia lhes vier a confiar. Este necessário planeamento da formação inicial exige um planeamento apostólico a curto e a longo prazo, de maneira que a preparação apostólico-profissional das irmãs corresponda aos *tipos de ministérios* escolhidos preferencialmente pela Companhia e por cada Província.

### Conclusão

Podemos concluir dizendo que a reflexão sobre o Projecto básico de Henrique de Ossó e sobre a sua Intenção fundamental, nos permite afirmar que determinados valores se revestem, para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, de um carácter absoluto. Estes valores são *a oração e a educação teresiana*, duas mediações imprescindíveis de relação com Deus e com a pessoa humana, que só podem viver-se na dinâmica do mistério pascal, tal como o nosso Mestre e Senhor. Ao fim e ao cabo, *Deus e o homem*, cuja *verdade* nos revelou Jesus, o Filho de Deus feito Homem.

Se deixássemos de os traduzir numa linguagem adequada, isto é, se não os vivéssemos como cidadãos do século XXI – o que implica assumir as novas categorias culturais, estéticas, teológicas, antropológicas, ecológicas, etc. –, a Companhia perderia a sua fisionomia particular. E se, para nos acomodarmos indiscriminadamente às novas culturas, as da Companhia se esquecessem da sua genuína maneira de ser cristãs, perderíamos a nossa razão de ser na Igreja e no mundo. Do passado, recebemos a identidade; mas é necessário abrir essa mesma identidade ao futuro.